

**Universidade do Minho**  
Instituto de Letras e Ciências Humanas

**As faces de Jano: Contributos para uma  
cartografia identitária e socioprofissional  
dos tradutores da região norte de Portugal**

Fernando Gonçalves Ferreira-Alves

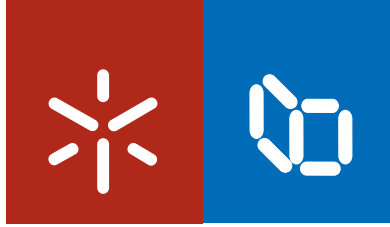
Fernando Gonçalves Ferreira-Alves

**As faces de Jano: Contributos para uma  
cartografia identitária e socioprofissional  
dos tradutores da região norte de Portugal**

UMinho | 2011

Setembro de 2011





**Universidade do Minho**  
Instituto de Letras e Ciências Humanas

Fernando Gonçalves Ferreira-Alves

**As faces de Jano: Contributos para uma  
cartografia identitária e socioprofissional  
dos tradutores da região norte de Portugal**

Tese de Doutoramento em Ciências da Linguagem  
Especialidade Sociolinguística

Trabalho efectuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Eduarda Keating**  
**(Universidade do Minho)**  
e do  
**Professor Doutor José Lambert**  
**(CETRA ?Universidade de Leuven)**

## ANEXO 3

### DECLARAÇÃO

Nome : Fernando Gonçalves Ferreira Alves

Endereço electrónico: falves@ilch.uminho.pt

Título dissertação /tese

**As faces de Jano: Contributos para uma cartografia identitária e socioprofissional dos tradutores da região norte de Portugal**

Orientador(es):

Professora Doutora Eduarda Keating (Universidade do Minho)

Professor Doutor José Lambert (CETRA – Universidade de Leuven)

Ano de conclusão: 2011

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento:

Tese de Doutoramento em Ciências da Linguagem  
Especialidade Sociolinguística

1. DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA TESE/ TRABALHO

Universidade do Minho, 20/09/2011

Assinatura: \_\_\_\_\_

- *Pai, quando for grande quero ser profissional.*
- *Mas o que é ser profissional para ti?*
- *É ser bonita como a Bibi.*

Para a Beatriz e a Inês, quando forem grandes...



*Traduzir é, primordialmente, um acto de amor. Só quem for tocado na mente e no coração pela singularidade radical de uma voz sente a necessidade e o gosto de a alargar aos ouvidos do mundo.*

*E o pobre poeta de qualquer S. Martinho de Anta, que sonha com o seu canto a ecoar para além das fronteiras que o limitam, é nessas almas sintonizadas e mediúnicas que confia. São elas as difusoras mágicas das suas palavras, que procuram entender em todos os recônditos sentidos e preservar vivas e equivalentes na transplantação verbal.*

*Nunca será por demais exaltado o serviço que prestam à humanidade esses obreiros de uma outra comunicação dos santos, terrena, encarnada, naturalmente oposta à sobrenatural do “Credo”.*

*Se nos faltassem, ficariam sem respostas inimagináveis interrogações, apelos e desafios.*

Miguel Torga

*Hammer your thoughts into unity. W. B. Yeats*





## **AGRADECIMENTOS**

Ao longo deste trabalho muitos são aqueles a quem devemos a mais sincera gratidão.

Apresento os meus maiores agradecimentos à Professora Doutora Eduarda Keating e ao Professor Doutor José Lambert, com quem tive o prazer e a honra de privar e por quem tive o privilégio de ser orientado com sabedoria e rigor.

Ao Doutor Peter Flynn, cuja simpatia e inestimável disponibilidade me permitiram o acesso ao fascinante universo do trabalho de campo no domínio dos Estudos de Tradução.

À Doutora Ana Paula Marques, do ICS (UM), pelos conselhos e pela valiosa ajuda na formulação dos questionários.

Ao Doutor Orlando Petiz da EEG (UM), pela abertura à partilha de conhecimentos.

À Dr<sup>a</sup> Elisabete Maciel, pelo inestimável apoio ao nível do tratamento dos dados através da ferramenta SPSS.

Ao CEHUM, na pessoa da Professora Doutora Ana Gabriela Macedo, pelo importante apoio prestado a este projecto de investigação ao longo dos últimos anos.

Aos meus alunos, Sara Rocha, Diogo Cunha, Cristóvão Soares, Andreia Silva e Amandine Azevedo pelo apoio nas transcrições das entrevistas e nas múltiplas questões associadas à profissionalização do tradutor.

Aos tradutores por mim entrevistados, com quem convivi ao longo destes anos, e sem os quais este trabalho jamais teria sido possível. O meu bem-haja especial a essa “multidão anónima e invisível”, pela forma como se dedicam diariamente à profissão.

Às minhas colegas, Leitoras do DEINA, Salomé Osório e Ana Chaves, pela cumplicidade.

À Dr<sup>a</sup> Isabel Ribeiro, pelo profissionalismo e amizade.

À minha família pelo apoio e incentivos constantes e incondicionais.

Ao duo fantástico do “Querido, Mudei a Tese” pelas críticas construtivas e preciosa ajuda na revisão formal da tese.

E, finalmente, à Rita, pela resistência, carinho e confiança... e por permitir que “tudo” aconteça...



## **RESUMO: As faces de Jano: Contributos para uma cartografia identitária e socioprofissional dos tradutores da região norte de Portugal**

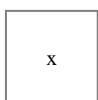
A tradução profissional é uma actividade transversal e estratégica, e um fenómeno marcadamente interdisciplinar e intercultural, desenvolvido no âmbito da prestação de serviços. Para além disso, a tradução é ainda uma actividade social fortemente ancorada nos textos que circulam num complexo sistema matricial, onde vários actores e agentes convergem e interagem, possuindo a aplicação comercial de um conjunto especializado e organizado de conhecimentos do foro profissional.

Numa altura em que as componentes linguísticas, sociais e culturais estão consolidadas nos discursos em torno da tradução, este projecto pretende reflectir sobre a construção de uma identidade profissional entre os tradutores da região norte de Portugal, procurando, ao mesmo tempo, cartografar o mercado da tradução nacional, em confronto com o panorama da indústria das línguas no contexto da globalização.

O estudo centra-se nos tradutores *freelancer* enquanto grupo profissional no seio do qual ocorrem choques e tensões, e onde diferentes estratégias são desenvolvidas rumo à construção de uma identidade socioprofissional específica. Com base numa abordagem metodológica interdisciplinar, conjugando elementos quantitativos e qualitativos, tentaremos traçar os caminhos que conduzem à construção do perfil identitário profissional, apresentando, em simultâneo, algumas das conclusões obtidas no decurso de vários projectos direccionados para circunscrever as dinâmicas do mercado, bem como o perfil socioeconómico dos agentes que operam nesta região.

A análise e os modelos propostos procuram identificar os múltiplos aspectos endógenos e exógenos que são normalmente atribuídos ao prestador de serviços linguísticos enquadrando o impacto destas variáveis ao nível da construção de uma cultura/identidade profissional específica. Espera-se que as conclusões conduzam a uma melhor contextualização da natureza exacta da profissionalização dos tradutores, permitindo o posicionamento no seu campo profissional e fornecendo novas perspectivas sobre as expectativas profissionais. Por último, pretende-se fornecer novas perspectivas sobre o posicionamento bipolar do prestador de serviços de tradução no mercado. As nossas conclusões levar-nos-ão a redefinir e reenquadrar o perfil do tradutor, bem como a formação de tradutores de acordo com normas sociais e profissionais claramente orientadas para o mercado.

**Palavras-chave:** Tradução, Prestador de Serviços de Tradução, Estudos de Tradução, Sociologia da Tradução, Economia das Línguas, Indústria das Línguas, Profissionalismo, Ergonomia, Norte de Portugal



**ABSTRACT: The faces of Janus: Notes towards a self-defining and socioprofessional cartography of freelance translators from Northern Portugal**

Translation is a strategic and powerful profit-generating activity and an interdisciplinary, intercultural social phenomenon, set within the scope of service provision, marked by specific business-oriented goals and management-oriented procedures, associated and built upon the concept of the production of texts as goods or commodities. Translation is also a textual-linguistic, social-based, norm-driven activity, developed in a complex network system, where several actors or agents converge and interact, holding the commercial application of a specific set of organised professional knowledge.

In a time where the linguistic, the social and the cultural are consolidated issues in translation discourses, this project aims at reflecting upon the construction of a professional identity among translators from Northern Portugal, as a specific occupational group, while mapping the Portuguese translation market in confrontation with a broader perspective of the language industry landscape in globalized settings.

This project focuses on individual translators as a professional group in which tensions and clashes occur, and where different strategies are formed towards building a specific professional identity. Based on an interdisciplinary approach, mixing both qualitative and quantitative variables, we will try to map the ways that lead to the construction of a professional identity profile, while presenting some of the findings from different research projects designed to outline the market dynamics and the socio-economic profile of the agents operating in this region.

The proposed analysis and research models seek to identify multiple endogenous/exogenous aspects that are normally ascribed to the language service provider by framing the impact of these variables/perceptions on the construction of a specific professional culture/identity. Hopefully, this approach will lead to a better contextualisation of the exact nature of professionalisation, professional culture and socialising routines as applied to translators, while positioning these professionals in the field and providing new insights into professional expectations.

Ultimately it is our wish to provide new insights into market expectations and help to build a picture of the ideal translation services provider. Our conclusions will eventually lead to the reshaping of the translator's profile as well as translator's training according to prescriptive social and professional standards and to new business-oriented settings.

**Keywords:** Translation, Translation Service Provider, Translation Studies, Sociology of Translation, Economics of Language, Language Industry, Professionalism, Ergonomics, Northern Portugal



## ÍNDICE

<b>Introdução</b>	1
A propósito de cartas, mapas e outras representações do real	3
Breves notas para uma cartografia da tradução em Portugal	7
A inscrição do projecto no seu espaço geográfico e contextual	17
Arquitectura da tese: Vectores estruturantes	22
<b>Referenciais teóricos e metodológicos</b>	27
Os Estudos de Tradução como matriz operacional	29
Normas, <i>habitus</i> e agência	41
Hipóteses preliminares	53
A imersão no terreno: Uma visão holística	64
Trabalho de campo	66
Porquê uma abordagem etnográfica de análise do discurso/narrativas	73
Documentação e <i>corpus</i>	78
As entrevistas	80
<b>PARTE I</b>	87
<b>Capítulo Um: <i>Translation(s) around us / O social da tradução</i></b>	89
As várias manifestações da tradução	91
Múltiplos olhares sobre a tradução	92
O peso real da tradução	95
As traduções que nos rodeiam	97
A profissão vista do exterior: primeiros movimentos	99
Uma profissão invisível e subalterna	102
O estranho caso do memorando de entendimento da <i>Troika</i>	107
Os estigmas da tradução	113
Quando dizer mal é o mote.: O caso Magalhães	117
A visão exógena da profissão	119
O <i>Star System</i> da Tradução: Um paradoxo?	122
Literário versus Não literário: Uma imensa minoria esquecida	125
Imagens cruzadas	127
A subalternização da tradução	131
O tradutor anónimo e frágil	133
Uma realidade híbrida	135
Um mercado de contornos difusos	141
Uma actividade estratégica, negligenciada pelas lógicas empresariais	146
Uma profissão “oculta”...	148
... e institucionalmente não reconhecida	151
<b>Capítulo Dois: Tradução e profissão no âmbito dos Estudos de Tradução: o “status quaestionis”</b>	153
Notas para a caracterização de uma profissão	155
A Tradução como Profissão:	162
Um território precário e de difícil sistematização	
Várias perspectivas em torno de uma (mesma) profissão?	180

Proto-, para-, pseudo-: três prefixos à procura de uma profissão	182
<b>Capítulo Três: Os Mercados e a Economia das Línguas</b>	189
<b>Contexto macro</b>	191
A Economia das Línguas: breve enquadramento	191
O valor económico das línguas	198
Os mercados das línguas	201
David contra Golias – as empresas perante as lógicas fracturantes dos mercados	209
Novas tendências no domínio da indústria das línguas	213
A indústria das línguas em 2011	217
<b>Contexto meso</b>	225
O contexto europeu	225
Principais tendências do mercado	227
Caracterização das empresas	232
As PME e o mercado da tradução	234
Distribuição e análise por país	237
Principais tendências subjacentes	242
<b>Contexto micro</b>	248
O mercado das línguas em Portugal	248
A obrigatoriedade de tradução ao abrigo da legislação nacional	254
A tradução em Portugal: alguns números	258
Um mercado pautado pela abundância de PME	273
Diálogos ibéricos: O carácter <i>sui generis</i> do mercado português	280
O mercado cinzento da tradução	283
Tradução e Economia Não Registada	286
<b>PARTE II</b>	291
<b>Capítulo Quatro: Cartografias socioprofissionais</b>	293
O Norte	295
Breve Radiografia	295
Descrição do espaço geográfico em estudo	296
Em resumo	304
A situação dos tradutores na região norte de Portugal	306
O inquérito quantitativo	308
Análise e discussão dos resultados	311
Ser ou não ser uma actividade principal (eis a questão)	326
<b>Capítulo Cinco: “as palavras não se escrevem sozinhas”: a construção da identidade profissional dos tradutores da região norte através da análise das suas narrativas</b>	337
Brigith Guimarães – Retrato de uma profissional	340
Caracterização	340
Principais traços distintivos	356
“Mas a minha profissão com letra grande é, sem dúvida, tradutora”:	360
percursos socioprofissionais dos tradutores da região norte de Portugal	
1. Apresentação	361



2. Género	370
3. Idade	377
4. Línguas e áreas temáticas (Domínios do saber)	381
5. Formação / Background	391
6. Esperiência profissional	400
7. Início	410
8. Traços profissionais característicos	417
9. Marcas de profissionalismo	424
Eremitas modernos ou Escravos de Jó	438
10. Sentimentos e percepções associados à profissão	441
Qualidade	454
11. Variáveis económico-financeiras e produtividade	458
12. Condições de trabalho	492
13. Redes relacionais	498
Relação com os empregadores e com o mercado	507
14. Consciência de classe	526
<b>Constatações finais: Um espaço dicotómico</b>	533
Sob o signo de Jano	535
A tradução profissional: cinco dinâmicas subjacentes	552
O paradigma ergonómico: uma solução?	555
Um novo <i>homo transferens</i> ?	558
Algumas pistas para a formação de tradutores em contexto de trabalho	559
<b>Referências bibliográficas</b>	561
<b>Anexos (disponíveis em CD)</b>	599
Anexo 1. Breve radiografia das empresas de tradução portuguesas (estudo de caso)	
Anexo 2. Questionário. O perfil das empresas de tradução em Portugal - Estudo Sociológico	
Anexo 3: Respondentes disponíveis para entrevista e respectivas áreas de actividade	
Anexo 4. Outras combinatórias linguísticas seleccionadas	
Anexo 5. Palavras-chave obtidas após as entrevistas	
Anexo 6. Wordle: Análise semântica das principais áreas de actividade e línguas mais solicitadas	
Anexo 7. Questionário: A Profissionalização da Tradução no Norte de Portugal (tradutores freelancer)	
Anexo 8. Resultados do questionário: A Profissionalização da Tradução no Norte de Portugal (tradutores freelancer)	
Anexo 9. Guião das entrevistas	
Anexo 10. Apresentação de Brigith Guimarães: Línguas, áreas de actividade e amostras de traduções	
Anexo 11. MindMap Brigith Guimarães	
Anexo 12. Notas manuscritas da entrevista Brigith Guimarães	
Anexo 13. Transcrição integral da entrevista Brigith Guimarães	

- Anexo 14. Ficheiro áudio da entrevista Brigith Guimarães
- Anexo 15. Transcrição integral entrevista A.C.
- Anexo 16. Transcrição integral entrevista J.P.
- Anexo 17. Retrato-robô de uma profissão
- Anexo 18. Questionário: A Prestação de Serviços de Tradução na óptica do Consumidor/Cliente
- Anexo 19. Resultados do questionário: A Prestação de Serviços de Tradução na óptica do Consumidor/Cliente
- Anexo 20. Dados Páginas Amarelas
- Anexo 21. Exemplos de traduções efectuadas por Brigith Guimarães
- Anexo 22. Declaração de autorização Brigith Guimarães

## ÍNDICE DAS FIGURAS

### **Breves notas para uma cartografia da tradução em Portugal**

Figura 1. Matriz orgânica do projecto 14

### **Referenciais teóricos e metodológicos**

Figura 1. Proposta de esquema para descrição das traduções (adaptado de Lambert e van Gorp, 1985) 31

Figura 2. Esquema sintético para descrição de traduções 33

Figura 3. Três eixos fundamentais da Sociologia da Tradução segundo Chesterman, 2006 38

Figura 4. Mapa de Holmes. Baseado em Holmes, 1988 39

Figura 5. Esboço dos Estudos do Tradutor (adaptado de Chesterman, 2006) 40

### **Capítulo Um: *Translations around us*/O social da tradução**

Figura 1. Jano 92

Figura 2. A tradução segundo Quino 99

Figura 3. Referência a serviços de tradução em embalagem 101

Figura 4. Indicação do nome dos tradutores com honras de destaque na capa da obra 123

Figura 5. Marcas de originalidade do tradutor na obra traduzida 124

Figura 6. Vulnerabilidade do campo profissional 137

Figura 7. Contaminação do campo profissional 138

Figura 8. Exemplo de publicitação de serviços de tradução (1) 141

Figura 9. Exemplo de publicitação de serviços de tradução (2) 141

Figura 10. Exemplo de publicitação de serviços de tradução (3) 142

Figuras 11 e 12. Exemplo de publicitação de serviços de tradução (4) 143

Figuras 13 e 14. Exemplo de publicitação de serviços de tradução (5) 143

Figura 15. Tradução e *jet set* 148

Figura 16. Obra traduzida por Rui Reininho 150

### **Capítulo Dois: Tradução e profissão no âmbito dos estudos de tradução “O Status questionis”**

Figura 1. Hierarquização da profissão segundo Pym (2000) 159

Figura 2. Exemplo de oferta de serviços de língua e tradução (1) 183

Figura 3. Exemplo de oferta de serviços de língua e tradução (2) 184

Figura 4. Exemplo de oferta de serviços de língua e tradução (3) 184

### **Capítulo Três: Os Mercados e a Economia das Línguas**

Figura 1. A importância estratégica da tradução e da aprendizagem de línguas como actividades de mediação em contextos gestionários multilingues e multiculturais (adaptado de Steyaert & Janssens 1997: 134) 192

Figura 2. Línguas mais traduzidas no âmbito das palestras *TED Talks* 200

Figura 3. O triunvirato condicionador da tradução profissional 202

Figura 4: Densidade populacional – Prestadores de Serviços Linguísticos (Repartição por região) 211

Figura 5: Percentagem do mercado global dos Prestadores de Serviços 212

Linguísticos por região	
Figura 6. Principais sectores em termos de procura de serviços linguísticos	214
Figura 7: Distribuição regional dos Prestadores de Serviços Linguísticos em 2011	218
Figura 8: Percentagem / quota de mercado dos serviços linguísticos por região	219
Figura 9: Número de LSP (Prestadores de Serviços Linguísticos) a nível mundial por dimensão das empresas/nº de funcionários	221
Figura 10. Número de anos de experiência do LSP	221
Figura 11. Localização das sedes das empresas europeias de prestação de serviços linguísticos	233
Figura 12. Dimensão das empresas por número de funcionários	233
Figura 13. Rendimento anual dos Prestadores de Serviços Linguísticos (LSP)	235
Figura 14. Facturação em milhões de euros por Estado-Membro	237
Figura 15. Sectores mais importantes (Kelly 2009)	239
Figura 16: As cinco áreas ou domínios de conhecimento mais solicitados	240
Figura 17. Áreas de especialização dos tradutores/fornecedores de serviços de tradução	245
Figura 18. Subáreas das Ciências Tecnológicas com maior volume de trabalho de Inglês para Português europeu nos últimos cinco anos	246
Figura 19. A ausência de tradução em produtos de origem estrangeira	257
Figura 20. Número de empresas por Actividade económica e Forma jurídica; Anual	271
Figura 21. Caracterização do tecido empresarial português, 2006	276
Figura 22. Grau de envolvimento na profissão (actividade principal, secundária, part-time/temporária/ocasional)	284
<b>Capítulo Quatro: Cartografias socioprofissionais</b>	
Figura 1. Mapa de Portugal Continental – NUTS III	297
Figura 2. NUTS (região norte)	298
Figura 3. Identificação do local de origem dos respondentes	311
Figura 4. Grau académico	313
Figura 5. Língua materna	315
Figura 6. Línguas de trabalho	315
Figura 7. Percentagem tradução literária vs Tradução técnica	316
Figura 8. Percepções dos respondentes acerca do reconhecimento da tradução	318
Figura 9. Grau de satisfação sobre o estatuto do tradutor em Portugal	319
Figura 10. Grau de satisfação sobre o mercado da tradução em Portugal	319
Figura 11. Grau de satisfação sobre o nível ético e deontológico da profissão	320
Figura 12. Considera que os tradutores têm uma formação adequada?	321
Figura 13. Percepções vocacionais	321
Figura 14. Percepções sobre auto-imagem/auto-estima	322
Figura 15. Grau de satisfação com as condições de exercício da profissão	322
Figura 16. Percepções relativamente à segurança da profissão	323
Figura 17. Grau de satisfação com a qualidade da vida profissional	324
Figura 18. Percepções acerca da imagem dos tradutores na sociedade	324

Figura 19. Percepções acerca da qualidade da tradução	325
<b>Capítulo Cinco: “as palavras não se escrevem sozinhas”: a construção da identidade profissional dos tradutores da região norte através da análise das suas narrativas</b>	
Figura 1. Brigith Guimarães – Retrato de uma profissional (Mapa conceptual)	359
Figura 2. Tipo de regime de trabalho	362
Figura 3. Tipo de regime de trabalho (Prestador de serviços)	364
Figura 4. Tipo de regime de trabalho (Empresário em nome individual)	364
Figura 5. Tipo de regime de trabalho (sócio de sociedade comercial/tradução)	365
Figura 6. Grau de envolvimento na profissão	368
Figura 7. Vocação	369
Figura 8. Satisfação com a qualidade de vida	369
Figura 9. Sexo	376
Figura 10. Taxa de actividade (%) do sexo feminino (56,1%)	376
Figura 11. Taxa de emprego (%) do sexo feminino (50,4%)	376
Figura 12. Idade	378
Figura 13. Percentagem tradução / retroversão nos serviços prestados	385
Figura 14. Principal sentido de língua	386
Figura 15. Línguas de trabalho	386
Figura 16. Percentagem tradução literária vs Tradução técnica	388
Figura 17. Grau académico	394
Figura 18. Formação específica em tradução	395
Figura 19. Formação de carácter generalista ou especializado	396
Figura 20. Ano em que começou a traduzir	401
Figura 21. Exemplo de oferta de trabalhos de tradução	402
Figura 22. A quem recorre quando necessita de serviços de tradução?	404
Figura 23. <i>A Lenda das Cruzes</i> (edição bilingue)	404
Figura 24. Percentagem de tempo de trabalho dedicado à tradução (por mês)	408
Figura 25. Aspectos mais relevantes para o exercício da tradução (1)	425
Figura 26. Aspectos mais relevantes para o exercício da profissão (2)	425
Figura 27. Áreas mais importantes para o exercício profissional	428
Figura 28. Aspectos mais importantes para ser um tradutor	428
Figura 29. O que é preciso para ser um tradutor?	429
Figura 30. Características mais relevantes para a subcontratação de um colaborador/colega.	430
Figura 31. Considera-se um tradutor profissional?	445
Figura 32. Como avalia a sua prestação como tradutor profissional?	445
Figura 33. Como avalia a prestação dos tradutores profissionais a quem recorre?	446
Figura 34. Aspectos vocacionais	447
Figura 35. Considera que os tradutores têm formação adequada para a prática profissional?	450
Figura 36. Considera que os tradutores têm uma formação adequada para a prática da sua profissão?	451
Figura 37. Auto-imagem/auto-estima	452

Figura 38. Percepções sobre a qualidade geral da tradução em Portugal	455
Figura 39. Percepções sobre a qualidade geral da tradução (clientes)	457
Figura 40. Acha que a tradução é bem considerada e reconhecida enquanto actividade profissional em Portugal?	457
Figura 41. Exemplo de oferta de serviços de língua e tradução (1)	467
Figura 42. Exemplo de oferta de serviços de língua e tradução (2)	467
Figura 43. Satisfação com as condições de exercício da profissão	468
Figura 44. Sentimentos de segurança em relação à profissão	469
Figura 45. Satisfação com a qualidade da vida profissional	470
Figura 46. Considera que a imagem dos tradutores na sociedade é positiva?	473
Figura 47. Acha que a tradução é bem considerada e reconhecida em Portugal?	474
Figura 48. Considera que a imagem dos tradutores é positiva?	474
Figura 49. Percentagem que a tradução ocupa no rendimento global	475
Figura 50. Acha que conseguiria viver de forma confortável única e exclusivamente dos rendimentos obtidos da tradução?	477
Figura 51. Avaliação da remuneração/honorários praticados no mercado	478
Figura 52. Considera a tradução como algo estratégico e importante para a sua empresa?	480
Figura 53. Considera a tradução como uma profissão legitimamente enquadrada, tecnicamente estruturada e socialmente aceite?	481
Figura 54. Considera que a imagem dos tradutores na sociedade é positiva?	482
Figura 55. Percentagem que a tradução ocupa no orçamento global das empresas	483
Figura 56. Peso que a tradução ocupa no volume total de negócios	483
Figura 57. A quem recorre quando precisa de serviços de tradução?	487
Figura 58. Cumpre normalmente o seu orçamento?	489
Figura 59. Sente-se obrigado a baixar os preços devido à concorrência?	490
Figura 60. Aceita os pedidos dos clientes para baixar os preços?	490
Figura 61. Como classifica os preços praticados pelo mercado?	491
Figura 62. Sente-se obrigado a negociar preços, orçamentos e condições com os tradutores?	491
Figura 63. Local onde decorre o exercício profissional (1)	492
Figura 64. Local onde decorre o exercício profissional (2)	495
Figura 65. Como se desenvolve habitualmente o trabalho de tradução?	496
Figura 66. Costuma ser subcontratado por outros colegas ou agências para a realização de trabalhos de tradução?	503
Figura 67. Com que frequência?	505
Figura 68. Percentagem da subcontratação/ <i>outsourcing</i> no volume de trabalho	506
Figura 69. Como caracteriza a actuação das agências de tradução?	513
Figura 70. Cinco exigências mais frequentes em termos de prestação de serviços linguísticos	530
Figura 71. Três principais motivos pelos quais recorre a serviços de tradução	531
<b>Considerações finais: Um espaço dicotómico</b>	
Figura 1. Marcas de profissionalidade Brigith Guimarães (1)	548
Figura 2. Marcas de profissionalidade Brigith Guimarães (2)	549

Figura 3. Marcas de profissionalidade Brighith Guimarães (3)	549
Figura 4. Marcas de profissionalidade M.M.C.U. (1)	550
Figura 5. Marcas de profissionalidade M.M.C.U. (2)	551
Figura 6. Marcas de profissionalidade M.M.C.U. (3)	551

## ÍNDICE DAS TABELAS

### Referenciais teóricos e metodológicos

Tabela 1: Respondentes entrevistados, cargo, área e duração da entrevista	81
---	----

### Capítulo Um: *Translations around us/O social da tradução*

Tabela 1. Evolução das obras traduzidas numa editora desde 2000	96
Tabela 2. Repartição dos Empresários em nome individual e das Sociedades, Volume de Emprego, e Volume de Negócios das Sociedades	152

### Capítulo Três: Os Mercados e a Economia das Línguas

Tabela 1. Estimativa dos lucros projectados em termos de serviços linguísticos e distribuição regional	205
Tabela 2: Estimativa dos lucros em serviços linguísticos para 2009-2013 em milhões de dólares	206
Tabela 3: Estimativa dos lucros projectados em termos de serviços linguísticos e distribuição regional (previsão até 2014)	220
Tabela 4: Serviços com mais rápido crescimento entre 2010 e 2011	222
Tabela 5: Serviços linguísticos e segmentação do mercado tecnológico	222
Tabela 6. Excerto da tabela de correspondências entre a NACE Rev. 1.1. classe 74.85 e a NACE Rev. 2 (Eurostat)	226
Tabela 7: Estimativas da LTC para 2008 e previsões até 2015 do valor da indústria das línguas / Taxa de crescimento médio anual: 10% / Facturação anual em milhões de euros e Previsões	236
Tabela 8. Estimativa das despesas em serviços linguísticos por país em 2009 (em milhões de dólares)	238
Tabela 9. Línguas mais solicitadas (Kelly 2009)	239
Tabela 10. Obras publicadas e traduzidas em Portugal (2000-2007)	250
Tabela 11. Dados sobre a importância do português (obras traduzidas e publicadas)	251
Tabela 12. Títulos em língua portuguesa: total, originais e traduzidos	251
Tabela 13. Número de empresas por actividade económica e escalão de pessoal ao serviço	258
Tabela 14. Repartição dos Empresários em nome individual e das Sociedades, de acordo com o Volume de Emprego e o Volume de Negócios das Sociedades, segundo os Distritos, para os códigos 74830 e 74842 da CAE	262
Tabela 15. Empresas (N.º) por Actividade económica (CAE Rev. 3) e Escalão de pessoal ao serviço; Anual	266
Tabela 16. Volume de negócios (€) das empresas por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3); Anual	267
Tabela 17. Pessoal ao serviço (N.º) das empresas por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3); Anual / Volume de negócios (€) das empresas por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3); Anual	269
Tabela 18. Volume de negócios (€) das empresas por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3); Anual	271



Tabela 19. Quadro da Empresa e do Sector – Banco de Portugal (Dados de 2008)	272
Tabela 20. Evolução da população portuguesa empregada por situação na profissão (%)	274
Tabela 21. Evolução do número de trabalhadores por conta própria, segundo o sexo (%)	274
Tabela 22. Localização das empresas: Dados IAPMEI	276
Tabela 23. Número de empresas (INE)	277
Tabela 24. Empresas e localização	277
Tabela 25. Empresas e subsectores	278
Tabela 26. Empresas e Tipo de Sociedade	278
Tabela 27. Empresas e ano de constituição	278
Tabela 28. Empresas não financeiras com menos de 10 pessoas ao serviço em % do total de empresas não financeiras: por sector de actividade económica	279
Tabela 29. Evolução do número de artigos traduzidos na UM	283
<b>Capítulo Quatro: Cartografias socioprofissionais</b>	
Tabela 1. População residente em 31/12/2009, segundo o género, por NUTS II	299
Tabela 2. Empregados por conta de outrem e por conta própria no total de empregados por NUTS II (2009)	300
Tabela 3. Volume de negócios: Actividade de serviços prestados às empresas	301
Tabela 4. Análise detalhada dos respondentes através do SPSS	309
Tabela 5. Considera-se um tradutor profissional?	327
Tabela 6. Idade	328
Tabela 7. Tradução técnica vs Tradução literária	328
Tabela 8. Sexo	329
Tabela 9. Grau de satisfação com o estatuto do tradutor	329
Tabela 10. Grau de satisfação com o mercado	330
Tabela 11. Grau de satisfação com o nível ético e deontológico	330
Tabela 12. Vocação	331
Tabela 13. Satisfação com as condições de exercício da profissão	331
Tabela 14. Segurança em relação à profissão	332
Tabela 15. Identificação com a classe profissional	332
Tabela 16. Satisfação com a qualidade de vida	333
Tabela 17. Imagem dos tradutores na sociedade	333
Tabela 18. Qualidade geral da tradução em Portugal	334
Tabela 19. Quando começou a traduzir?	334
Tabela 20. Percentagem de tempo de trabalho dedicado à tradução por mês	335
<b>Capítulo Cinco: “as palavras não se escrevem sozinhas”: a construção da identidade profissional dos tradutores da região norte através da análise das suas narrativas</b>	
Tabela 1. Número de sociedades unipessoais ou empresas individuais, ligadas à prestação de serviços de línguas	363
Tabela 2. Taxas de variação do emprego nos escritórios, por sexo, segundo a profissão	373

## **INTRODUÇÃO**



## A PROPÓSITO DE CARTAS, MAPAS E OUTRAS REPRESENTAÇÕES DO REAL

“nothing is more delusive than the concept/idea of translation”

José Lambert, *Récits du pouvoir et pouvoirs du récit*, 2006

Os últimos cinquenta anos assistiram a uma proliferação das representações metafóricas com recurso à figura do mapa, enquanto instância de fixação, no âmbito do discurso crítico, teórico e ficcional. De facto, as múltiplas referências às noções de mapeamento e cartografia são endémicas da teoria pós-estruturalista, algo que explica a razão pela qual, muitos dos autores do século XX, das mais variadas áreas disciplinares e quadrantes científicos parecem nutrir uma especial atracção pelo conceito de mapa em termos geográficos, textuais, sociais, políticos e culturais.

Muito embora a metáfora do mapa tenha sido utilizada ao longo dos séculos para destacar instâncias de representação textual e epistemológica, a utilização metafórica da noção de mapa tem sofrido algumas alterações na era pós-moderna (Mitchell 2008). Paralelamente, a própria metamorfose do conceito engloba ainda conceptualizações pós-estruturalistas no domínio da epistemologia, textualidade, cartografia e metáfora, ao mesmo tempo que sublinha uma mudança clara nas preocupações modernistas em torno da temporalidade e objectividade, rumo a um pragmatismo pós-moderno dos referenciais de espacialidade e subjectividade.

O mapa enquanto momento de representação e conceptualização do conhecimento no âmbito dos Estudos de Tradução tem sido uma ferramenta recorrente e frequentemente utilizada por vários autores. Desde o célebre mapa de Holmes, desenhado por Toury (1995), fixando a taxonomia da, então, recém-formada disciplina dos Estudos de Tradução, até ao conhecido *The Map*, obra de referência para qualquer investigador neste domínio (Chesterman & Williams 2002), a verdade é que o modelo do mapa como elemento plástico e multiforme de consolidação espacial do real adquire contornos de ferramenta indispensável no domínio desta área científica, definindo claramente a sua geometria e contornos, como prova o constante recurso a termos como “fronteira”, “limites”, “sistemas” (Hermans 1999), “borders” (Pym 1993), “map” (van Doorslaer 2007), bem como a própria definição de “campo” importada da sociologia de Bourdieu, ou ainda o conceito de Polissistema (Even Zohar 1978).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Ver *Alternatives to Borders in Translation Theory* (1993), in Susan Petrilli (ed.) *Translation Translation*. Amsterdam & New York: Rodopi, 2003. 451-463.

O termo “cartografias” aplicado no contexto dos Estudos de Tradução não é novo, e tem a sua génese nos vários contributos de José Lambert no domínio dos Estudos Culturais e Literatura Comparada, sobretudo em “À la recherche de cartes mondiales des littératures” (Lambert 1990/19991)<sup>2</sup>, que encontramos na obra em sua homenagem de 2006, sob o título “In quest of literary world maps”, onde o autor defende a criação de um mapa dos Estudos Comparatistas, “a new world picture”, face à necessidade de reordenação virtual e inclusiva das literaturas nacionais e regionais numa época em que a literatura, tal como a economia, surge como um fenómeno cada vez mais homogeneizado e global (Lambert 1990).<sup>3</sup>

A interacção cultural e literária assente na circulação de textos e na análise das traduções é um dado adquirido, necessário para determinarmos as múltiplas relações e variáveis que são estabelecidas e convocadas no terreno, decorrentes da abertura a novos espaços interdisciplinares e criativos de miscigenação, como confirma Lambert:

Ni en termes de nations ni en termes de langues, les littératures ne constituent des systèmes de communication homogènes ou clos, et l’interaction avec d’autres types de communication (littéraire), d’origine locale ou d’origine internationale, se produit à tout moment. (Lambert 1990)<sup>4</sup>

De facto, em pleno século XXI, e no contexto da globalização, a tradução revela-se uma actividade transversal integrada e disseminada a todos os níveis da sociedade através de uma rede de contornos indefinidos e, como tal, indispensável ao seu funcionamento, mas que importa definir. Certos autores, como veremos, falam claramente do seu carácter ubíquo, visível ou invisível. Por outro lado, a tradução encerra em si uma função comunicativa, como reitera José Lambert, ou melhor ainda, o princípio da internacionalização da comunicação numa rede tentacular, enquanto acto de comunicação que estabelece uma relação interactiva entre línguas e culturas (Lambert 1995: 20).<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> José Lambert, « À la recherche de cartes mondiales des littératures », in *Semper aliquid novi*. Mélanges offerts à A. Girard, J. Riesz et A. Richard éd., Gunter Narr Verlag, Tübingen, 1990, p. 109

<sup>3</sup> Ver ainda Teresa Seruya, Marta Teixeira Anacleto, Maria Dos Anjos Guincho, Dionisio Martinez Soler, Maria Lin Moniz & Alexandra Lopes (2007). “Notes for a cartography of literary translation history in Portugal” In: Yves Gambier, Miriam Shlesinger, Rade Gundis Stolze, Doubts and directions in Translation Studies: selected contributions from the EST Congress, Lisbon 2004, p. 59-71, onde as autoras fornecem uma completa panorâmica sobre os esforços desenvolvidos para identificar o trabalho dos tradutores literários em Portugal, partindo da metáfora da escavação arqueológica, como forma de detectar esses “underground agents”.

<sup>4</sup> In Janos Riez e Alain Ricard (dir.) (2009), *Semper Aliquid Novi*, Tübingen, Narr.

<sup>5</sup> Relativamente à designação de “cartografia” aplicada à tradução, ver ainda Lambert 1980, onde o autor analisa os textos traduzidos como constructos de pleno direito, procedendo à sua integração numa perspectiva mais ampla no contexto da comunicação e interacção literárias, numa análise que é devedora da teoria dos polissistemas e no decurso do qual o autor destaca três categorias que se entrecruzam: produção, tradição e importação. E ainda Lambert 1983, onde é proposta a noção de ‘cartografia’ das literaturas europeias, como forma de permitir que as “provincias” literárias possam, de facto, ocupar o seu devido lugar de

Com efeito, a tradução, sobretudo, a tradução literária, ou melhor dizendo, a literatura traduzida, não só tem uma função comunicativa, como também encerra em si uma função essencialmente cultural ou intercultural que se sobrepõe de forma dinâmica, como constata Pym (1998: 1991).

If we want to know how cultures interrelate, it is worth looking closely at who intermediaries are and how they work in intercultures (overlaps of cultures, defined by criteria of professionalism and 'secondness'). (Pym 1998) <sup>6</sup>

Para além da óbvia analogia visual dos elementos cartográficos, o mapa permite ainda a exposição de modelos narrativos e, ao mesmo tempo, uma ferramenta valiosa para intervir no âmbito de realidades complexas, heterogêneas e dinâmicas, como as resultantes da análise dos fenómenos associados à tradução. O mapa, neste contexto, não é apenas uma representação passiva da realidade, mas também, e sobretudo, uma ferramenta que permite a produção de sentido, o avanço do conhecimento e a geração e testagem de hipóteses, porque associado à noção de deriva e viagem, como nos mostram João Barrento em “O Judeu errante e a deriva moderna” (1986) ou Maria Eduarda Keating, em “Escritas Nómadas e Subservão do Paradigma da Viagem” (2001).

Por conseguinte, o mapa é, antes de mais, um dispositivo comunicativo, um artefacto de representação maduro, dotado de uma linguagem, identidade e plasticidade próprias, e com uma retórica específica, dotado das suas próprias ferramentas, linguagens, técnicas e mecanismos de apoio.

Trata-se, antes de mais, de um modelo que recupera ainda as capacidades narrativas de sistematização próprias dos mapas pré-científicos e escolares e que, ao mesmo tempo, se apresenta não apenas como um artefacto mimético, mas como uma ferramenta poética e política.

Assim sendo, o mapa como narrativa é também a expressão de um objectivo marcadamente comunicativo. Tal como um texto, o mapa selecciona, avalia e classifica o real, distorce e molda os eventos, evolui dinamicamente, classifica e esclarece o mundo de forma a melhor direccionar o olhar para um aspecto particular de um determinado acontecimento, possibilitando ainda a construção de um discurso

---

destaque, paralelamente a um centralismo canónico. E, finalmente, Lambert 2004, onde o autor advoga um modelo cartográfico como forma de resistência a modelos mais estáticos, monolíngues e uniculturais de forma a fixar o posicionamento das culturas e literaturas em contextos dinâmicos e multidisciplinares, revelando uma permanente hesitação e descentramento entre diferentes centros responsáveis por uma difícil construção identitária.

<sup>6</sup> Artigo em linha disponível em <http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/intercultures/studies/studies.html>. (Data de acesso: 22 de Setembro de 2011)

ideológico. Neste contexto, “mapa” é ainda sinónimo de narrativa visual do espaço, um artefacto cultural criado pelo autor para descrever o espaço e o tempo de acordo com objectivos predefinidos.

Por outro lado, o mapa como ferramenta afigura-se como um meio que permite ao utilizador atingir um desígnio inalcançável, assumindo-se como uma ferramenta eficaz e objectiva. Como instrumento e elemento potenciador de sentidos, o mapa permite que o utilizador defina metas, consolide posições e cumpra objectivos, ao mesmo tempo que potencia a estruturação do real e a prossecução das tarefas planeadas.

Como tal, o conceito de cartografia encerra também em si a noção de sistema de representação conceptual do espaço, como uma ferramenta de comunicação que visa a representação de contextos complexos através do recurso a várias narrativas parciais que se sobrepõem e conjugam num elemento final: no fundo, uma rede de mapas, sistemas, diagramas, textos e peritextos, que se entrecruzam e moldam dinamicamente para circunscrever os espaços e objectos da investigação nos seus aspectos mais multifacetados.

Partindo da hipótese de Lambert, segundo a qual a tradução estabelece uma relação interactiva entre culturas (ou interculturais, Pym 1998), procuraremos descrever a posição dos tradutores profissionais no sistema social e cultural da região norte de Portugal.

Finalmente, no nosso caso, a figura do mapa assume particular relevância pela forma como, perante uma realidade tão volátil e pluridisciplinar como a tradução profissional, permite a fixação objectiva de um objecto de estudo concreto num espaço e tempo específicos, registando no terreno as diferentes configurações captadas no decurso de uma análise em que textos, discursos e contextos, o textual, o linguístico e o discursivo se entrecruzam.

## BREVES NOTAS PARA UMA CARTOGRAFIA DA TRADUÇÃO EM PORTUGAL

Cartografia: ciência e arte de desenhar, segundo determinados sistemas de projecção e uma escala, a totalidade ou parte da superfície terrestre num plano, isto é, traçar cartas ou mapas geográficos em reprodução bidimensional e tridimensional.

*Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora, 8ª edição

O crescente desenvolvimento do fenómeno da internacionalização e o consequente aumento da reciprocidade dos contactos internacionais em contextos multilingues dentro das próprias organizações são, de acordo com Steyaert e Janssens (Steyaert & Janssens 1997: 131 e 132) e Shreve (Shreve 1999), uma das principais características do mundo empresarial que emergiu sensivelmente a partir da década de 90 no século XX. A evolução e a especificidade dos contactos e a própria natureza e perfil dos prestadores de serviços no domínio das línguas, primeiramente no rescaldo da Segunda Guerra Mundial, posteriormente, durante a Guerra Fria e, sobretudo ao longo das últimas décadas do século XX com os fenómenos de globalização à escala planetária, implicaram de forma profunda a redefinição do papel e função do tradutor nas sociedades modernas, não isentos de problemas e dificuldades<sup>7</sup>.

De facto, o inimaginável excesso de informação e o crescimento exponencial daquilo a que a revista *The Economist* chama “big data”<sup>8</sup>, a abundância da informação digital e a rapidez com que os fluxos comunicacionais ocorrem são fenómenos que acabam por condicionar seriamente as profissões das línguas, em concreto perante a necessidade de adaptação constante e em tempo real de conteúdos a novos *locales* (Pym 2003)<sup>9</sup> e, ao mesmo tempo, implicar uma inegável redefinição dos respectivos perfis profissionais.

Epistemologically speaking, information is made up of a collection of data and knowledge is made up of different strands of information. But this special report uses “data” and “information” interchangeably because, as it will argue, the two are increasingly difficult to tell apart. Given enough raw data, today’s algorithms and powerful computers can reveal new insights that would previously have remained hidden. (...) The business of information management—helping

<sup>7</sup> Cfr. com posicionamento crítico de Steyaert e Janssens 1997: 132.

<sup>8</sup> Artigo “Data, data everywhere”. *The Economist*. Disponível em linha em [http://www.economist.com/node/15557443?story\\_id=15557443](http://www.economist.com/node/15557443?story_id=15557443) [Data de acesso: 8 de Setembro de 2011]

<sup>9</sup> Segundo Pym, “localização” poderá ser definida da seguinte forma: “taking a product and tailoring it to an individual local market (i.e. ‘locale’).”

Por *locale*, entendemos “A collection of rules and data specific to a language and a geographic area. Locales include information on sorting rules, date and time formatting, numeric and monetary conventions, and character classification.” (MS.NET Framework Glossary), ou ainda “A set of parameters that defines the user’s language, country and any special variant preferences that the user wants to see in their user interface. Usually a locale identifier consists of at least a language identifier and a region identifier. (Wikipedia)



organisations to make sense of their proliferating data—is growing by leaps and bounds. (...). This industry is estimated to be worth more than \$100 billion and growing at almost 10% a year, roughly twice as fast as the software business as a whole. (...) Chief information officers (CIOs) have become somewhat more prominent in the executive suite, and a new kind of professional has emerged, the data scientist, who combines the skills of software programmer, statistician and storyteller/artist to extract the nuggets of gold hidden under mountains of data. (*The Economist*, 25 de Fevereiro de 2010)

Já em 1998 Frank Austermühl publicara um pequeno texto sobre o panorama da tradução na era da informação, convenientemente intitulado “Between Babel and Bytes - The Discipline of Translation in the Information Age”, onde analisava o crescimento exponencial da comunicação internacional e o efeito de “bola de neve” nos Estudos de Tradução resultante do significativo aumento da circulação da informação a nível mundial, da imensidão das redes de informação disponíveis, do número crescente de encontros interculturais e da contínua virtualização da vida empresarial e privada.<sup>10</sup> Como resultado, apontava o autor, a revolução digital e a própria globalização dos fenómenos económicos, políticos, sociais e culturais teriam como consequência o aumento gradual das expectativas em termos das competências esperadas pelos novos profissionais das línguas, cada vez mais expostos a um mercado movido e dinâmico, sociologicamente marcado pela fluidez e pela ausência de fronteiras.<sup>11</sup>

Por outro lado, o avanço inexorável das chamadas indústrias das línguas decorrente do surgimento do acrónimo GILT (G11n, I18n, L10n e Tradução) em finais do século XX, fenómeno caracterizado pela contínua digitalização e gestão de conteúdos, pelo aumento da utilização das ferramentas electrónicas para a transferência linguística, emergência da tradução digital e pelo desenvolvimento de complexas redes de colaboração multilingue, acabou por afectar de forma decisiva o papel, posicionamento e função do tradutor contemporâneo, com consequências imprevisíveis que importa analisar.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Austermühl, Frank (1998). “Between Babel and Bytes - The Discipline of Translation in the Information Age.” Artigo em linha disponível em <http://gandalf.aksis.uib.no/AcoHum/abs/Austermuehl.htm>. [Data de acesso: 3 de Dezembro de 2008]

<sup>11</sup> Ver, a propósito, Shreve (2000), para uma descrição mais aprofundada das razões subjacentes a esta transformação, como por exemplo, o aumento brutal da actividade translatória, a crescente diferenciação das tipologias textuais e tipos de documentos em circulação, a explosão do domínio dos ecossistemas terminológicos ou terminologias especializadas, bem como os respectivos usos, resultantes da expansão e diversificação dos avanços científicos e tecnológicos, a par do significativo crescimento dos meios de distribuição e da crescente digitalização da informação.

<sup>12</sup> Para uma definição mais completa dos conceitos em causa, ver Pym em “Globalization and Segmented Language Services” (2000a), “Globalization and the Politics of Translation Studies” (2003), “Localization: On its nature, virtues and dangers” (2005) e o mais recente “Localization, training and the threat of fragmentation” (2006).

Se a isto juntarmos os desmesurados investimentos em novas tecnologias motivados por estratégias agressivas de globalização, especialização, diversificação e desenvolvimento internacionais, o fornecimento dos chamados serviços integrados tipo "chave na mão" e, sobretudo, conforme sustentava Reinhard Schäler, a transformação dos serviços de tradução num bem de consumo [... *the commoditisation of translation services*]<sup>13</sup> (Schäler 2005), percebemos claramente o alcance da afirmação proferida por este empresário:

All of us who are involved in the translation and localization world know perfectly well that we are in a deregulated industry, in which we institute our own standards, if they are not already imposed for us by our direct or end customers. We also know that every business has its own procedures, sometimes similar, and on other occasions absolutely the opposite. But all these procedures seek the same purpose: to achieve the translation or localization of a product with the highest possible quality.

Juan José Arevalillo Doval, Sócio-gerente da Hermes Traducciones y Servicios Lingüísticos e Presidente da Comissão Técnica espanhola para a Norma EN-15038, in "The EN-15038 European Quality Standard for Translation Services: What's Behind It?"<sup>14</sup>

Em simultâneo, o progressivo protagonismo das tecnologias de informação e comunicação, o desenvolvimento de soluções informáticas globais ao serviço da simplificação dos processos de análise e produção textuais, a ubiquidade das ferramentas de apoio à tradução e a contaminação global decorrente do cruzamento entre elementos de comunicação técnica e intercultural no domínio da tradução acabam por demonstrar uma ligação una e indivisível, intimamente relacionada com o conceito de metamorfose e transformação numa aldeia global ligada em rede, desprovida de fronteiras estanques e lineares e com um elevado grau de imprevisibilidade.

Esta nova economia da produção de bens e serviços, ligada à actividade intelectual e, ao mesmo tempo, à produção e circulação da informação e consequente mercantilização do conhecimento (Caria 2005: 29), pode ser explicada à luz das recentes transformações que implicaram uma profunda mudança no paradigma dos modelos de produção e organização do trabalho e a consequente transição para um

---

<sup>13</sup> A propósito da "comodificação" da tradução ver ainda Apter, Emily (eds). (2001) *Translation in a global market* Chicago: Duke University Press. 251 pp.

<sup>14</sup> Na génese deste artigo encontra-se outro texto da autoria de Pierre Cadieux, Presidente da i18N Inc. e Bert Esselink, intitulado "GILT: Globalization, Internationalization, Localization, Translation", com o qual se pretende estabelecer diálogo, e no qual os autores admitem um certo sentimento de culpa perante a incapacidade de definir correctamente os outros termos que, para além do próprio conceito de tradução em si, compõem o acrónimo em causa (GILT), reconhecendo, tal como Donald DePalma e Hans Fenstermacher, a impossibilidade de fixar convenientemente termos tão díspares e, ao mesmo tempo, tão voláteis como globalização, internacionalização e localização:

"we should perhaps feel a little GILTy that of the above four terms, only translation is generally well understood."

modelo pós-fordista de produção mais flexível, caracterizado pela massificação da produção, organizado à escala global através de uma rede de ligações entre os diferentes agentes económicos, capaz de conciliar uma elevada produtividade com unidades de produção informatizadas e facilmente programáveis, susceptível de responder rapidamente às constantes alterações verificadas ao nível da procura (flexibilidade do produto) ou da tecnologia (flexibilidade do processo).

Inserida numa espécie de "vácuo social" e exposta ao "turbilhão ciclónico da mudança", conforme descrevia Don Kiraly (Kiraly 2000: 20), a tradução, enquanto modelo empresarial ou de gestão de redes de actores, evoluiu de forma impactante ao longo dos últimos anos, à medida que a informática e as novas tecnologias da informação e comunicação foram entrando gradualmente nas fases de concepção e desenvolvimento dos próprios processos e produtos, permitindo, dessa forma, automatizar algumas rotinas de trabalho e oferecendo uma oportunidade clara e inequívoca de melhorar a oferta, em termos de qualidade, coerência, consistência, rapidez, tratamento e apresentação do produto final.

Porém, paralelamente à sua crescente tecnificação e especialização, conforme descrito por Miguel Núñez Ferrer (2005)<sup>15</sup>, evoluíram também muitas das formas mais diversificadas e complexas de prestação desse serviço ao cliente. A tradução coloca-nos hoje desafios totalmente novos e inesperados, assumindo-se cada vez mais como um processo completamente tecnicizado e formatado, tendo adquirido uma nova dimensão e contornos de difícil representação.<sup>16</sup>

De facto, a actual cadeia de fornecimento de serviços de tradução é caracterizada por uma estrutura em rede, na qual a cooperação é uma parte essencial do trabalho no sentido de permitir o cumprimento e a execução dos serviços fornecidos. Para além de uma rede funcional e profissional, esta é também uma rede social e relacional marcada pelo hibridismo de processos e mediações individuais (Caria 2005: 37), caracterizada por interdependências estabelecidas a vários níveis e estruturadas ou hierarquizadas em diferentes patamares no âmbito do trabalho técnico-intelectual (Hermans & Lambert 1998: 118).

---

<sup>15</sup> Núñez-Ferrer, Miguel (2005) "Translation Services – Service Requirements (pr EN 15038)". [Em linha] Comunicação apresentada durante a 1ª conferência da EUATC, Bruxelas, 2005. [Data de acesso: 17 de Julho de 2006]. Disponível em <http://www.euatc.org/conferences/index.html>.

<sup>16</sup> Sublinhamos, neste caso, o carácter industrial da tradução, que Belinda Maia destaca em "The Industrialisation of Translation – Will it work? (2002), recorrendo a uma sugestiva metáfora, ao associar a tradução às tarefas domésticas (e femininas), nomeadamente ao processo da lavagem da roupa.

Perante o dinamismo e a mutabilidade de uma profissão poucas vezes estudada do ponto de vista sociológico, e tantas vezes negligenciada em termos de enquadramento e contexto socioprofissionais, estudar a tradução, hoje, como acto social, discursivo e intercultural, é mostrar-se atento e receptivo a um mundo cada vez mais diversificado em constante mutação, e é também enfrentar e tentar solucionar os desafios colocados, por um lado, pela globalização e, por outro, pela omnipresença de novos modelos de produção decorrentes da sofisticação dos processos associados à produção textual, sem dúvida os ambientes privilegiados em que se desenvolve, actualmente, a prática da tradução.<sup>17</sup>

A verdade é que a tradução serve de forma engenhosa como metáfora da universalidade e ambivalência da comunicação e das relações interpessoais entre culturas (interculturais), precisamente pela forma como encerra em si múltiplas vertentes, valências e categorias que podem ser facilmente preenchidas, de acordo com motivações específicas e conforme a sua utilidade, pelos mais diferentes actores que partilham e participam, de forma passiva ou activa, neste fenómeno, transformando-se num fenómeno social tão marcadamente interdisciplinar. Traduzir hoje será, porventura, resolver o dilema entre o social, o técnico e o humano.

Esta é uma reflexão que nos levará a analisar as múltiplas facetas e configurações, em contexto nacional, mas sempre em confronto com um cenário mais lato e abrangente, de uma profissão tantas vezes esquecida e negligenciada e, em simultâneo, a detectar e a traçar as redes de relações e dinâmicas que envolvem aquilo que, actualmente, se designa como a Prestação de Serviços de Tradução, conforme especificação resultante da recém-adaptada Norma Europeia de Serviços de Tradução - EN15038.

Por outro lado, o nosso objectivo será igualmente partilhar um testemunho empírico marcado pelas reflexões pessoais e profissionais dos principais actores que convergem no terreno, sobre a forma como decorre o processo de construção de uma identidade profissional específica, associada a uma profissão marcadamente sujeita a constrangimentos internos e externos, onde tensões e conflitos ocorrem, em constante jogo. E, ao mesmo tempo, pelo confronto discursivo, analisar a forma como esse processo acompanha a definição e a construção de um mercado, ou melhor dizendo, a

---

<sup>17</sup> Disto é sintoma o título da conferência de Derek Coffey, da Welocalize “The Future: Will we be the Walmart of Words or the FedEx of Words?”, realizada na 16ª Conferência da LRC (2011). “

disposição geográfica de vários mercados que se entrecruzam e moldam a sua territorialidade.

Por conseguinte, serve esta instância introdutória para tecer algumas das linhas orientadoras que vão urdir o presente trabalho e que visam caracterizar os múltiplos cenários onde se inscreve a prática da tradução no panorama português e, em concreto, da região norte do país, face a um mercado movediço e dinâmico, sociologicamente marcado pela fluidez e pela ausência de barreiras e fronteiras.

Trata-se de um trabalho feito de experiências, textos, discursos e linhas que se cossem e entrelaçam, ecos e reverberações que nos revelam uma imensa teia de redes e relações onde a tradução se insere e constrói o seu espaço numa dinâmica de mobilidade e metamorfose. Trata-se ainda de um confronto fértil entre textos e contextos, um diálogo que, esperamos, profícuo, estabelecido entre a tradução e os diferentes ecossistemas onde ocorre, um confronto, simultaneamente tenso e complexo, que nos leva a situar as dinâmicas relacionais que são estabelecidas a montante e a jusante, e que nos permite circunscrever os espaços geográficos de um fenómeno tão intrinsecamente enraizado na sociedade como a tradução.

A nossa perspectiva parte de um modelo de análise em que o tradutor assume um lugar central pivotal (Simeoni 1998) num plano cartográfico, plástico e multiforme, de fronteiras ténues, marcado por vários agentes e actores que se cruzam e interagem, e que vão inscrevendo nesse mapa as marcas indeléveis de uma identidade profissional, tantas vezes difusa. Modelo esse que nos permitirá, em última análise, proceder ao seu mapeamento, ou seja, à análise das correspondências entre contextos e estruturas favoráveis à prática translatória como algo socialmente delimitado, mas também à cartografia das dinâmicas emergentes nesse domínio, lançando as bases para uma avaliação rigorosa de uma nova realidade socioprofissional, identificando perspectivas de evolução, factores críticos, bem como principais tendências e orientações de mudança.

O modelo de análise que propomos pretende encarar a profissão como uma rede complexa de relações, tensões e distensões, convergências e divergências entre os vários actores, e no interior da qual circula uma mesma matriz orgânica, caracterizada pelo elemento humano em contexto social, e logicamente enquadrado por uma dimensão textual e discursiva.

Para tal, servimo-nos de uma citação de Reine Meylaerts, onde surge sintetizada a questão da necessidade de conceptualização do actor humano como indivíduo

socializado, integrado numa realidade social, simultaneamente como profissional (Simeoni 1998, Inghilleri 2003 e 2005, Sela-Sheffy 2005, Gambier 2006), mas também, e sobretudo, como actor capaz de interiorizar várias estruturas sociais, culturais, políticas e linguísticas, de carácter mais amplo, e de natureza institucional e discursiva:

Recent insights insist on habitus as a dynamic, plural concept, as the object of confrontations with various field logics and thus of multiple definitions and discontinuities (Lahire 2001, 2003, 2004; Sela-Sheffy 2005). Every (inter)cultural actor appears as a complex product of multiple processes of socialization disseminated in various institutions (family, schools, friends, work, neighborhood, etc.). Attitudes, perceptions and practices are the result of an unstable interplay of multiple kinds of habituses, questioning the uniqueness and permanence of the individual person. The actor's plural and dynamic (intercultural) habitus therefore forms a key concept for understanding the modalities of intercultural relationships. It can reveal how (intercultural) actors interiorize dynamically and variably (institutional and discursive) normative structures of the source and target fields, and indeed of their mutual contacts and intersections. (Meylaerts 2008: 94)

Como tentaremos demonstrar, uma das nossas hipóteses de trabalho será precisamente verificar se, de facto, existe uma mesma sintonia e coerência ao nível do discurso identitário e das manifestações sociais e profissionais desta comunidade que nos propomos estudar, ou se, pelo contrário, essa similitude não se verifica, e é antes díspar e inconstante.

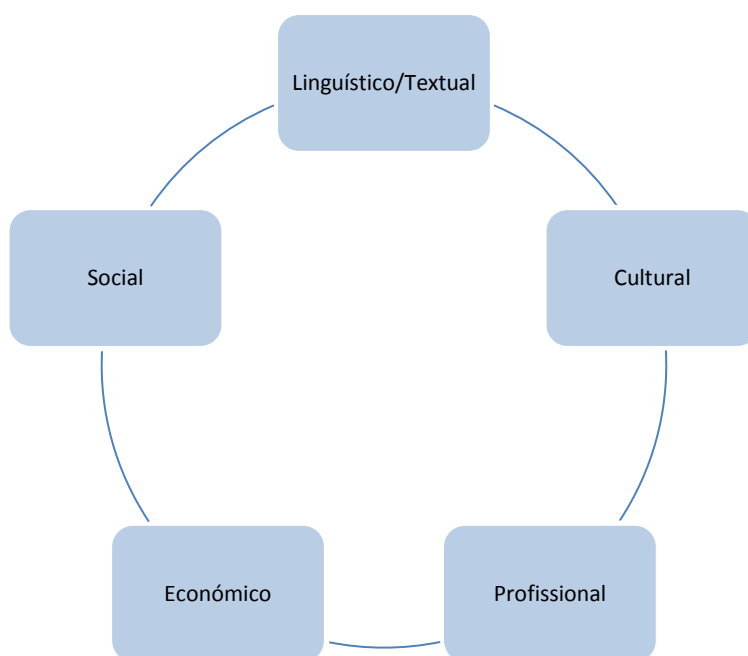
Pretendemos ainda verificar se a definição do profissionalismo é uma constante e ocorre, de facto, de forma homogénea e natural, ou se é uma construção ficcionada, eventualmente motivada e orientada pelos discursos e práticas envolventes, bem como pelos fenómenos textuais e contextos interculturais que circulam paralelamente à profissão.

Não esquecendo a componente absolutamente central dos aspectos linguístico-textuais e culturais associados aos fenómenos que envolvem a prática da tradução, o nosso mapa parte de um modelo essencialmente marcado por três vectores estruturantes que correspondem aos três primeiros capítulos da tese, ou seja, o social, o profissional e o económico, onde a tradução se assume como uma actividade social e historicamente enquadrada, marcada por diferenças de percepção em termos de imagem pública, imagem individual e imagem colectiva profissional, mas também uma actividade geradora de riqueza e com um valor económico intrínseco e, como tal, estratégica e vital, orientada por dinâmicas empresariais e profissionais, alicerçadas numa *praxis*

individual e grupal, enquanto actividade, processo e produto, desenvolvidos para clientes e públicos-alvo definidos.

Antecipando eventuais críticas de “cegueira intelectual” e ortodoxia unilateral na forma como nos posicionamos no terreno enquanto investigadores no domínio dos Estudos de Tradução, gostaríamos, desde já, de sublinhar que não pretendemos descurar de todo os aspectos linguísticos, textuais e discursivos dos fenómenos que envolvem a tradução, tal como não renunciamos ao seu carácter tradicionalmente intercultural.

A matriz que assumimos como base do nosso trabalho prevê, de facto, um pentágono, onde as variáveis sociais, profissionais e económicas se encontram intimamente ligadas aos aspectos textuais, linguísticos e culturais que configuram a actividade no domínio dos Estudos de Tradução, e que não pretendemos renegar.



**Figura 1.** Matriz orgânica do projecto

Uma das justificações para a escolha deste tema prende-se com o facto de, enquanto tradutor profissional e formador de tradutores, nos confrontarmos diariamente com a necessidade de definir e circunscrever campos de conhecimento e acção que distingam e particularizem a Tradução enquanto objecto de estudo enquadrado numa dinâmica social e, ao mesmo tempo, estabeleçam os limites do seu profissionalismo, definam os seus objectivos e delimitem o seu objecto territorial. Será desnecessário frisar que nos movemos por uma agenda marcadamente individual e claramente enviesada, um desígnio pessoal e profissional decorrente da forma como este trabalho

tem uma história peculiar e nasce de uma motivação pessoal, fortemente marcada por um desígnio particular. O resultado é, esperamos, um objecto de estudo, simultaneamente reflexivo e auto-reflexivo, já que a reflexividade se assume como um instrumento potenciador do desenvolvimento de instrumentos analíticos.

A heterogeneidade das tarefas desenvolvidas, a multidimensionalidade dos seus problemas, a (in)visibilidade socioprofissional (tácita e implícita) do tradutor, bem como a sua situação de desequilíbrio, subserviência e subalternidade constantemente invocada em contexto de interacção social potenciam a diluição das fronteiras do conhecimento e acção, já de si características de contextos inter e multidisciplinares marcados pelas dinâmicas de mercado e empreendedorismo no âmbito da indústria das línguas. Afectando de forma inequívoca a noção de identidade profissional, auto-reflexividade e lógicas de socialização, bem como a complexidade das relações geradas socialmente no domínio profissional.

O objectivo central deste projecto é, essencialmente, dar conta de um testemunho individual, simultaneamente reflexivo e auto-reflexivo, marcado por um desígnio pessoal e profissional, através da qual será possível partilhar um conjunto de reflexões sobre o processo de construção de uma identidade associada a uma profissão (eventualmente “semiprofissão”, segundo Monzó 2006), num contexto social geograficamente enquadrado, a região norte de Portugal, sabendo de antemão que uma das questões essenciais que se colocam a uma nova profissão é a sua pertinência social, real e simbólica (Bourdieu 1985), inata ou construída, ou seja, a sua utilidade social no âmbito do espaço das profissões e ocupações já existentes.

Este trabalho pretende constituir um contributo para a área dos Estudos de Tradução, via Ciências da Linguagem, através de um contacto permanente, observador e atento com uma comunidade específica, socorrendo-se, para tal, de uma abordagem sociolinguística assente nas narrativas dos actores envolvidos, confrontando discursos e contextos, de forma a descortinar saberes, sentidos e fazeres que enformam um determinado campo profissional capaz de definir e assumir o espaço e as lógicas de interacção do tradutor.

Por conseguinte, este é um trabalho sobre o processo de construção identitária com base nas narrativas dos profissionais, cujo objectivo último será analisar o discurso dos prestadores de serviços de tradução desenvolvido sobre si próprios, sobre a sua própria actividade e sobre a realidade envolvente, com inegáveis ramificações e elos de ligação a um universo mais lato, estabelecendo um diálogo com a sua dimensão



nacional e internacional.

Paralelamente às traduções e textos que circulam em torno da profissão, interessa-nos, sobretudo, detectar as dinâmicas subjacentes em termos de percepções socioprofissionais, bem como as marcas discursivas subjacentes e subterrâneas que escondem estratégias de ocultação e dissimulação (van Leeuwen 1997, Fairclough 1997, 2003 e 2005, van Dijk 1998 e Nogueira 2001), e que concorrem para a construção e encenação de um discurso identitário simbólico, porventura desfasado do real (Goffman 1975).

## A INSCRIÇÃO DO PROJECTO NO SEU ESPAÇO GEOGRÁFICO E CONTEXTUAL

Temos absoluta consciência da necessidade e pertinência de um estudo desta natureza no âmbito dos Estudos de Tradução, sobretudo no contexto português. Apesar da vitalidade da disciplina em Portugal nos últimos anos, consubstanciada na considerável produção científica resultante e no largo predomínio da análise da literatura traduzida (Seruya 2006, 2007, 2008 e 2009; Ferreira Duarte, Assis Rosa e Seruya 2006, Ferreira Duarte 2001 e 2008, Neves 2005, Almeida e Pinho 2006, Barrento 2002, Maia 2002, Frei 2002, Keating 1992, 1995, 1996, 2000, 2001, 2005 e 2006, Almeida Flor 1983 e 2009, Zurbach 2003, Castilho Pais 1997, 2000, 2001 e 2005, Horster 2007 e 2008, Jorge 1997, Carvalho Homem 2004 e 2009) são ainda escassos os estudos descritivos aprofundados sobre a sua dimensão social, económica e profissional.<sup>18</sup>

Para além de algumas publicações avulsas sobre a profissão, muitas delas oriundas de empresas, *freelancers* ou associações profissionais, com uma agenda claramente específica, os contributos académicos e científicos sobre o fenómeno têm sido relativamente dispersos e pouco consistentes.

Para além do enciclopédico trabalho de Gonçalves Rodrigues (1992)<sup>19</sup>, a nível nacional destacamos o importante contributo dado à profissão pelo primeiro estudo sociológico desenvolvido por Francisco Magalhães, em 1996, sob o título *Da Tradução Profissional em Portugal* (1996), em que o autor dedica especial atenção a uma tripartição das grandes áreas da profissão em Portugal, nomeadamente o “Mercado da Tradução, o Trabalho do Tradutor e a Formação do Tradutor Profissional”, estabelecendo importantes pontos de convergência entre esses três vectores. Mais recentemente, podemos ainda citar alguns dos trabalhos que desenvolvemos, nomeadamente ao nível do perfil das empresas de tradução portuguesas (Ferreira-Alves 2005 e 2006), com ramificações no âmbito da sociologia da tradução (Ferreira-Alves 2008), economia das línguas (Ferreira-Alves 2009) e ainda ergonomia e tradução (Ferreira-Alves 2011).

---

<sup>18</sup> De realçar ainda os vários contributos dispersos em múltiplas revistas de especialidade, como a *Génesis*, revista científica do ISAI, ou ainda as actas das Jornadas de Tradução desta mesma instituição, a *Polissema – Revista de Letras* do ISCAP, *O Língua – Revista Digital sobre Tradução*, *Babilónia - Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução*, *Confluências – Revista de Tradução Científica e Técnica*, *Relâmpago*, *A Phala*, entre outras.

<sup>19</sup> Gonçalves Rodrigues, A. A. (1992) *A tradução em Portugal: tentativa de resenha cronológica das traduções impressas em língua portuguesa excluindo o Brasil de 1495 a 1950*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Dentro deste domínio, podemos ainda citar outros estudos como o projecto desenvolvido por Elena Galvão junto dos compradores de serviços de tradução na zona do Grande Porto (Galvão 2006)<sup>20</sup>, a comunicação apresentada por Félix do Carmo em 2002 no V Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa da União Latina, onde o autor analisa os contornos socioprofissionais e formativos da actividade (Carmo 2002)<sup>21</sup>, o trabalho de Fátima Dias (2006) sobre a imagem dos tradutores nos anúncios de emprego<sup>22</sup>, o estudo de Rosário Durão intitulado “Primeiro Relatório de um Inquérito a Fornecedores de Serviços de Tradução Científica e Técnica de Inglês para o Português Europeu (2008)”<sup>23</sup>, ou mesmo o projecto iniciado por Josélia Neves e Maria José Veiga em 2002, na área da Tradução para Legendagem que visava colher informações sobre a prática da tradução profissional de tradução/legendagem em Portugal (2002). Mais recentemente destacamos a pertinência do trabalho de Susana Valdez sobre a invisibilidade do tradutor no contexto português (2009).<sup>24</sup>

Em termos empresariais e associativos existem ainda algumas tentativas avulsas de circunscrever o mercado profissional, com especial destaque para a APET (Associação Portuguesa de Empresas de Tradução), o SNATTI (Sindicato Nacional de Actividade Turística, Tradutores e Intérpretes), a APIC (Associação Portuguesa de Intérpretes de Conferência), a AIIC (Associação Internacional de Intérpretes de Conferência), a APT (Associação Portuguesa de Tradutores) ou a já extinta AteLP (Associação de Tradução em Língua Portuguesa). Em paralelo, podemos igualmente identificar as tentativas de sistematização do mercado da Tradulínguas, a experiência pouco consistente de Luís Almeida Espinosa, no seu Terminologias.com, com o texto de 2003, “A Formação do Tradutor e as Necessidades do Mercado de Tradução em Portugal”, apresentado no VI Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa, a impressionista “Análise do Mercado da Tradução em Portugal”, que encontramos na revista, entretanto descontinuada, *Translation Magazine*, publicada pelo

---

<sup>20</sup> Galvão, Elena (2006) “Entre inovação e tradição: viagem ao mundo dos compradores de serviços de tradução na zona do Grande Porto”. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, *Actas das 5as Jornadas de Tradução*, ESTG, Leiria.

<sup>21</sup> Carmo, Félix (2002) “De formando a formador, passando por „formado em tradução“ .”. *Actas do V Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa*. Lisboa: União Latina.

<sup>22</sup> “«Tradutores Precisam-se»: A imagem da Tradução Transmitida pelos Anúncios de Emprego”, in *Confluências – Revista de Tradução Científica e Técnica*, Nº4 (2006).

<sup>23</sup> “Primeiro Relatório de Um Inquérito a Fornecedores de Serviços de Tradução Científica e Técnica de Inglês para Português Europeu”, in *Confluências - Revista de Tradução Científica e Técnica: A Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa no Mundo*, n.º 3, 2005, pp. 29-61.

<sup>24</sup> Valdez, Susana (2009) *O Autor Anónimo. A Invisibilidade do Tradutor no Contexto Português*. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa.

gabinete de tradução Jaba Translations (Setembro de 2007) ou o informativo *Quase tudo o que eu (sempre) quis saber sobre tradução: Guia de sobrevivência*, tradução e adaptação da brochura *Translation: Getting it Right* (Ferreira-Alves et al 2006), guia que, alegadamente, terá sido alvo de uma versão posterior da autoria da AteLP.<sup>25</sup>

De qualquer das formas, pela sua actualidade, pertinência e transversalidade, a reflexão em torno dos aspectos socioprofissionais associados à tradução é indispensável para a consolidação de uma actividade que teima em não se afirmar como uma profissão autónoma, de direito próprio, muito por causa da forma como é vista, interna e externamente, como uma actividade menor, subalterna e pouco prestigiante.

A par da sua inegável componente textual e linguística, acreditamos que o desenvolvimento e a aplicação de estudos rigorosos e consistentes sobre o papel estratégico, do ponto de vista social e económico, da tradução num mundo globalizado, poderão conduzir esta “arte de negociação” (Eco 2003) ao estatuto que realmente merece na sociedade, através da sensibilização dos principais actores envolvidos no processo e, em especial, das instâncias governativas responsáveis pelo seu real reconhecimento.

Estamos, no entanto, conscientes de que, apesar das várias pretensões em concurso, em torno de uma suposta necessidade de uniformização e harmonização de uma cultura profissional, a verdade é que a tradução, enquanto profissão em trabalho técnico-intelectual, tal como sustenta Telmo Caria (Caria 2005), é cada vez menos homogénea e uniforme (Klein 1976). Nesse sentido, consideramos que é precisamente a sua diversidade e heterogeneidade que lhe conferem um carácter tão especial e difícil de apreender. Como tal, a forma como hoje os Estudos de Tradução concebem e entendemos o fenómeno da tradução enquanto função, processo e produto orientados e condicionados por constrangimentos profissionais específicos e díspares, depende muito do(s) próprio(s) segmento(s) onde nos encontramos inseridos.

Pour comprendre la traduction comme pratique sociale et comme vecteurs des échanges culturels internationaux, il est nécessaire de réintégrer dans l’analyse tous les acteurs – individus et institutions – qui en sont partie prenante. Il faut tout d’abord la resituer dans l’espace international de circulation des textes, espace hiérarchisé dans lequel les échanges sont inégaux. Cette hiérarchie résulte de la structure des rapports de force selon trois principales logiques, politique, économique et culturelle (Heilbron & Sapiro 2008: 43)

Queremos, em concreto, convocar para o nosso estudo a posição defendida por

---

<sup>25</sup> *Como comprar uma boa tradução: Guia breve para compradores de serviços de tradução* (ATELP 2006).

Hermans e Lambert, segundo a qual será necessário redefinir o papel daquilo a que chamam "business translation" (tradução em contexto empresarial, diríamos nós) no domínio dos Estudos de Tradução e, nesse sentido, abordar este novo fenómeno a partir da análise da organização social e dos processos de gestão em ambientes empresariais caracterizados pela prestação de serviços.

De facto, por vezes, o domínio eminentemente profissional e empresarial parece ter sido esquecido no âmbito do paradigma dos Estudos de Tradução e apagado de eventuais apresentações programáticas ou categorizações da tradução, ainda que aflorado nos seus textos fundadores. Como veremos mais adiante, este carácter fugaz e praticamente invisível do fenómeno explica, em parte, a tendência para uma dispersão e fragmentação, traduzidas na forma como o mundo profissional tende a gerar os seus próprios grupos e subgrupos específicos e herméticos, preferindo um distanciamento prudente face aos círculos académicos, como se estes fossem incapazes de adaptar e integrar a componente empresarial aos seus *curricula*.

Estão, então, criadas as condições para que nasça essa "terra de ninguém" (Hermans & Lambert 1998: 114) que pretendemos explorar através deste estudo, cientes que estamos da necessidade de reenquadrar os vários ângulos através dos quais a tradução é vista nesses domínios.

Por último, gostaríamos ainda de convocar o modelo tripartido definido por Steyaert e Janssens, como suporte eficaz para conceptualizarmos esta aparente divisão entre língua, cultura e gestão. No seu artigo intitulado "Translation and Language Learning as Mediating Activities in a Multi-Cultural and Multi-Lingual Management Setting", os autores traçam um triângulo estruturado em torno de três eixos que, por sua vez, integram os seguintes conceitos: cultura, língua e gestão, e no centro do qual, em perfeita articulação com os restantes vértices, encontramos a tradução e a aprendizagem de línguas (Steyaert & Janssens 1997: 135), entidades que coexistem no seio das organizações, enquanto organismos multiculturais e multilíngues.

Ou seja, embora a visão do fenómeno translatório como um produto textual cultural seja um facto amplamente aceite pelos Estudos de Tradução, a verdade é que esta perspectiva necessita ainda de ser integrada ao nível da produção da própria organização social, algo que implica uma abordagem essencialmente interdisciplinar, isto é, através da reconsideração radical e extrema do papel da tradução e do estatuto do tradutor dentro das organizações empresariais (Steyaert & Janssens 1997: 144), do reenquadramento do valor económico das línguas e, em última instância, da redefinição

de uma visão mais pragmática do próprio estudo da tradução profissional em contexto social.

## ARQUITECTURA DA TESE: VECTORES ESTRUTURANTES

Seguidamente, apresentaremos a estrutura que decidimos conferir ao nosso trabalho.

A Introdução pretende dar conta das principais motivações subjacentes ao projecto de investigação em curso, apresentando as linhas gerais condutoras que orientam a tese, do ponto de vista da organização do trabalho, com especial destaque para os objectivos gerais e específicos, breve contextualização teórica e enquadramento temático. Será igualmente apresentado um capítulo dedicado aos Referenciais Teóricos e Metodológicos utilizados no âmbito do nosso trabalho, no contexto dos Estudos de Tradução.

Como referimos antes, o nosso modelo de análise parte essencialmente de uma perspectiva que prevê a triangulação de três componentes estruturais do fenómeno da tradução que se encontram inexoravelmente ligadas entre si, e que complementam a sua dimensão textual e cultural. Ou seja, o vector social, o vector profissional e o vector económico, que representam os três primeiros capítulos angulares do nosso trabalho e constituem a primeira parte desta tese (Parte I). Prevendo eventuais problemas de descompensação e desequilíbrio da mesma, contamos apresentar nos Anexos o material textual resultante de um pequeno *corpus* de traduções efectuadas por uma das nossas entrevistadas, e que poderão ser colocadas em diálogo com as narrativas que registámos.

Por isso mesmo, os capítulos subsequentes seguem essa lógica e essa ordenação, tentando analisar, no contexto da realidade portuguesa, mas sempre em diálogo com a dimensão macro [internacional] e micro [regional], as múltiplas facetas de que a actividade se reveste.

Por conseguinte, o primeiro capítulo [da Parte I], que optámos por chamar “*Translations around us/O social da tradução*” pretende dar conta do carácter transversal e omnipresente do fenómeno, colocando o enfoque na sua dimensão social e relacional, bem como nas percepções endógenas e exógenas associadas à profissão no contexto português. De igual forma, pretende-se, com este capítulo, descrever brevemente o carácter não-formal da actividade recorrendo a registos dispersos por várias fontes textuais e, ao mesmo tempo, analisar os cenários e enquadramentos que rodeiam a prestação de serviços de tradução a nível nacional, bem como a forma como os diversos actores e agentes envolvidos no processo, amadores e profissionais, se posicionam e relacionam em termos históricos, culturais e sociais.

O segundo capítulo centrar-se-á na noção de profissionalismo aplicada à tradução, analisando alguma da literatura existente neste domínio, e fazendo a transposição para a realidade portuguesa de forma a caracterizarmos a profissão e o estatuto do tradutor. Pretendemos, neste espaço, analisar os conceitos de profissão e profissionalismo associados à tradução, procurando fazer o respectivo enquadramento teórico-conceptual em diálogo com alguma da recente literatura existente sobre o tema no domínio dos Estudos de Tradução. Neste capítulo iremos ainda apresentar um enquadramento teórico susceptível de analisar a tradução sob o ponto de vista profissional, recorrendo a exemplo de outras áreas disciplinares, como a sociologia das profissões, bem como estudos desenvolvidos sobre a profissionalização dos tradutores e intérpretes, com especial destaque para a situação profissional em Portugal. O objectivo será enquadrar a noção da prestação de serviço no âmbito dos principais actores envolvidos na cadeia de produção e consumo de traduções, nomeadamente através da tripartição do nosso objecto de estudo, respectivamente em tradutores, agências e clientes/consumidores finais.

Por último, o terceiro capítulo da Parte I direcciona o olhar para a dimensão económica das línguas no contexto da globalização e, em concreto para o valor estratégico da tradução, caracterizando o mercado nacional, em confronto com os mercados mundial, europeu e ibérico. Sublinhando uma eventual “viragem” económica nos Estudos de Tradução (Steyaert & Janssens 1997, Hermans & Lambert 1998, Barner-Rasmussen 2003 e 2006, Flynn et al 2010, Piekkari 2010), será dado especial destaque à análise da vertente empresarial, no contexto do mercado português. Este capítulo decorre de um estudo realizado sobre as principais agências de tradução a operar em solo português, cujo objectivo foi analisar as empresas de tradução associadas da APET (Associação Portuguesa de Empresas de Tradução) [disponível nos Anexos 1 e 2]. Pretendemos com este excursão contextualizar o cenário profissional em que as empresas e os tradutores *freelancer* operam e analisar a forma como as línguas e a comunicação multilingue são tratadas e percebidas em contexto empresarial.

A última secção (Parte II) será largamente dedicada à análise e descrição dos resultados do nosso estudo empírico realizado com uma comunidade profissional específica no norte de Portugal.

O Capítulo Quatro, intitulado “Cartografias socioprofissionais”, dedicar-se-á à descrição do nosso objecto de estudo concreto, ou seja, a situação socioprofissional dos tradutores na região norte do país através da análise das suas narrativas, em estreita



ligação com o inquérito quantitativo implementado no terreno. Trata-se de uma instância marcada por um hibridismo metodológico e reflexivo em que o diálogo entre textos e discursos tem uma posição predominante no nosso estudo, partindo de uma entrevista-padrão com uma tradutora, como forma de ampliar as possibilidades de leitura e transposição para um universo mais abrangente, em confronto com outras entrevistas realizadas com profissionais. Este capítulo parte de um estudo quantitativo realizado junto de cerca de 400 tradutores *freelancer* da região norte de Portugal, que permitiu o mapeamento e a caracterização do principal perfil socioprofissional dos actores no terreno.

Posteriormente, passaremos a uma abordagem qualitativa (Capítulo Quinto), marcada pela análise aprofundada de algumas entrevistas feitas a um universo de tradutores profissionais, dentro da área geográfica seleccionada. Sob o título “as palavras não se escrevem sozinhas’: a construção da identidade profissional dos tradutores da região norte através da análise das suas narrativas”, o objectivo será descrever e detectar as relações, padrões e regularidades registados ao nível dos fenómenos estudados, de forma a enquadrar a profissão numa dinâmica relacional composta por redes e sistemas que se entrecruzam e dispersam. De novo, este capítulo deverá ser lido à luz dos textos em anexo que procuram documentar de forma textual os percursos profissionais que pretendemos registar.

Por último, será apresentado um modelo dos principais tópicos que consideramos essenciais para a caracterização da profissão, sob a forma de um mapa conceptual, após o que proporemos um modelo de análise do profissionalismo dos tradutores, tendo como base alguns dos padrões e vectores mais recorrentes para a sustentação do seu posicionamento profissional.

A Conclusão dar-nos-á pistas de reflexão futuras sobre a caracterização da profissão, níveis de consolidação profissional, “estado da arte”, dinâmicas subjacentes e sugestões para a posterior integração destes valores numa eventual reformulação das propostas formativas de tradutores em contexto de trabalho (Gouadec 2002a).<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> in Belinda Maia, Johann Haller, Margherita Ulrych, eds. (2002) *Training the Language Services Provider for the New Millennium*, Porto: Universidade do Porto.

Na secção seguinte iremos apresentar os elementos que constituem a base de sustentação teórica e metodológica do nosso trabalho, com especial incidência no carácter interdisciplinar do objecto de estudo, inserido no domínio dos Estudos de Tradução. Faremos igualmente uma breve resenha do “estado da arte” no que ao tema concerne, aproveitando ainda para enunciar as fontes que formam o acervo documental a que tivemos acesso.



## **REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS**



## OS ESTUDOS DE TRADUÇÃO COMO MATRIZ OPERACIONAL

(...) translation borders on too many provinces. (McFarlane 1953: 93).

Antes de avançarmos no nosso trabalho, pretendemos, com este preâmbulo, fazer uma breve contextualização de forma a fixar o nosso projecto numa perspectiva conceptual mais ampla, inscrevendo-a no domínio dos Estudos de Tradução, da qual é devedor em termos de enfoque teórico e metodológico.

Os *Descriptive Translation Studies*, conceito traduzido e vulgarmente aceite no contexto nacional como os Estudos Descritivos de Tradução têm, ao longo das últimas décadas, adoptado várias designações e cambiantes, tal como o discurso em torno da tradução.

Esta jovem disciplina nasce e assume uma identidade própria na segunda metade do século XX, mais concretamente na década de 70 do século passado, cresce e adquire algum impacto nos anos 80, revelando-se uma área pujante de investigação durante os anos 90 e um paradigma descritivo e sistémico dos Estudos de Tradução, como aliás atestam os numerosos estudos publicados desde então. Apenas a título de exemplo, as palavras “Translation Studies” e “Descriptive Translation Studies” devolvem, respectivamente, 4406 e 256 entradas de artigos, numa pesquisa aleatória realizada apenas num recurso como a *Translation Studies Bibliography*.

Enquanto disciplina autónoma, os Estudos de Tradução encerram uma abordagem essencialmente descritiva, empírica, interdisciplinar e orientada para o texto e cultura de chegada que visa proceder à análise e ao estudo das traduções, como produtos socioculturais, com particular enfoque no seu papel crucial no domínio da história cultural. Tratando-se de uma disciplina que estuda os fenómenos associados à tradução nas suas mais diferentes formas e manifestações, esta abordagem essencialmente virada para os textos e culturas de chegada é claramente construída em oposição a outras abordagens mais prescritivas, formalistas e atomísticas, essencialmente orientadas para o texto e cultura de partida.

Refira-se, a propósito, que nos meios académicos e científicos, o crescente interesse pela tradução desenvolve-se a partir da década de 50 e tendo como base uma perspectiva essencialmente linguística, marcada por um significativo preconceito devido ao descrédito da tradução. O modo como os Estudos de Tradução iniciaram uma ofensiva contra o domínio do original e a consequente relegação da tradução para uma

posição de subserviência decorre dos trabalhos de Even-Zohar e dos seus colegas, em especial Gideon Toury, sobre a Teoria dos Polissistemas, nomeadamente através de uma crítica à linguagem usada, então, para falar da tradução (Bassnett 2001).

O principal responsável pelo nome da disciplina e pelo célebre mapa conceptual no qual se procede à sua sistematização taxonómica é James Holmes, autor de um texto fundador apresentado em 1972, sob o título “The Name and Nature of Translation Studies”, na Terceira Conferência Internacional de Linguística Aplicada, realizada em Agosto de 1972 em Copenhaga, em que a noção de mapa como metáfora da definição do território da disciplina é abordada, como alternativa à tradutologia, translologia ou ciência da tradução.

Com efeito, os Estudos de Tradução envolvem um posicionamento empírico orientado para a explicação e previsão dos fenómenos da tradução, como forma de permitir o desenvolvimento de uma teorização geral ou parcial, revelando um objectivo duplo:

(...) to describe the phenomena of translating and translation(s) as they manifest themselves in the world of our experience [designado *descriptive translation studies*]; to establish general principles by means of which these phenomena can be explained and predicted [descrito como *theoretical translation studies*]. (Holmes 1972, citado em Venuti 2000: 176)

Nesse documento seminal, Holmes descreve este novo domínio da investigação pura e aplicada “quite apart from any direct practical application outside its own terrain”, destacando três ramos que estarão na base desta disciplina, e que encontram tradução na Figura 3, abaixo. Os chamados *product-oriented DTS*, ou seja, os Estudos Descritivos de Tradução orientados para o produto, os *function-oriented DTS* (Estudos Descritivos de Tradução orientados para a função e finalidade, bem como o estudo da influência e valor da tradução no contexto de chegada, via mapeamento e cartografia de traduções) e, por último, os *process-oriented DTS*, ou seja, os Estudos Descritivos de Tradução direccionados para o processo.

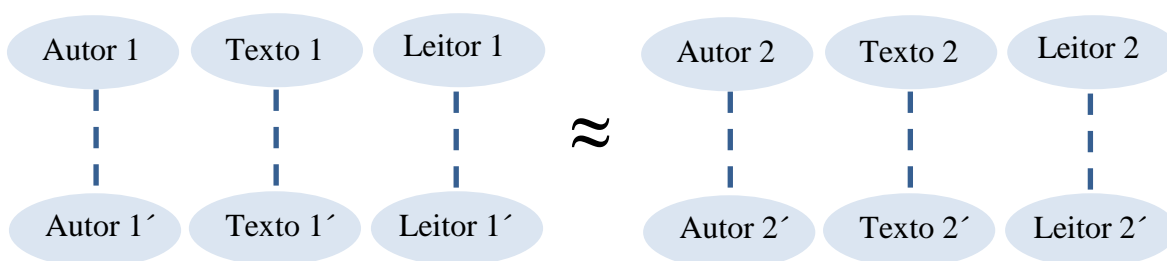
Ao definir o âmbito da investigação orientada para o produto, Holmes refere, por exemplo, a área dos *corpora*, bem como a história da tradução. Por outro lado, em termos funcionais destaca-se ainda o estudo daquilo que designa como ‘recipient socio-cultural situation’ das traduções, ou seja, colocando a tónica no estudo dos contextos socioculturais de recepção em detrimento dos textos. Esta área implica a análise dos textos que foram traduzidos num determinado espaço, local e tempo específicos, sendo

que, curiosamente, e para efeitos do presente trabalho, é precisamente aqui que Holmes defende o desenvolvimento do campo da sociologia da tradução, por ele classificada como ‘socio-translation studies’. No nosso caso, destacamos, de facto, a extrema importância do segundo ramo apontado por Holmes, e que abre caminho para várias interpretações em torno dos aspectos funcionais da tradução e que acabam por desaguar, por exemplo, nos aspectos sociais que pretendemos abordar com o nosso estudo.

Por último, os “process-oriented DTS” constituem aquilo que classifica como uma tentativa sistémica e sistematizada de revelar o conteúdo dessa “caixa negra” encerrada na mente do tradutor (“the little black box’ of the translator’s mind”), abrindo caminho para os aspectos cognitivos que muita da investigação recente recupera no âmbito dos estudos processuais, numa área designada como “translation psychology” ou “psychotranslation studies” (Holmes 1972, citado em Venuti 2000: 176-177).

Perante a necessidade de “take the translated text at it is” (Hermans 1985: 12-13) e, como tal, adoptar uma metodologia consistente e coesa para a análise dos fenómenos, van Gorp e Lambert, por exemplo, sugerem uma metodologia descritiva e interdisciplinar, capaz de trabalhar com esquemas comunicacionais mais abrangentes no âmbito da descrição das traduções como forma de detectar essa complexa rede de relações entre os sistemas literários.

De facto, no seu artigo de 1985, Lambert e van Gorp propõem-nos um modelo de análise e descrição das traduções inscritas em contextos socioculturais específicos, respondendo ao isolamento existente entre a teoria e a abordagem descritiva. Nesse texto, os autores apresentam o seguinte esquema que contém os parâmetros básicos característicos dos fenómenos de tradução, sintetizando aquilo que Even-Zohar e Toury referem a propósito da Teoria dos Polissistemas (Even- Zohar 1978; Toury 1980):



**Figura 1.** Proposta de esquema para descrição das traduções. Adaptado de Lambert & van Gorp, 1985.

Como legenda explicativa, Texto 1 significa o texto de partida, o Texto 2, o texto de chegada, sendo que o Autor 1 e o Leitor 1 pertencerão ao sistema do texto de



partida. Neste caso, o Autor 1' encontrar-se-á situado entre os autores oriundos do sistema do texto de partida, ao mesmo tempo que o Texto 1' e o Leitor 1' estão situados dentro do sistema de partida. O Sistema 1 refere-se, neste caso, ao sistema que engloba o texto de partida, o autor de partida e o leitor de partida. Pelo contrário, o Autor 2, o Texto 2 e o Leitor 2 encontrar-se-ão inscritos do sistema de chegada.

Este modelo enumera um conjunto de áreas de pesquisa que podem ser exploradas e que implicam uma pormenorizada análise de textos e dos seus meios de produção, tendo como principal vantagem o facto de permitir ultrapassar muitas das tradicionais ideias, profundamente enraizadas, quanto à “fidelidade” e mesmo “qualidade” da tradução, ideias que são sobretudo orientadas para a língua de partida e inevitavelmente normativas (1985). Para além disso, o modelo pode perfeitamente ser transferido para a análise dos textos técnicos, já que os autores nos relembram o facto de que o sistema não é única e exclusivamente aplicável aos fenómenos literários, partindo do pressuposto de que os sistemas não podem ser isolados do seu contexto cultural, social, religioso, institucional, entre outros.

Even the distinction between literary and non-literary translation turns out to be a purely theoretical problem, since we have to determine to what extent translations belong to a translational or to a literary system or to both. (Lambert & van Gorp 1985: 6)

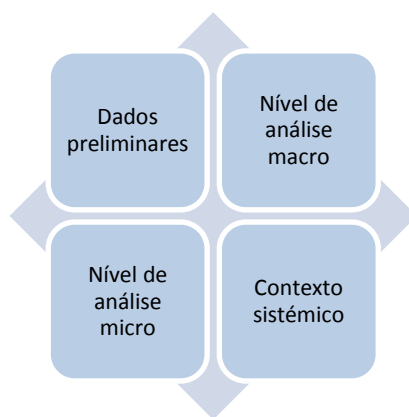
Dada a sua complexidade, o esquema prevê ainda uma abordagem e leituras dinâmicas, implicando a análise de todas as relações existentes dentro dos próprios sistemas, de acordo com as seguintes modalidades,

- T1 --- T2 (relações entre os textos individuais, ou seja, entre o original e as suas traduções)
- A1 --- A2 (relações entre os autores)
- R1 --- R2 (relações entre os leitores)
- A1 --- T1 \*\*= A2 --- T2 (intenções autorais, respectivamente nos sistemas de partida e de chegada, bem como as respectivas correlações existentes)
- T1 --- R1 \*\*= T2 --- R2 (pragmática e recepção nos sistemas de partida e de chegada, bem como as respectivas correlações)
- A1 --- A1', A2 --- A2' (situação do autor relativamente a outros autores, nos dois sistemas)
- T1 --- T1', T2 --- T2' (situação do original e da tradução, enquanto textos)

colocados em confronto com outros textos)

- R1 --- R1', R2 --- R2' (situação do leitor dentro de cada sistema)
- Sistema de Chegada --- Sistema Literário (as traduções dentro de uma dada cultura)
- Sistema (Literário) 1 --- Sistema (Literário) 2 (relações entre os dois sistemas, em termos de conflito ou harmonia).

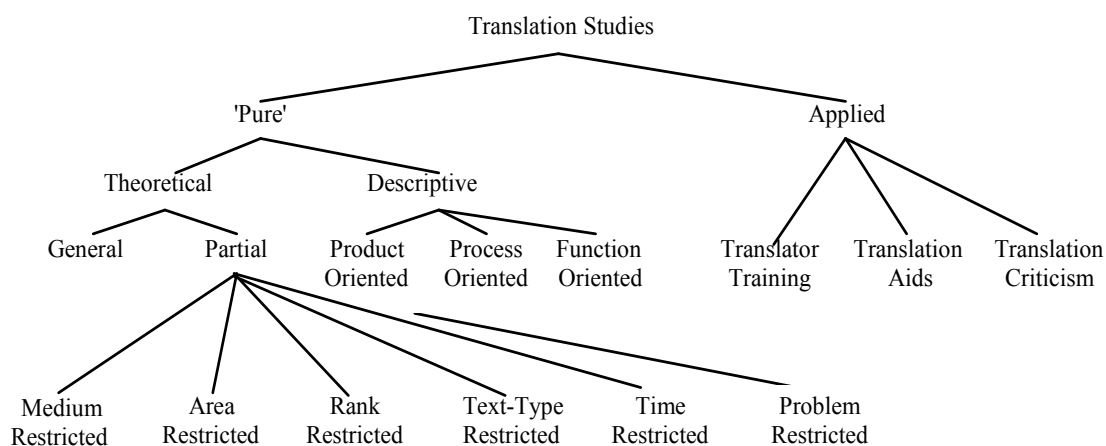
Neste contexto sistémico, os autores sugerem um modelo prático para o desenvolvimento de uma análise textual que permita descrever e testar as estratégias de tradução. Este modelo prevê uma divisão em quatro secções, partindo de uma análise macro e micro dos elementos textuais, conforme figura abaixo:



**Figura 2.** Esquema sintético para descrição de traduções. <sup>27</sup>

Contudo, a Gideon Toury se deve a abertura e legitimação do ramo dos Estudos Descritivos de Tradução, graças à apresentação de uma metodologia sistemática e sistematizada susceptível de permitir que os estudos de caso individuais, as percepções, hipóteses e resultados possam ser replicados, comparados e ajustados, tendo como finalidade a identificação de padrões e regularidades recorrentes ao nível dos aspectos discursivos, linguísticos e textuais, e que permitam a sua ligação ao comportamento e atitudes dos tradutores e, em última análise, à própria formulação de leis probabilísticas da tradução. E, de igual forma, a Toury se deve a tradução e disseminação da taxonomia de Holmes, através do seu texto de 1995, recentrando o debate nas razões contextuais da tradução, contexto linguístico, intertextualidade literária e situacionalidade sociocultural (Holmes 1988/2000).

<sup>27</sup> Temos perfeita noção da importância deste modelo, bem como da relativa impossibilidade de aplicar na sua totalidade esta matriz a textos tão díspares, pluridisciplinares, transitórios e fortemente marcados como as traduções de carácter técnico e especializado que apresentamos no anexo 21, não sendo esse o objectivo, já que não se enquadra no âmbito do nosso estudo.



**Figura 3.** Taxonomia de Holmes aplicada aos Estudos de Tradução (adaptado de Toury 1991:181).

Tal como Toury apresenta, só uma perspectiva multidisciplinar conseguirá lidar com a vasta gama de diferentes fenómenos que são convocados pela tradução. Os textos são encarados como factos empíricos situados na base do estudo descritivo, o que implica a reorientação do paradigma dos estudos em tradução, bem como a sua historicidade.

Considerando as traduções como factos culturais geradores de uma rede de relações textuais, ou seja, “facts of target cultures” (Toury 1995: 29), Toury aponta três métodos de análise, nomeadamente a identificação e descrição dos textos na cultura alvo ou de chegada, o desenvolvimento e aplicação de uma análise comparativa entre os textos de partida e de chegada e, por último, a identificação de regularidades e a formulação de generalizações.

De igual forma, para os DTS, o tradutor é claramente identificado como um agente social histórico, sendo que, neste caso, ser tradutor envolve a capacidade de desempenhar um papel social de acordo com uma série de normas translatórias intersubjectivas. Toury defende ainda a existência de três tipos de normas, como veremos mais tarde: iniciais, preliminares e operacionais. De facto, dentre as várias extensões dos Estudos de Tradução o legado de Toury, enquadrado na noção de normas, constitui um valiosíssimo recurso pela forma como abre a tradução ao mundo, encarando-a como uma actividade social, enquanto *interface* teórico operacional entre a tradução e os seus contextos.

Conforme refere Theo Hermans, “the net result of the new approach to translation is, on the one hand, a considerable widening of the horizon, since any and all phenomena relating to translation, in the broadest sense, become objects of study” (Hermans 1985: 14), justificando assim o enfoque na natureza sistémica dos fenómenos

translatórios, por um lado, através da deslocação dos textos individuais para *corpora* de maior dimensão e abrangência e, por outro, por intermédio do estudo das normas e comportamentos individuais e colectivos em jogo.

De facto, e na esteira dos trabalhos de Toury, Hermans, Lambert ou Even-Zohar, os Estudos de Tradução são hoje genericamente descritos como ancorados especificamente nos textos e nas suas traduções, no sentido mais contextual do termo, visando testar hipóteses, descrever, compreender e explorar as regularidades descritas e, em última análise, prever cenários futuros.

Com os Estudos de Tradução assiste-se igualmente ao nascimento de uma disciplina fortemente marcada por uma considerável componente de interdisciplinaridade e abertura, capaz de beber em várias áreas e disciplinas vizinhas, alicerçada na identificação das relações estabelecidas entre textos em trânsito entre línguas e culturas diferentes.

Tal como refere Peter Flynn, apesar da tentativa de apresentar um modelo sistémico abrangente do campo dos Estudos Descritivos de Tradução, será igualmente importante identificar se, tendo em conta o seu enfoque claramente textual, a tão propalada perspectiva sociológica que advoga e enquadra no domínio *function-oriented* não correrá o risco de se transformar numa mera análise histórica dos textos, reduzindo a sociologia e o contexto a simples metáforas (Flynn 2005: 33).

Por outro lado, no âmbito dos *process-oriented DTS*, a figura do tradutor é, muitas vezes, encarada como uma mera entidade pensante e reprodutora de normas e não como um ser social, enquanto agente individual dotado de autonomia (Meylaerts 2008). Com efeito, uma das críticas geralmente imputadas aos DTS reside no facto de não incidir de forma suficiente no papel e função do tradutor como um agente que trabalha em função de um conjunto específico de circunstâncias.

De facto, no âmbito das várias “viragens” que afectaram o território dos Estudos de Tradução, o crescente interesse pelo papel do tradutor e não tanto no produto traduzido, revela uma forte inclinação para a sociologia da tradução, sobretudo graças à influência de nomes como Pierre Bourdieu e Daniel Simeoni, como veremos, e que naturalmente segue o desenvolvimento e a expansão de uma interdisciplina para áreas vizinhas e limítrofes, com as inegáveis sobreposições, resultante da sua permeabilidade e instabilidade e, ao mesmo tempo, da vitalidade, flexibilidade e dinamismo.

De facto, partindo da combinatória com outros campos, disciplinas e domínios, o objectivo último dos DTS será testar e aplicar hipóteses que permitam desenvolver

princípios, teorias e modelos que possam ser facilmente replicados noutros âmbitos e, ao mesmo tempo, permitam explicar e prever o resultado das traduções na língua e cultura de chegada.

Holmes encarava a componente teórica dos Estudos de Tradução, também conhecida como teoria da tradução, como sendo essencialmente dedicada aos seguintes aspectos:

“[D]escriptive, theoretical, and applied translation studies have been presented as three fairly distinct branches of the entire discipline, and the order of presentation might be taken to suggest that their import for one another is unidirectional, translation description supplying the basic data upon which translation theory is to be built, and the two of them providing the scholarly findings which are to be put to use in applied translation studies. In reality, of course, the relation is a dialectical one ... Translation theory cannot do without the solid specific data yielded by research into descriptive and applied translation studies, while on the other hand one cannot even begin to work in one of the other two fields without having at least an intuitive theoretical hypothesis as one’s starting point. (Holmes 1972, citado em Venuti 2000: 183)

Fazendo eco das palavras de Holmes, Hatim e Mason (1990) definem tradução como um processo essencialmente comunicativo que decorre dentro de um contexto social específico e, ao mesmo tempo, uma transacção comunicativa que ocorre dentro de uma estrutura e contexto sociais, e no decurso do qual há uma clara negociação de sentido entre o produtor e o receptor dos textos, sendo que a tradução mais não será do que a prova dessa mesma transacção (Hatim & Mason 1990: 3-4).

Com efeito, retomamos este apontamento para reiterar o carácter crucial do contexto sociocultural que enquadra os fenómenos e que permite a análise dos textos que circulam nos dois sistemas, possibilitando ainda a sua inserção num contexto social claramente demarcado e que envolve instâncias de interação entre os vários agentes envolvidos no processo.

Consequently, it is important to judge translating activity only within a social context. Before there is a translation, for example, there has to be a need for translation. The need may be client-driven, as when someone commissions, asks for or otherwise requires a translation; it is often market-driven, when publishers perceive demand for a work of foreign literature; it may even be translator-driven, as when a work of ancient literature is translated or re-translated because someone feels that, by doing so, he or she can communicate something new. (Hatim & Mason 1990: 12-13)

Tal como pretendemos sublinhar, nos últimos anos, registou-se uma mudança de paradigma no âmbito dos Estudos de Tradução, transitando de uma abordagem formal para uma abordagem mais sistémica e funcional, denotando um claro predomínio da tradução como um acto social desenvolvido por actores no âmbito de circunstâncias específicas e sob determinados constrangimentos. Assim sendo, uma das principais razões pelas quais é importante investigar os fenómenos sociais e culturais que gravitam em torno da tradução, reside no facto de podermos aferir como é que os tradutores se posicionam e encaram o seu trabalho e, ao mesmo tempo, quais as suas percepções sobre a actividade. E, na verdade, efectivamente, a melhor forma de chegar a esse resultado consiste em colocar perguntas aos respondentes que constituem o nosso universo de estudo em confronto com o produto do seu trabalho, em diálogo e articulação com o contexto sociocultural e situacional envolvente, reconhecendo a importância do aspecto social e individual na tradução.

De que forma é que uma abordagem sociológica nos ajuda, então, a circunscrever e a cartografar o campo onde se insere a prática tradutológica destes profissionais, recorrendo a uma metodologia etnográfica e quantitativa susceptível de apresentar dados descritivos sobre as trajectórias profissionais, percepções socioprofissionais e enquadramento social dos agentes da tradução?

Conforme destaca Peter Flynn trata-se de uma metodologia bastante eficaz já que nos fornece informações preciosas sobre a profissão de tradutor (Hermans & Lambert 1998: 74), já que a abordagem empírica privilegia o estudo do contexto, da actividade, dos valores e dos usos que os tradutores incluem no seu discurso, em confronto com o textos produzidos em contexto profissional.

Mais recentemente, Andrew Chesterman (2009) glosa o título de Holmes e, subvertendo-o, introduz uma pequena e subtil *nuance*, sob a designação de “The Name and Nature of TranslaTOR Studies”, alegando a imperiosa necessidade de abrir espaço para o desenvolvimento deste novo subramo dentro da disciplina mais vasta dos Estudos de Tradução face à sua aparente subrepresentação no diagrama de Holmes:

As a simple preliminary definition, let us say Translator Studies is the study of translators (and of course interpreters). Of course, all research on (human) translations must surely at least imply that there are indeed translators behind the translations, people behind the texts. But not all translation research takes these people as the primary and explicit focus, the starting point, the central concept of the research question. (Chesterman 2009)

Este reenquadramento dos Estudos de Tradução resultante da centralização do enfoque na figura do tradutor como elemento individual e agente representa um avanço considerável pela abertura a áreas convergentes, há muito referenciadas por vários teóricos, com especial destaque para a Sociologia da Tradução.

De facto, e apesar do profético pronunciamento de Holmes acerca de uma eventual abertura à chamada “sociologia da tradução” como uma possível área de investigação dentro da disciplina, Chesterman enquadra esta alteração de paradigma naquilo que, recentemente, tem sido designado como a “viragem sociológica” no domínio dos Estudos de Tradução. Com efeito, já em 2006 Chesterman (Chesterman 2006) avançava para uma tripartição deste novo subramo, em torno de três eixos fundamentais:

Sociologia das Traduções
Sociologia dos Tradutores
Sociologia do Processo de Tradução

**Figura 3.** Três eixos fundamentais da Sociologia da Tradução, segundo Chesterman, 2006.

De facto, e como referenciámos, o modelo de Holmes parece dedicar alguma atenção ao estudo da sociologia das traduções como produtos num mercado internacional, sobretudo pela forma como, no âmbito da investigação funcional, é referida a importância da recepção das traduções no contexto sociocultural de chegada.

Em termos operacionais, Chesterman caracteriza os últimos dois itens acima indicados, descrevendo a sociologia dos tradutores como sendo essencialmente direccionada para todas as questões que envolvem o estatuto dos diferentes tipos de tradutores nas mais diferentes culturas, bem como honorários, remuneração, condições de trabalho, “role models” e o *habitus* do tradutor, organizações profissionais, sistemas de acreditação e certificação profissional, redes de tradutores e direitos de autor.

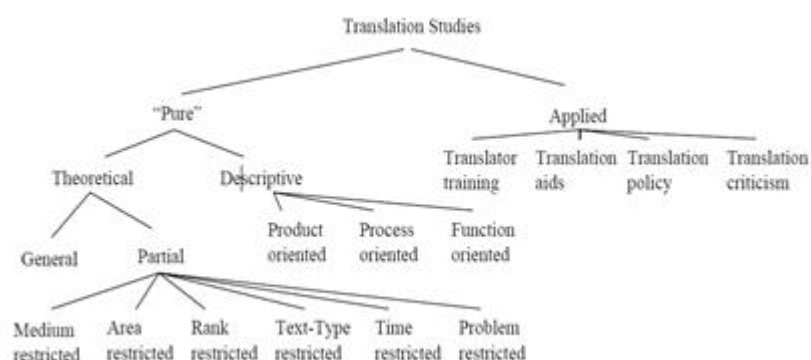
Este é, na verdade, o campo em que o nosso projecto se enquadra, sobretudo tendo em conta a forma como estas variáveis acabam por afectar e condicionar as percepções e atitudes dos tradutores em contexto laboral, bem como o respectivo posicionamento social. Chesterman engloba ainda o próprio discurso público sobre a tradução nesta categoria, bem como as atitudes dos profissionais acerca do seu trabalho, reveladas em ensaios, entrevistas, prefácios e notas.

A par do conceito de *skopos*, enquanto finalidade, efeito ou objectivo da tradução, o autor acaba por propor o termo grego *telos*, enquanto propósito ou finalidade, entendido como referindo-se aos objectivos ou interesses que os indivíduos colocam nas suas acções, para descrever as motivações pessoais dos tradutores, onde se incluem as razões e motivações subjacentes à profissão, por exemplo, associadas a questões éticas e à percepção pública sobre o estatuto da profissão.

Por último, o terceiro vector estruturante diz respeito à *sociologia do processo de tradução*, relacionada com o estudo das fases que envolvem e configuram a actividade profissional, nomeadamente as práticas e processos de trabalho, rotinas de trabalho, procedimentos de controlo e certificação da qualidade, revisão, fases do processo de tradução, gestão de projectos ou ainda a dimensão relacional com os outros agentes envolvidos da profissão, como clientes, colegas e pares, e que tem como base o conceito de “normas”.

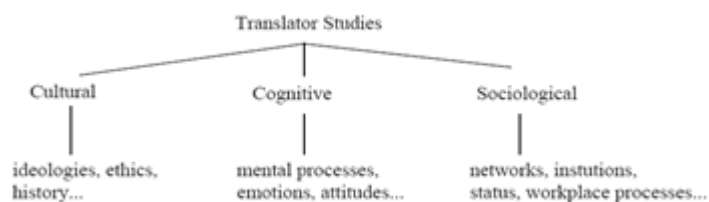
Por isso, Chesterman reformula o modelo de Holmes, apresentando um novo mapa, onde a componente sociológica surge com lugar de destaque dentro do ramo dos Estudos do Tradutor:

The sociological branch deals with translators’/interpreters’ observable behaviour as individuals or groups or institutions, their social networks, status and working processes, their relations with other groups and with relevant technology, and so on. All three branches comprise both theoretical and descriptive studies, and also pure and applied studies. (Chesterman 2009: 19)



**Figura 4.** Mapa de Holmes (baseado em Holmes, 1988).





**Figura 5.** Esboço dos Estudos do Tradutor (adaptado de Chesterman, 2006)

Reformulando a definição de “Translator Studies”, Chesterman adianta que a este novo domínio abrange sobretudo e explicitamente os agentes envolvidos na tradução, nomeadamente ao nível das suas actividades, atitudes, interacção com o seu enquadramento técnico e social, ou ainda a sua história e influência, essencialmente centrado naquilo que classifica como o modelo do agente, que retomaremos com mais detalhe na secção seguinte:

A sociological perspective also forces us to adjust our traditional models of the object of our research. I have elsewhere (e.g. Chesterman 2000) suggested that TS has typically made use of three general models of translation. The first is a comparative model, based on comparing two bodies of text, such as source text and target text or translations and non-translations. The second is a process model, looking at phases of the translation process over time, either at the cognitive level of decision-making or at the observable level of translator behavior and workplace procedures. The third is a causal model, with many variants. However, the kind of work cited above suggests that some scholars are now using an additional general model focusing not on translations as texts, nor even on the translation process, but on the translators themselves and the other agents involved. Perhaps we could call this the *agent model*. (Chesterman 2009: 20)

## NORMAS, *HABITUS* E AGÊNCIA

Tendo em conta a sua dimensão orientada para o processo, produto e função, conforme as três variantes apontadas no modelo de Holmes (1972) para os Estudos Descritivos de Tradução (doravante designados pela sigla DTS), a tradução, encarada, em particular, como um produto, é o ponto de partida para qualquer investigador interessado em descrever os reais contornos dos textos disponíveis na língua e cultura de chegada, bem como a sua função, posição e estatuto que ocupam no seu espaço socio-cultural. Esta perspectiva dos DTS essencialmente orientada para o texto e cultura de chegada pode ser, neste caso, ilustrada pela caracterização de Gideon Toury das traduções como “factos da cultura de chegada”, dotados de um estatuto especial e, porventura, constituindo sub(sistemas) identificáveis e autónomos (Toury 1995: 29).

Reconhecemos, no entanto, a importância e o contributo da Teoria dos Polissistemas, de Itamar Even-Zohar (Even-Zohar 1978), como um elemento fundamental pela forma como nos oferece um modelo geral de entendimento, análise e descrição do funcionamento e evolução dos sistemas literários, bem como da sua real aplicação ao estudo da literatura traduzida, enquanto área relativamente marginalizada pela teoria da literatura, e pela forma como abre caminho para uma concepção mais dinâmica e sistémica da circulação dos produtos traduzidos:

In other words, not only is the socio-literary status of translation dependent upon its position within the polysystem, but the very practice of translation is also strongly subordinated to that position. (...) Seen from this point of view, translation is no longer a phenomenon whose nature and borders are given once and for all, but an activity dependent on the relations within a certain cultural system. (Even-Zohar, *in* Venuti 2000: 197)

Tanto o trabalho de Toury, como os DTS, em geral, abrem o campo de visão da tradução como uma actividade envolvendo comportamentos fluídos e socialmente enquadrados, ultrapassando a simples concepção da tradução como uma mera transferência de sentido estática. A grande vantagem dos DTS reside no facto de recentrar o debate, colocando a tónica nos contextos socio-culturais e históricos que envolvem o acto de tradução como um processo de tomada de decisão e um comportamento socialmente contextualizado (Toury 1995: 249ff).

Partindo de uma abordagem interdisciplinar, conjugando técnicas e modelos de investigação qualitativos e quantitativos, recorreremos a algumas das ferramentas

utilizadas no âmbito das Ciências Sociais para analisar a tradução como um fenómeno social e discursivo, a partir de uma perspectiva sociológica e etnográfica, alterando o nosso enfoque e transitando do texto como um “produto cultural simbólico” (Bourdieu 1984, Even-Zohar 1990, Toury 1995)<sup>28</sup>, para outros domínios complementares, marcados por dinâmicas sistémicas e contextuais específicas, onde os indivíduos agem e interagem, se organizam e evoluem social e profissionalmente, construindo a sua identidade profissional e empresarial numa relação face aos outros actores e agentes envolvidos no processo.

Conscientes da relativa impossibilidade de atingir tal desígnio, sobretudo pelo apagamento da componente textual *tout court*, algumas das nossas principais hipóteses de trabalho foram direccionadas para a tentativa de aferir, sobretudo, essas questões essencialmente intangíveis que, muitas vezes, correm o risco de escapar a um tipo de análise meramente quantitativo, porque invisíveis e incorpóreas, designadamente profissionalismo e cultura profissional, num terreno volúvel e instável, face às dinâmicas dispersivas de um grupo de indivíduos, também ele profundamente marcado pela volatilidade.

E, em especial, a tensão latente entre o individual e o colectivo, e a forma como, em termos metodológicos, é possível fixar as dinâmicas relacionais dos tradutores com as suas próprias normas como forme de aferir o seu posicionamento social e cultural no espaço de chegada. Queremos, em concreto, alicerçar a nossa posição no pronunciamento de Reine Meylaerts ao identificar precisamente aquilo que designa como:

(...) an (often implicit) continuous tension between the personified collective level of norms and the individual level of the translator (here as an hypothetical construct). In methodological terms, this means that a conceptualization of norms, of collective structures by definition, requires a conceptualization of the translator, of the agency “behind” the norms, and indeed of the relationship between the two. (Meylaerts 2008: 92)

Como já vimos, há uma relação profunda entre estas concepções e a forma como muita da teoria formulada no âmbito dos Estudos de Tradução pensa e reflecte sobre o fenómeno da tradução. Desde logo, podemos apontar o modo como Toury, na esfera

---

<sup>28</sup> “(...) a consumer may “consume” a product, produced by a producer, but in order for the “product” (such as “text”) to be generated, a common repertoire must exist, whose usability is determined by some institutions. A market must exist where such a good can be transmitted. None of the factors enumerated can be described to function in isolation, and the kind of relations that may be detected run across all possible axes of the scheme.” (Even-Zohar 1990: 34, 1997 e 2005)

dos Estudos Descritivos de Tradução, conceptualiza os fenómenos inerentes à produção e circulação das traduções em contexto diacrónico e sincrónico, associado ao conceito de normas (Toury 2004). Ou ainda a tentativa de operacionalização do conceito de normas por parte de Andrew Chesterman (1993 e 1997), direccionando o olhar para as normas profissionais, por exemplo, bem como a noção de “redes” e “régimes” (Pym 1988)<sup>29</sup>, *habitus* (Simeoni 1998 e Gouanvic 2005) e, mais recentemente, o aporte sociológico trazido por Wolf e Fukari (2004 e 2007), perspectivas estas que se pretendem ancoradas no social.

Por exemplo, no seu trabalho seminal sobre normas, já aqui abordado, “The Nature and Role of Norms in Translation” (1995), Toury identifica o papel eminentemente social daquilo que designa como “translatorship”, requisito prévio para o posicionamento profissional no tradutor:

Consequently, 'translatorship' amounts first and foremost to being able to *play a social role*, i.e., to fulfil a function allotted by a community -- to the activity, its practitioners and/or their products -- in a way which is deemed appropriate in its own terms of reference. The acquisition of a set of norms for determining the suitability of that kind of behaviour, and for manoeuvring between all the factors which may constrain it, is therefore a prerequisite for becoming a translator within a cultural environment. (Toury 1995)<sup>30</sup>

Nesse artigo, o autor (1995: 53-69) insiste ainda na dimensão essencialmente sociocultural dos constrangimentos que afectam o acto de tradução. Tal como refere, é precisamente do lado da cultura de chegada que convém investigar com especial atenção esses constrangimentos e condicionalismos, que se manifestam tanto ao nível das condições de execução da própria tradução, como ao nível das próprias estratégias dos tradutores.

Nesse momento, Toury identifica duas grandes fontes que nos permitem reconstruir as normas translatórias, nomeadamente os factores textuais, onde o autor inclui os próprios textos traduzidos, e os extratextuais, que serão compostos por “formulações semiteóricas ou críticas”, nomeadamente as teorias prescritivas em torno da tradução, afirmações e pronunciamentos feitos pelos tradutores, editores, clientes,

---

<sup>29</sup> "Deux aspect peuvent nous permettre de distinguer 'régime' et 'système.' D'une part, la notion d'"acteurs indépendant" renvoie à un théâtre pour lequel le drame n'a pas encore été écrit: on ne présuppose pas la sorte de cohérence que pourrait imposer un auteur unique ou une grande puissance mondiale. D'autre part, et surtout, la "matière" d'un régime n'est pas tant tout ce qui se passe au niveau matériel d'un réseau, que les "attentes" même des acteurs ... leur perception des rapports internationaux actuels, futurs, ou souhaitable" (Pym 1998: 13).

<sup>30</sup> Toury, Gideon (1995) "The Nature and Role of Norms in Translation". in *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 53-69.

bem como de outros agentes ou actores envolvidos, ou directa ou indirectamente ligados à actividade. No entanto, para o autor, existe uma diferença fundamental entre estes dois modelos de abordagem:

There are two major sources for the study of translational norms: (1) textual: the translated texts themselves (for both groups of norms) and an analytical inventory (i.e., a pseudotext) of translations (for preliminary norms); (2) extratextual: semi-theoretical or critical formulations, such as prescriptive theories (or poetics) of translation, statements made by translators, editors, publishers, and other persons involved in or connected with translation, in public as well as in private, critical appraisals of single translations, and so forth. (op. cit. 57)

Para Toury, os textos são considerados como “*primary products of norm-regulated behavior*”, ou seja, como produtos que encerram e representam um comportamento orientado por normas. Pelo contrário, aquilo que ele designa como “pronunciamentos normativos” mais não serão do que “subprodutos” das práticas translatórias, sucedâneos da existência e actividade das próprias normas, enquanto categoria para a análise descritiva dos fenómenos da tradução (Toury 1995: 56-57).

No âmbito da teorização normativa, os resultados obtidos através de uma metodologia como o trabalho de campo inserir-se-iam eventualmente no domínio das fontes “extratextuais” acima citadas. Neste sentido, será legítimo afirmar que as fontes e pronunciamentos extratextuais deverão, como tal, ser unicamente considerados como “subprodutos” da existência e da actividade das normas, logo parciais e enviesados, devendo, por conseguinte, “ser tratados com a maior circunspeção possível” (op. cit. 1995). Esta “prudência” a que o autor se refere, pode e deve ser observada no trabalho de campo e nos seus métodos. Tal como afirmava Toury num seminário realizado na Universidade de Tarragona, intitulado *Sociocultural Approaches to Translation: Taking Positions*, em Janeiro de 2005:

I started being more and more interested in methodology, not in theory.

I was never interested in theory *per se*. My question was always:

How are we going to justify the way we do research. (Toury 2005)

De facto, para além da análise das fontes textuais, o estudo das normas pode ser ainda completado pela análise das fontes extratextuais, nas quais vamos incluir, por exemplo, alguns manuais e textos prescritivos ou códigos de prática ou conduta, enquanto elementos consubstanciadores de uma natureza orientada para a definição e

aplicação de normas no âmbito de uma determinada comunidade profissional. Outras formas de fontes textuais poderão incluir entrevistas com tradutores ou revisores, bem como as observações obtidas em contexto de trabalho, através da observação participante dos profissionais durante o processo de tradução. Desta forma, os dados assim obtidos, através da identificação de padrões e regularidades recorrentes, poderão ser posteriormente corroborados através dos traços obtidos a partir de um *corpus* específico de traduções, via triangulação.

No presente caso, interessa-nos, em concreto, recuperar a definição de Andrew Chesterman de “normas profissionais”, enquanto instâncias reguladoras dos métodos e estratégias desenvolvidos durante o processo de tradução, como um subconjunto das normas comportamentais (“behavioural norms”) que, no fundo, estarão na origem das normas de tradução, *lactu sensu*. No seu artigo de 1993, “From ‘Is’ to ‘Ought’: Laws, Norms and Strategies in Translation Studies”, Andrew Chesterman reformula e especifica o conceito de “normas” factuais de Toury (1995), procedendo a uma divisão entre aquilo que designa como “expectancy norms” (ou normas de expectativas) e “professional norms” (normas profissionais), decorrentes de dois dos subconjuntos de onde emanam as normas translatórias, a saber, o comportamental e o linguístico-textual (Chesterman 1993: 8).<sup>31</sup>

A distinção entre normas profissionais e normas de expectativas é especialmente pertinente no contexto dos Estudos de Tradução, pelo que merece uma análise mais aprofundada neste domínio, partindo do pressuposto de que a prática translatória é, na sua essência, uma actividade funcional, socialmente enquadrada e culturalmente circunscrita, orientada por um conjunto díspar de normas que são reconhecidamente detectáveis através da análise e confronto das traduções com os seus agentes.

No entanto, e na esteira de Toury (1995), Andrew Chesterman reformula e especifica essa categorização, procedendo a uma reclassificação das normas que regem a tradução, onde, entre outras, vamos encontrar a noção de “accountability”, comunicação e relação entre o texto de partida e o texto de chegada:

- (a) Professional norms concerning the translation process (=norms of accountability, communication and target-source relation); and (b) expectancy norms concerning the form of the translation product, based on the expectations of the prospective readership. While general translation laws account for the behaviours of translators in general, normative laws describe the translation behavior of a subset of translators, namely, competent professionals,

---

<sup>31</sup> Chesterman, Andrew (1993) “From ‘Is’ to ‘Ought’: Laws, Norms and Strategies in Translation Studies”. *Target* 5:1, pp.1-20.

who establish the norms. Normative laws originate in rational, norm-directed strategies which are observed to be used by professionals (Chesterman 1993)<sup>32</sup>

No entanto, para efeitos de clarificação conceptual, Andrew Chesterman define “professional norms” como normas constituídas por aquilo que configurará “um comportamento profissional competente”.

They are, in effect, kinds of production norms; governing the accepted methods and strategies of the translation process. Some professional norms control detailed aspects of translational behaviour such as source text analysis, needs analysis of the prospective readership, professional use of reference material and so on” (Chesterman 1993: 8).

Por seu turno, estas normas profissionais subsumem-se em três tipos de ordens superiores, onde vamos encontrar a chamada “accountability norm” **(a)**, segundo a qual o tradutor deverá agir em conformidade com os valores de ética e integridade, respeitando o autor, o cliente e o leitor/público-alvo, a “communication norm” **(b)**, no âmbito da qual o tradutor deve agir de forma a otimizar a comunicação entre o autor, o cliente e leitor/público-alvo; e, por último, a “relation norm” **(c)**, que implica o estabelecimento e a manutenção de uma relação adequada entre o texto de partida e o texto de chegada, algo que é determinado por idênticas variáveis, nomeadamente o autor, o cliente e o leitor/público-alvo (Chesterman 1993).

Chesterman considers that society establishes norms based on the behaviour of competent professionals, in other words theirs is approved behaviour; since Chesterman only studies competent professionals, his method captures the normative (even though the definition of “competent professional” is problematic). (Brownlie 1999)<sup>33</sup>

O conceito de normas profissionais como sendo caracterizadas, na sua essência, por um comportamento profissional competente tem sido analisado por várias correntes e autores, entre os quais destacamos Christiane Nord (1991)<sup>34</sup>, Theo Hermans (1996)<sup>35</sup>,

---

<sup>32</sup> Ver, a propósito, Sela-Sheffy 2008: 81 e Even Zohar 1978 e 1997.

<sup>33</sup> Brownlie, S. (1999) "Investigating Norms. In *Translation and the (Re)location of Meaning. Selected Papers of the CETRA Research Seminars in Translation Studies 1994-1996*, ed. Jeroen Vandaele, 7-21. Leuven, Belgium: CETRA, 1999.

<sup>34</sup> Nord, Christiane (1991) “Scopos, Loyalty, and Translational Conventions”, *Target* 3:1, pp.91-109.

<sup>35</sup> Hermans, T. (1996) ‘Norms and the Determination of Translation: A Theoretical Framework’. In R. Álvarez & C.-Á. Vidal (eds) *Translation, Power, Subversion* (pp. 25-51). Clevedon: Multilingual Matters.

Christina Schäffner (1999 e 2010)<sup>36</sup> e, mais especificamente, Gideon Toury (1995, 1998 e 1999):<sup>37</sup>

Norms have long been regarded as the translation of general values or ideas shared by a group — as to what is conventionally right and wrong, adequate and inadequate — into performance instructions appropriate for and applicable to particular situations, specifying what is prescribed and forbidden, as well as what is tolerated and permitted in a certain behavioural dimension (the famous ‘square of normativity’, which has recently been elaborated on with specific regard to translation, e.g. in De Geest, 1992: 38–40). They do so even if one refuses to accept that values act as causal elements of culture, as a sort of ultimate ends towards which action is directed, and maintains instead that culture influences action not by providing the ultimate values toward which action is oriented, but by shaping a repertoire or ‘tool kit’ of habits, skills, and styles from which people construct ‘strategies of action’. (Swidler 1986: 273)

As long as there is such a thing as appropriate vs. inappropriate behavior (according to an underlying set of agreements), there will be a need for performance instructions as well. In a way, then, norms may be seen as part of Swidler’s ‘tool kit’: while they may not be ‘strategies of action’ in themselves, they certainly give rise — and lend justification — to such strategies. (Toury 1998: 15 e 16)<sup>38</sup>

Recentemente, como vimos, as teorias e conceitos da sociologia foram introduzidos neste modelo como uma ferramenta susceptível de justificar e explicar a natureza essencialmente social da tradução como um processo comunicativo, com especial incidência no papel activo dos tradutores como agentes. Daí que o nosso enfoque seja, de forma prioritária, mas não exclusiva, a dimensão social, isto é, a análise no domínio da chamada “social research”, através da qual pretendemos mapear e cartografar a dimensão relacional e profissional dos tradutores e o respectivo enquadramento ao nível do mercado da tradução.

Tratando-se de um tema absolutamente transversal, exige, portanto, uma abordagem metodológica também ela eminentemente interdisciplinar. Tal como referido por vários autores, nomeadamente Gideon Toury (1980, 1995), Mary Snell-Hornby (1988)<sup>39</sup>, Anthony Pym (2000)<sup>40</sup> e Michaela Wolf (2007), entre outros, a tradução é facilmente encarada como um espaço de interdisciplinaridade onde é possível convocar

---

<sup>36</sup> Schäffner, Christina (ed) (1999) *Translation and Norms*. Multilingual Matters. Clevedon.

Schäffner, Christina (2010) “Norms of translation”. in *Handbook of Translation Studies*. Yves Gambier & Luc van Doorslaer (eds.), 235–244.

<sup>37</sup> Toury, Gideon (1995/1995) *Descriptive Translation Studies and Beyond*, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.

<sup>38</sup> Cfr ‘square of normativity’ de De Geest 1992.

<sup>39</sup> Snell-Hornby, Mary (1988) *Translation Studies: An Integrated Approach*. Amsterdam and Philadelphia, PA: John Benjamins Publishing Company.

<sup>40</sup> Pym, Anthony, Shlesinger, Miriam & Jettmarová, Zuzana (eds) (2006) *Sociocultural Aspects of Translating and Interpreting*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.



actores, perspectivas e posicionamentos emprestados de outras disciplinas e áreas científicas.

No seu recente livro sobre tradução nos média, Susan Bassnett e Esperança Bielsa falam dos Estudos de Tradução e do modo como a disciplina foi adquirindo um estatuto híbrido e versátil, pela forma como, pela sua plasticidade, se foi moldando a diferentes paradigmas e modelos:

The emergence of translation studies as a distinctive field of research has had considerable impact across a number of disciplines since its early tentative beginnings in the late 1970s. Opinion is divided as to whether or not translation studies can be classified as a discipline in its own right, and the term “interdiscipline” is probably the most favoured term at present (Snell-Hornby et al., 1994, citada em Bielsa & Bassnett 2009: 4)

Para além de ser um espaço multidisciplinar, a investigação no terreno em torno dos fenómenos sociais que envolvem a tradução, ou seja, aquilo que designaremos por “fieldwork” ou trabalho de campo, recorrendo a um termo utilizado por Peter Flynn no âmbito do seu estudo (Flynn 2009), é também marcada por uma forte componente de interdisciplinaridade, já que são várias as disciplinas que convergem para a produção de sentido e significação do estudo dos perfis e percepções socioprofissionais neste domínio.

Tal como refere Michaela Wolf, advogando uma espécie de “viragem social”, estamos perante um espaço de enorme vitalidade, pela riqueza do diálogo e da miscigenação conceptuais:

In the humanities, interdisciplinary projects are an especially important contribution to the rise and subsequent establishment of “turns”, which question both existing paradigms and allegedly definitive certainties, and additionally offer innovative potential for productive new research areas and methodologies” (Wolf 2007: 2)

---

Com efeito, a ligação entre visibilidade, invisibilidade, “accountability” e a noção de agência é, neste ponto, vital. De facto, este conceito de “agency” (que traduziremos por “agência”) foi utilizado por Andrew Chesterman, no já citado artigo sobre os “Estudos do Tradutor” (Chesterman 2009) e retomado por vários autores (Baker 2010, Abdallah 2010, Gambier 2010), entre os quais, Tuija Kinnunen e Kaisa Koskinen (2010) para congregar alguns esforços em torno de um volume especialmente

dedicado ao tema, intitulado *Translators' Agency*, dedicado à análise das redes relacionais desenvolvidas e geradas no âmbito da tradução pelos seus agentes.

Nesta obra, “agency” surge como um conceito que permite enquadrar a tradução de acordo com um enfoque mais sociológico e, ao mesmo tempo, analisar os papéis desempenhados pelos tradutores, intérpretes e mediadores culturais, enquanto actores sociais, olhando para a actividade como reunindo mecanismos sociais específicos e ocorrendo no âmbito de uma rede de relações colectivas. Por “agency”, as autoras consideram “the willingness and ability to act”, revelando um modelo que tem a sua génese nos estudos desenvolvidos no âmbito da Economia, e que parte de uma análise das relações contratuais, ao nível do sujeito activo-sujeito passivo. Neste caso, o conceito serve para analisar a cooperação a partir de um ponto de vista económico em termos de relações agente-principal, nas quais, uma das partes, o principal, delega autoridade e determina o trabalho da outra parte, o agente, que age em nome do principal, e que nos leva a considerar o papel dos incentivos, interesses e fluxo de informações no domínio da psicologia organizacional (Eisenhardt 1989: 72 e Kivistö 2007: 2). Trata-se de um modelo dinâmico e flexível que possibilita o estudo da rede de relações sob o ponto de vista da psicologia organizacional, pela forma como, por um lado, permite gerir a vida das organizações e, por outro, ilustra as dinâmicas subjacentes ao nível das redes de produção de traduções (Eisenhardt 1989).

Por outro lado, o termo proposto encerra ainda três definições. Em primeiro lugar, “willingness” ou vontade/predisposição, assume-se como um conceito eminentemente relacionado com um estado ou disposição particulares, isto é, ligado à questão da consciência, reflexividade e intencionalidade; segundo, “ability” ou capacidade, representa uma noção associada aos constrangimentos e questões de poder, sublinhando a relação intrínseca entre “agency” e poder; e, em terceiro lugar, “agency” diz respeito à capacidade de agir, derivada, do latim *agere*, e representando a capacidade de exercer influência no mundo real (Koskinen 2010: 6, nossa tradução):<sup>41</sup>

‘Agency’ is one of the key concepts of modern social sciences, and it has been conceptualized in numerous ways (for an overview, see Barnes 2000). It is hardly surprising, then, that it has also become a buzz word in contemporary translation studies, its prominence increasing as the

---

<sup>41</sup> “First, *willingness* describes a particular internal state and disposition. This state is linked to consciousness, reflectivity and intentionality, and it is not without some moral or ethical undertones. This first aspect is largely individualistic and psychological by nature. Second, *ability* relates the concept of agency to constraints and issues of power(lessness), highlighting the intrinsic relation between agency and power. (...) Finally, agency is about *acting*, that is, exerting an influence in the lifeworld. The origin of the word ‘agency’ is in the Latin verb *agere* (to do)”. (Koskinen 2008: 6)

sociological approaches to translation have gained more visibility. As translation studies scholars have become more and more interested in the roles of translators, interpreters and other cultural mediators (persons and institutions alike), they have also increasingly turned towards the social sciences for suitable theories and methods for analysis. “The complex question of agency”, it has been argued, “has been considered of primary importance in the endeavour to make descriptive theoretical approaches more ‘agent-aware’ and translators and interpreters more visible as social actors”. (Inghilleri 2005: 142, citada em Koskinen 2010: 5)

Efectivamente, o conceito de “agency” é encarado de forma diferente consoante as várias abordagens que queremos conferir ao nosso objecto de estudo. “Agency” é, acima de tudo, uma noção colectiva, e não individual, que deve ser enquadrada num determinado contexto social específico. Ao definirmos “agency” como “a capacidade de agir” estamos precisamente a colocar o enfoque, por um lado, na capacidade de escolha e, por outro, na capacidade de acção. Longe de uma definição simplista, “agency” é, para além de um estado, um estatuto, que é social por natureza, já que é algo conferido ao indivíduo e às instituições, agentes ou organismos. Neste sentido, “agency” coloca-nos um problema metodológico dado não ser uma entidade estática e mensurável, mas antes uma série de actos relacionais, fluidos e em constante evolução, inseridos num fluxo, num tempo e num espaço específicos (Giddens 1979: 54).

Social activity is always constituted in three intersecting moments of difference: temporally, paradigmatically (invoking structure which is present only in its instantiation) and spatially. All social practices are situated activities in each of these senses (op. cit. 54)

Nas Ciências Sociais, o conceito de “agency” está ainda ligado à noção de “estrutura”, como sendo entidades interdependentes. Normalmente, estes conceitos não têm sido abordados exhaustivamente nos Estudos de Tradução, à excepção de Meylaerts (2008), embora surjam como temas fundamentais em várias abordagens influentes, nomeadamente no âmbito dos Estudos Descritivos de Tradução, em cujo enquadramento encontramos a já citada “Teoria dos Polissistemas” e o particular enfoque colocado no papel das “normas”, também já aqui analisadas (Toury 1995). No entanto, no domínio dos Estudos Descritivos de Tradução, o enfoque tende a recair mais nas estruturas colectivas que moldam a produção e a circulação de traduções em contextos socio-culturais e menos nos agentes da tradução.

Dáí que, perante a necessidade premente de definirmos profissão, advoguemos uma sociologia da tradução ao nível do indivíduo, tal como nesta recensão crítica de Meylaerts (2008):

Toury's model for descriptive translation studies has privileged collective schemes and structures instead of individual actors. It has lent itself to research into texts and their discursive embedding in a broader socio-cultural, and political context. (Meylaerts 2008: 91).

Como refere Koskinen, Meylaerts defende uma noção mais dinâmica do conceito bourdieusiano de *habitus* e uma sociologia da tradução direccionada para o individual. Segundo Meylaerts, "this leaves open the question of the individual as a sociological construct, as well as the link between the collective and the individual (op. cit. 92), razão pela qual se torna necessária uma conceptualização do actor humano como indivíduo socializado, alicerçada numa sociologia focada no indivíduo, analisando a realidade social, segundo modelos individualizados e interiorizados (op. cit. 94).

De facto, a caracterização do perfil sociológico dos fornecedores de serviços de tradução e, por inerência, das referências e vectores que nos permitem detectar um conjunto, ainda que disforme e heterogéneo, de profissionais envolvidos na prestação de serviços similares, ganha outra consistência e profundidade, sobretudo quando analisada à luz da noção de *habitus*, desenvolvida por Bourdieu a partir do conceito aristotélico de *hexis* e transferida por Daniel Simeoni para o universo da tradução.<sup>42</sup> Para efeitos do presente trabalho, *habitus* será, então, entendido como:

... a set of dispositions which incline agents to act and react in certain ways. The dispositions generate practices, perceptions and attitudes which are "regular" without being consciously coordinated or governed by "any" rule." (Bourdieu, citado em Simeoni, 1998: 17).

Enquanto parte integrante dos agentes sociais, a noção operacional de *habitus* afigura-se, portanto, como uma peça pivô em torno da qual giram os sistemas de ordem social, caracterizada por uma série de disposições, actos, comportamentos e atitudes que vão sendo desenvolvidos e inculcados através da formação e da aprendizagem, e que se consubstanciam numa determinada prática profissional, acabando por se tornar como uma espécie de segunda natureza, socialmente moldada e social e institucionalmente

---

<sup>42</sup> Ver, a propósito, Daniel Simeoni, em "The Pivotal Status of the Translator's Habitus" (Simeoni, 1998: 15). E ainda Gouanvic (2005), Inghilleri (2005) e Sela-Sheffy (2005 e 2008), bem como o número especial da revista *The Translator*, dedicado ao sociólogo francês (2005).

integrada e ratificada, encerrando em si um conjunto de competências e aptidões estruturadas de forma sistémica e organizada (Simeoni 1998: 18-19).

Transpondo, entretanto, a noção de *habitus* para a tradução, verificamos como o processo e a acção social do tradutor, enquanto *locus* de tensão, acabam, em si, por implicar um aperfeiçoamento ou “refinar” de um determinado *habitus* social e profissional e, ao mesmo tempo, um “acto de servidão voluntário e não passivo” (Simeoni 1998: 21 e 23), simultaneamente estruturado e estruturante, constituído por competências desenvolvidas em torno de um domínio especializado, composto por regras e normas específicas, como por exemplo as "normas profissionais" e as "normas de expectativas", subprodutos das "translational norms” de Toury, e já aqui abordadas, precisamente como "um leque de normas que são validadas pelas instâncias e autoridades normalizadoras e pelos elementos constituintes do universo dos tradutores profissionais competentes" (Chesterman 1993: 3, citado em Simeoni 1998: 23).

Para tal, e como conclusão, servimo-nos de outra citação de Reine Meylaerts, onde surge sintetizada a questão da necessidade de conceptualização do actor humano como indivíduo socializado, integrado numa realidade social, simultaneamente como profissional (Simeoni 1998; Sela-Sheffy 2005; Inghilleri 2003 e 2005; Gambier 2006), mas também, e sobretudo, como agente capaz de interiorizar várias estruturas sociais, culturais, políticas e linguísticas, de carácter mais amplo, e de natureza institucional e discursiva:

Recent insights insist on habitus as a dynamic, plural concept, as the object of confrontations with various field logics and thus of multiple definitions and discontinuities (Lahire 2001, 2003, 2004; Sela-Sheffy 2005). Every (inter)cultural actor appears as a complex product of multiple processes of socialization disseminated in various institutions (family, schools, friends, work, neighborhood, etc.). Attitudes, perceptions and practices are the result of an unstable interplay of multiple kinds of habituses, questioning the uniqueness and permanence of the individual person. The actor’s plural and dynamic (intercultural) habitus therefore forms a key concept for understanding the modalities of intercultural relationships. It can reveal how (intercultural) actors interiorize dynamically and variably (institutional and discursive) normative structures of the source and target fields, and indeed of their mutual contacts and intersections. (Meylaerts 2008: 94)

## **HIPÓTESES PRELIMINARES**

Pretendemos ainda, com este enquadramento inicial, verificar de que forma é que o espaço geográfico onde se insere o nosso estudo afecta o trabalho e as dinâmicas sociais e profissionais envolventes, bem como as suas manifestações textuais. Efectivamente, um dos objectivos resultantes do cruzamento dos nossos dados será detectar de que modo é que uma determinada entidade geográfica, social, demográfica e económica, pode, de facto, afectar e moldar o trabalho, as dinâmicas socioprofissionais e a produção textual dos tradutores, bem como as respectivas lógicas de organização e prestação dos serviços em contexto de trabalho.

Trata-se de uma hipótese de trabalho inicial, já que, e tal como demonstrámos numa outra instância, a tradução se insere numa dinâmica transversal de globalização, fruto da internacionalização dos processos, no âmbito de uma nova economia posicionada em contexto de rede, como aliás bem notam Anthony Pym (2003 e 2004), Michael Cronin (2003) e José Lambert (2004):

This new economy is global because the central activities of production, consumption and circulation, as well as their components (capital, labour, raw materials, management information, technology, markets), are organized on a global scale, either directly or through a network of connections between different economic agents.

The informational economy emerged at the end of the twentieth century because the information technology revolution provided the tools or the material basis for this new economy. (...)  
(Cronin 2003: 11)

De facto, nas três últimas décadas, as interacções transnacionais conheceram uma intensificação significativa, desde a globalização dos sistemas de produção e das transferências financeiras à disseminação, a uma escala mundial, de informação e imagens através dos meios de comunicação social ou às deslocações em massa de pessoas. Como refere Boaventura Sousa Santos, a extraordinária amplitude e profundidade destas interacções transnacionais levaram a que alguns autores as vissem como ruptura em relação às anteriores formas de interacções transfronteiriças, um fenómeno novo designado por “globalização” (Sousa Santos 2001: 31). Uma revisão dos estudos sobre os processos de globalização mostra-nos que estamos perante um fenómeno multifacetado com dimensões económicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo, conforme defende Sousa Santos,

para quem globalização “é o conjunto de trocas desiguais pelo qual um determinado artefacto, condição, entidade ou identidade local estende a sua influência para além das fronteiras nacionais e, ao fazê-lo, desenvolve a capacidade de designar como local outro artefacto, condição, entidade ou identidade rival” (op. cit. 69):

O processo que cria o global, enquanto posição dominante nas trocas desiguais, é o mesmo que produz o local, enquanto posição dominada e, portanto, hierarquicamente inferior. De facto, vivemos tanto num mundo de localização como de globalização. (op. cit 69 e 70)

Algo que nos reenvia para a forma como os negócios são conduzidos à escala global, e sobretudo para o carácter bipolar do fenómeno em estudo, pela oposição centrada nas dimensões local *versus* global, indivíduo *versus* rede:

Has translation been affected by the fundamental changes in the way in which the world does business? The answer of course is yes, but as always translation is a figure less of certainty than of recurrent ambiguity. In the bipolar opposition sketched by Castells translation occupies a typically both / and position. In other words, partakes both of the Self and of the Net. It is linked both to abstract, universal instrumentalism and to specific, rooted identities. (Cronin 2003: 12 e 13)

Falando sobre o livro de Michael Cronin, José Lambert reforça e amplia esta ideia de tradução como comunicação em contexto de rede, reenviando para o conceito de poli-identidade num mundo neo-Babélico:

Not only the “informational and global economy” integrates individuals into networks and into new institutions, translation and information/communication form a substantial part of it. The translation paradigms (...) are new, also because space (and time) are being de-materialized: deterritorialization (Deleuze & Guattari 1975) redefines not only languages, hence translations, but also people and their (poly)identity, or their diversity. The geography of translations looks like a neo-Babelian world, whether we like it or not, and translators, readers, speakers, texts and media belong to a new (globalizing) world order where competition, hierarchies and rules (norms) are no longer simply based (exclusively) on space or vicinity. It is partly unknowingly that they all make use of the freely circulating discourses and that we produce fragmented discourses composed continuously by many people (...) (Lambert 2004: 1694)

O apelo da sociologia da tradução é, neste ponto, importante, já que, segundo Pym (2010), desafia a própria noção de fronteira e permite derrubar as barreiras existentes, ao mesmo tempo que revela o potencial dinâmico das redes que são estabelecidas em termos organizacionais a individuais. Ainda segundo Pym,

actualmente, as redes em que coexistimos são tão pequenas, idiossincráticas, interculturais e híbridas que necessitam de ferramentas específicas para penetrar nas suas malhas tão apertadas, como por exemplo, o olhar sociológico sobre a profissão:

The **refusal to recognize pre-established social and cultural boundaries** is essentially what the discourses of cultural translation would be doing when they position themselves in the in-between space of cultures. Translation sociology challenges the borders (...) The **networks** in which translators tend to work are so small, so intercultural, and so marked by cultural hybridity that they are ill-served by the classical sociologies of societies or indeed sociologies of systems (cf. Luhmann) and structurally defined social groups (cf. Bourdieu). Translation sociology would seem well suited to such an object. (Pym 2010)

A sociologia da tradução permite responder ao carácter fragmentário das categorias sociais e à multiplicidade dos papéis profissionais representados pelos actores sociais. Ainda segundo Joachim Renn (2006a, 2006b), citado em Pym (2010), as nossas sociedades pós-modernas apresentam-se como entidades tão culturalmente fragmentadas e complexas que a tradução, enquanto sistema em rede, se assume como o modelo perfeito para metaforizar e analisar o modo como os diferentes grupos comunicam entre si num *continuum* espaciotemporal.<sup>43</sup>

Tendo como objectivo o estudo de um determinado grupo profissional, o nosso propósito será, por um lado, potenciar o discurso auto-reflexivo e a própria reflexividade profissional e, por outro, mapear a construção desse profissionalismo, não só pelo confronto com a própria dinâmica das redes que são criadas, mas também pela mestiçagem e cruzamento entre os agentes/actores e respectivos textos traduzidos, de forma a entender o modo como os actores sociais interpretam e relatam as condições da prática e os contextos de interacção relativos à sua acção profissional. E, ao mesmo tempo, a forma como essas regularidades encontram manifestação em termos discursivos.

Neste contexto, relativamente à representação dos papéis sociais e à aquisição de normas adequadas à realização profissional do tradutor, a cultura profissional pode, de forma legítima, ser encarada como um fenómeno identitário situado em contextos de acção, mas também uma operação sociocognitiva que permite, por um lado, deslocar o enfoque dos textos para os agentes e, ao mesmo tempo, comparar, relatar e interpretar práticas profissionais convergentes e/ou divergentes.

---

<sup>43</sup> Cfr. Hermans 1999, Buzelin 2007, sobretudo o estudo direccionado para a análise da tradução em contexto de rede, e Pym 2010.



Pretendemos, por isso, responder às seguintes questões que constituíram as nossas hipóteses de trabalho gerais:

1. Qual o papel da tradução, enquanto actividade “semiprofissional”, na nossa sociedade?
2. Qual o papel e o posicionamento dos tradutores, enquanto agentes transformadores nas sociedades?
3. Que tipo de papéis sociais/culturais/profissionais são desempenhados pelos “agentes da tradução”? (Buzelin 2011)

Interrogações estas que, por seu turno, encontraram tradução em questões mais específicas, aplicadas aos domínios profissionais e organizacionais em contexto de trabalho:

- a) Como captar as percepções profissionais dos tradutores enquanto grupo heterogéneo?
- b) Como definir profissionalismo aplicado a este grupo profissional?
- c) Qual o significado da palavra “profissionalismo” para os tradutores, em concreto?
- d) Como é que os tradutores encaram o seu posicionamento em sociedade?
- e) Que conjunto de parâmetros servem para caracterizar um "tradutor profissional"?
- f) Como é que os tradutores contróem a sua própria identidade profissional em sociedade?

De facto, e como veremos, os tradutores são indivíduos que têm uma percepção algo difusa e pouco confortável sobre o seu posicionamento em sociedade e, como tal, nem sempre conseguem reflectir criticamente acerca da posição ocupam, com o adequado grau de distanciamento, respectivamente dentro do seu próprio grupo profissional, e no âmbito das sociedades e culturas onde vivem e trabalham. É mesmo provável que, em certos casos, os tradutores demonstrem alguma incerteza acerca do papel que verdadeiramente representam em sociedade, precisamente porque é a própria sociedade que lhes parece negar esse direito, em termos de reconhecimento social, institucional e profissional.

E é ainda provável que partilhem de alguns preconceitos e mal-entendidos ou deficientes interpretações acerca do seu papel e da importância que ocupam no sistema

social e cultural onde se movem. Ironicamente, no entanto, do ponto de vista textual e linguístico, esta instabilidade e hesitação parecem não se verificar na prática, sobretudo quando analisamos as suas traduções, em confronto com os horizontes de expectativas da cultura de chegada, conforme demonstram os documentos que constam do Anexo 21.

Trata-se, efectivamente, de uma questão de perspectiva, já que, com frequência, e muito embora os tradutores por nós contactados possuam uma ideia preconcebida da forma como a sociedade os encara a partir do exterior, marcada por uma certa negatividade, a verdade é que esta visão nem sempre encontra reflexo na visão real, conforme transparece das palavras de M.C.B., uma tradutora por nós entrevistada:

P: Em termos sociais, achas que há algum reconhecimento social do papel do tradutor? Como é que achas que a sociedade vê o tradutor?

R: **Não me parece que prestem muita atenção aos tradutores, com excepção, possivelmente, daqueles que traduzem e que são reconhecidos, que traduzem... fazem tradução literária. Os restantes, não me parece haver grande reconhecimento. É mais um conhecimento de que existimos, e que existe esta profissão. Eu acho que existe a percepção de que, no fundo, é uma coisa que qualquer pessoa consegue fazer.**

P: E sentes-te confortável com essa ideia?

R: Não gosto muito. Ninguém gostará de ver a sua profissão dessa forma, mas... que posso eu fazer para mudar isso, senão tentar fazer com que as pessoas compreendam que traduzir é muito mais difícil do que parece.

P: Sentes essa necessidade de educar o cliente e o público?

R: Por vezes. Há pessoas que não compreendem e eu tento explicar a importância que tem, a importância do nosso trabalho e as qualificações que são necessárias, e o que é necessário saber para ser tradutor. E outras vezes nem sequer me dou ao trabalho.

(M.C.B., entrevista, 1 de Junho de 2009, nossos destaques)

Daí que apenas uma abordagem multidisciplinar, claramente perspectivada para a análise qualitativa e baseada numa observação intensiva e trabalho de campo, permite traçar os contornos que definem a profissionalização neste domínio.

Como referia José Lambert no seu programático texto “Strategies under the waterline: language, lingua franca and translation” (Lambert et al 2010), apresentado no colóquio da EGOS (*European Group for Organizational Studies*), em Lisboa, os Estudos de Tradução beneficiariam imenso se, funcionalmente, adoptassem uma abordagem organizacional e interdisciplinar aos fenómenos sociais em contextos comunicacionais fortemente multilingues e empresariais:

It is on the basis of such general considerations outlined above that it is assumed that insights provided by this functional kind of Translations Studies might benefit Organization-oriented research of many kinds. This approach seems to imply a better integration of language-related issues at the level of the social organization and the need to adopt an effective interdisciplinary/multidisciplinary approach, aimed at promoting the role of multilingualism and language-associated activities inside "business organizations" (Steyaert and Janssens 1997). But how exactly such functional research might benefit particular moments and projects in Organization research, or in social psychology, in media studies, etc. should become part of more applied research in combination with other research traditions. The general idea, however, is that multilingualism, language(s), and translation can no longer be kept separate or researched separately from other intercultural (communication) projects. Further questions such as how, where, when, etc., have to be worked out and dealt with in interdisciplinary terms as part of the actual management issues. (Lambert et al 2010)

Concordamos, por isso, com a opinião de Peter Flynn (Flynn 2005), segundo a qual “we can approach translators as people who also use language in particular ways in relation to particular activities and also as people holding and expressing opinions and values about the nature of the activity they are involved in” (Flynn 2005). Ou seja, o estudo das narrativas produzidas pelos tradutores profissionais sobre si próprios, e sobre a sua realidade, complementadas pelo confronto com as suas traduções, juntamente com a análise do seu conhecimento tácito e implícito, ajudam-nos a desenhar as fronteiras de uma identidade profissional que é simultaneamente débil, difusa, conflitual e nem sempre consolidada em termos sociais:

Eu acho que **o maior problema no âmbito da minha profissão é o fraco reconhecimento da profissão**, ou seja, as pessoas que me encomendam traduções, mesmo aquelas que deveriam saber o que uma tradução é, acham que a tradução “sai a metro”. Portanto, acham que aquilo é uma coisa muito simples, que chegam aqui com um contrato, e dizem assim... “olhe, eu espero aqui na sala de espera enquanto a senhora vai traduzir”. Mesmo pessoas que deveriam saber melhor, **acham que é um trabalho pouco qualificado**, portanto, quase uma secretária que está a bater no teclado noutra língua, **e não lhes passa pela cabeça que algumas traduções requerem horas de investigação, de preparação ou uma formação específica**. (T.S.M., entrevista, 5 de Julho de 2009, nossos destaques).

É claro que esta questão suscita, logicamente, um problema metodológico, relacionado com a estratégia mais adequada para captar essa cultura profissional.

Dado que estamos a lidar com profissionais que possuem “repertórios”<sup>44</sup> internos consolidados e comuns, que estão em fase de consolidação do seu conhecimento, têm diferentes níveis de auto-estima e procuram uma determinada legitimidade, simbólica ou institucionalizada, baseada em produtos traduzidos, a nossa abordagem metodológica privilegiou a partilha de rotinas, expectativas, ansiedades, frustrações, bem como a aplicação diária de um determinado comportamento profissional, capaz de permitir o reconhecimento de uma cultura profissional específica no terreno.

Outro importante contributo metodológico decorre do modelo adoptado por Shlesinger e Sela-Sheffy no seu artigo “Strategies of image-making and status advancement of translators and interpreters as a marginal occupational group” (2008), já que nos ajuda a traçar o perfil prototípico dos profissionais que actuam no mercado com base num vasto elenco de variáveis. Com efeito, conforme especificado pelas autoras, a classificação adoptada, apesar de desadequada e incerta em determinadas situações, permite o estabelecimento de diferenças cruciais ao nível da definição dos papéis a serem representados:

(..) this classification, however rough and inadequate, suggests some crucial differences in the role definition; languages translated; conditions, volume and prices of work; qualifications; training; recruitment and career patterns; organizational frameworks; and other parameters that distinguish between the different jobs, and also translate into occupational hierarchies. (Shlesinger & Sela-Sheffy 2008)

Reforçamos, neste ponto, o importante contributo metodológico dado pela escola de Tel-Aviv, através de outro artigo da autoria de Rakefet Sela-Sheffy, “How to be a recognized translator. Rethinking habitus, norms, and the field of translation” (2005), e que serviu de modelo para o nosso estudo, sobretudo pela forma como equaciona o papel dos tradutores como um grupo cultural-profissional, negociando permanentemente o seu posicionamento social, numa tensão constante entre a versatilidade e o condicionamento, adoptando auto-imagens e estratégias de acção diferenciadoras, embora ambíguas, nomeadamente

---

<sup>44</sup> Utilizamos o conceito de “repertório” no sentido usado por Itamar Even-Zohar, em 1997, no artigo “Factors and Dependencies in Culture: A Revised Draft for Polysystem Culture Research.” *Canadian Review of Comparative Literature / Revue Canadienne de Littérature Comparée* XXIV (1, March) 15-34:

“Repertoire” designates the aggregate of rules and materials which govern both the *making* and *handling*, or production and consumption, of any given product. (op. cit. 1997: 20)

De acordo com uma definição posterior (2002:76, citado em Andringa 2006: 525), o repertório é designado como um “toolkit of habits, skills, and styles from which people construct strategies of action”.

- (1) the variability of strategies translators employ while playing either conservative or innovative roles, as cultural custodians or cultural importers, in specific historical contexts;
  - (2) the dynamic construction and stratification of the field of translation, which results from the endeavour to establish its autonomous source of prestige, oscillating between impersonal professional status and an artistic-like personal “stardom”; and
  - (3) translators’ preferred models of self-fashioning, according to which they select and signify the facts of their life-conditions and use them for improving their status and terms of work.
- (Sela-Sheffy 2005: 1)

Ou ainda o estudo de 2008 em que Sela-Sheffy parte da hipótese de que, face ao anátema da “invisibilidade” e “submissão”, os tradutores israelitas são obrigados a fazer um uso intensivo de várias estratégias orientadas para a criação de um elevado discurso de auto-promoção numa tentativa de estabelecer a profissão como uma fonte distintiva de capital cultural (Sela-Sheffy 2008).

Tendo em conta as opiniões acima apresentadas cremos que é precisamente pelo seu estatuto ambivalente e inseguro como profissão que os tradutores constituem um exemplo tão interessante da construção identitária e socioprofissional enquanto grupo, precisamente pela ausência de fronteiras institucionais legitimadoras, pela própria definição e critérios obscuros que regem a profissão e, sobretudo pela ausência de condições standardizadas e persistência de carreiras fugazes e fragmentares.

Por outro lado, como definem Shlesinger e Sela-Sheffy (2008), a marginalidade dos tradutores é especialmente paradoxal, perante o extraordinário poder potencial contido no seu trabalho enquanto mediadores culturais e facilitadores das trocas linguísticas e comerciais, promovendo a evolução das civilizações e culturas desde a antiguidade e, em especial, na actualidade, quando as nossas atenções se voltam para os processos de globalização, migrações e transnacionalismo (op. cit. 80). E, já agora, não deixa de ser também irónico o desequilíbrio existente entre a visibilidade e qualidade dos textos traduzidos, em contraponto com a invisibilidade e deficiente auto-estima dos profissionais.

De forma a mapear o cenário actual do mercado da tradução nacional, começámos por focar a nossa atenção num determinado grupo particular, dentro de um contexto geográfico específico, a região norte de Portugal, como microcosmos, capaz de permitir tirar ilações e possibilitar a extrapolação de conclusões para o restante território nacional, em articulação com a visão macro dos mercado mundial das línguas.

Por isso, sensivelmente ao longo dos últimos quatro anos trabalhámos com um

universo profissional geograficamente circunscrito, o nosso principal objecto de estudo, analisando uma comunidade profissional específica caracterizada pelos tradutores oriundos da região norte de Portugal, numa tentativa de traçar os limites e contornos do seu profissionalismo.

A análise que fizemos ao universo das empresas de tradução (Anexos 1 e 2) ajudou-nos, primeiramente, a identificar algumas das principais dinâmicas subjacentes à indústria da tradução e ao funcionamento do mercado, tanto a nível nacional (sob o desígnio da APET), como a nível internacional (via EUATC), pela forma como nos forneceu um esboço do sector, bem como o contexto em que as empresas e os *freelancers* operam, permitindo ainda o confronto com as implicações colocadas em termos de universo dos tradutores nacionais e, em última análise, proceder à sua transposição para o contexto geográfico que quisemos estudar.

De igual forma, foi também possível mapear o cenário do mercado da tradução em termos gerais e específicos, facto que nos conduziu ao verdadeiro cerne do nosso estudo, ou seja, a análise de um grupo controlado, em particular, no âmbito de um determinado contexto geográfico, incidindo a atenção não só nas dinâmicas de grupo rumo à profissionalização, mas também nas percepções dos indivíduos acerca da sua própria actividade, graças à ligação estabelecida entre a tarefa prescrita e o resultado final do seu trabalho.

Numa primeira fase, foi implementado um questionário no terreno, concluído em Março de 2008, através do qual nos foi possível cartografar com maior precisão uma realidade e um perfil profissionais concretos, bem como efectuar um levantamento de necessidades e questões pertinentes, que foram posteriormente abordadas nas entrevistas que realizámos com os profissionais no terreno.

Para a caracterização dos tradutores da região norte de Portugal, servimo-nos de um olhar duplo sobre as suas percepções, marcado, numa fase inicial, por uma abordagem essencialmente quantitativa e, num segundo momento, através de um enfoque mais qualitativo, caracterizado por entrevistas aprofundadas e claramente marcado pela análise do discurso decorrente das suas narrativas pessoais.

Com base nos resultados obtidos a partir desse questionário quantitativo, foi então possível elaborar uma tipologia mais fiel dos reais contornos e limites da profissão (ver Anexos 7 e 8) e, ao mesmo tempo, identificar eventuais subáreas ou domínios de profissionalidade onde ocorre a prática da tradução em contextos especializados, muitas vezes caracterizados por lógicas de organização do trabalho

convergentes ou complementares.<sup>45</sup>

O objectivo, neste caso, implicou um recenseamento da diversidade de actividades e facetas envolvidas na profissão, a verificação de eventuais pontos de contacto/rejeição e a caracterização da ocupação através dos respectivos contextos motivacionais e componentes relacionais, de forma a avaliar a sua autonomia subjectiva e objectiva.

O estudo empírico pretendeu, por outro lado, suscitar a produção dialógica das experiências profissionais de subgrupos que trabalham em diferentes contextos no âmbito da indústria das línguas, capaz de reflectir, nos encontros narrativos, a dinâmica de reflexão e discussão de questões que gravitam em torno de uma lógica de organização dos saberes que estruturam o chamado trabalho "técnico-intelectual" ou intelectual técnico (Caria 2007) aplicado à tradução.

O poder do profissionalismo continua a estar associado a uma educação formal superior de maior prestígio e a um trabalho e emprego que usam e dependem do conhecimento científico e tecnológico. Portanto, trata-se de um poder que é reconhecido ter um elevado capital social e económico, resultante de processos sócio-históricos de afirmação simbólica e política de alguns grupos sociais para determinarem (em maior ou menor grau) o controlo sobre o mercado de oferta de trabalho e serviços profissionais e sobre a formatação da sua educação formal e uso social dos respectivos títulos. (Caria 2007: xxi)

Em concreto, pretendemos responder às seguintes perguntas: Como é que os profissionais falam de si e da sua actividade? E como reflectem sobre essa mesma actividade? Como é construído e partilhado um determinado saber técnico? E qual o respectivo universo simbólico marcado pelos juízos do bem fazer?

Quisemos, sobretudo, analisar o conceito de profissionalização em tradução a partir do ponto de vista do tradutor, enquanto actor social, sempre em articulação com os grupos sociais que com ele interagem no contexto de uma cadeia de relações dinâmicas estruturadas em rede, e mantendo, sempre que possível, uma ligação aos elementos textuais que configuram a sua prática profissional.

A este propósito, contemplámos ainda a hipótese de complementar o nosso projecto com um estudo especificamente direccionado para os clientes e consumidores de serviços de tradução, analisando a forma como a tradução é actualmente vista em

---

<sup>45</sup> Ver, por exemplo, a convergência de posições relativamente à organização do trabalho quando falamos de áreas aparentemente tão díspares como tradução jurídica, tradução audiovisual, tradução técnica, tradução literária, localização, tradução comercial, tradução turística.

Portugal como uma actividade profissional através do olhar dos principais empregadores de tradutores, intermediários na cadeia de fornecimento de serviços de tradução, agentes e consumidores finais ou clientes (Anexos 18 e 19).

Nesse sentido, direccionámos a nossa atenção não apenas para a dinâmica deste grupo específico rumo à sua profissionalização, mas também para as próprias percepções dos indivíduos acerca da sua actividade. Com base numa perspectiva interdisciplinar, recorreremos a algumas das ferramentas utilizadas no domínio da investigação social de forma a podermos olhar para a tradução a partir de uma perspectiva etnográfica, centrando a atenção nas dinâmicas sistémicas, contextuais e organizacionais (Tailleu 1994 e 1998, Lambert et al 2010), no decurso das quais os indivíduos interagem, construindo o seu próprio profissionalismo numa relação com os outros e consigo próprios.



## A IMERSÃO NO TERRENO: UMA VISÃO HOLÍSTICA

Ethnography aims to penetrate, describe and interpret another person's life. (Koskinen 2008: 55)

Há, de facto, vários problemas que se colocam no terreno quando lidamos com fenómenos marcadamente sociais e, em simultâneo, pretendemos detectar as dinâmicas organizacionais e profissionais subjacentes à produção e circulação das traduções.

Por isso, são múltiplas as abordagens acerca da análise qualitativa no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, como uma metodologia de investigação válida e útil para estudar os fenómenos socioprofissionais (Denzin & Lincoln 2000), Gubrium & Holstein (2002), (Wengraf 2004), Cresswell (2007) e Kvale & Brinkmann (2009). Tal como referem Denzin e Lincoln, autores do enciclopédico *The Sage Handbook of Qualitative Research*:

(...) qualitative research is a field of inquiry in its own right. It crosscuts disciplines fields, and subject matters. A complex, interconnected family of terms, concepts, and assumptions surround the term *qualitative research*. (...) *Qualitative research* is a situated activity that locates the observer in the world. It consists of a set of interpretive, material practices that make the world visible. These practices transform the world. They turn the world into a series of representations, including field notes, interviews, conversations, photographs, recordings, and memos to the self. At this level, qualitative research involves an interpretive, naturalistic approach to the world. This means that qualitative researchers study things in their natural settings, attempting to make sense of, or interpret, phenomena in terms of the meanings people bring to them.

Qualitative research involves the studied use and collection of a variety of empirical materials – case study; personal experience; introspection; life story; interview; artifacts; cultural texts and productions; observational, historical, interactional and visual texts – that describe routine and problematic moments and meanings in individuals' lives. (Denzin & Lincoln 2005: 3)

Qualitative research: This is an inquiry process of understanding based on a distinct methodological tradition of inquiry that explores a social or human problem. The researcher builds a complex, holistic picture, analyzes words, reports detailed views of informants, and conducts the study in a natural setting. (Cresswell 2007: 249)

É precisamente nesta perspectiva que nos posicionámos enquanto investigador, algures entre o *bricoleur* e o artífice/tecelão, como referem ainda estes teóricos (Denzin & Lincoln 2005: 4), precisamente porque, pelo seu potencial ímpar, este conjunto de técnicas de investigação, sobretudo as entrevistas semiestruturadas a que recorreremos, bem como as notas de campo (Anexo 12), permite enquadrar e ajustar as nossas

expectativas acerca de um determinado problema social à sua própria realidade e, ao mesmo tempo, apreender mais de perto determinadas realidades sociais que outras técnicas de investigação não permitem, nomeadamente as que derivam da análise quantitativa. Por outro lado, este aparato metodológico possibilita ainda a identificação, através da comparação e análise do discurso, de comportamentos distintos entre grupos sociais, potenciando, em simultâneo, um conhecimento mais aprofundado desses comportamentos, bem como das manifestas diferenças no interior de cada um dos grupos identificados.<sup>46</sup>

---

<sup>46</sup> Ver ainda definição de *Análise Qualitativa*. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-08-04]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$analise-qualitativa](http://www.infopedia.pt/$analise-qualitativa)>.

## TRABALHO DE CAMPO

Numa apresentação feita no âmbito do seminário de investigação CETRA, em 2009, Peter Flynn conferia um sugestivo título ao seu projecto: *Fieldwork in Translation: Why not ask them yourself?*, que viria ainda a originar um painel subordinado ao tema “Trekking further in context: Exploring the relation between Translators’/Interpreters’ Practices and their Discourses” em que participámos. Nesse documento, o autor analisa algumas questões relacionadas com aquilo que designa como “fieldwork” no âmbito dos Estudos Sociais e do Estudo da língua e, em concreto, no domínio dos Estudos de Tradução, sobretudo posicionando a análise de campo na área mais vasta da Teoria da Tradução.

Tal como sustentam vários autores no âmbito dos Estudos de Tradução (Inghilleri 2003, Angelleli 2004, Koskinen 2008), o conceito de “fieldwork”, que passaremos a traduzir como “trabalho de campo”, faz parte integrante e específica dos métodos de investigação numa ampla série de disciplinas, como a antropologia, etnografia, sociolinguística e sociologia, entre outras. Trata-se de uma abordagem que compreende uma variedade de técnicas de recolha de dados e actividades de carácter qualitativo e quantitativo, que incluem, por exemplo, inquéritos e questionários, entrevistas ou ainda a observação participante.<sup>47</sup>

De acordo com algumas definições, a noção de “trabalho de campo” pode assumir vários contornos e facetas, estando o conceito essencialmente ligado a Malinowski<sup>48</sup>. Barnard & Spencer (1986) relatam que esta perspectiva comporta dois aspectos importantes, havendo dois tipos de conhecimento envolvidos no “trabalho de campo”: um deles envolve a linguagem prática e quotidiana que os indivíduos estudados utilizam nas suas vidas diárias, enquanto o segundo tipo de conhecimento decorre da forma como o “antropólogo” reflecte sobre aquilo que apreendeu e observou, desta vez já com um conhecimento e distanciamento críticos que permitem a sua comparação com outros grupos (op. cit. 230). Por isso, em termos práticos, o “trabalho de campo” engloba muito mais do que o tempo propriamente dispendido no terreno (op. cit. 230), exigindo preparação, leitura e investigação prévias, a capacidade de cultivar e desenvolver esse conhecimento, através de uma atitude de grande curiosidade, capaz de permitir a investigação no terreno com a abertura de espírito e a disponibilidade

<sup>47</sup> Ver, a propósito, Glazer & Strauss (1967 e 1998), Geertz (1989), Strauss & Corbin (1994) e Strübing (2007).

<sup>48</sup> In *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*, Alan Barnard & Jonathan Spencer, Routledge, 1986, pág. 230.

necessárias (Barnard & Spencer 1986).

Uma das definições que encontramos para “fieldwork”, e que orientou a nossa postura enquanto investigador é esta, adiantada por Cresswell (2007):

In ethnographic data collection, the researcher conducts data gathering in the “field” by going to the site or sites where the culture-sharing group can be studied. Often, this involves a prolonged period of time with varying degrees of immersion in activities, events, rituals, and settings of the cultural group. (Cresswell 2007: 242)

Estamos, como tal, num domínio que nos permite assumir diferentes formas e métodos de penetrar num terreno difícil, em conformidade com as exigências e especificidades do universo de estudo em questão. No nosso caso concreto, por exemplo, optámos por uma técnica e abordagem mistas ou híbridas, que nos permitiu, por um lado, adoptar um enfoque mais quantitativo, inicialmente, sob a forma de inquéritos e questionários *online*, algo que foi, mais tarde, complementado com a adopção de ferramentas de carácter qualitativo, traduzidas na realização de entrevistas com os tradutores e consequente observação do trabalho e análise do seu discurso em confronto com as suas traduções.

Em termos de objectivos, uma abordagem do tipo “fieldwork” permite captar com eficácia a essência da prática translatória, bem como as percepções socioprofissionais da comunidade de tradutores sob análise, com especial destaque para as visões “nativas” dos profissionais sobre essas mesmas práticas, próximas das noções de “insider/outsider” (Koskinen 2008), desenvolvidas pela autora para se referir ao papel duplo desempenhado pelo investigador-tradutor no contexto da investigação.<sup>49</sup>

In translation studies it is quite common for researchers to have previous or simultaneous experience as translators or interpreters. There are even cases of scholars analyzing their own translations (see e.g., Venuti 1995). We do not, however, have many explicit discussions of the complexities involved in this kind of dual role. It seems that we are not accustomed to translation scholars inscribing their personal history in their analytic writing. Ethnographic approaches can advance discussions and awareness of researcher positions not only in fieldwork but also in other kinds of inquiry. But they also highlight the difficulties entailed. In ethnography, there is a traditional division between *emic* and *etic* perspectives, that is, between adopting the informant’s viewpoint and seeing the field from an outside perspective. The division becomes untenable if the dividing line is located inside you. The line between the participant and the observer, insider

---

<sup>49</sup> Trata-se de uma prática bastante frequente, sobretudo, no âmbito dos Estudos de Interpretação (Pöchhacker 2004), desenvolvida por vários autores que estudaram o comportamento e o posicionamento dos intérpretes, nomeadamente Hertog (1999 e 2007), Angelelli (2005), Inghilleri (2003) e Marijns (2006).

and outsider, friend and stranger, becomes difficult if not impossible to draw. (Koskinen 2008: 55)<sup>50</sup>

Existem alguns dados e suposições básicos que podemos avançar quando falamos de “trabalho de campo”. No caso da sociolinguística, por exemplo, bem como na etnografia linguística, a utilização da linguagem é algo manifestamente indissociável do seu utilizador e da sua cosmovisão, tal como das respectivas percepções, acções, valores e atitudes. De facto, e conforme demonstrado por Rampton et al (2004: 2), tanto a linguagem como as realidades sociais acabam por se moldar e adaptar reciprocamente (Rampton et al 2004: 2):

(...) linguistic ethnography generally holds that to a considerable degree, language and the social world are mutually shaping, and that close analysis of situated language use can provide both fundamental and distinctive insights into the mechanisms and dynamics of social and cultural production in everyday activity.<sup>51</sup>

São várias as conjecturas que enquadram metodologicamente a nossa abordagem. Em primeiro lugar, e desde logo, a questão da (in)visibilidade do tradutor no seio de uma determinada comunidade de prática, algo que nos reenvia, por um lado, para a teorização de Jean Lave e Etienne Wenger (Wenger 1998) e, por outro, para a questão das representações de papéis pelos actores sociais e da respectiva identidade profissional subjacente aos papéis sociais desempenhados. Em segundo lugar, as percepções sociais em contexto de trabalho. E, por último, a construção de uma identidade profissional através do discurso e prática translatórias, o que implica a análise das componentes discursivas dos tradutores face ao conjunto de manifestações sociais, pressupondo, por um lado, tal como adianta William Hanks, que os valores

---

<sup>50</sup> As noções de *Emic* e *Etic* são conceitos que foram desenvolvidos por Pike e que foram adaptados aos Estudos de Tradução por Peter Flynn e Kaisa Koskinen. Trata-se de conceitos bastante úteis e pertinentes, que nos permitem enquadrar melhor o fenómeno, do ponto de vista do investigador no terreno, conforme definição da *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*:

‘Emic’ and ‘etic’ (derived respectively from †‘phonemic’ and †‘phonetic’) designate two contrasting levels of data or methods of analysis. An emic model is one which explains the ideology or behaviour of members of a culture according to indigenous definitions. An etic model is one which is based on criteria from outside a particular culture. Etic models are held to be universal; emic models are culture-specific.

“Emic” (as in “phonemics”) refers to the subjective understanding and account of meaning in the sounds of languages, while “etic” (as in “phonetics”) refers to the objective study of those sounds. An “emic” account is a description of behavior or a belief in terms meaningful (consciously or unconsciously) to the actor; that is, an emic account comes from a person within the culture. Almost anything from within a culture can provide an emic account. Views, theories, positions, ad-hoc statements, etc, held, expressed or otherwise written by translators and other related professionals about translation products and processes and how they work.

An “etic” account is a description of a behavior or belief by an observer, in terms that can be applied to other cultures; that is, an etic account attempts to be ‘culturally neutral’. Fully fledged or emerging theories of translation derived from studies in translation, including related concepts, categories and taxonomies, etc.

<sup>51</sup> Ver *position paper* sobre linguística e etnografia da autoria de Ben Rampton, Karin Tusting, Janet Maybin, Richard Barwell, Angela Creese e Vally Lytra, disponível em <http://www.ling-ethnog.org.uk/documents/papers/ramptonetal2004.pdf> (Data de acesso 29 /01/11)

atribuídos à língua pelos falantes são, em si, e por si só, factos sociais (Hanks 1996: 14) e, por outro, que qualquer discurso é uma forma de o actor ocupar o mundo social, em termos de compromisso e envolvimento, do qual é possível retirar consequências reais e concretas (Hanks 1996: 14):

In a practice approach, we start from the premise that speech is a form of engagement in the world. This has the following entailments: (1) Language and the world of human experience are everywhere interpenetrated, so that even the inner logic of a linguistic system bears the trace of the routine practices to which it is adapted. (2) To speak is to occupy the world, not only to represent it, and this occupancy entails various modes of expression, of which propositional meaning is but one. (3) Speakers and the objects they talk about are parts of the same world; a division between subjects and objects is one of the products of linguistic practice, something people create with language, not the irremediable condition against which language must work. (4) We do many things through language, of which thinking and reasoning are a part – but not the only part. We also realize ourselves, effect changes in our worlds; connect with other people; experience beauty, rage, and tenderness; exercise authority; refuse; and pursue our interests. (Hanks 1996: 236)

Para os efeitos do presente estudo, consideraremos a tradução como uma actividade sociocultural, inserida no domínio do trabalho técnico-intelectual, desenvolvida num sistema em rede, no âmbito de uma comunidade de prática, onde convergem e interagem vários actores sociais, que exercem e detêm a aplicação comercial de um conjunto organizado de conhecimentos de base intelectual, geradores de produtos multilingues, num determinado contexto social.<sup>52</sup> Assim sendo, a tradução assume-se como a aplicação de um saber profissional ao serviço de processos e produtos socialmente enquadrados em sistema(s) de rede com fronteiras ténues e difusas, como veremos. Paralelamente, trata-se também de um fenómeno híbrido e dinâmico, enquadrado no âmbito de uma rede funcional e profissional, e alicerçado em redes sociais e relacionais.

Dáí que, no caso concreto dos tradutores profissionais, o trabalho de campo seja essencial de modo a permitir um melhor entendimento da forma como os próprios concebem e enquadram questões tão abrangentes como as realidades socioprofissionais, repertórios sociolinguísticos, diferenças culturais, redes pessoais institucionais e

---

<sup>52</sup> “One important characteristic of the social sciences is that they deal with two kinds of knowledge: that which comes from ‘inside’ and that which comes from ‘outside’ the learner. The latter kind of knowledge can be demonstrated, and therefore passed on; knowledge which derives from personal experience cannot be passed on. In order to acquire it, others have to enter into the same experience. (...) One result is that the work has become rather personalized. This is particularly true in the applied field.” (Klein 1976: 230 e 231)

relacionais, redes profissionais ou o próprio processo de tradução, entre outros.<sup>53</sup>

Efectivamente, há várias formas de, tal como defende Angellelli, “break into the circle”, ou seja, penetrar nesse círculo, afinal o território profissional por excelência onde habitam estes sujeitos. Vários autores propõem inúmeras hipóteses, desde a realização de entrevistas com os tradutores, participação em projectos comuns ou ainda a sua observação em contexto real de trabalho.

No decurso do nosso estudo, adoptámos basicamente uma estratégia tipicamente etnográfica (Caria 2000: 66-140), que envolveu, por um lado, a análise de dados quantitativos, através de um questionário aplicado no terreno, ferramenta esta complementada pela subsequente participação do investigador nos contextos de trabalho e interacção dos tradutores, analisando as práticas discursivas dos agentes em contexto profissional, observando o quotidiano destes profissionais.

A participação do investigador nos contextos de interacção dos tradutores procurou criar oportunidades de informalidade que permitissem estimular a reflexividade dos profissionais, abordando-os, de modo individual, com perguntas que visavam sugerir o comentário, confronto ou a simples descrição do seu posicionamento em relação ao grupo profissional sob análise, bem como ao mercado e clientes envolvidos na longa e complexa cadeia de prestação de serviços de tradução.

Ocupando uma posição de charneira, simultaneamente dentro e fora do grupo, o investigador, também um tradutor, algo que Koskinen, citando Gile, designa como “practisearcher” (Koskinen 2008: 39), desempenhou, em muitos casos, o papel “do igual” que fala sobre uma experiência comum, dando saliência às questões identitárias que são transversais aos vários contextos de trabalho e que resultam da negociação de expectativas sobre o papel atribuído ao tradutor e da necessidade deste desenvolver discursos legitimadores sobre a especificidade da sua acção profissional face aos outros actores (Granja 2008: 165-223).

Na verdade, o motivo pelo qual quisemos focar a nossa atenção numa comunidade específica de tradutores, partindo, em concreto, da análise de uma entrevista-padrão reside no facto de pretendermos seguramente deslocar os tradutores para uma posição de destaque e protagonismo como agentes facilitadores da comunicação intercultural através das nossas entrevistas, colocando frente-a-frente o seu discurso e as suas traduções. Por isso, ao idealizar as perguntas dos questionários, bem como o guião que serviu de base às entrevistas subsequentes, confiámos de forma

---

<sup>53</sup> Nota: Não é, por certo, nossa pretensão fazer juízos de valor sobre o grau de profissionalismo dos sujeitos inquiridos.

inequívoca na nossa experiência enquanto tradutor profissional e investigador na área dos Estudos de Tradução, de tal forma que acabámos por encarar as nossas entrevistas como uma enriquecedora experiência de aprendizagem, adoptando claramente uma postura de grande abertura e disponibilidade.

É provável que esta imersão no terreno nos tenha provocado uma “cegueira cultural”, e tenhamos sido absorvidos pela catadupa de sensações e experiências que se abriram com as entrevistas. Neste caso, a nossa postura foi essencialmente reflexiva e sobretudo, tal como Briggs (Briggs 1986), decorrente de uma atitude fortemente marcada por uma série de ideias preconcebidas que o investigador transportou para a entrevista e que explicam e justificam uma determinada tomada de posição, partindo do pressuposto de que a entrevista é uma produção social entre o entrevistador e o entrevistado, envolvendo a construção colaborativa e interactiva entre duas partes activas, enquanto algo que é contextual e situacionalmente produzido e encenado, porque gerador de conhecimento recíproco.

Procurámos, em concreto, analisar uma prática comum partilhada num contexto relacional específico e limitada por condições objectivas e prescrições institucionais e, em simultâneo, captar uma forma identitária construída na interacção social pela definição autóctone de territórios e significações, permitindo a mobilização e activação de saberes definidos pelo próprio grupo profissional.

Por outro lado, tentámos ainda perceber quais as normas e as rotinas que estão por detrás dos episódios descritos como imprevistos e quais os conhecimentos abstractos a mobilizar de forma a melhor entender as situações de prática profissional, partindo do pressuposto de que todas elas concorrem para uma melhor conceptualização e captação do que se entende, hoje, por *cultura profissional*. Citando Telmo Caria (2007), sociólogo especializado neste domínio, retemos a noção de *cultura profissional* associada a “grupos ocupacionais cujo trabalho e emprego têm um estatuto e prestígio social elevados, baseado na posse de um título e de uma qualificação escolar de nível superior que permite o uso e aplicação de conhecimento abstracto e científico em acções que são tidas como da competência exclusiva de profissionais, e não de amadores”:

A tradição de investigação em Sociologia das Profissões tem posto em evidência o facto do poder profissional resultar de processos sócio-históricos de afirmação simbólica e política, relativos ao capital social e simbólico que determinados grupos ocupacionais evidenciam ter para formatarem o modo como a oferta de profissionalismo ocorre na sociedade, e por esta via determinar e limitar a procura social de profissionalismo. Em consequência, ocorre a protecção



legal do Estado sobre os mercados profissionais, contra a concorrência de amadores e outros profissionais, e ao mesmo tempo ganha-se reconhecimento académico e garante-se uma equivalência social entre título escolar, emprego e tipo de trabalho na estrutura funcional das organizações.

Uma consequência analítica desta tradição de investigação sociológica está em considerar alguns grupos profissionais como semi-profissões, por comparação, por exemplo, com médicos e advogados, geralmente apresentados como tipos ideias de poder profissional. **A crítica a esta abordagem põe em evidência a necessidade de não se esquecer que o passado histórico destes tipos ideias de profissionalismo se começou por se organizar em “profissão liberal” e por se instituir em área científica universitária, isto é, por existir como trabalho intelectual e trabalho científico não assalariado** (Dubar & Tripier, 1998; Martinez *et al.* 2003; Rodrigues, 1997).<sup>54</sup> (nossos destaques)

---

<sup>54</sup> Caria, Telmo (2007) “Análise social do saber profissional em trabalho técnico-intelectual (ASPTI) – uma linha de investigação em desenvolvimento no Norte de Portugal”. IV Congresso Artur-Galaico de Sociologia, La Coruna, 23 e 24 de Março de 2007.

## PORQUÊ UMA ABORDAGEM ETNOGRÁFICA DE ANÁLISE DO DISCURSO/NARRATIVAS

Um objecto teórico que envolve o processo de construção identitária e a actividade sociocognitiva que sustenta a acção profissional exigem escolhas metodológicas adequadas, apoiadas numa abordagem etnolinguística de aproximação ao terreno susceptível de permitir uma presença nos domínios da acção profissional através da observação intensiva e prolongada, articulação com os sentidos endógenos dos sujeitos profissionais, estímulo à expressão de subjectividades reflexivas e observação de forma multiangular das trocas relacionais e estabelecimento de uma relação articulada e interdependente entre a teoria e os factos resultantes da reflexão discursiva acerca da prática profissional.

No capítulo intitulado “Acreditar no Próprio Desempenho”, do volume *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, uma obra de referência no domínio da psicologia social, Erving Goffman começa da seguinte forma:

Quando um indivíduo desempenha um papel exige implicitamente dos seus espectadores que levem a sério a impressão que neles procura suscitar. É pedido aos outros que acreditem que a personagem que estão a ver realmente possui os atributos que parece possuir, que a acção que desempenha tem as consequências que implicitamente afirma, e que, de um modo geral, as coisas são o que mostram ser. (Goffman 1993: 29)

Foi precisamente segundo este ângulo que dirigimos o nosso olhar para analisar um caso especial de construção de uma personalidade em termos sociais e profissionais num contexto geográfico e cultural específico, partindo do pressuposto, tal como Ezra Park, de que cada indivíduo terá, de certa forma, consciência do seu desempenho de um determinado papel em sociedade:

Não é provavelmente por um simples acaso histórico que a palavra “pessoa”, na sua acepção de origem, designa uma máscara. Trata-se antes do reconhecimento do facto de toda a gente estar sempre e em toda a parte, com maior ou menor consciência, a representar um papel.... É nestes papéis que nos conhecemos uns aos outros; é nestes papéis que nos conhecemos a nós próprios. (...) Em certo sentido, e na medida em que a máscara representa a concepção que formámos de nós próprios – o papel que nos esforçamos por viver -, ela é o nosso eu mais verdadeiro, o eu com que gostaríamos de nos parecer. No termo do processo, a nossa concepção do nosso papel torna-se uma segunda natureza e uma parte integrante da nossa personalidade. Chegamos ao mundo como indivíduos, adquirimos um carácter e transformamo-nos em pessoas. (Robert Ezra

Park, *Race and Culture*, Glencoe, Ill. The Free Press, 1950, p. 249m, citado em Goffman 1993: 31 e 32)

As teorias de Erving Goffman, enquanto sociólogo da vida social do quotidiano, são bastante pertinentes para analisarmos a forma como os tradutores profissionais se apresentam aos seus clientes e aos seus pares, tendo em conta que estamos, de facto, perante uma produção social do “eu”:

First, Goffman suggests, on the one hand, that the self is entirely a social product, with no underlying personal core. On the other hand, he presents a dualistic image of the self when he argues that there is an unsocialized component to the self that drives the individual into and out of social intercourse and sometimes impels the individual to behave in ways out of keeping with social norms. Secondly, Goffman suggests that individuals are not entirely determined by society insofar as they are able to manipulate strategically the social situation and others' impressions of themselves, fashioning themselves in much the same way as they would a character in a theatrical production. Yet, on the other hand, Goffman emphasizes that individuals are not able to choose freely the images of self they would have other accept, but rather are constrained to define themselves in congruence with the statuses, roles, and relationships they are accorded by the social roles. (*The Goffman Reader*, eds. Charles Lemert & Ann Branaman, Blackwell Publishing: 1997 xlvii e xlviii)

Em concreto, assumimos a noção de uma comunidade de prática específica, e tal como Theo van Leeuwen, o conceito de prática social como um princípio susceptível de recontextualização via práticas discursivas (van Leeuwen 1997: 169).

Por outro lado, o modelo de análise desenvolvido parte também do pressuposto de que, conforme sugere Norman Fairclough, as mudanças sociais ocorrem também num contexto de prática e interacção social, o que, por seu turno, implica a alteração da própria rede de práticas interculturais, pela forma como, gradualmente, vão sendo estabelecidas relações entre os vários domínios, campos, instituições, indivíduos e organizações envolvidos:

Social change includes change in social practices and in the networking of social practices, how social practices are articulated together in the constitution of social fields, institutions and organizations, and in the relations between fields, institutions and organisations. (Fairclough 2005)<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> in “Critical discourse analysis”, *Marges Linguistiques* 9: 2005. 76-94.

Partimos ainda da aceção de que os discursos são “social cognitions”, formas socialmente específicas de conhecer e analisar os contextos sociais e que, como tal, podem ser utilizados como recursos privilegiados para representar as práticas sociais através da sua fixação através dos textos (van Leeuwen 2008: 6).

Como metodologia do nosso trabalho, procedemos à aplicação das variáveis da análise do discurso dirigidas para a representação dos actores sociais por Theo van Leeuwen (van Leeuwen 1998: 171), segundo o qual é possível atribuir categorias e valores específicos ao discurso produzido pelos agentes num determinado espaço e tempo específicos, segundo categorias dicotómicas e bipolares.<sup>56</sup> Este inventário sociosemântico associado ao estudo de van Leeuwen (1996) acerca da representação dos actores sociais fornece-nos uma útil caracterização sobre as principais formas segundo as quais os actores sociais podem ser representados através do discurso, mediante realizações linguísticas e retóricas específicas.

Trata-se de uma perspectiva dinâmica que envolve a construção de uma identidade e subjectividade a partir de enquadramentos relacionais, nomeadamente com base nos seguintes eixos de análise apresentados em “A representação dos actores sociais” (1997):

1. Activação / Passivação
2. Exclusão / Supressão
3. Generalização / Especificação
4. Assimilação / Individualização
5. Singularidade / Pluralidade
6. Associação / Dissociação
7. Indeterminação / Diferenciação
8. Nomeação / Categorização
9. Personalização / Impersonalização
10. Impessoal / Pessoal
11. Individual / Colectivo (van Leeuwen 1997)

Durante a fase das entrevistas, e através da análise das narrativas individuais e

---

<sup>56</sup> Ver ainda van Leeuwen, Theo (2008) *Discourse and Practice. New Tools for Critical Analysis*. New York: Oxford University Press.

colectivas, o nosso objectivo consistiu em analisar a forma como se desenvolve a construção de uma identidade profissional por parte do tradutor, com um especial enfoque em questões como, por exemplo:

- identidade e reconhecimento
- invisibilidade
- subserviência e subalternidade
- auto-consciência e reconhecimento profissionais
- *ethos*
- realização profissional
- expectativas
- autonomia e controlo sobre o produto do seu trabalho
- estatuto socioprofissional
- saberes (conhecimento tácito, implícito e explícito)
- distinção “tarefa” vs “actividade”, do ponto de vista ergonómico
- interacção entre a prática profissional e o mercado da tradução (constrangimentos, características, dinâmicas, redes de relações, conflitos)
- postura profissional
- criação, adopção e cumprimento de normas profissionais capazes de reger a prática da tradução, como um processo e um produto (Chesterman 1993)

O foco da observação resultante das narrativas foi consubstanciado em actos profissionais específicos, caracterizados por impressões, imagens operativas e esquemas de síntese, construídos por saberes múltiplos e transversais em articulação com as experiências individuais e de grupo adquiridas e testadas, e que constituem, afinal, a estrutura sociocognitiva dos profissionais.

O estudo das narrativas dos profissionais de tradução, a análise dos seus saberes tácitos e implícitos, e a avaliação do seu portefólio de traduções permitiram-nos ainda traçar os limites e as fronteiras de uma identidade profissional ténue e difusa, muitas vezes pouco solidificada em termos sociais. Como tal, ao elegermos como nosso objecto de estudo o saber profissional dos tradutores implicou também direccionar o processo de investigação para profissionais em processo de consolidação do seu saber com uma eventual legitimação para exercer a profissão, com níveis de auto-estima e repertórios de uma *praxis* latente já consolidados, dotadores da energia e confiança

necessárias para o agir profissional. De igual forma, procurámos ainda verificar o estado de consolidação e desenvolvimento desse saber em termos de fases ou etapas inerentes à construção e aplicação de uma noção de profissionalismo (incipiente, embrionário, pré-profissional, proto-profissional, intermédio, avançado), como demonstraremos mais adiante.

No quotidiano da actividade dos tradutores profissionais existem, como veremos, saberes tácitos decorrentes, de uma forma aparentemente automatizada e auto-consciente, da gestão do processo de tradução e da sua prática profissional, revelando esquemas práticos alicerçados em “certezas” e confianças básicas que permitem a energia para o querer agir e enfrentar as mais díspares situações e exigências inerentes à prestação de um serviço, sempre em contextos relacionais. Na maior parte das vezes, estes contextos são, muitas vezes, conflituais, com níveis elevados de incerteza, instabilidade e singularidade própria de acontecimentos localizados em contextos pouco estruturados, contraditórios e, por vezes, paradoxais, marcados por um constante processo de decisão, com normas, juízos e valores próprios das características teleológicas da acção, e por um considerável número de problemas e insatisfações decorrentes da tarefa executada, problemas esses que poderão ser partilhados e reconhecidos (implícita ou explicitamente).

Dada a complexidade dos contextos da acção profissional, a nossa abordagem metodológica desenvolveu um tipo de análise holística com partilha das rotinas, expectativas, ansiedades e actividades profissionais quotidianas e, como tal, orientou-se, por um lado, pelas próprias características específicas das situações concretas observadas com os contributos provenientes da subjectividade dos actores sobre o sentido da acção em contexto profissional e, por outro, pelo estímulo à participação individual em regime de liberdade intelectual com garantia de uma segurança psicológica, privilegiando o reconhecimento do saber profissional e a validação dos saberes intuitivos, relacionais, comunicacionais, sociais e éticos.

## DOCUMENTAÇÃO E *CORPUS*

Por uma questão de sistematização e organização do nosso trabalho, queremos, neste espaço, elencar os documentos que constituem o *corpus* utilizado no decurso deste projecto, cujo acesso se encontra disponível na rubrica Anexos em suporte físico ou digital. Estes materiais podem ser facilmente divididos em recursos documentais primários e secundários e compreendem elementos oriundos de diversas fontes e registos, bem como diferentes suportes, demonstrando uma ligação pertinente à natureza e abrangência das temáticas em análise. Destes, destacamos, em concreto, os exemplos de transcrições de entrevistas, o respectivo formato áudio, bem como os resultados dos três questionários desenvolvidos no âmbito do mercado de tradução português:

Anexo 1 – Questionário: O perfil das empresas de tradução em Portugal - Estudo Sociológico (primeiro estudo realizado às empresas de tradução associadas da APET, e nos permitiu mapear o mercado da tradução a nível nacional) [CD]

Anexo 2 – Economia e mercado - Breve radiografia das empresas de tradução portuguesas (estudo de caso resultante da análise e descrição dos dados obtidos no questionário acima referido) [CD]

Anexo 3 - Respondentes disponíveis para entrevista e respectivas áreas de actividade (listagem dos tradutores que manifestaram disponibilidade em serem entrevistados, após a realização do questionário quantitativo na região norte) [CD]

Anexo 4 - Outras combinatórias linguísticas seleccionadas (respostas obtidas durante o questionário dirigido aos tradutores freelancer da região norte de Portugal) [CD]

Anexo 5 - Palavras-chave obtidas após as entrevistas (análise semântica dos conceitos abordados durante as entrevistas) [CD]

Anexo 6 - Análise semântica das principais áreas de actividade e línguas mais solicitadas através da ferramenta *Wordle* (decorrente da análise das respostas obtidas durante o questionário quantitativo) [em papel e CD]

Anexo 7 – Questionário aplicado aos tradutores *freelancer*: A Profissionalização da Tradução no Norte de Portugal (segundo estudo realizado aos tradutores freelancer da região norte de Portugal) [CD]

Anexo 8 – Resultados do questionário: A Profissionalização da Tradução no Norte de Portugal (descrição quantitativa das respostas obtidas nesse questionário) [CD]

Anexo 9 – Guião das entrevistas (modelo utilizado para a realização das entrevistas durante o trabalho de campo) [CD]

Anexo 10 - Apresentação de Brigith Guimarães: Línguas, áreas de actividade e amostras de traduções (elementos que descrevem a forma como esta profissional se apresenta no sítio ProZ) [CD]

Anexo 11 – Mindmap Brigith Guimarães (mapa conceptual elaborado a partir da análise da entrevista com esta tradutora) [CD]

Anexo 12 – Notas manuscritas decorrentes da entrevista a Brigith Guimarães (exemplo dos apontamentos tirados durante a realização das entrevistas) [CD]

Anexo 13 – Entrevista a Brigith Guimarães (transcrição integral da entrevista) [CD]

Anexo 14 – Suporte áudio da entrevista a Brigith Guimarães (ficheiro áudio com a entrevista) [CD]

Anexo 15 – Entrevista a A.C. (outra entrevista realizada com tradutor) [CD]

Anexo 16 – Entrevista a J.P. (outra entrevista realizada com tradutor) [CD]

Anexo 17 – Retrato-robô de uma profissão (representação gráfica analítica dos elementos resultantes da análise das entrevistas e questionários quantitativos, sob a forma de diagrama conceptual) [CD]

Anexo 18 – Questionário A Prestação de Serviços de Tradução na óptica do Consumidor/Cliente (terceiro estudo realizado aos clientes e consumidores de serviços de língua e tradução) [CD]

Anexo 19 – Resultados do questionário: A Prestação de Serviços de Tradução na óptica do Consumidor/Cliente (descrição quantitativa das respostas obtidas nesse questionário) [CD]

Anexo 20 - Uma realidade polimorfa: a dimensão do mercado das línguas na região norte conforme apresentado nas Páginas Amarelas (análise da forma como a tradução é publicitada neste veículo de comunicação) [CD]

Anexo 21 – Traduções de Brigith Guimarães (conjunto de traduções realizadas por esta profissional em áreas de especialização e línguas diversificadas) [CD]

Anexo 22 – Declaração de Brigith Guimarães concedendo autorização ao investigador para usar o seu nome e materiais no decurso deste estudo[CD]



## AS ENTREVISTAS

Centrando-nos especificamente nas interações entre profissionais, e na sua respectiva verbalização, lográmos captar a relação que os profissionais constroem entre o interior e o exterior do seu grupo, ou seja, a visão endógena e exógena e, ao mesmo tempo, as transações identitárias que ocorrem em contexto de acção.

Neste contexto, a nossa abordagem etnográfica compreendeu a realização daquilo que vulgarmente se designa como *in-depth qualitative interviews*<sup>57</sup>, ou seja, entrevistas aprofundadas e conversas semiestruturadas, registadas em gravador digital, com 31 tradutores oriundos da região norte de Portugal sobre temas pré-definidos, centrados nas relações dos profissionais com o mercado, os clientes e com os seus pares/colegas.

Metodologicamente falando, depois do *survey* quantitativo aos tradutores da região norte, desenvolvemos uma série de entrevistas estruturadas, com base nos resultados obtidos, e que nos permitiram elaborar uma primeira tipologia padrão do perfil de respondente, conforme mapa conceptual que anexamos no Anexo 17.

Antes da inserção no terreno e da realização das entrevistas, tivemos ainda oportunidade de elaborar um guião prévio e estruturado da nossa entrevista modelo, enquadrado num questionário cujas perguntas estavam directamente ligadas às respostas obtidas no *survey* quantitativo, sobretudo em relação às principais tendências que fomos detectando ao nível da constituição do mercado e posicionamento profissional. As entrevistas foram realizadas, na sua maioria, em língua portuguesa, e encontravam-se enquadradas pelo questionário já aplicado no terreno, bem como o guião resultante da nossa leitura e interpretação dos resultados.

A selecção dos entrevistados foi feita com base nas respostas ao primeiro inquérito quantitativo, sobretudo tendo em conta os indivíduos que, na última alínea do desta ferramenta, tinham demonstrado interesse em serem contactados futuramente para uma entrevista. No cômputo geral, foram 151 os tradutores que manifestaram disponibilidade em serem entrevistados, o que totaliza uma percentagem superior a 50%

---

<sup>57</sup> Ver, a propósito, Briggs (1986) “I will use the term “interview” to cover a wide range of research activities from the most “informal,” “open-ended” interviews to the use of “formal” instruments in survey research. (...) I will also use the term “fieldwork” in its anthropological sense to refer to research that involves intense interaction between a researcher and a given population over a substantial period of time. Fieldwork generally includes a number of different research modalities, including interviews of one of more types. My usage is thus to be distinguished from a common use of the term in sociology: here “fieldwork” often involves observation and other procedures rather than interviewing. (Briggs 1986: 7)

dos 287 respondentes que finalizaram o questionário (conforme demonstrado nos Anexos 7 e 8).

Destes 151 tradutores, optámos por seleccionar uma amostra de 31 indivíduos para a realização das nossas entrevistas individuais, o que corresponde a um quinto, ou sensivelmente 20%, do total.

De referir ainda que a escolha dos nossos respondentes obedeceu a um critério de selecção que teve, essencialmente, como base a sua distribuição por áreas de actividade, sobretudo em termos de domínios de especialização, de forma a obtermos um número equilibrado e equitativo dos profissionais, de acordo com as grandes categorias detectadas, nomeadamente jurídico, técnico, informática/localização, literário, saúde/medicina e audiovisual. Os respondentes foram, na sua maioria, cidadãos portugueses, à excepção de dois casos (ver Anexo 3).

Graças a esta estratégia foi possível obter um grupo de respondentes suficientemente heterogéneo e abrangente, revelador da complexidade de perfis em análise. Foi desta forma que tivemos oportunidade de seleccionar tradutores jurídicos, literários, de teatro, científicos, técnicos, mas também gestores e empresas de tradução e de audiovisual, conforme demonstra a Tabela 1, abaixo.

<b>Nome</b>	<b>Função</b>	<b>Área</b>	<b>Duração (min)</b>
AC	Tradutor	Técnica	82
AVF	Tradutor	Técnica / Audiovisual / Interpretação	83
AS	Tradutor / Gerente	Técnico	49
BG	Tradutor	Técnico	89
CP	Tradutor	Literário	80
FC	Gerente		43
GCR	Gerente		75
GL	Tradutor	Técnico	63
HR	Tradutor	Literário	68
ICJ	Tradutor	Técnico / Interpretação	62
JAS	Tradutor / Gerente	Técnico	65
JV	Tradutor	Técnico	53
JP	Tradutor	Técnico / Literário	80
JG	Tradutor	Técnico	46
LG	Gerente	Localização	70
MdaS	Tradutor	Técnico	63
MF	Tradutor	Técnico	73
MS	Tradutor	Técnico / Generalista	107
MCB	Tradutor	Técnico	41

MMCU	Tradutor	Jurídico	42
MRV	Tradutor	Jurídico	84
MB	Tradutor / Gerente	Técnico	50
PEC	Tradutor	Literário	68
PA	Tradutor	Técnico / Literário	67
RR	Tradutor / Gerente	Técnico	58
RS	Tradutor	Técnico / Generalista / Interpretação	92
SD	Tradutor	Técnico	35
SP	Tradutor / Gerente	Economia	39
TSM	Tradutor	Jurídico	30
UL	Tradutor	Técnico / Jurídico	65
VS	Gerente		100
			<b>Total: 2022 min</b>

**Tabela 1:** Respondentes entrevistados, cargo, área e duração da entrevista

Complementarmente, foram tiradas notas de campo de cada entrevista, com especial incidência na postura, percepções e factores extrínsecos à própria entrevista (ver Anexo 12). Casos houve em que contactámos os tradutores entrevistados posteriormente, por telefone ou email, para um *follow-up* e actualização ou confirmação de certos dados que tinham ficado menos perceptíveis nas gravações e transcrições.

Em paralelo, tivemos ainda oportunidade de completar a nossa observação com a reunião de um *corpus* de textos e traduções dos respondentes (em especial da tradutora escolhida para a entrevista-modelo), bem como de alguns elementos complementares em termos de discurso, nomeadamente através do acesso às suas páginas pessoais ou *links* em diferentes meios de publicitação profissional, como o ProZ, ou ainda uma análise dos principais conceitos decorrentes do seu discurso sob a forma de um mapa conceptual (ver Anexo 11).

Esta metodologia abrangente e modular permitiu uma abordagem mista, através de um olhar simultaneamente qualitativo e quantitativo, capaz de potenciar a comparação, contraste e cruzamento entre os dados obtidos com base em fontes diversas e interdisciplinares, a partir das entrevistas em contexto colaborativo:

(...) we cannot study social interaction except in relation to the interactive methods employed by social actors themselves to create and maintain their sense of reality. As such, the impulse in interview research would be to attend as much to *how* participants assemble their respective communications as to *what* is asked and answered (...) Such approaches specifically apply to interviewing the perspective that the interview is a social production between interviewer and respondent. In other words, it entails collaborative construction between two *active* parties.

Because the interview is situationally and contextually produced, it is itself a site for knowledge production, rather than simply a neutral conduit for experiential knowledge, as traditionally believed (Fontana 2002: 166)<sup>58</sup>

Relativamente à abordagem através de entrevistas, e tal como admitem Rubin e Rubin (Rubin & Rubin 1995: 145-146), optámos por utilizar três tipos de questões, a saber:

1. questões principais, susceptíveis de iniciar e orientar a conversa;
2. clarificação e esclarecimento de questões, e posterior solicitação de mais informações aprofundadas e, por último,
3. as chamadas questões de *follow-up*, orientadas para um enfoque mais específico em termos de implicações das respostas em confronto com as questões principais.

Como resultado da dinâmica da própria entrevista, procedeu-se a uma ampliação das questões em cada secção, de modo a permitir uma maior expansão e alargamento das respostas por parte dos inquiridos e abrindo o terreno para a discussão de temas periféricos, embora com especial pertinência no contexto do estudo. Por outro lado, procurámos, sempre que possível, integrar outras questões mais latas, de forma a incluir comentários feitos à margem, e que deram origem a uma considerável série de anexos pós-entrevista (ver Anexo 12). Refira-se ainda que, em média, cada entrevista originou cerca de quatro a cinco páginas de notas manuscritas.

Em paralelo, e mediante solicitação e autorização prévias, optámos ainda por deixar, muitas vezes, o gravador ligado após a suposta conclusão da entrevista, de forma a permitir que as explicações e o fio condutor do raciocínio dos entrevistados não fossem quebrados e permitissem a convocação de temas e pistas de interesse futuro. Para um exemplo do guião utilizado como base para as nossas entrevistas, ver Anexo 9.

Em termos de duração, as entrevistas demoraram, em média, sensivelmente uma hora, o que corresponde a cerca de vinte páginas por entrevista, e num total, cerca de 527 páginas A4 de transcrição com espaçamento de 1,5. Quanto às transcrições, as mesmas foram processadas e codificadas para cada respondente, e agrupadas de acordo

---

<sup>58</sup> Fontana, Andrea (2002) "Postmodern Trends in Interviewing", in *Handbook of interview research: context & method*. Gubrium e Holstein (eds), SAGE.  
Ver ainda Briggs (1986) e (2002)

com a respectiva secção do questionário e número da pergunta, conforme demonstram os elementos facultados nas páginas 340 e seguintes desta tese.

De referir, por último, que optámos por realizar, em simultâneo, e como forma de *cross-check*, um segundo questionário direccionado especificamente para os clientes de serviços de tradução, no decurso do qual quisemos aferir as percepções dos consumidores deste tipo de serviços e cujos resultados foram, sempre que possível colocados em confronto com o discurso dos entrevistados e com os dados quantitativos obtidos no nosso *survey* inicial (ver Anexos 18 e 19).

Este questionário, denominado “A Prestação dos Serviços de Tradução na Óptica do Consumidor/Cliente” foi implementado *online*, através da mesma ferramenta Survey Monkey, e decorreu entre Dezembro de 2010 e Janeiro de 2011.

Dirigido a clientes, consumidores e responsáveis pela encomenda e contratualização de serviços de tradução em Portugal continental, Açores e Madeira, o objectivo era colher informações dos respondentes nesta matéria, de forma a analisar as suas percepções sobre a prestação dos profissionais das línguas e permitir um melhor enquadramento do sector ao nível das exigências e condicionalismos do mercado. No cômputo geral foram elaboradas 34 questões, divididas em 9 alíneas principais (ver Anexo 18). Em termos de adesão, obtivemos uma percentagem de 40,2%. Refira-se que este questionário foi dirigido a cerca de 1000 clientes, tendo sido obtido um total de 301 respostas iniciadas, contra um total de 121 respondentes com o questionário concluído.

Mais tarde, comparámos as entrevistas com o *survey* quantitativo já aplicado e, posteriormente, cruzámos os dados com este *survey* orientado para os clientes e consumidores de serviços de tradução.

Posteriormente, as 17 entrevistas finais foram todas trabalhadas e analisadas individualmente e de forma exaustiva, no sentido de detectar os principais padrões e regularidades, para posterior confronto geral com o conjunto das restantes entrevistas e, assim, possibilitar um inventário de tópicos mais frequentes e distintivos, caracterizadores da profissão. Procedemos, portanto, a uma categorização da informação com base na classificação dos dados disponíveis decorrentes das entrevistas e *survey* quantitativo de forma a poder elaborar uma tipologia prototípica dos perfis de prestadores de serviços de tradução encontrados.

Refira-se ainda que, durante a fase das transcrições, começámos gradualmente a tomar consciência da extraordinária riqueza e abundância das narrativas contidas nas gravações, algo que Bucholtz 2000 refere como “narratives of inception”, ou seja,

“narrativas de origem”, contendo descrições de momentos epifânicos de revelação da profissão. Por outro lado, a própria riqueza dos dados exigiu, em certos casos, a eventual redefinição da nossa hipótese de investigação inicial, implicando uma segunda análise dos dados:

[Such approaches] specifically apply to interviewing the perspective that the interview is a social production between interviewer and respondent. In other words, it entails collaborative construction between two active parties. Because the interview is situationally and contextually produced, it is itself a site for knowledge production, rather than simply a neutral conduit for experiential knowledge, as traditionally believed. (Fontana 2002: 166) <sup>59</sup>

A segunda análise transversal dos dados revelou, de facto, os principais temas e áreas de incidência emergentes e recorrentes que atravessavam as principais categorias de questões que incluímos no questionário. No fundo, estes temas não só serviram para corroborar os resultados obtidos no *survey* quantitativo, como também constituíram um alargamento e aprofundamento das perspectivas dos nossos entrevistados e da respectiva base de conhecimento.

Por último, um terceiro olhar convergente para as transcrições permitiu o seu confronto directo com os dados quantitativos, e posterior diálogo e fusão entre os resultados estatísticos e a análise das narrativas e discursos pessoais que, inicialmente, pareciam circular em campos paralelos e opostos, permitindo ainda a elaboração de modelos empíricos de aferição da profissionalidade.

Na secção seguinte, Parte I, iremos dedicar a nossa atenção a três das cinco principais variáveis que configuram o nosso estudo e que nos permitem enquadrar a tradução como um fenómeno marcadamente interdisciplinar e transversal à sociedade, nomeadamente as componentes social, profissional e económica. As dimensões textuais, linguísticas e discursivas resultantes da análise dos textos traduzidos serão analisadas paralelamente, em confronto com as entrevistas.

---

<sup>59</sup> Ver ainda Briggs (1986) e (2002).



## **PARTE I**





**CAPÍTULO UM**  
***TRANSLATIONS AROUND US / O SOCIAL DA TRADUÇÃO***



## AS VÁRIAS MANIFESTAÇÕES DA TRADUÇÃO

Quem, como nós, frequenta e assiste a conferências e eventos sobre tradução já terá ouvido, por certo, a velha referência de carácter anedotal sobre a "mais velha profissão do mundo", que se afigura, quiçá, como um excelente "desbloqueador de conversa", tantas vezes usado em contexto social por oradores ansiosos de conquistar a sua audiência.

Porém, para além deste *fait-divers*, a verdade é que a tradução desempenha um papel fulcral e estratégico na nossa sociedade. Quem não se lembra, por exemplo, da primeira guerra do Golfo, em 1990, e da forma como, em directo e ao vivo, as traduções das notícias da cadeia de televisão norte-americana CNN eram feitas em tempo real, pelos jornalistas, pivôs ou tradutores da RTP? Pela sua competência em línguas e em vários domínios técnicos, nomes como Carlos Fino, José Rodrigues dos Santos ou Nuno Rogeiro emergiam dos ecrãs como versáteis intermediários decifradores do real.

Talvez seja um lugar-comum, mas a verdade é que a tradução existe e atravessa a nossa existência, umas vezes notada e visível, outras vezes anónima e invisível, mas, por certo, passando praticamente despercebida ao cidadão comum, conforme comprova este depoimento de uma tradutora jurídica com quem falámos logo no início do nosso projecto:

Eu acho que as pessoas que não necessitam de traduções, quando se lembram dos tradutores só se lembram dos tradutores dos livros e talvez dos filmes da televisão. **Suponho que ninguém se lembra que há outros tradutores que todos os dias tenham coisas traduzidas, folhetos de máquinas, folhetos de medicamentos, em coisas de iogurtes, acho que ninguém se lembra desses tradutores**, a não ser que haja um erro muito grande de tradução que aí, e riem-se, dizem 'ai que engraçado'. **Acho que é um trabalho muito pouco reconhecido.** (T.S.M., 01/06/2009, nossos destaques)

## MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A TRADUÇÃO

De que falamos, então, quando falamos de tradução? Estaremos a falar de uma ou mais profissões? Que faces e rostos esconde esta profissão? Que cambiantes e desígnios encerra? Qual Jano, deus romano do início e do fim, entidade representada com duas cabeças, e associada a atitudes antitéticas e dicotómicas, também a tradução é uma entidade complexa e multiforme, dotada de uma plasticidade e heterogeneidade que lhe conferem um carácter especial na sociedade.<sup>60</sup>



**Figura 1.** Jano

A verdade é que a tradução existe e acaba por fazer parte das nossas vidas, como tentaremos provar neste breve trajecto em que apresentaremos os vários rostos da profissão, assentes basicamente no seu carácter não-formal, e em que queremos traçar os principais contornos deste mapa tão difícil e difuso.<sup>61</sup>

A ubiquidade da tradução, conforme refere Esperança Bielsa no seu artigo “Translation in global news agencies” (2007), e ainda no volume publicado com Susan

---

<sup>60</sup> Devemos a Danilo Nogueira a sugestão desta figura mitológica, embora discordemos, em parte, da forma simplista como a analogia é desmontada no seu sítio, porque acreditamos que as múltiplas faces e rostos do tradutor são bem mais complexos, como tentaremos provar. O conhecido tradutor brasileiro apresenta a seguinte explicação acerca desta figura mitológica, em <http://tradutor-profissional.blogspot.com/>:

*Janus deveria ser o deus romano protetor dos tradutores: uma das faces no original, a outra na tradução; uma no autor, outra no leitor.*

<sup>61</sup> Ver, a propósito, artigo “The Hidden Life of Translators - The quest for the roots of quality” da autoria de Bill Fraser e Helen Titchen Beeth (Serviço de Tradução, Comissão Europeia), disponível em <http://www.albaglobal.com/article511.html>

Bassnett (2009), é algo bastante presente em termos humanos, sociais e culturais. É essa a primeira constatação que gostaríamos de sublinhar, ou seja, a total omnipresença e o carácter absolutamente transversal da tradução como actividade intercultural na vida humana, à escala mundial:

Translation as a metaphor for intercultural exchange serves also as a key image for the start of the twenty-first century, a century that is already one of massive movement of peoples around the planet on an unprecedented scale. (Bielsa & Bassnett 2009)

Diariamente se traduz cada vez mais a nível nacional e internacional. A importância das línguas para o comércio, indústria e comunicação empresarial é, de facto, vital e estratégica, porque geradora de riqueza e facilitadora da comunicação intercultural. Em Portugal, por exemplo, para além da importância crescente da literatura traduzida em contexto da lusofonia, é inegável a quantidade e a proliferação de traduções em contexto técnico e científico, sobretudo face ao peso político, social, institucional e económico da denominada documentação técnica e dos textos científicos que, normalmente, circulam em torno dos produtos e artigos que consumimos diariamente.

Citando Francisco Magalhães, “a Tradução é uma actividade universal que permite a multiplicação de contactos sempre que há necessidade de comunicar entre línguas, linguagens especializadas e culturas diferentes “(Magalhães 1986: 29), referindo ainda que a tradução dita institucional representava, à data, 14% da actividade da UE, justificando o maior grupo socioprofissional constituído por cerca de 1.100 tradutores internos, representativo de 12,5% do total dos funcionários da CCE.

Não será ainda alheio o facto de o próprio Instituto Camões ter encomendado, em 2009, ao Instituto Superior Técnico, um inquérito sobre o valor da língua portuguesa, a que aludiremos mais tarde. Um estudo que veio recentrar o tema da importância económica das línguas, alertando os órgãos decisores para a importância estratégica das línguas e, em especial, da língua portuguesa, como prova a entrevista de Ana Paula Laborinho ao *Público*, em 5 de Junho de 2011, sob o título “O português vale mais do que o lugar que a Europa lhe dá.”

Numa intervenção intitulada “Structure and Dynamics of the World System of Translation”, apresentada no âmbito do *International Symposium: Translation and Cultural Mediation*, organizado pela UNESCO em 22 e 23 de Fevereiro de 2010, o sociólogo francês Johan Heilbron sublinha o papel vital da circulação dos produtos

traduzidos naquilo que designa como “a world system of translation”, o sistema mundial da tradução, do qual o *Index Translationum* é apenas um exemplo:

Translation occurs in a set of relations between languages and language groups, which do not cover all languages that exist, but which does have a global dimension. What happens in one part of the system is related to what happens elsewhere: so there are various forms of interdependencies warranting to speak of an international translation system. As a consequence, many aspects of the translation process are affected by the way they are embedded in the structure and the dynamics of this world system of translation.

We can get an appropriate image of what this system looks like when we consider the international flows of translated books. (Heilbron 2010)

## O PESO REAL DA TRADUÇÃO

Uma simples análise das prateleiras e escaparates de uma loja, biblioteca ou livraria, a leitura de um jornal, ou mesmo a aquisição de produtos e artigos num qualquer hipermercado, levam-nos a concluir que, na maioria dos casos, a tradução existe, embora não seja perceptível “ao comum dos mortais”. Em qualquer dos casos, diariamente, somos confrontados com uma circulação maciça de textos traduzidos, não apenas de enquadramento literário, mas sobretudo dos domínios técnicos e científicos.<sup>62</sup>

De facto, uma análise empírica dos produtos traduzidos permite facilmente concluir que a literatura traduzida é apenas a ponta de um enorme icebergue da prática normal e quotidiana da tradução em Portugal, talvez por ser aquela que maior visibilidade acarreta em termos de protagonismo e exposição pública e mediática. Francisco Magalhães adianta, por exemplo, que os dois mercados da tradução mais visíveis são a edição e o audiovisual, apontando para o facto de que, em Portugal, mais de um terço das obras publicadas serão traduções:

Mas esta “parte visível” do mercado tem muito de invisível. (...) Em termos práticos, excluímos o grande mercado, a que chamamos a “tradução invisível (...) cujo volume é impossível de estimar. (op. cit. 36 e 37)

Neste caso, reenviamos a nossa análise para as conclusões obtidas no relatório van Dijk, divulgado por Daniel Gouadec (2002), segundo o qual 80% do mercado será ocupado pela tradução especializada, sendo que os restantes 20% pertencem, efectivamente, à tradição editorial (Gouadec 2002: 88).

No âmbito do nosso estudo, tivemos ainda oportunidade de contactar várias editoras, bem como profissionais habituados a lidar com produtos traduzidos. Neste caso, contactámos um dos mais reputados tradutores literários portugueses, que nos classificou desta forma o panorama editorial português, na óptica do livro traduzido:

Trabalho para a Assírio e Alvim, Presença e Relógio d'Água, ou seja, uma «grande» e duas «médias», e as três têm uma enorme carga de traduções nos seus programas de publicações. (...) No Porto já traduzimos um livro para a Campo das Letras, também bastante centrada no livro traduzido (como todas, acho eu). (F.G., email de 24 de Janeiro de 2008)

---

<sup>62</sup> Por exemplo, de acordo com uma das mais importantes editoras portuguesa, a Porto Editora, especializada na publicação de materiais didácticos e pedagógicos, bem como literatura, nos últimos dez anos registou-se um aumento de cerca de 27% no seu volume de traduções.



Já, por exemplo, a Editorial Presença revelou-nos por email, de 13 de Março de 2008, os seguintes dados percentuais sobre o peso da literatura traduzida na sua empresa:

Na nossa programação editorial, as traduções têm um peso de aproximadamente 65%. (comunicação por email).

Tivemos ainda oportunidade de contactar outra editora especializada em livros didácticos, que apesar do anonimato, nos enviou uma tabela Excel, reveladora da evolução das obras traduzidas internamente, desde 2000, onde é possível verificar a significativa evolução e peso das obras traduzidas, que correspondiam a cerca de um terço do total em 2007:

	<b>Português</b>	<b>Tradução</b>	
2000	209	8	3,7%
2001	137	7	4,9%
2002	180	6	3,2%
2003	337	19	5,3%
2004	374	16	4,1%
2005	333	24	6,7%
2006	363	68	15,8%
2007	355	125	26,0%

**Tabela 1.** Evolução das obras traduzidas numa editora desde 2000

## AS TRADUÇÕES QUE NOS RODEIAM

“Translations around us” é o original título de um estudo desenvolvido na Universidade de Turku, Finlândia, por Leena Salmi, que pretende identificar a percentagem e a quantidade de traduções que nos rodeiam, e que está a ser reproduzido actualmente na Universidade do Minho no âmbito de um projecto de investigação a nível da licenciatura de Línguas Aplicadas.

Nas suas conclusões, a autora refere que sensivelmente um terço dos documentos com que nos confrontamos diariamente são, efectivamente, traduções (Salmi 2010), embora outros dados apontem para valores bem superiores, muito próximos dos 40% (Vihonen e Salmi 2007, 2008) ou mesmo 44% (Mäkisalo 2006). No nosso caso, por exemplo, as conclusões dos estudos desenvolvidos em várias comunidades da região norte apontam para uma percentagem muito próxima dos 40% de traduções (Pedrosa et al 2011) e dos 64% (Lombardo et al 2011). Para além da invisibilidade explícita ao fenómeno e do assinalável impacto das redes sociais (Almeida et al 2011), detectámos ainda que a faixa etária dos 17 aos 30 anos é aquela que mais consome literatura traduzida, com 70% (Câmara et al 2011).

No capítulo 1, da obra *Translatio* de 2008, dedicado ao tema “Flux de traductions et hiérarchies des langues”, os autores enunciam três lógicas segundo as quais se processam as trocas interculturais, e no âmbito das quais vários agentes, instituições e indivíduos interagem e se cruzam:

Trois logiques, économique, politique et culturelle, président donc aux échanges interculturels dans des proportions et selon des combinaisons qui varient dans l’espace, dans le temps e dans les différents domaines ou secteurs considérés. Elles sont incarnées par des agents, institutions et individus, et permettent de rendre compte de la diversité des fonctions sociales que remplit la traduction. (Sapiro 2008: 21)

E, mais recentemente, no já citado simpósio internacional promovido pela UNESCO, em 2010, sob o título ‘Translation and Cultural Mediation’, Johan Heilbron analisou precisamente esse “world system of translations”, consubstanciado nos dados estatísticos que compõem o *Index translationum*, da UNESCO, e segundo o qual, anualmente, mais de 80.000 livros serão traduzidos em todo o mundo, oriundos de cerca de mais de 200 línguas, num sistema cuja distribuição terá a seguinte configuração, e cuja divisão poderá ser efectuada em quatro grandes domínios, conforme a importância

das línguas no referido sistema e o respectivo peso em termos de literatura traduzida, nomeadamente hipercentral, semicentral, central (onde vamos encontrar precisamente o português, o espanhol, o italiano e o russo) e periférica:

The distribution of these book translations by language suggests that the international translation system is a 4-level structure.

55 to 60 % of all book translations are made from a single language, and that is – obviously – English. So English strongly dominates the global market for translations. In terms of a core-periphery model, which is widely used in international relations, one can say that it occupies a sort of *hypercentral position* to borrow a term from Abram de Swaan.

After English, there are two languages that have a *central position*: German and French. Each with a share of about 10% of the global translation market. Both are far behind English, but are clearly ahead of all the other languages. Then – third level - there are 7 or 8 languages that have a *semi-central position*. These are languages that are neither very central on a global level nor very peripheral, having a share of 1 to 3 % of the world market. These are typically languages like Spanish, Italian, and Russian. And, finally – fourth level - there are all the other languages from which less than 1% of the book translations worldwide are made.

These languages can be considered to be ‘peripheral’ in the international translation economy, in spite of the fact that some of these languages have a very large number of speakers – Chinese, Japanese, Arabic. These are among the largest languages in the world, but their role in the translation economy is peripheral as compared to more central languages. (Heilbron 2010: 2)

## A PROFISSÃO VISTA DO EXTERIOR: PRIMEIROS MOVIMENTOS



Figura 2. A tradução segundo Quino

A propósito das questões atrás formuladas, não podemos deixar de convocar a actualidade desta tira de banda desenhada da famosa Mafalda, publicada num periódico da América Latina, nas décadas de 60 e 70, e que nos revela uma visão estereotipada da profissão. Neste caso, a tradução é associada a uma profissão menor, desconhecida e obscura, com escasso peso no orçamento familiar, e essencialmente feminina. Sendo relativamente mal remunerada, à peça, e precária, pode constituir um “pé-de-meia”, servindo, neste caso, para comprar os mantimentos da casa (a massa, enquanto alimento barato), como um complemento adicional. Para além disso, graças ao valor relativo na economia doméstica, serve para pagar as “miudezas”, por oposição às outras despesas do lar, nomeadamente a hipoteca da casa, que serão asseguradas pelo elemento masculino.

“E, no entanto, ela existe”, isto se quisermos subverter e adaptar o *dictum* de Galileu Galilei... E, no entanto, tal como refere Alan Duff, no seu manual de 1989, *Translation*, publicado pela Oxford University Press, quando enumera uma longa lista de razões para usar a tradução na sala de aula:

Translators will always be needed. Without them, there would be no summit talks, no *glasnost* or *perestroika*, no Cannes Film Festival, no Nobel prizes, no advances in medicine, science or engineering, no international laws, no Olympic Games, no “*Hamlet*”, no “*War and Peace*”. (Duff 1989: 7)

Curiosamente, já noutra obra anterior, *The Third Language: Recurrent Problems of Translation into English* (Duff 1981), o mesmo autor estabelecia uma sugestiva comparação entre o processo de composição e o acto da tradução, recorrendo para tal a uma citação de Leonardo da Vinci, como pretexto para descrever o carácter ubíquo, transversal e omnipresente da tradução e o respectivo impacto na sociedade:

*He who can go to the fountain does not go to the water-jar.*

(Leonardo da Vinci, *Notebooks*, O.U.P.)

Leonardo da Vinci was talking, of course, of composition. His advice to painters was "go to the objects of nature rather than those which are imitated from nature": paint from life, not from a copy of life.

The translator, if he is honest with himself, knows that his readers are those who cannot go to the fountain. Those who are free to choose will prefer the original: those who are not, will "make do" with the translation. This is hard for the translator to admit, for it implies that **translation is always second-best; but second-best does not necessarily imply second-rate**. Translation need not be a poor substitute for the original.

**Translation does, certainly, have a bad reputation with the general public:**

*Torture and translation are, in fact, amongst the few fates that can be worse than death. Strictly speaking, translation is a subtle form of torture. (The Spectator, 24 September 1977)*

even though the words above may be more extreme than most people would care to use. (Duff 1981: 1)

E a prova disso é a imagem que a seguir apresentamos. O carácter latente e transversal da tradução encontra-se bem visível neste exemplo de uma simples embalagem para o pão de uma vulgar padaria da cidade de Santa Maria da Feira. No entanto, para além do carácter decorativo do presente exemplo, a verdade é que ilustra na perfeição a forma como a tradução é percebida no exterior, no mundo real dos consumidores, funcionando como uma excelente metáfora do modo como o fenómeno existe e é visto pela comunidade e, sobretudo, por alguns dos prestadores de serviços de tradução.

Senão vejamos.

Neste caso, a tradução é mais um dos muitos serviços prestados por uma Escola de Línguas, a par de outros cursos de línguas, apresentada como uma mais-valia e uma área de negócio, nomeadamente ao nível da tradução técnica e científica, ou seja,

supostamente direccionada para um público-alvo específico. A ideia transmitida é de que a tradução é um serviço prestado que corresponderá a uma necessidade concreta e que se insere no domínio do sector terciário (ou dos serviços), que engloba o comércio, o turismo, os transportes e as actividades financeiras, isto se recorrermos à classificação dos principais sectores da actividade económica, isto é, “instituições que produzam bens ou prestem serviços de uma mesma classe, ou seja, que apresentem entre si um certo número de similitudes de acordo com a essência da tarefa em questão”.<sup>63</sup>

O mais interessante neste anúncio consiste na estratégia de comunicação empresarial utilizada, sobretudo pelo modo invulgar como um serviço altamente especializado como a tradução coexiste com outros serviços de língua e partilha o mesmo suporte comunicacional, acabando por, engenhosamente e de forma original, encontrar eco num vulgar papel de embrulho, significando com isto uma invulgar democratização de um serviço considerado caro e desnecessário pela maioria dos consumidores e público em geral.



Figura 3. Referência a serviços de tradução em embalagem

<sup>63</sup> *Sectores da atividade económica*. In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2011. [Consult. 2011-07-03]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$sectores-da-atividade-economica](http://www.infopedia.pt/$sectores-da-atividade-economica)>.

## UMA PROFISSÃO INVISÍVEL E SUBALTERNA

Desde o célebre desígnio de Lawrence Venuti (Venuti 1995) que a questão da invisibilidade se coloca de forma constante quando falamos de tradução. Invisibilidade, porque sinónimo de qualidade na tradução, porque sinal de apagamento do tradutor, porque sinal de discrição, porque referencial de simplicidade e despojamento.

Oscilando entre o visível e o invisível, os tradutores existem e vivem algures entre a crítica e a homenagem, de que é exemplo este sentido texto de Jorge Silva Melo, um dos mais conceituados encenadores, cineastas e críticos portugueses, fundador do Teatro da Cornucópia e, mais recentemente da companhia Artistas Unidos, na sua crónica "O riso dos tradutores", publicada no jornal *Público* de 31 de Maio de 2003, na rubrica "Fora de Mercado":

"Eureka!", proclamam e, a meio da noite, correm pela casa e, se pudessem, pelas ruas. São assim, **Arquimedes**, infantis, os tradutores. Eu gosto de os ver, enfronhados em dicionários, velhas edições, **sabendo que é provisório o seu trabalho**, riscando provas, consultando especialistas (o Jaime Rocha na Federação do Boxe, eu, na Portugália, a ver nomes de vasilhame, o José Lima a conferir comigo títulos de peças...), maníacos com as formas de cortesia (como agradeceram ao prof. Cintra a sistematização que publicou nos Livros Horizonte), comprando os mais estranhos instrumentos ("tenho um dicionário de termos náuticos!", diz-me o António Gonçalves, tradutor de Torrente Ballester, "mas fartei-me de telefonar para o Museu", "um dicionário de 'argot' raro e isso não vem", queixava-se o Manuel João Gomes), dedilhando impossíveis contagens e elisões (o Manuel Resende e o seu nunca por demais louvado "Coriolano") e a descoberta de erros ("no original, havia gralhas"/na Pauvert, não traduziram as dificuldades, saltaram..."/"o autor esqueceu-se, ela estava grávida há dois anos e ainda não teve a criança?"), conhecendo como ninguém as voltas da escrita.

Às vezes entristecem, depois de dúvidas doridas, encolhem os ombros ("maldita polissemia, olha, fica um dos sentidos") ou resignam-se a notas que logo fenecem. Num Mailer que ali tenho, "Praia da Barbaria", de 1961, Rui Costa precisou de pôr uma destas desprezadas notas para "cafeteria" ("misto de café e 'snack-bar' muito frequente nas cidades americanas", acrescentou ele para nós, que só sabíamos do copo de três no Val do rio).

E gritam de fúria com as gralhas. Tremia-lhe a voz, ao Francisco Frazão ao ver a sua tradução do "Primeiro Amor" metida na ortodoxia da pontuação pelas vírgulas e pontos com que iletrado revisor polvilhou o fraseado oblíquo de Beckett.

Mas não esqueço o riso do Francisco ao descobrir que "cenoura albina" pode ser "pastinaga". O que ria ele e o Miguel Borges ao encontrarem "procrastinar". O que a Luiza Neto Jorge ria, no café da Mata da Caparica, anotando o seu Verlaine inicialmente publicado na &etc. e agora na Assírio ("Hombres"), o que ela ria com as maroteiras com que torneava as

dificuldades da linguagem pornográfica do Virgem Doida. O que ríamos com as descobertas que fez na "Salada Cômica" de Karl Valentin. O que ainda ri o Vítor Palla ao falar-me ao telefone da sua espantosa tradução do Damon Runyon: "Isso foi uma paródia de amigos." O que ainda ri o Artur Ramos ao lembrar-se de como o José Palla e Carmo lhe traduziu o "Tango des Abattoirs" de Boris Vian: "Já estou farto de beijos/de desejos/de despejos/passa a aguardente/já estou farto de ser hetero/com mulheres/a quilo/a metro/passa a aguardente."

E como gostam de partilhar as descobertas. "Sabes como fiz?" Olhem-me este "mail" de Alessandra Serra, a tradutora italiana de Pinter, acerca do "Sarilho as Obras", com a sua temível enumeração de ferramentas que nenhum AKI satisfará: "Fui a uma enciclopédia, à voz 'hidráulica' e pus-me a inventar a partir daquelas palavras, tentando manter-me dentro do tema. Faz isso e vais ver que te divertes."

Por isso gosto deles, do sorriso da Fernanda Pinto Rodrigues, lembro-me tão bem da sua claridade num programa de televisão, quando é que a sociedade civil a levará lá de novo? E exultei quando Zita Seabra me descobriu na Bertrand o Salinger traduzido pelo Sttau e o Vasco Pulido Valente (reedição, já!).

E todo eu tremi, no outro dia, ao descobrir numa gaveta as primeiras 17 páginas da "Andrómaca" de Racine que a Luiza ia traduzir: "Pois quê? A vossa ira ainda é persistente?/Pode odiar-se tanto?/E castigar somente?"

Um desejo para a Feira que abre agora: esgotem as "Novas Impressões de África" do Raymond Roussel (Fenda) na tradução da Luiza Neto Jorge, esgotem-na e tenham-na, como eu tenho, desde o dia em que a Luiza morreu, à cabeceira.

Para não pararmos de rir com a Luiza o seu maravilhoso riso sibilino.

("O riso dos tradutores", crónica publicada no jornal *Público* de 31 de Maio de 2003, na rubrica "Fora de Mercado")

A verdade é que, algures entre Sísifo e Tântalo, numa tensão constante entre o visível e invisível, o tradutor é absolutamente indispensável, verdadeiro dínamo, roda motriz e elemento catalisador da sociedade e, no entanto, tristemente condenado a errar sem destino e sem lar, desenraizado e ostracizado por quem o acolhe e, ao mesmo tempo, o apaga.

Não deixa de ser sintomático como, mesmo a nível profissional, no âmbito das várias publicações profissionais e artigos apresentados em fóruns profissionais, esta consciência da invisibilidade do tradutor acaba por revelar-se subtilmente, como neste caso que, a seguir, reportamos.

O boletim da ITIA (*Irish Translators and Interpreters Association*) é uma das fontes de referência mais conceituadas e consultadas, enquanto veículo comunicacional privilegiado da Associação Irlandesa de Tradutores e Intérpretes. No seu boletim de Outubro de 2007, e a propósito de um pequeno *fait-divers* relacionado com a inclusão



do nome do tradutor num trabalho, o autor da coluna de opinião acaba por tomar consciência da forma como esse “manto de invisibilidade” auto-imposto contribui para o apagamento social a que o tradutor é vetado, como se essa “capa” que torna os tradutores invisíveis perante colegas, pares, clientes e a sociedade em geral fosse, de certa forma, uma metáfora da obediência, dos lugares-comuns e preconceitos de subalternidade que marginalizam os tradutores em termos profissionais:

Not long ago, one of our translators was translating a museum guide into his/her native language. In the first page of the guide, one could read credits for the different professionals involved in the making of the book (photographer, writer...). Our translator felt professionally compelled to make a request to be included. He/She wished to take off his/her invisibility cloak. The negative answer was not a surprise, but a comment from the particular client made him/her wonder. According to the client, this was the first time anyone had ever requested to be included in the credits. **Apparently, no one had ever thought about getting rid of the invisibility cloak.**

**We are so used to doing the job without being seen that we don't even consider making a small request about including our names in the credits.** I wonder if we even think about it. I wonder what would happen if we started making requests about it to be able to take off our invisibility cloaks. “About our invisibility cloak”, *ITIA Bulletin* (Outubro, 2007)<sup>64</sup> (nossos destaques)

No seu trabalho de 2006, *O Escritor Invisível*, em que pretende enquadrar a actividade da tradução em Portugal com base num elenco de textos produzidos por vários tradutores portugueses, Jorge Almeida e Pinho cita outra obra de Lawrence Venuti a propósito da forma como os tradutores surgem “aos olhos do público como amadores esteticamente sensíveis ou artífices talentosos, mas não como autores criticamente conscientes da sua intervenção, capazes de desenvolverem uma consciência aguda das condições culturais e sociais do seu trabalho (Venuti 1992: 1, citado em Almeida e Pinho 2006: 22).

Falando a propósito desta alegada invisibilidade do tradutor, que classifica como “deliberada”, o autor aponta ainda para esse conceito de não-existência que muitos tradutores entendem como o mais adequado para o exercício da sua actividade (Almeida e Pinho 2006: 24):

---

<sup>64</sup> A propósito da marginalização da tradução, ver recensão crítica de Anthony Pym à obra *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference*, de Lawrence Venuti, disponível em <http://www.tinet.cat/~apym/on-line/reviews/venutireview.html> (Data de acesso: 13 de Janeiro de 2011):

“Translation has been marginalized in literary studies because it is supposed not to exist as a legitimate mode of textual transformation; this marginalizing is institutionalized in copyright law, which does little but obscure the activity of translators and encourage the current imbalance in translation flows (huge numbers of texts are translated from English; relatively few are rendered into English)”

Para muitos tradutores, e para a sociedade em geral, a tradução passa por ser uma prática invisível, sempre presente, mas inapreensível. O original é encarado como uma expressão do génio, própria de um autor, ao passo que a tradução é antes uma cópia, um simulacro, uma imagem que se pretende com semelhanças, mas que continua subordinada ao autor. A originalidade e o valor da tradução parecem então residir precisamente no auto-apagamento, na invisibilidade (Almeida e Pinho 2006: 24)<sup>65</sup>

Tendo em conta o conceito de invisibilidade, mais recentemente, em 2009, Susana Valdez, parte da análise de recensões críticas de obras literárias e técnicas publicadas no jornal *Expresso* entre 1998 e 2007 para concluir, por um lado, que o tradutor é um agente invisível na maior parte da recepção de obras traduzidas e, por outro, que a tradução ocupa, de facto, um lugar predominante no universo das recensões críticas contemporâneas nacionais (Valdez 2009: 51).<sup>66</sup>

Na prática, bastará uma simples visita ao sítio de uma das empresas de tradução actualmente a operar em solo português e associadas da APET (Associação Portuguesa de Empresas de Tradução), a L10N Studio, onde, muito convenientemente, o *slogan* de apresentação da empresa em termos comunicacionais gira em torno da noção de invisibilidade, neste caso, e em termos paradoxais, reforçando o enfoque nesse carácter invisível e sublinhando a sua marca “Making translation invisible”:

A L10N Studio adequa as comunicações dos clientes do ponto de vista linguístico, técnico e cultural ao público-alvo, para garantir ao utilizador final uma compreensão ao nível dos conteúdos: Making translation invisible™.<sup>67</sup>

Recordemos, neste ponto, o sociólogo Daniel Simeoni e as noções de condicionalismo e subserviência que vão sendo gradualmente interiorizadas pela mente do tradutor e que, em última instância, afectam a sua própria prática e autoconceito, como se, sob um lento processo de inculcação, o tradutor acabasse por ceder, pela sua obediência, e deixar-se prender pelos constrangimentos, amarras e pressões do exterior,

---

<sup>65</sup> Cfr Venuti 1995: 12, sobre relacionamento entre dominação e poder, e a invisibilidade como requisito essencial da aceitabilidade da obra (Venuti 1995).

Ver ainda comentário de Michaela Wolf na sua introdução à obra *Constructing a Sociology of Translation* (Wolf 2007):

“Once we acknowledge that this invisibility has been (and still is) an essential requirement of acceptability (Venuti 1995), there are undoubtedly aspects of power at work, so long as the translator’s presence in the target text is masked by ‘fluent strategies’ (...) The more visible the translator is within the text, the less likely it is that he or she can be ignored, marginalized or insufficiently rewarded (Arrojo 1997: 130)” (citado em Wolf 2007: 12).

<sup>66</sup> Ver, a propósito, o estudo realizado por Fátima Dias (2006), com base em anúncios de emprego publicados no semanário *Expresso* entre 2000 e 2004, revelador do desfasamento entre o perfil do tradutor actual e a própria realidade portuguesa, bem como da respectiva imagem que é reflectida ao nível da sociedade.

<sup>67</sup> Disponível em <http://www.l10nstudio.com/> (Data de acesso: 5 de Julho de 2011)

permitindo, ao mesmo tempo, a interiorização e fixação implacáveis de comportamentos sociais ou ambientais cada vez mais normativos e condicionantes (Simeoni 1998: 5-7), gerando uma entidade outra, espécie de novo servo da aldeia global, "faz-tudo" "globetrotter" multifunções, nessa nova gleba da era moderna:

The translator has become the quintessential servant: efficient, punctual, hardworking, silent and yes, invisible. (Simeoni, 1998: 12)

## O ESTRANHO CASO DO MEMORANDO DE ENTENDIMENTO DA *TROIKA*

**Clara de Sousa:** Deixe-me só fazer um ponto de ordem. Estamos a falar de um documento, que os portugueses conhecem de ouvir falar, deste “Memorandum of Understanding on Specific Economic Policy Conditionality”. Senhor Eng., quantas pessoas é que acha que perceberam o que eu acabei agora de dizer? Porque é que este memorando não foi traduzido oficialmente?

**José Sócrates:** Esse memorando... presumo que está disponível no site do Ministério das Finanças. Esse documento é público.

**Clara de Sousa:** Bom, até hoje, até hoje, não era, em tradução portuguesa para que os portugueses o possam ler.

**José Sócrates:** Mas sabe uma coisa, Clara de Sousa,...

**Clara de Sousa:** ... porque é que isso ainda não foi feito?

**José Sócrates:** (...) O Jerónimo de Sousa fez uma pergunta e eu gostaria de responder...

**Clara de Sousa:** Não, mas antes de avançar, há uma questão que coloca...

**José Sócrates:** Desculpe, eu acho que há uma tradução portuguesa. Se a Clara de Sousa não encontrou, bem...

**Clara de Sousa:** Oficial, não há. Que eu saiba.

**José Sócrates:** Bem, desculpe, mas eu estou convencido que sim. Não posso garantir. Se não há, devia haver.

**Clara de Sousa:** Mas o senhor considera necessário que deveria haver. Porque os portugueses, obviamente, nem todos têm que saber falar inglês.

**José Sócrates:** Clara de Sousa, vamos lá ver, não, concerteza que não. Deve ser traduzido para português, mas eu estou convencido que essa tradução existe.<sup>68</sup>

(SIC, frente-a-frente televisivo entre os candidatos José Sócrates e Jerónimo de Sousa, 16 de Maio de 2011)

Tirando a inegável pertinência política deste debate televisivo, entre o então primeiro-ministro José Sócrates e o candidato Jerónimo de Sousa, em contexto de eleições, o diálogo estabelecido algures entre os minutos 23:20 e 24:15 é, para nós, de grande importância porque, pela primeira vez, e em horário nobre, somos confrontados com a pertinência e o papel estratégico da tradução na sociedade. Diríamos, até, que a tradução tem aqui o seu breve minuto de fama. Tal como é insistentemente alertado pela jornalista da SIC, Clara de Sousa, não havia, até à data, uma tradução oficial do chamado Memorando de Entendimento da *troika* com o governo português, algo que é considerado vital para a compreensão em torno do teor do acordo celebrado com o FMI, CE e Banco Central Europeu. Aparentemente, estamos perante um assunto de interesse crucial, pelo dever de informação subjacente e pela forma como se enquadra no chamado serviço público.

O mais curioso é que, alguns dias antes desta entrevista, mais precisamente a 5 de Maio de 2011, um esforço de tradução colectiva, alegadamente gerado de forma informal e amadora, na blogosfera, por iniciativa do blogue Aventar, consegue disponibilizar *online* e de forma gratuita, o texto integral dos vários documentos

<sup>68</sup> Vídeo disponível em <http://youtu.be/CSDhm9aaJ6M> Data de acesso: 20 de Agosto 2011.

altamente técnicos e especializados que compunham o memorando da *troika*, em formato electrónico, disponível em <http://aventar.eu/2011/05/04/memorando-da-troika-em-portugues/> (Data de acesso: 5 de Julho de 2011), com a seguinte nota explicativa:

**NOTAS:**

1. Este trabalho foi feito com todo o cuidado e beneficiou das correcções e sugestões de inúmeros leitores, no entanto poderão haver sempre gralhas e erros. Assim pedimos aos nossos leitores para nos alertarem sobre quaisquer tipos de erros que possam encontrar. Podem deixar comentários, ou então escrever para [aventar.blogue@gmail.com](mailto:aventar.blogue@gmail.com)

Os responsáveis pelo blogue fazem ainda um apelo aos leitores: "Como o trabalho foi feito o mais depressa possível por pessoas que não são tradutores profissionais nem têm como área de especialização a economia e finanças é normal que hajam [sic] desde as simples gralhas aos erros mais grosseiros. Contamos com os leitores para encontrarmos estes erros. Se encontrar alguma incorrecção não hesite em contactar-nos para [aventar.blogue@gmail.com](mailto:aventar.blogue@gmail.com)".

Já agora, refira-se, a propósito, que o referido memorando tem, na sua versão original, em língua inglesa, cerca de 34 páginas de texto compacto e bastante técnico, e foi divulgado oficialmente no dia 3 de Maio de 2011. Se acreditarmos nos dados divulgados no blogue Avenir, relativamente à data de publicação da tradução no dia 5 de Maio, depressa constatamos que o processo de passagem do referido documento para a língua portuguesa terá demorado cerca de dois dias, o que, tendo em conta o carácter, natureza, especificidade e complexidade do texto em questão representa um projecto ciclópico. Frisamos, no entanto, o facto de não ser nossa pretensão fazer qualquer juízo de valor sobre a qualidade do trabalho, já que não cabe no âmbito da nossa tese.

Por último, apenas referir que, em termos temporais, e se quisermos enquadrar esta prática nos paradigmas ditos profissionais, segundo as leis do mercado, e da oferta e da procura, o esforço de tradução em rede terá sido mais ágil e eficaz (eventualmente, mais profissional?) do que a pesada máquina governativa, já que, segundo a notícia do *Público*, de 23/05/2011, a tradução do acordo com a *troika* terá ocorrido numa fase bem posterior:

Dezasseis dias depois do anúncio do acordo entre o Governo de gestão e a *troika*, o Ministério das Finanças publicou no seu portal a tradução do memorando de entendimento com a missão externa que esteve em Lisboa a negociar o programa de ajustamento financeiro para Portugal.

O documento foi publicado no *site* das Finanças na sexta-feira passada e está destacado como primeiro *link* das informações disponibilizadas pela tutela na sua homepage.

O Governo explica que o “idioma da versão original e oficial” do Memorando de entendimento sobre as condicionalidades de política económica é o inglês e especifica que, em caso de divergência entre a versão inglesa e a portuguesa, prevalece a inglesa.

(...)

A data do documento traduzido para português é de dia 17 (o dia seguinte ao debate e que coincide com o último dia de reuniões de ministros das Finanças da União Europeia e da zona euro, em Bruxelas, onde o empréstimo foi aprovado por unanimidade pelos parceiros europeus).

*Público*, 23/05/2011, disponível em [http://economia.publico.pt/Noticia/governo-publica-traducao-do-acordo-com-a-troika\\_1495471](http://economia.publico.pt/Noticia/governo-publica-traducao-do-acordo-com-a-troika_1495471) e <http://m.publico.pt/Details/1495471>

Não podemos, no entanto, deixar de sublinhar que, conforme o teor da notícia acima mencionada, “a questão da inexistência de uma tradução oficial do documento foi levantada na segunda-feira da semana passada, durante o frente-a-frente na SIC entre o primeiro-ministro José Sócrates (na qualidade de secretário-geral do PS) com o líder do PCP, Jerónimo de Sousa. Nessa altura, José Sócrates disse estar convencido da existência da publicação de uma tradução integral do acordo, mas apenas um resumo em PDF em português estava publicado nos *sites* das Finanças e do Governo”, continua a peça jornalística. Algo que, finalmente, reitera o valor e a importância que o assunto mereceu por parte de São Bento e das mais altas esferas do governo.

Mais tarde, contactámos pessoalmente os responsáveis do blogue, tendo colocado algumas questões sobre a natureza da tradução, assinaladas abaixo a negrito no texto. Na sequência deste contacto, recebemos este email que transcrevemos de seguida, e que demonstra algumas das percepções que gravitam em torno da actividade.

Por outro lado, percebemos ainda quais as motivações subjacentes à tradução do memorando da *troika* (*MoU*), para além de nos ser relatada uma experiência de tradução em regime colaborativo, dir-se-ia equivalente ao *crowdsourcing*, muito em voga nos dias que correm, por indivíduos sem formação em tradução, e que revela algumas das lógicas de gestão do trabalho que, ainda que amadoras e eventualmente ingénuas, se aproximam claramente das lógicas de organização de um projecto de tradução profissional. Por último, atente-se ainda na qualidade e maturidade da reflexão e das percepções demonstradas em torno do processo e, sobretudo, do produto final.

Antes de responder às perguntas talvez seja interessante introduzir o Aventar. Trata-se de um blog composto por vários elementos provenientes de variados backgrounds e tendências políticas. O recrutamento para este blog é feito de forma ad-hoc entre leitores do próprio blog, pessoas conhecidas, etc. Serve isto para mostrar que não temos qualquer tipo de orientação editorial ou até obrigação de
--

publicação. É um blog livre.

Temos no entanto uma mailing list privada de discussão onde comentamos a actualidade quase como se estivéssemos numa chat room de IRC. Foi esta a ferramenta usada para nossa organização.

On 07/07/2011 12:12 AM, Fernando Ferreira Alves wrote:

Basicamente o que queria saber era como decorreu o processo.

### **1. Por que decidiram traduzir o documento?**

O chamado memorando da Troika (ou memorando de entendimento MoU), foi tornado Público no dia 3 de Maio por vários jornais. Nessa altura começamos a ler e a trocar impressões sobre o documento. A primeira mensagem que temos sobre o assunto foi enviada no dia 4 às 15:39. No princípio a ideia seria extraír material para fazer alguns artigos para o Avenir. Às 15:57 era evidente para todos a importância do documento, pelo que tacitamente concordámos em avançar com a tradução.

### **2. Quantas pessoas estiveram envolvidas na tradução?**

Na tradução do Memorando da Troika (que foi o documento inicialmente tornado público) estiveram envolvidas numa primeira fase 3 pessoas.

Na tradução da Carta do Governo ao FMI (ou MEPF) estiveram envolvidas no início 4 pessoas.

Convém ter em conta que estes números se referem à produção da primeira revisão. Ambos os documentos sofreram bastantes revisões até sair a tradução oficial do Governo (altura a partir da qual não fazia sentido fazer a manutenção da nossa versão). Além disto houve outros elementos do blog que desempenharam tarefas não directamente relacionadas com a tradução (trabalho de PR, encontrar pessoas para fazerem a revisão, etc).

### **3. Qual a formação destes elementos? Se tinham formação em línguas ou economia/finanças, ou seja, mais específica da área? Têm formação em tradução?**

Deste grupo principal ninguém tem formação quer em línguas, quer em economia/finanças, quer em tradução.

### **4. Quanto tempo demorou a tradução? Dias? Estabeleceram um timing? Fizeram o trabalho non-stop?**

Não foi estabelecido prazo.

O memorando da Troika levou das 15:39 do dia 4 até à meia-noite do dia 6. O trabalho não foi feito de seguida. Durante o horário laboral foi apenas nos intervalos e depois das 18 até às três ou quatro horas da manhã. Houve muita troca de impressões pelo meio porque publicámos o trabalho mal tivemos um capítulo traduzido.

Da mesma forma, o MEPF (ou Carta do Governo ao FMI) foi traduzido do dia 16 às 19:12 até dia 18 às 3:14. Da mesma forma não foi feito de seguida, usámos o mesmo horário do anterior.

### **5. Qual a dimensão do texto?**

O Memorando da Troika (MoU) tem 16000 palavras, 497 parágrafos.

A Carta do Governo ao FMI (MEPF) tem 8300 palavras, 124 parágrafos.

### **6. Como procederam? Ou seja, se houve divisão de tarefas. Dividiram o texto?**

Cada um que iniciava a tradução, reclamava para si uma unidade do texto (secção no caso do Memorando da Troika, paragrafo no caso do MEPF).

Quando trabalhámos no Memorando da Troika, cada unidade traduzida era enviada para uma pessoa encarregue da formatação e exportação dos vários formatos (html para o blog, PDF e ePUB). Essa pessoa manteve um repositório de versões por forma a ser fácil recuperar versões antiga e tb por uma questão de segurança, usou-se para o efeito um repositório de subversion ( <http://subversion.tigris.org/> ).

Na tradução do MEPF ensaiámos a utilização do "Google Docs" para fazer a tradução onde, ao mesmo

tempo várias pessoas podem editar o mesmo documento. Isto aliado à utilização do software de Chat tb da Google permitiu uma eficiente organização do trabalho sem ser necessário o envio dos trechos traduzidos para um pivot central.

**7. Se houve uma revisão ou uniformização finais? Por quem? Uma pessoa só? Ou várias?**

As revisões começaram a acontecer assim que o texto foi publicado. Este foi publicado mesmo antes de estar todo traduzido. Tivemos várias pessoas que fizeram múltiplas revisões que iam sendo integradas no texto quase em tempo real. As pessoas exteriores ao blog que fizeram revisões substanciais têm os créditos atribuídos no próprio trabalho (ou seja os próprios leitores do trabalho). Ainda houve revisões feitas por membros do blog que não participaram directamente na tradução.

**8. Quais as principais dificuldades encontradas? Terminologia? Frases? Conceitos? Língua? Tema?**

A maior dificuldade foi sem dúvida a tradução de certos termos técnicos, especialmente no que toca a finanças públicas. Vários membros da equipa de tradução notaram que muito provavelmente o documento original não foi redigido por alguém que tivesse o inglês como primeira língua, esta situação nota-se mais no MEPF.

**9. Quais as vossas impressões/sensibilidade sobre o trabalho?**

Sobre o trabalho de tradução ficámos com a sensação de ter feito um trabalho à comunidade. Apesar de ter sido um trabalho muito pesado, julgamos que valeu a pena.

Ficámos durante várias semanas incrédulos sobre os motivos apresentados pelo governo, partidos e comunicação social para não haver uma tradução. Pensamos que numa matéria tão importante este trabalho deveria ter sido feito desde o início. Não compreendemos também como foi possível às equipas destas entidades discutirem o documento sem ter uma tradução. Podemos dizer isto com toda a tranquilidade porque tivemos acesso "off-the-record" a vários documentos de trabalho utilizados para discussão interna que tinham uma qualidade baixíssima (mesmo quando comparados com a nossa tradução que, como pode ver por si, não tem uma qualidade muito alta).

Ganhámos também um respeito renovado pela profissão de tradutor!

**10. Qual o feedback sobre o vosso trabalho pelos leitores e público em geral?**

O feedback foi quase unanimemente positivo. Houve algumas pessoas que estranharam encontrar gralhas no texto (esperando uma tradução profissional), no entanto, quando lhes foi explicado o processo foram algumas dessas pessoas que deram a maior ajuda na revisão do texto.

Pode ler o feedback obtido no próprio Avenir.

Pela forma como ocorreu, este caso poderá ser perfeitamente emblemático do modo como a tradução ocorre fora dos circuitos profissionais e comerciais, por amadores sem formação específica na área e, sobretudo, com lógicas e processos de organização do trabalho muito próximas do perfil de um gestor de projectos, com a respectiva alocação consciente de tarefas e funções. De destacar ainda a eficiência da organização do trabalho num projecto *ad hoc* de elevada complexidade técnica, com contornos altamente profissionalizados, para além da sensibilidade demonstrada pelos autores para as línguas e identificação e resolução das dificuldades e maiores problemas.

Finalmente, não podemos deixar de reiterar a importância estratégica e vital da tradução num assunto desta complexidade e interesse nacional, com um impacto e



notoriedade próximos de um verdadeiro serviço público. E, ao mesmo tempo, sublinhar o facto de que, findo o trabalho, os autores terão efectivamente tomado contacto com as dificuldades da profissão, demonstrando elevado apreço pelos tradutores.

## OS ESTIGMAS DA TRADUÇÃO

Também Lawrence Venuti, autor do já citado *The Translator's Invisibility - A History of Translation* de 1995 se manifesta em *The Scandals of Translation* de 1998 contra esta estigmatização da tradução e consequente desvalorização social e cultural do fenómeno:

The scandals of translation are cultural, economic, and political. They are revealed when one asks why translation today remains in the margins of research, commentary, and debate, especially (although not exclusively) in English. Any description of these margins risks seeming a mere litany of abuse, the premise of an incredible victimology of translation and the victims it leaves in its wake. Translation is stigmatized as a form of writing, discouraged by copyright law, depreciated by the academy, exploited by publishers and corporations, governments and religious organizations. Translation is treated so disadvantageously, I want to suggest, partly because it occasions revelations that question the authority of dominant cultural values and institutions. And like every challenge to established reputations, it provokes their efforts at damage control, their various policing functions, all designed to shore up the questioned values and institutions by mystifying their uses of translation. (Venuti 1998: 1)

A forma como, paradoxalmente, a tradução, apontada por alguns especialistas como uma actividade pseudoprofissional (Monzó i Nebot 2006), continua a ocupar um lugar de destaque na crítica e opinião públicas é um facto, em si, por demais evidente e contraditório, oscilando frequentemente entre o excesso de protagonismo e a ausência de visibilidade.

A este propósito, convocamos de novo o autor supracitado, Alan Duff, quando analisa os efeitos da tradução aos olhos do leitor e consumidor deste produto:

It is unfortunate that translation is perhaps more often criticized for its defects than praised for its merits. The faults of a bad translation are immediately apparent, the virtues of a good one may easily pass unnoticed. The reader, generally, cannot compare: his 'original' is the translation; this is what he judges. And in his judgement, he has only his own native ear to go by, for what he is reacting to is a piece of writing in his own language. It is not surprising, then, that one of the vaguest – but commonest – criticism of translation should be 'it sounds wrong'. (Duff 1981: 1)

A frequência com que o tema da tradução é abordado nos mais variados *fora*, contextos e situações é sintoma disto mesmo, e da forma como, de modo latente, o conceito existe, a consciência perdura e os autores, escritores ou cronistas mostram-se atentos e receptivos ao fenómeno, com um misto de fascínio, admiração e estranheza.

Como denominador comum encontramos a questão da invisibilidade *versus* visibilidade, e do não reconhecimento ou apagamento literal da figura do tradutor.

De facto, para além da sua aparente invisibilidade, a verdade é que a tradução continua a ser demasiado visível e notória, como prova este texto que apresentamos, e no qual o cronista discorre sobre a forma como, apesar do seu carácter absolutamente vital e estratégico, a tradução revela ainda uma qualidade discutível em termos de *praxis* profissional. Refira-se, em complemento, que esta crónica foi publicada numa das revistas de maior tiragem a nível nacional, sendo o autor um dos mais reputados comentadores portugueses, o que não invalida que, apesar do tom irónico e corrosivo, a profissão seja elogiada e criticada publicamente de um ponto de vista construtivo. Mais uma vez, sublinhe-se o importante papel da tradução, porque facilitadora da comunicação e inexoravelmente ligada ao material de trabalho deste profissional:

Tornou-se comum dar pancada nos tradutores portugueses, mas não é porque outros lhes bateram que eu não vou bater-lhes também. Sensível à cobardia dos chacais que mordiscam o leão morto, tenho contudo esta matéria por central. Metade do meu trabalho parte disso: do consumo de objectos de âmbito criativo, em parte produzidos no estrangeiro – e não é tanta a boa vontade que me apeteça agora calar uma irritação tão persistentemente acicatada. Que os editores portugueses têm feito um esforço para melhorar a qualidade das traduções, não é coisa que me custe reconhecer. Que Portugal possui uma boa dúzia de excelentes tradutores, menos ainda. Acontece, porém, que a qualidade global é medíocre. Má. Todos os dias sou confrontado com deficiências tais que chego a pôr de lado um livro ou um filme por simplesmente já não aguentar mais uma só tropelia do tradutor de serviço. Nem vou dar exemplos, porque tenho vergonha.

**(...) Publicações institucionais, anais de congressos, brochuras diversas, sinalética avulsa – as edições bilingues, trilingues abundam. E um filme dobrado, para nós, é um objecto estranho, sem verosimilhança, sem humanidade, sem glamour.**

(...) o português tem de estar blindado, como única forma de preservar-se a si próprio. E não o blindamos. **Pagamos mal aos tradutores (eu podia dizer quanto ganha um tradutor por uma página de ficção ou dez minutos de filme, mas também tenho vergonha), obrigamo-los a trabalhar depressa e a desoras, perdemos os melhores profissionais para a revisão ou para a produção – estragamos tudo. O leitor (ou espectador) menos avisado engole como pode.** O mais espertalhão aprende a identificar, nas entrelinhas da versão traduzida, pistas para o que verdadeiramente se diz no original. Em qualquer dos casos, no entanto, perde. Perde ele e perde a língua.

(...) Eu raramente leio ou vejo um original: ando sempre à procura de uma boa tradução capaz de me mostrar novas possibilidades sobre a minha própria língua. Nem vou falar-vos de como a tradução pode até “melhorar” uma obra. (...) Tampouco vou fazer aqui a catarse da forma

como se escreve nos jornais em Portugal. Os jornalistas escrevem mal, mas o facto é que não lhes cabe mais do que manter a língua oleada – e, aliás, apenas por falta de mais quem o faça. Aos tradutores, sim, cabe distender os horizontes da língua. E a generalidade dos tradutores portugueses continua a laborar no mais básico dos erros: pensa que traduzir é sobretudo conhecer a língua de origem do texto, quando é principalmente conhecer a língua de chegada – e idealmente conhecer as duas. (Crónica “Matando o mensageiro”, Joel Neto, “Muito bons somos nós”, revista *Notícias Magazine* de 12 de Maio de 2007) (nossos destaques)

Já na revista *Pública* de 24 de Agosto de 2008, numa crónica intitulada “O Escritor Invisível”, o escritor angolano José Eduardo Agualusa referia-se à tradução, a propósito de um seminário que juntou tradutores e autores na Universidade de East Anglia. Neste caso, e como é frequente nas várias crónicas e recensões críticas que analisámos, o enfoque recai especificamente no texto literário, porque mais directamente visível:

Não há melhor leitor do que um tradutor. Um bom leitor é algo que todos os escritores desejam – e que, no íntimo, todos os escritores receiam. Um tradutor tem de compreender o sentido exacto do que vai traduzir. Quase sempre é o tradutor quem encontra o erro grosseiro que o escritor deixou passar, que o editor deixou passar, que os revisores deixaram passar, que vinte mil leitores deixaram passar. (...)

No processo de produção de um livro, proveniente de uma outra língua, o tradutor é, naturalmente, **uma figura fundamental, porém quase sempre esquecida. Os críticos literários e jornalistas culturais só muito raramente elogiam a qualidade da tradução. Na esmagadora maioria das vezes apenas se referem ao tradutor para apontar falhas.** (...)

É verdade que um livro está bem traduzido quando os seus leitores se esquecem disso. A tradução perfeita costuma ser aquela que um leitor desprevenido acredita ser a versão original. A ambição do tradutor será, pois, a de não se fazer notado. Acontece o mesmo, aliás, com um intérprete. Um bom intérprete ambiciona a invisibilidade. (...)

**Durante uma sessão com tradutores foram vários os que se assumiram como escritores frustrados.** Mas também houve quem afirmasse o oposto: “Para quê ser apenas um escritor, talvez não tão bom, se posso ser muitos, e bons?” Concordo. Num romance traduzido o nome do tradutor devia surgir na capa do livro, ao lado do nome do escritor. Seria um reconhecimento e uma responsabilização. Traduzir, mais do que recriar, é apropriar-se.

(Crónica “O Escritor Invisível”, José Eduardo Agualusa, “Fronteiras Perdidas”, revista *Pública* de 24 de Agosto de 2008) (nossos destaques)

Analisando esta problemática à luz da circulação e divulgação de produtos culturais na sociedade, na esteira de Pierre Bourdieu (1985), podemos afirmar que esta visibilidade decorrerá eventualmente do estatuto e das próprias implicações desses

mesmos produtos culturais na sociedade, maioritariamente oriundos de uma origem literária, a que se podem associar claramente as políticas comerciais agressivas adoptadas, regra geral, pelas principais editoras. No entanto, sob essa crosta marcadamente literária, existe um imenso território formado por material especializado e técnico, cujo valor económico e social não é de todo despiciendo.

A habitual divisão entre tradução técnica e tradução literária é, por exemplo, bastante visível em termos económicos e sociais em Portugal, como veremos, algo que parece estar em sintonia com a afirmação dos sociólogos Heilbron e Sapiro, quando sublinham a distinção entre tradutores literários e técnicos:

Literary and academic translators are thus distinct in many ways, including economically, from the whole set of “technical” and professional translators. (Heilbron and Sapiro 2007: 102)

## QUANDO DIZER MAL É O MOTE...: O CASO MAGALHÃES

Como ilustração, registamos aqui outro episódio que nos dá conta de uma constatação semelhante, só que, desta vez, no domínio técnico. Trata-se, neste caso concreto, da forma como a tradução se assumiu como temática privilegiada abordada em alguma imprensa, bem como fóruns de discussão no âmbito da blogosfera, na sequência do episódio que envolveu, em 2009, a tradução do *software* disponível nos célebres computadores Magalhães, produzidos em Portugal pela empresa JP Sá Couto, e uma das bandeiras do governo do Engº José Sócrates.

Vale a pena recordar a forma como este tema mereceu honras de destaque na imprensa. E, já agora, lembrar o modo como o assunto encontrou eco nos blogues de alguns tradutores.

Tudo começou com o artigo publicado na edição do *Expresso*, por Filipe Santos Costa, intitulado “O festival de asneiras do "Magalhães””.<sup>69</sup> Alegadamente, e segundo informações divulgadas pela empresa fabricante do modelo, o erro dever-se-ia à utilização indevida de um vulgar programa de tradução automática. Mais tarde, no entanto, e segundo o *Expresso*, a origem do erro estaria na realização da tradução por intermédio de um emigrante português “praticamente analfabeto”.

“Dirije o guindaste e cópia o modelo” ou “Puxa e Larga uma peça por vês” são algumas frases com erros de português que podem ser lidas nos jogos didáticos e que são facilmente detectadas por crianças.

O problema terá ocorrido na tradução, que segundo o *Expresso* foi feita por um emigrante português, que vive desde os 10 anos em França e que só tem a 4ª classe.  
in *Sic Online*<sup>70</sup>

Ou ainda outro exemplo:

1 - O Tux escondeu algumas coisas. Encontra-las na boa ordem.  
2 - Dirije o guindaste e cópia o modelo.  
3 - Pega as imagens na esquerda e mete-las nos pontos vermelhos.  
4 - Primeiro, organiza bem os elementos para poder contar-los.  
5 - Quando acabas-te, carrega no botão OK.  
6 - Abaixo da grua, vai achar quatro setas que te permitem de mexer os elementos.  
7 - Com o teclado, escreve o número de pontos que vês nos dados que caêm.  
8 - Tens a certeza que queres saír?  
9 - Aprende a escrever texto num processador. Este processador é especial em que obriga o uso de estilos.  
10 - Quando o tangram for dito frequentemente ser antigo, sua existência foi somente verificada em 1800.  
[Fonte: *Expresso*] in *A Terceira Noite*<sup>71</sup>

<sup>69</sup> Disponível em [http://aeiou.expresso.pt/o\\_festival\\_de\\_asneiras\\_do\\_magalhaes=f501580](http://aeiou.expresso.pt/o_festival_de_asneiras_do_magalhaes=f501580)

<sup>70</sup> Disponível em <http://sic.aeiou.pt/online/noticias/pais/Erros+de+portugues+em+jogos+do+Magalhaes.htm>

<sup>71</sup> Disponível em <http://aterceiranoite.wordpress.com/2009/03/10/magalhanes-em-10-liceos/>

Esta controvérsia mereceu algumas reacções da parte da comunidade de tradutores, no âmbito da blogosfera, das quais destacamos os blogues Contraduições (“O Bom, O Mau e o Vilão: Ainda a propósito do Magalhães”)<sup>72</sup> e BabeldoJorge<sup>73</sup>.

Da leitura destes textos fica a ideia de que, primeiro, a tradução tem um grau de exposição extraordinário, pela visibilidade e impacto dos erros facilmente detectáveis e, segundo, a tradução é facilmente criticável, sobretudo pela forma como o tradutor surge sempre como o elo mais fraco desta cadeia e, por conseguinte, alvo de críticas ferozes e contundentes.

Independentemente da utilização de um programa de tradução automática, o tradutor, enquanto elemento humano, afigura-se como um interessante e útil bode expiatório, como vimos. Neste caso, o alegado agente responsável terá sido um português, emigrante, com a 4ª classe. Para além da tendência para a desculpabilização e da cultura da desresponsabilização tão tipicamente nacionais, parece-nos que este modelo funciona como sintoma da forma como a sociedade olha e encara as traduções, ou seja o tradutor como uma ligação mais frágil de uma perversa cadeia de transmissão do conhecimento associado a um bem de consumo intangível e incorpóreo. E, sobretudo, revelador do perfeito amadorismo, ignorância e absoluta falta de sensibilidade (e, diríamos mais, impunidade) com que a gestão dos projectos linguísticos é, regra geral, encarada pelas empresas nacionais, incapazes de perceber a lógica estratégica da prestação de serviços de qualidade, através do recurso a profissionais competentes e habilitados.

Esta ideia do “nacional desenrascanço” e da exposição pública do erro é bastante comum e mostra-nos, aliás, como a tão propalada invisibilidade do tradutor acaba por não ser assim tão evidente, sobretudo, tendo em conta a forma como o elemento humano é, neste caso, exposto e sacrificado na praça pública, anónimo e “visivelmente invisível”, encarnando na perfeição tudo o que de mau está associado à tradução, numa espécie de verdadeira homenagem ao “incompetente desconhecido”, como sublinhava o autor do blogue Contraduições.

---

<sup>72</sup> Disponível em <http://contraducoes.blogspot.com/2009/03/ainda-proposito-do-magalhaes.html>

<sup>73</sup> Disponível em <http://babeldojorge.blogspot.com/2009/03/ainda-os-magalhaes.html>

## A VISÃO EXÓGENA DA PROFISSÃO

Esta questão em torno da dicotomia visibilidade/invisibilidade dos tradutores e da forma como os profissionais são vistos pelo seu público, tem sido uma constante num dos blogues portugueses mais importantes no domínio da literatura. Falamos precisamente do blogue DaLiteratura, no qual Eduardo Pitta, o conhecido escritor, poeta e crítico literário, aborda várias vezes esta temática, com especial sensibilidade e pertinência.

No dia 15 de Setembro de 2006, a propósito da estreia da peça *Os Negros* de Genet, Eduardo Pitta escrevia:

Estreia hoje no Teatro São João, do Porto, uma das mais controvertidas obras de Genet: *Os Negros*, em encenação de Rogério de Carvalho. Por encomenda do teatro, Armando Silva Carvalho traduziu. Este texto não é o mesmo da versão representada em 1986. É outro texto. Hoje, no Público, Inês Nadais fala da peça, dos actores (todos negros, uns residentes em Portugal, outros vindos de Moçambique), das idiosincrasias de Genet, do encenador, da encenação, etc. **Só não fala do texto traduzido. A ficha técnica também omite o nome do tradutor.** A mim faz-me sempre muita confusão ler recensões literárias de textos estrangeiros que omitem o nome de quem traduziu. Infelizmente vê-se com frequência, como se Joyce Carol Oates ou Nick Hornby escrevessem directamente em português. **Por outro lado, algumas traduções recentes (i.e., dos últimos três anos) transformaram os seus autores em estrelas mediáticas.** O ideal era arranjar um meio termo. (...) Se, como reconhece o encenador, «o texto de Genet é riquíssimo», é porque essa “riqueza” foi acautelada na língua de chegada. Afinal de contas, Armando Silva Carvalho (n. 1938), poeta, ficcionista e tradutor de Beckett, Mallarmé, Duras, Cèsaire, Voznessenski e outros, não traduziu uma bula de paracetamol. (Blogue DaLiteratura, Eduardo Pitta)<sup>74</sup>

Precisamente na mesma altura, o blogue Superflumina de Rui Oliveira parece fazer eco das suas palavras, e com elas estabelecer um diálogo, pela forma como aborda a questão da secundarização do papel do tradutor:

Infelizmente, isto ainda vai acontecendo, não sei se por desconhecimento do que é o trabalho do tradutor, se por outro motivo qualquer, mas **não quero pensar que seja por considerarem o trabalho de tradutor como algo de secundário** (é aquele tipo que passa de uma língua para outra, como se essa passagem fosse quase mecanizada)...<sup>75</sup>

---

<sup>74</sup> Post disponível em <http://daliteratura.blogspot.com/2006/09/os-negros.html> (nossos destaques)

<sup>75</sup> Post disponível em <http://superflumina.blogs.sapo.pt/243861.html> (nossos destaques) (Data de acesso: 21 de Agosto de 2011)



Um ano depois, em 2007, Eduardo Pitta retoma o assunto do apagamento do tradutor, num *post* intitulado precisamente “Os Tradutores Invisíveis”, insurgindo-se contra a sua não menção aquando da publicação da obra *Deixa a Chuva Cair* de Paul Bowles e, de novo, aludindo à existência de uma primeira e segunda divisões quando se fala se fala de tradução literária, à semelhança da categorização por nós sugerida anteriormente:

É quase uma página inteira a falar sobre Paul Bowles, a propósito da publicação, pela Assírio & Alvim, de *Deixa a Chuva Cair* (*Let It Comes Down*, 1952) e *Memórias de um Nómada* (*Without Stopping*, 1972), mas o texto de Amílcar Correia no último Ípsilon **não diz, em nenhum momento, quem traduziu os dois livros**. Se até assinala a ausência, na edição portuguesa da autobiografia do escritor, das fotografias da edição americana, **bem poderia não se ter esquecido de referir** que Ana Maria Freitas verteu a primeira das obras para português e José Gabriel Flores fez o mesmo à segunda. Curioso é que nem uma consulta ao novo sítio da Assírio (que até tem Bowles em destaque) permite descobrir os seus nomes, pois também aí as descrições dos livros os ignoram. **Será que os tradutores só merecem sair da invisibilidade quando são conhecidos no meio?** (DaLiteratura, sábado, Abril 07, 2007 “Os tradutores invisíveis”) (nossos destaques)

Apenas como apêndice, gostaríamos de apresentar, a título de exemplo, o caso de uma das livrarias mais famosas de Braga, a *Centésima Página*, que, segundo indicação de uma das suas sócias-gerentes “faz questão, sempre que possível, de colocar no seu site na internet, os nomes dos tradutores ao nível da literatura traduzida”, o que demonstra, neste caso, a sensibilidade para o ofício e para a necessidade de tornar visíveis os agentes envolvidos nesse processo.

No ano de 2005, e no mesmo blogue DaLiteratura, a propósito do texto introdutório da sua tradução em verso da *Ilíada*, publicada já em 2005, pela Cotovia, por Frederico Lourenço, João Paulo Sousa, outro dos seus habituais colaboradores, classificava o exercício de tradução da seguinte forma:

O seu mais recente, e **brilhante**, tradutor para português salienta a diversidade de situações que preenchem as epopeias homéricas e a vasta panóplia de sentimentos que são exibidos pela galeria de personagens que as habitam.<sup>76</sup>

Ainda a propósito desta relação difícil e nem sempre compreendida com o público, José Colaço Barreiros, tradutor de Italo Calvino e Umberto Eco, introduzia,

---

<sup>76</sup> DaLiteratura [http://daliteratura.blogspot.com/2005\\_04\\_01\\_archive.html](http://daliteratura.blogspot.com/2005_04_01_archive.html)

cerca de uma década antes, uma nota curiosa e pertinente, ligada à inevitável questão da invisibilidade dos tradutores, numa entrevista concedida ao jornal *O Primeiro de Janeiro*:

(...) em relação ao público “o que, normalmente, lhe chama a atenção são as más traduções” (...) É frequente ver no jornal grandes referências a uma má tradução e nem uma linha sobre uma boa tradução. (José Colaço Barreiros, *O Primeiro de Janeiro*, 1996)

No entanto, as opiniões diferem, como é fácil constatar. Por exemplo, para António Pescada, um dos nomes maiores da tradução do russo, de autores como Tolstoi e Dostoievski, verifica-se essa apreciação do trabalho pelos leitores, já que existe a constatação de que a tradução é valorizada “pelo público (...) porque o leitor consegue distinguir entre uma boa e uma má tradução”. No entanto, “a generalidade dos editores, salvo algumas excepções, não valoriza o trabalho do tradutor.”

A propósito deste assunto, há ainda a noção de que algumas editoras se encarregam de “separar o trigo do joio”, e de fazer uma espécie de selecção dos seus colaboradores, com base em questões de método e critérios objectivos e específicos:

Mas os que já têm essa consciência decidiram não entregar as traduções a qualquer pessoa. Fazem uma selecção que acaba por ser o reconhecimento da importância das traduções mais ou menos bem feitas. Contudo, isso não basta para os tradutores. (António Pescada, *O Primeiro de Janeiro* 1996)

## O STAR SYSTEM DA TRADUÇÃO: UM PARADOXO?

Uma breve análise aos discursos e percepções dos tradutores, clientes e consumidores de traduções acerca do fenómeno, bem como às próprias visões endógenas e exógenas que circulam em torno da tradução, conduz-nos rapidamente a uma espécie de compartimentação ou estratificação da profissão, de uma forma, diríamos, bastante redutora, pelo menos em dois níveis hierárquicos, algo que, simplisticamente, muitos tradutores inquiridos designam como “tradutores de primeira” e “tradutores de segunda”.

De facto, temos, por um lado, uma primeira divisão marcada pelos grandes nomes sonantes associados à prática translatória, sobretudo autores, poetas e escritores conceituados com obra publicada e que são facilmente reconhecidos e identificados pelo senso comum e pelo público em geral, quando falamos de literatura traduzida. Destes, o nome de Vasco Graça Moura é quase sacrossanto e omnipresente, porque constantemente citado por todos os indivíduos com quem falámos, formal e informalmente, tradutores ou consumidores de tradução. Mas também Pedro Tamen, Miguel Serras Pereira, Maria do Carmo Figueira, Maria do Rosário Pedreira, José Colaço Barreiros ou João Barrento, entre outros.

Esta será, atrevemo-nos a dizer, a parte visível da tradução, ou seja, metaforicamente falando, a ponta do icebergue. Do lado oposto desta barreira social, ou melhor dizendo, sob a superfície, encontramos “os outros” ou os “underdogs”, recorrendo ao anglicismo que um dos tradutores, por nós entrevistados, utilizou neste contexto, uma imensa legião de tradutores profissionais e amadores anónimos e invisíveis, cuja produção é parcelar e fragmentária, estilhaçando-se em múltiplas partículas que se reflectem em obras de foro literário e não literário, de difícil mapeamento nessa cartografia socioprofissional que pretendemos fixar.

Não é por acaso que a própria blogosfera se encarrega de rotular esta tendência, chamando à colação precisamente a noção de “star system” que envolve alguma da literatura traduzida em solo português, como prova um recente *post* no blogue DaLiteratura. Neste caso, o autor do *post*, Eduardo Pitta, alude a um eventual “star system”<sup>77</sup> construído em torno da tradução literária/poética portuguesa.

---

<sup>77</sup> Utilizamos esta designação empregue por Eduardo Pitta no seu blogue “DaLiteratura”.

Ainda outro dia lembrei, num artigo de opinião publicado no Blogtailors, reproduzido aqui, o facto de a tradução de clássicos ser uma actividade constante no tempo, menos ocasional do que supõe a maioria das pessoas, porque o jornalismo literário apenas dá atenção aos tradutores que fazem parte do *star system*. Ninguém liga peva à competência própria ou ao *pedigree* académico.<sup>78</sup>

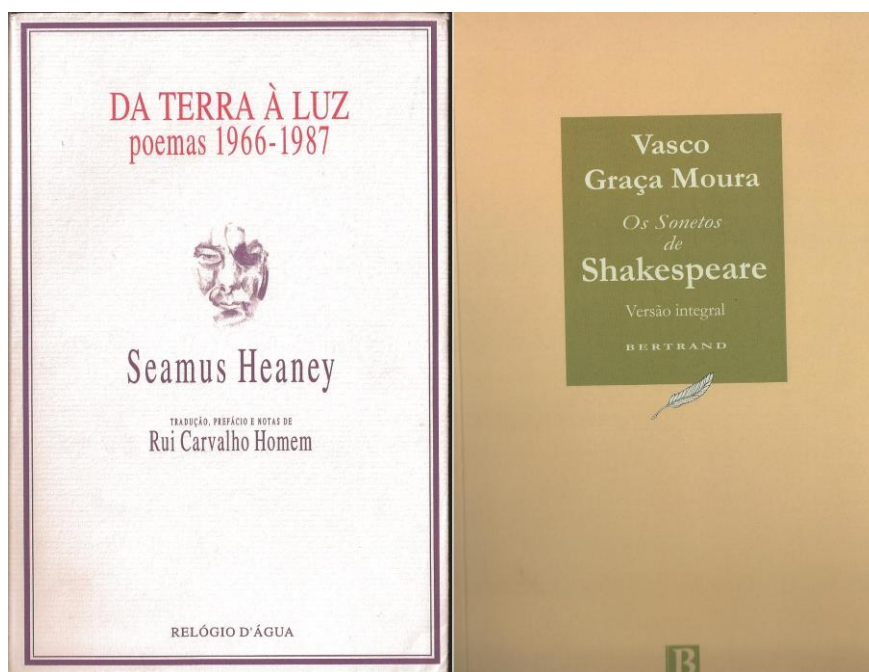
Em suporte ao acima transcrito, anexamos dois exemplos da forma como a identificação do nome do tradutor, normalmente, alguém ligado à literatura e poesia, ocorre no contexto da literatura traduzida. Tal como refere Susana Valdez, no seu trabalho *O Autor Anónimo. A Invisibilidade do Tradutor no Contexto Português*:

Neste caso, a crítica à tradução ocupa a totalidade de recensão. Além disso, tanto a capa como a referência bibliográfica apresentam Vasco Graça Moura na posição normalmente reservada ao autor do livro.

#### **Os Sonetos de Shakespeare**

**De Vasco Graça Moura (Bertrand, 2002, 342 págs., €25)**

Conforme é possível detectar pela simples observação da capa, “o tradutor é destacado em primeiro lugar, sendo que o nome do autor está inserido no título da obra” (Valdez 2009: 44 e 46)



**Figura 4.** Indicação do nome dos tradutores com honras de destaque na capa da obra

<sup>78</sup> Eduardo Pitta, DaLiteratura, “Ler os Outros”, [http://daliteratura.blogspot.com/2009/03/ler-os-outros\\_22.html](http://daliteratura.blogspot.com/2009/03/ler-os-outros_22.html), 22 de Março de 2009.

No caso seguinte, o modelo é sensivelmente idêntico, com a chamada para a capa do tradutor, neste caso, um dos maiores poetas portugueses vivos, apenas com uma pequena *nuance* estilística assinalada pelo virtuosismo criativo da introdução do elemento verbal “mudado”, em detrimento do bem mais óbvio e neutro “traduzido”, que é, neste caso, totalmente obliterado por um autor que, apesar de tudo, pela intervenção original, deixa a sua marca e cunho visíveis no texto, metaforizando o próprio processo de tradução poética:

**- Sobre tradução de poesia –(Zbigniew Herbert)**

Zumbindo um besouro pausa  
numa flor e encurva  
o caule delgado  
e anda por entre filas de pétalas folhas  
de dicionários  
e vai direito ao centro  
do aroma e da doçura  
e embora transtornado perca  
o sentido do gosto  
continua  
até bater com a cabeça  
no pistilo amarelo

e agora o difícil o mais extremo  
penetrar floralmente através  
dos cálices até  
à raiz e depois bêbado e glorioso  
zumbir forte:  
penetrei dentro dentro dentro  
e mostrar aos cépticos a cabeça  
coberta de ouro  
de pólen



**Figura 5.** Marcas de originalidade do tradutor na obra traduzida

## LITERÁRIO VERSUS NÃO LITERÁRIO: UMA IMENSA MINORIA ESQUECIDA

Não deixa de ser interessante a forma como este problema entre tradução literária e tradução não-literária é analisado pela própria comunidade de tradutores. Ainda recentemente, a este propósito, Danilo Nogueira, um dos mais activos e reconhecidos tradutores brasileiros da actualidade “coloca o dedo na ferida” e, com ironia mordaz, tece o seguinte comentário acerca da forma displicente como grande parte da tradução acaba por ser descurada, e vista como uma área menor, no que concerne à análise feita pelo meio académico, por exemplo:

Lá pelos meados da semana, me deu uma gana enorme de repassar uma série de conceitos a respeito de tradução e, em menos de três dias, encontrei uma boa dúzia de caras que chamam a tradução "parte da literatura". Para usar uma expressão muito em moda na minha adolescência, fico cabreiro<sup>79</sup> com essas coisas. Tradução não faz parte da literatura coisa nenhuma.

Não precisa ser muito inteligente para saber que a tradução literária é importante. Também não precisa ser muito inteligente para saber que uma boa parte dos teóricos da tradução tem a tradução literária como ponto de partida. **Mas também não precisa ser muito inteligente para saber que a maior parte do trabalho de tradução hoje e sempre não tem nada que ver com literatura. Conheço dezenas de tradutores que jamais traduziram nada de literatura na vida - muito menos de alta literatura.** Quer dizer, para essa turma acha que tradução significa exclusivamente tradução de obra literária e que nós, a maioria, os que traduzem textos não literários, simplesmente não somos tradutores. Tradutores são eles, em sua nefelibática arrogância.<sup>80</sup>

Trata-se de um tema recorrente a que os blogues vão dando voz, com frequência, ao longo dos últimos anos. É curioso ainda como cá, tal como do outro lado do Atlântico, os problemas e as preocupações são os mesmos. Senão vejamos, de novo, este comentário da autoria de Danilo Nogueira, sobre o exagerado protagonismo dado pela imprensa:

O que me preocupa e irrita, de fato, é a confusão geral que a imprensa faz, entrevistando somente as pessoas que fazem tradução literária ou de filmes e dando as opiniões delas como se referindo à tradução como um todo.

---

<sup>79</sup> Nota: Ficar cabreiro - desconfiar de algo

<sup>80</sup> Danilo Nogueira, crónica “Fiquei cabreiro” <http://tradutor-profissional.blogspot.com/2009/04/fiquei-cabreiro.html> (4 de Abril de 2009)

Na verdade, o mercado de tradução literária e de filmes, embora apareça muito nos cadernos de cultura dos nossos jornais de domingo e tenha uma grande importância para nossa vida intelectual, responde por uma pequena parcela do mercado como um todo.

(...) Além disso, geralmente a imprensa entrevista quem é tradutor amador, gente que não quis ou não conseguiu transformar tradução no seu ganha-pão. Muitos são extremamente competentes como tradutores, mas não são profissionais. (nossos destaques)<sup>81</sup>

Este *post* mereceu uma resposta no conhecido blogue Contraduições, sob o título “Esta horrível mania de dizer mal de tudo”, em que a necessidade de criação de um espírito corporativo a nível profissional surge em destaque, face à ausência de credibilidade da profissão:

Todos sabemos que a tradução é uma das profissões mais expostas e vulneráveis do mundo. Sabemos, porque nos confrontamos diariamente com o produto do nosso próprio trabalho. Sabemos, porque, através da tradução, nos deparamos constantemente com a nossa própria insatisfação pessoal, como humanos que somos e seres falíveis que seremos. Estamos condenados a isso, e é esse o nosso desígnio. Sabemos, porque estamos constantemente em fluxo e em trânsito entre espaços e momentos, a trabalhar na corda-bamba. Sabemos, porque, no fundo, somos artistas de um número de equilíbrio, trabalhando num trapézio sem rede, onde a queda pode ser (e é) fatal. Sabemos, porque somos obrigados a trabalhar sob pressão, cedendo a interesses externos que não são os nossos. Sabemos, porque estamos habituados a dar prioridade aos nossos clientes, anulando-nos como indivíduos e fazendo concessões atrás de concessões. Sabemos, porque somos escravos do nosso trabalho. Sabemos, porque vamos perdendo a nossa identidade. Sabemos, porque não temos horas, nem prazos, nem fins-de-semana, nem vida própria. A vida para nós é uma sucessão de dias, semanas e meses que se atropelam em catadupa, numa espiral de compromissos e tarefas infundáveis. (...) Sabemos, porque não somos reconhecidos enquanto profissão. Sabemos, porque não nos conseguimos definir como profissionais de pleno direito. Sabemos, porque não temos direitos, apenas deveres e obrigações. Sabemos, porque somos cidadãos anónimos, empurrados para este ofício pelas contingências do destino e pelo espartilho burocrático que nos empurra para a periferia. (...) Triste sina esta, convenhamos.<sup>82</sup>

---

<sup>81</sup> Danilo Nogueira, crónica “Nós e a Imprensa”, Tradutor Profissional, <http://tradutor-profissional.blogspot.com/2006/11/ns-e-imprensa.html>, 6 de Novembro de 2006

<sup>82</sup> Contraduições, “Esta horrível mania de dizer mal de tudo”, disponível em <http://contraducoes.blogspot.com/2006/02/esta-horrivel-mania-de-dizer-mal-de.html>

## IMAGENS CRUZADAS

Com efeito, como podemos constatar, são também os próprios tradutores que reconhecem esta dicotomia de que falávamos atrás, como é o caso deste excerto, em que a tradutora entrevistada fala acerca da imagem (ou ausência dela) dos tradutores na sociedade, e da forma como essa percepção bipolar parece estar interiorizada no discurso e mente dos tradutores:

P: Em termos de imagem que a sociedade tem, é uma imagem de quê? O que é que a sociedade tem...

R: Da imagem do tradutor?

P: Sim, sim.

R: **Eu acho, para já, não tem imagem.** Para já, no meu ponto de vista, como digo, a maior parte das pessoas, **a grandessíssima maioria não sabe o que é um tradutor.** E quando sabe, **não lhe reconhece importância,** de algum modo. Vai... o senhor vai, por exemplo, a uma loja, à FNAC, por exemplo, à FNAC. O senhor é um comprador anónimo. Nem é professor, nem é tradutor, é um anónimo qualquer. Pega num livro. **O senhor está minimamente interessado em quem traduziu, em saber quem o traduziu? Não.** O senhor compra o livro, porque o autor é conhecido, ou porque a capa o despertou, ou porque achou o nome engraçado, ou por outra coisa qualquer. **Mas não compra o livro porque foi traduzido por A ou B.** E, se calhar, vai ler o livro, vai gostar do livro, vai gostar da tradução, vai achar óptimo e não vai saber quem o traduziu, porque nem sequer teve o cuidado de ver quem o traduziu. Ou se viu quem o traduziu, da próxima vez que for comprar o livro, é óbvio que não vai procurar um livro que tenho sido traduzido por fulano ou beltrano. **Portanto, essa falta de reconhecimento é aceite tacitamente,** porque nós próprios, nós os dois, que somos tradutores... Quando é que, eu pelo menos, quando é que comecei a ganhar consciência de abrir um livro e ver quem traduziu, mesmo que eu não conheça, a pessoa? Estou sujeita à mesma situação. Não é? (...)

R: Tirando, peço desculpa, casos excepcionais, não é? Tirando casos excepcionais. **Se estivermos a falar de, por exemplo, de um Vasco Graça Moura, se estivermos a falar de outras pessoas assim, aí já poderemos, talvez, ir à procura de uma obra que sabemos que fulano traduziu.** E queremos aquela tradução, **porque a dele foi recomendada.** Mas são casos muito raros. (Brigith Guimarães, 01/06/2009, nossos destaques)

Ou ainda esta sugestiva descrição de uma profissão “cinzenta” e pouco glamorosa, próxima do funcionalismo público (contrastando, por exemplo, com a maior visibilidade dos tradutores do Parlamento Europeu)<sup>83</sup>, por parte de outra tradutora, quando inquirida acerca das razões subjacentes a uma certa ausência de reconhecimento

---

<sup>83</sup> Para uma melhor contextualização do papel do tradutor nas instâncias europeias, ver Pym (2000) e Koskinen (2008).



por parte da sociedade, mencionando o papel essencialmente não criativo do tradutor, como justificação, limitando-se a “transcrever” algo que foi criado por outro:

R: Vem [essa ausência de reconhecimento] do que é, da essência da profissão. No fundo, o tradutor não cria nada limita-se a transcrever uma coisa que foi criada por outro, portanto, **é, por norma, uma profissão muito cinzenta, não é glamorosa. Aqueles tradutores que estão por exemplo na..., no Parlamento Europeu isso tem alguma visibilidade, esses sim, quantos aos outros...**

P: E tem esse *glamour*?

R: Mais, mais, **quanto aos que estão na secretária a traduzir não, esses não têm. São, são como funcionários públicos**, os registos aparecem feitos, as coisas aparecem feitas, e ninguém sabe, ninguém se lembra “**estava um senhor coitado todo o dia, só faz**, só lança números e uma coisa assim... **É uma profissão cinzenta**, por si a essência da profissão, pelo menos do tradutor escrito acho eu. (T.S.M., 01/06/2009, nossos destaques)

Em complemento, apresentamos esta sugestiva descrição, da parte de outro profissional que entrevistámos, em que os tradutores são comparados a modelos e manequins da moda, sugerindo, em concreto, e novamente, a existência de um escalão de primeira e de segunda, como se houvesse cabeças de cartaz com honras de destaque, precisamente porque há nomes que vendem e estão ligados a estratégias de *marketing*, sobretudo por parte das editoras. Sublinhe-se que este não deixa de ser um discurso algo amargurado onde sobressai uma ligeira mágoa e ressentimento, mas também bastante crítico em relação a quem está no mercado em termos concorrenciais, injustamente, sobretudo pela dispersão de regras e regulação, ausência de oportunidades e uma gritante falta de reconhecimento geral:

Eu não gosto muito de dar alguns nomes às coisas, mas tu falaste numa das pessoas, como se poderia ter falado num Miguel Serras Pereira e outros... Eu já comparei uma vez, não foi publicamente, mas foi numa aula, até não foi no \*\*\*\*\*\*, foi noutra sítio, **mas comparei publicamente isso à situação dos actores e dos manequins que vêm para actores, não é. É um bocado, é um bocado essa a imagem que se me sugere. Os manequins ficam sempre bem, não é? Aqueles que passaram pela *passerelle*, ficam sempre bem. A imagem deles fica bem na televisão, é engraçado, vende**. E, portanto, é provável que alguns desses nomes estejam na área da tradução, por causa disso. Há alguns nomes, até de escritores recentes, e escritores recentes premiados, que têm nome na área da tradução, e que não se percebe como nem porquê, porque se olha para as traduções e se põe as mãos à cabeça e se diz como e porquê. Mas, de facto, aí, **é o tal, é a tal falta de regras do mercado, do mercado profissional que pudesse dizer, “quem traduz são estas pessoas habilitadas para o efeito”, ainda que possam vir pessoas de fora, mas habilitadas para o efeito, e devidamente "encartadas" e os outros todos, os outros todos que já andam a trabalhar e que o fazem bem e que, infelizmente, não**

**têm podido ter essa oportunidade e reconhecimento**, não é. Portanto, há alguns que chegam de novo, manequins, e que imediatamente são projectados com grandes parangonas, não é. (J.P.)

As visões cruzadas em torno da profissão decorrem ainda do modo como a escolha dos tradutores está ligada a agendas específicas da parte das editoras, de protagonismo e estratégia comercial, motivadas por outros desígnios que não especificamente a qualidade. Implícita nas palavras deste tradutor está uma crítica óbvia às editoras, desmontando as políticas editoriais e levantando suspeitas sobre o *modus operandi* de algumas das empresas do ramo e profissionais no mercado, que recorrem e abusam de uma permanente delegação de tarefas e subcontratação de terceiros.

Sim, sim, sim, mas é a tal **falta da carta, da ordem, da designação. Estas pessoas podem fazer**. Alguns desses... e com isto também não quero dizer que as traduções deles sejam más, não é. Claro que eu reconheço como extremamente valiosa a tradução do Vasco Graça Moura do Dante, e de alguns outros livros... Mas há algumas em que ele foi francamente chatinho e fraquinho... Assim como, no caso dos restantes tradutores... **há para aí tanto tradutor de tão boa qualidade e que não é reconhecido**. Só que estão associadas a algumas questões comerciais, quer dizer, se tu tens o nome do autor ou o nome de um tradutor **que é reconhecido na capa do livro**, provavelmente haverá mais leitores a comprá-lo, ou a poder comprá-lo. E, para os editores, isso torna-se determinante. Nós também sabemos, e eu estava-te a dar o exemplo de um outro nome da área da tradução, que se calhar não pode fazer tantas traduções como faz. Quer dizer, é inviável que alguém pense que um tradutor isoladamente consiga fazer para um ano de trabalho, sei lá, umas cento e vinte mil palavras, desculpa lá, umas cento e vinte mil páginas. Não é possível, não é possível. Acho que as pessoas... eu estou a exagerar com as cento e vinte mil páginas, mas, digamos que umas doze mil páginas, ou coisa parecida, num ano de trabalho, é muita coisa. Umas doze mil páginas é muita coisa. E se tu fizeres as contas aos nomes e ao número de páginas que alguns destes tradutores apresentam por ano, é impossível que sejam eles a fazer. **Nós estamos a falar de estruturas de produção que têm por trás algumas pessoas, não é. E em que muito provavelmente esse tradutor nem sequer interveio**. Não fez uma leitura, não fez uma revisão, não fez uma correcção. Muito provavelmente, isso aconteceu. E eu estou a falar com algum conhecimento de causa, partindo do simples pressuposto de que qualquer um de nós, ser humano, não poderá fazer com qualidade mais do que umas nove, dez páginas num dia de trabalho regular. Estamos a falar de páginas, das tais dos mil e oitocentos caracteres, que são os valores da edição, não é. Se nós pensarmos nesses mil e oitocentos caracteres para uma página, um bom trabalho de dez páginas por dia, nunca nos dará os números que eu referi há pouco. E eu já me dei ao cuidado de, em determinada altura, fazer as contas ao que um senhor, que até já foi premiado pela tradução de diversas obras, ao que um senhor apresentava num só ano de trabalho. E eu cheguei à conclusão de que era impossível, que ele não podia fazer aquilo tudo. Basta fazerem-se contas aos números, ao número de dias por

ano e às tais dez páginas, não é. Quer dizer, se tu fizeres umas quatro mil, umas quatro mil páginas por ano, já és muito bom. Estiveste a trabalhar quase todos os dias. Então agora faz as contas. Quando um indivíduo faz umas doze mil, como é que é possível? (J.P. 01/06/2009, nossos destaques)

Subjacente está uma crítica velada aos próprios tradutores e editores, e à forma como, para o exterior, é transmitida uma imagem deturpada do real, aliada a suspeitas de favorecimento e redes de produção paralelas.

## A SUBALTERNIZAÇÃO DA TRADUÇÃO

Este *status quo*, misto de exposição à crítica fácil e fragilidade individual, é tanto mais evidente e, ao mesmo tempo, bizarro quando, em certos casos, parece vir, ironicamente, dos próprios agentes encomendadores ou compradores de serviços de tradução, como por exemplo as editoras.

No caso que a seguir apresentamos, a própria editora, Oficina do Livro (com a colaboração da Academia do Livro, Casa das Letras, Estrela Polar e Quinta Essência), publica no seu blogue, disponível em <http://oficinadolivro.blogs.sapo.pt/5045.html>, uma série daquilo que designa como “Bloopers da tradução”, ou seja, um conjunto de erros mais frequentes, “alegremente” apelidados de “calinadas”. Para além do tom pejorativo, os autores ainda adicionam uma série de comentários jocosos sobre a qualidade das traduções, como no caso seguinte:

(...) rates of obesity range from below 5 percent in Japan, China and some African nations to more than 75 percent in urban areas of Samoa = As taxas de obesidade situam-se abaixo dos 5% no Japão e na China e, em alguns países africanos, como é o caso das áreas urbanas de Samoa, mais de 75% das pessoas são obesas.

Ora todos sabemos que o que há mais em África são obesos. Aqueles que aparecem na televisão são escolhidos a dedo e são sempre os mesmos. Todos nascidos e criados em Samoa... que, por acaso, é no Pacífico (...)

Conforme nos confessava um tradutor, esta exposição à crítica fácil é, muitas vezes, exacerbada pelo desconhecimento das condições físicas e psicológicas em que ocorre o trabalho, por parte do cliente e público-alvo:

R: Portanto, e depois as pessoas criticam sem o conhecimento da própria causa. Existem erros.

(...) Mas, por exemplo, o cidadão comum é crítico, é crítico e acutilante. Chega a ser acutilante.

P. E isso é injusto ou não?

R. Injusto, por vezes. Injusto porque acha que pode criticar só por desconhecimento de causa.

(J.G. 01/06/2009)

Seria enfadonho enumerar aqui os inúmeros sítios, blogues e recensões críticas publicadas em órgãos de comunicação social onde erros de tradução, simultaneamente associados ao domínio audiovisual, mas também literário, são enunciados e criticados *ad nauseam*.

Primeira conclusão evidente. A tradução é uma actividade invulgarmente exposta e altamente crítica aos olhos da sociedade e dos consumidores.

Segunda conclusão. Para além da aparente invisibilidade dos tradutores, é óbvia a absoluta visibilidade do seu trabalho perante a opinião pública, fruto da circulação e fixação do produto da sua actividade.

Terceira constatação. Para os leitores, críticos e as elites, o único aspecto que parece verdadeiramente interessar é a tradução literária e jornalística. Para além disto, há uma imensa minoria que permanece no esquecimento.

Relativamente a esta tendência para um ligeiro desequilíbrio de forças entre o tradutor/prestador de serviços e o seu cliente, será talvez pertinente citar o comentário de Daniel Simeoni quando, a propósito, das constantes alusões ao carácter autoritário e suprema autoridade do cliente, compara a situação do tradutor e a respectiva relação com o seu cliente, no final do século XX, início do século XXI, como sendo em tudo semelhantes à relação estabelecida entre certos autores e os seus monarcas que lhes encomendavam o trabalho, nomeadamente através da criação de obras de arte (Simeoni 1998: 9).

Para além deste conceito, Simeoni destaca claramente a noção de subserviência associada à actividade de tradução, criando aquele que será um dos conceitos mais importantes, vulgarmente associados à prática da tradução até aos dias de hoje.

## O TRADUTOR ANÓNIMO E FRÁGIL

A ideia subjacente é de que existirá uma multidão anónima que vive, tantas vezes, metaforicamente abaixo do nível das águas, no subsolo e no esquecimento, em regime de total precariedade e ansiedade, que luta diariamente contra o anátema do desprestígio, desvalorização, subalternidade e inferioridade, palavras que são, com frequência, lançadas, pela sociedade ou pelos clientes, para as costas do tradutor, ansiando por uma espécie de resgate e reconhecimento. Palavras que o próprio discurso dos tradutores repercute com especial impacto.

Em termos objectivos, foi precisamente este apelo de reconhecimento e desejo de visibilidade que sentimos quando, mais tarde, como veremos, aplicámos o nosso questionário no terreno e obtivemos respostas ao *survey* quantitativo que desenvolvemos. Nessa altura, para além das questões habituais a um projecto desta natureza, pedimos ainda que os respondentes escrevessem algo sobre a sua percepção face ao questionário, numa caixa propositadamente colocada para comentários. Estes são alguns dos muitos comentários que recebemos e que parecem apontar para um mesmo padrão recorrente em termos de sentimentos de ansiedade associados à profissão:

### Comentário 1

*Obrigado por se lembrarem de uma profissão esquecida que todos julgam capazes de efectuar e que é efectuada simplesmente por aqueles incapazes que se julgam importantes por terem somente uma cor política ou alguém conhecido numa ou outra empresa e não pela qualidade do serviço. Depois querem que os Portugueses falem bem quando as traduções do livro são notoriamente "copiadas" à letra do original ou de traduções já existentes. Bem haja pela iniciativa...*

### Comentário 2

*A tradução em Portugal é feita de forma assaz incompetente e irresponsável. O mercado está completamente minado por tradutores que praticam preços demasiado baixos e cheio de intermediários que não querem pagar ao tradutor aquilo que realmente o seu trabalho merece.*

### Comentário 3

*É sempre bom colaborar neste tipo de investigação. Só desejaria que os comentários/opiniões/respostas dos tradutores ajudassem a credibilizar esta área que tanto tempo e dedicação exige aos que nela estão envolvidos.*

#### Comentário 4

*Espero que este questionário ajude a melhorar as condições profissionais dos tradutores em Portugal*

#### Comentário 5

*Provavelmente irei deixar de ser tradutora e enveredar por uma outra profissão, apesar de nos próximos tempos ir trabalhar no Departamento de Tradução do Parlamento Europeu no Luxemburgo. A situação do tradutor em Portugal é vergonhosa e a posição das Universidades responsáveis pela formação de jovens tradutores também, pois estas fazem-nos crer que há um mercado de trabalho lá fora quando o que existe na realidade é uma corja de parasitas que vivem à custa do "desgraçado" do tradutor que geralmente (ou não fossem escassos os lugares para tradutores internos!) trabalha em regime freelancer. São praticados preços verdadeiramente inacreditáveis (quase a roçar a escravatura: já fiz trabalhos de retroversão de português para inglês a 2,5 euros/página); não há absolutamente qualquer tipo de controlo dos preços praticados, nem sequer nenhum respeito pelo tradutor, não só enquanto pessoa como também pelo seu trabalho; por vezes não nos pagam, outras temos de andar atrás de determinada empresa para que esta não se faça esquecida relativamente à nossa remuneração; depois há os supostos testes-online para sermos admitidos em determinada empresa (os quais na maioria das vezes nem têm resposta: o que nos leva a duvidar da sua credibilidade). Enfim, há todo um desencanto... Uma profissão da qual não se consegue obter rendimentos suficientes para sobreviver (Já nem sequer me atrevo a dizer "viver"). Uma profissão na qual um mês temos trabalho, no outro já podemos não ter. Dito isto, acredito verdadeiramente que não vale a pena sequer ser tradutor em Portugal. Seria como se diz na gíria "trabalhar para o boneco".*

## UMA REALIDADE HÍBRIDA

We might once have talked immediately about translators. Yet translators these days are called upon to do far more than translate; they move between tasks; they mix professions in the course of their careers. The hyperonym ‘language service provider’ is simply meant to recognize that diversity, placing translator training within the context of a more complex and technological age. This could mean thinking in terms of a list, or of professional things-that-people do: translation, yes, but also revision, terminology mining, terminology management, multilingual document management, project management, cultural consulting, interpreting of all kinds (since oral tasks surround the written), relations with clients, and perhaps the odd thought about the ways our communication cultures should be headed (call it ‘policy’). (Pym 2002)<sup>84</sup>

Em última instância, todo este enredo revela a trágica e irónica situação de uma actividade nobre e difícil, nas palavras de Anna Akhmatova, que parece ser empurrada para um gueto terminológico e funcional de difícil fixação. Actividade esta a que muitos chamam "tradução", "mediação cultural", "intermediação", "interpretação" ou “comunicação intercultural”. Ou ainda "localização", "engenharia de línguas", "indústria das línguas", "prestação de serviços de tradução", “prestação de serviços de língua” ou, porventura, importando alguns estrangeirismos “language service provider”, “translation service provider”, “linguist”<sup>85</sup> ou “intercultural communicator”, entre outros exemplos de hibridismo terminológico. Neste caso, a tradução surge necessariamente como algo negativo, associado a valores menores, como se, quase sempre, imperasse uma construção ficcionada, traduzida num discurso crítico e depreciativo a nível social.

Many of us make use of translation, in one form or another, on a daily basis. We also talk about it, informally, perhaps not quite on a daily basis, but regularly. The terms in which we speak about translation are familiar to all concerned. We find ourselves perfectly at home in the standard images and metaphors we employ to characterise translation. Consciously or subconsciously we are all profoundly influenced by the way in which our culture denotes, delineates and, ultimately, constructs translation through various kinds of figurative usage. We take those ways of speaking for granted.

We recognize what is happening, for instance, when translation is described by means of such metaphors as building bridges, as ferrying or carrying across, as transmission, transference, ‘Übersetzung’, ‘trans-latio’. Further, similar metaphors could effortlessly extend the series. All convey the enabling function of translation. The enabling which translation brings about is to be achieved by a product, a finished translation, which is deemed to offer the user a

---

<sup>84</sup> in Belinda Maia, Johann Haller & Margherita Ulrych, eds (2002) *Training the Language Services Provider for the New Millennium*, Porto: Universidade do Porto, 21-30.

<sup>85</sup> Uma referência bastante comum no Reino Unido e que envolve a prestação de serviços de línguas.



reliable image of its parent text because it bears a close and pertinent resemblance to that which itself remains beyond reach. This is where we encounter the metaphors of translation as likeness, replica, duplicate, copy, portrait, reflection, reproduction, imitation, mimesis, mirror image or transparent pane of glass (Hermans (2002) “Paradoxes and Aporias in Translation and Translation Studies”)<sup>86</sup>

De facto, são várias as faces da tradução, e múltiplas as classificações que obtêm por parte dos seus agentes e interlocutores, bem como da disciplina onde se inscreve como área científica. Difícil será, por certo, mapear todas as recentes designações que nos apontam para uma miscigenação conceptual, onde a noção de tradução se entrecruza com outras nomenclaturas, de carácter extrínseco, que contribuem para a sua heterogeneidade e complexidade: localização, redacção técnica, linguagens controladas, comunicação multilingue, comunicação profissional, engenharia da linguagem, tradaptação, *transcreation*... São vários os conceitos que gravitam em torno do campo semântico da tradução.

Prova dessa ambiguidade e ambivalência, ou da multiplicidade de facetas e rostos que povoam e contaminam a actividade é a forma como a oferta de serviços de tradução é, muitas vezes, camuflada por outras designações e categorias, como se o seu próprio estabelecimento e criação, bem como a própria institucionalização de um discurso em torno da tradução e da própria criação de uma metalinguagem (Gambier & van Doorslaer 2009) estivessem intimamente ligados à selecção, escolha e tratamento de determinadas opções estratégicas, significando com isso que a tradução pode, de facto, desempenhar um papel estratégico e vital na própria institucionalização multilíngue.

Dado o seu carácter interdisciplinar, e na sequência dos vários desenvolvimentos e transformações que afectaram a disciplina e a profissão, é recorrente a reprodução e reutilização de expressões metafóricas de carácter metalinguístico que visam enquadrar e determinar as várias perspectivas que a actividade convoca, revelando ao mesmo tempo significativas variações no uso e conceptualização de uma terminologia especificamente associada à teoria e prática (Gambier 2007 e Gambier e van Doorslaer 2009).

Isto implica que a tradução preenche e adquire uma espécie de estatuto discursivo, entidade metafórica supra, versátil e polivalente em termos sociais e profissionais, como acabam por indicar as várias designações comerciais, para uma mesma realidade como *Tradaptação*, *Transadaptação*, *Transcreation*, *Editing*,

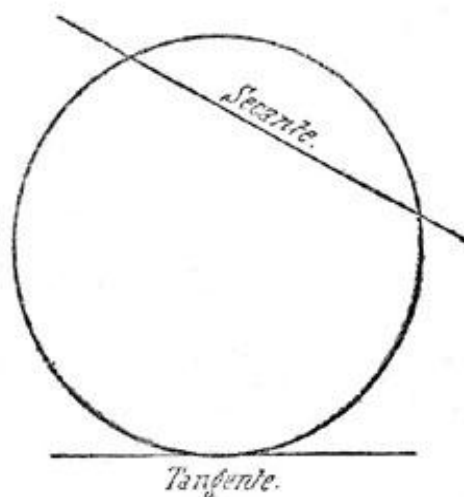
---

<sup>86</sup> in Riccardi, Alessandra, ed. (2002) *Translation Studies: Perspectives of an emerging discipline*. Cambridge University Press.

*Localization, Adaptation.* Por exemplo, na sua dissertação de 2005, *Cross-cultural digital marketing in the age of globalization*, Jesús Maroto Ortiz-Sotomayor dedica um capítulo inteiro para estabelecer uma clara distinção entre *Translation, localization, transcreation* e *adaptation*. E, mais recentemente, John Milton introduz uma nova variável no sistema, no seu artigo de 2009:

Terminology in the area of Adaptation is a major problem, with a large number of terms such as recontextualization, tradaptation, spinoff, reduction, simplification, condensation, abridgement, special version, reworking, offshoot, transformation, remediation, and re-vision. (Milton 2009)<sup>87</sup>

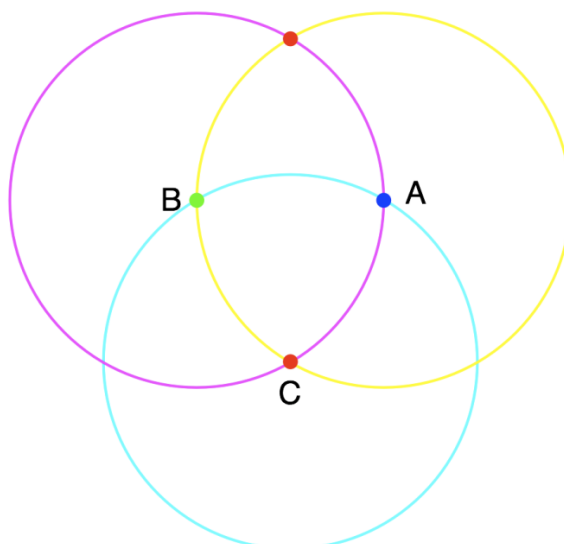
Este exemplo que a seguir transcrevemos indica, na prática, a forma como o campo profissional da tradução, enquanto circunferência frágil e instável, acaba por ser invadido e atravessado por um domínio paralelo e concêntrico, que nela traça uma recta secante e que provoca a intersecção de dois ou mais campos exógenos.



**Figura 6.** Vulnerabilidade do campo profissional

---

<sup>87</sup> Milton, John (2009) "Translation Studies and Adaptation Studies", Universidade de São Paulo, Brasil, disponível em [http://isg.urv.es/publicity/isg/publications/trp\\_2\\_2009/chapters/milton.pdf](http://isg.urv.es/publicity/isg/publications/trp_2_2009/chapters/milton.pdf) (Data de acesso: 03/07/2011)  
Ver ainda Milton, John (2008) "The importance of economic factors in translation publication: an example from Brazil", in *Beyond Descriptive Translation Studies: Investigations in Homage to Gideon Toury*, ed. Anthony Pym, Miriam Shlesinger and Daniel Simeoni. Amsterdam: John Benjamins, pp. 163-173.



**Figura 7.** Contaminação do campo profissional

Trata-se de uma brochura promocional de um gabinete italiano que publicita os seus serviços na área das línguas, onde é possível verificar o modo como, na mensagem, acabam por convergir conceitos que nos são familiares como tradução, localização, *copy editing*, parecendo que, acima deles todos, paira a noção de *transcreation*, como elemento aglutinador e congregador de várias valências:<sup>88</sup>

*Translation, localisation and copy editing* Any commercial, technical and institutional information to be presented in a multi-national context must meet the needs of other countries, not just linguistically but also as regards respecting national customs, regulations and forms of communications. Whenever a document is aimed at users whose language is different to that in which it was originally written, the translation must not be limited to a simple transposition of text from one language to the other, but must be the subject of a process of adaptation known as **localisation**, in order to render it consistent with all the conditions and customs specific to the country of use. In the event of texts whose sole purpose is communication, it is important that the message reach its target audience, perceptively, effectively and without losing or altering the original meaning. No matter how many languages the message is translated into, there must be a single overruling meaning. This result may only be achieved through editing reviews. In other words, the translated text must be reviewed by a local reviewer capable of transforming the translation into a fully-fledged example of **copy editing**. **Transcreation** is the term we use to mean a package of services aimed at those operating in the advertising sector. It consists of the complete set of **translation, localisation and copy editing** services Soget's aim is to render communication effective on all foreign markets, and to support sector operators in order to provide each brand, product or service with a strong and consistent international image.

Ironicamente, esta tendência é também recorrente em solo português, reveladora da forma como a globalização dos serviços e homogeneização da circulação das ofertas neste domínio são frequentes. No âmbito do nosso trabalho, tivemos acesso a esta mensagem, correspondente a uma carta de apresentação profissional, dirigida a vários

<sup>88</sup> Ver, a propósito, o *post* “Do you believe in transcreation?” de 31 de Março de 2008, disponível em <http://japanese-web.com/31/do-you-believe-in-transcreation/>

gabinetes e agências de tradução. Trata-se de uma carta de apresentação recebida no âmbito de uma campanha de *mailing* em resposta a um anúncio de emprego:

**Já alguma vez sentiu que a tradução de um texto de marketing ou publicidade não tem o mesmo impacto do que o original?**

**Então precisa de um especialista em transcreation!**

Exmo.(a) Sr.(a),

Sou copywriter e trabalho há vários anos na área da concepção e redacção de textos promocionais. Venho manifestar o meu interesse em colaborar convosco, na convicção de que a minha experiência pode acrescentar valor aos serviços prestados aos vossos clientes, sobretudo quando se trata de traduzir folhetos, brochuras, catálogos, sites e outros suportes de carácter comercial, que exigem uma **recriação/adaptação do texto, de modo a que este se adequa ao contexto linguístico e cultural do público** a que se destina.

Como copywriter, tenho efectuado inúmeros trabalhos de **transcreation (de Inglês e Francês para Português)**, nomeadamente enquanto estive nas Selecções do Reader's Digest (p.f., ver carta de recomendação) e para a Deco/Proteste.

Sobre o meu percurso profissional, posso ainda acrescentar que integrei empresas como a **Impala, Abril/Controljornal** (actual Impresa Publishing) e **Grupo Media Capital**. Actualmente sou copywriter freelancer, já tendo desenvolvido trabalhos para a **Cofina, AIG e Verbo**, entre outras entidades.

Além da criação e adaptação de textos, a minha função passa também pelo acompanhamento dos trabalhos durante as fases de concepção gráfica e de revisão de provas finais. Da minha formação complementar, destaco o **Curso de Técnicas de Revisão de Texto**. O meu portfólio inclui Direct Mail, e-DM, imprensa, brochuras, catálogos, folhetos, flyers, rádio, etc., o qual terei o maior prazer em vos mostrar pessoalmente.

Na expectativa de futuro contacto, envio em anexo o meu currículo e carta de recomendação.

Melhores cumprimentos,

\*\*\*\*\*

A que segue esta carta de recomendação:

Assunto: Carta de recomendação para \*\*\*\*\*

Exmo.(a) Sr.(a),

A \*\*\*\*\* trabalhou sob a minha supervisão como copywriter de Janeiro de 2004 a Dezembro de 2006. Como somos uma empresa especializada na área de Marketing Directo, as suas funções abrangiam essencialmente a execução de campanhas de Direct Mail e o respectivo acompanhamento das artes finais, bem como a revisão de provas.

Também redigiu scripts de Telemarketing, spots para rádio e EDM's (Electronic Direct Mail).

Parte do seu trabalho consistia na adaptação de peças internacionais, pelo que se exigia um bom domínio de inglês e francês. Mostrou-se perfeitamente à vontade nesta área, tendo resolvido de forma inteligente adaptações por vezes complicadas, dadas as particularidades do nosso mercado e as contingências legais que regulamentam este sector.

A \*\*\*\*\* demonstrou assim ser uma profissional bastante responsável, empenhada e talentosa, tendo apreendido com rapidez e entusiasmo as particularidades do negócio.

Integrou-se bem na equipa de trabalho e mostrou-se sempre aberta a novos desafios.

Conseguiu criar a sua autonomia, oportunamente contribuía com novas ideias e sempre conseguiu concretizar atempadamente os trabalhos que lhe foram confiados.

Recomendo vivamente a \*\*\*\*\* e posso confirmar que tem sólidos conhecimentos e experiência em Marketing Directo, gosta de aceitar desafios, é criativa e muito competente. Tenho pena

que nos tenha deixado e é sem dúvida uma das profissionais com quem gostaria de poder voltar a trabalhar, razão pela qual já depois de ter saído das Selecções, recorri a ela como freelancer em períodos de maior actividade aqui na empresa.

Como vemos, muitas das valências, aptidões e competências aqui destacadas são idênticas às já existentes na área da tradução, apenas com uma pequena ressalva. É que, neste caso, encontramos-nos perto do domínio de uma actividade profissional que está ligada à edição e publicidade, sector onde vamos encontrar os chamados “copy” ou criativos, e que com ela partilha e disputa um território de grande proximidade, mas também de diferente estatuto e impacto social.<sup>89</sup>

---

<sup>89</sup> Por “copy”, por exemplo, entende-se a produção de material escrito, em contraste com material gráfico e fotográfico, que circula em revistas, publicidade e edição/publicação de livros. Por exemplo, na publicidade e web marketing, o termo “copy” refere-se ao produto elaborado pelos chamados “copywriters”, que são contratados para escrever material que incentive ao consumo de bens e serviços. No mercado editorial, também existe a palavra copy, para designar o “copy editor”, tal como no mundo jornalístico.

## UM MERCADO DE CONTORNOS DIFUSOS

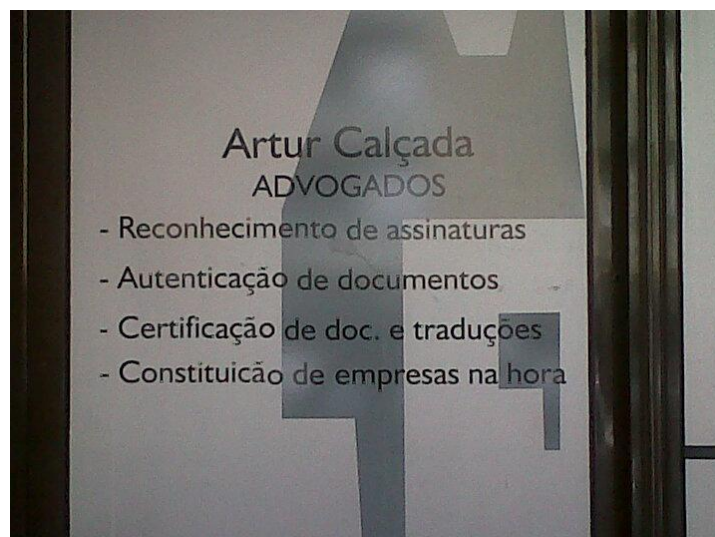
Porém, o próprio mercado também se encarrega de colocar anúncios de oferta e procura de tradutores de carácter difuso, e nos quais a confusão e a mistura de funções é merecedora de destaque, demonstrando, por um lado, a forma como, em termos práticos, as chamadas profissões das línguas parecem ter valências semelhantes em comum, e, por outro, a aparente impossibilidade de fixar e definir com rigor os contornos de uma determinada profissionalidade, tal como nestes casos que aqui elencamos.



**Figura 8.** Exemplo de publicitação de serviços de tradução (1)



**Figura 9.** Exemplo de publicitação de serviços de tradução (2)



**Figura 10.** Exemplo de publicitação de serviços de tradução (3)

Já no seu importante estudo sobre a tradução profissional em Portugal, datado de 1996, Francisco Magalhães descrevia o caso de anúncios de várias agências que, segundo a opinião do autor, prestam serviços que não se integram minimamente no âmbito da tradução e, ao mesmo tempo, “revelam a imagem pública que estas agências dão de si mesmas” (Magalhães 1996):

Gabinete de Estudos Técnicos oferece serviços em todas as línguas da CEE, japonês, tradução científica, técnico-jurídica, tradutores especializados para conferências e reuniões, fotocópias em sistema laser, slides e negativos fotográficos com redução e ampliação, fotocópias de plantas, projectos de todos os tamanhos, com ampliação e redução, plastificação a quente e encadernações com argolas de metal, plásticas e a quente, composição de texto e montagem a cores computadorizada, informática, dactilografia, etc etc. (op. cit., pág. 96)

Ou ainda este exemplo:

Roupa por passar a ferro? – Não pense mais nisso! Recolhemos e entregamos a sua roupa já engomada onde e quando quiser – Contacte o ‘Especial de Corrida’. Contacte-nos... temos ainda outros serviços, tais como: costura, limpeza de escadas, traduções e processamento de texto, pequenos almoços ao fim de semana e feriados (levamos a sua casa ou a casa dos seus amigos – com serviço de despertar opcionais). (op. cit., pág. 69)

E, no entanto, repare-se, como, volvida mais de uma década, o panorama da diversidade da oferta de serviços mantém-se inabalável, como comprova este anúncio encontrado num *placard* de informações de uma universidade portuguesa, em 2011:

**EXPLICAÇÕES - ENSINO SECUNDÁRIO**

↳ INTRODUÇÃO À ECONOMIA  
 ↳ CÁLCULO FINANCEIRO  
 ↳ PORTUGUÊS

↳ CONTABILIDADE  
 ↳ INFORMÁTICA  
 ↳ MÉTODOS QUANTITATIVOS

↳ MATEMÁTICA  
 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º,  
 10.º, 11.º E 12.º ANOS

---

**EXPLICAÇÕES - ENSINO SUPERIOR**

↳ MATEMÁTICA E MATEMÁTICA APLICADA  
 ↳ MATEMÁTICA FINANCEIRA E CÁLCULO FINANCEIRO  
 ↳ INTRODUÇÃO À ECONOMIA E ANÁLISE ECONÓMICA I E II  
 ↳ ECONOMIA POLÍTICA E ECONOMIA I E II  
 ↳ GESTÃO FINANCEIRA E FINANÇAS EMPRESARIAIS  
 ↳ MERCADOS FINANCEIROS E DERIVADOS  
 ↳ ECONOMIA PÚBLICA E FINANÇAS PÚBLICAS  
 ↳ INFORMÁTICA: WORD, EXCEL, POWERPOINT, ACCESS, WINDOWS, OUTLOOK, INTERNET, ETC.

↳ MICROECONOMIA E MACROECONOMIA  
 ↳ CONTABILIDADE GERAL E FISCALIDADE  
 ↳ CONTABILIDADE DE CUSTOS E ANALÍTICA  
 ↳ ECONOMIA PORTUGUESA E INTERNACIONAL  
 ↳ ECONOMIA INDUSTRIAL E ESTATÍSTICA  
 ↳ ECONOMOMETRIA E MODELOS ECONOMÉTRICOS  
 ↳ MÉTODOS QUANTITATIVOS E DE PREVISÃO  
 ↳ INVESTIGAÇÃO OPERACIONAL  
 ↳ ANÁLISE DE PROJECTOS DE INVESTIMENTO

---

**OUTROS SERVIÇOS**

↳ EFECTUAM-SE COLABORAÇÕES EM TRABALHOS ESPECIALIZADOS DE ESTATÍSTICA E ECONOMOMETRIA  
 ↳ PRESTAM-SE COLABORAÇÕES EM MONOGRAFIAS, MEMÓRIAS, TESES E OUTROS TRABALHOS ACADÉMICOS  
 ↳ ELABORAM-SE TRABALHOS ESTATÍSTICOS EM EXCEL E S.P.S.S.  
 ↳ EFECTUAM-SE TRATAMENTOS E ANÁLISES DE DADOS EM S.P.S.S.  
 ↳ EXECUTAM-SE TRABALHOS DE PROCESSAMENTO DE TEXTO  
 ↳ ELABORAM-SE APRESENTAÇÕES DE TRABALHOS EM POWERPOINT  
 ↳ CURSOS/LIÇÕES DE INFORMÁTICA: WORD, EXCEL, ACCESS, POWERPOINT, OUTLOOK, WINDOWS E INTERNET

↳ EXECUTAM-SE TRADUÇÕES E RETROVERSÕES DE INGLÊS, FRANCÊS, ESPANHOL E ALEMÃO PARA PORTUGUÊS  
 ↳ ACEITA-SE A REALIZAÇÃO E RECUPERAÇÃO DE CONTABILIDADES EM I.R.C. E I.R.S.  
 ↳ CONSULTORIA E PLANEAMENTO FISCALIS (I.R.C./I.V.A./I.R.S., ETC.)  
 ↳ EFECTUA-SE O PREENCHIMENTO E ENTREGA DE DECLARAÇÕES FISCAIS  
 ↳ REALIZAM-SE ESTUDOS ECONÓMICOS ESPECIALIZADOS PARA EMPRESAS E DIAGNÓSTICOS ECONÓMICO-FINANCEIROS  
 ↳ EFECTUAM-SE ESTUDOS DE MERCADO ESPECÍFICOS PARA EMPRESAS  
 ↳ ELABORAM-SE CANDIDATURAS A PROGRAMAS COMUNITÁRIOS (P.O.E., S.I.P.I.E., S.I.M.E., ETC.)

---

**CONTACTO: PAULO MAIA**  
**TELEFONE: 22 53 67 381 - PORTO**  
**TELEMÓVEL: 93 319 12 91**  
**E-MAIL: paulomaia20@iol.pt**

**TRABALHOS ACADÉMICOS ESPECIALIZADOS**

↳ EFECTUAM-SE COLABORAÇÕES EM TRABALHOS ACADÉMICOS (MONOGRAFIAS, MEMÓRIAS, TESES, ETC.) DE ECONOMIA, GESTÃO, CONTABILIDADE, MATEMÁTICAS APLICADAS, INFORMÁTICA, CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO (PSICOLOGIA, COMPLEMENTOS DE FORMAÇÃO, ETC.), CIÊNCIAS DA SAÚDE (MEDICINA, ENFERMAGEM, ETC.) CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (JORNALISMO, RELAÇÕES PÚBLICAS, PUBLICIDADE, ETC.), HISTÓRIA, LETRAS, DIREITO, RELAÇÕES INTERNACIONAIS, RECURSOS HUMANOS, ESTUDOS EUROPEUS E AMBIENTE.  
 REALIZAM-SE REVISÕES DE PORTUGUÊS EM MONOGRAFIAS, MEMÓRIAS, TESES, ETC.;  
 ↳ ELABORAM-SE TRADUÇÕES ESPECIALIZADAS E RETROVERSÕES DE INGLÊS, FRANCÊS, ALEMÃO E ESPANHOL PARA PORTUGUÊS;  
 ↳ EFECTUAM-SE COLABORAÇÕES EM TRABALHOS DE ESTATÍSTICA (S.P.S.S.) E DE ECONOMOMETRIA;

---

**CONTACTO: PAULO MAIA**  
**TELEFONE: 22 53 67 381 - PORTO**  
**TELEMÓVEL: 93 319 12 91**  
**E-MAIL: paulomaia20@iol.pt**

Figuras 11 e 12. Exemplo de publicitação de serviços de tradução (4)

Algo que encontra tradução visual nos elementos pictóricos que a seguir apresentamos, e que concorrem para a noção do carácter dispersivo e fluído desta profissão em permanente estado de transformação.

Sala de Estudo

Apoio psicopedagógico

Oficinas de Matemática

Aulas de informática

Microsoft Windows

Microsoft Office

Latex

Software de Geometria Dinâmica

Cabri 3D

Geogebra

Geometer's

Sketchpad

Apoio a Teses

Monografias

Revisão ortográfica

Traduções

[www.matex.no.sapo.pt](http://www.matex.no.sapo.pt)

- Traduções
- Cursos de Línguas
- Cursos de Informática
- Disponibilidade de Sala para Acções/Eventos

Figuras 13 e 14. Exemplo de publicitação de serviços de tradução (5)



Como vemos, são vastas e complexas as solicitações ao nível da oferta e da procura, mas que nos demonstram, por um lado, a grande abrangência dos mercados das línguas e, ao mesmo tempo, uma secundarização da tradução como escolha primária, já que absorvida por outras lógicas de organização do trabalho, implicando uma eventual redefinição dos próprios perfis formativos.

Tal como referia Daniel Gouadec na sua comunicação “Training translators: certainties, uncertainties, dilemmas” (2002a) será necessário, de facto, reenquadrar a formação dos tradutores tendo como base as indicações que o mercado nos dá ao nível das novas solicitações e desafios colocados ao profissional das línguas:

The net result is that we have to “produce” translators who can translate, who have more and more technical expertise, to whom all helps and tools are familiar, who can perform more and more jobs (provide more diversified services) and who can perform them with increased productivity. It makes absolutely no doubt that the translator’s profile must be broader, more diversified, and that each skill must be more extensively developed. Unless we can be sure that our graduates will all find jobs or make a living as “pure translators” or unless we decide that our commitment stops at “teaching translation”, we do face heavy responsibilities, lots of uncertainties, and no end of dilemmas, simply because the signs and landmarks set by the job market for translators keep changing and moving and shifting. (Gouadec 2002: 40)

Uma palavra ainda sobre a aparente desvalorização profissional associada à tradução. Acerca desta nova abordagem do papel e função do tradutor, valerá a pena citar de novo Daniel Gouadec, no seu livro de 2002, *Profession: Traducteur*, relativamente à omnipresente questão do tradutor invisível:

Dans de très nombreuses entreprises, les personnes chargées de l’exécution des traductions et disposant des qualifications voulues sont engagées sous des étiquettes diverses (secrétaire bilingue ou trilingue, documentaliste, etc.) dès lors que l’entreprise (ou le secteurs professionnel) ne reconnaît pas la qualification de traducteur. Pareille situation est doublement déplorable en ce que:

La qualification n’étant pas reconnue, les intéressés ont le sentiment d’une disqualification effective (souvent confirmée par les niveaux de rémunération auxquels ils se voient confinés).

La qualification du traducteur n’étant pas professionnelle, la traduction elle-même souffre nécessairement d’un manqué de considération de la part des demandeurs et donneurs d’ordres.

La non-reconnaissance de leur qualification professionnelle effective, leur déclassement indiciaire, et la dégradation de leur image et de celle de leur activité engendrent des frustrations intenses pour les traducteurs concernés.

Dans le même type de contexte, il est également fréquent que les traductions soient effectuées par un personnel non qualifié mais ayant une vague compétence linguistique. On ne compte plus les entreprises dans lesquelles les traductions sont systématiquement assurées de manière inorganisée ou aléatoire par les secrétaires bilingues ou trilingues, les secrétaires de direction, le stagiaire du service du marketing qui a vécu deux mois à Londres ou les divers techniciens "*bilingues au moins*". En pareil cas, la traduction se fait souterraine et invisible, jusqu'à ce qu'explode inéluctablement la bombe à retardement de la non-qualité. (Gouadec 2002: 82)

## UMA ACTIVIDADE ESTRATÉGICA, NEGLIGENCIADA PELAS LÓGICAS EMPRESARIAIS

Tal como mencionámos acima, esta é, sem dúvida, uma considerável preocupação sobretudo face à gradual subalternização, inferiorização e desvalorização do tradutor, pela ausência de reconhecimento e pelo apagamento subliminar das suas referências e marcas identitárias e profissionais enquanto agente indispensável nesse fenómeno de intermediação linguística.

Trata-se, de facto, de uma constatação cada vez mais comum, como reconheceram Steyaert e Janssens (1997: 141):

Many failures of management such as the failed introduction of a new product, an unsuccessful marketing campaign or a missed contract, result from undervaluing the role of translation. (Steyaert & Janssens 1997: 141)

Sobretudo quando, ao analisarmos os processos de organização empresarial, em diálogo com muitos dos tradutores no terreno, verificamos que, muitos dos erros e falhas no circuito da comunicação em contextos multilingues resultam, não da incompetência dos tradutores, mas antes de uma deficiente percepção do fenómeno e de uma falta de sensibilidade para o seu papel estratégico ao nível dos próprios sistemas de gestão, como veremos adiante:

(...) translation blunders are the result not so much of incompetent translators but of the way translation activities are embedded in the management system. (Steyaert & Janssens 1997: 141)

Estas são questões-chave do nosso estudo. De facto, como comprova este excerto de uma entrevista realizada com o gerente de uma das principais empresas de tradução com sede no norte, há um desconhecimento absoluto por parte dos agentes envolvidos no processo para o papel estratégico da tradução, algo que decorre, por um lado, da falta de rigor na gestão e, por outro, pela forma como a actividade é vista como um custo e não como algo que poderá ter influência na cadeia de valor do produto. Isto é, o serviço prestado não é colocado pelos agentes económicos na cadeia de valor do produto, precisamente porque os agentes responsáveis pela gestão não têm a noção de que a tradução pode gerar um retorno satisfatório e capaz. Neste caso, não percebendo a complexidade do serviço, nem tendo capacidade para poder comparar serviços e produtos, o cliente acaba por não ter sensibilidade para dar o real valor ao serviço:

P: Relativamente a estes problemas, acha que o cliente tem noção da exigência, do rigor que um processo de tradução tem? Como disse, um cliente olha para isto como um custo, mas... o problema da educação do cliente está onde? É um problema da sociedade, é um problema de visão estratégica?

R: Interpreto isto como falta de rigor na gestão, **ou seja, a tradução, como pode ser qualquer outro tipo de serviço, quando são encarados apenas como um custo, não têm influência na cadeia de valor de um produto...** (...) Ele é encarado como um custo, portanto, quem gere, normalmente não coloca a tradução... quem requisita a tradução ou quem necessita de uma tradução raramente... são exceções... que colocam este serviço na cadeia de valor do produto. **Este é o problema principal que se coloca na tradução, porque quem não coloca isto na cadeia de valor do produto, este tipo de serviço, serviço de tradução, dificilmente vai ter abertura para saber o que é um processo de tradução, para interpretar a complexidade e para realmente lhe dar o valor que ele tem.** (V.S., 01/06/2009)

## UMA PROFISSÃO “OCULTA”...



Figura 15. Tradução e *jet set*

Uma das questões associadas à profissão decorre da sua considerável plasticidade e abertura a outras vertentes, e do seu enorme potencial de actualização, diríamos nós, quase camaleónico. Esta predisposição decorre da facilidade com que qualquer pessoa, numa determinada fase da sua vida, pode perfeitamente optar por esta opção de carreira, ainda que fugaz e transitória, lançando-se no mercado como meio de obter alguma compensação e desafogo financeiros.

Tirando o aspecto menos científico do exemplo escolhido aqui, bem como do tipo de literatura aqui convocada, não podemos deixar de mencionar o facto de, até na

literatura cor-de-rosa, no chamado meio do *jet set*, a tradução surgir como uma opção profissional, ainda que temporária.

Como vemos, há um lado oculto da tradução, enquanto outra forma de vida, associado ao seu carácter temporário, democraticamente hospitaleiro e social e institucionalmente desconhecido, que importa estudar, já que revelador de extraordinárias histórias de vida.

Num campo diametralmente oposto, mas com idêntico grau de exposição pública, porque associado ao *show business*, destacamos, por exemplo, o caso do famoso vocalista dos GNR, Rui Reininho, por nós entrevistado e que confessou ter encontrado na tradução uma hipótese viável de sobrevivência numa determinada fase da sua vida e de um contacto com “o mercado da palavra”, conforme comprova a imagem abaixo, para além de ter trabalhado como tradutor numa fábrica têxtil em Riba d’Ave, na altura, subcontratado, por uma empresa de recursos humanos:

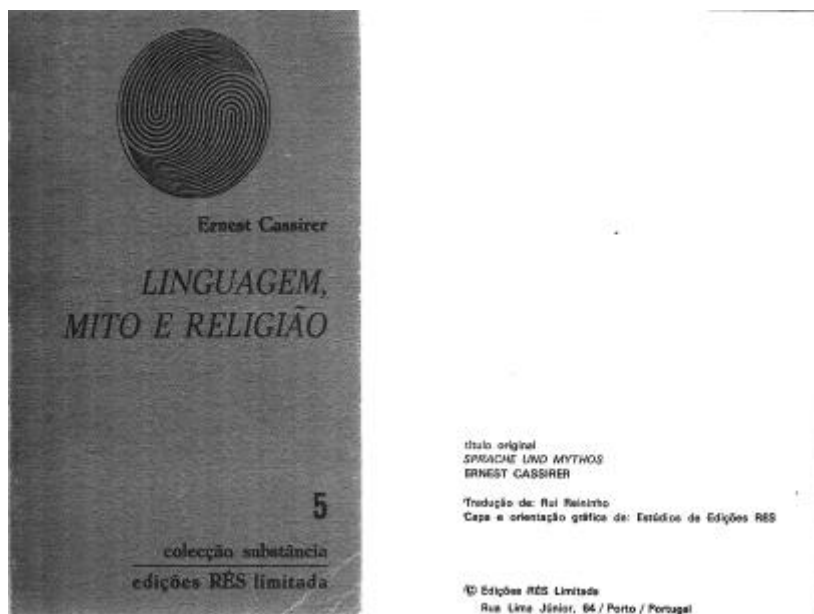
E pronto, comecei ali a fazer umas traduções mais pela prática. Este género, era muito o género de sobrevivência. Este livro, por acaso, era minimamente interessante. Os outros, lembro-me que era um dicionário do marxismo, umas coisas que eu traduzi do espanhol, um pouco “de ouvido”... A minha via era muito *jazzy*, muito de improviso, muito instintiva, muito intuitiva. Traduzia maioritariamente do francês. (...) Era uma altura, nos setenta, onde se editava muito. (...) E aí estava mesmo a pensar em profissionalizar-me mesmo, daí eu ter-me dirigido mesmo a Lisboa a uma associação de tradutores e intérpretes (...) como já tinha, digamos assim, obra. E arranjei um cartãozinho que dizia tradutor e intérprete. **E arranjei ali uma qualificaçãozita** (...)

Paralelamente, fiz também traduções através daquelas agências, creio que era a Manpower, daquelas agências de emprego temporário. **Pronto, estava ali a desenrascar-me.**

Na altura era como agora, funcionava tudo um bocado à base dos conhecimentos, das “panelinhas”...

Em Riba d’Ave era uma coisa técnica só, totalmente o oposto. Senti-me muito mal, e senti-me muito impreparado, porque tinha de me socorrer de dicionários técnicos ligados aos têxteis, e era um disparate. Andava ali um bocado aflito. E dei-me conta de um dos grandes dramas da nossa indústria têxtil, o princípio da queda. Porque eu só apanhava cartas com queixas de clientes da Europa toda, insatisfeitos com as encomendas, ou por causa dos prazos Essa parte da correspondência, tudo bem, agora a outra parte, técnica, eu pensava “mas eu não tenho conhecimentos para isso” e depois fui franco... Mas foi o princípio da minha relação com o mercado da palavra, muito voluntário.

Desde miúdo comecei a querer ter o meu chamado *pocket money* e gostava muito de viajar. E a tradução dava-me isso (...) O Marquês de Sade permitiu-me estar três meses em Marrocos, o primeiro volume... (Rui Reininho, entrevista, Agosto de 2011)



**Figura 16.** Obra traduzida por Rui Reininho.

Tal como Álvaro Costa, conhecido *entertainer* da rádio portuguesa na área da *pop cultura*, natural do norte, que também entrevistámos e para quem a tradução, enquanto “re-autoria do texto” sempre foi uma opção permanente pelas competências implícitas linguísticas e comunicacionais, sobretudo pela capacidade de “adaptar conhecimentos científicos e culturais ao sabor do fluxo noticioso”. Para este jornalista, que fez várias traduções de álbuns e publicações na área da música, bem como entrevistas com vários artistas como David Bowie, Bono, David Byrne ou Mick Jagger, ou ainda a locução em directo da cerimónia dos Óscares ou do *LiveAid*, a tradução, enquanto autoria B do texto, confere-lhe a capacidade de perspectivar, adaptar e criar laços e referências com o seu público, mas também de improvisar e inovar de forma original, “sendo popular e descendo às massas”.<sup>90</sup>

<sup>90</sup> Outro dos casos bastante interessantes do uso da tradução no contexto dos vários meios de comunicação social é o programa da *TSF*, “Pessoal e Transmissível”, da autora de Carlos Vaz Marques, também ele tradutor (com quem falámos pessoalmente), e que conta com uma forte componente multilingue devido ao carácter pluridisciplinar dos seus entrevistados.

### ... E INSTITUCIONALMENTE NÃO RECONHECIDA

Estas questões acima tratadas decorrem, nomeadamente, da enorme confusão que existe à volta da profissão, e que se encontra enraizada na forma como, institucionalmente, em termos contabilísticos, a tradução costumava ser apresentada e enquadrada legalmente, ao nível do Ministério das Finanças, por exemplo, há cerca de uma década atrás.

A este respeito, não podemos deixar de recordar uma situação que se passou connosco, quando, em 2005-2006, no âmbito de outro projecto de investigação, elaborámos um estudo sobre o perfil das empresas de tradução em Portugal (Ferreira-Alves 2005) [ver Anexos 1 e 2]. Nessa altura, tivemos acesso aos números de um estudo encomendado pela APET (Associação Portuguesa de Empresas de Tradução), sobre a Repartição dos Empresários em nome individual e das Sociedades, Volume de Emprego, e Volume de Negócios das Sociedades, segundo os Distritos, para os códigos 74830 e 74842 da CAE (Códigos de Classificação das Actividades Económicas).

Refira-se que, à época, ou seja, em 2001, os códigos CAE 74830 e 74842 diziam respeito, respectivamente a Actividades de Secretariado, Tradução e Endereçagem Outras Actividades de Serviços Prestados Principalmente às Empresas, n. e., e Outras Actividades de Serviços Prestados Principalmente às Empresas Diversas.

Nessa altura, era frequente encontrar uma sobrevalorização dos números referentes às actividades relacionadas com a tradução, como prova o facto de, em distritos de pequena e média dimensão, como Setúbal, por exemplo, virmos a encontrar 149 tradutores, ou empresários classificados como fornecendo serviços ligados à tradução.<sup>91</sup>

Ou ainda o caso de Aveiro, com os seguintes valores de difícil interpretação, demonstrando, assim, a existência de 68 tradutores, a par de 2.553 indivíduos registados como, alegadamente, exercendo actividades de serviços prestados às empresas, onde, muito provavelmente, as línguas e tradução encontrar-se-ão diluídas e anexadas a outras

---

<sup>91</sup> Actualmente, como demonstraremos, os códigos das actividades económicas foram actualizados, ao abrigo da Revisão 3, Decreto-Lei n.º 381/2007 de 14 de Novembro de 2007, que procede à revisão da Classificação Portuguesa de Actividades Económicas, harmonizada com as classificações de actividades da União Europeia e das Nações Unidas, pelo que, hoje, as actividades de tradução e interpretação estão abrangidas pelos seguintes códigos, segundo o *Diário da República*, 2.ª série—N.º 92 de 14 de Maio de 2007

743 7430 74300 Actividades de tradução e interpretação ..... 74850p



actividades díspares, revelando, desta forma, o modo como o exercício profissional acaba por estar camuflado e disperso pela acção de variáveis externas, que apenas servem para ocultar uma realidade profissional bem mais complexa:

			Sociedades		
Distritos	CAE		Nº.	Volume Emprego	Volume Negócios
Total Geral		40.073	4.463	22.369	1.657.314.769
Total Geral p/código	74830	1.369	318	2.017	76.642.555
	74842	38.704	4.145	20.352	1.580.672.214
Aveiro		2.621	172	913	74.579.245
	74830	68	6	17	225.058
	74842	2.553	166	896	74.354.187
Santarém		1.213	92	367	10.145.295
	74830	27	4	15	376.083
	74842	1.186	88	352	9.769.212
Setúbal		3.955	307	1.442	46.088.026
	74830	149	19	93	3.810.972
	74842	3.806	288	1.349	42.277.054

**Tabela 2.** Repartição dos Empresários em nome individual e das Sociedades, Volume de Emprego, e Volume de Negócios das Sociedades

**Fonte:** INE

Ainda na mesma óptica, veja-se, por último, a forma como, só no caso de Aveiro, as actividades assinaladas com os CAE 74830 e 74842 são, no seu conjunto, responsáveis por um volume de negócios superior a 75 mil euros, sendo que, destes, 225 mil euros pertenceriam ao domínio dos serviços de tradução, com a existência de 17 sociedades, em 2001, numa altura em que Portugal ainda estava numa fase embrionária em termos de adesão às lógicas gestionárias da chamada indústria das línguas.

Depois de uma visão panorâmica que nos levou a considerar os vários rostos e manifestações da tradução em Portugal, com especial destaque para a tensão existente entre o seu carácter formal e informal, pretendemos, na secção seguinte, analisar os contornos profissionais que definem a actividade no âmbito dos Estudos de Tradução.

**CAPÍTULO DOIS**

**TRADUÇÃO E PROFISSÃO NO ÂMBITO DOS ESTUDOS DE TRADUÇÃO:**  
**O “STATUS QUAESTIONIS”**

<p><i>Para ser grande, sê inteiro: nada Teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa. Põe quanto és No mínimo que fazes. Assim em cada lago a lua toda Brilha, porque alta vive.</i></p> <p>Ricardo Reis - 14-2-1933 <b>Odes de Ricardo Reis.</b> Fernando Pessoa. (Notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (imp.1994). – 148</p>	<p><i>To be great, be whole: nothing That's yours exaggerate or exclude. Be whole in each and every thing. Put all You are into the least you do. Thus in each pond the moon Shines full, for high she dwells.</i></p> <p>(Tradução de Ana Maria Chaves)</p>
---	--



## NOTAS PARA A CARACTERIZAÇÃO DE UMA PROFISSÃO

*Translators have become “partners”, the agents “project managers”. We are “just one small yet important link in a very long chain” (Glynn Haggett)<sup>92</sup>. Freelancers are no longer all that free, external deadline imposition is simply assumed and the professional translator who refuses to work like a Swiss clock is ticked off. (Sian Marlow)<sup>93</sup>*

Afinal, que profissão é esta de que temos vindo a falar? Como se define e enquadra no âmbito do seu espaço profissional? Como é que os tradutores encaram e definem o seu profissionalismo? Quais as principais questões que se colocam quando falamos de tradução profissional? E, sobretudo, quais os traços que marcam e distinguem a circunscrição do seu campo profissional?

As palavras que acima citámos são extraídas de um artigo sobre tradução, publicado na revista *The Linguist*, da autoria de Paul Wood (2001), intitulado “The translation business – future tense<sup>94</sup> e apontam para algumas das tensões e constrangimentos que caracterizam e afectam uma actividade que, de livre e autónoma, parece ser cada vez menos.

No seu livro *Translation and Globalization*, de 2003, Michael Cronin, coloca esta questão com especial pertinência, ao referir-se a essa tensão latente entre diferença e indiferença quando, frequentemente, se fala da actividade translatória. Parece-nos particularmente interessante a forma como a questão da investigação em tradução se manifesta, neste caso, com grande oportunidade, pelo aparente carácter invisível de que, igualmente, se reveste:

To translate today, and inherently to do research in translation-related topics, is to ultimately engage on a never-ending battle against (in)difference about, for and in translation. (Cronin 2003: 5)

Como resposta a esta indiferença, o autor irlandês aponta a necessidade de maior exposição e intervenção dos tradutores, qualificados em vários momentos como “nomads-by-obligation” (Cronin 2003: 126), “nomadic subjects” (Cronin 2000: 6) ou ainda “brokers between disparate language and cultures” (Cronin 2003: 67), ao nível da cultura, sociedade e política, revelando, em simultâneo, a verdadeira essência da tarefa da tradução em termos sociais e humanos:

<sup>92</sup> “Translation Today: a Personal Viewpoint”, artigo da autoria de Glynn Haggett (*The Linguist* Vol. 36, Nº 6, 2007).

<sup>93</sup> “How To Be Number One Translator”, da autoria de Sian Marlow, publicado em *Tranfree* 30, disponível em [www.tranfree.com](http://www.tranfree.com), artigo muito pouco simpático e nada elogioso em relação às condições e pressões a que o tradutor se encontra diariamente sujeito.

<sup>94</sup> *The Linguist*, Vol. 40, Nº 3.

Thus, it is by revealing, not disguising, their identity as translators that translators can make a legitimate bid to make more central interventions in culture, society and politics. To do this involves, of course, changing purely restrictive and instrumental views of translation practice and educating wider society as to what translators both know and can do. There is little chance of this happening, however, if translators and their educators do not also embrace a broader conception of the task of the translator. [...] Translators like any other group of professionals in the social and human sciences are distinguished among each other not by what they must do but what they can do. (Cronin 2003: 67)

Este nosso trabalho baseia-se essencialmente naquilo que Anthony Pym, no seu artigo “Training Translators and European Unification: A Model of the Market”, de Abril de 2000, designa como uma espécie de “identidade colectiva profissional”, que é desenvolvida pelos tradutores no decurso da sua actividade e cujas fronteiras pretendemos delinear.

Nesse relatório, apresentado no âmbito das instituições europeias, juntamente com Yves Gambier, Anthony Pym refere a existência de três tipos de tradutor e, consequentemente, sugere uma estrutura tripartida decorrente do próprio fenómeno da globalização, responsável pelo aumento da segmentação do mercado ao nível da prestação de serviços de línguas.

No nível mais baixo e pobre da cadeia laboral encontramos um vastíssimo número de tarefas de tradução que são mal pagas, executadas por alunos, recém-licenciados, amigos e vários “tradutores” em regime de *part-time* incompetentes e indiferentes, para quem a tradução é uma tarefa acessória e que não tem qualquer significado de maior, permitindo-lhes apenas uma simples sobrevivência.

Um segundo segmento nesta estratificação profissional contempla os tradutores literários em regime contratual, *freelancers*, profissionais das línguas assalariados em domínios não-técnicos, intérpretes de conferência em *part-time*, secretárias bilingues, quadros intermédios e docentes universitários. Ainda segundo o autor, trata-se de um grupo com um nível de vida relativamente confortável e desafogado.

Por último, o terceiro nível inclui um segmento reduzido de profissionais das línguas altamente competentes e especializados, com uma extraordinária procura no mercado, e valores auferidos de topo, trabalhando, sobretudo, em áreas no domínio da globalização, como as tecnologias da informação, economia, *marketing* e em empresas multinacionais. Neste caso concreto, as áreas visadas ultrapassam largamente a mera tradução, e envolvem outras tarefas e competências que, diremos nós, mais uma vez,

concorrem para a dispersão e eventual especialização do próprio campo profissional. Conforme refere o autor:

(...) they know what time they start work, they do not know when they will finish; they work nights and weekends; they can afford luxury goods that they have little time to use. If relatively long-term employment can still be found in segment two, this segment three offers few guarantees and demands great flexibility. The growth of the sector has been so fast, the power structures so dynamic and fragmentary, and the salaries so high, that there are relatively few official regulations in force, and no question of unionism or collective action. This is fundamentally where people are paid for what they can do—or what they can quickly learn to do—, and not particularly for where they have come from, what kind of university degree they have, or what social structures are around to protect them. (Pym 2000)

De facto, e segundo refere Anthony Pym noutro artigo, “Globalization and Segmented Language Services” (2000a: 10), a globalização originou um mercado dos serviços linguísticos significativamente segmentado e espartilhado. Nessa breve comunicação, o autor retoma a caracterização da já célebre estrutura tripartida, sob a forma de pirâmide, na base da qual vamos encontrar uma vasta panóplia de trabalhos de tradução de carácter duvidoso (que caracterizaremos como “miscelânea”), que são pessimamente remunerados e executados por alunos, recém-licenciados, amigos e familiares de clientes ou ainda “variously incompetent or indifferent part-timers, who may or may not have university training in the language concerned, as translators or otherwise” (Pym 2000a). Tal como refere, a remuneração auferida por esta subclasse, ou classe menor, permite apenas a sua sobrevivência, como um “biscate”, ao mesmo tempo que os indivíduos envolvidos na prestação deste serviço têm uma noção bastante simplista e redutora da tarefa que executam. No nível intermédio, Pym coloca aquilo que designa como “contracted literary translators, established freelancers, salaried language professionals in non-technical fields, part-time conference interpreters, bilingual secretaries to middle-management and above, and tenured academic staff, including the ones who teach translation” (Pym 2000a). Ou seja, trata-se de um grupo claramente heterogéneo, mas também com algum nível de conforto, consciência e realização profissionais, onde vamos encontrar tradutores e profissionais de línguas, lado a lado com professores de língua e tradução, bem como secretárias e alguns gestores:

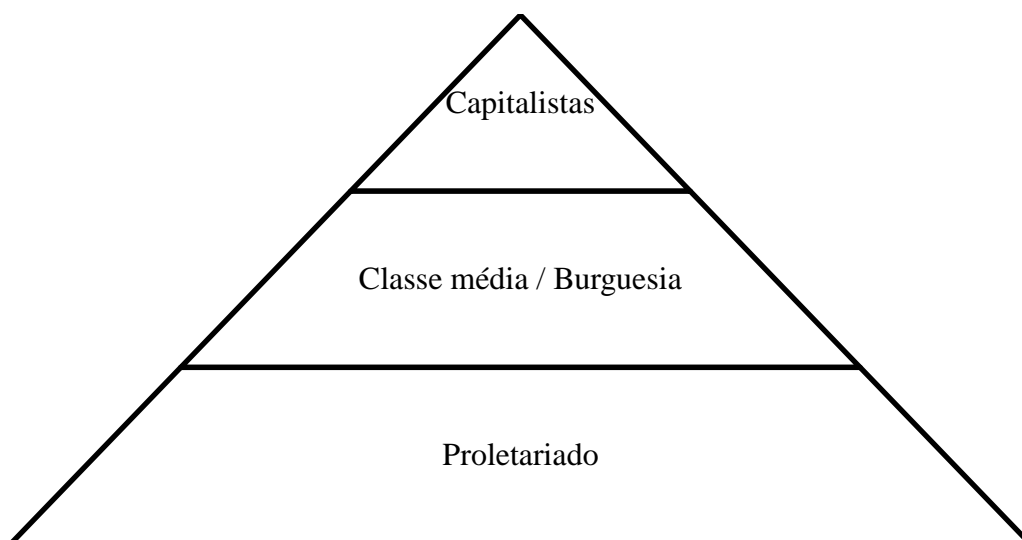
This reasonably comfortable second group is the kind of professional location for which most teachers feel they should be preparing their students, perhaps because it is the niche of tenured teachers themselves (could anyone hope to go higher?). (Pym 2000a)

Por último, no topo da pirâmide, vamos encontrar um nicho de mercado claramente caracterizado pela presença de profissionais altamente competentes e qualificados que prestam serviços nos domínios das tecnologias da informação, economia, *marketing*, em contexto multinacional. Trata-se de uma área significativamente bem remunerada e com elevados níveis de satisfação e reconhecimento que ultrapassam uma mera concepção restritiva e simplista de tradução:

This demand mostly goes beyond restricted conceptions of translation; it would have more to do with notions such as the ‘intercultural management assistant’ or ‘consultant’, the ‘language-services provider’ or ‘information broker’, with what has more modestly been termed the ‘multitasking translator’, or perhaps even with a conscious extension of the IT term ‘localization’. In all these areas, professionals are called upon to do more than just translate. They can be paid two to four times the comfortable salaries earned by tenured teachers of translation (Pym 2000a)

Conclui o autor que, graças ao seu conhecimento especializado e à forma como se posicionam em termos de competências, os fornecedores destes serviços neste segmento revelam uma característica de adaptação que faz com que se tornem “activos”, no sentido anglo-saxónico de “asset”, e estratégicos para a organização, enquanto membros de uma casta profissional:

This is fundamentally where people are paid for what they can do, and not particularly for where they have come from, what kind of university degree they have, or what social structures are around to protect them. The providers of language services in this segment would tend not to confuse their professional activity with belonging to a territorial culture; their specialized knowledge would formally make them participative members of a professional caste. (Pym 2000a)



**Figura 1.** Hierarquização da profissão segundo Pym (2000)

Será ainda interessante colocar este texto em paralelo com a leitura particular de Belinda Maia (2003) sobre esta categorização, na comunicação “Ensinar como especializar-se”:<sup>95</sup>

Anthony Pym (2000) sugere que há 3 classes de 'tradutor':

1. Qualquer pessoa com 'um conhecimento de línguas' - ganha pouco, quando ganha;
2. O tradutor formado - com emprego ou *freelance* - ordenado baixo > médio;
3. O 'super' tradutor - perfil internacional - ordenado alto.

Todos reconhecemos o tipo 1 e as traduções desastrosas que produzem na grande maioria dos casos. Fazem traduções como parte do seu trabalho normal, ou para ‘amigos’, ou oferecem os seus serviços a preços irrisórios. Entretanto, acreditam, como o público para quem trabalham, que qualquer um ‘com jeito para línguas’ pode traduzir. Os tradutores existentes do tipo 2, vindos de uma faixa etária acima dos 45 anos, são exemplos de pessoas do tipo 1 que se dedicaram à tradução e, com o tempo, ganharam a experiência necessária para certos tipos de tradução. (...) Entretanto, hoje em Portugal, devido ao fenómeno moderno de *outsourcing*, a maior parte trabalham para empresas de tradução ou são *freelancers*. Assim, são obrigados a traduzir 'tudo', embora aqueles com anos de prática - ou sorte - tendam a especializar-se com a experiência. Os tradutores tipo 3 normalmente têm formação em línguas, tradução, e uma ou várias especializações. São pessoas empreendedoras, aprenderam muito por si próprias, e souberam acompanhar as correntes do mercado. Utilizam todas as novas tecnologias – e-mail, Internet, tradução automática, e *software* de tradução – trabalham frequentemente em equipas e têm uma perspectiva internacional. Além de tradução mais tradicional, escrevem ou editam os textos originais, apresentam sumários de originais, criam memórias de tradução e as bases de

<sup>95</sup> Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/28899/2/ensinar000072689.pdf>. (Data de acesso: 12 de Maio de 2011).



dados terminológicas relacionadas, fazem localização e trabalham dentro de qualquer programa informático.

Há outro tipo de tradutores existentes que poderiam ser classificados por tipo 2A: o perito num domínio específico com bons conhecimentos de línguas. É preciso reconhecer que muita tradução técnica e científica é feita por tradutores tipo 2A, às vezes como parte integral do seu trabalho normal, ou como suplemento a este emprego. Este tipo de tradutor existe porque a experiência do mercado com tradutores provenientes dos cursos actuais de tradução deixa entender que o perito com línguas muitas vezes produz melhores resultados do que um tradutor ou linguista com fraca compreensão da área técnica. (Maia 2003)

E, para Chris Durban (2003: 1), uma tradutora reconhecida pelos seus contributos no âmbito da profissionalização, a ideia é de que não haverá apenas um mercado da tradução, mas sim uma variedade de segmentos, observação esta que pode ser entendida, tanto na óptica da oferta, como da procura.

Mais recentemente, Chan (2008: 183) reforça esta noção de que, com a globalização e face ao papel cada vez mais importante desempenhado pelas tecnologias da comunicação e da informação, a procura de serviços de tradução cresceu rapidamente nos domínios políticos, económicos, técnicos e culturais, muito embora sustente que existe sempre o “reverso da medalha”, precisamente porque a tradução é, regra geral, uma “profissão” não regulamentada, com acesso livre e praticamente sem restrições a todos os praticantes, onde os tradutores, profissionais e amadores, abundam e se misturam, numa mescla intrincada de difícil mapeamento.

Como motivos para este excesso na oferta, aponta, estão, por um lado, a popularização da oferta formativa ao nível dos cursos de tradução em várias partes do mundo e, por outro, a prevalência do novo “marketplace” electrónico do tradutor, local onde hoje se jogam as principais peças do xadrez mundial do fornecimento de serviços de tradução (Chan 2008: 183)<sup>96</sup>.

---

<sup>96</sup> O tradutor do século XXI é, antes de mais, um fornecedor de serviços linguísticos envolvido numa complexa estrutura de produção e prestação de serviços de qualidade cada vez mais profissional e especializada, de acordo com as novas áreas e domínios do saber. As razões para tal estão genericamente diagnosticadas e incluem, por exemplo, como destaca Shreve (Shreve 2000), o aumento exponencial da actividade translatória, a crescente diferenciação em termos de tipologias textuais e tipos de documentos, a explosão do domínio dos ecossistemas terminológicos ou terminologias especializadas, bem como os respectivos usos, resultantes de uma expansão e diversificação dos avanços científicos e tecnológicos, a crescente diversificação dos meios de distribuição e a omnipresente digitalização da informação. Shreve, Gregory (2000) "Translation at the millennium: Prospects for the evolution of a profession. Peter A. Schmitt (Ed.) *Paradigmenwechsel in der Translation. Festschrift für Albrecht Neubert zum 70 Geburtstag*. Tübingen: Stauffenburg, 217-234.

Ver ainda Auster Mühl, Frank "Translators in the Language Industry – From Localization to Marginalization" e Enríquez Raído, Vanessa e Auster Mühl, Frank "Translation, Localization, and Technology – Current Developments". E ainda Auster Mühl, Frank (1998) "Between Babel and Bytes - The Discipline of Translation in the Information Age." Disponível em <http://gandalf.aksis.uib.no/AcoHum/abs/Austermuehl.htm>. [Data de acesso: 3 de Dezembro de 2008]

Por conseguinte, a necessidade de detectar aquilo que Theo Hermans define, em “Norms and the Determination of Translation. A Theoretical Framework” (Hermans 1997: 42), como o contorno dessa “categoria social reconhecida”, leva-nos a tentar mapear esta profissão e a circunscrever geograficamente este percurso profissional, delimitando a tradução como um processo linguístico e sociocultural, isolando, ao mesmo tempo, a actividade como um fenómeno transversal, socialmente enquadrado, economicamente orientado e governado por normas, onde vários agentes/actores interagem no âmbito de uma comunidade de prática caracterizada por diferentes dinâmicas relacionais e contextuais.

Creemos que, desta forma, será possível situar a tradução profissional como um objecto de estudo verdadeiro e legítimo em si próprio e, ao mesmo tempo, estabelecer o formato exacto do seu profissionalismo, i.e. definindo o seu território.

Em Espanha, o *Libro Blanco de la traducción en España*, desenvolvido por um grupo de sociólogos sob os auspícios da Asociación Colegial de Escritores - Sección Autónoma de Traductores de Libros (ACE-SATL), sintetizava no seu prólogo, com particular precisão, a forma como esta profissão é caracterizada pela sua heterogeneidade, bem como o modo como se revela igualmente vulnerável à intrusão de outras actividades e domínios (op. cit. 1997: 12):

El territorio práctico en que se desenvuelve el traductor literario, profesional en mayor o menor medida, es radicalmente distinto del mundo en que se mueven otros profesionales – o *amateurs* – de otro tipo de traducciones. Hay que señalar, sin embargo, que el oficio de traductor, antiguo donde los haya, es uno de los que quizás mejor acoge el intrusismo del que tanto recelan otras profesiones: hay e habrá, para bien o para mal, ingenieros, abogados, médicos, periodistas y, sobre todo, otra clase de traductores que a veces traduzcan literatura, libros, y que alguna vez han traducido, traducen y traducirán de una lengua a otra, sea cual sea, sea cual fuere, textos cuyo trasvase necesitaba su sociedad o algún sector de ella. Hay incluso escritores que traducen, tal y como hay traductores que escriben, y estos dos colectivos no en vano forman uno, el que se conoce como “colectivo autorial”, aunque es bien diverso el grado de profesionalidad de unos y de otros. (op. cit. 1997: 12)

## A TRADUÇÃO COMO PROFISSÃO: UM TERRITÓRIO PRECÁRIO E DE DIFÍCIL SISTEMATIZAÇÃO

El trabajo, como el dios Jano, tiene dos caras, una hosca y otra agradable. Pero ambas forman una unidad. Las distintas teorías acerca del trabajo suelen distinguirse por el énfasis puesto en una de las dos caras. La cara hosca se presenta cuando se considera el trabajo como una actividad que ha de hacerse forzosamente para subsistir y que no se haría en caso de no darse este carácter obligatorio. (...) Sin embargo también existe la cara amable del trabajo. El desarrollo del capitalismo propició tres tipos de creencias al respecto que confirieron al trabajo un significado muy distinto al de castigo divino o de explotación. La primera de ellas es la que considera el trabajo como un bien común por ser fuente de riqueza y poder para las naciones (...); la segunda es la que atribuye al trabajo un significado moral, convirtiéndolo en una obligación social (...) y finalmente una tercera creencia es la consideración del trabajo como una actividad que permite la auto-realización de la persona mediante el despliegue de todas sus capacidades (Veira & Goy 2010: 14)

Começamos este capítulo com a citação de Veira e Goy (2010) acerca das duas faces do trabalho, porque queremos precisamente chamar a atenção para a dificuldade de sistematização da tradução no contexto das profissões das línguas, precisamente devido ao seu carácter dual e instável. Desde logo, devido à bipolarização da profissão em duas faces, a amadora e a profissional, numa ambivalência antitética que se revela igualmente nos próprios posicionamentos e percepções dos profissionais acerca do fenómeno.

Rodríguez Morató, por exemplo, sublinha o carácter significativamente heterogéneo da profissão, pela multiplicidade de vozes e diversidade dos perfis, algo que se encontra directamente ligado à sua elevada transcendência económica, oscilando entre dois pólos, o dos tradutores ocasionais e o dos tradutores a tempo inteiro (Rodríguez Morató 1997: 43). E Samuelsson-Brown (2006: 1) corrobora esta posição ao afirmar que a tradução como profissão é uma actividade essencialmente solitária e desprotegida, “underrated” e “underpaid” e, a menos que seja regulada, a percepção de muitos dos encomendadores desses serviços será sempre negativa e dificilmente se alterará.

O conceito de “profissionalização” é habitualmente utilizado para descrever a forma como uma ocupação acaba eventualmente por ser reconhecida como “profissão” e, ao mesmo tempo, o modo como decorre o processo de consolidação do seu estatuto, conducente ao melhoramento intrínseco dos serviços prestados (Neal & Morgan 1998).

Apenas uma distinção prévia relativamente à terminologia usada neste contexto.

Cientes das semelhanças e diferenças existentes entre os termos “profissionalismo” e “profissionalidade”, sublinhamos que os dois termos têm tradições diferentes, uma mais francófona (profissionalidade) e outra mais anglo-saxónica (profissionalismo). Em todo o caso, subsiste alguma literatura onde os dois termos são usados como sinónimos. Contudo, os dois distinguem-se: profissionalidade, neste caso, refere-se mais aos conhecimentos, atitudes, valores e comportamentos específicos, associados a uma determinada profissão, enquanto profissionalismo se relaciona com o exercício da profissão, com questões de natureza ética e deontológica, com as noções de empenho e dedicação, isto é, com o modo como cada profissional exerce a profissão. Assim sendo, para alguns autores, a profissionalidade poderá representar o próprio conteúdo do profissionalismo. No nosso caso concreto, optaremos por utilizar preferencialmente o termo profissionalismo, que abarca a profissionalidade, já que nos interessa mais o modo como os profissionais (neste caso, os tradutores) estão e vivem a profissão (na prática), não obstante o facto de utilizarmos a outra aceção quando nos referirmos aos modelos de profissionalidade.

Na verdade, ao longo dos últimos anos tem havido uma grande discussão acerca das características consideradas essenciais para que uma ocupação possa ser designada como “profissão”. De acordo com uma visão clássica ou sociológica, uma profissão inclui um conhecimento-base especializado (cultura técnica), um compromisso para com os clientes e as suas necessidades (ética de serviço) e um controlo colegial relativamente à formação e recrutamento dos seus membros, também conhecido como auto-regulação (Hargreaves & Goodson 1996).

Aliados à controvérsia e complexidade deste debate, estão os conceitos de profissionalidade, profissionalismo e profissionalização existentes na literatura, cuja análise mais exaustiva ultrapassa o âmbito do nosso estudo. No entanto, tentaremos, sucintamente, clarificar a distinção entre profissionalização e profissionalismo. O primeiro termo encontra-se associado ao projecto ou processo político ou social (ou ainda individual) através do qual uma determinada ocupação (ou indivíduo) procura reconhecimento como profissão (ou como profissional); já o segundo termo diz respeito à natureza e qualidade do trabalho dos indivíduos, neste caso dos tradutores. Desta forma, os dados apontam para uma distinção entre “ser um profissional” e “comportar-se como um profissional”, isto é, entre questões de estatuto e reconhecimento públicos, bem como aspectos associados à ética de serviço e dedicação.

Por seu turno, a profissionalidade refere-se, como vimos, ao conjunto de

características essenciais, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores específicos de uma dada profissão, ou seja, o conteúdo do profissionalismo (Hoyle 1974, Gimeno 1991, Imbernón 1994, Estrela 2001).<sup>97</sup>

Se analisarmos o conceito de Profissão num qualquer dicionário, constatamos que, quase sempre, a palavra surge associada, em primeiro lugar, à noção de actividade para a qual o indivíduo se preparou no decurso de um determinado período de formação e que exerce, ou não, ou seja, para a qual o indivíduo dispõe de um conjunto de competências; e, em segundo lugar, o trabalho que esse mesmo indivíduo executa para obter os recursos necessários à sua subsistência e à dos seus dependentes, isto é, neste caso, associado à forma como é possível auferir rendimentos do seu trabalho, rendimentos esses que permitem ao indivíduo ter uma vida própria e com autonomia. Por conseguinte, o conceito partilha de uma inegável ligação à noção de valor.

Verificando com maior profundidade, constatamos que o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea; Academia das Ciências de Lisboa*, publicado pela Verbo em 2001, define profissão da seguinte maneira:

<p>Profissão – do lat. <i>professio</i>. 1. Acção ou resultado de professar. 2. Confissão ou publicação pública e princípios, crenças, opiniões. 3. Actividade remunerada que uma pessoa desempenha habitualmente num serviço, numa empresa... e que exige um certo grau de formação ou especialização (emprego, trabalho). 4. Conjunto das pessoas que têm a mesma ocupação profissional (ofício, serviço)</p>	<p>Profissional – adjectivo, masculino e feminino (do lat. <i>professio</i>, ònis “profissão” + suf. – al) 1. Que é relativo a profissão. 2. Que exerce determinada actividade, por profissão.</p>
<p>Profissionalismo – 1. actuação característica dos profissionais. 2. Carácter profissional de uma actividade; carreira profissional</p>	<p>Profissionalização – Aquisição de conhecimentos, técnicas e métodos para o desempenho de determinada profissão; acção ou resultado de profissionalizar ou profissionalizar-se.</p>
<p>Ofício – 1. ocupação, trabalho especializado; 2. desenvolvimento de um ramo da arte; 3. incumbência de realização de uma tarefa ou exercer uma actividade (Fonte: <i>Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea; Academia das Ciências de Lisboa; Verbo 2001</i>)</p>	

<sup>97</sup> Flores, Maria Assunção (2004) “Dilemas e desafios na formação de professores”, in *Formação de Professores. Perspectivas educacionais e curriculares*. Porto: Porto Editora, pp. 361-374.

Por outro lado, e se procurarmos estabelecer a distinção entre ofício e profissão, verificamos que o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, editado pelo Círculo de Leitores em 2002, define estes termos do seguinte modo:

<p>Ofício – 1. qualquer actividade especializada de trabalho, exercida por alguém de forma definitiva ou temporária; 2. trabalho do qual uma pessoa obtém os recursos necessários à sua subsistência e à dos seus dependentes; 3. tarefa com que uma pessoa se compromete; incumbência, missão, mister.</p>	<p>Profissão – 1. acção ou resultado de professar (reconhecer publicamente, jurar); 2. declaração ou confissão pública de uma crença, uma religião, uma opinião, um modo de ser; 3. actividade para a qual um indivíduo se preparou e que exerce ou não; 4. trabalho que uma pessoa faz para obter os recursos necessários à sua subsistência e à dos seus dependentes; ocupação; ofício; 5. acção de declarar, declaração, manifestação; assegurar, professar;</p>
<p>Profissionalização – acto ou efeito de profissionalizar-se; 2. treinamento profissional; capacitação; 3. habilitar-se, capacitar-se, aperfeiçoar-se</p>	<p>Profissionalismo – 1. carácter do que é profissional; 2. procedimento característico dos bons profissionais (seriedade, competência, responsabilidade); 3. conjunto de profissionais, a sua maneira de ver e agir; 4. carreira de profissional</p>
<p>Profissional – 1. relativo a profissão; 2. próprio de uma determinada profissão; 3. responsável e aplicado no cumprimento dos seus deveres de ofício; 4. que ou aquele que exerce por profissão determinada actividade (Fonte: <i>Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa</i>. Círculo de Leitores 2002)</p>	

No artigo “O jornalista, um ‘operário em construção’” (2007), Joaquim Fidalgo refere um episódio passado com o investigador francês Denis Ruellan, a propósito de este ter ironizado com o facto de um jornalista normalmente se identificar como “jornalista profissional”, quando é certo que “nunca dizemos professor profissional, advogado profissional ou agricultor profissional” (Ruellan 1993: 11).

Porque o traço irónico se aplica perfeitamente ao campo profissional que estamos a analisar, suspeitamos, tal como o autor, que o mesmo expõe a ambiguidade que desde há décadas acompanha este grupo profissional e torna difícil a definição dos seus contornos. Importantes, por isso, estas palavras, já que sintomáticas de muitas das percepções que estão associadas à tradução, enquanto actividade profissional.

Ainda segundo Fidalgo “o que poderia parecer uma formulação pleonástica, destinada a enfatizar o óbvio, acaba por ser a tradução pública e notória da necessidade, sentida por grande parte dos jornalistas, de sublinharem o carácter especializado,

autônomo e nobre da actividade que exercem a título permanente, exclusivo e remunerado. Insistir em adjectivar o jornalista de “profissional” pressupõe que pode, de facto ou de direito, haver jornalistas “não profissionais” – com isso podendo significar-se desde “amadores” a “diletantes”, passando por “aprendizes”, “principiantes”, “incompetentes” – o que, só por si, é revelador de uma dificuldade de definição e de delimitação nada comuns nas chamadas ‘profissões estabelecidas’.” (Fidalgo 2007: 3). Aplicada à tradução, esta citação faz todo o sentido, sobretudo quando confrontada com o próprio discurso reflexivo dos profissionais.

Complementarmente, e ainda a propósito do termo “profissão”, os investigadores Claude Dubar e Pierre Tripier associam três principais “universos de significação” ao conceito (Dubar & Tripier 1998: 9-11):

- 1) *“qualquer coisa que se enuncia publicamente e que está ligada a crenças político-religiosas” (é a chamada ‘profissão de fé’, o ‘professar certas crenças ou valores’);*
- 2) *“o trabalho que se faz, na medida em que nos permite viver graças ao rendimento que dele retiramos” (acepção próxima da ‘ocupação’ e incluída nos elementos básicos de identificação de uma pessoa);*
- 3) *“o conjunto de pessoas que exercem o mesmo ofício” (e o sentido, aqui, é próximo do de ‘corporação’ ou de ‘grupo profissional’).*

A estes três sentidos, os autores acrescentam ainda um quarto, mais recente, de profissão “como função” ou como “posição profissional num organigrama” (ibid.: 12), propondo, em paralelo, quatro “pontos de vista diferentes sobre a actividade do trabalho” (ibid.: 12-13) subjacentes a cada um:

- a) *profissão = declaração (aponta para uma “identidade profissional”)*
- b) *profissão = emprego (corresponde a uma “classificação profissional”)*
- c) *profissão = ofício (pressupõe uma “especialização profissional”)*
- d) *profissão = função (significa uma “posição profissional”).*

Importante será, neste caso, adicionarmos um novo dado pertinente à nossa definição de profissão, resultante do conceito de “specialism”, desenvolvido por Lizl Klein (1976), na sequência de um texto que pretende caracterizar as organizações envolvidas na prestação de serviços, e que tipifica as relações estabelecidas entre o cliente e o profissional “especialista”, este último desempenhando um papel específico no âmbito de uma cadeia de relações hierarquizadas a nível organizacional. Trata-se de um neologismo que, nalguns *fora*, mereceu a tradução literal de “especialismo” no

sentido de especificidade ou especialidade integrada, como um pré-requisito e condição *sine qua non* para o enquadramento de profissionalismo, enquanto conjunto de competências e conhecimentos específicos e especializados que o indivíduo transporta para a organização como uma mais-valia, enquanto dedicação exclusiva a um ramo ou campo particular de actividade:

Relating to the specialism involves:

1. Most obviously, the skills and knowledge that the practitioner brings into the organization or, if the specialism has budded off inside, the skills and knowledge he has taken time to go out and acquire
2. The maintenance of these skills through professional contacts, conferences, the literature, courses
3. A relationship with his own history. A professional has to deal with questions about whether to repeat successes and do 'more of the same' or to branch out and vary his experience
4. A relationship with his own staff, who are a special case of the outside reference point. A senior OR man may be confronted with a young enthusiast for rationality and mathematical solutions, a sociologist with a young idealistic revolutionary, a psychologist with a young enthusiast for perfect placement (Klein 1976: 210)

De igual modo, as noções de prestação de serviços e de organização das empresas de serviços permitem-nos balizar e contextualizar a natureza do universo estudado com base em três grandes vectores apresentados por Philippe Zarifian (2005) para caracterizar a empresa de serviços, segundo o qual teremos:

1) o vector do contacto com o cliente, marcado actualmente pela diversidade de canais de contacto e pela difusão de práticas profissionais, direccionadas para públicos específicos;

2) o vector das infraestruturas técnicas e/ou de gestão, essencial para pensar, reflectir e concretizar a produção efectiva do serviço e, ao mesmo, tempo, canalizar e gerir os canais de distribuição e circulação dos produtos;

3) e, por último, a esfera da inovação e do *marketing*, cada vez mais interligados para a finalização/conclusão e lançamento de novos produtos/serviços e alicerçados em sólidas actividades de pesquisa e investigação.<sup>98</sup>

Partindo destes conceitos de Zarifian, pretendemos estabelecer a ligação com a noção de “specialism” de Lizl Klein (1976), pela forma como a essência da prestação de

---

<sup>98</sup> Zarifian, Philippe (2005) “L’entreprise de service”. Artigo em linha disponível em <http://perso.wanadoo.fr/philippe.zarifian/page119.htm> (Data de acesso: 30 de Janeiro de 2011)



um serviço envolve em si a noção de relacionamento entre o cliente e o “especialista”, segundo três níveis:

Managing the service role means managing the relationship between the client and the specialism. At least three levels of client can be distinguished: there is the organization within which the specialist is located, the department for which he may do an assignment and individuals within such a department. The way in which a specialist mediates between these four reference points (the specialism, the organization, the client department and individuals) in any particular situation, and the strength of his relative identification with each, is what marks him as an individual and what constitutes his judgement. (Klein 1976: 210)

Perante as variáveis acima descritas, o que é, então, ser um profissional de tradução? Ou um tradutor profissional?

Em “Who are the translators? The growing professionalism of translating”, Geoffrey Kingscott, associado à *European Translation Platform*, fala da impossibilidade de definir claramente aquilo que classifica como “the translation profession” para além do seu domínio essencialmente “mainstream”, advogando a necessidade de investigar a profissão em contextos mais periféricos e “pantanosos”, recorrendo, por isso, a uma metáfora (novamente) geográfica:

I have been trying to get to grips with these questions, but it is very difficult to seize on anything very definite. I will be using the phrase “the translation profession”, but it is evident that while there is a distinguishable mainstream of translation, this stream does not run between clearly defined banks, but at its periphery spreads itself over, and loses itself in, a very wide area of marshland, the extent of which is impossible to survey. (Kingscott 1985: 3)

São consideráveis os textos prescritivos que estabelecem e estipulam normas, padrões e valores associados à prática da tradução, como é o caso do “Translator training starter pack”, comercializado pelo ProZ e dirigido aos profissionais em início de carreira<sup>99</sup>. Muitos deles vêm, como vimos, do próprio terreno da profissão em si, e encontram-se alicerçados nesse “saber de experiência feito” que, muitas vezes, caracteriza a *praxis* profissional, ou seja, o discurso dos profissionais sobre a sua própria prática<sup>100</sup>. Conselhos, códigos de prática, exemplos de melhores práticas ou *best*

---

<sup>99</sup> O kit é composto pelos seguintes módulos: *Before starting as a freelance translator*; *Starting as a freelance translator - Client hunting*; *Freelance translator's career development*; *How to work for translation agencies: Job Search*; *How to work for translation agencies: Competences and marketing*; *How to work for translation agencies: Quality Standards*; *Business skills for translators and Pricing your translation-related products and services*.

<sup>100</sup> Ver, por exemplo, Chris Durban, *Translation & Clients: Lift the Veil and Raise the Bar* de 2004, ou ainda a célebre brochura da sua autoria *Translation: Getting it Right*, de 2003, com tradução para várias línguas e adaptação para a língua portuguesa através do

*practices*, listagens de competências, cujo último exemplo se encontra consubstanciado na já célebre norma EN15038 sobre a prestação de serviços de tradução, onde se pretende regular o processo de tradução e, por inerência, toda uma série de competências e aptidões que contribuem para a afirmação de um certo profissionalismo, com vista à certificação e posterior acreditação dos serviços prestados:

The purpose of this European standard is to establish and define the requirements for the provision of quality services by translation service providers.

It encompasses the core translation process and all other related aspects involved in providing the service, including quality assurance and traceability.

This standard offers both translation service providers and their clients a description and definition of the entire service. At the same time it is designed to provide translation service providers with a set of procedures and requirements to meet market needs.

Conformity assessment and certification based on this standard are envisaged.

(EN 15038 Standard: Introdução)

No entanto, muitos destes exercícios acabam por ser estéreis e redundantes, porque se limitam a reproduzir *ad eternum* uma lista de lugares-comuns e chavões, que frequentemente, e na maior parte das vezes, não encontram tradução prática em termos de prestígio e visibilidade sociais, nem tampouco reconhecimento institucional e profissional por quem de direito.

Como nos confessava um tradutor profissional com larga experiência no mercado sobre este assunto, aplicado ao panorama português, descrevendo uma situação nebulosa onde a tradução se parece dissolver:

Acho que tem a ver com as instituições, acima de tudo. Porque nunca reconheceram. Nunca reconheceram a tradução como uma profissão propriamente dita. (...) Eu acho que governamentais. Nunca reconheceram a tradução como uma profissão propriamente dita. E tanto é que, quando nos queríamos, na altura era... Quando nos queríamos inscrever nas Finanças, **o tradutor estava sempre associado a um insersor de caracteres ou dactilógrafo... indivíduos que se dedicam à execução de etiquetas, ou coisas assim do género.** E para não dizer outras coisas mais graves ainda. (J.G., nossos destaques)

Veja-se, a propósito, o artigo de David Katan a este respeito intitulado “Translation Theory and Professional Practice: A Global Survey of the Great Divide”

(2009), no qual é estabelecida a distinção entre profissão e ocupação, tradução e interpretação, e onde o autor identifica aquilo que designa como “a large homogeneous yet scattered cottage industry”, essa imensa e dispersa indústria artesanal, sujeita às condições e constrangimentos do baixíssimo estatuto atribuído aos tradutores a nível internacional, e marcada por uma significativa acumulação de papéis:

As a result of the replies it was possible to identify a large homogeneous yet scattered cottage industry. Their ‘professionalism’ lies in their individually honed competencies in the field. They are dedicated and mainly satisfied wordsmiths, who take pride in their job. They decry “the cowboys” (from secretaries to students) while realising the seriousness of the competition due mainly to the very low status accredited to translators worldwide. Interpreters, on the other hand, saw themselves – and were seen by translators – as having a relatively high professional autonomy. Interestingly, relatively few of the respondents had only one “main role”. (Katan 2009: 111)

“Cottage industry” que, convenhamos, ecoa outra comparação de Kingscott no já referido texto de 1986, quando sublinhava o carácter essencialmente artesanal e caseiro dessa indústria:

Once upon a time, and that not so long ago, a translation company could be a cottage industry. (op. cit. 9)

Falando do estatuto social dos profissionais, será importante ainda sublinhar os estudos recentemente desenvolvidos em Israel por Rakefet Sela-Sheffy e Miriam Schlesinger acerca do estatuto dos tradutores literários israelitas, como por exemplo “Strategies of Image-Making and Status Advancement of Translators and Interpreters as a Marginal Occupational Group”<sup>101</sup>, ou ainda “The Translators’ Personae: Marketing Translatorial Images as Pursuit of Capital.” (*Meta* LIII, 3, pp. 609-622.), bem como “How to Be a (Recognized) Translator: Rethinking Habitus, Norms, and the Field of Translation.” (*Target* 17:1, 1-26). Mas também o importante *Profession, Identity and Status: Translators and Interpreters as an Occupational Group*, que originou dois números especiais da série *Translation and Interpreting Studies*, respectivamente de 2009 e 2010.<sup>102</sup>

São vários os estudos sobre a profissionalização em matéria de tradução, sobretudo mais no âmbito da Interpretação, onde a questão do profissionalismo parece,

---

<sup>101</sup> In *Beyond Descriptive Translation Studies: Investigations in homage to Gideon Toury*. A. Pym, M. Shlesinger & D. Simeoni (eds.) Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, pp. 79–90, 2008.

<sup>102</sup> Ver também o artigo de 2009 de Miriam Shlesinger, “Crossing the divide: What researchers and practitioners can learn from one another”, *The International Journal for Translation & Interpreting Research - trans-int.org* (2009).

de certa forma, bem mais definida e balizada. De entre a vasta bibliografia disponível sobre este tema, destacamos uma importante tese de dissertação defendida em Taiwan, *Interpreting as an Emerging Profession in Taiwan - A Sociological Model* (Taiwan 1992)<sup>103</sup>, pela forma como Joseph Tseng colocou no mapa a questão da profissão associada à interpretação e, mais tarde, abriu caminho à teorização em torno do próprio modelo homónimo, inventário este desenvolvido pelo próprio autor para definir a profissão, partindo de duas correntes de pensamento concorrentes, a saber, a “trait theory” e a “theory of control”, que permitem analisar o processo e os percursos rumo à profissionalização dos intérpretes, e daí extrapolando os dados para uma dimensão em que são apresentadas quatro fases conducentes ao processo de consolidação da profissão, nomeadamente:

1. uma primeira fase marcada pela desordem do mercado que se manifesta pela concorrência feroz entre os profissionais e consequente desorganização sectorial;
2. uma segunda fase caracterizada pela consolidação da profissão e o desenvolvimento de um consenso sobre as aspirações dos profissionais, no decurso da qual as instituições formadoras se vão adaptando às crescentes necessidades e às solicitações de serviços de qualidade, de forma a alimentar o mercado emergente;
3. um terceiro momento em que as associações profissionais começam a ditar e a formular os padrões e normas éticos da profissão, como a aplicação de um código de ética e modelos de melhores práticas, por exemplo;
4. e, por último, a quarta fase em que é possível controlar o acesso e a admissão à profissão e, ao mesmo tempo, influenciar a opinião pública e os órgãos de decisão a nível governamental, político e legal, implementando programas de certificação e desempenhando um papel social e profissional jurídica e institucionalmente reconhecido e validado, culminando com a possibilidade de exercer uma maior influência no domínio público através de mecanismos de publicidade, *lobbying* e reconhecimento legislativo susceptíveis de garantir a sua protecção e autonomia.

---

<sup>103</sup> Unpublished Master's Thesis, Fu Jen Catholic University (1992).

Como desígnio principal, pretende-se, com este modelo, atingir o tão propalado nível de independência e afirmação profissionais, aspirando ao controlo do mercado:

With publicity measures, the association tries to convince the clientele and the public to accept its definition of the professional content of work and working conditions. In other words, the purpose is to achieve market control. (Tseng 1992: 51)

Tal como anteriormente mencionado, este modelo de profissionalização tem algumas semelhanças com a tripartição categorial apontada por Pym para a classificação dos tradutores (Pym 2000 e 2002).

O sítio da AIIC, Associação Internacional de Intérpretes de Conferência, é especialmente interessante a este nível, porque tenta congrega vários artigos sobre a questão da profissionalização aplicada ao caso dos intérpretes. Um desses casos é o artigo “The Professionalization of Community Interpreting” (2004), cuja autora Holly Mikkelson, é também docente do *Monterey Institute of International Studies*. Ou ainda o “Survey of the FIT Committee for Information on the Status of the Translation & Interpretation Profession”, da autoria de Jiri Stejskal, publicado em Julho de 2005 pela FIT (*Fédération internationale des traducteurs*).

Dentro da área da Interpretação, recentemente, Claudia Angelelli, deu um significativo impulso à problemática, ao publicar o seu *Revisiting the Interpreter's Role*, em 2004<sup>104</sup>, onde a autora parte da sugestiva metáfora do círculo, já aqui referida, “Breaking into the closed circle”, para analisar o papel desempenhado pelo intérprete nos mais diversos domínios e, ao mesmo tempo, apresentar as respectivas percepções e crenças sobre o seu trabalho, bem como depoimentos sobre práticas e comportamentos em contexto profissional (aquilo que designa como o inventário do papel interpessoal do intérprete, ou “The construction of the Interpreter's Interpersonal Role Inventory”).<sup>105</sup>

From Ancient Egypt to the 21st century, interpreters have enabled communication between speakers of minority and majority languages. This has allowed them to either channel information or act as gatekeepers by exercising their agency. Interestingly, these powerful individuals have, more often than not, been depicted as invisible. Why is it that interpreters,

---

<sup>104</sup> John Benjamins Library, 5. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

<sup>105</sup> Ver ainda Diriker, Ebru (2004) *De-/Re-Contextualizing Conference - Interpreting: Interpreters in the Ivory Tower?*. Benjamins Translation Library, 53. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. pp. 223; e Diriker, Ebru (2009) “Meta-discourse as a Source for Exploring the Professional Image(s) of Conference Interpreters”, *Hermes - Journal of Language and Communication Studies*. 42-2009.

powerful individuals who have occupied center stage since the origins of cross-cultural communication, have traditionally been portrayed (and even more importantly, have allowed themselves to be portrayed) as mere language conduits, invisible parties in the communicative event, deprived of **agency**, yet capable of performing complex linguistic and information processing tasks? (Angelelli 2004: 1)

Tal como destacado no texto, a ligação entre visibilidade, invisibilidade e a noção de “agency” é, neste ponto, vital. Retomando a questão dos agentes individuais, em 2009 surge ainda um importante trabalho da autoria de Kumiko Torikai, sob o nome *Voices of the Invisible Presence - Diplomatic Interpreters in post-World War II Japan*, publicado pela John Benjamins (2009) e que pretende dar conta do papel social de enorme pioneirismo desempenhado pelos intérpretes na história contemporânea japonesa, através da análise dos seus discursos e narrativas:

(...) Interpreters in general are ‘present but not present,’ ‘indispensable but anonymous.’ They are the ‘man in the middle.’ In the Japanese newspapers, when presenting a photograph of dignitaries, the interpreter in the middle is always described as ‘skip one person, and the next is...’ Called ‘skip one person,’ the interpreter is in a sense a ‘non-person’ (Goffman 1981: 135), using the first person ‘I’, or alien ‘I’, when speaking the words of whoever happens to be speaking, which requires them to empty their ego. (...) Psychologist Eric Erikson likened the negative identity of minority youth to African-American writers and wrote: ‘And so we have in our American Negro writers the almost ritualized affirmation of “inaudibility,” “invisibility,” “namelessness,” “facelessness – a void of faceless faces, of soundless voices lying outside history” as Ralph Ellison puts it’ (Erikson 1968: 25). Exactly the same descriptions can be applied to interpreters, perhaps more so. (Torikai 2009: 1 e 2)

Vindos de outros quadrantes, que não dos Estudos de Tradução *strictu sensu*, podemos ainda apontar outros contributos no domínio do discurso profissional, como a obra *Profession: traducteur* da autoria da socióloga Julie Vitrac, que analisou os resultados de um inquérito feito aos membros da ATLF, a Associação francesa de tradutores literários, em 1998, ou ainda o conhecido *Translation as a Profession* de Roger Chriss, uma série de artigos *online* que foram recentemente compilados em formato de livro, ou também o volume de Louis Truffaut *Traducteur tu seras: dix commandements librement argumentés* (1997)<sup>106</sup>. Na sua “Advertência” inicial, Truffaut explica claramente que estes dez mandamentos se dirigem aos formadores de tradutores e aos licenciados em línguas que desejam seguir a tradução, com uma especial

---

<sup>106</sup> Bruxelles: Éditions du Hazard.

incidência naquilo que designa como “tradução pragmática”, mais “profana”, por oposição ao “sagrado” da literária:

Les positions que je prends s’appliquent à ce qu’il est convenu d’appeler la traduction pragmatique, celle de textes utilitaires, de circonstance (profanes), par différence avec la traduction littéraire, toujours plus ou moins “sacrée”, celle de textes de permanence. (...) La traduction pragmatique, elle, vise à communiquer un message. Elle ignore le problème de l’intraduisibilité et de l’entropie. Elle est la réexpression d’informations en situation réelle de communication, qui s’applique à des textes généralement anonymes, plus ou moins éphémères: documents officiels, rapports annuels, articles d’économie, modes d’emploi, brochures explicatives, magazines d’actualité, textes publicitaires – bref, tous les textes de la vie au quotidien et du monde comme il va. (Truffaut 1997: 11-12)

Mas ainda os casos de *La traduction* de Michaël Oustinoff, para as edições PUF, colecção “Que sais-je”, de 2003, e *Profession: Traducteur*, de Georges L. Bastin e Monique C. Cormier, edição Les Presses de l’Université de Montréal, de 2007:

Que fait un traducteur ou une traductrice?

Les stéréotypes ne manquent pas lorsque l’on parle du traducteur. Tantôt solitaire et bourru, tantôt rêveur et un peu fou, son personnage évoque cependant toujours le travail de l’esprit. Bien qu’il soit souvent effacé et malgré le caractère parfois répétitive de ces interventions, les outils qu’il utilise (logiciels, banques de données, dictionnaires, etc.) et la mécanicité apparent de son activité, il est rarement perçu comme un technicien, un répétiteur. Certes, les gens se disent fréquemment qu’il n’ya rien de sorcier à faire passer un texte de l’anglais au français quando on est montréalais, ou du français à l’espagnol lorsqu’on a séjourné quelques mois en Amérique centrale. Une telle perception trahit une vue bien étroite de la profession. En dépit donc de certaines idées reçues et de critiques lancées à la légère, le traducteur fait avant tout une figure d’intellectuel. (Bastin e Cormier 2007: 25)

Bem como, no contexto norte-americano, *The Entrepreneurial Linguist: The Business-School Approach to Freelance Translation* da autoria de Judy A. Jenner e Dagmar V. Jenner (2010), onde são fornecidos vários conselhos sobre as múltiplas cambiantes da profissão na óptica do chamado “linguista empreendedor”:

The first thing you need to do is to stop thinking of yourself as “just” a freelance linguist and to start thinking of yourself as a business. You are selling your services; therefore, you are a business. Start behaving like one! **A one-person business run out of a spare room is just as legitimate a business as a Fortune 500 company.** Most of your transactions will most likely be on the business-to-business (B2B) level, and you are an equal partner in those transactions. Even

if you are the only person working for your small business, give yourself a pat on the back; welcome to being an entrepreneur!

(...)

The second thing you need to do is to think of yourself as a customer. Now that you have started thinking of yourself as a business, put yourself in the customer's shoes. If you were a customer, what would you want? This is a question that you should be asking yourself frequently. Your goal is to make things easy for your customers and to build solid working relationships. If you do not know what a customer wants, ask. We have this line on sticky notes on our desks, and every time someone calls or e-mails for a price quote, we ask ourselves: "If we were the person on the other side of the transaction, what would we want?" Seeing any business from your customer's point of view is a powerful tool. (Jenner & Jenner 2010: 19 a 21)

Como vemos, é frequente o discurso prescritivo direccionado para a vertente empreendedora da profissão, através da livre iniciativa e espírito empreendedor e comercial, colocando o enfoque em competências eminentemente corporativas, gestionárias e empresariais, direccionadas para o indivíduo.

Ou ainda *How to Succeed as a Freelance Translator*, de Corinne McKay, editado em 2006, que segue basicamente os mesmos moldes das publicações anteriores, colocando a tónica no carácter multifacetado da profissão e na polivalência das competências exigidas para singrar no mercado:<sup>107</sup>

The translation industry in the United States is moving more and more toward an independent contractor model, where the vast majority of translators are self-employed and work for a variety of clients; in 2005, approximately 70% of the members of the American Translators Association were **self-employed independent contractors**. As such, translators need business management skills such as the ability to find and retain clients, work on tight deadlines with little supervision or management, handle increases and decreases in work flow and cash flow and perform tasks such as bookkeeping, tax planning and computer upkeep and maintenance. **In fact, most self-employed translators spend 25-50% of their time on non-translation work, largely involving management of the day to day tasks of running a business**, so these skills are just as important as translation-related skills in succeeding as a freelance translator (McKay 2006: 20, nossos destaques)

---

<sup>107</sup> Ver também *How to Start your Own Language Translation & Interpreter Business: The Complete 'How-to' Guide for Language Interpreters, Translators and Professionals Starting their own Language Translation Business*, da autoria de Salvador Soto, edição de autor, 2010.

E ainda *Start a business in Language Translation within 24 Hours! Own a Business Today and be Successful with No Prior Experience!* de Dana Forsythe, edição de autor, também de 2010.



De referir, entretanto, que os dados acima apresentados corroboram os resultados dos nossos inquéritos, onde verificámos que cerca de 1/3 a 1/4 do trabalho desenvolvido nas esferas da língua e tradução é essencialmente encarado como “não tradução”.

No âmbito das chamadas associações profissionais, convirá destacar vários relatórios e directrizes publicados com vista a iluminar algumas das práticas profissionais no terreno, como é o caso do *Rapport sur l'Enquête* “Profil des traducteurs professionnels”, aplicado pela SFT em 2001, realizado por Jacqueline Reuss em colaboração com Carmelo Cancio e Edith Alexandre, ou ainda as *guidelines* contidas no sítio do ITI (*Institute of Translation and Interpreting* britânico)<sup>108</sup>, mais concretamente na rubrica *Getting Started*, disponível em <http://www.iti.org.uk/indexMain.html>, ou na ATA, a famosa Associação Norte-Americana de Tradutores (*American Translators Association*), sem dúvida, uma das principais responsáveis pela reflexão, tipificação e codificação de uma prática profissional aplicada ao domínio da tradução, como um significativo impacto na comunidade profissional fora das suas fronteiras geográficas, como prova o facto de muitos tradutores portugueses serem membros dessa associação, no contexto da lusofonia.

No entanto, se pretendemos analisar estas questões relacionadas com a profissão, há dois nomes incontornáveis que devemos mencionar, pela forma como têm contribuído para a credibilização da reflexão e do discurso em torno da tradução, como actividade criteriosa e essencial. Refiro-me, concretamente, a Chris Durban e Daniel Gouadec. Estando em campos opostos, embora concordantes e confluentes, a primeira, pela forma como se apresenta como tradutora profissional e comunicadora de eleição, e o segundo como profissional e académico, responsável por uma das mais conceituadas escolas de tradução europeias, a Universidade de Rennes são, sem dúvida, referências basilares a considerar.

Ambos terão contribuído consideravelmente para a criação de um discurso credível e sustentado em torno da profissão, nomeadamente, no que se refere a Chris Durban, através do icónico *Translation: Getting it Right*, bem como a brochura *Traduction: faire les bon choix – Petit guide de l'acheteur de traduction* (2010) e do recente *The Prosperous Translator* (2010)<sup>109</sup>, ficando pelo meio as suas colunas de

---

<sup>108</sup> Destas, destacamos, em especial, as brochuras encontradas no site do ITI – Institute of Translation and Interpreting, do Reino Unido, disponível em <http://www.iti.org.uk/indexMain.html> “The thirty-nine steps: translation specification checklist” e “Presenting yourself to work providers and to translation companies”.

<sup>109</sup> “You have to develop a gut feeling for what the market will bear, and that comes from a combination of experience – otherwise known as paying your dues or the school of hard knocks – plus the terrible pressure of having to succeed because there is no safety net. Anyone lacking either of these elements is an amateur. There’s nothing wrong with that; as you know, the word ‘amateur’ is not a derogatory term. Some of the best work in many fields has been done by amateurs.” (Durban 2010: 23)

opinião e consultório profissional/sentimental da rubrica *Fire Ant & Worker Bee*. Quanto a Daniel Gouadec, destacamos o seu reputado estudo *Profession: Traducteur*, sem dúvida uma das obras mais importantes no domínio da formação para as profissões das línguas.<sup>110</sup>

De igual forma, poderemos acrescentar ainda outro importante contributo para a teorização em torno da profissão de tradutor, nomeadamente a obra de Douglas Robinson, *Becoming a Translator* (1997), sobretudo no que ao estatuto da profissão diz respeito, associado à noção de valor e enfoque económico, incontornavelmente uma das vertentes mais importantes do nosso estudo, ou seja, as variáveis económico-financeiras. Tal como nos confessava um economista ligado à economia industrial e da empresa, o problema da tradução relacionar-se-á precisamente com a própria imaterialidade do produto e intangibilidade do serviço prestado:

#### **Raising the status of the profession**

This long-range goal [creating your own agency] is equally difficult to deal with in a textbook of this sort, but it should not be forgotten in discussions of enhancing the translator's income. Some business consultants become millionaires by providing corporate services that are not substantially different from the services provided by translators. Other business consultants are paid virtually nothing. **The difference lies in the general perception of the relative value of services offered. The higher the value placed on the service, the more money a company will be willing to budget for it. Many small companies (and even some large ones) value translation so little that they are not willing to pay anything for it, and do it themselves;** others grudgingly admit that they need outside help, but are unwilling to pay the going rate, so they hire anyone they can find who is willing to do the work for almost nothing. One of the desired outcomes of the work done by translator associations and unions, translator training programs, and translation scholars to raise the general awareness of translation and its importance to society is, in fact, to raise the translator income. (Robinson 2004: 39, nossos destaques)

Nos últimos anos, Andy Lung Jan Chan, investigador da Universidade de Tarragona, defendeu a sua tese *Information Economics, The Translation Profession and Translator Certification*<sup>111</sup>, onde, entre outras questões, refere que o estudo dos tradutores como tema ou tópico de investigação tem sido descurado pelos Estudos de Tradução, sendo, na verdade, uma espécie de “uncharted territory”, ou seja, terreno

---

<sup>110</sup> Ver ainda Gouadec (1994, 1997, 2000, 2002 e 2003).

<sup>111</sup> “Why Are Most Translators Underpaid?” A descriptive explanation using asymmetric information and a suggested solution from signaling theory”. Open University of Hong Kong and Ph.D. Program in Translation and Intercultural Studies, Universitat Rovira i Virgili.

fértil por explorar e que merece ser desbravado. Como tal, utiliza uma citação de Andrew Chesterman (1998), do texto “Description, Explanation, Prediction: A Response to Gideon Toury and Theo Hermans” para demonstrar o facto de o quotidiano da tradução em contexto profissional não merecer, actualmente, a necessária e devida atenção por parte da investigação no domínio dos Estudos de Tradução:

I think there is a real danger here, that Translation Studies risks becoming too much of an inward-looking activity, a kind of mutual citation club, too concerned with its own status as an academic discipline and not concerned enough with the real problems at the messy grassroots of life in a big translation company. (Chesterman 1998: 96-97)

De facto, e como já frisámos, apesar do enfoque essencialmente direccionado para o seu carácter textual e intercultural, sobretudo no domínio literário (Toury 1995, Hermans 1999 e Lambert 1998 e 2006), só muito recentemente é que a tradução deslocou a sua atenção para os fenómenos sociais onde a tradução ocorre e se inscreve, bem como os respectivos agentes, motivando a já referida viragem social (Wolf 2006) de que falámos nas nossas considerações teórico-metodológicas.

Com efeito, e sobretudo quando comparada com outras profissões ou mesmo semiprofissões, o estudo e a análise da tradução como uma actividade profissional é ainda bastante incipiente e limitado (Hermans & Lambert 1998; Gouadec 2007; Dam & Zethsen 2008), facto que poderá reflectir a forma como a profissão se encontrará ainda numa fase embrionária da sua afirmação e desenvolvimento profissionais.

Por exemplo, Morry Schreiber, no seu livro *Some Random Thoughts About Translation* lamenta o facto de os tradutores ainda serem catalogados como “semiprofissionais” ou mesmo “não-profissionais”:

Most people still look upon us [professional translators] as, at best, semi-professionals, at worst non-professionals. Especially here in the United States, but also in other countries (citado em Liu 2001: 15).

A questão da profissão surge, como é óbvio, lado a lado com a noção de *status* e estatuto social. Este é, na verdade, um tema central da escola de Tel-Aviv, nomeadamente através das obras de Sela-Sheffy e Schlesinger. Noutro quadrante geográfico, Helle V. Dam e Karen Korning Zethsen, da *Aarhus School of Business*, também se têm dedicado a esta problemática, nomeadamente no âmbito de um estudo

que desenvolveram junto dos tradutores dinamarqueses que exercem a sua profissão em empresas de tradução (2008 e 2009).

Paralelamente à afirmação da profissão, as autoras partem da hipótese de que o consenso entre os tradutores e estudiosos da tradução relativamente ao estatuto do tradutor é de que este é decididamente baixo, a que concorre ainda o facto de continuar a receber escassa atenção por parte dos Estudos de Tradução, como tema de direito próprio:

Although the literature abounds with references to translation as a low-status profession, few publications, let alone empirical studies, have addressed the topic systematically and exhaustively. (Dam & Zethsen 2008)

## VÁRIAS PERSPECTIVAS EM TORNO DE UMA (MESMA) PROFISSÃO?

Segundo Dam e Zethsen (Dam & Zethsen 2008: 72 e 73), uma análise da literatura disponível sobre as percepções em torno do estatuto da tradução enquanto actividade e enquanto produto, revela que esta é considerada, quase sempre, como algo externo à profissão, secundária e meramente “reprodutora” (Bassnett 2002: 12), mecânica (Hermans & Lambert, 1998: 123), um processo não-criativo (Koskinen 2000: 54; Bassnett 2002: 12) e “best over and done with quickly and cheaply” (Koskinen 2000: 54).

Ainda de acordo com esta extensíssima análise da geneologia do surgimento do conceito de profissão aplicado à tradução, e do respectivo posicionamento social, as autoras referem igualmente que a actividade é, regra geral, descrita como “periférica” (Hermans & Lambert 1998: 113) insignificante (Ortega y Gasset 1937/2000: 50), com um baixo estatuto ou *low status* (Bassnett 2002: 12), servil (idib: 13)<sup>112</sup>, uma ocupação modesta e humilde (Ortega y Gasset 1937/2000: 50), ou ainda como uma actividade insignificante (Dam & Zethsen 2008).

Por seu turno, ao descrever os contornos da tradução, Esther Monzó i Nebot procura definir “profissão” no seu capítulo “¿Somos profesionales? Bases para una sociología de las profesiones aplicada a la traducción”, de 2006. Efectivamente, por profissão, a autora entende uma “comunidad que ejerce y detenta en exclusiva la aplicación mercantil de un conjunto organizado de conocimientos en un contexto social determinado” (Monzó i Nebot 2006: 172), isto é, articulando as noções de comunidade, exercício profissional e valor económico/comercial associados a um bem de consumo intangível e incorpóreo.

Neste seu completo estudo sobre a génese do profissionalismo, Monzó i Nebot sugere que a tradução e a interpretação poderão ser, efectivamente, encaradas como actividades semiprofissionais, sujeitas a fortes mudanças e constrangimentos internos e externos e marcadas por um forte desequilíbrio de forças desiguais exercidas, em simultâneo, pelo mercado e pelo Estado, sobre os agentes e a comunidade semiprofissional, e também por movimentos e deslocações sísmicos que afectam e condicionam a sua própria definição (Monzó i Nebot 2006). Palavras que podem ser

---

<sup>112</sup> Nabókov, V. (1959) “The Servile Path”. In: *On Translation*. Cambridge (Massachusetts): Harvard University Press, 97–110.

perfeitamente interpretadas à luz do pensamento de Caria, a propósito da segmentação, hierarquização e conflitos intra e interprofissionais:

O profissionalismo está cada vez mais dependente de formas institucionais que o sujeitam, por um lado, a uma cada vez maior mercadorização dos serviços profissionais e a uma maior implicação e articulação com o poder gestor e decisório nas organizações (management), com eventual perda de autonomia técnica e ideológica sobre o seu trabalho e de poder social e simbólico nas relações sociais. Pode assim ser “empurrado” para um cada vez maior assalariamento, para uma maior segmentação e hierarquização intraprofissional e interprofissional e para alguma periferização ao poder estratégico das organizações (Caria 2007)

Ao falarmos de tradução, será também conveniente realçar a sua instabilidade em termos jurisdicionais, a que se junta uma socialização deficiente e uma identidade comum pouco definida, algo que obriga os profissionais a uma constante adaptação e resistência ao desaparecimento ou invisibilidade (Monzó i Nebot 2006: 173). Necessária será, por isso, uma nova visão capaz de enquadrar a “profissão” num território instável e multiforme:

(...) de las fuerzas externas e internas que actúan sobre la profesión, de los conflictos intra y interprofesionales, de los cambios organizativos, de la influencia del mercado y del Estado en la actividad, de la identidad grupal, de la adecuación del tipo de conocimiento que sustenta la actividad a nuestro contexto, de la idoneidad del lenguaje profesional, de la capacidad de innovación de la elite de conocimiento, de la habilidad representativa de la elite administrativa, de la vinculación de valores sociales al trabajo de traductores e intérpretes, y también de cómo la sociedad estructura el conocimiento experto que permite la comunicación mediada. (Monzó i Nebot 2006: 173).

Terminamos a nossa apresentação mencionando de novo o trabalho de Sela-Sheffy e Shlesinger (2008) quando descrevem o estatuto marginal dos tradutores e intérpretes como um grupo profissional ambivalente e inseguro, classificação que é tanto mais paradoxal quando comparada com o enorme potencial e poder que o seu trabalho encerra, enquanto mediadores culturais por excelência:

Given the weak institutional boundaries and obscure role definition and criteria of this profession, they often suffer from non-standardized conditions and pay scale, as well as fragmentary career patterns. (...) All of these factors render them a rather “invisible” occupational group and their trade a marginal professional option. (op. cit. 80)

## PROTO-, PARA-, PSEUDO-: TRÊS PREFIXOS À PROCURA DE UMA PROFISSÃO

Num artigo publicado na revista *The Linguist* em 2000, ironicamente chamado “Pseudo-, Para- or Proto-: what kind of a professional is the translator or interpreter?” Roger T. Bell (2000) fazia uma distinção bastante pertinente entre **pseudo-profissão** (algo que se assemelha ou imita outra profissão), **para-profissão** (algo que manifesta uma relação subsidiária e de apoio ou suporte em relação a uma “verdadeira” profissão), e ainda **proto-profissão** (que se encontra no seu estado mais primitivo e na sua fase mais precoce em termos de afirmação e desenvolvimento profissionais), indicando, como conselho, que os tradutores deverão “reject out of hand the ‘pseudo-’ label, resist the servile implications of the ‘para-’ label and focus on the ‘proto-’ to develop more sophisticated organization which will grow, in time, to a fully fledged profession” (Bell 2000: 147) para que a profissão atinja o seu nível de afirmação social.

Na altura, o autor manifestava a sua preocupação perante os diferentes e instáveis níveis de profissionalização dos tradutores e intérpretes, e a forma incipiente como os “serviços de língua” estavam regulamentados e estruturados face à desorganização do mercado, apontando a necessidade de adoptar idênticos procedimentos mais céleres de afirmação e consolidação formal e institucional, à semelhança de outras profissões já estabelecidas e reputadas, como a medicina e a advocacia. Para efeitos de consistência terminológica, recorreremos à definição que o autor usa para definir profissão, onde, de novo, encontramos a noção de comunidade **(1)**, de prática **(2)** e de qualidade do serviço **(3)**, via responsabilização e regulação da prática profissional, de acordo com normas que são impostas interna e externamente:

A profession consists of a self-regulating (autonomous) community of practitioners who control access to and continued membership of the community and provide to a recognised standard of quality (adequacy) for which they hold themselves individually and collectively accountable.” (Bell 2000)

Desde logo, algumas considerações acerca desta definição. Em primeiro lugar, a noção de que a profissão é autoregulamentada e autónoma. Em segundo lugar, a ideia de que existe uma determinada comunidade de prática, o que nos pode direccionar para o conceito de “community of practice”, já apontado por Jean Lave e Etienne Wenger, em

1991 e 1998<sup>113</sup>. Em terceiro, o conceito de qualidade associado à prática profissional, a que se liga um quarto ponto, relacionado com a noção de “accountability”, ou seja, responsabilização individual e colectiva por esses mesmos padrões de qualidade.

A noção desenvolvida por Roger Bell (op. cit. 2000) parte, na verdade, da assunção de que as actividades como a tradução não serão, actualmente, verdadeiras profissões num sentido absoluto do termo, embora possuam alguns dos critérios acima apresentados para definir profissão, sendo possível enquadrar o conceito de profissionalismo segundo três perspectivas diferentes e definir o tradutor como possuindo algumas das características dessas três componentes, a saber:

(...) a pseudo-profession, in the sense of either a) purporting to be but not actually being a profession (as in “pseudo-science” or b) resembling or imitating a profession (as in “pseudo-language” (...)) Equally, translators and interpreters are comparing themselves with other established professions and adopting and adapting models derived from them. (Bell 2000: 147)

Este mimetismo e miscigenação é, de facto, algo que acontece na prática, como vemos nos seguintes modelos exemplificativos:


**Do you want/need to learn**  
**Portuguese?**

**Individual or group classes!**

**Degree in Classic (Latin and Greek) and Portuguese Languages and Literatures (Average:15), with vast experience, including works for embassy's, and translations.**  
**(Currently studying Pharmacy;)**

Contact: 967678642/918851200; [anainunes@hotmail.com](mailto:anainunes@hotmail.com)

Ana Nunes 967678642, 918851200 <a href="mailto:anainunes@hotmail.com">anainunes@hotmail.com</a>	Ana Nunes 967678642, 918851200 <a href="mailto:anainunes@hotmail.com">anainunes@hotmail.com</a>	Ana Nunes 967678642, 918851200 <a href="mailto:anainunes@hotmail.com">anainunes@hotmail.com</a>	Ana Nunes 967678642, 918851200 <a href="mailto:anainunes@hotmail.com">anainunes@hotmail.com</a>
---	---	---	---

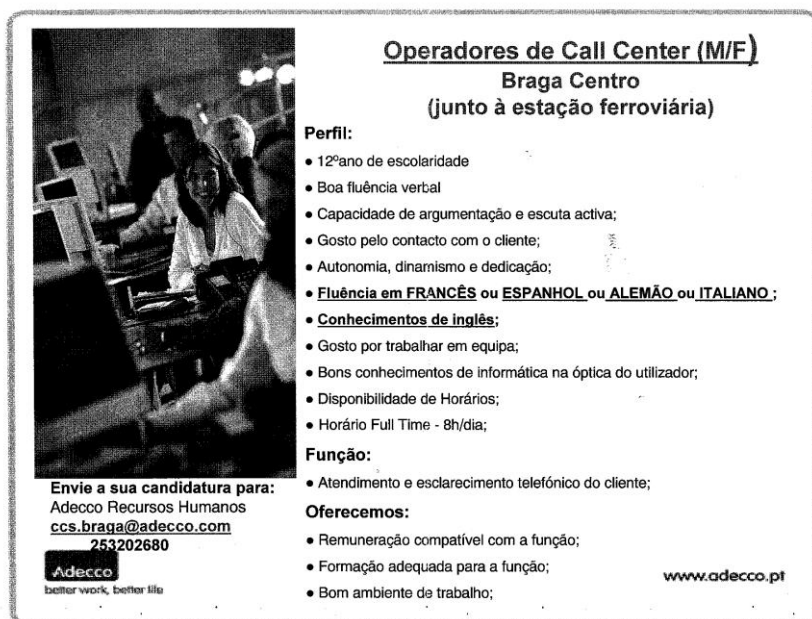


**Figura 2.** Exemplo de oferta de serviços de língua e tradução (1)

113 Lave, Jean & Wenger, Etienne (1991) *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*. Cambridge: Cambridge University Press.

Wenger, Etienne (1998) *Communities of Practice: Learning, Meaning, and Identity*. Cambridge: Cambridge University Press.





**Operadores de Call Center (M/F)**  
**Braga Centro**  
**(junto à estação ferroviária)**

**Perfil:**

- 12º ano de escolaridade
- Boa fluência verbal
- Capacidade de argumentação e escuta activa;
- Gosto pelo contacto com o cliente;
- Autonomia, dinamismo e dedicação;
- **Fluência em FRANCÊS ou ESPANHOL ou ALEMÃO ou ITALIANO;**
- **Conhecimentos de inglês;**
- Gosto por trabalhar em equipa;
- Bons conhecimentos de informática na óptica do utilizador;
- Disponibilidade de Horários;
- Horário Full Time - 8h/dia;

**Função:**

- Atendimento e esclarecimento telefónico do cliente;

**Oferecemos:**

- Remuneração compatível com a função;
- Formação adequada para a função;
- Bom ambiente de trabalho;

Envie a sua candidatura para:  
 Adecco Recursos Humanos  
[ccs.braga@adecco.com](mailto:ccs.braga@adecco.com)  
 253202680

**Adecco**  
 better work, better life

[www.adecco.pt](http://www.adecco.pt)

**Figura 3.** Exemplo de oferta de serviços de língua e tradução (2)

Um segundo momento, definido como “para-profissão” ou meio auxiliar:

(...) a para-profession, in the sense of being in a subsidiary, support relationship to a “true” profession (as the “paramedic” first-aider is to the medics). If this is the case, translators and interpreters are “para-professionals” i.e. individuals without professional training to whom a particular aspect of a professional task is delegated. This is very much the way many clients – especially professionals – see the translator or interpreter.  
 (...)

## ENGLISH CONVERSATIONS

### Explicações de Inglês

Improve your English thanks to professional conversations with a competent teacher!

I am an Erasmus student of English language, literature and culture with experience in teaching English. If you know English, but it is difficult for you to speak, these conversations will get you to speak!

Telephone: 918735308

E-mail: [pafny@interia.pl](mailto:pafny@interia.pl)

**Figura 4.** Exemplo de oferta de serviços de língua e tradução (3)

E, por último, uma terceira dimensão, que o autor rotula como “proto-profession”, e que nos parece a mais plausível e real, e que explicará muito do estado actual da actividade, sobretudo quando aplicada ao perfil de muitos dos prestadores de serviços de tradução. Porque associado ao seu carácter embrionário, este conceito aproxima-nos, de facto, da noção de semiprofissão de Monzó i Nebot:

[proto-profession] in the sense of being at an early, primitive, stage of development (like the protozoa: animal organisms with a simple/primitive form of organization). This definition seems to fit rather better than the others. Translators and interpreters are indubitably creating more complex organizations – one of the key indicators of evolution into a true profession. (Bell 2000)

Em resumo, Bell termina com o seguinte conselho:

the translator/interpreter appears to possess some characteristics of all three (pseudo-, para- and proto-), but might be best advised to reject out of hand the “pseudo-“ label, resist the servile implications of the “para-“ label and focus on the “proto-“ to develop more sophisticated organisation which will grow, in time, into a fully-fledged profession. (Bell 2000: 147)

Como vemos, são várias as opiniões sobre o estado da profissão. Por exemplo, segundo os autores na área da Sociologia das Profissões, existirão dois requisitos prévios para que uma profissão se afirme como tal, nomeadamente, em primeiro lugar, a existência de um corpo ou organização profissional que possa controlar “the induction, training, certification, licensing, registration and conduct of its members” (Bell 2000: 149), que seja legalmente reconhecida como o agente ou organismo regulador estatutário da profissão e, em segundo lugar, que os indivíduos que exercem essa profissão sejam devidamente qualificados (e, por conseguinte, possuam uma certificação de competências reconhecida) e, ao mesmo tempo, sejam responsáveis e responsabilizados pela sua conduta profissional, tanto perante o seu cliente como perante a profissão, os seus pares e as instâncias reguladoras.

A deslocação de uma indústria ou actividade não regulamentadas para uma profissão regulamentada requer uma progressão que Joseph Tseng (1992) identificava como tendo vários patamares (homogeneidade, expectativas e aspirações profissionais, mobilidade ocupacional, envolvimento/empenhamento profissional e controlo do mercado), e que, de certa forma, encontra igualmente eco, como vimos, nas palavras de Bell (2000), quando, por fim, aponta três etapas fundamentais para o processo de profissionalização:

1. the consolidation of the proto-professional group into a body which shares common aspirations for the delivery and development of the service; algo que reflecte a necessidade de formação e certificação da formação prestada;
2. the establishment of a professional association with a consensus on ethical and academic standards which control entry into and continuance in the profession; princípio que define o estabelecimento de associações profissionais e o controlo da entrada na profissão;
3. the protection of the autonomy of the profession through the continual monitoring of entry requirements and standards of practice and through campaigns to raise public awareness of the role of the profession in society. (Bell 2000: 149); e, por último, a sensibilização da opinião pública para o papel da profissão e elevação do respectivo estatuto social e institucional.

Na verdade, e ainda segundo Tseng (op. cit., pp 42 e seguintes, 147 e seguintes), o estatuto profissional é algo que resulta de tensões, conflitos e negociações, muitas vezes em condições sociais nada favoráveis, bem como da própria permeabilidade do campo profissional.

Practitioners in the market can not keep outsiders from entering practice. They themselves may have started practice as outsiders or quacks. Recipients of the service either have very little understanding of what practitioners do or very little confidence in the services they receive. It is very likely that the public simply does not care about the quality of the services. Hence, distrust and misunderstanding permeate the market. What matters more to clients, in the absence of quality control, is usually price. Whoever demands the lowest fee gets the job. Therefore, advertising and price-cutting are commonplace in the market. The rights of the clients are normally not protected, and malpractice as a result frequently occurs. (Tseng 1992: 44 e 45)

Por conseguinte, esta redefinição do papel, função e conceito do tradutor jamais ficará completa se não considerarmos a sua incontornável dimensão profissional em diálogo com as redes textuais e interculturais que a sustentam. Aliás, a própria definição do conceito de prática profissional encerra, tal como sustenta Daniel Simeoni, uma estrita e rigorosa sujeição a normas bem definidas (Simeoni 1998: 6), ou melhor dizendo, "instrumentos de controlo" gradualmente interiorizados, que apenas são eficazes no âmbito desse subsector da sociedade em que o indivíduo ou a empresa se encontram profissionalmente activos e integrados.

Não admira, portanto, que um dos principais temas em debate na actualidade seja precisamente a definição de objectivos de qualidade (independentemente da aparente dificuldade em categorizar e definir essa mesma qualidade, tal como sustenta

Juan José Arevalillo Doval numa apresentação sobre a norma EN 15038)<sup>114</sup>, perfis de competências e acreditação profissional e a adopção de procedimentos de garantia, avaliação e certificação da excelência, nomeadamente através da tentativa de conferir um padrão, chancela ou certificado de qualidade à tradução, por exemplo, em conformidade com as normas ISO, vulgarmente aceites para a homologação dos sectores da indústria e do comércio.

Neste caso, profissionalismo será, então, entendido como o fornecimento de um serviço de qualidade e excelência, regido por normas e procedimentos específicos e estandardizados, característicos de uma classe profissional no âmbito da sua *praxis*, em que prática será, conforme defendido por Andrew Chesterman, via Alasdair MacIntyre (1981), "uma espécie de actividade humana cooperativa, coerente, complexa e socialmente estabelecida que, por um lado, envolve o desejo de melhoramento contínuo, e que, por outro, procura gerar uma sensação de satisfação, associada à noção de excelência" (Chesterman 2001).

Depois de dois capítulos que nos levaram a considerar as várias cambiantes socioprofissionais da tradução, terminamos esta primeira parte do nosso trabalho com uma análise centrada no último vértice deste triângulo inicial, contemplando a dimensão económica e estratégica da tradução na sociedade contemporânea, com especial incidência numa análise gradativa do fenómeno, num percurso que nos levará da dimensão macro internacional para as suas múltiplas ramificações no terreno e, em concreto, no mercado das línguas em Portugal.

---

<sup>114</sup> Arevalillo Doval, Juan José (2005) "The EN-15038 European Quality Standard for Translation Services: What's Behind It?". [Em linha]. Disponível em <http://www.translationdirectory.com/article472.htm> (Data de acesso: 17 de Julho de 2006)



**CAPÍTULO TRÊS**  
**OS MERCADOS E A ECONOMIA DAS LÍNGUAS**



## CONTEXTO MACRO

### A ECONOMIA DAS LÍNGUAS: BREVE ENQUADRAMENTO

Language is the essential skill giving man the capacity for learning and transmitting knowledge. Language is the means by which an organization (or any community) communicates its culture to members within the society in which it operates. Language also facilitates creation of value through the exchange of ideas within the context of this culture. It facilitates the communication of information. Thus, the language of an organization may be viewed as the repository of that organization's knowledge. As such, like money, it is an asset, and when in use, a capital. Like money, a language creates value in its use or exchange. Consequently, it has economic value. Its valuation, however, is subjective, involving the process of human judgment. (“The value of a working language”, Krishna S. Dhir & Theresa Savage, 2002)

Recentemente, o projecto europeu ELAN (*European Language Activity Network*), conduziu um estudo organizado pela Comissão Europeia, denominado *Effects on the European Economy of Shortages of Foreign Language Skills in Enterprise* (2010), para medir a importância do uso das línguas estrangeiras no comércio internacional, cujos resultados principais apresentados no seu “Executive Summary” apontam para o facto de existir, efectivamente, uma perda substancial de capacidade e potencial de negócio nas empresas, decorrente da ausência das necessárias e adequadas competências linguísticas (2010)<sup>115</sup>:

A significant amount of business is being lost to European enterprise as a result of lack of language skills. (...) it is estimated that 11% of exporting European SMEs (945,000 companies) may be losing business because of identified communication barriers.<sup>116</sup>

---

<sup>115</sup> Documento em linha disponível em [http://ec.europa.eu/education/languages/Focus/docs/elan-sum\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/education/languages/Focus/docs/elan-sum_en.pdf). (Data de acesso: 24 de Janeiro de 2011).

“This study was commissioned by the Directorate General for Education and Culture of the European Commission in December 2005 and undertaken by CILT, the UK National Centre for Languages, in collaboration with an international team of researchers. Its objective was to provide the Commission and decision-takers in Member States with practical information and analysis of the use of language skills by SMEs and the impact on business performance.”

<sup>116</sup> De acordo com a comunicação da Comissão (24.9.2010), estima-se que quase 11 % das pequenas e médias empresas percam contratos de prestação de serviços devido à falta de competências linguísticas do seu pessoal. No entanto, salienta-se que a UE investe anualmente 50 milhões de euros para apoiar a aquisição de competências linguísticas. Pergunta-se à Comissão:

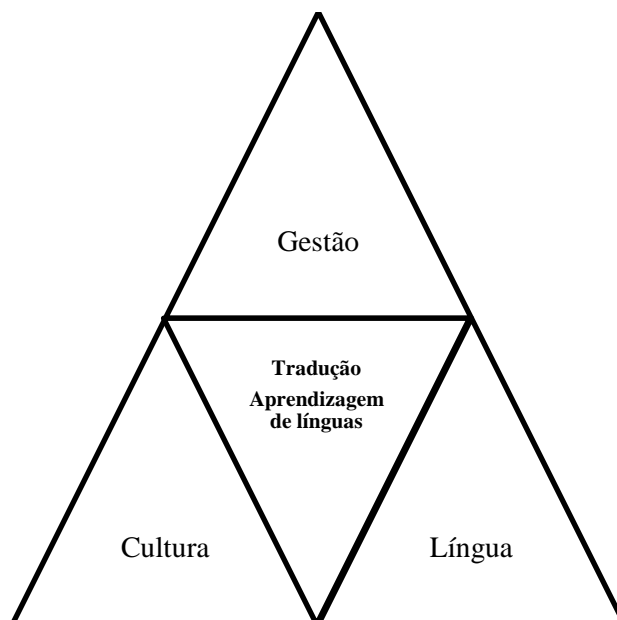
- Dispõe de dados relativamente ao número de empresas que beneficiaram dos programas em causa? Quais são os Estados-Membros em que se regista a maior participação nesses programas e qual é a posição da Grécia e das pequenas e médias empresas gregas?
- Durante a vigência do programa-quadro 2007/2013, tenciona a Comissão empreender acções adicionais para o reforço das competências linguísticas dos trabalhadores de pequenas e médias empresas?
- Atendendo a que as pequenas e médias empresas, que são o motor da economia europeia, apresentam baixos níveis de participação na aprendizagem ao longo da vida e na formação intra-empresarial, de que modo tenciona a Comissão combater este problema (incentivos, etc.) no âmbito da realização dos objectivos correspondentes da Estratégia UE 2020?

Fonte: <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?type=WQ&reference=E-2010-010063&format=XML&language=PT> (Data de acesso: 23 de Agosto de 2011).



Para além destes resultados, o inquérito identificou ainda uma ligação clara e inequívoca entre as línguas e o sucesso ao nível das exportações, sendo que o factor económico, neste caso, afigura-se como fundamental. Outra das conclusões enunciadas neste relatório prende-se com a chamada necessidade de as empresas possuírem uma estratégia para as línguas, sobretudo ao nível daquilo que os autores designam como “language management”, algo que parece estar em sintonia com o desígnio já enunciado em 1997, por Steyaert e Janssens, quando elegeram o domínio do “business translation” como um elemento crucial e preponderante na afirmação do sector (Steyaert & Janssens 1997 e ainda Hermans & Lambert 1998).

Referindo-se ao papel crucial da língua e da tradução nas políticas e práticas de gestão, Steyaert e Janssens (op. cit. 134) apoiam-se no crescente predomínio que os conceitos de cultura e línguas têm vindo a adquirir, mais ou menos desde a década de 80 do século passado, no âmbito das teorias de gestão e no domínio das perspectivas organizacionais. Por conseguinte o modelo apontado pelos autores prevê, neste contexto, a prevalência da tradução e da aprendizagem de línguas como actividades essencialmente mediadoras em contextos e domínios gestionários de cariz fortemente multicultural e multilingue. Consequentemente, a tradução e a aprendizagem das línguas acabam por ter um papel de destaque dentro do triângulo gestão – língua – cultura, conforme demonstra a figura 1, abaixo.



**Figura 1.** A importância estratégica da tradução e da aprendizagem de línguas como actividades de mediação em contextos gestionários multilingues e multiculturais (adaptado de Steyaert & Janssens 1997: 134)

Tal como referem os autores, a tradução pode, de facto, assumir-se como um “acto de gestão” pela forma como decorre da interligação entre gestão, língua e cultura nas empresas e, sobretudo, pelo constante processo de administração e criação de sentido que ocorre transversalmente no contexto dos negócios internacionais:

(...) translation is seen not as a problem which management needs to address, but as an act that offers added value to the management process. Once one regards management as a process of sense-making between parties, translation comes to be seen as an extremely complex act, mediated by multiple parties. This forces managers to ask what translation implies and how to translate, questions that have been at the core of discussions between linguists and translators. (op. cit. 143)<sup>117</sup>

A propósito desta problemática Hermans e Lambert (1998) apontam ainda a necessidade de educar o cliente, a sociedade e as instâncias políticas para a importância estratégica daquilo que designam como “business translation” e, ao mesmo tempo, transformar aquilo que parece um problema, na própria solução. E, de forma concomitante, introduzir gradualmente as componentes empresariais e gestionárias no domínio da formação de tradutores profissionais:

One of the first questions is whether it will ever be sufficient to train (just) translators in institutes for translator training, as long as we (who?) do not educate society, or say, business and managers. It is not certain that all of them could make better use of translations, but there are good reasons to assume that many among them could, to their own benefit. It is not just a matter of “business” translations, for where exactly are the boundaries of business? And since global communication pervades the world, the matter may stop being regarded as a problem for business managers alone: politicians too may become interested, though not always expressing this interest in the appropriate way. (Hermans & Lambert 1998: 130)

Ainda segundo o supracitado relatório ELAN, há quatro elementos do chamado “language management” (aqui traduzido como gestão no domínio das línguas) que são indissociáveis de uma filosofia de exportação eficaz, nomeadamente a capacidade de possuir uma estratégia de línguas e para as línguas, a selecção de falantes nativos para a execução de tarefas de comunicação multilíngue, o recrutamento de *staff* com as adequadas competências linguísticas e a aposta em tradutores e intérpretes profissionais no terreno. Como conclusão, sustenta o relatório, verificar-se-iam ganhos significativos

---

<sup>117</sup> Ver, a propósito, trabalho de Leilana Elizabeth Kingsley (2010) sobre a complexidade da política das línguas nas empresas multinacionais, sublinhando aquilo que designa como “top-down and bottom-up pressures on language practices”

transversalmente ao nível de toda a economia europeia, caso as pequenas e médias empresas exportadoras recorressem a estas mesmas estratégias.<sup>118</sup>

No entanto, já em 2007, Leonard Orban, o comissário europeu para o multilinguismo, criara o chamado “Fórum das Empresas para o Multilinguismo”. Mais precisamente em Novembro de 2007, o Visconde Etienne Davignon, ministro-adjunto belga, antigo Vice-Presidente da Comissão Europeia e uma personalidade bem conhecida do mundo político e empresarial, foi escolhido para o lugar de Presidente do desse Fórum. O objectivo do grupo era identificar formas de melhorar as competências linguísticas das empresas para as ajudar a conquistar novos mercados.<sup>119</sup>

Partindo do pressuposto de que as competências linguísticas também podem melhorar significativamente as perspectivas de emprego e de mobilidade, foi solicitado ao Fórum que analisasse as novas oportunidades nesse contexto. Por conseguinte, o “Fórum das Empresas para o Multilinguismo” criado pela Comissão Europeia apresentou um relatório à Comissão em Julho de 2008, emitindo uma série de recomendações, sob o título “As línguas são a alma do negócio: As línguas facilitam o funcionamento das empresas”, que corroboram esta tendência:

Uma percentagem significativa das PME europeias perde oportunidades de negócio todos os anos em resultado directo da escassez de competências linguísticas e interculturais. Embora pareça inequívoco que o inglês irá manter o seu papel de liderança enquanto língua comercial mundial, serão as outras línguas a marcar a diferença entre a normalidade e a excelência e a criar uma vantagem competitiva.

As línguas não são necessárias apenas para reforçar as vendas e o marketing. As cadeias de abastecimento a montante atravessam fronteiras exactamente como os serviços internacionais e os produtos acabados destinados a exportação. Os mercados de trabalho encontram-se igualmente globalizados. A integração de trabalhadores multilingues e multiculturais é fundamental. De acordo com a nossa visão, as línguas serão utilizadas de forma mais eficaz no futuro, a fim de atingir novos grupos-alvo e de estabelecer relações estratégicas duradouras.<sup>120</sup>

Por último, foi recentemente veiculado o relatório europeu, *Contribution de la traduction à la société multilingue dans l’Union européenne - Étude portant sur la contribution de la traduction à la société multilingue dans l’Union européenne* (2010), realizado pela Euréval, em colaboração com a Comissão Europeia, onde surgem as

---

<sup>118</sup> Documento em linha disponível em [http://ec.europa.eu/education/languages/Focus/docs/elan-sum\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/education/languages/Focus/docs/elan-sum_en.pdf) (Data de acesso: 24 de Janeiro de 2011).

<sup>119</sup> Documento em linha disponível em [http://ec.europa.eu/education/languages/languages-mean-business/doc1460\\_pt.htm](http://ec.europa.eu/education/languages/languages-mean-business/doc1460_pt.htm) (Data de acesso: 18 de Julho de 2011).

<sup>120</sup> Documento em linha disponível em [http://ec.europa.eu/education/languages/pdf/davignon\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/education/languages/pdf/davignon_pt.pdf) (Data de acesso: 24 de Janeiro de 2011).

principais bases e o enquadramento para o posicionamento e dimensões económicas, sociais, culturais, jurídicas, políticas e institucionais da tradução, como factor estratégico e fundamental em termos de afirmação e impacto sobre a sociedade europeia e os seus cidadãos:

Parce qu'elle facilite les échanges économiques entre communautés linguistiques, la traduction est un vecteur majeur de la mondialisation de l'économie et du marché intérieur européen: elle permet l'échange rapide et prédictible d'informations, de biens et de services, réduit les risques liés à la dimension linguistique d'une activité internationale (par exemple sur l'objet d'un contrat) et facilite le fonctionnement interne des multinationales.

Pour une entreprise, la traduction permet aussi de pénétrer les marchés avec un bien ou un service produit dans une autre langue, que ce soit pour des raisons réglementaires ou de sécurité ou pour favoriser son adoption au-delà des consommateurs multilingues. (*Relatório Euréval*, Novembro de 2010, página 6)<sup>121</sup>

Valerá a pena ainda referir outro relatório, publicado no Reino Unido, em Dezembro de 2007, da autoria de Pauline Kneale e Patrick Sim (2007), inserido no projecto *Routes into Languages*, e denominado *Languages and Enterprise: Having an idea and making it happen*, onde são precisamente apresentadas as principais conclusões e recomendações susceptíveis de adaptar o ensino e, ao mesmo tempo, integrar as competências necessárias para o desenvolvimento e satisfação do tipo de conhecimentos e modelos de funcionamento típicos da vida empresarial, no contexto das organizações. Paralelamente, são identificados os processos, competências e aptidões que caracterizam a integração e promoção das línguas a nível organizacional, “in all aspects of social life, and for some people in sole trading, freelancing and business start-up” (op. cit. pág. 11):

Enterprise education is enterprise capability supported by better financial capability and economic and business understanding. Enterprise capability includes innovation, creativity, risk-management and risk-taking, a can-do attitude and the drive to make ideas happen. This concept embraces future employees as well as future entrepreneurs. (op. cit. pág. 8)

Nas suas conclusões, o relatório aponta ainda para as seguintes necessidades do actual mercado de trabalho, no contexto da indústria das línguas, marcadas pela flexibilização do trabalho, redes de colaboração internacionais, precariedade, desenvolvimento profissional contínuo e a aposta no empreendedorismo:

---

<sup>121</sup> Documento em linha disponível em [http://bookshop.europa.eu/is-bin/INTERSHOP.enfinity/WFS/EU-Bookshop-Site/fr\\_FR/-/EUR/ViewPublication-Start?PublicationKey=HC3110679](http://bookshop.europa.eu/is-bin/INTERSHOP.enfinity/WFS/EU-Bookshop-Site/fr_FR/-/EUR/ViewPublication-Start?PublicationKey=HC3110679) (Data de acesso: 21/12/2010).

The role of tertiary education in providing a base of life and career skills is now widely acknowledged. A central consideration is the needs of graduates in the face of dominant future trends. Today's graduate enters a flexible globalised job market characterised by international collaboration, temporary contractual engagement and the need to develop a portfolio career. The Leitch Review (2006) identified the higher educational needs of the future where the demand for graduate skills is foreseen to increase. Their specialist knowledge is valuable, but so are the range of transferable skills and personal attributes that tertiary study nurtures.

The strengths of language study are multi-faceted and include linguistic and cultural accomplishment, a wide range of skills, self-management aptitudes and the immersive experience of living abroad. The flexible and complementary nature of languages curricula make them popular for interdisciplinary and joint study. (op. cit. 2007, pág. 38)<sup>122</sup>

A este propósito, António Câmara, Prémio Pessoa em 2006, director-geral da YDreams, e um dos mais importantes nomes associados ao empreendedorismo e iniciativa privada sublinha repetidas vezes, nas suas crónicas no *Expresso* e na revista *Exame*, a mais-valia estratégica das línguas como uma área decisiva para o sucesso de um empresa baseada no conhecimento. Sobretudo nesta crónica intitulada “O que não se aprende na universidade”, publicada na *Exame*, onde são feitas referências a várias valências indispensáveis para sobreviver num mercado cada vez mais competitivo e exigente:

A experiência pessoal, como docente e empreendedor, permitiu-me identificar áreas decisivas, para uma empresa baseada no conhecimento, que são descuradas na maioria das nossas universidades. Essas áreas incluem:

1) *Criatividade*. James Adams, professor de Stanford, criou uma cadeira em que ensinava a ultrapassar os bloqueios à criatividade (...) A ausência de perspectiva, a adoção de estereótipos, a aversão ao risco, a falta de autoconfiança e a preferência em criticar em vez de gerar ideias (muito comum na sociedade portuguesa) são exemplos desses bloqueios. A nossa Universidade tende mais a reforçá-los do que a removê-los.

2) *Saber fazer*. Neil Gershenfeld criou a cadeira "How to Make Almost Anything", que se transformou num sucesso no MIT. Na Universidade portuguesa poucos são os cursos que ultrapassam os programas teórico-práticos tradicionais.

3) *Propriedade intelectual*. Estudantes que frequentam cadeiras de desenvolvimento de produtos no MIT são encorajados a submeter patentes. A maioria dos estudantes que frequentam as nossas universidades desconhece esse processo.

**4) Domínio da língua. A excelente formação literária de estudantes formados em Oxford e Cambridge é conhecida. Nas principais universidades mundiais, e em algumas faculdades de Portugal, há cursos de comunicação técnica. Mas em muitos outros casos, os nossos diplomados ignoram as regras básicas de comunicação escrita e oral.**

5) *Incerteza*. Enrico Fermi foi pioneiro na divulgação de abordagens aproximadas (back to

---

<sup>122</sup> Ver ainda afirmação do Visconde Etienne Davignon, no já citado relatório da UE sobre as línguas e empresas: “Com o tempo, esperamos contribuir para uma mudança de mentalidade e de comportamento no que respeita à atitude do sector empresarial em relação às línguas”. [prólogo do relatório “As línguas são a alma do negócio; As línguas facilitam o funcionamento das empresas: Recomendações do Fórum das Empresas para o Multilinguismo criado pela Comissão Europeia (2008)]

envelope engineering) para resolver problemas em que a informação é insuficiente. (...) O nosso ensino assenta em avaliações com questões fechadas e os nossos licenciados têm dificuldade em lidar com problemas abertos.

6) *Gestão do tempo*. Randy Pausch, recentemente falecido, disponibilizou, no YouTube, a sua aula magistral sobre gestão do tempo. Na Holanda, os estudantes têm uma cadeira em que focam este tópico logo no 3º ano. A nossa pontualidade (ou falta dela) e a excessiva duração das reuniões são conhecidas. (António Câmara, *Voando com os pés na terra*, Lisboa: Bertrand Editora, 2009; nossos destaques)

## O VALOR ECONÓMICO DAS LÍNGUAS

Em contexto europeu, por exemplo, e mais concretamente em Espanha, mais de 15% do PIB encontrar-se-á directa ou indirectamente relacionado com as línguas, segundo fonte do jornal *Cinco Dias*, de 01/11/2006.<sup>123</sup>

Em Portugal, esta tendência não tem sido descurada e deu origem a um “Estudo sobre o valor económico da Língua Portuguesa”, um trabalho encomendado em 2007 pelo Instituto Camões ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE) sobre *O Valor Económico do Português*. Nas suas conclusões preliminares, apresentadas em 2009, e disponíveis no sítio do Instituto Camões, sob o título “Uma abordagem ecléctica do valor da língua: a influência global do Português”, os autores traçam a genealogia de alguns dos principais estudos nesta área, como o “Economics of Language: a network externalities approach” de Slavava Dalmazzone (2000), cujo objectivo é avaliar a relação entre as economias da rede e os idiomas, o estudo “Economía del Español - una introducción”, de José Garcia Delgado et al. (2007), que visa avaliar o valor da língua em termos percentuais do PIB, e ainda “El Valor Económico de la Lengua Española”, de Ángel Martín Municio et al., (2003), que sublinha o efeito multiplicador e positivo que a expansão e o uso das TIC têm sobre as empresas e a conseqüente tradução no progressivo aumento da relevância económica da língua, cujo peso será de cerca de 10% do valor económico estimado para a língua espanhola. E ainda o “Economics and English: Language Growth in Economic Perspective”, de Michael Reksulak et al. (2004), que pretende estabelecer a relação entre a actividade económica e dimensão do idioma e, por último, o artigo de François Grin, “English as Economic Value: Facts and Fallacies” (2001), direccionado especificamente para a análise económica da questão do “valor” da língua inglesa.

Nas conclusões, os autores do estudo sobre o valor económico da língua portuguesa sustentam que “a língua é um activo valioso cujo valor está correlacionado com o número de utilizadores, pese embora o facto de a sua avaliação carecer do contributo de diferentes perspectivas”. Para tal, são sugeridos três instrumentos, nomeadamente a “Medição dos efeitos de externalidade na migração, comércio e IDE<sup>124</sup>”; a “Medição do valor da língua nas actividades económicas e em % do PIB”; e “O impacto sobre o reconhecimento de pessoas e marcas”. Por último, conclui-se, “O

---

<sup>123</sup> “El peso económico de la lengua española”, Manuel Pimentel, jornal *Cinco Dias*, 01/11/2006

<sup>124</sup> IDE – Investimento Directo Estrangeiro

valor da língua poderia ser melhor estimado através da análise de uma ‘carteira de línguas’ do que através da análise individual de um idioma”, sendo ainda “interessante efectuar esta análise para várias línguas devido à sua forte interacção” (op. cit. 2009).

Como demonstrado, o binómio língua/economia parece, neste contexto, adquirir uma pertinência ímpar, sobretudo quando, a par dos estudos sobre o valor da língua portuguesa, são várias as declarações de altas entidades sobre o fenómeno da importância estratégica e comercial das línguas e, em especial, da língua portuguesa, como prova esta citação de Ana Paula Laborinho, em entrevista à revista *Pública* do jornal *Público*, em 5 de Junho de 2011, sob o título “O português vale mais do que o lugar que a Europa lhe dá”, na qual refere ter ficado muito clara:

a consciência das empresas de que a língua é um activo muito importante do ponto de vista das estratégias de internacionalização. As empresas têm estratégias relativamente às línguas (...) Quando falamos da economia das línguas, também falamos da afirmação das economias nessa língua. (in revista *Pública*, *Público*, 5 de Junho de 2011)<sup>125</sup>

De referir ainda a publicação, em 2010, do documento *A Internacionalização da Língua Portuguesa: Para uma política articulada de promoção e difusão*<sup>126</sup>, com coordenação de Carlos Reis, onde a tradução e a interpretação surgem associadas à estratégia de internacionalização da língua portuguesa, “como um processo eminentemente político de afirmação, de consolidação e de diversificação funcional da língua na cena internacional, enquanto idioma utilizado em países estrangeiros e não lusófonos, em funções convencionalmente culturais e académicas, mas também noutras utilizações que podem garantir e reforçar o prestígio de uma grande língua de cultura (op. cit. 17).

Como confirmação das afirmações acima proferidas, fazemos referência aos dados fornecidos pelo organismo TED, responsável pela organização das célebres TED Talks na Internet, em que é possível verificar a supremacia do Português do Brasil com 958 palestras traduzidas, a que se deverão ainda acrescentar as 486 do Português europeu (Dados de Setembro de 2011).

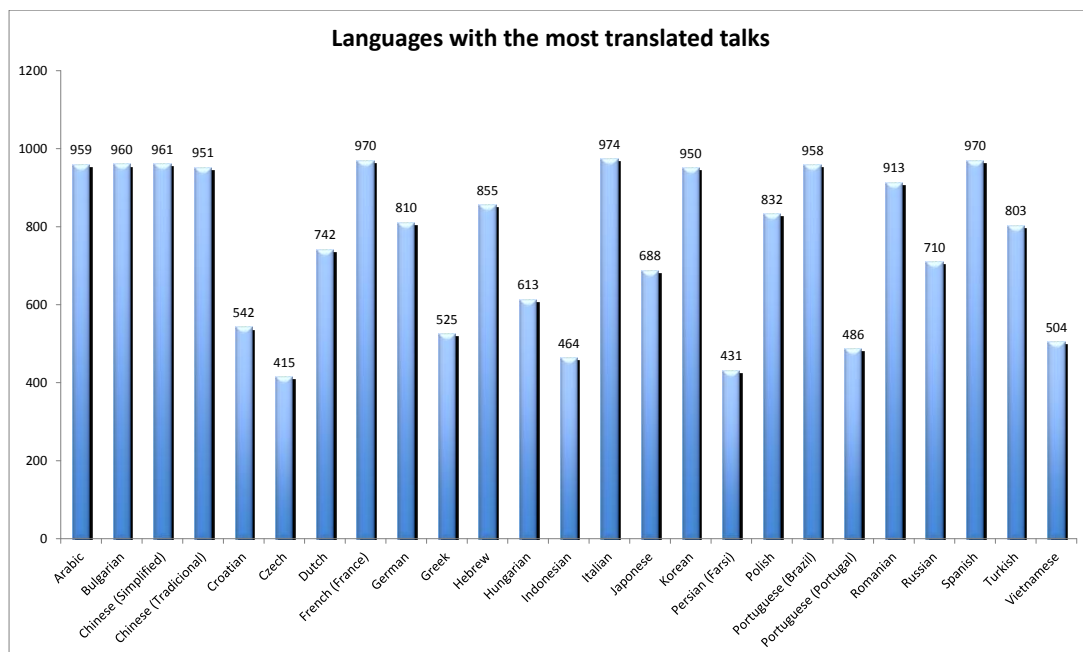
---

<sup>125</sup> Também Manuel Forjaz, mentor do segundo TEDx O’Porto, uma série de conferências segundo o modelo das famosas Ted Talks refere a importância da língua, ao convidar a portuguesa Sandra Fisher-Martins, fundadora da empresa *Português Claro*:

“Acreditamos que a língua portuguesa pode ser um pilar, um trunfo, para a reconstrução do país.” Artigo em linha disponível em [http://sol.sapo.pt/inicio/Sociedade/Interior.aspx?content\\_id=14523](http://sol.sapo.pt/inicio/Sociedade/Interior.aspx?content_id=14523) Data de acesso: 15/08/2011.

<sup>126</sup> Carlos Reis (Coord.), Ana Paula Laborinho, Isabel Leiria, Mário Filipe e Fátima Pinheiro. Gabinete de Estatísticas e Planeamento da Educação (GEPE). Outubro de 2010. Documento em linha disponível em [www.gepe.min-edu.pt](http://www.gepe.min-edu.pt)





**Figura 2.** Línguas mais traduzidas no âmbito das palestras *TED Talks*.

## OS MERCADOS DAS LÍNGUAS

The post-industrial society we are entering will be one of development of creative and intellectual capacities. It will be a society of information and of communication, and it will be able to bring peace if men not only communicate, but also, and above all, understand each other. (van Dijk 1983, vi)

Para analisarmos os mercados das línguas, teremos de remontar até ao ano de 1983, altura em que foi produzido um dos mais importantes relatórios sobre o mercado da tradução, encomendado pela Comissão Europeia ao Bureau Marcel van Dijk, sob o título *Better translation for better communication* (Pergamon Press for the Commission of the European Communities, 1983).

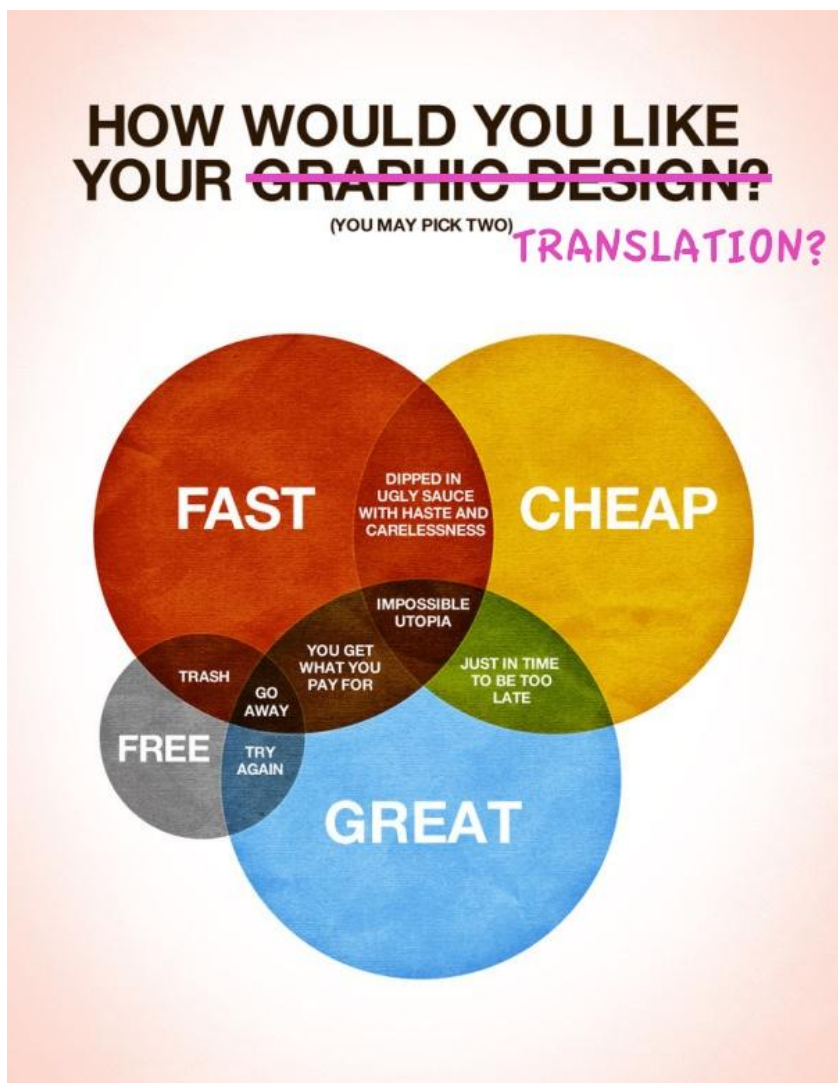
No seu prefácio, Marcel van Dijk (1983) caracterizava minuciosamente a sociedade pós-industrial marcada pelos fluxos da informação e comunicação, e no âmbito dos quais a tradução se afigurava como uma ferramenta absolutamente essencial para melhorar a comunicação. Segundo dados da época, o mercado da tradução escrita rondaria os 150 milhões de páginas por ano, ocupando provavelmente cerca de 175.000 pessoas em regime *full time* ou a tempo inteiro, equivalendo a uma facturação da ordem dos 3 mil milhões de dólares. Este mercado estaria a crescer a um ritmo de cerca de 9 a 10% ao ano e, supostamente, haveria ainda margem de crescimento de 30% caso os preços e os prazos de entrega fossem reduzidos, duas variáveis importantes para avaliar o actual posicionamento face às línguas:

There exists moreover a latent, potencial market of about 30% of the current market, which would appear if there was a fall in prices and delivery times. (...) 50,000 to 150,000 new jobs could be created between now and 1984/85, and considerable more during the following decade. (op cit. v)

Refira-se ainda que, passados vinte anos, a actualidade desta reflexão é total, já que hoje, os três vectores que, para nós, condicionam a prática translatória profissional são precisamente a qualidade, o preço e a rapidez, numa irónica subversão do velho lema olímpico, *Citius, Altius, Fortius*, mais rápido, mais longe (ou alto) e mais forte. A título exemplificativo gostaríamos de partilhar uma visão original e bem-humorada sobre o fenómeno, que encontramos no site da Tradonline, um conhecido gabinete de tradução francês.<sup>127</sup>

---

<sup>127</sup> Infografia disponível em <http://www.tradonline.fr/blog/2011/07/infographie-comment-souhaitez-vous-votre-translation/>



**Figura 3.** O triunvirato condicionador da tradução profissional

Ao nível das conclusões do referido relatório convém sublinhar a importância de novos domínios e tipos de texto emergentes, de cariz mais técnico e especializado, lado a lado com um novo perfil de clientes de traduções, bem mais sensível a factores como custo, qualidade e cumprimento de prazos, para além do crescimento do carácter comercial da tradução e da forma como a oferta parece corresponder às necessidades da procura, através de uma diversificação das principais áreas de negócio e nichos de mercado:

At the level of demand the emphasis is moving from the traditional sectors: literature, law, administration, commerce, to new fields and types of text: scientific and technical reviews articles, patents, standards, minutes of meetings, congress and visit reports, accident reports, installation and maintenance handbooks for large industrial equipment (...)

Unlike the traditional consumers of translations, who were not very concerned about economic profitability, the new requesters are considerably more sensitive to such factors as cost, quality and deadlines.

The commercial character of translation is growing, and a supply market is developing to meet an expanding and diversified demand. This is seen in the increasing professionalism of translators, who are trained in specialized schools, grouped in professional associations, and work in translation services attached to companies and administrations, in private translation agencies, or as freelancers. (op. cit. 1983: viii e ix)<sup>128</sup>

No entanto, e à semelhança de outros estudos mais actuais, o relatório já aponta para uma certa indefinição do mercado, difícil de fixar e mapear com total exactidão, porquanto consubstancia precisamente o mesmo cenário de confluência de vários campos profissionais que parecem colidir num mesmo referencial de precariedade e inconstância, que Hermans e Lambert caracterizam como “preprofessional prototype situation” (op. cit. 123), devido à forma como a tradução acaba por não ser encarada de forma séria pelos agentes responsáveis pelos modelos de gestão:

But alongside these organized and specific structures, there is also an extremely widespread and often occasional translation activity, carried on by numerous secretaries and multilingual executives in undertakings and administrations and by private persons with a more or less intensive knowledge of languages. (...)

From what has been said above it is clear that the volume of the professional translation market is very difficult to establish. Many scattered data have been collected in recent years, but no systematic effort had previously been made to present an overall prognosis of this market. (op. cit. 1983: viii e ix)

Mesmo assim, e apesar das aparentes dificuldades, os autores deste estudo conseguem apresentar, pela primeira vez, dados quantitativos assinaláveis sobre o mercado das línguas, não só ao nível dos valores em jogo, como também o número de profissionais efectivamente envolvidos nesta prática, a nível mundial. Repare-se, contudo, em algo que nos interessa sublinhar, ou seja, no carácter latente de uma dimensão com enorme potencial de crescimento ao nível da procura:

The written translation market is believed to lie currently within a range of from 80 to 240 million pages of 250 words, i.e. 20 to 60,000 million translated words per annum.

---

<sup>128</sup> Ver ainda Steyaerts & Janssens (1997) e Hermans & Lambert (1998).

Taking an average price of 8 European Units of Account (ECU) per 100 words, one arrives at an annual world turnover of between 1.6 and 4.8 milliard ECU (in September 1981, 1 ECU is worth roughly 1 US \$).

The number of professional translators working full time, or expressed in full-time equivalents, is believed to be between 57,000 and 170,000, to which must be added a little more than half that number of secretaries and typists. This yields a total staff of between 90,000 and 260,000 persons involved in producing written translations throughout the world.

For several years this market has been expanding rapidly, without any sign of slowdown, at about 9% per annum, i.e. approximately 55% in five years. But alongside this real market there exists a potential, latent market of unexpressed - or unsatisfied - demand which has not been met primarily for reasons of cost and time. This latent market is believed to represent approximately 30% of the real market. (op. cit. 1983: x e xi)

Na actualidade, segundo a Common Sense Advisory, uma das principais agências dedicadas ao estudo dos fenómenos relacionados com a chamada “indústria das línguas”, o mercado europeu de tradução corresponderá a cerca de 43% do mercado mundial da tradução, equivalente a 6,468 milhões de dólares, em 2009, sendo de prever um crescimento próximo dos 7,331 milhões de dólares em 2010.

Num estudo publicado em 2009 pela mesma Common Sense Advisory, reportando-se ao período entre 2005-2010, sob o título *The European Translation Market - Main Sectors and Drivers for Language Services in Europe*, da autoria de Rocío Txabarriaga, Nataly Kelly e Robert G. Stewart (Novembro de 2009), sem dúvida um dos mais importantes relatórios desenvolvidos no terreno nos últimos anos<sup>129</sup>, tendo em vista o mapeamento do mercado das línguas (Txabarriaga, Kelly & Stewart 2009), a tradução é-nos apresentada como um negócio aparentemente florescente, pelo menos para os chamados “grandes prestadores de serviços de tradução”, conhecidos como *LSP – Language Service Providers* (doravante designados Prestadores de Serviços Linguísticos)<sup>130</sup>. Refira-se que, em 2008, a taxa de crescimento médio dos principais actores no terreno foi bastante elevada, com 22,6%, conquistando cerca de 26% do

---

<sup>129</sup> O outro grande relatório sobre o mercado da tradução data, como já vimos, de 1983, e foi também encomendado pela Comissão Europeia, neste caso ao Bureau Marcel van Dijk, e teve como título final *Better translation for better communication* (Pergamon Press for the Commission of the European Communities, 1983).

<sup>130</sup> Muito embora a Norma Europeia de Serviços de Tradução EN 15038 defina a figura do Prestador de Serviços de Tradução (Translation Service Provider), a verdade é que quase todos os principais actores neste domínio escolhem a nomenclatura mais abrangente de *Language Service Provider* (LSP, Prestador de Serviços Linguísticos), como é o caso de toda a comunicação proveniente da Common Sense Advisory, designadamente:

*Common Sense Advisory defines a “language service provider” as a company with two or more employees that offers services and/or technology related to the transfer of information from one language into another. (The Language Services Market 2011, Kelly & Stewart 2011: 3)*

mercado total, correspondente a 3,8 milhões de dólares em termos de volume de negócios.

De acordo com os dados do relatório de 2009, os prestadores de serviços linguísticos não terão sido afectados pela crise económica, e parecem ter sobrevivido e, literalmente, passado incólumes “à tempestade” ou turbulência económico-financeira, registando-se um aumento dos serviços prestados, correspondente a um crescimento na despesa em serviços neste domínio, apesar da recessão.

Assim sendo, estima-se que o mercado mundial da tradução correspondesse a 8 800 milhões de euros, perspectivando-se um crescimento médio na ordem dos 7,5% por ano até 2010. Por conseguinte, e ainda segundo esses dados, o mercado mundial da tradução poderia facilmente ultrapassar os 12 000 milhões de euros no final da década.

Ainda no âmbito deste estudo realizado pela Common Sense Advisory, Kelly (2010: 2) determina que o mercado de serviços linguísticos terá valido, em 2009, cerca de 23,267 mil milhões de dólares. De acordo com Kelly (2010: 3), e em conformidade com as mudanças anuais associadas à facturação e aos lucros esperados apresentados pelas empresas entretanto analisadas, o mercado dos serviços linguísticos registará um crescimento anual na ordem dos 13,15%. Assim, nos próximos cinco anos, espera-se que o mercado venha a atingir os 38,12 mil milhões de dólares (para uma distribuição regional, ver Tabela 1, abaixo).

Region	Market Share	2009 US\$ M	2010 US\$ M	2011 US\$ M	2012 US\$ M	2013 US\$ M
North America	48.50%	11,284	12,769	14,448	16,347	18,497
Northern Europe	19.00%	4,421	5,002	5,660	6,404	7,246
Western Europe	11.10%	2,583	2,922	3,307	3,741	4,233
Southern Europe	8.59%	1,999	2,264	2,559	2,895	3,276
Asia	7.67%	1,785	2,019	2,285	2,585	2,925
Eastern Europe	4.49%	1,045	1,182	1,338	1,513	1,712
Latin America	0.35%	81	92	104	118	133
Africa	0.18%	42	47	54	61	69
Oceania	0.13%	30	34	39	44	50
<b>Growth Totals</b>	<b>100%</b>	<b>23,267</b>	<b>26,327</b>	<b>29,789</b>	<b>33,706</b>	<b>38,138</b>

**Tabela 1.** Estimativa dos lucros projectados em termos de serviços linguísticos e distribuição regional.

**Fonte:** Common Sense Advisory, Inc.

Porém, são vários e discrepantes os valores e as referências sobre o mercado, mas também indicadores da pujança e vitalidade deste domínio.

Em termos indicativos, no seu livro *Profession: Traducteur* (2002), Daniel Gouadec tenta caracterizar o mercado das línguas num capítulo precisamente dedicado aos mercados das línguas, aludindo a outro relatório desenvolvido pelo *Bureau Van Dijk Ingénieurs Conseils* em 1997, a pedido da DG XIII, da Comissão Europeia, cujas conclusões apontavam, à época, para os seguintes valores:

- Chiffre d'affaires de la traduction et de l'interprétation (marché libre, hors services interne): 3,75 milliards d'Euros (10 € par habitant), soit 0,52% do PNB.
- 82 000 traducteurs et interprètes en Europe, soit 380 par million d'habitants PLUS 20% à 25% d'équivalents temps plein supplémentaires correspondant au marché captive (essentiellement: organismes publics nationaux et internationaux, organisations internationales diverses, services internes de traduction).
- 80% du marché pour la traduction spécialisée, 20% pour la traduction éditoriale
- Langue de depart – prioritairement l'anglais
- De 1994 à 1997 le volume de traduction a augmenté de 55%, mais le nombre d'emplois n'a progressé que de 18%. (Gouadec 2002: 88)

Mais recentemente, a Common Sense Advisory publicou as suas previsões para o mercado mundial da tradução, com base num inquérito desenvolvido junto das 30 principais empresas de tradução do mundo, sendo que as mesmas revelaram um menor optimismo em relação ao ano transacto, com base nos 15 milhões de euros registados em 2009 (contra as previsões que apontavam para 16,7 milhões no mesmo ano). Segundo a mesma taxa de crescimento, é provável que o mercado venha a atingir em 2012 os 22,5 milhões de euros (contra os 25 milhões antecipados para o ano anterior). Nesse estudo, Renato Beninatto (2009: 1), um dos nomes mais sonantes da tradução profissional, aponta para um volume de mercado de 25 mil milhões de dólares em 2013 (ver Tabela 2, abaixo).

Região	Quota de Mercado	2009 (M\$)	2010 (M\$)	2011 (M\$)	2012 (M\$)	2013 (M\$)
Europa	43%	6 468	7 331	8 409	9 703	10 781
E.U.A.	40%	6 074	6 884	7 896	9 111	10 123
Ásia	12%	1 735	1 965	2 255	2 601	2 891
Resto do Mundo	5%	722	818	939	1 083	1 203
<b>TOTAL</b>	<b>100%</b>	<b>15 000</b>	<b>17 000</b>	<b>19 500</b>	<b>22 500</b>	<b>25 000</b>

**Tabela 2.** Estimativa dos lucros em serviços linguísticos para 2009-2013 em milhões de dólares

**Fonte:** Common Sense Advisory, Inc.

Por outro lado, o relatório da Common Sense Advisory revela ainda que, regra geral, os lucros da maioria dos LSP não ultrapassam a marca do milhão de euros, muito embora, apesar das convulsões económicas, o mercado tenha, de facto, crescido para a maioria desses prestadores de serviços de tradução, indicando que as despesas nesse tipo de serviços aumentaram, não obstante a recessão.

Outro dado curioso diz respeito à forma como os grandes compradores de serviços de tradução parecem dispendir as mesmas quantias nesse sector, muito embora os pequenos compradores, ou seja, os pequenos clientes, estejam a investir mais neste serviço.

Ainda de acordo com o relatório da Common Sense Advisory (2009), e em consonância com os dados apresentados pelo já citado estudo ELAN (2010), resulta a noção de que as economias eminentemente orientadas para a exportação dependem largamente dos serviços das línguas, isto aliado ao facto de que as economias emergentes estão a investir cada vez mais na Europa, apesar daquilo que os autores descrevem metaforicamente como “os altos e baixos da economia que vão pontuando os caminhos do mercado”.<sup>131</sup>

Outra das tendências em crescente desenvolvimento diz respeito à forma como, por um lado, as políticas europeias e mundiais vão afectando a natureza da oferta e da procura no terreno, nomeadamente as directivas europeias, legislação, regulamentos, directrizes institucionais e, por outro, os negócios e a natureza da prestação dos serviços linguísticos vão sendo realizados maioritariamente “in the cloud”, na “nuvem” e em rede, de forma informal sob a capa do trabalho voluntário e em regime de “crowdsourcing” (O’Hagan 1996 e 2009)<sup>132</sup>, pelo que a localização em si, ou seja, o próprio espaço geográfico parece deixar de ter significado a este nível. De facto, esta conclusão está em sintonia com os desígnios da globalização dos serviços linguísticos e da nova configuração da paisagem da prestação de serviços no domínio das línguas, num cenário já previsto por José Lambert (Lambert 1989 e 2004)<sup>133</sup>, Michael Cronin (Cronin 2003), Anthony Pym (Pym 2004) e Manuel Castells (Castells 2000 e 2005)<sup>134</sup>,

---

<sup>131</sup> No original, o subcapítulo tem como título “Economic Twists and Turns Dot the Language Market Path.” (op. cit. 2009: 35).

<sup>132</sup> *The Coming Industry of Teletranslation*, Multilingual Matters, 1996 e, mais recentemente, a edição de um volume da *Linguistica Antverpiensia*, dedicado ao tema *Community Translation: Translation as a Social Activity and Its Possible Consequences* (Dezembro de 2011)

<sup>133</sup> Lambert, José (1989) “La traduction, les langues et la communication de masse. Les ambiguïtés du discours international”. E ainda a entrada “Translation and globalization of the modern world”, publicada no volume *Übersetzung, Translation, Traduction* (2007)

<sup>134</sup> *The Rise of the Network Society (The Information Age: Economy, Society and Culture)* (2000) e *The Network Society: A Cross-Cultural Perspective* (2005)



sem fronteiras, onde as lógicas de produção em rede, via Internet e teletrabalho vigoram.

Exemplo destas tendências associadas aos novos formatos e configurações do mundo do trabalho são os casos do “coworking”<sup>135</sup>, por exemplo, ou “cotrabalho”, pela partilha dos mesmos espaços por parte de um grupo de profissionais, ideia que terá nascido no Canadá e EUA, e que parece ter algum sucesso em França, por exemplo, conforme demonstra a comunicação feita por esta empresa, dirigida à comunidade de tradutores:

Chers travailleurs de l'ombre, chers indépendants, chers traducteurs,

Beaucoup d'entre vous travaillez depuis votre domicile, ce qui présente des avantages il faut en convenir, mais peut parfois être pesant. Pour savoir si vous êtes fait pour le télétravail, répondez au petit questionnaire ci-dessous: si vous répondez oui à plus de 3 des affirmations suivantes, peut-être est-ce le moment de penser à une solution alternative!

- je me lève vers 11h et je travaille jusqu'à minuit – ou le contraire;
- j'ai un stock de pantalons informes mais ultra confortables pour travailler, sinon le pyjama c'est bien aussi ;
- je parle à plus de gens par Internet / téléphone qu'en vrai dans une journée ;
- je parle aussi à mon chat / chien et dans les cas extrêmes, à mon ordinateur ;
- j'ouvre plus de 10 fois par jour la porte de mon frigo ;
- par contre j'oublie parfois de manger ou je déjeune à 15h30 ;
- j'oublie aussi le café et m'en rappelle quand il est froid ;
- je gère de front mon travail et les tâches domestiques ;
- je peux passer plusieurs jours sans sortir.<sup>136</sup>

<sup>135</sup> Ver <http://fr.wikipedia.org/wiki/Coworking>

<sup>136</sup> Disponível em <http://www.tradonline.fr/blog/2011/07/traducteur-traductrice-decouvrez-le-coworking-une-nouvelle-maniere-de-travailler/>

## DAVID CONTRA GOLIATH – AS EMPRESAS PERANTE AS LÓGICAS FRACTURANTES DOS MERCADOS

Por último, o relatório indica ainda o carácter absolutamente estratégico e crucial da necessidade de investimento em serviços de língua para a consolidação do crescimento da economia, terminando, contudo, com uma imagem bastante esclarecedora do actual *status quo* em que a prestação de serviços decorre. A afirmação “Most Providers Are Davids, Comparing Themselves to Goliath” aponta para um significativo desequilíbrio de forças actual e uma instabilidade difíceis de colmatar, bem como um clima concorrencial desregulado, ténue e tenso, e um equilíbrio precário, já que a maioria dos prestadores de serviços de tradução será, na sua essência, composta por agências de pequena dimensão, com menos de três funcionários, que são obrigadas a competir com empresas substancialmente maiores e bem mais poderosas em termos de diversificação e oferta dos serviços.

Apesar de discutível, e de estar relativamente datada à luz da nova matriz do mercado, por uma questão de sistematização terminológica, aproveitamos para colocar aqui a distinção feita por Francisco Magalhães entre “empresas de tradução”, “gabinetes de tradução” e “agências de tradução” (Magalhães 1996):

- as empresas de tradução consideram-se diferentes das agências e gabinetes de tradução. A diferença consiste em que as ET “empregam” directamente tradutores, que podem trabalhar nos seus escritórios, beneficiar de apoio linguísticos, terminológico e, em alguns casos, de revisor especializado e de contactos directos com o cliente para se informarem sobre a terminologia e a cultura temática. Para tarefas especializadas, as ET “empregam” um certo número de TrI (Tradutores Internos) que trabalham em casa, à imagem do que acontece com as agências e gabinetes de tradução, É este o regime que as ET utilizam sempre que precisam de recorrer a revisores técnicos, tais como advogados, engenheiros, médicos, etc.

- os gabinetes de tradução podem ser públicos ou privados e podem ter características semelhantes às empresas. Geralmente, oferecem uma variedade de serviços na área, tal como o ensino das línguas, preparação de documentos e outros.

- as agências de tradução são, na maioria dos casos, meras “caixas de correio” (do ponto de vista das empresas de tradução) entre o cliente e o Tr (Tradutor), não dão apoio a este último, não têm revisores especializados e não permitem que o Tr contacte directamente o cliente para esclarecer dúvidas. As agências prestam geralmente outros serviços que não têm nada a ver com

línguas (e ainda menos com tradução). O objectivo das agências é reter no processo lucros fáceis e substanciais. (Magalhães 1996: 90)<sup>137</sup>

Num contexto bastante mais actual, Daniel Gouadec (2002) estabelece uma distinção mais aprofundada a propósito da definição dos vários tipos de empresas de tradução (op. cit., página 102 e seguintes), com especial destaque para aquilo que o autor sublinha como “empresas oportunistas”, que integram a tradução como uma actividade oculta, e as “pseudo-empresas”, neste caso, reveladoras de uma prática também bastante comum em Portugal, ou seja, a existência de um “objecto social que, na verdade, esconde, de facto, um tradutor individual, algo que, por si só, pode consubstanciar um exemplo de concorrência desleal, já que o trabalhador independente não suporta os custos, as despesas e os encargos fiscais inerentes a uma empresa, bem como o facto de esta pseudo-empresa, não ser, na verdade, uma empresa que produz traduções a nível interno, funcionando antes como uma agência de subcontratação de tarefas, que se encarrega de delegar projectos e subcontratar trabalhos em regime de *outsourcing*, deles retirando a respectiva comissão, muitas vezes sem qualquer controlo da qualidade, como por exemplo ao nível da revisão (Gouadec 2002: 108).

Da análise do relatório acima mencionado (Txabariaga, Kelly & Stewart 2009), sobressaem algumas conclusões merecedoras de destaque, sobretudo relacionadas com factos que nos permitem olhar com alguma perplexidade para a enorme fragmentação e dispersão ou pulverização do mercado, nomeadamente pela forma como, conforme dados das suas conclusões, as pequenas empresas parecem dominar inexoravelmente o panorama dos principais fornecedores europeus.

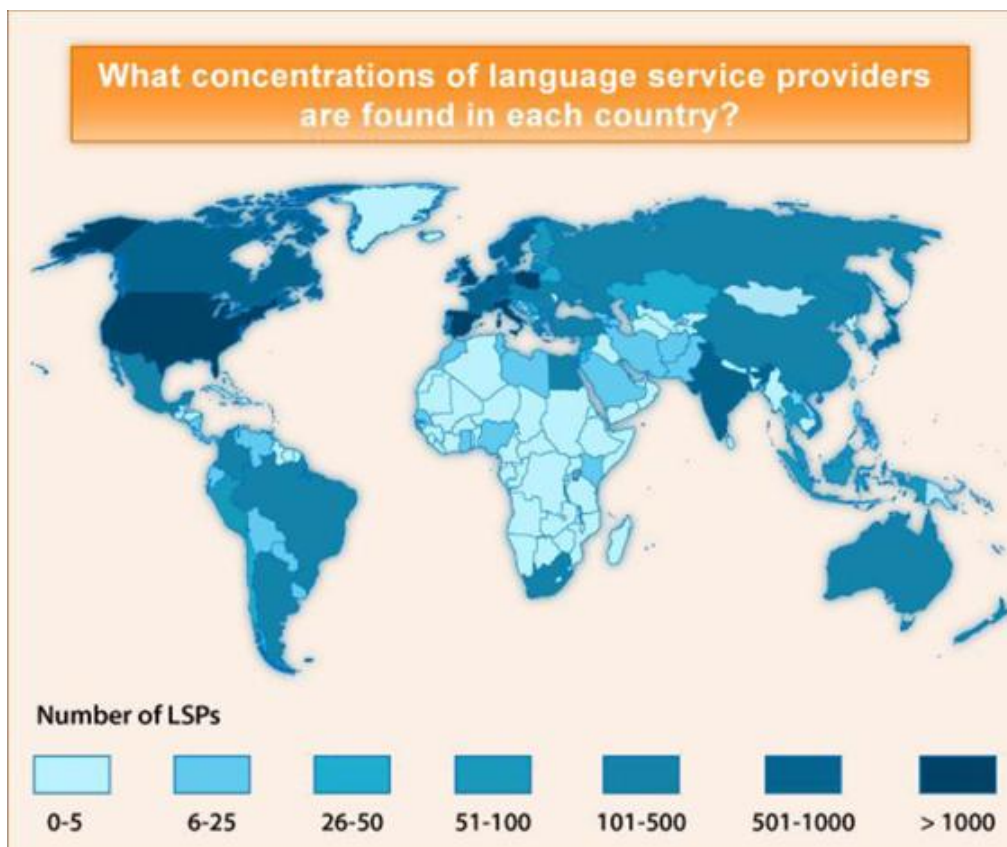
Pela análise dos gráficos seguintes observamos que a grande maioria do mercado está, de facto, concentrado em duas regiões do mundo: a Europa e a América do Norte, segundo dados do estudo realizado por Kelly (2010: 3) (ver Figura 4). Sendo que a

---

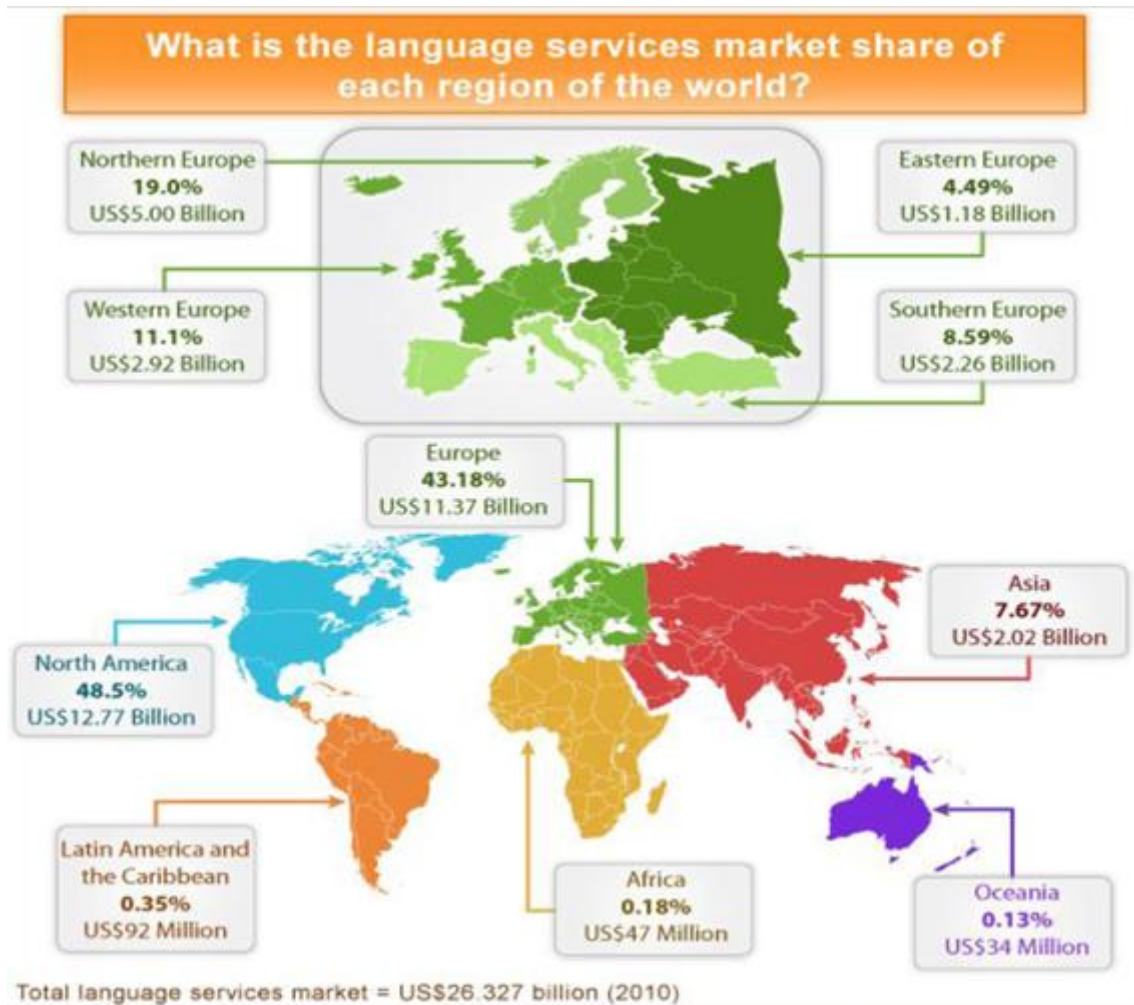
<sup>137</sup> Repare-se como o conceito de “Agência de tradução” surge definido de forma vaga e abrangente no sítio *Kwintessential*, mais um dos fornecedores de serviços de tradução à escala global, identificando-se através dos convenientemente genéricos e quase delirantes *buzzwords* como “Multilingual Business Services and Training”, “Intercultural Communication” e “Cross Cultural Training”, *soundbytes* que povoam a Internet, no seu dicionário de termos de tradução, como comprova o seguinte exemplo:

**Translation agency:** A translation agency provides translation services. They will oversee translation projects for clients ensuring they are carried out and delivered on time. Some translation agencies may also provide interpreters, multilingual DTP and other language related services such as multilingual website design (Disponível em <http://www.kwintessential.co.uk/translation/articles/translation-terms.html>) (Data de acesso: 15/05/2011)

quota de mercado dos serviços linguísticos revela o predomínio dos continentes europeu e norte-americano, respectivamente com 43,18% e 48,5%.



**Figura 4:** Densidade populacional – Prestadores de Serviços Linguísticos (Repartição por região)  
**Fonte:** Common Sense Advisory, Inc.



**Figura 5:** Percentagem do mercado global dos Prestadores de Serviços Linguísticos por região  
**Fonte:** Common Sense Advisory, Inc.

## NOVAS TENDÊNCIAS NO DOMÍNIO DA INDÚSTRIA DAS LÍNGUAS

Abundam, como já vimos, os estudos sobre a indústria das línguas, pelo que é difícil mapear criteriosamente os efeitos que as línguas produzem na economia, muito embora seja de destacar o facto de o seu peso ser bastante significativo e relevante. No mesmo quadrante, a empresa MyGengo <http://mygengo.com/><sup>138</sup> lançou também um estudo sobre o estado actual da indústria da tradução em 2009, denominado *State of the Translation Industry - Smarter, more casual 2009*, em 12 de Outubro de 2009, onde são feitas várias constatações sobre o mercado. Por um lado, prevê-se que a indústria da tradução venha a registar um crescimento anual da ordem dos 11% durante os próximos 5 anos, sobretudo graças à crescente procura de novos mercados em zonas marcadas pelo surgimento de novas línguas emergentes, e à expansão da comunicação *online*:

The translation industry is estimated to grow by almost 11% per year over the next 5 years, fueled by demand for business in emerging market languages and expanding online communication. (Relatório MyGengo 2009: pág. 2)

Por outro lado, verifica-se ainda um número cada vez maior de clientes que se movem por outros desígnios que não simplesmente a qualidade, e que estão cada vez mais preocupados com questões acessórias e paralelas como acessibilidade, facilidade e conveniência, preço e rapidez na prestação dos serviços, factores que parecem afectar o próprio reenquadramento da profissão, e que nos reenviam para o estudo elaborado por van Dijk em 1983.

Digna de destaque será ainda a orientação mais recente no domínio profissional, e que aponta para o surgimento de novas tendências direccionadas para um maior enfoque na tradução automática, tradução “híbrida”<sup>139</sup> ou pós-edição, traduções produzidas no contexto das comunidades ou redes sociais e em regime de *crowdsourcing* e, por último, o predomínio da tradução dita ‘informal’, o que parece, de facto, afectar o modelo e a lógica de organização da prestação do serviço segundo uma óptica profissional e comercialmente enquadrada. (MyGengo 2009). E, ao mesmo tempo, suscitar uma reacção de aparente desconforto e instabilidade por parte da

---

<sup>138</sup> Documento em linha disponível em <http://mygengo.com/report/translation-industry-2009> Data de acesso: 24 de Janeiro de 2011.

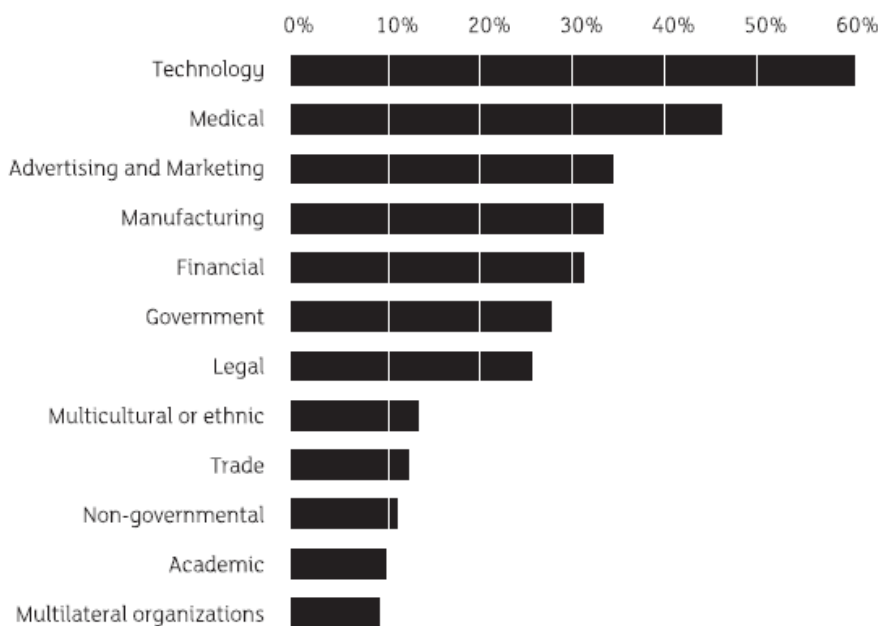
<sup>139</sup> Por tradução híbrida, entende-se uma técnica que permite conciliar a utilização das ferramentas de tradução assistida, também conhecidas como *CAT tools*, com a tradução dita automática.

comunidade de tradutores profissionais (Kelly 2009)<sup>140</sup> perante a ascensão meteórica e descontrolada daquilo que Andrew Keen designa como “the cult of the amateur” (Keen 2007):

Because democratization, despite its lofty idealization, is undermining truth, souring civic discourse, and belittling expertise, experience, and talent. As I noted earlier, it is threatening the very future of our cultural institutions. I call it the great seduction. The Web. 2.0 revolution has peddled the promise of bringing more truth to more people – more depth of information, more global perspective, more unbiased opinion from dispassionate observers. But this is all a smokescreen (Keen 2007: 16) <sup>141</sup>

Para Matthew Romaine (2009: 7), autor do referido relatório publicado pela MyGengo citando dados da Common Sense Advisory, os três principais sectores clientes de serviços linguísticos são, respectivamente, o sector tecnológico, a saúde, e a publicidade e o *marketing*.

### What are the top sectors for language services?



**Figura 6.** Principais sectores em termos de procura de serviços linguísticos

Na verdade, conforme demonstram os dados acima, o mundo das línguas mudou rapidamente, pelo que o aumento exponencial dos dados, o fluxo de textos e conteúdos

<sup>140</sup> Citado em O’Hagan *Community Translation: Translation as a Social Activity and Its Possible Consequences*; Editors: Minako O’Hagan (Dublin City University, Ireland), Publisher: Department of Translation and Interpreting (Artesis University College Antwerp, Belgium). *Linguistica Antverpiensia* New Series - Themes in Translation Studies.

<sup>141</sup> *The Cult of the Amateur: How Today’s Internet is Killing Our Culture*.

multilingues, a sobreposição de redes, a queda abrupta dos preços, a sofisticação tecnológica e o crescente protagonismo das novas comunidades na Internet sugerem-nos a necessidade de adoptar mudanças radicais e estratégicas, como refere, por exemplo, uma das importantes referências dos novos ambientes tecnológicos associados à tradução profissional, Kirti Vashee, autor do blogue eMpTy Pages, que nos descreve de forma lúcida os novos mercados em jogo, apresentando uma lista das principais tendências a seguir no futuro, nomeadamente:

- O aumento das solicitações para a tradução de conteúdos cada vez mais diversificados e multilingues, aliado aos baixíssimos orçamentos envolvidos;
- A Internet como principal elemento instrumental responsável pela criação de um mercado de dimensões astronómicas, ávido de traduções;
- A diminuição significativa do preço à palavra nos últimos dez anos, a par das constantes exigências de maior produtividade;
- O crescente desenvolvimento de novas competências ao nível da gestão de projectos, optimizadas em torno do processo designado através da sigla TEP (*Translation, editing and proofreading*);
- A omnipresença das tecnologias baseadas em memórias de tradução, sobretudo como forma de lidar com conteúdos com um grau de repetição e fragmentação cada vez maior;
- A utilização de *Translation Management Systems* (TMS) para gerir projectos de dimensão considerável e, ao mesmo tempo, aumentar a eficácia e a produtividade;
- A importância de novos modelos de produção alicerçados na noção de comunidade e colaboração em rede, como uma opção legítima e viável para lidar com certos projectos de complexidade e especificidade superiores;
- O predomínio de novas variáveis associadas ao valor da velocidade e agilidade na gestão dos projectos em tempo real;
- O valor dos chamados conteúdos estáticos continua a decrescer, sendo que muitas empresas encaram o conteúdo dinâmico e comunitário como uma mais-valia, apresentando um valor acrescentado superior para o cliente global;



- Muitos dos especialistas mundiais defendem que os processos tradicionais e as lógicas de organização do trabalho estão ultrapassados, sendo que a tecnologia subjacente à tradução automática deverá ser desenvolvida e aperfeiçoada de forma a poder enfrentar as necessidades crescentes decorrentes da rapidez do acesso e circulação da informação.

## A INDÚSTRIA DAS LÍNGUAS EM 2011

Já no presente ano, e de novo pela mão da Common Sense Advisory, Nataly Kelly e Robert G. Stewart editaram um novo relatório anual *The Language Services Market: 2011 – An Annual Review of the Translation, Localization, and Interpreting Services Industry* (2011). De realçar, a título de curiosidade, que o termo “indústria” acaba, neste caso, por ser extensível, não só aos serviços de tradução, mas também à localização e, em especial, à interpretação.

Relativamente aos dados apresentados, gostaríamos de destacar dois pontos preliminares que nos parecem essenciais, por contribuírem para a caracterização de um mercado debilmente consolidado. Desde logo, o facto de muitos destes LSP (*Language Service Providers*) não se enquadrarem nesse rótulo, preferindo apresentar-se como “business process outsourcing (BPO) firms”, no âmbito daquilo que muitos designam como a terceirização de processos de negócios:

**Some LSPs do not consider themselves LSPs.** We are fully aware that there are many business process outsourcing (BPO) firms that do not consider themselves to be providers of translation and localization services, even though they do offer these services. However, we also know from our research that many BPO firms outsource the bulk of their own language-related work to traditional LSPs. One of the reasons many BPO firms do this is to avoid having a massive headcount, which in turn affects their average revenue per employee. (op. cit. 5)<sup>142</sup>

E, em segundo lugar, o facto de a aparente invisibilidade de muitas empresas e prestadores de serviços linguísticos continuar a ser um óbice ao real mapeamento e circunscrição do mercado:

**Some companies choose to stay “invisible.”** If an LSP is not advertising anywhere and is not listed in any government or business directories – in other words, if it does not even have a physical address available – it is impossible for us to contact the LSP to include it in our study. While research methods do exist to identify and estimate the size of “invisible” populations, we

---

<sup>142</sup> Esta é uma prática comum, conforme prova o email que recebemos por parte de uma multinacional do sector, aludindo à tão propalada *terceirização*:

“Caros senhores vimos por este meio contacta-los com o intuito de aferir a vossa disponibilidade para colaborar connosco.

Somos um empresa de consultoria que de algum tempo a esta parte tido varios trabalhos de tradução técnica de documentos, **tendo em conta a demanda necessitamos de tercerizar muitos desses trabalhos.** Assim sendo tomamos a liberdade de vós contactar pois buscamos pessoas experientes e altamente responsaveis e comprometidas com o trabalho que tenham disponibilidade e interesse em colaborar connosco.

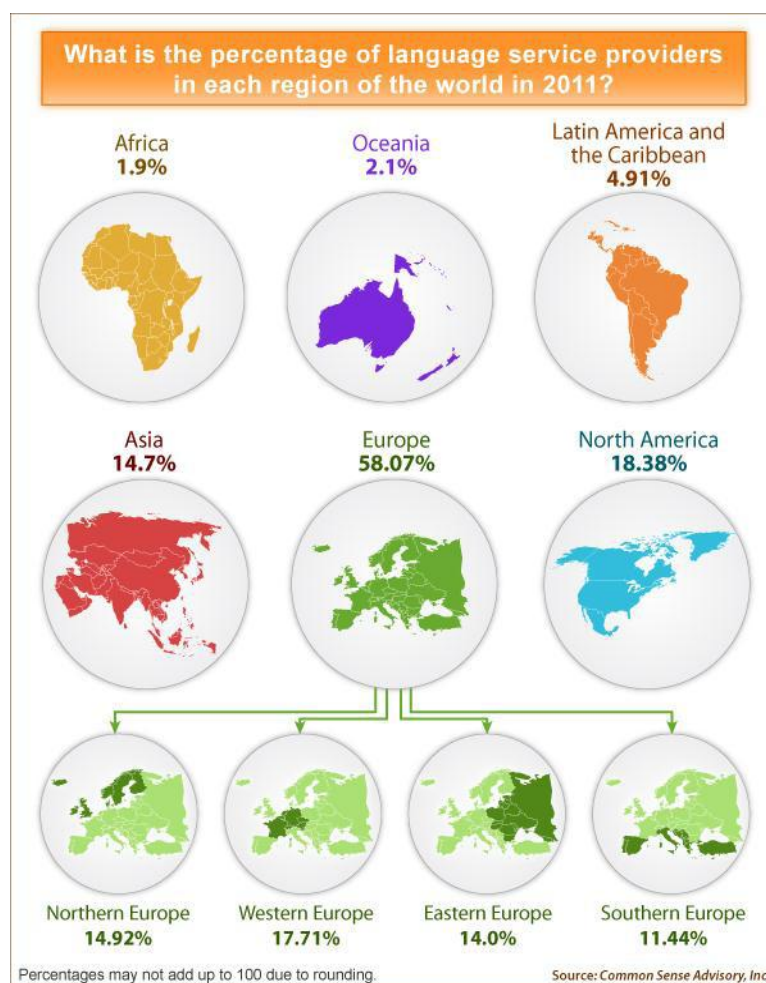
Caso reunam os requisitos supracitados queiram por favor contactar-nos por este via ou utilizando o terminal \*\*\*\*”

believe that the majority of such firms either would not meet our requirements for being considered an LSP or do not contribute significantly to the overall market size. (op. cit. 5)

Quanto à real dimensão do mercado correspondente aos serviços de língua subcontratados, a empresa responsável pela realização deste estudo concluiu que o mesmo situar-se-á perto dos 32 mil milhões de dólares em 2011:

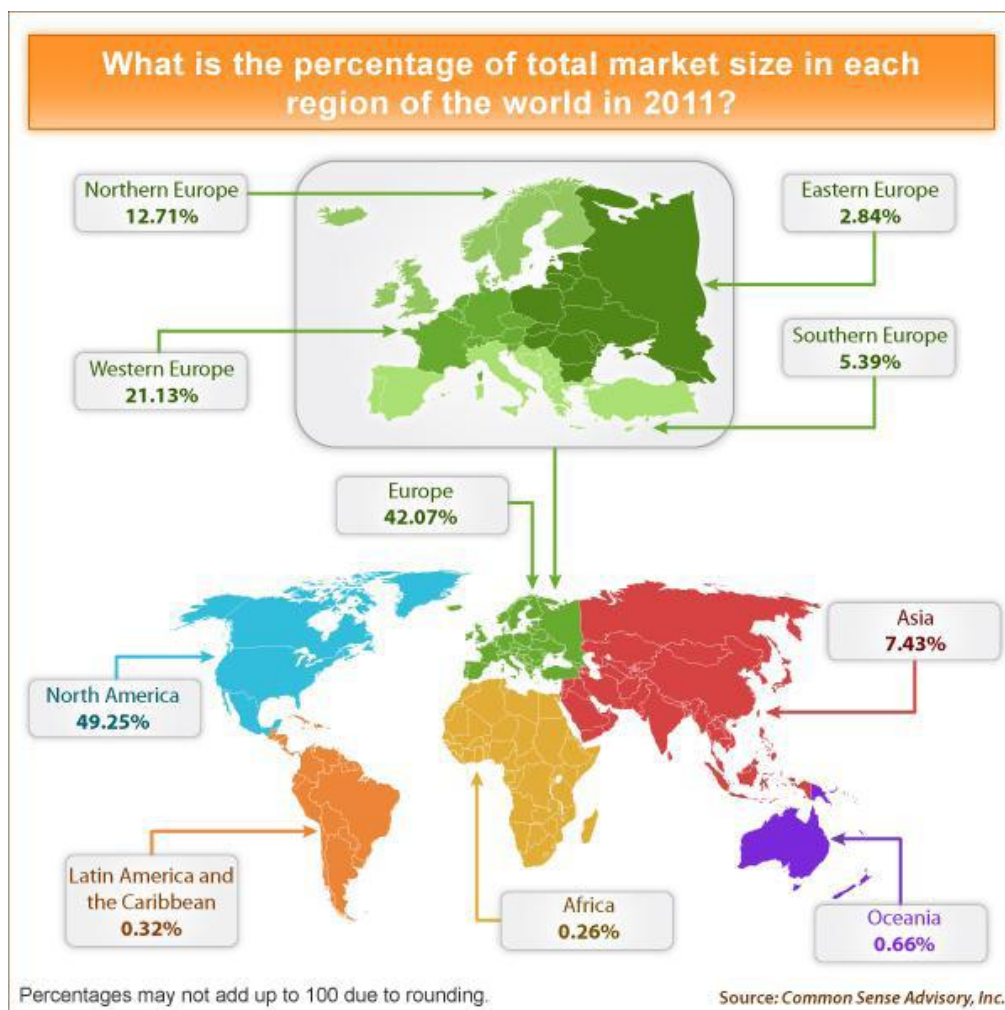
Common Sense Advisory calculates that the market for outsourced language services is worth US\$31.438 billion in 2011. (Common Sense Advisory 2011: 11)

Em termos de distribuição regional dos Prestadores de Serviços Linguísticos durante o ano de 2011, verificamos, conforme análise do gráfico abaixo, que a grande fatia se encontra na Europa, com mais de 50 por cento, sendo que, neste caso, uma análise mais detalhada revela que o sul da Europa se apresenta como a área com menor concentração de profissionais de línguas e tradução, com 11,4%.



**Figura 7:** Distribuição regional dos Prestadores de Serviços Linguísticos em 2011  
**Fonte:** Common Sense Advisory, Inc.

Quanto à dimensão do mercado, os dados apontam para a sua concentração em duas grandes regiões geográficas mundiais, ou seja, a Europa e a América do Norte. Tal como acima indicado, e de forma a permitir uma maior visibilidade da distribuição do mercado, os autores do estudo dividiram a Europa em quatro grandes regiões, sendo que, neste caso, o sul da Europa surge em terceiro lugar, com 5,39%, atrás do norte, com 12,71%, e do centro da Europa (Europa ocidental), de longe o espaço geográfico onde há uma maior expressão do mercado com 21,13%.



**Figura 8:** Percentagem / quota de mercado dos serviços linguísticos por região  
**Fonte:** Common Sense Advisory, Inc.

Sob o título “The Market Keeps Growing, but Not as Fast as Previously Thought”, o estudo sublinha que o mercado das línguas está actualmente a crescer a uma percentagem anual de 7.41%, sendo de prever que, nos próximos cinco anos, o mesmo venha a atingir os 38.96 mil milhões de dólares. Por outro lado, os fornecedores norte-americanos continuam a deter uma percentagem praticamente idêntica do

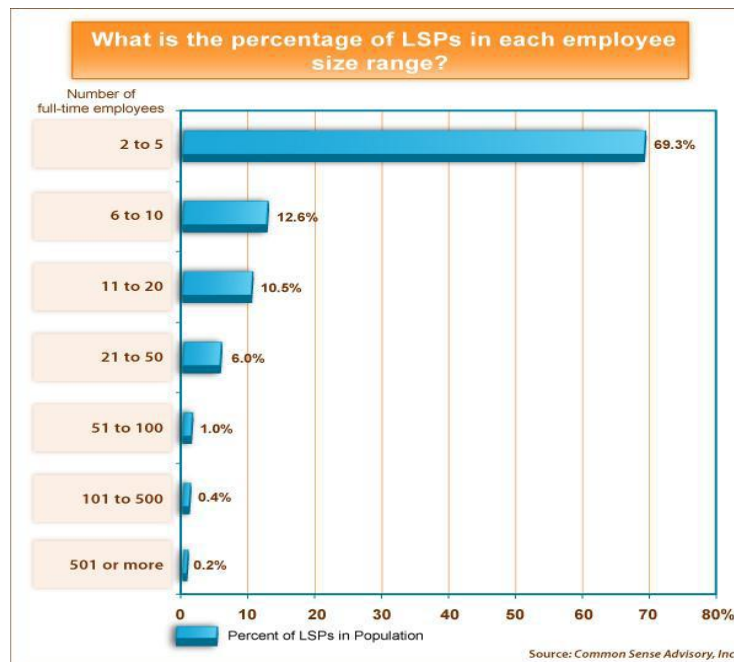
mercado global, com 49.25% este ano, em comparação, com os 48.5% do ano passado, enquanto a Europa ocidental subiu para a segunda posição, com 21.13% da quota global do mercado, precisamente devido à importância e valor significativo do PIB de países como a França, Alemanha e Suíça.

Region	Market Share	2010 US\$ M	2011 US\$ M	2012 US\$ M	2013 US\$ M	2014 US\$ M
North America	49.25%	14,415	15,483	16,631	17,864	19,188
Western Europe	21.13%	6,186	6,644	7,137	7,666	8,234
Northern Europe	12.71%	3,720	3,995	4,292	4,610	4,951
Asia	7.43%	2,175	2,336	2,509	2,695	2,895
Southern Europe	5.39%	1,577	1,694	1,820	1,955	2,100
Eastern Europe	2.84%	832	894	960	1,031	1,107
Oceania	0.66%	192	207	222	238	256
Latin America	0.32%	95	102	110	118	126
Africa	0.26%	77	83	89	96	103
<b>Growth Totals</b>	100.00%	29,268	31,438	33,768	36,271	38,960

**Tabela 3:** Estimativa dos lucros em serviços linguísticos e distribuição regional (previsão 2014)

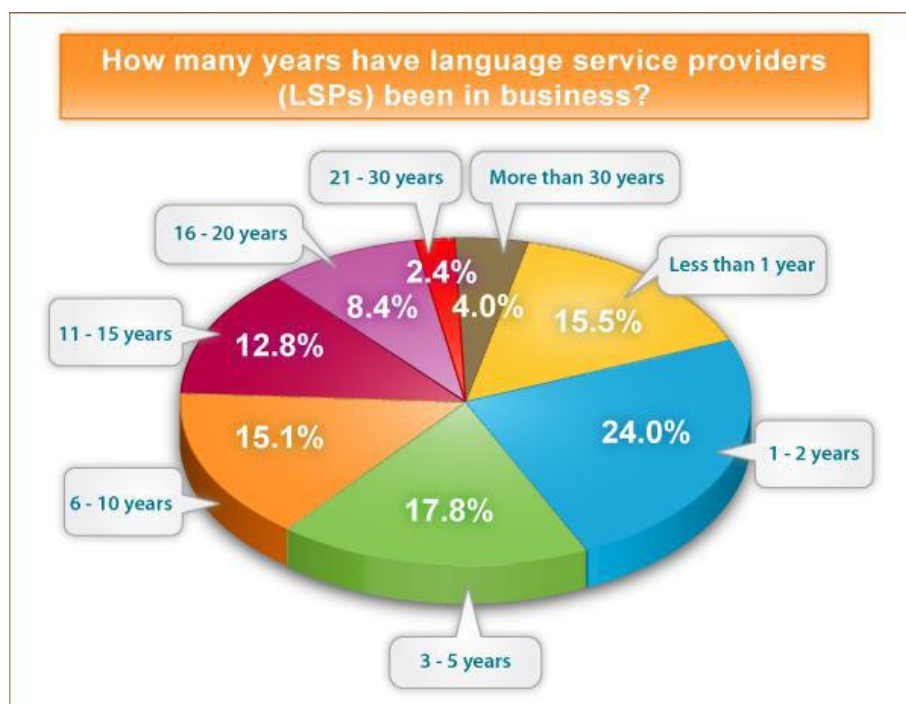
**Fonte:** Common Sense Advisory, Inc.

Utilizando o sugestivo título “While Large Firms Are Few in Number, the Masses Are Small but Mighty”, em que coloca mais uma vez, frente a frente, os colossos da indústria e as “massas”, alegadamente minoritárias, mas poderosas, os autores descrevem, em termos metafóricos, um mercado que partiu de cerca de 25 256 LSP, dos quais alguns “full-time employees (FTEs)”, e que é maioritariamente caracterizado por empresas de pequena dimensão, apenas com dois a cinco funcionários, algo que é descrito como “a highly fragmented industry that’s absolutely full of tiny companies” (ver Figura 9), o que, como veremos, está em consonância com a proliferação de PME em Portugal, por exemplo.



**Figura 9:** Número de LSP (Prestadores de Serviços Linguísticos) a nível mundial por dimensão das empresas/nº de funcionários **Fonte:** Common Sense Advisory, Inc.

Outro dado de especial interesse, e que encontrará reflexo no nosso estudo, prende-se com o número de anos em que estes profissionais estão no mercado. Uma considerável percentagem de LSP encontra-se em actividade há mais de 10 anos (27.6%). No entanto, grande parte das empresas está há muito poucos anos no mercado, sendo que a maioria está a iniciar a sua actividade, já que mais de metade (57.3%) se encontra em funções há cinco anos ou menos (ver Figura 10).



**Figura 10.** Número de anos de experiência do LSP **Fonte:** Comomn Sense Advisory

Seguindo uma tendência que os autores classificam como “translation-centric”, a tradução é o serviço que regista um crescimento mais rápido e consolidado para o LSP, logo seguido da globalização de sítios web e localização de software, seguindo-se ainda interpretação e localização de conteúdos multimedia. A seguinte tabela regista os serviços com uma maior incidência e projecção em termos de crescimento:

<b>Fastest-Growing Services</b>	<b>Percent 2010</b>	<b>Percent 2011</b>	<b>Percent Change</b>
Translation	60.16	59.32	-1.40
Multimedia localization	9.48	10.20	7.62
Software localization	18.27	16.56	-9.36
Website globalization	19.64	18.31	-6.79
Technology / software	8.65	6.91	-20.15
International testing / QA	6.18	5.81	-6.01
Internationalization services	6.32	4.06	-35.75
Business process outsourcing	3.85	2.74	-28.76
On-site interpreting	12.36	13.71	10.90
Telephone interpreting	7.42	7.79	5.02
Video interpreting	2.47	3.62	46.41
Subtitling	5.49	5.59	1.74
Voice-over / dubbing / narration	7.42	6.47	-12.78
Transcreation	4.53	4.61	1.70
Other services	5.08	6.14	20.81

**Tabela 4:** Serviços com mais rápido crescimento entre 2010 e 2011

**Fonte:** Common Sense Advisory, Inc.

Em termos de segmentação dos serviços ao nível do mercado, a maior percentagem do rendimento destes actores deriva essencialmente da tradução, sendo que este segmento específico ocupa, actualmente, 45.68% do mercado total (ver Tabela 5), logo seguida pela interpretação como a segunda mais importante área de oportunidade, com 14.44% do mercado, localização de *software* (6.55%) e globalização de sítios *web* (4.72%).

<b>Service</b>	<b>Percent 2010</b>	<b>Percent 2011</b>	<b>Total Market Opportunity 2011 (US\$ M)</b>
Translation	43.27%	45.68%	13,370.18
On-site interpreting	12.95%	14.44%	4,226.32
Software localization	7.14%	6.55%	1,917.95
Website globalization	4.93%	4.72%	1,380.33
Multimedia localization	3.96%	3.27%	957.91
Translation tools and software	3.61%	3.99%	1,169.12
Telephone interpreting	3.26%	3.40%	994.18

International testing/QA	3.09%	2.35%	686.96
MT post-editing	2.76%	2.33%	680.56
Internationalization services	2.73%	2.29%	669.90
Business process outsourcing	2.53%	2.25%	659.23
Voice-over / dubbing / narration	2.48%	2.35%	689.10
Transcreation	2.41%	1.90%	554.69
Subtitling	2.09%	2.00%	586.69
Interpreting tools/software	1.61%	1.59%	465.09
Video interpreting	1.17%	0.89%	260.28

**Tabela 5:** Serviços linguísticos e segmentação do mercado tecnológico

**Fonte:** Common Sense Advisory, Inc.

Num mercado há muito caracterizado por um elevadíssimo grau de fragmentação, as tendências sugerem um cenário altamente competitivo, pautado por micro-empresas que mal conseguem sobreviver e que, como alternativa, começarão a optar por novas fases de projecção internacional, numa altura em que, sob os desígnios da globalização, a indústria da tradução tem derrubado barreiras e aberto novas oportunidades e nichos de negócio:

Consolidation has been taking place since this industry began, and until we see a massive change take place, mergers and acquisitions activity will continue to be the status quo for the industry. It is not anything new – it's been the case for decades. However, one recent trend that we're noticing is that smaller and smaller companies are interested in acquiring businesses of their own. It used to be that only the largest providers were in a position to buy up companies, but lately, even a company with annual revenue of US\$5 million may be interested in buying a smaller competitor (or two) as part of its growth strategy. (op. cit. 57)

Por último, uma palavra acerca de três domínios que se apresentam como vitais e estratégicos para a consolidação deste mercado:

a) comércio global, como uma excelente oportunidade de negócio:

Follow the money trail – when trade agreements are reached, businesses on both sides need to communicate with each other. In most cases, global trade generates demand for translation. The language services industry has historically tracked very closely to the growth in global trade. (op. cit. 58)

b) crescimento ao nível da produção de conteúdos:

Content growth is another important trend that characterizes the industry. We are often asked why the language services industry continued to grow throughout the economic downturn, and the explosion of content is one of the biggest reasons. Businesses have not only expanded into



new markets, but the sheer amount of information that is made available in those markets has multiplied. So, demand for language services has skyrocketed – but especially for unorthodox content types and non-traditional language pairs. (op. cit. 58)

E, finalmente, c) desenvolvimento tecnológico, neste último caso, assistindo-se à proliferação de iniciativas em contexto de “crowdsourcing”<sup>143</sup> e “social media”, marcadas pela mudança radical de algumas das lógicas de organização do trabalho e sistemas de produção:

Expect more and more buyers to launch crowdsourcing initiatives and pick and choose how they involve LSPs. Suppliers may argue that they don’t want their services to be viewed as a commodity, but the longstanding lack of innovation will not help them to break out beyond such confines. Sticking blindly to the same human-intensive processes will only cause most buyers to seek out competitors that can offer the same services, albeit with humans in lower-cost locations. (op. cit. 59)

(...) **Global social media is gaining ground.** As social media’s profile continues to rise on the global marketing scene, providers from both within the language services industry and outside of it will launch products and services that cater to the largely unaddressed need for tools, technologies, and services that will help organizations expand their social media presence across barriers of language, culture, and nation. (op. cit. 61)

---

<sup>143</sup> Para efeitos de sistematização terminológica, incluímos aqui as definições apresentadas pela Common Sense Advisory, no artigo “[Crowdsourced Translation](#)”, da autoria de Rebecca Ray e Nataly Kelly, de 3 de Fevereiro de 2011:

•**Collaborative technology and processes** let the community that forms around a project work on the same content and code. Community members can check and correct one another’s work as they go. We also use the term collaborative translation to describe the work of *professional* translation teams working as a “swarm” – where multiple translators interact with the same content simultaneously using advanced translation memory tools.

•**Crowdsourcing** opens a translation project to teams comprising any mix of volunteer translators, employees, contractors, or language service providers (LSPs). It leverages the power of the swarm to accomplish much more than a single translator or even an LSP alone could do. Crowdsourcing requires both technology and a business process to induct ad hoc resources and then manage them as users within a collaborative online environment. In some cases, it refers to the business strategy of eliciting free or paid labor from arms-length resources. (2011)

## CONTEXTO MESO

### O CONTEXTO EUROPEU

Sensivelmente na mesma altura, no ano de 2009, surgiu mais um interessante estudo sobre a dimensão da indústria das línguas na União Europeia, desenvolvido por outra empresa líder no sector, dedicada ao fornecimento de serviços de tradução e novas tecnologias no contexto da globalização, a britânica LTC, The Language Technology Centre Ltd<sup>144</sup>, e com o patrocínio e apoio explícito da União Europeia, através da Comissão Europeia, em concreto, da Direcção-Geral de Tradução. Os resultados deste *Study on the size of the language industry in the EU*, publicado em Agosto de 2009 (Rinsche & Portera-Zanotti 2009) referem que o valor estimado da indústria das línguas dentro dos Estados-Membros da UE era de 8,4 mil milhões de euros em 2008, sendo de esperar uma taxa de crescimento anual composta de cerca de 10% ao longo dos últimos anos, algo que colocará o valor absoluto da indústria das línguas na UE nos 16,5 mil milhões de euros em 2015, ou talvez mesmo a ultrapassar, em termos reais, a fasquia dos 20 mil milhões de euros nessa mesma data. Em termos parciais, o presumível valor projectado do sector, englobando a tradução e a interpretação, no qual se incluem, igualmente, as actividades de localização de software e localização de *websites* e conteúdos, seria de 5,7 mil milhões em 2008.

Para Rinsche (2009: 6), um dos maiores problemas deste estudo está relacionado com a heterogeneidade e a discrepância dos dados recolhidos, já que a *Nomenclatura de Actividades Económicas da Comunidade Europeia (NACE)*, equivalente ao nosso CAE (Código de Actividades Económicas), não é, aparentemente, respeitada em todos os países europeus. Esta falta de consistência e homogeneidade levará, segundo as autoras do estudo, a dificuldades consideráveis para uma análise de dados e uma comparação objectiva.

Refira-se, entretanto, que de acordo com a nomenclatura atrás referida, ou seja, a lista dos códigos NACE (Rev. 2), a tradução recebe o seguinte código: *M74.3.0 - Translation and interpretation activities*.

Aproveitamos para incluir, a título exemplificativo, uma tabela de correspondência entre a NACE Rev. 1.1, para a classe 74.85 e a NACE Rev. 2, na qual

---

<sup>144</sup> Disponível em <http://www.langtech.co.uk/> (Data de acesso: 15/05/2011)

é possível constatar as enormes dificuldades de mapear com rigor os dados referentes ao sector da tradução e interpretação, já que os mesmos acabam por estar divididos em quatro classes diferentes, onde essas mesmas actividades acabam por estar diluídas em áreas aparentemente díspares, como é o caso dos serviços administrativos, secretariado, actividade de fotocópias e de escritório, ou serviço de apoio a empresas, por exemplo.

NACE 1.1. class	74.85	Secretarial and translation activities
74.30	Translation and interpretation activities	Translation and interpretation
82.11	Combined office administrative service activities	Combined secretarial activities
82.19	Photocopying, document preparation and other specialized office support activities	Specialized secretarial activities: - Typing - Transcribing from tapes or discs - Proofreading - Photocopying, etc
82.99	Other business support service activities n.e.c.	- Telephone based support, except call centres and computer based phone support - Stenographic services during lfe legal proceedings and transcribing subsequent recorded material

**Tabela 6.** Excerto da tabela de correspondências entre a NACE Rev. 1.1. classe 74.85 e a NACE Rev. 2

**Fonte:** Eurostat

Desta tabela é possível verificar a enorme dificuldade em controlar os dados acerca dos sectores da tradução e da interpretação devido à sua heterogeneidade. Aquilo que, antes, correspondia à classe 74.85 “Secretarial and translation activities”, de acordo com a NACE Rev. 1.1., foi dividido em quatro classes diferentes com o novo sistema de classificação da NACE Rev. 2, significando com isto que a informação se encontra muito mais detalhada segundo a NACE Rev. 2, em comparação com a NACE Rev. 1.1.<sup>145</sup>

<sup>145</sup> Ver, a propósito, Katan (2009).

## PRINCIPAIS TENDÊNCIAS DO MERCADO

A nível comunitário, e ainda segundo dados fornecidos pela União Europeia, estima-se que o mercado da tradução seja constituído sobretudo por quatro grandes nações que detêm praticamente dois terços do mercado. Esses países são a Alemanha, a França, a Itália e, finalmente, o Reino-Unido.

Na verdade, e corroborando os dados do relatório da Common Sense Advisory, este sector parece ser menos afectado pela crise financeira, sobretudo quando comparado com outros sectores industriais. Em termos genéricos, constata-se a manutenção da consolidação do mercado já antes operada, manifestando uma tendência para um crescimento constante no futuro, isto apesar das críticas apresentadas no relatório, sobretudo direccionadas para a forma como não existem barreiras de acesso à entrada dos profissionais no domínio da profissão, o que parece demonstrar uma extrema abertura e permeabilidade da profissão a elementos exógenos, oriundos de outros campos. Algo que, como consequência, será responsável pela concorrência feroz do sector, instabilidade sectorial, desorganização, desequilíbrio e inconstância, tendo, em última análise, como consequência, a inevitável descida dos preços e declínio dos níveis de qualidade:

Entry barriers to the field of translation and interpreting are low. The main consequence is increasingly fierce and sometimes unfair competition, as well as decrease in prices combined with a decline in quality levels. (op. cit., *Executive Summary*, página v)

Baseando-se em estudos realizados pela EUATC (2005), Rinsche (2009: 24) refere ainda que as barreiras à entrada no mercado da tradução são bastante fracas, o que implica que cada vez mais empresas e indivíduos tentem entrar no mercado, como uma área atraente e de alguma vitalidade, sobretudo pela forma como, para muitos, essa ausência de certificação representa uma porta aberta para a constituição de um apetecível “pé-de-meia”. O aumento constante de empresas de tradução, sobretudo de microdimensão, resulta do facto de o mercado apresentar uma oferta permanentemente superior à procura, no que diz respeito às empresas recém-chegadas (ou *start-ups*). Por sua vez, o número de linguistas qualificados é demasiado pequeno para responder à crescente procura. Este aspecto traduz-se numa margem de lucro consideravelmente diminuta para os fornecedores de tradução e numa qualidade do serviço prestado cada vez mais baixa, resultante de uma concorrência desleal, o que, de certa forma, acaba por

produzir inevitáveis consequências ao nível da qualidade dos serviços prestados e da própria visibilidade da profissão em termos sociais.

Em *Managing Translation Services*, Geoffrey Samuelsson-Brown (2006) dá precisamente conta desta preocupante situação conducente a um perigoso ciclo vicioso, ao descrever uma profissão cada vez mais solitária, anónima e espartilhada:

The worrying trend is that the translation profession is becoming an anonymous, internet-based profession where there is very little personal contact between the freelance and work provider. Fees offered to freelancers have declined significantly over the last few years and thus the volume of work a freelance needs to get through to generate an acceptable income has increased proportionally. The danger of this development is that corners will be cut and quality will suffer.

What then is the lone freelance translator to do if he wishes to progress beyond this level? The only answer is to work for direct customers or develop a translation company that depends on the use of freelance translators to provide the range of languages and subjects that are demanded by potential customers. (op. cit. 2)

Por outro lado, assistimos, actualmente, a duas tendências que atravessam o sector. Em primeiro lugar, há um interesse cada vez maior dos chamados “outsiders” pela indústria das línguas, indivíduos com interesses e motivações diversos, algo que explica a reconfiguração dos perfis profissionais que encontramos no mercado. Uma simples análise dos *curricula* de potenciais tradutores revela a enorme discrepância ao nível da formação, em áreas muito diferentes, nem sempre associadas às línguas, como habitualmente, e à partida, se esperaria.

Boa tarde!

Venho por este meio informar que estaria interessado em efectuar traduções de francês para português ou inglês para português para a sua firma, a partir de casa.

Sou licenciado em Engenharia Civil e trabalho como engenheiro civil numa empresa de montagens de estruturas metálicas. Sou fluente em francês e português (ambas as minhas línguas maternas), uma vez que nasci em França e vivi nesse país até aos 14 anos de idade. Depois vim para Portugal onde fiz os meus estudos na escola secundária e, seguidamente, ingressei na Universidade da Beira Interior.

Estou apto para traduzir qualquer tipo de documento, nomeadamente nas áreas de engenharia e já tenho alguma experiência em traduzir textos médicos e textos no âmbito da engenharia ao serviço da empresa em que desempenho funções.

Quero salientar que a empresa onde trabalho é uma sociedade internacional na qual lido, todos os dias, com expressões técnicas de engenharia. Poderá visitar o site da empresa ([www.simi.pt](http://www.simi.pt)) na qual entrei devido às minhas competências linguísticas e conhecimentos técnicos.

Deste CV depreende-se uma formação externa à área das línguas, complementada por conhecimentos técnicos especializados e uma suposta fluência em língua estrangeira decorrente de uma vivência noutra país, mas também a tónica na multiplicidade de recursos apresentados.

Ou ainda este caso, corroborado pelo CV que é anexado à mensagem abaixo:

Saudações

Gostaria de apresentar os meus serviços como tradutor externo. Tenho conhecimentos técnicos na área farmacêutica, química e biologia, e já efectuei vários trabalhos de tradução de patentes (Inglês-Português).

Tenho conhecimentos nas linguas inglesa, francesa e espanhola (adquiridos/aperfeiçoados com o meu percurso académico em países europeus nos ultimos 4 anos ).

Caso estejam interessados, espero um contacto vosso, se pretenderem efectuar um teste ás minhas capacidades tradutoras.

Em anexo envio um resumo do meu currículo vitae.

obrigado pelo seu tempo!

os meus melhores cumprimentos

CV

Educação académica

- 8/2003 - 3/2005 – Mestrado em ‘Biodiversidade e Produtos Naturais’ no departamento de Farmacognosia da Universidade de Leiden, Holanda, com uma nota final de 15 valores.

- 2001/2002 – Programa Erasmus na Universidade de Liège, Bélgica (um ano de trabalho laboratorial a tempo inteiro).

- 8/1998 - 2/2003 – Licenciado em Biologia pela Universidade de Aveiro, nota final 14,2 valores.

Experiência prática:

- Tese de Mestrado

“Desenvolvimento de um método de detecção de inibidores de antranilato sintase e detecção de actividade antifungica em plantas e microflora”,

- Programa Erasmus

Segundo semestre - ‘Produção, Purificação e análises cinéticas de 2  $\beta$ -lactamases, AmpC P99 e CMY-2’, pesquisa efectuada no centro de engenharia de proteínas.

Foi dada uma nota final de 17 valores.

Segundo semestre - ‘Contribuição para o estudo do gene PR-1D gene no momento do mecanismo S.A.R. em *Lycopersicon esculentum* (tomate)’, pesquisa efectuada nos laboratórios de biologia molecular de plantas do departamento de Botânica. Foi dada uma nota final de 17 valores.

- Pesquisa durante 5 meses no Laboratório para Pesquisa Médica do Departamento de Farmácia da Universidade Federal da Bahia, Brasil. ‘Extracção e isolamento de Juliprosina e Juliprosopina, dois alcalóides de *Prosopis juliflora* sp. ’.

Experiência como tradutor externo de patentes para a empresa SGCR – Simão, Garcia e Corte real. Traduções Inglês-Português

Áreas de dominio técnico (conhecimento de termos para tradução de patentes)

- Industria Farmacêutica

- Química

- Biologia

E, por outro, o facto de que, gradualmente, as empresas de tradução começam a não ser única e exclusivamente geridas por linguistas, o que, de novo, implica o surgimento de outros actores no espaço profissional com novas competências e perfis de actuação no mercado, como é o caso de algumas das principais empresas de tradução portuguesas, nomeadamente HCR, Philos, Eurologos, Cognibridge, Globalang e Jaba Translations, por exemplo, cujos principais responsáveis não têm formação de base em línguas, mas em áreas limítrofes, como a engenharia, a gestão e os recursos humanos.

Conforme nos descrevia um dos tradutores entrevistados, que analisaremos detalhadamente no último capítulo, existirão três tipos diferentes de empresa, consoante a forma como, em termos de filosofia de gestão e de negócio, são orientadas por gestores, linguistas ou engenheiros, apontando a singularidade de gerir de forma diferente e com uma sensibilidade mais específica, precisamente devido ao facto de ser tradutor:

R: Como trabalho essencialmente na empresa, não é? E como gestor principal da empresa, o meu papel actualmente é 90% do tempo de gestão da empresa de tradução. E... tenho muito a consciência de que o faço de uma forma um bocado especial por ser tradutor.

R: (...) Com.... um bocadinho por comparação com as outras empresas. Por comparação com empresas maiores do que as nossas que são completamente orientadas por lógicas de gestores, não é?

P: Portanto, estás a comparar-te com outras empresas de tradução?

R: (...) Sim. Depois, há também o padrão das empresas geridas por engenheiros que têm uma lógica de construção à base de eficiências, ferramentas, coisas assim desse género. E a forma como eu penso a \*\*\*\*\* é muito baseada na qualidade linguística, ou seja, em tentar ter..., como ponto principal, a criação de condições para que as melhores pessoas a trabalhar nas áreas técnicas possam fazer um bom trabalho. É isso que eu vejo como sendo o meu papel principal como gestor de uma empresa de tradução, é encontrar coisas que são específicas do nosso negócio. (F.C., 01/06/2009)

Será útil convocar, neste ponto do trabalho, um estudo de mercado a que tivemos acesso, encomendado pela ATC, a associação inglesa das empresas de tradução, em 2002, sobre o mercado da tradução britânico, e no qual uma das conclusões terá sido precisamente a questão do excessivo clima concorrencial, sobretudo identificando que os principais concorrentes das empresas de tradução são precisamente os *freelancers* e os próprios tradutores *in-house*:

Companies 51 plus employees in the UK that outsource written and oral translations use:

- Translation companies 78%

- Individual freelancers 45%
- Overseas Agent 15%
- University 7%
- Chamber of Commerce 5%
- Internet companies 2%

Também nas entrevistas que realizámos aos tradutores *freelancers* da região norte de Portugal constatámos idêntica percepção negativa face à permeabilidade e fragilidade da profissão, como é o caso deste depoimento do mesmo tradutor acima citado:

Sei que é **uma profissão em constante mudança** ou seja, a partir de uma certa altura tu, se calhar, sentes que já não estás... por ter que trabalhar para determinados clientes e assim, se calhar **já não estás tanto a funcionar como um tradutor e acabas por estar a funcionar, vá lá... como consultor** e... não sei... imagino situações em que as pessoas acabam por passar tempos numa fábrica ou coisa assim a servir de auxiliar lá de comunicação entre os sócios estrangeiros e coisas assim desse género, quando inicialmente pensavam que estavam a fazer trabalho de tradução, não é? **Por isso é uma profissão muito encostada a muitas outras e acaba por ser muito... variável, não é?** Mas penso que sim, que é possível trabalhar... dizer-se que se é tradutor e viver disso. (F.C., 01/06/2009, nossos destaques)



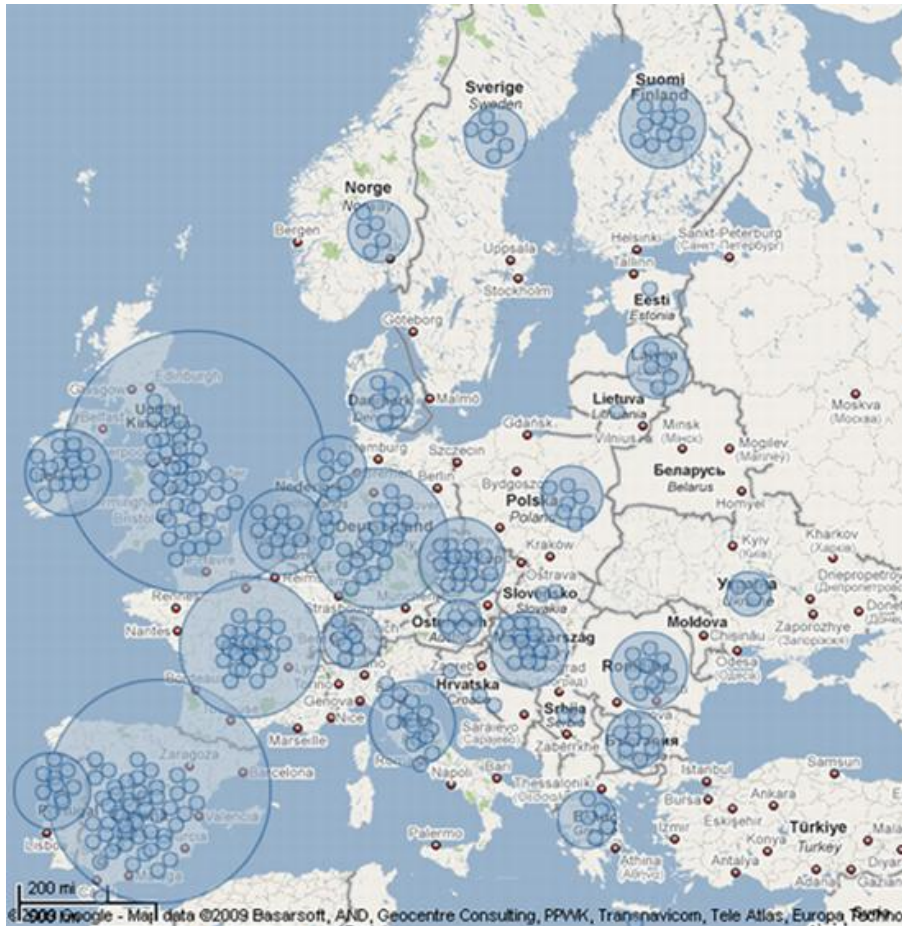
## CARACTERIZAÇÃO DAS EMPRESAS

A nível europeu, e ainda de acordo com o estudo realizado por DePalma em 2008, para a Common Sense Advisory, a maioria das empresas de tradução empregava menos do que cinco pessoas, o que sugere, efectivamente, a presença de uma considerável proporção de tradutores *freelancers* no mercado.

Citando a EUATC (2005), Rinsche e Portera-Zanotti (2009: 23), nomes ligados ao já referido estudo sobre a dimensão da indústria das línguas na União Europeia, referem que o mercado da tradução é, de facto, um dos mais fragmentados no mundo em virtude do grande número de tradutores *freelancers*. Com efeito, na primeira parte da sua pesquisa, 43% (700 inquiridos) admitiram trabalhar por conta própria, enquanto 36% afirmaram ter entre 1 e 10 empregados. Apenas os 21% restantes assumiram ter mais de 10 empregados.

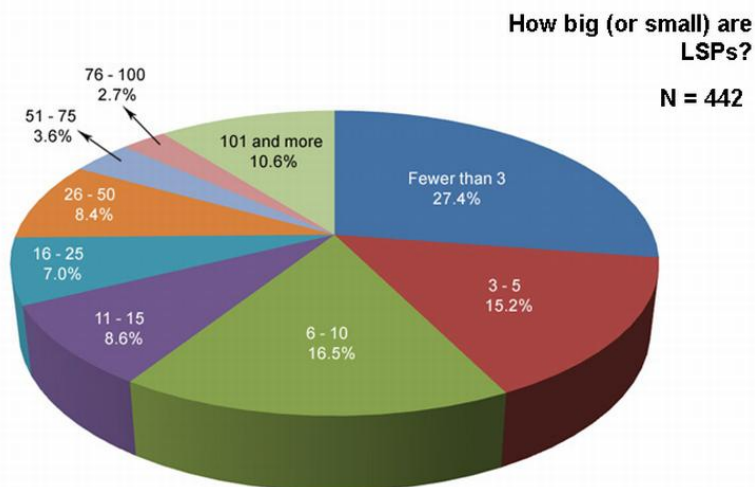
The translation sector is one of the most fragmented in the world (EUATC, 2005) due to the large number of freelancers. In a 2008 Common Survey Advisory survey, the majority of language service providers employed less than five people, suggesting a large proportion of freelancers in the market (DePalma, 2008). This was confirmed by our primary research: out of 700 participants, 43% have no employees at all (and consequently belong to the category of freelancers or sole proprietors) and 36% have between 1 and 10 employees. (Rinsche 2009: 23 e 24).

Relativamente à localização das empresas (ver Figura 11) e dimensão das empresas (ver Figura 12), constata-se que a maior parte se encontra no Reino Unido e Espanha (Kelly 2009).



**Figura 11.** Localização das sedes das empresas europeias de prestação de serviços linguísticos  
**Fonte:** Common Sense Advisory, Inc.

Em termos de dimensão (Figura 12), a tendência que tínhamos identificado acima verifica-se em termos práticos, graças à ocorrência de pequenas e médias empresas (PME), maioritariamente com menos de 3 (três pessoas).



**Figura 12.** Dimensão das empresas por número de funcionários  
**Fonte:** Common Sense Advisory, Inc.

## AS PME E O MERCADO DA TRADUÇÃO

Conforme refere Ana Isabel Couto (Couto 2009), o entendimento de PME neste contexto não é unívoco. Se, por um lado sofreu um conjunto de evoluções ao longo dos últimos anos, por outro, existe um conjunto díspar de definições disponíveis. Neste sentido, o entendimento de PME corresponderá à proposta de definição da Comissão Europeia contemplada na Recomendação 2003/361/CE, de 6 de Maio de 2003.

Com o objectivo de apreender melhor a realidade socioeconómica das PME, esta definição contempla já as empresas de muito pequena dimensão, comumente designadas por microempresas, que se reportam a um universo de trabalhadores inferior a 10. Tal como sustenta a autora, “a adopção desta definição reúne importantes benefícios analíticos e metodológicos. Por um lado permite *dar voz* à realidade das microempresas, que assumem uma forte representatividade no tecido sócio-empresarial português e europeu e, por outro, permite estabilizar o entendimento de PME, útil para efeitos de comparabilidade entre realidades societárias diferentes” (Couto 2009).

Segundo a Recomendação da Comissão de 6 de Maio de 2003 relativa à definição de micro, pequenas e médias empresas [notificada com o número C(2003) 1422], “A categoria das micro, pequenas e médias empresas (PME) é constituída por empresas que empregam menos de 250 pessoas e cujo volume de negócios anual não excede 50 milhões de euros ou cujo balanço total anual não excede 43 milhões de euros.”<sup>146</sup>

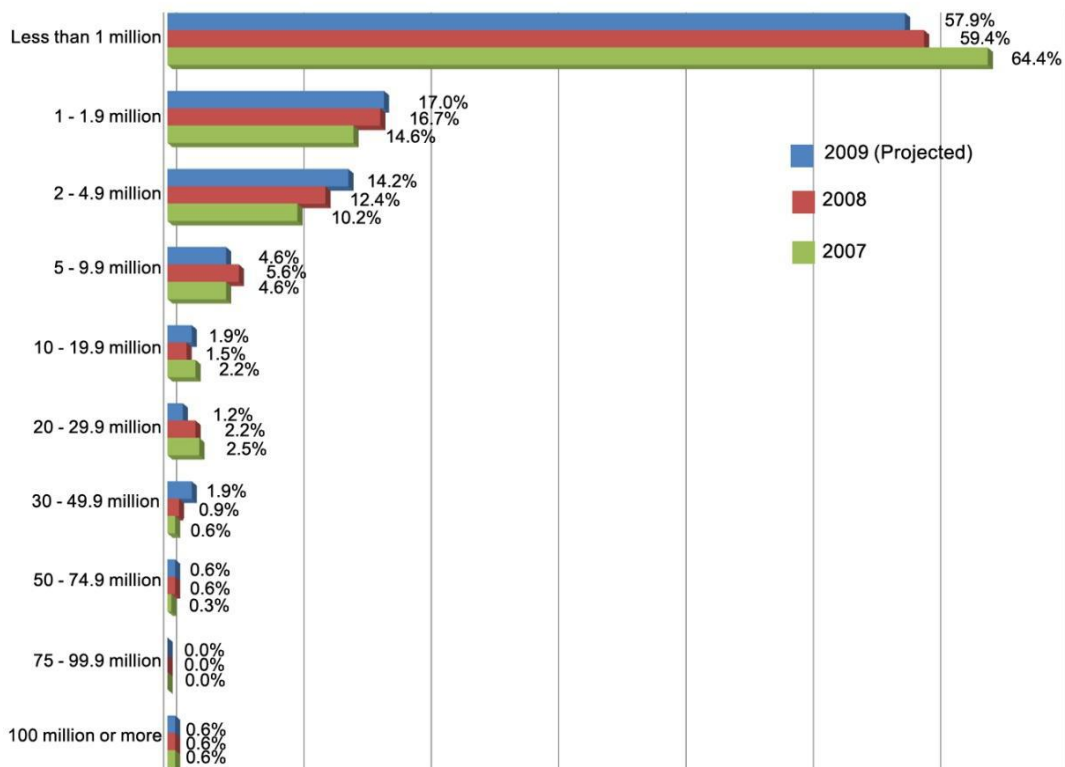
De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), “As pequenas empresas distinguem-se das médias por terem menos de 50 trabalhadores e um volume de negócios anual (ou activo total líquido) que não exceda os 10 milhões de euros. As microempresas distinguem-se das pequenas por terem menos de 10 trabalhadores e um volume de negócios anual (ou activo total líquido) que não exceda os 2 milhões de euros.”<sup>147</sup>

Ao nível da facturação anual dos LSP (*Language Service Providers*), entre 2007 e 2009, e também de acordo com dados de Kelly, Txabarriaga e Stewart, registamos que os valores são inferiores a um milhão (Kelly 2009).

---

<sup>146</sup> in “Recomendação da Comissão relativa à definição de micro, pequenas e médias empresas”, de 6 de Maio de 2003.

<sup>147</sup> Estudos sobre Estatísticas Estruturais das Empresas – 2008 - Micro, Pequenas e Médias Empresas em Portugal, 28 de Junho de 2010.



**Figura 13.** Rendimento anual dos Prestadores de Serviços Linguísticos (LSP)

Complementarmente, no estudo sobre a dimensão do mercado europeu, Rinsche (2009: iii) sugere que o crescimento anual da indústria das línguas terá sido, no mínimo, de 10%. Neste sentido, prevê-se que esta indústria, de projecção mundial, venha a alcançar um valor de 16,5 mil milhões de euros em 2015. No caso da tradução/interpretação, estima-se que o valor deste mercado, incluindo a localização (de software e de sítios na Internet), terá sido de 5,7 mil milhões de euros em 2008. (Rinsche 2009: iv)

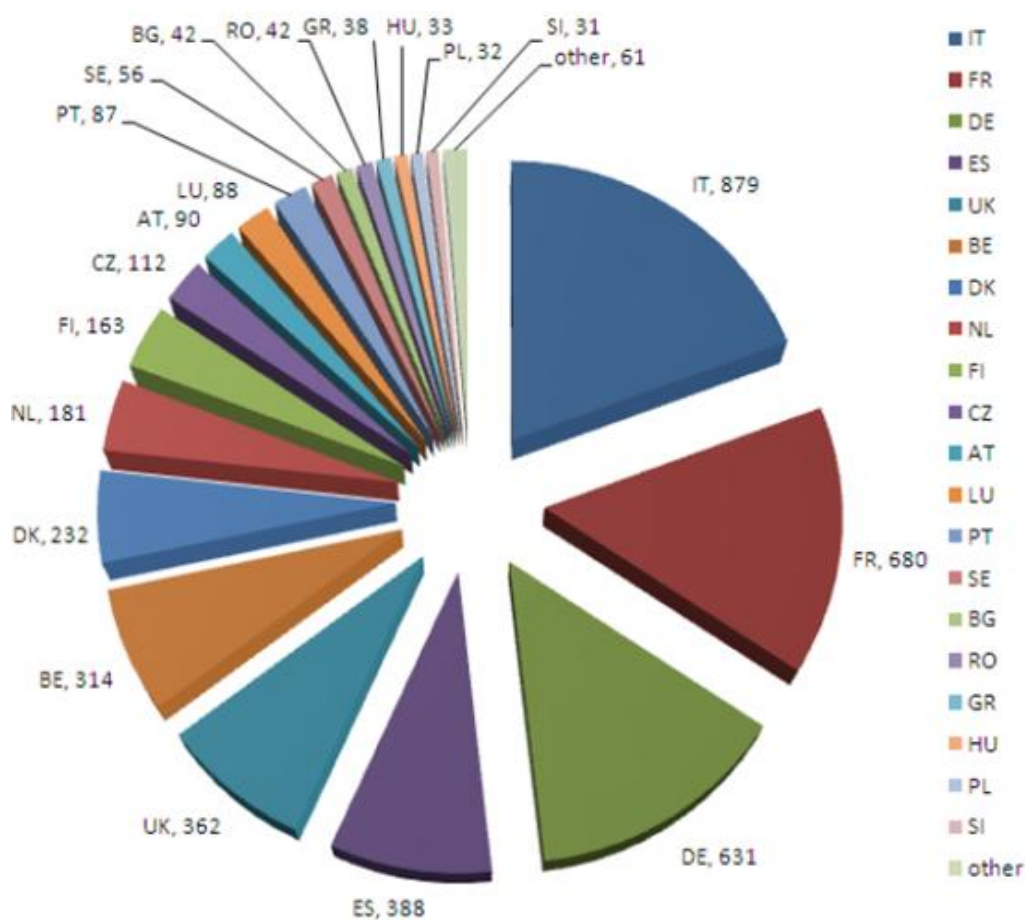
Já o inquérito da LTC relativo à indústria das línguas obteve como resultados os seguintes indicadores (op. cit. 2009: 20):

	Total turnover (million €)							
	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Translation and interpreting, software localisation and website globalisation	5 675	6 243	6 867	7 554	8 309	9 140	10 054	11 059
Language technology tools	568	624	687	755	831	914	1 005	1 106
Subtitling and dubbing	633	696	765	842	926	1 019	1 121	1 233
Language teaching	1 579	1 737	1 911	2 102	2 312	2 543	2 797	3 077
Conference organisation	143	157	172	190	209	229	252	278
<b>Total</b>	<b>8 454</b>	<b>9 300</b>	<b>10 230</b>	<b>11 252</b>	<b>12 378</b>	<b>13 616</b>	<b>14 977</b>	<b>16 475</b>

**Tabela 7:** Estimativas da LTC para 2008 e previsões até 2015 do valor da indústria das línguas  
Taxa de crescimento médio anual: 10% / Facturação anual em milhões de euros e Previsões  
**Fonte:** LTC

## DISTRIBUIÇÃO E ANÁLISE POR PAÍS

Dada a inexistência de dados disponíveis para todos os países, alguns dados da facturação foram extrapolados a partir de países com características similares em termos de população activa e de média salarial. No caso português, por exemplo, o mercado nacional da tradução e interpretação valerá, segundo dados do estudo sobre o mercado da tradução europeu, cerca de 87 milhões de euros, conforme gráfico abaixo.



**Figura 14.** Facturação em milhões de euros por Estado-Membro

Fonte: LTC

Relativamente às despesas em tradução por país, verificamos que os países que mais dispendem em tradução são, respectivamente, a Alemanha, a França, o Reino Unido e a Espanha, sendo que Portugal ocupa um modesto penúltimo lugar com 62 milhões de dólares gastos em serviços de línguas durante o ano de 2009, o que pode explicar um pouco a aparente falta de interesse e ausência de procura pelos serviços de tradução, bem como o pouco impacto dos serviços em termos políticos, culturais, económicos e sociais, conforme demonstra a Tabela 8 (Kelly 2009).

Rank	Country	Estimated Amount Spent on Language Services in 2009 (in US\$ millions)
1	Germany	1041
2	France	700
3	United Kingdom	546
4	Italy	494
5	Spain	379
6	Netherlands	275
7	Ukraine	170
8	Belgium	169
9	Switzerland	146
10	Sweden	125
11	Poland	121
12	Austria	118
13	Norway	103
14	Denmark	81
15	Greece	77
16	Ireland	75
17	Czech Republic	71
18	Finland	63
19	Portugal	62
20	Hungary	50

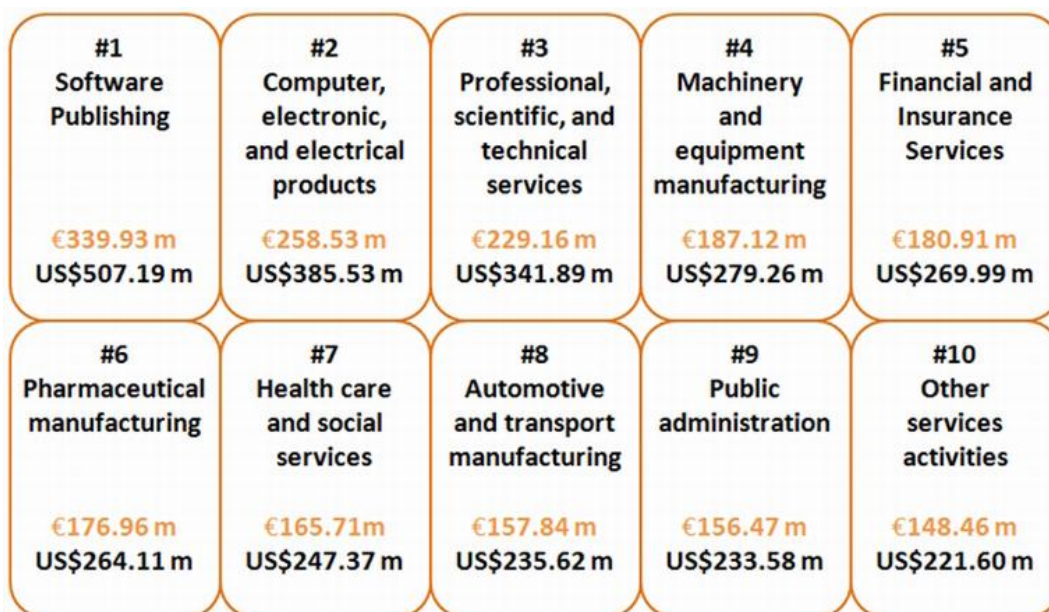
**Tabela 8.** Estimativa das despesas em serviços linguísticos por país em 2009 (em milhões de dólares)

Em relação aos pares de línguas mais traduzidos, as combinações inglês-espanhol e inglês-francês são as mais requisitadas, sendo que, neste estudo, o português não surge citado (Kelly 2009, ver Tabela 9). Quanto às áreas ou sectores mais importantes e procurados, ainda de acordo com dados de Kelly (2009), a informática, software, electrónica e áreas científicas e técnicas são as mais importantes e valiosas em contexto europeu, o que parece estar em consonância com as nossas conclusões, publicadas em “Da Profissão à Formação: O reenquadramento da formação de tradutores em contexto de trabalho”, segundo as quais “os principais sectores interessados pelos serviços de tradução são empresas ligadas às áreas da informática, economia, engenharia mecânica, medicina, farmácia, direito, e da indústria automóvel” (Ferreira-Alves 2006: 9) [ver Anexos 1 e 2].

Top Five Language Pairs	Count
English into Spanish	98
English into French	95
English into German	89
German into English	56
French into English	55

Top Five Language Pair – Ranking	Estimated Average of Work Volume
Language Pair #1	45.80
Language Pair #2	18.23
Language Pair #3	11.16
Language Pair #4	9.20
Language Pair #5	7.55
Other Language Pairs	7.99

Tabela 9. Línguas mais solicitadas (Kelly 2009)



### Which industries matter most in Europe?

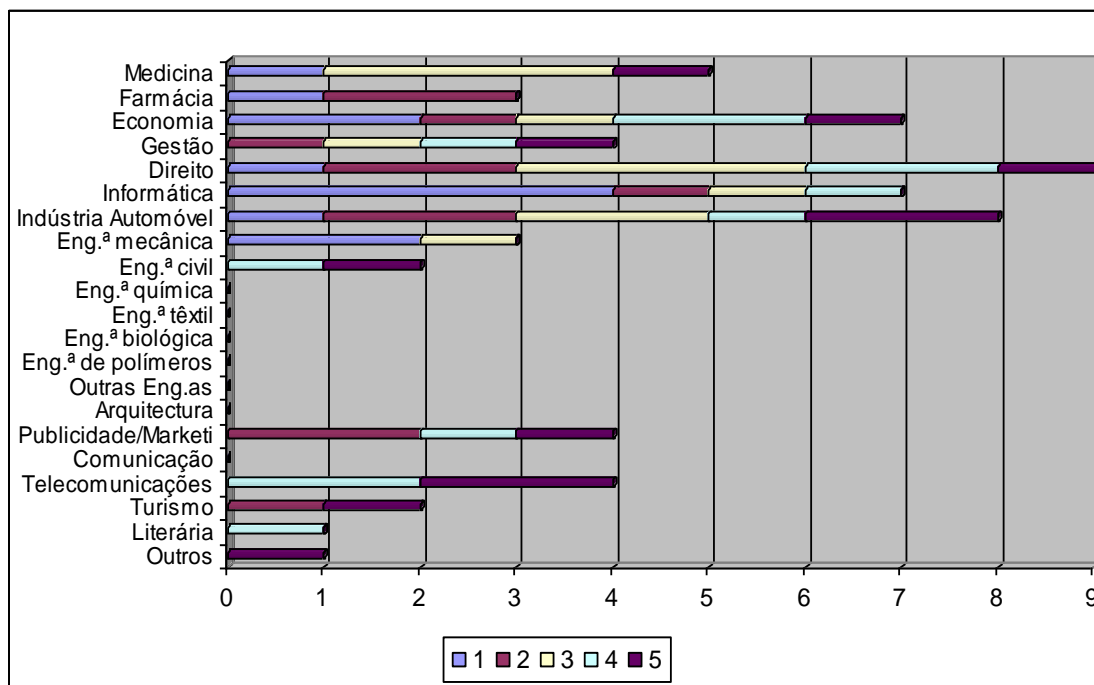
Figura 15. Sectores mais importantes (Kelly 2009)

Neste caso, será importante fazer a ponte com os dados que obtivemos em dois estudos realizados em solo português (Ferreira-Alves 2005 e 2011), nomeadamente, um primeiro projecto direccionado para as empresas de tradução (ver Anexo 1), em que concluímos que as áreas mais procuradas (posição número 1) foram a Informática, a Economia, a Engenharia Mecânica, a Medicina, a Farmácia, o Direito e a Indústria Automóvel, respectivamente por esta ordem de grandeza (Figura 16). No entanto, numa perspectiva mais global e olhando para a Figura 16, destaca-se a Tradução Jurídica, com



uma especial incidência, seguida da Indústria Automóvel, Informática, Economia e Medicina, conforme demonstra o gráfico seguinte.

### Áreas de trabalho



**Figura 16:** As cinco áreas ou domínios de conhecimento mais solicitados<sup>148</sup>

Complementarmente, o estudo sobre os *freelancers* operando no norte de Portugal (Ferreira-Alves 2011), centro da nossa tese, onde revelámos que a área mais procurada segundo a grande maioria dos nossos respondentes é, de facto, a tradução jurídica, com 66 respostas, num total de 339 respondentes. Ao mencionar tradução jurídica, incluímos, neste caso, a tradução de documentos legais, relacionados com a área do Direito, bem como certificações, procurações, *affidavits*, tradução de documentos oficiais, certificação notarial, etc. Pensamos ainda que esta tendência para a tradução jurídica se prende com a proximidade desta área a um domínio de actividade de grande reputação e enorme visibilidade, porque associado ao campo profissional dos advogados e tribunais. Esta será a razão pela qual, uma tradutora jurídica que entrevistámos, trabalhando num gabinete de advogados, nos confessava, de forma inequívoca, o seu posicionamento profissional, definindo-se claramente como:

<sup>148</sup> O áudio/vídeo também foi citado.

Expert legal translator, é como eu me intitulo.”  
(...) Altamente técnica.

Sim, aqui, no escritório, estou no quadro de especializada.

(T.S.M., 1/06/2009)

A segunda posição foi ocupada por um tipo de tradução caracterizado pelos respondentes como puramente técnico, sobretudo nos domínios da engenharia automóvel (por muitos designada como *automotive engineering*), onde os indivíduos incluíram tópicos como engenharia mecânica, indústria automóvel, mecânica geral, etc (com 59 respostas)<sup>149</sup>. A tradução de informática, localização, *software* e ciências informáticas (*computer science*) foi escolhida por 31 inquiridos como o terceiro mais importante domínio de trabalho, sendo que a tradução literária foi a quarta área mais importante, com 26 escolhas. A quinta posição pertenceu em simultâneo à área médica e das ciências da saúde, bem como à tradução audiovisual (Ferreira-Alves 2011).

A quantidade e a diversidade das respostas permite, efectivamente, aferir a abrangência e dispersão do mercado, bem como a multiplicidade das percepções dos profissionais, já que, aparentemente, “cada cabeça, sua sentença”. Há, de facto, uma ampla gama de áreas onde a oferta de serviços de tradução profissional normalmente ocorre. No entanto, em termos gerais, é possível concluir que as quatro áreas mais importantes onde os tradutores frequentemente exercem a sua profissão, de acordo com as solicitações do mercado, são, sem dúvida, a tradução jurídica e a tradução de documentos oficiais, bem como a tradução técnica, sobretudo documentação técnica e textos nos domínios da engenharia mecânica, automóvel e engenharia civil, seguindo-se a informática e a localização.

---

<sup>149</sup> Refira-se que esta era uma pergunta de resposta aberta, pelo que solicitámos aos respondentes que colocassem eles próprios a área em que se posicionavam, não tendo sido fornecida qualquer grelha ou matriz com as principais tipologias ou domínios de tradução.

## PRINCIPAIS TENDÊNCIAS SUBJACENTES

Ainda segundo Romaine (2009: 7), no relatório MyGengo, citando dados fornecidos pela Common Sense Advisory, existirão aproximadamente 700 000 profissionais da tradução no mundo. Em 1993, o número era de 50.000 a 170.000 (sem contar com secretárias e dactilógrafos), o que significa uma subida entre 4 a 14 por cento em 20 anos.

Contudo, este número não inclui aqueles indivíduos que traduzem ocasionalmente ou em regime de *part-time*. Se incluirmos os indivíduos que traduzem em *sites* comunitários, aqueles 700 000 tradutores ultrapassarão facilmente o milhão, o que revela bem o carácter dispersivo e descontrolado do sector.

Estes dados acerca da fragmentaridade do mercado e do rápido crescimento e multiplicação de microempresas já tinham sido identificados num estudo sobre o mercado da tradução canadiano, desenvolvido em conjugação pelo "Le Groupe Mallette Maheu e a Arthur Andersen, em 28 de Maio de 1999, intitulado *Survey of the Canadian Translation Industry - Summary of Sectoral Reports (Translation Suppliers, Clients, Training Institutions, Designers of Computer Aids for Translation and Machine-Translation Technology, Report on Sectoral Competition); Human Resources and Export Development Strategy*, em que a tónica incidia igualmente na globalização do mercado:

Despite the enormity of these markets and their strong growth, the industry is still highly fragmented and characterized by a large number of freelancers (...) The industry is highly fragmented, being comprised of small businesses undergoing rapid growth.. (...) Worldwide, few businesses report annual sales in excess of \$5 million. However, in recent years we have witnessed some groupings, mergers and acquisitions which will result in global players capable of meeting the multiple needs of businesses "going global." (op. cit., pág. 64)

Por outro lado, o estudo *The Canadian Translation Industry - Technology Roadmap (2003 – 2007)*, que nos fornecia um roteiro entre 2003 e 2007 para o sector, sublinhava, em particular, um crescimento anual estimado do mercado da tradução de 15% a 25%:

By 2007, according to Allied Business Intelligence, the size of the "human translation" market is forecast to be US\$11.5 billion, and machine translation US\$134 million. (op. cit. 4)

Paralelamente, o estudo sublinhava as fortes pressões a que os profissionais se encontravam sujeitos, bem como a significativa quebra no índice da oferta dos tradutores, incapazes de lidar com pouco mais do que um terço das solicitações convencionais do mercado, perante o surgimento dos novos mercados decorrentes da localização, uma situação, aliás, classificada como dramática, pela introdução de variáveis como “qualidade” e “tempo” (ver Figura 3, acima), para além da elevada sensibilidade do sector a influências externas:

Translators are therefore subject to two conflicting pressures: to produce results quickly, while maintaining high quality. (...)

Some of the factors expected to affect uptake of translation technology are:

- A shortage of translators, with annual world translation market growth estimated at 15% - 25%, and supply of new translators meeting only approximately one third of the demand in conventional translation alone<sup>2</sup>; when the new localization market is taken into account, the situation is even more drastic.
- The time-to-market concerns noted above.
- Demand by employers for translator education to include a technological component, addressed both by universities and by professional translators' associations.
- Client education regarding the benefits of translation, content-management implications for translation cost and performance, and appropriate use of translation technology.
- Translation technology implementation costs, arising from the necessity for source texts to be available in an appropriate electronic form, the purchase and maintenance of tools, and the time required for learning, maintenance and customization.
- The general economic context; the translation sector is particularly sensitive to economic downturns. Effect on translator income, one survey showing translators who use translation memory software to have an income some 17.5% higher than those who do not.
- Outsourcing and competition from less expensive overseas translation providers. (op. cit., 3 e 4)

Como reparámos, são várias e difíceis as tentativas de sistematizar e circunscrever o mercado sob o ponto de vista quantitativo, sobretudo face aos novos factores que entram constantemente em jogo. No domínio associativo, também se têm verificado algumas actividades relacionadas com as questões da profissionalidade e do mercado.

Por exemplo, no domínio europeu, o *Conseil Européen des Associations de Traducteurs Littéraires*<sup>150</sup> desenvolveu uma iniciativa que pretendia aferir, em termos comparativos, o rendimento económico dos tradutores literários na Europa. Designado *Comparative income of literary translators in Europe*, e conduzido por Holger Fock, Martin de Haan e Alena Lhotová, do CEATL, Bruxelas, entre 2007/2008, o estudo em questão aponta para um dado extremamente preocupante e sério, nomeadamente a precariedade e falta de segurança da profissão, face aos desígnios de um mercado descrito como implacável:

This survey clearly shows that literary translators cannot survive in the conditions imposed on them by "the market". This is a serious social problem on a continent that is meant to be developed, multilingual and multicultural, but it is also and most importantly a very serious artistic and cultural problem. Indeed, what does it say about the quality of literary exchange between our societies if literary translators are forced to dash off their work just to be able to earn a basic living? (op. cit., p. 71)

Esta tendência acaba por ser corroborada pelas conclusões apontadas no relatório da *CNET Chambre Nationale des Entreprises de Traduction*, equivalente à nossa associação de empresas de tradução, que tem vindo a realizar uma iniciativa denominada Observatório da Tradução (2010), cujos dados referentes a 2009 apontam para um ano difícil, marcado pelo preocupante cenário de crise no sector resultante de uma conjuntura bastante caótica.

Em termos gerais, o mercado francês valerá um total de 400 milhões de euros, sendo que o volume de negócios médio de uma empresa de tradução ronda apenas os 480 000 € (para um capital de 42 000 €). Como resultado, as empresas francesas tentaram, a custo, manter os seus efectivos, bem como os preços. No entanto, face à conjuntura difícil e às constantes mutações que afectam o sector, 30% das empresas foram mesmo obrigadas a reduzir os seus efectivos, algo que acabou por afectar, em especial, quatro cargos ou postos de trabalho envolvidos na cadeia de prestação de serviços, com especial incidência nos tradutores e gestores de projecto, representando uma redução da ordem dos 73,68% (seguem-se os cargos administrativos e comerciais).

Relativamente ao estatuto de assalariado, registou-se ainda uma descida considerável no número de trabalhadores contratados como efectivos dos quadros das empresas, com uma redução de 37% em 2006 para 27% em 2007. Por outro lado, 66%

---

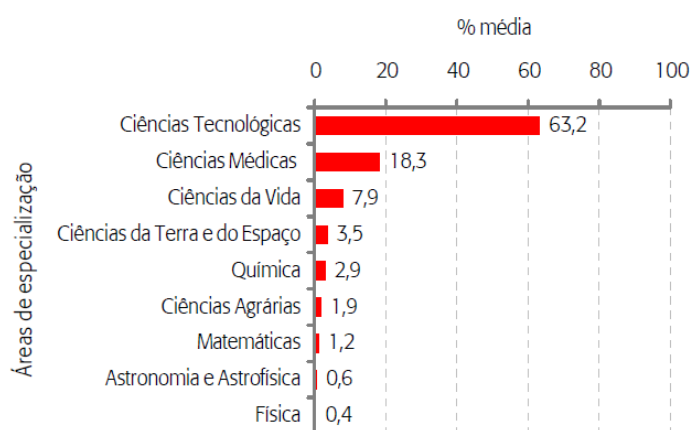
<sup>150</sup> Disponível em [www.ceatl.eu](http://www.ceatl.eu)

das empresas revelaram uma redução de 20% nos seus trabalhadores assalariados, algo que encontra explicação numa estrutura demasiado alicerçada no eixo “gestão de projectos”, contrariamente aos anos anteriores em que os tradutores eram em número bastante superior.<sup>151</sup>

Em contraste, aproveitamos para comparar estes dados com o estudo realizado por Sela-Sheffy com os tradutores literários israelitas (2008) onde a autora conclui que, apesar das questões económicas em jogo, algumas delas bastantes favoráveis, estes indivíduos beneficiam de um elevado capital simbólico, prestigiante e socialmente distintivo, que lhes permite, em última análise, negociar com outra segurança os prazos e as condições do seu trabalho:

In fact, these individual translators seem to have already accumulated enough symbolic capital, which often also translates into further prestigious career-opportunities, such as literary critics and editors, and establish their status as public figures that have a say in literary taste in general, and as policy makers in the market of translated literature in particular. This capital evidently also advances their power to bargain for the terms and price of their work. (Sela-Sheffy 2008: 620)

A nível nacional, Rosário Durão (2006) no seu “Primeiro Relatório de um Inquérito a Fornecedores de Serviços de Tradução Científica e Técnica de Inglês Para Português Europeu”, parece confirmar as informações citadas anteriormente, ao apresentar os seguintes dados:



**Figura 17.** Áreas de especialização dos tradutores/fornecedores de serviços de tradução  
**Fonte:** Rosário Durão (2006)

<sup>151</sup> Fonte: *Observatoire de la traduction 2010*. CNET Chambre Nationale des Entreprises de Traduction.



**Figura 18.** Subáreas das Ciências Tecnológicas com maior volume de trabalho de Inglês para Português europeu nos últimos cinco anos.

**Fonte:** Rosário Durão (2006)

Na verdade, Durão (2006: 47), que estudou os fornecedores de serviços de tradução científica e técnica de Inglês para Português europeu, detecta as seguintes tendências:

- Os fornecedores são maioritariamente jovens profissionais independentes que trabalham principalmente do Inglês para o Português europeu;
- Para um terço dos inquiridos a tradução é mesmo a sua única fonte de rendimento, o que parece revelar uma instabilidade sectorial associada à precariedade;

- A parcela que a tradução científica e técnica ocupa na actividade destes tradutores varia, embora represente mais de metade do volume de trabalho de cerca de 70 % dos inquiridos;
- Quase 20 % por cento apenas fazem este tipo de tradução;
- As áreas que lhes proporcionam mais trabalho são as Ciências Tecnológicas, as Ciências Médicas e as Ciências da Vida;

No nosso caso, por exemplo, as conclusões retiradas no estudo que realizámos em 2005 sobre as principais empresas de tradução em Portugal, foram complementadas, mais tarde, pelo trabalho direccionado para os tradutores *freelancer* na região norte de Portugal (op. cit. 2005 e 2011), estudo esse que está na génese deste projecto (Anexo 7).

Efectivamente, esta dispersão do mercado foi também um dos principais dados que registámos no nosso trabalho, uma vez que, para uma região apenas com 21 278 km<sup>2</sup>, ou seja, equivalendo aproximadamente a 24% do continente, e uma população estimada em 3 745 575 habitantes (dados do INE de 2009), na altura, em 2008/2009, obtivemos facilmente cerca de 900 contactos de tradutores, cujos serviços de tradução eram alegadamente publicitados na internet, jornais, directórios profissionais, bem como outros fóruns, como o ProZ, por exemplo.



## CONTEXTO MICRO

### O MERCADO DAS LÍNGUAS EM PORTUGAL

Apesar do grande número de falantes do português espalhados pelo mundo, Portugal é ainda encarado como um país periférico onde a prática da tradução ocorre maioritariamente do inglês, bem como de outras línguas, para o português.<sup>152</sup> Tal como referido por Heilbron e Sapiro (2007), e ainda Heilbron (2010), Portugal pode ser considerado um país que recebe sobretudo traduções, onde a actividade basicamente ocorre vinda do exterior, sendo, portanto, um grande consumidor e produtor de traduções, e onde os textos e outros materiais traduzidos circulam maioritariamente a partir de outras línguas:

An important feature of this world system of translation is that this core-periphery structure roughly corresponds to the level of translations within each country or, more precisely, within each language group. The general principle is: the more central the international position of a language/language group is, the lower the translation rate within that language. So you have – indeed – low translation rates for the US and the UK: between 2 and 4 % of all published books are translations. The rates in France and Germany are significantly higher: fluctuating between 12 and 18% of the national book production. Higher rates again for the semi-central languages (over 20 %), and, the highest rates are usually found in peripheral language groups (Greece and Portugal over 30 %; Scandinavian countries: similar, the Netherlands: 34%: 3 out of 4 translations are translated from English). (Heilbron 2010)

Num artigo de 1989<sup>153</sup>, José Lambert consagra, por exemplo, a posição-chave da tradução e enumera os argumentos segundo os quais é possível enquadrar e circunscrever a tradução no âmbito de um contexto fortemente marcado pela comunicação de massas, nomeadamente a intensificação da comunicação internacional relativamente aos circuitos tradicionais, a natureza supra e multinacional das respectivas fontes de difusão, a sua concentração num determinado número de centros limitados, a tendência para a estandardização, a aceleração contínua decorrente da aplicação de novas técnicas e, por último, o estabelecimento de novos modelos de comunicação e de

---

<sup>152</sup> Utilizo, neste contexto, o termo “periférico” em termos políticos e económicos, nomeadamente ao nível das relações de poder que são estabelecidas relativamente às políticas de língua e distribuições e circulação dos produtos linguísticos/culturais, por oposição a “centro”.

<sup>153</sup> “La Traduction, les langues et la communication de masse. Les Ambiguïtés du discours international”, in *Target*, I, 2, 1989, 215-237.

novos “gêneros”, conducentes a uma redefinição hierarquizada dos gêneros artísticos, jornalísticos, etc. (Lambert 1989: 216):

C'est l'ensemble des contextes de tout discours qui se trouve dans une configuration nouvelle, suite à l'internationalisation, ce qui donne à la traduction une position-clef au milieu de la lutte entre les conventions-homogénéisations. Toute traduction individuelle, tout discours individuel occupe une situation déterminée par rapport aux nouveaux standards qui s'élaborent, et la recherche aura besoin d'instruments adéquats pour cerner les fluctuations du moment et de l'avenir. (op. cit. 234)

Na verdade, à semelhança da Grécia, Portugal é um país onde entre 35% a 45% da literatura publicada é composta por traduções, seguindo uma lógica de relações altamente hierarquizadas correspondentes e afectadas pelas regras do mercado internacional, e onde os fluxos translatórios obedecem a tensões e fricções desiguais entre as chamadas línguas centrais e as línguas periféricas, num movimento conducente do centro para a periferia, semelhante ao fluxo da circulação de mercadorias (Heilbron e Sapiro 2007: 96):

(...) the economic approach assimilates translated books into the most general category of goods, identifying them as merchandise produced, distributed and consumed according to the logic of national and international markets. But to consider translated books as commodities like any other occults the specificity of cultural goods as well as the modalities specific to their production and marketing (Heilbron & Sapiro 2007: 94)<sup>154</sup>

De forma visível ou não, a verdade é que a tradução, enquanto “commodity” ou bem de consumo, invade o quotidiano, seja sob a forma de um *press release* de uma agência noticiosa, um menu num restaurante, um relatório financeiro, a certificação de documentos jurídicos, ou as informações/avisos que nos são prestados num qualquer aeroporto, tal como as várias brochuras e folhetos publicitários de empresas importadoras ou sítios de multinacionais (o sítio da loja IKEA é disso exemplo).

É também um ponto assente que, graças à comodificação desses serviços (Schäler 2005) o mercado da tradução cresceu exponencialmente na última década, em parte devido ao número de livros que inundaram e continuam a varrer literalmente as prateleiras e escaparates das livrarias e bibliotecas, bem como as secretárias das

---

<sup>154</sup> Ver ainda Sapiro (2008) “De nombreux pays ont élaboré des dispositifs d'aide à traduction des oeuvres de la littérature nationale, conçue comme ‘clé de voûte de la présence culturelle à l'étranger’ et ‘support d'échanges culturels’ (...) Ce mouvement s'est intensifié depuis les années 1980 et se poursuit à ce jour. L'institut portugais du livre et des bibliothèques, créé au début des années 1980, a promu la traduction de la littérature portugaise auprès des éditeurs français à une époque où celle-ci suscitait peu d'intérêt. (Sapiro 2008:12)

principais editoras, que disputam este território ávida e intensamente face à voracidade com que se publica hoje em dia.

Basicamente, a maioria dos exemplos de literatura que circulam em Portugal são traduções, como vimos, numa percentagem que pode posicionar-se rapidamente entre os 35% ou mesmo 45% em termos do *output* nacional, tal como confirmam Heilbron e Sapiro (Heilbron & Sapiro, *in* Wolf & Fukari 2007).

Se a isto adicionarmos os dados adiantados por Daniel Gouadec, quando, na obra já mencionada, e citando o relatório van Dijk, refere que 80% do mercado é ocupado pela tradução dita especializada, sendo que os restantes 20% pertencem à chamada tradução editorial (Gouadec 2002: 88), ficamos com uma ideia bem clara da dimensão brutal do mercado.

De acordo com as Estatísticas Culturais do Ministério da Cultura, de Janeiro de 2010, desde o ano 2000 até 2007, o número total de obras traduzidas em língua portuguesa tem rondado os 2.500 exemplares, com o facto especial de que, no ano de 2006, os livros traduzidos dispararam, até estagnar nos 2.772 exemplares em 2007, equivalendo, mesmo assim, a cerca de um terço do total das obras impressas e editadas em Portugal.

Ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
<b>Em língua portuguesa original</b>	7.187	7.464	7.456	7.495	7.587	6.768	7.814	6.712
<b>Traduzidos em língua portuguesa</b>	2.421	2.561	2.789	2.704	2.687	3.002	3.249	2.772
<b>Total</b>	9.608	10.025	10.245	10.199	10.274	9.770	11.063	9.484

**Tabela 10.** Obras publicadas e traduzidas em Portugal (2000-2007)

**Fonte:** BNP – *in* Estatísticas Culturais do Ministério da Cultura, de Janeiro de 2010

Paralelamente, aproveitamos para confrontar os dados acima com as estatísticas disponibilizadas no sítio Portalíngua *Observatório das línguas na sociedade do conhecimento*<sup>155</sup>, onde o português surge como a 15ª língua mais traduzida no mundo em 2010, com uma discrepância significativa ao nível das obras traduzidas de português (9.752) e para o português (71.287).

<sup>155</sup> Disponível em <http://www.portalingua.info/pt/poids-des-langues/langue/portugais/>

## PORTUGUÊS

Número de locutores	177 981 576
Entropia	0,4051
Índice de desenvolvimento humano	0,8185
Índice de fecundidade	1,8711
Índice de penetração da Internet	34,4509
Número de artigos na Wikipédia	429 730
Línguas oficiais	8
Prêmio Nobel de literatura	1
Traduções: língua-fonte	9 752
Traduções: língua-alvo	71 287

**Tabela 11.** Dados sobre a importância do português (obras traduzidas e publicadas)

**Fonte:** Portalingua

Já no caso do Pordata, os dados referentes ao ciclo entre 2000 e 2008 revelam que a literatura traduzida equivale a cerca de um terço do volume total de obras em língua portuguesa, tendo registado uma subida progressiva ao longo destes últimos oito anos.

### *Títulos em língua portuguesa: total, originais e traduzidos*

Monografia - Percentagem

Tempo	Títulos em língua portuguesa		
	Total	Originais	Traduzidos
2000	100,0	74,8	25,2
2001	100,0	74,5	25,5
2002	100,0	72,8	27,2
2003	100,0	73,5	26,5
2004	100,0	73,8	26,2
2005	100,0	69,3	30,7
2006	100,0	70,6	29,4
2007	(R) 100,0	(R) 71,5	(R) 28,5
2008	100,0	70,5	29,5

Fonte de Dados: BNP

**Tabela 12.** Títulos em língua portuguesa: total, originais e traduzidos (**Fonte:** Pordata 2010)

Portugal deverá ser, a par da Espanha, um dos países europeus onde a tradução é mais visível. Num artigo da autoria de Mário Santos, publicado no suplemento “Leituras” do jornal *Público*, de 1 de Novembro de 1997, o título era bastante claro e sintomático de uma realidade bem específica: “O País dos Tradutores”. Nessa altura, há precisamente 14 anos, a peça jornalística começava da seguinte maneira:

No país europeu que mais livros traduz, os tradutores não assinam contratos, não recebem direitos, nem são poupados pelos fisco. E são mal pagos, dizem. Entretanto, entram anualmente no mercado de trabalho 400 candidatos ao título de tradutor. (suplemento “Leituras”, *Público*, 1 de Novembro de 1997)

Um dos principais estudos onde surge inicialmente contabilizada a questão dos mercados da tradução em Portugal, e respectivas implicações sócio-económicas é, sem dúvida, o incontornável volume *Da Tradução Profissional em Portugal*, da autoria de Francisco Magalhães (1996), então presidente da Associação Portuguesa de Tradutores (APT). De acordo com os cálculos de Francisco Magalhães, sairão das universidades e escolas de tradução, em média, cerca de 400 novos “tradutores” anualmente, entrando num mercado que se esgotará em cerca de 1.500 a 2 mil tradutores, significando isto que, face à elevadíssima complexidade, exigência e especificidade da profissão, o próprio mercado rapidamente não conseguirá absorver tantos licenciados, como sustenta João Barrento, no mesmo artigo:

“A situação é bastante caótica e selvagem (...) Por outro lado, eles [recém-licenciados] não podem ganhar experiência porque o mercado já não está em condições de absorver tantos licenciados. (suplemento “Leituras”, *Público*, 1 de Novembro de 1997)

O que mudou, entretanto? O que se manteve? Lamentavelmente, o cenário descrito nessa época ainda é bastante actual, sendo de referir que pouco terá mudado. Hoje, como nessa altura, podemos afirmar, tal como constava desse artigo, que “Portugal é o país europeu que mais traduções publica. Proporcionalmente ao número total de livros publicados”. Em 1997, entrevistado para o já referido artigo, Francisco Magalhães sublinhava o facto de estarmos perante “um mercado florescente”, havendo “editores que vivem exclusivamente da tradução” [sic]. Ontem, como hoje, também não se sabia ao certo o número de tradutores no mercado:

“Ninguém sabe quantos tradutores existem?” [sic]

Dos 500 membros activos da APT, em 1997, “menos de 5 por cento eram tradutores literários a tempo inteiro, e são os que nos interessam agora (os outros são tradutores técnicos e ‘institucionais’ com um estatuto profissional bastante diferente: trabalhando normalmente para grandes empresas e departamentos oficiais, são, por exemplo, os mais bem pagos do mercado, em termos gerais.”

Já em 2002, Anthony Pym reflectia sobre este mercado de trabalho altamente segmentado (melhor dizendo, funcionalmente fragmentado), consequência, por um lado, do crescimento global dos fluxos de comunicação visivelmente assimétricos, responsáveis pela existência de “não-traduções” que contaminam o mercado e, por

outro, dos efeitos dispersivos e fracturantes das novas tecnologias de comunicação e da distribuição desigual das competências técnicas (Pym 2002a: 27).<sup>156</sup>

Na verdade, os tradutores literários são significativamente inferiores em número ao resto e, regra geral, o senso comum considera que os tradutores técnicos ganham melhor do que os seus pares. Percepção esta que é altamente discutível, convenhamos. No entanto, há, neste ponto, uma questão que é pertinente e convém realçar, resultante da constatação de que o trabalho encomendado directamente pelo cliente ou pelas empresas de tradução “representa um volume de trabalho muito superior à edição editorial.” (Francisco Magalhães, *O Primeiro de Janeiro*, 2006).

A nível nacional e também segundo dados disponibilizados pela União Europeia, o volume de negócios observado para o mercado português era de 85 milhões de euros em 1999, e estimava-se um montante superior a 100 milhões para o ano 2004, de acordo com as previsões de Fernand Boucau, Presidente da *Belgium Quality Translation Association*, em 2005, na apresentação “The European Translation Industry – Facing the Future”, durante o congresso da EUATC, em Bruxelas.

Por sua vez, segundo Luis Almeida Espinoza, o volume de negócios total das empresas de tradução terá sido, em 2008, de 35 milhões de euros.<sup>157</sup> Deste volume, destacamos ainda que 30 milhões terão sido realizados por empresas localizadas em Lisboa, Porto e no Algarve, um valor que nos parece algo excessivo e que, como tal, deve ser olhado com alguma prudência.

Por fim, segundo dados disponíveis pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), observamos que existirão actualmente 48 empresas de tradução em Portugal.

A tradução como actividade multilíngue é, por conseguinte, um fenómeno estratégico que parece passar despercebido ou praticamente esquecido por muitos dos principais actores e intermediários no terreno, nomeadamente indivíduos que, em última análise, acabam por beneficiar desta ferramenta-chave, e que, na verdade, dela retiram inúmeras vantagens decorrentes do seu extraordinário poder abrangente e incisivo, não esquecendo, é claro, os principais agentes e decisores políticos que exercem um papel crucial na sua afirmação política e social.

---

<sup>156</sup> in Belinda Maia, Johann Haller & Margherita Ulrych, eds. (2002) *Training the Language Services Provider for the New Millennium*, Porto: Universidade do Porto.

<sup>157</sup> Dados facultados no *workshop* "O Mercado da Tradução - Acções de Formação de Curta Duração para Tradutores", realizado em Braga, no dia 3 de Julho de 2010, e gentilmente cedidos por Cristóvão Soares, aluno de mestrado.

## A OBRIGATORIEDADE DE TRADUÇÃO AO ABRIGO DA LEGISLAÇÃO NACIONAL

“Os direitos dos tradutores vieram, por fim, de facto, a alcançar específica regulação no âmbito do Direito de Autor, que é o direito próprio, o *ius singulare*, por que são protegidas as criações intelectuais.

A tutela jurídica da tradução representa o reconhecimento do relevo social do seu contributo para a propagação da cultura.”

(Manuel José Boavida de Oliveira Barros, *Tradução e Direito de Autor* 1994: 14-v)

Conforme refere Jorge Almeida e Pinho, “a actividade de tradução é protegida e regulamentada pelo Código do Direito de Autor, mas, e apesar de tudo, o tradutor continua a não ser devidamente reconhecido e o seu trabalho não é convenientemente valorizado” (Almeida e Pinho 2006: 23). Para tal, o autor socorre-se de um estudo realizado pelo Juiz-Desembargador Manuel José Boavida de Oliveira Barros sobre *Tradução e Direito de Autor* com o seguinte teor:

Dado que necessariamente supõe a utilização da obra original, [a tradução] não tem o mesmo carácter de criação que esta tem. (Barros 1994: 14-v, citado em Almeida e Pinho 2006: 23)

No entanto, e ainda segundo Almeida e Pinho, o mesmo estudo jurídico salienta que, em função de um Acórdão da Relação de Lisboa, de 17 de Março de 1976.

(...) Enquanto trabalho intelectual, a tradução é, no entanto, sem dúvida, também uma obra de espírito que, nessa qualidade, e apesar de não ser original, merece protecção. (...) A tutela jurídica da tradução representa o reconhecimento do relevo social do seu contributo para a propagação da cultura. Uma vez reconhecido o valor da sua contribuição intelectual, os tradutores obtiveram direito a uma participação na utilização do produto dela igualmente resultante. (op. cit. 14-v, citado em Almeida e Pinho 2006: 23)

Porém, em termos de legislação, e tendo em conta que o direito à informação é um dos mais relevantes direitos do consumidor, como decorre da alínea b) do artigo 3.º e do artigo 9.º da Lei n.º 29/81, de 22 de Agosto (Lei da Defesa do Consumidor), e considerando ainda que o crescente alargamento do mercado nacional a produtos ou serviços de origem estrangeira, quando não acompanhado pelo uso da língua portuguesa, inviabiliza na prática o exercício do direito à informação, encontra-se em vigor o Decreto-Lei nº 238/86 de 19-08-1986, sobre a obrigatoriedade do uso da língua portuguesa nas informações sobre a natureza, características e garantias de bens e

serviços (texto actualizado, com as alterações operadas pelo Decreto-Lei nº 42/88, de 6 de Fevereiro)<sup>158</sup>.

Em paralelo, existe ainda o Decreto-Lei nº 62/88, de 27 de Fevereiro, que estabelece o “Uso da língua portuguesa nas informações e instruções relativas a máquinas, aparelhos, utensílios e ferramentas”, com a respectiva aplicação de coimas e multas, directiva esta que é frequentemente desrespeitada pelos fabricantes, produtores, importadores e comerciantes.<sup>159</sup>

São exemplos disso, estas notícias recentemente publicadas em vários *fora* acerca da actividade da ASAE, a Autoridade de Segurança Alimentar e Económica portuguesa, face à ausência de traduções em produtos comercializados:

---

<sup>158</sup> **Uso da língua portuguesa nas informações sobre a natureza, características e garantias de bens e serviços Decreto-Lei nº 236/86, de 19 de Agosto**

*(texto actualizado, com as alterações operadas pelo Decreto-Lei nº 42/88, de 6 de Fevereiro)*

No caso de as informações escritas se encontrarem em língua ou línguas estrangeiras aquando da venda de bens e serviços no mercado nacional é obrigatória a sua tradução integral em língua portuguesa, devendo, conforme os casos, o texto traduzido ser apostado nos rótulos ou embalagens ou aditado aos meios referidos no artigo anterior.

**Artigo 3º**

Sem prejuízo de conterem versão em língua ou línguas estrangeiras, os contratos que tenham por objecto a venda de bens ou produtos ou a prestação de serviços no mercado interno, bem como a emissão de facturas ou recibos, deverão ser redigidos em língua portuguesa.

<sup>159</sup> **Uso da língua portuguesa nas informações e instruções relativas a máquinas, aparelhos, utensílios e ferramentas Decreto-Lei nº 62/88, de 27 de Fevereiro**

**Artigo 1º**

1 - As informações ou instruções respeitantes a características, instalação, serviço ou utilização, montagem, manutenção, armazenagem, transporte, bem como as garantias que devam acompanhar ou habitualmente acompanhem ou sejam aplicadas sobre máquinas, aparelhos, utensílios e ferramentas, serão obrigatoriamente escritas em língua portuguesa.

2 - O texto em língua portuguesa das informações ou instruções a que se refere o número anterior só poderá conter palavras ou expressões em língua estrangeira quando:

a) Não existam palavras correspondentes em língua portuguesa;

b) Se trate de palavra ou expressões cujo o uso se tenha tornado corrente em Portugal e que sejam insusceptíveis de provocarem equívocos quanto ao seu significado.



### **1. ASAE fez três detenções por especulação e usurpação**

por Lusa - 28 Fevereiro de 2011

A ASAE fiscalizou 954 lojas durante os saldos de inverno, que hoje terminam, o que levou à detenção de três pessoas por crimes de especulação e usurpação, disse à Lusa fonte oficial da Autoridade de Segurança Alimentar e Económica.

Entre 03 de Janeiro e 23 de Fevereiro, os inspectores da ASAE apreenderam 97 peças de vestuário e seis CD/DVD, avaliados em 24,8 mil euros, e abriram três processos-crime, dois dos quais de especulação. Os inspectores detectaram 269 infracções e abriram 196 processos de contraordenação: 97 por falta de preços, 88 por infracção à lei dos saldos, 16 por falta de data dos saldos, 15 por falta de cadastro comercial, 11 por falta de envio de reclamação e mais oito por falta de entrega do duplicado de reclamação.

Outros motivos de incumprimento levou que levaram à abertura de processos foram a falta de preços ou falta de visibilidade dos mesmos (nove processos), falta de livro de reclamações (quatro), falta de dístico da lei do tabaco (três), falta de aviso da existência de livro de reclamações (dois), **falta de tradução em língua portuguesa (dois)** e infracção ao livro de reclamações (dois), entre outros. Das 954 lojas inspeccionadas pela ASAE naquele período a taxa de incumprimento registada foi de 20,86 por cento.

**Fonte:** [http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=1795267](http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=1795267) (Data de acesso: 1 de Maio de 2011) (nossos destaques)

### **2. Operação da ASAE encontra Algarve em boas condições**

por Rute Araújo / Paulo Spranger – Arquivo DN - 17 Junho de 2007

A Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE) passou o distrito de Faro a pente fino, numa operação de fiscalização que teve como objectivo antecipar a chegada de turistas e consumidores durante os meses de Verão. Numa semana, 42 brigadas percorreram o Barlavento e Sotavento algarvio, visitaram 773 operadores e instauraram 403 processos de contra ordenação e seis processos-crime. Mas, de acordo com o vice-presidente do organismo para a área operacional, o cenário encontrado "é melhor do que no ano passado e os resultados são francamente bons".

(...) Algumas das infracções detectadas **deveram-se à falta de tradução para português das ementas dadas aos clientes em restaurantes algarvios.**

**Fonte:** [http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content\\_id=659658](http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=659658) (Data de acesso: 1 de Maio de 2011) (nossos destaques)

### **3. Estabelecimentos de origem asiática**

#### **ASAE fiscaliza mais de 800 lojas e apreende 400 quilos de produtos com leite chinês**

01.10.2008 - 19:16 Por Romana Borja-Santos

A Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE) apreendeu mais de 400 quilos de alimentos compostos com leite chinês, 11 unidades de produtos lácteos e 7500 quilos de produtos alimentares mal rotulados e fora do prazo de validade, no âmbito de uma operação de fiscalização a 863 estabelecimentos de origem asiática na sequência dos problemas de produtos contaminados com melamina. (...)

Ao todo foram revistados 863 estabelecimentos, tendo sido suspensa a actividade de seis deles por falta de higiene. Outros cinco foram notificados para correcções diversas e foram, ainda, "retiradas 644 unidades de produtos não alimentares, **por deficiente ou falta de rotulagem em português**, e levantados autos de contra-ordenação, incluindo a falta de livro de reclamações, falta de rotulagem, **falta de tradução para português** e falta de HACCP (Análise de Perigos e Controlo de Pontos Críticos)", lê-se no comunicado.

**Fonte:** "Público" 01/10/2008 [http://www.publico.pt/Sociedade/asae-fiscaliza-mais-de-800-lojas-e-apreende-400-quilos-de-produtos-com-leite-chines\\_1344590](http://www.publico.pt/Sociedade/asae-fiscaliza-mais-de-800-lojas-e-apreende-400-quilos-de-produtos-com-leite-chines_1344590) (Data de acesso: 1 de Maio de 2011) (nossos destaques)



**Figura 19.** A ausência de tradução em produtos de origem estrangeira

## A TRADUÇÃO EM PORTUGAL: ALGUNS NÚMEROS

Em Portugal, por exemplo, quando acedemos aos registos do INE – Instituto Nacional de Estatística, e procuramos especificamente pelos dados relacionados com as actividades de Tradução e Interpretação, pelo respectivo CAE (Código de Actividade Económica)<sup>160</sup>, verificamos que o número de empresas por actividade económica com menos de 10 pessoas corresponde, a nível nacional, à maior fatia do mercado, com 1.868 registos em 2008, contra 2.634 em 2007, o que significa precisamente esta tendência para a fragmentaridade e atomização do mercado, pela proliferação de microempresas ou empresas unipessoais, conforme demonstra a tabela 13 abaixo.

Actividade económica (CAE Rev. 3)	Escalaão de pessoal ao serviço	Empresas (N.º) por Actividade económica (CAE Rev. 3) e Escalaão de pessoal ao serviço; Anual	
		Período de referência dos dados	
		2008	2007
		Localização geográfica	
		Portugal	
		N.º	N.º
Actividades de tradução e interpretação	Total	1 868	2 634
	Menos de 10 pessoas	1 862	2 629
	10 - 49 pessoas	5	5
	50 - 249 pessoas	1	0
	250 e mais pessoas	0	0

Empresas (N.º) por Actividade económica (CAE Rev. 3) e Escalaão de pessoal ao serviço; Anual - INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas

**Tabela 13.** Número de empresas por actividade económica e escalaão de pessoal ao serviço

Fonte: INE

De facto, das 1.868 empresas colectadas com o CAE correspondente às actividades de Tradução e Interpretação, em 2008, a maior parte dizia respeito a empresas unipessoais, o que nos coloca, desde logo, enormes dificuldades em termos de aferição e acesso aos dados, precisamente porque revelam uma tendência de grande volatilidade e deficiente fixação no terreno.

De acordo com a última versão do CAE – Código das Actividades Económicas, correspondente à Revisão 3 de 2007, a tradução encontrar-se-á incluída nas actividades de Tradução e Interpretação, sob o código 74300, inserida no âmbito das **Outras actividades de consultoria, científicas, técnicas e similares**, como, por exemplo, Actividades de design, Actividades fotográficas, Actividades de tradução e

<sup>160</sup> Código das Actividades Económicas (CAE), com base no qual uma dada actividade profissional é classificada e organizada, e ao abrigo da qual um profissional se encontra registado nas Finanças para efeitos fiscais em termos de declaração de início de actividade.

interpretação (743 7430 74300). **Secção M – Actividades de consultoria, científicas, técnicas e similares.**

Esta Secção resultou da agregação de Divisões da Secção K do CAE-Rev.2.1, em particular das Divisões 73 (Investigação e desenvolvimento) e 74 (Outras actividades de serviços prestados principalmente às empresas), cobrindo um conjunto de actividades com um elevado nível de especialização e de conhecimentos.

Conforme a Classificação Portuguesa das Profissões de 2010, a Tradução encontra-se enquadrada no Grupo-Base 2643, correspondente aos “Filólogos, tradutores, intérpretes e outros linguistas”, com a seguinte subdivisão em termos de profissões:

2643.1 Filólogo;

2643.2 Tradutor<sup>161</sup>,

2643.3 Intérprete e outros linguistas.<sup>162</sup>

Anteriormente, e de acordo com o antigo CAE, Revisão 2, a tradução estava integrada na categoria bastante mais vaga de prestação de serviços: Subsecção KK - Actividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas, Divisão 74 - Outras actividades de serviços prestados às empresas, Grupo - 748 – Outras actividades de serviços prestados às empresas, Classe 7485 / Subclasse 74850 - Actividades de secretariado, tradução e endereçamento.<sup>163</sup>

---

<sup>161</sup> 2643.2 Tradutor

Compreende as tarefas e funções do tradutor que consistem, particularmente, em:

- Traduzir textos escritos de obras literárias, científicas e técnicas, filmes, programas e/ou espectáculos de uma língua para outra, respeitando o conteúdo e a forma literária
- Ler e/ou ouvir e estudar textos originais para apreender o sentido geral das obras, convertendo para a língua pretendida o pensamento e a ideia dos originais
- Traduzir e adaptar textos de filmes e outros programas, servindo-se de um guião ou do som na língua original, para sonorização, dobragem ou legendagem
- Inserir o código, tempo de entrada e saída de cada legenda, no local adequado e de acordo com o ritmo do diálogo, utilizando meios de legendagem electrónica.

(Fonte: Classificação Portuguesa das Profissões, 2010)

<sup>162</sup> A Classificação Nacional de Profissões, na sua versão de 1994, colocava os tradutores com a seguinte distribuição. Nível, atribuindo os seguintes códigos:

- |   |            |  |
|---|------------|--|
| 4 | 2.4.4.4    | Filólogos, tradutores e intérpretes        |
| 5 | 2.4.4.4.05 | Filólogo                                   |
| 5 | 2.4.4.4.10 | Tradutor                                   |
| 5 | 2.4.4.4.15 | Intérprete                                 |
| 5 | 2.4.4.4.20 | Intérprete de língua gestual               |
| 5 | 2.4.4.4.90 | Outros filólogos, tradutores e intérpretes |

<sup>163</sup> Fonte: INE [http://metaweb.ine.pt/sine/UInterfaces/SineVers\\_Cat.aspx](http://metaweb.ine.pt/sine/UInterfaces/SineVers_Cat.aspx), Data de acesso: 28 de Janeiro de 2011

Tal como acima descrito, o exemplo que a seguir apresentamos poderia ser claramente um caso de ocultação da tradução, enquanto actividade encoberta por outra profissão, fiscalmente enquadrada, na qual facilmente se dilui, pela eventual proximidade semântico-funcional. Trata-se de um anúncio a serviços de envelopagem e tratamento de correio, enviado a várias empresas de prestação de serviços na área das línguas, onde a tradução representava um apêndice, sobretudo na última rubrica “Organização e Classificação documental”:

Excelentíssimos Senhores

O **Centro de Envelopagem** é um Centro de Operações de Processamento de Correio , prestando serviços de apoio a acções de Comunicação e Marketing Directo e serviços de apoio à Gestão de Relacionamento com Clientes no que respeita a todo o tipo de objectos postais, documentos e correio. Necessitam de Serviços de **Envelopagem, Expedição de Correio, Impressão e Emissão de Correspondência**? Realizamos operações de:

- Envelopagem de Correio Manual ou Mecânica;
- Impressão, Personalização e Processamento Gráfico de Documentos;
- Assemblagem de Objectos Postais ou Encomendas;
- Embalagem de Materiais Promocionais de Marketing ou Merchandising;
- Plastificação de Objectos Postais;
- Dobragem de Documentos e Montagem de Embalagens para Objectos;
- Manuseamento, Indexação e Assemblagem de Processos Documentais.

Procuram Serviços de **Recepção de Correio e Tratamento de Documentos** ? Executamos serviços profissionais de:

- Gestão de Apartados, Caixas de Correio e Recolhas de Documentos;
- Registos de Entrada de Correio e Recepção de Documentos;
- Triagem de Documentos e Reencaminhamento de Correio;
- Tratamento e Gestão de Devoluções de Objectos Postais;
- Gestão de Meios de Pagamento e Documentos Financeiros Postais;
- Digitalização de Correio, Documentos e Objectos Postais;
- **Organização e Classificação Documental.**

Estamos à Vossa disposição para uma **apresentação institucional** detalhada ou para uma **demonstração de serviços profissionais**.

De facto, antes da chamada Revisão 3 do CAE, ou seja, mais concretamente em 1993, a situação do tradutor era, na verdade, bem mais caótica e desregulamentada. Com efeito, nessa altura, o tradutor acabava por ser classificado juntamente com uma série de outras categorias de actividades equiparadas à prestação de serviços de secretariado, endereçagem e profissões associadas aos correios, ensino de línguas, explicações, organização de conferências e eventos, serviços de acompanhamento e consultadoria (74830 / 74850), bem como “outros serviços prestados às empresas”, como por exemplo fotocópias (74842 / 74872), quiosques, tabacarias, livrarias e papelarias. De facto, isto explica muito do carácter intrinsecamente antitético da profissão, marcado, por um lado, pelo débil reconhecimento e, por outro, pela considerável exposição social e pública que acompanham o mercado das línguas.

O quadro abaixo (tabela 14) demonstra a forma como, em 2001, o mercado da tradução revelava uma anarquia e desorganização preocupantes. Em 2001, a APET, Associação Portuguesa de Empresas de Tradução encomendou um estudo que visava mapear a Repartição dos Empresários em nome individual e das Sociedades, de acordo com o Volume de Emprego e o Volume de Negócios das Sociedades, segundo os Distritos, para os códigos 74830 e 74842 da CAE, na altura, de acordo com a Revisão 2.

Tal como referimos acima, nessa época, e de acordo com a Revisão 2, a tradução era englobada juntamente com outras categorias bastante díspares, o que dificultava a capacidade de destringir a actividade de tradução de outras actividades paralelas e, porventura, totalmente desenquadradas do seu campo profissional. Conforme demonstra a tabela abaixo (Figura 34), analisando o volume de negócios para os códigos 74830<sup>164</sup> e 74842<sup>165</sup>, e tendo em conta a repartição dos empresários em nome individual e das sociedades, podemos verificar a enorme discrepância, amplitude e dispersão do mercado, bastando para tal analisar uma cidade como Bragança, no norte de Portugal, capital de um distrito com 6.608 km<sup>2</sup>, e 148 808 habitantes (2001), e em que existiam, em Dezembro de 2001, 220 empresários em nome individual, dos quais, 3 colectados com o CAE 74830, e 217 com o CAE 74842. Paralelamente, e em relação ao número de sociedades para esse mesmo distrito, existiam 7 unidades no total, sendo que 2 pertenciam ao CAE 74830, e 5 ao CAE 74842.

No caso do distrito do Porto, por exemplo, existiam, em 2001, 7.791 empresários em nome individual colectados com os CAE 73830 e 74842, sendo que, destes, 305 pertenciam ao CAE 74830, enquanto 7.486 pertenciam ao CAE 74842. Relativamente às sociedades, no distrito do Porto, tínhamos, em 2001, um total de 751 unidades, com a seguinte distribuição: 57 para o CAE 74830, e 694 para o CAE 74842. Destas, em termos de volume de negócios, as empresas do distrito do Porto eram responsáveis, respectivamente para os CAE 74830e 74842, por um total de 178.759.150, com a seguinte distribuição, conforme dados da tabela abaixo:

- 5.829.999 - CAE 74830
- 172.929.151 - CAE 74842

---

<sup>164</sup> 74830 / 74850 - Prestação de serviços de secretariado, endereçamento e profissões associadas aos correios, ensino de línguas, explicações, organização de conferências e eventos, serviços de acompanhamento e consultadoria

<sup>165</sup> 74842 / 74872- Outros serviços prestados às empresas, como por exemplo fotocópias

Distritos	CAE	Empresários em nome individual	Sociedades		
			Nº.	Volume de Emprego (pessoas)	Volume de Negócios (Euros)
Total Geral		40.073	4.463	22.369	1.657.314.769
Total Geral p/código	74830	1.369	318	2.017	76.642.555
	74842	38.704	4.145	20.352	1.580.672.214
Aveiro		2.621	172	913	74.579.245
	74830	68	6	17	225.058
	74842	2.553	166	896	74.354.187
Beja		328	16	33	1.099.928
	74830	10	1	...	...
	74842	318	15	...	...
Braga		1.317	168	646	17.738.169
	74830	28	7	15	266.870
	74842	1.289	161	631	17.471.299
Bragança		220	7	16	276.835
	74830	3	2	...	...
	74842	217	5	...	...
Castelo Branco		327	29	96	1.781.341
	74830	15	1	...	...
	74842	312	28	...	...
Coimbra		1.352	110	1.623	15.287.583
	74830	58	11	24	506.447
	74842	1.294	99	1.599	14.781.136
Évora		537	42	146	3.230.349
	74830	15	2	...	...
	74842	522	40	...	...
Faro		1.351	116	316	11.877.352
	74830	67	6	27	800.209
	74842	1.284	110	289	11.077.143
Guarda		198	27	51	1.837.619
	74830	6	2	...	...
	74842	192	25	...	...
Leiria		1.961	179	476	17.652.978
	74830	44	12	31	442.529
	74842	1.917	167	445	17.210.449
Lisboa		13.849	2.088	12.387	753.931.048
	74830	522	174	1.538	62.405.909
	74842	13.327	1.914	10.849	691.525.139
Portalegre		270	22	53	1.222.525
	74830	2	0	0	0
	74842	268	22	53	1.222.525
Porto		7.791	751	2.988	178.759.150
	74830	305	57	205	5.829.999
	74842	7.486	694	2.783	172.929.151
Santarém		1.213	92	367	10.145.295
	74830	27	4	15	376.083
	74842	1.186	88	352	9.769.212
Setúbal		3.955	307	1.442	46.088.026
	74830	149	19	93	3.810.972
	74842	3.806	288	1.349	42.277.054

Viana do Castelo		398	20	35	927.924
	74830	13	1	...	...
	74842	385	19	...	...
Vila Real		403	19	82	957.955
	74830	15	1	...	...
	74842	388	18	...	...
Viseu		935	63	149	5.611.774
	74830	16	5	4	35.897
	74842	919	58	145	5.575.877
Madeira		588	213	498	511.726.562
	74830	2	6	22	1.487.153
	74842	586	207	476	510.239.409
Porto Santo		8	0	0	0
	74842	8	0	0	0
Ilha de Santa Maria		37	0	0	0
	74842	37	0	0	0
Ilha de São Miguel		286	17	40	2.296.083
	74830	2	0	0	0
	74842	284	17	40	2.296.083
Ilha Terceira		85	3	11	285.692
	74830	1	1	...	...
	74842	84	2	...	...
Ilha da Graciosa		4	0	0	0
	74842	4	0	0	0
Ilha de São Jorge		7	0	0	0
	74842	7	0	0	0
Ilha do Pico		30	1	...	...
	74842	30	1	...	...
Ilha do Faial		2	1	0	0
	74830	1	0	0	0
	74842	1	1	0	0

**Tabela 14.** Repartição dos Empresários em nome individual e das Sociedades, de acordo com o Volume de Emprego e o Volume de Negócios das Sociedades, segundo os Distritos, para os códigos 74830 e 74842 da CAE

**Fonte:** INE, 2001

Actualmente, e de acordo com a Classificação Nacional de Profissões, Versão V02014 de 2010, a tradução está, como constatámos, incluída na “Alínea 2 - Especialistas das actividades intelectuais e científicas” e, dentro deste domínio, na “Categoria 26 – Especialistas em assuntos jurídicos, sociais, artísticos e culturais”; dentre estes, no “Domínio 264 – Autores, jornalistas e linguistas”, onde temos ainda uma subdivisão específica, 2643, para os Filólogos, tradutores, intérpretes e outros linguistas; e é aqui que, finalmente, depois da respectiva decomposição sectorial, encontramos as referências 2643.2. Tradutor e 2643.3 Intérprete.

Relativamente ao período de referência dos dados apresentados, centramo-nos, para efeitos da nossa investigação, concretamente nos anos de 2007 e 2008, de forma a



aferir o volume de negócios (€) das empresas por Localização geográfica (NUTS<sup>166</sup> - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3 de 2007); Anual.

Segundo dados do INE, de acordo com o Sistema de Contas Integradas das Empresas, o volume de negócios das empresas (muitas delas unipessoais, como constatámos)<sup>167</sup>, segundo o CAE Rev. 3, correspondente às Actividades de Tradução e Interpretação, aponta, no ano de 2008, para um valor de 35 240 801 €, em comparação com os 40 019 079 € registados em 2007, o que nos sugere, desde logo, um significativo decréscimo que poderá ser explicado pelo facto de muitas destas empresas serem sociedades unipessoais que terão, entretanto, fechado ou falido, ou ainda encerrado a sua actividade por motivos diversos, sobretudo a partir do momento em que, em termos contabilísticos, foi necessário ter contabilidade organizada e regularizar as obrigações fiscais antecipadamente.

Deste valor global, importa frisar ainda que o norte colhia cerca de 35 005 392 € em 2008, em comparação com os 39 730 445 € de 2007, enquanto a região de Lisboa registava 23 550 100 € em 2007, e 28 011 470 € em 2008 (Grande Lisboa: ano de 2007 – 22 023 896; ano de 2008 – 26 034 317).<sup>168</sup>

Ainda relativamente ao mesmo período, ou seja, 2007 e 2008, o número de empresas por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3), envolvidas em Actividades de Tradução e Interpretação era de 2 634 em 2007, e 1 868 em 2008, o que revela uma significativa redução de 766 empresas a operar no sector, indicando idêntica tendência à acima mencionada, associada à forte instabilidade profissional e incapacidade de fixação ao nível do empreendedorismo e iniciativa no tecido empresarial.

O norte tinha 412 empresas em 2008, e 492 em 2007, enquanto o Porto contava com 277 empresas em 2008, contra as 343 registadas em 2007. Na região de Lisboa, havia 1 002 empresas registadas em 2008, e 1 569 em 2007, enquanto a região da Grande Lisboa contava com 1 383 em 2007, e 866 em 2008, registando, uma vez mais, uma descida considerável.

De igual forma, um dos valores a ter em conta será, neste caso, e para efeitos de cruzamento de dados, analisar a distribuição destas empresas em termos da sua forma jurídica, indicando o número de empresas por Actividade económica (CAE Rev. 3) e

---

<sup>166</sup> NUTS – Nomenclatura de Unidades Territoriais para Fins Estatísticos

<sup>167</sup> Dados do INE: Janeiro de 2011.

<sup>168</sup> Actividade económica: Resultado da combinação dos factores produtivos (mão-de-obra, matérias-primas, equipamento, etc.), com vista à produção de bens e serviços. (Fonte: INE, 21 de Janeiro de 2011)

respectiva Forma jurídica. Mais uma vez, em termos de anos, os dados referem-se a 2007 e 2008.

Para efeitos do nosso trabalho, entende-se por entidade jurídica “uma pessoa singular ou colectiva correspondente a uma unidade organizacional de produção de bens e/ou serviços, usufruindo de uma certa autonomia de decisão, nomeadamente quanto à afectação dos seus recursos correntes. Uma empresa pode exercer uma ou várias actividades, em um ou em vários locais.” (Fonte: INE - Janeiro de 2011).

Relativamente ao CAE - Actividades de Tradução e Interpretação, das 1 868 empresas contabilizadas em 2008, 1 721 eram empresas individuais, enquanto apenas 147 eram sociedades. No ano de 2007, registou-se um total de 2 634 de empresas, das quais 2 511 eram empresas individuais, contra 123 sociedades. Estes dados revelam, de novo, a parcelização do mercado e permitem um cruzamento de dados com a forma como as sociedades unipessoais vigoram e inundam o sector, facto facilmente verificável se analisarmos, por exemplo, uma vulgar lista telefónica ou motor de busca na Internet.

Por último, quisemos ainda analisar a distribuição em termos do número de pessoas - Escalão de pessoal ao serviço - Empresas por Actividade económica (CAE Rev. 3) – Actividades de Tradução e Interpretação. Por pessoal ao serviço, entende-se, neste caso, “Pessoas que, no período de referência, participaram na actividade da empresa/instituição, qualquer que tenha sido a duração dessa participação, nas seguintes condições: a) pessoal ligado à empresa/instituição por um contrato de trabalho, recebendo em contrapartida uma remuneração; b) pessoal ligado à empresa/instituição, que por não estar vinculado por um contrato de trabalho, não recebe uma remuneração regular pelo tempo trabalhado ou trabalho fornecido (p. ex.: proprietários-gerentes, familiares não remunerados, membros activos de cooperativas); c) pessoal com vínculo a outras empresas/instituições que trabalharam na empresa/instituição sendo por esta directamente remunerados; d) pessoas nas condições das alíneas anteriores, temporariamente ausentes por um período igual ou inferior a um mês por férias, conflito de trabalho, formação profissional, assim como por doença e acidente de trabalho. Não são consideradas como pessoal ao serviço as pessoas que: i) se encontram nas condições descritas nas alíneas a), b), e c) e estejam temporariamente ausentes por um período superior a um mês; ii) os trabalhadores com vínculo à empresa/instituição deslocados para outras empresas/instituições, sendo nessas directamente remunerados; iii) os trabalhadores a trabalhar na empresa/instituição e cuja remuneração é suportada por

outras empresas/instituições (p. ex.: trabalhadores temporários); iv) os trabalhadores independentes (p. ex.: prestadores de serviços, também designados por 'recibos verdes')". (Fonte: INE - 28 de Janeiro de 2011).

Neste caso, e novamente em relação aos anos de 2007 e 2008, registámos 1 868 indivíduos envolvidos na prestação de serviços de tradução e interpretação, por oposição aos 2 634 de 2007. Em 2007, 2 629 empresas tinham menos de 10 pessoas, em comparação com as 1 862 de 2008. Por outro lado, relativamente a empresas com 10 a 49 pessoas, havia 5 empresas em 2007, mantendo-se ainda o mesmo número em 2008. Registe-se que, em Portugal, só havia uma empresa com 50 a 249 pessoas, em concreto no ano de 2008.

Actividade económica (CAE Rev. 3)	Escalaço de pessoal ao serviço	Empresas (N.º) por Actividade económica (CAE Rev. 3) e Escalaço de pessoal ao serviço; Anual	
		Período de referência dos dados	
		2008	2007
		Localização geográfica	
		Portugal	
		N.º	N.º
Actividades de tradução e interpretação	Total	1 868	2 634
	Menos de 10 pessoas	1 862	2 629
	10 - 49 pessoas	5	5
	50 - 249 pessoas	1	0
	250 e mais pessoas	0	0

Empresas (N.º) por Actividade económica (CAE Rev. 3) e Escalaço de pessoal ao serviço; Anual - INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas

**Tabela 15.** Empresas (N.º) por Actividade económica (CAE Rev. 3) e Escalaço de pessoal ao serviço; Anual.

Fonte: INE

Localização geográfica (NUTS - 2002)	Volume de negócios (€) das empresas por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3); Anual	
	Período de referência dos dados	
	2008	2007
Actividade económica (CAE Rev. 3)		
74300: Actividades de tradução e interpretação		
	€	€
PT: Portugal	35 240 801	40 019 079
I: Continente	35 005 392	39 730 445
I1: Norte	6 652 582	6 674 124
I11: Minho-Lima	76 245	132 073
I12: Cávado	190 096	215 921
I13: Ave	190 734	251 355
I14: Grande Porto	5 998 334	5 802 024
I15: Tâmega	58 440	53 979
I16: Entre Douro e Vouga	62 719	111 032
I17: Douro	57 249	42 679
I18: Alto Trás-os-Montes	18 765	65 061
I6: Centro	2 606 931	2 846 842
I61: Baixo Vouga	399 839	342 869
I62: Baixo Mondego	545 387	710 707
I63: Pinhal Litoral	547 680	594 474
I64: Pinhal Interior Norte	39 013	...
I65: Dão-Lafões	...	251 249
I66: Pinhal Interior Sul	0	...
I67: Serra da Estrela	...	0
I68: Beira Interior Norte	27 718	...

<b>169: Beira Interior Sul</b>	3 064	1 454
<b>16A: Cova da Beira</b>	22 446	...
<b>16B: Oeste</b>	702 841	622 476
<b>16C: Médio Tejo</b>	122 277	151 574
<b>17: Lisboa</b>	23 550 100	28 011 470
<b>171: Grande Lisboa</b>	22 023 896	26 034 317
<b>172: Península de Setúbal</b>	1 526 204	1 977 153
<b>18: Alentejo</b>	958 945	942 247
<b>181: Alentejo Litoral</b>	611 212	...
<b>182: Alto Alentejo</b>	62 681	117 043
<b>183: Alentejo Central</b>	131 735	190 583
<b>184: Baixo Alentejo</b>	23 274	34 451
<b>185: Lezíria do Tejo</b>	130 043	...
<b>15: Algarve</b>	1 236 834	1 255 762
<b>150: Algarve</b>	1 236 834	1 255 762
<b>2: Região Autónoma dos Açores</b>	127 244	141 230
<b>20: Região Autónoma dos Açores</b>	127 244	141 230
<b>200: Região Autónoma dos Açores</b>	127 244	141 230
<b>3: Região Autónoma da Madeira</b>	108 165	147 404
<b>30: Região Autónoma da Madeira</b>	108 165	147 404
<b>300: Região Autónoma da Madeira</b>	108 165	147 404

Volume de negócios (€) das empresas por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3); Anual - INE, Sistema de Contas Integradas das Empresas

**Tabela 16.** Volume de negócios (€) das empresas por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3); Anual.

**Fonte:** INE

Localização geográfica (NUTS - 2002)	Empresas (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3); Anual				Pessoal ao serviço (N.º) das empresas por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3); Anual				Volume de negócios (€) das empresas por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3); Anual			
	Actividade económica (CAE Rev. 3)				Actividade económica (CAE Rev. 3)				Actividade económica (CAE Rev. 3)			
	Actividades de tradução e interpretação				Actividades de tradução e interpretação				Actividades de tradução e interpretação			
	Período de referência dos dados				Período de referência dos dados				Período de referência dos dados			
	2008		2007		2008		2007		2008		2007	
	N.º		N.º		N.º		N.º		€		€	
Portugal	PT	1868	2634	2153	2865	35240801	40019079					
Continente	1	1838	2594	2123	2825	35005392	39730445					
Norte	11	412	492	527	564	6652582	6674124					
Minho-Lima	111	15	23	15	23	76245	132073					
Cávado	112	42	42	43	43	190096	215921					
Ave	113	27	29	27	29	190734	251355					
Grande Porto	114	277	343	390	414	5998334	5802024					
Tâmega	115	13	13	13	13	58440	53979					
Entre Douro e Vouga	116	15	16	15	16	62719	111032					
Douro	117	13	11	14	11	57249	42679					
Alto Trás-os-Montes	118	10	15	10	15	18765	65061					
Centro	16	249	313	261	328	2606931	2846842					
Baixo Vouga	161	41	47	43	50	399839	342869					
Baixo Mondego	162	56	83	58	85	545387	710707					
Pinhal Litoral	163	40	55	42	57	547680	594474					
Pinhal Interior Norte	164	5	11	5	..	39013	...					
Dão-Lafões	165	18	24	...	24	..	251249					
Pinhal Interior Sul	166	0	1	0	..	0	...					
Serra da Estrela	167	1	0	...	0	..	0					
Beira Interior Norte	168	6	6	6	..	27718	...					
Beira Interior Sul	169	3	3	3	3	3064	1454					
Cova da Beira	16A	5	6	5	..	22446	...					
Oeste	16B	52	55	58	63	702841	622476					
Médio Tejo	16C	22	22	22	22	122277	151574					
Lisboa	17	1002	1569	1151	1705	23550100	28011470					
Grande Lisboa	171	866	1383	1004	1509	22023896	26034317					
Península de Setúbal	172	136	186	147	196	1526204	1977153					
Alentejo	18	74	102	78	106	958945	942247					
Alentejo Litoral	181	12	17	14	..	611212	...					
Alto Alentejo	182	10	18	10	18	62681	117043					
Alentejo Central	183	19	23	21	25	131735	190583					
Baixo Alentejo	184	6	13	6	13	23274	34451					
Lezíria do Tejo	185	27	31	27	..	130043	...					
Algarve	15	101	118	106	122	1236834	1255762					
Algarve	150	101	118	106	122	1236834	1255762					
Região Autónoma dos Açores	2	15	22	15	22	127244	141230					
Região Autónoma dos Açores	20	15	22	15	22	127244	141230					

<b>Açores</b>									
<b>Região Autónoma dos Açores</b>	200	15	22	15	22	127244	141230		
<b>Região Autónoma da Madeira</b>	3	15	18	15	18	108165	147404		
<b>Região Autónoma da Madeira</b>	30	15	18	15	18	108165	147404		
<b>Região Autónoma da Madeira</b>	300	15	18	15	18	108165	147404		

Empresas (N.º) por Localização geográfica (NUTS – 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3); Anual

Pessoal ao serviço (N.º) das empresas por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3); Anual

Volume de negócios (€) das empresas por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3); Anual

**Tabela 17.** Pessoal ao serviço (N.º) das empresas por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3); Anual

Volume de negócios (€) das empresas por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3); Anual

**Fonte:** INE

Actividade económica (CAE Rev. 3)	Período de referência dos dados	NUTS 2002 completa (ist cumulativa -PT, NUTS I, II, CC, FR)	Volume de negócios (€) das empresas por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3); Anual	Empresas (N.º) por Actividade económica (CAE Rev. 3) e Escalão de pessoa a serviço Anal					Empresa (N.º) por Actividade económica (CAE Rev. 3) e Forma jurídica; Anual		
				Escalão de pessoal ao serviço					Forma jurídica		
				Total	Menos de 10 pessoas	10 - 49 pessoas	50 - 249 pessoas	250 e mais pessoas	Total	Empresa individual	Sociedade
				°	N.º	N.º	N.º	°	N.º	N.	°
€	°	N.º	N.º	°	°	N.º	N.	°			
Actividades de tradução e interpretação	2008	Portugal	35 240 801	1 868	1 862	5	1	0	1 868	1 721	147
		Continente	35 005 392	x	x	x	x	x	x	x	x
		Norte	6 652 582	x	x	x	x	x	x	x	x
		Centro	2 606 31	x	x	x	x	x	x	x	x
		Lisboa	23 550 100	x	x	x	x	x	x	x	x
		Alentejo	958 945	x	x	x	x	x	x	x	x
		Algarve	1 236 834	x	x	x	x	x	x	x	x
		Região Autónoma dos Açores	127 244	x	x	x	x	x	x	x	x
		Região Autónoma da Madeira	108 165	x	x	x	x	x	x	x	x
	2007	Portugal	40 019 079	2 634	2 629	5	0	0	2 634	2 511	123
		Continente	39 730 445	x	x	x	x	x	x	x	x
		Norte	6 674 124	x	x	x	x	x	x	x	x
		Centro	2 846 842	x	x	x	x	x	x	x	x
		Lisboa	28 011 470	x	x	x	x	x	x	x	x
		Alentejo	942 247	x	x	x	x	x	x	x	x
		Algarve	1 255 762	x	x	x	x	x	x	x	x
		Região Autónoma dos Açores	141 230	x	x	x	x	x	x	x	x
		Região Autónoma da Madeira	147 404	x	x	x	x	x	x	x	x
Actividades de tradução e interpretação	2008	Portugal	35 240 801	1 868	1 862	5	1	0	1 868	1 721	147
		Continente	35 005 392	x	x	x	x	x	x	x	x
		Norte	6 652 582	x	x	x	x	x	x	x	x
		Centro	2 606 931	x	x	x	x	x	x	x	x
		Lisboa	23 550 100	x	x	x	x	x	x	x	x
		Alentejo	958 945	x	x	x	x	x	x	x	x
		Algarve	1 236 834	x	x	x	x	x	x	x	x
		Região Autónoma dos Açores	127 244	x	x	x	x	x	x	x	x
		Região Autónoma da Madeira	108 165	x	x	x	x	x	x	x	x
	2007	Portugal	40 019 079	2 634	2 629	5	0	0	2 634	2 511	123
		Continente	39 730 445	x	x	x	x	x	x	x	x
		Norte	6 674 124	x	x	x	x	x	x	x	x
		Centro	2 846 842	x	x	x	x	x	x	x	x
		Lisboa	28 011 470	x	x	x	x	x	x	x	x
		Alentejo	942 247	x	x	x	x	x	x	x	x
		Algarve	1 255 762	x	x	x	x	x	x	x	x
		Região Autónoma dos Açores	141 230	x	x	x	x	x	x	x	x
		Região Autónoma da Madeira	147 404	x	x	x	x	x	x	x	x
Actividades de tradução e interpretação	2008	Portugal	35 240 801	1 868	1 862	5	1	0	x	x	x
		Continente	35 005 392	x	x	x	x	x	x	x	x
		Norte	6 652 582	x	x	x	x	x	x	x	x
		Centro	2 606 931	x	x	x	x	x	x	x	x
		Lisboa	23 550 100	x	x	x	x	x	x	x	x
		Alentejo	958 945	x	x	x	x	x	x	x	x
		Algarve	1 236 834	x	x	x	x	x	x	x	x
		Região Autónoma dos Açores	127 244	x	x	x	x	x	x	x	x
		Região Autónoma da Madeira	108 165	x	x	x	x	x	x	x	x
	2007	Portugal	40 019 079	2 634	2 629	5	0	0	x	x	x
		Continente	39 730 445	x	x	x	x	x	x	x	x
		Norte	6 674 124	x	x	x	x	x	x	x	x
		Centro	2 846 842	x	x	x	x	x	x	x	x
		Lisboa	28 011 470	x	x	x	x	x	x	x	x
		Alentejo	942 247	x	x	x	x	x	x	x	x
		Algarve	1 255 762	x	x	x	x	x	x	x	x
		Região Autónoma dos Açores	141 230	x	x	x	x	x	x	x	x
		Região Autónoma da Madeira	147 404	x	x	x	x	x	x	x	x

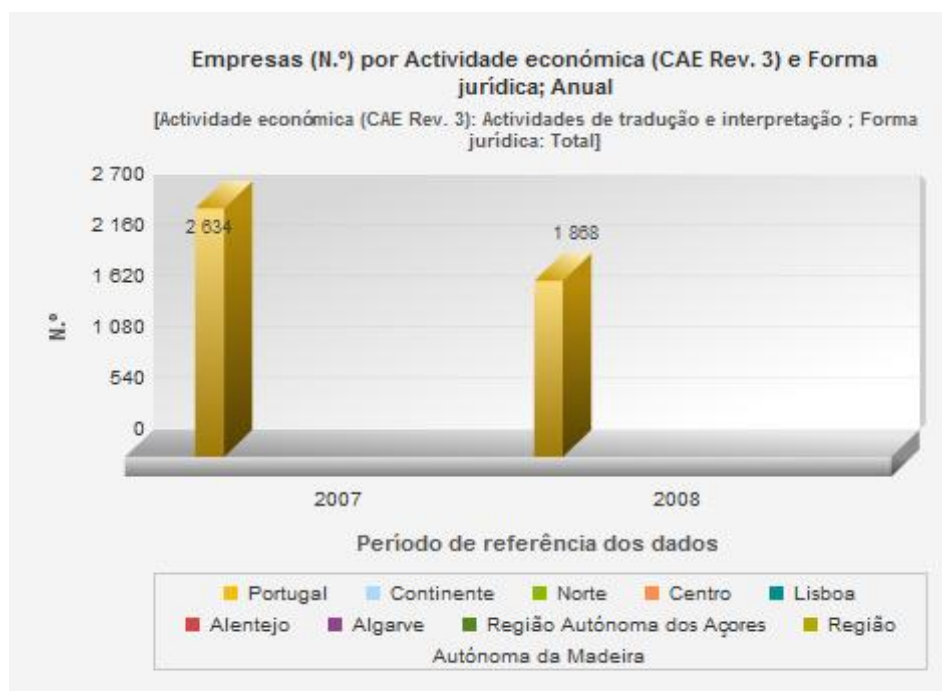
		dos Açores										
		Região Autónoma da Madeira	147 404	x	x	x	x	x	x	x	x	x

Volume de negócios (€) das empresas por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3) Anua  
Empresas (N.º p r Actividae económica (CAE ev. 3) e Escalão de pessoal ao serviço; Anual  
Empresas (N.º) por Actividade económica (AE R v. 3) e Forma jurídica; Anual

**Tabela 18.** Volume de negócios (€) das empresas por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Actividade económica (CAE Rev. 3); Anual

Empresas (N.º) por Actividade económica (CAE Rev. 3) e Escalão de pessoal ao serviço Anual  
Empresas (N.º) por Actividad eonómica (CAE Rev. 3) e Forma jurídica; Anual

Fonte: INE



**Figura 20.** Número de empresas por Actividade económica e Forma jurídica; Anual

Fonte: INE

Há, no entanto, outro recurso que nos permite, de certa forma, enquadrar igualmente o mercado da tradução português e analisar com outro enfoque esta realidade.

Referimo-nos, concretamente, aos dados fornecidos pelo Banco de Portugal, nomeadamente ao nível dos Quadros da Empresa e do Sector. Conforme indicação disponibilizada no sítio do Banco de Portugal<sup>169</sup>, “Os Quadros do Sector (QS) apresentam diversos indicadores anuais agregados sobre sectores de actividade/classes de dimensão das empresas não financeiras da Central de Balanços. A informação anual da Central de Balanços é obtida através das declarações Anexo A da IES – Informação Empresarial Simplificada, sendo que os dados contabilísticos submetidos pelas empresas são, previamente à sua agregação e publicação, objecto de procedimentos específicos de

<sup>169</sup> Disponível em <http://www.bportugal.pt/pt-PT/ServicosaoPublico/CentraldeBalanços/Publicacoes/Paginas/QuadrodaEmpresaedoSector.aspx>



controlo de qualidade realizados pela Central de Balanços do Banco de Portugal.” (Data de acesso: Janeiro de 2011)

Este é um exemplo de um desses quadros para uma empresa de tradução (Figura 40), em que é possível constatar que a significativa maioria das empresas do sector, dentro do CAE 74300 encontra-se na zona de Lisboa, com 61%, seguindo-se o Porto com 18%. Por outro lado, em termos de natureza jurídica podemos verificar que são maioritariamente sociedades por quotas.

Em relação à representatividade das empresas no sector, regista-se um aumento progressivo no número de empresas participantes desde 2006, embora com um ligeiro decréscimo no ano de 2008 quanto ao número de empresas, número de pessoas ao serviço e vendas e prestações de serviços, o que parece corroborar as tendências já por nós diagnosticadas quanto à acentuada quebra no sector.

Ano 2008

Empresa \*\*\*\*\* UNIPessoal LDA

Sector 74300 - Actividades de tradução e interpretação | Pequenas e Médias empresas

EMPRESA

Firma: \*\*\*\*\* UNIPessoal LDA

CAE (Rev.3): 74300 - Actividades de tradução e interpretação

Classe de Dimensão: Micro-empresas

SECTOR

CAE (Rev.3): 74300 - Actividades de tradução e interpretação

Classe de Dimensão: Pequenas e Médias empresas

#### DISTRIBUIÇÃO DAS EMPRESAS DO SECTOR

Localização empresas		Natureza jurídica	
Lisboa	61%	Sociedade por Quotas	100%
Porto	18%		
Setúbal	5%		
Outras localizações	16%		

#### REPRESENTATIVIDADE DAS EMPRESAS DO SECTOR (\*)

Exercício	Número de Empresas Participantes	Nº de Empresas	Nº de Pessoas ao Serviço	Vendas e Prestações de Serviços
2006	93	85% - 90%	90% - 95%	90% - 95%
2007	108	85% - 90%	90% - 95%	95% - 100%
2008	119	80% - 85%	85% - 90%	90% - 95%

(\*) Em relação aos valores estimados para o universo.

**Tabela 19.** Quadro da Empresa e do Sector – Banco de Portugal (Dados de 2008)

## UM MERCADO PAUTADO PELA ABUNDÂNCIA DE PME

Neste caso, e tal como nos valores do INE, são-nos apresentados os dados referentes ao CAE (Rev. 3), 74300 – Actividades de tradução e interpretação, sendo ainda apresentada a classe de dimensão das empresas, nomeadamente Micro-empresas, no sector das Pequenas e Médias Empresas.

De acordo com o IAPMEI, ainda segundo dados fornecidos pelo INE, relativos ao ano de 2005, as PME apresentam uma posição claramente dominante em todos os grandes sectores de actividade. Turismo, construção, comércio, indústria extractiva e serviços destacam-se neste domínio, sendo sectores onde as PME representam mais de 99,5% do tecido empresarial nacional. Apesar de ligeiramente menos expressiva, a importância das PME é também muito elevada na indústria transformadora (99,2%) e energia (95,4%). Quer em termos de emprego, quer de volume de negócios, o papel das PME revela-se especialmente importante no comércio (81,8% e 59,7%, respectivamente), construção (88,7% e 69,1%, respectivamente) e turismo (84,6% e 82,3%, respectivamente).

A classificação de PME é feita de acordo com a “definição europeia”, sendo que os dados se referem a empresas com sede em Portugal, constituídas sob a forma de sociedade, e com pelo menos 1 pessoa ao serviço, classificadas nas secções C, D, E, F, G, H, I, K, L, M, N e O da CAE Rev. 2.1., não incluindo as secções A, B, J, L, P e Q da CAE (Rev. 2).<sup>170</sup>

Na verdade, tal como comprova o estudo de Ana Isabel Couto sobre empreendedorismo e PME, “o tecido económico português é constituído maioritariamente por empresas de micro, pequena e média dimensão. As pequenas e médias empresas estão cada vez mais presentes nos diferentes sectores de actividade, assumindo, paulatinamente, relevância não só ao nível de sectores tradicionais da actividade económica portuguesa, mas, também, ao nível de alguns domínios mais inovadores da indústria e serviços” (Couto 2009: 1).

No contexto do empreendedorismo e da livre iniciativa, são várias as motivações e constrangimentos inerentes ao surgimento de uma PME:

A forte valorização da componente autonomia e independência no trabalho e a preferência de uma situação de emprego por conta própria, em detrimento do emprego por conta de outrem,

---

<sup>170</sup> Fonte <http://www.iapmei.pt/iapmei-faq-02.php?tema=7#107> (Data de acesso: 21 de Janeiro de 2011)

parecem indiciar uma considerável motivação para a iniciativa económica. Em todo o caso interessa realçar que o perfil de empreendedorismo português, a partir dos dados apurados, revela percepções agudas dos constrangimentos, de cariz financeiro, mas também informativo, associados à criação de negócios e empresas, baixos níveis de tolerância face ao risco e uma probabilidade elevada das actividades terem origem em necessidades e dificuldades económicas. (Couto 2009: 18)

Situação na profissão	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
<b>Trabalhadores por conta de outrem</b>	72,6	73,0	73,0	73,8	74,5	75,5	75,5	76,0
<b>Trabalhadores por conta própria como isolados</b>	18,5	18,6	18,61	17,8	17,6	17,3	17,4	17,5
<b>Trabalhadores por conta própria como empregadores</b>	6,2	6,2	6,35	6,4	5,9	5,4	5,5	5,5
<b>Trabalhadores familiares não remunerados e outra situação</b>	2,8	2,3	2,04	2,0	2,1	1,7	1,6	1,0
<b>Total (%)</b>	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
<b>Total (N) milhares de indivíduos</b>	5111,7	5137,3	5118	5122,6	5195,5	5169,7	5197,8	

**Tabela 20.** Evolução da população portuguesa empregada por situação na profissão (%)  
**Fonte:** INE, Estatísticas do Emprego, 4º trimestre de 2008.

Situação na profissão		2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
<b>Trabalhadores por conta própria como isolados</b>									
	<b>Homens</b>	55,0	54,6	53,7	54,6	53,2	53,7	54,5	52,9
	<b>Mulheres</b>	45,0	45,6	46,3	45,4	46,8	46,3	45,5	47,1
	<b>Total</b>	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
<b>Total (N) milhares de indivíduos</b>		943,1	954,2	952,5	910	903,8	891,4	900,1	910,4
<b>Trabalhadores por conta própria como empregadores</b>									
	<b>Homens</b>	76,41	75,46	73,82	73,58	74,38	72,94	71,54	72,28
	<b>Mulheres</b>	25,59	24,51	26,18	26,42	25,65	27,03	28,46	27,72
	<b>Total</b>	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
<b>Total (N) milhares de indivíduos</b>		314,9	316,6	325	328,6	300,2	280,1	286,7	287,2

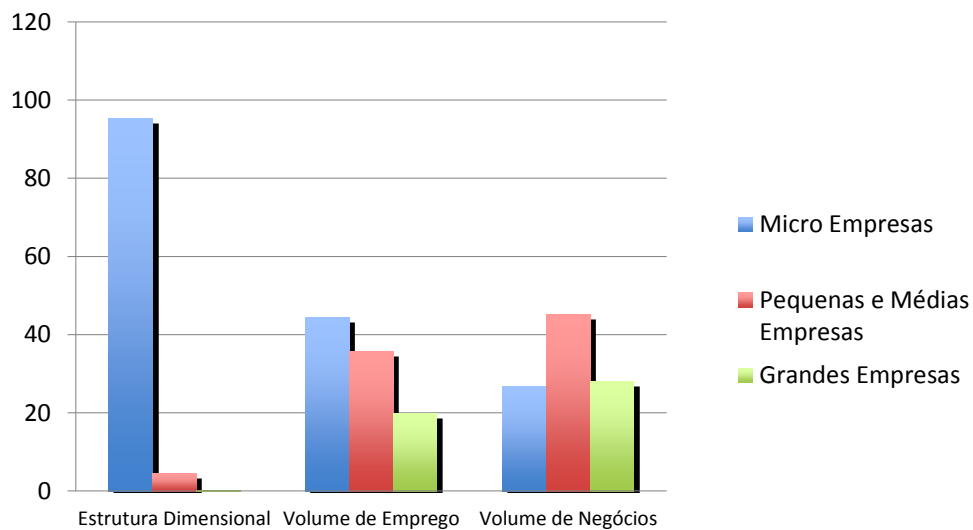
**Tabela 21.** Evolução do número de trabalhadores por conta própria, segundo o sexo (%)  
**Fonte:** INE, Estatísticas do Emprego, 4º trimestre de 2008.

Ainda segundo esta investigadora, bem como o sociólogo João Freire, contrariamente ao que se previa há 30 ou 40 anos, o peso das empresas de pequena ou muito pequena dimensão tem vindo a crescer no universo empresarial português (Freire 2008), algo que nos remete para o universo da tradução e permite traçar um paralelismo com a forma como as lógicas organizacionais são desenvolvidas no terreno pelos seus principais actores.

A análise da Figura 21, abaixo, ilustra claramente a significativa expressão estatística das empresas de micro dimensão no tecido económico português, com especial enfoque para as microempresas. Por oposição, as grandes empresas representam somente 0,1% das empresas portuguesas.

Ainda de acordo com dados apresentados por Couto (Couto 2009), podemos verificar, no entanto, que existe uma significativa diferença entre a distribuição da proporção das empresas por dimensão e a distribuição da proporção das empresas por volume de emprego e de negócios. Esta diferença é particularmente significativa nas grandes empresas. Muito embora representem 0,1% do tecido empresarial português são responsáveis por 19,8% do volume de emprego nacional e quase 30% do total de volume de negócios, aspecto que, para esta última dimensão, seria, de resto, de algum modo expectável. As microempresas, por sua vez, embora superiores em termos de número, contribuem com apenas 26,7% para o volume de negócios total do tecido empresarial português. Já no que diz respeito ao volume de emprego total, convém sublinhar o facto de as empresas de micro, pequena e média dimensão serem responsáveis por 80,2% do emprego total, sendo que 44,5%, quase metade do volume de emprego se encontra concentrado nas microempresas.

Este padrão revela alguma distância relativamente ao verificado nos 27 estados-membros da União Europeia. Efectivamente, mais de 90% das empresas nestes países tem um número de trabalhadores inferiores a 10, muito embora representem menos de 30% do volume de emprego total (Comissão Europeia, 2008). Repare-se ainda que, segundo dados do Pordata, há em Portugal 95,5% de empresas com menos de 10 trabalhadores (em % do total de empresas), correspondendo a 43% de pessoal ao serviço.



**Figura 21.** Caracterização do tecido empresarial português, 2006

Tendo em conta a distribuição das empresas do sector, com base no CAE (Rev. 3), 74300 – Actividades de tradução e interpretação, os dados do IAPMEI que obtivemos, em termos de expressão nacional, são em tudo idênticos aos do Banco de Portugal, revelando, neste domínio, que a região do Porto representa menos de um terço da dimensão nacional ao nível da localização das empresas:

Localização das empresas	Percentagem (%)
Lisboa	61%
Porto	18%
Setúbal	5%
Outras localizações	16%

**Tabela 22.** Localização das empresas.

**Fonte:** IAPMEI

Fazendo o confronto com os dados do INE, a natureza jurídica contempla em termos absolutos sociedades por quotas (100%). Por outro lado, quanto à representatividade das empresas do sector, em relação aos valores estimados para o universo, registámos os seguintes valores:

Exercício	N.º de Empresas Participantes	N.º de Empresas	N.º de Pessoas ao Serviço
2006	93	85%-90%	90%-95%
2007	108	85%-90%	90%-95%
2008	119	80%-85%	85%-90%
2009	140		

**Tabela 23.** Número de empresas (INE)

São dados que revelam alguma discrepância em relação aos números do INE, e que mostram, de novo, a significativa amplitude e disparidade do mercado.

Por último, apresentamos informações que constam do portal da AEPortugal – Associação Empresarial de Portugal – Câmara do Comércio e Indústria, mais concretamente ao nível da Informação Económica. No âmbito do estudo de mercado sectorial, os Dados Relativos ao CAE: 74300 – Actividades de Tradução e Interpretação revelam que em Portugal existirá um total de 53 empresas com o código de actividade empresarial primário seleccionado, havendo dados de vendas relativos a 48 das maiores empresas, que somam um total de 13.897.081 euros no sector.

Distritos	N.º empresas	% empresas	Vendas	Empregados
Angra do Heroísmo	0	0,0%	0	0
Aveiro	1	2,1%	61.929	0
Beja	0	0,0%	0	0
Braga	0	0,0%	0	0
Bragança	0	0,0%	0	0
Castelo Branco	0	0,0%	0	0
Coimbra	0	0,0%	0	0
Évora	0	0,0%	0	0
Faro	1	2,1%	190.461	0
Funchal	0	0,0%	0	0
Guarda	0	0,0%	0	0
Horta	0	0,0%	0	0
Leiria	1	2,1%	198.488	5
Lisboa	30	62,5%	10.704.892	22
Ponta Delgada	0	0,0%	0	0
Portalegre	0	0,0%	0	0
Porto	11	22,9%	2.343.722	0
Santarém	0	0,0%	0	0
Setúbal	3	6,3%	323.946	0
Viana do Castelo	0	0,0%	0	0
Vila Real	0	0,0%	0	0
Viseu	1	2,1%	73.643	0

<b>Total</b>	48	100%	13.897.081	27
--------------	----	------	------------	----

**Tabela 24.** Empresas e localização

Subsectores	Nº empresas	% empresas	Vendas	Empregados
74300	48	100,0%	13.897.081	27
<b>Total</b>	48	100%	13.897.081	27

**Tabela 25.** Empresas e subsectores

Tipos de sociedade	Nº empresas	% empresas	Vendas	Empregados
Soc. Por Quotas	45	93,8%	13.509.374	25
Soc.Unip.por Quotas	3	6,3%	387.707	2
<b>Total</b>	48	100%	13.897.081	27

**Tabela 26.** Empresas e Tipo de Sociedade

Ano de constituição	Nº empresas	% empresas	Vendas	Empregados
Menos de 2 anos	0	0,0%	0	0
2 a 5 anos	0	0,0%	0	0
5 a 10 anos	0	0,0%	0	0
Mais de 10 anos	10	100,0%	4.327.188	14
<b>Total</b>	10	100%	4.327.188	14

**Tabela 27.** Empresas e ano de constituição

*Nota: Os dados fornecidos provêm de uma base de dados com a totalidade das empresas Portuguesas registadas e compiladas pela Coface Serviços Portugal. Última actualização: Agosto de 2008. Apesar de não existirem dados sobre o valor de vendas, nº de colaboradores e ano de constituição de todas as empresas, este tipo de informação está usualmente disponível nas empresas de maior dimensão responsáveis pela grande parte da facturação.<sup>171</sup>*

<sup>171</sup> Fonte: AEPortugal

<http://www.aeportugal.pt/inicio.asp?Pagina=/Aplicacoes/MOPEEstudos/EstudosSectoriais&Menu=MenuInfoEconomica>; Data de acesso: 28 de Fevereiro de 2011

<b>Empresas por sector de actividade económica</b>						
<b>Tempo</b>	<b>Total</b>	<b>Produção e distribuição de electricidade, gás e água</b>	<b>Comércio por grosso e a retalho</b>	<b>Alojamento e restauração</b>	<b>Actividades imobiliárias, alugueres e serviços prestados às empresas</b>	<b>Educação</b>
<b>1990</b>	91,7	74,1	95,7	95,2	91,5	73,6
<b>1991</b>	91,2	75,7	95,5	95,1	89,6	69,7
<b>1992</b>	90,7	72,2	95,2	95	90,5	67,5
<b>1993</b>	90,2	76,8	94,6	94,3	91,8	69,2
<b>1994</b>	90	75,6	94,3	94	92,6	68
<b>1995</b>	90,2	75,8	94,5	94	93	65,7
<b>1996</b>	T 93,1	T 84,9	T 95,2	T 96,0	T 96,5	T 78,2
<b>1997</b>	93,2	85	95,3	95,9	96,4	76,9
<b>1998</b>	92,9	77,8	95,5	95,7	95,6	75,4
<b>1999</b>	93,3	66,6	95,9	95,7	95,8	77,5
<b>2000</b>	93	65,3	95,6	95,5	95,3	78,5
<b>2001</b>	92,6	65,2	95,3	95,7	95,4	78,4
<b>2002</b>	92,9	69,3	95,3	95,3	95,4	80,5
<b>2003</b>	92,7	71,8	95,3	94,8	94,9	77,7
<b>2004</b>	T 95,2	T 79,8	T 96,1	T 95,8	T 97,8	T 98,5
<b>2005</b>	95,3	80,5	96,2	95,8	98	98,6
<b>2006</b>	95,4	80,4	96,2	95,7	98	98,6
<b>2007</b>	95,4	81,7	96,3	95,6	97,9	98,7
<b>2008</b>	T 95,5	-	T 95,9	T 95,3	-	T 98,6

**Tabela 28.** Empresas não financeiras com menos de 10 pessoas ao serviço em % do total de empresas não financeiras: por sector de actividade económica. (Fonte: Pordata)



## DIÁLOGOS IBÉRICOS: O CARÁCTER *SUI GENERIS* DO MERCADO PORTUGUÊS

*Anomia: ausência de organização legal ou natural*

Na verdade, quando aplicada à realidade portuguesa, a frase que Anthony Pym utilizava em 2000 para caracterizar o mercado da tradução europeu parece fazer todo o sentido, e revela-se bastante actual:

the growth of the sector has been so fast, the power structures so dynamic and fragmentary, (...), that there are relatively few official regulations in force, and no question of unionism or collective action (Pym 2000)

Vale a pena fazer a ponte com o *Livro Branco da Tradução* em Espanha quando, nas suas conclusões, reitera esse manifesto desequilíbrio existente entre, por um lado, a transcendência económica e cultural da tradução de livros na indústria editorial do país e, por outro, a escassa remuneração económica que esses mesmos profissionais recebem, a par da deficitária atenção dedicada à actividade (op. cit. 1997: 159). Revelamos aqui as conclusões formuladas nesse estudo sobre o mercado da tradução espanhol:

La Administración del Estado, los medios de comunicación – ante todo los especializados-, el mundo académico y el propio sector del libro – editores y libreros en especial – tienen una particular responsabilidad por lo que se refiere al logro de una superior consideración social de la actividad traductora. Va siendo ya hora de que en este terreno dejemos todos de quejarnos, para abordar estrategias concretas que se materialicen en resultados apreciables. Los traductores (...) venimos desplegando no pocos esfuerzos para conseguirlo y si bien podemos decir que éstos parecen fructificar en una mayor autoestima por parte de los propios profesionales de la traducción, junto con una creciente presencia pública, para hacer honor a la verdad resultan todavía escasas, por no decir prácticamente inexistentes, las iniciativas y aportaciones de otros sectores. (*Libro Blanco de la Traducción en España* 1997: 160-161)

O impacto deste *status quo* acaba por encontrar reflexo na forma como a prestação de serviços de tradução é propagandeada, por exemplo, a nível nacional, tanto em termos profissionais, como não-profissionais, algo que acaba por criar uma zona cinzenta de indefinição e indeterminação, uma espécie de “terra-de-ninguém”, um hiato livre, sem qualquer certificação, reconhecimento e validação institucionais.

Apesar do número crescente de tradutores em actividade em Portugal, ou em contexto da língua portuguesa, a sua situação é ainda bastante precária, dado que a

maioria são amadores, ou semiprofissionais, indivíduos que dificilmente poderão ser considerados profissionais no sentido mais específico da palavra, como alguém "engaged in a profession, especially one requiring advanced knowledge or training" ou ainda "engaged in a specific occupation or activity for money or as a means of earning a living, rather than as a pastime", isto seguindo a definição de "profissional" retirada, por exemplo, de um vulgar dicionário, como o *Oxford Short English Dictionary* (1993).

A confusão no seio do mercado português é, de facto, grande e complexa, como comprova a afirmação do tradutor António Pescada, em entrevista ao jornal *O Primeiro de Janeiro*, em 2006, descrevendo um *status quo* em que a ditadura dos mercados parece, neste caso, absolutamente implacável, e no qual os tradutores acabam por estar reféns e dependentes, por exemplo, dos editores, e dos respectivos clientes, pela forma como a lógica de relações é, muitas vezes, estruturada com base num sistema de chantagem e compadrio ou favorecimento, indispensável para a aceitação das condições, prazos e preços dos clientes:

Em Portugal, como a tradução não é considerada uma actividade digna, digamos assim, porque dá a ideia de que qualquer pessoa que saiba línguas pode fazer uma tradução, para os editores é mais fácil agir desta forma. (...) Se não traduzir aquela obra é provável que o editor já não o convide para uma outra tradução.

Porém, Francisco Magalhães aponta igualmente o dedo aos tradutores, considerando-os "os principais culpados pela confusão do mercado", admitindo também que "existem tradutores" que, pura e simplesmente, não deveriam fazer tradução. Ora isto é uma porta aberta para a descredibilização e o descrédito da profissão, pela forma como a actividade aparentemente não consegue vedar e controlar o acesso ao mercado e à profissão. Outro ponto importante a destacar é a significativa e já famosa desunião da classe, algo que o dirigente associativo classifica metaforicamente como "patos bravos" "porque também assim podem procriar a sua incompetência anonimamente" (entrevista *O Primeiro de Janeiro* 2006).

A atmosfera de descontrolo sectorial é também uma nota dominante na maioria dos discursos profissionais em torno da tradução, como prova também a análise feita em contexto espanhol, onde os autores do já referido *Livro Branco sobre a Tradução* destacam o tom pessimista do discurso sobre a possibilidade de melhorar a situação, tanto a título individual como colectivo (op. cit. 1997: 12), algo que Chris Durban caracteriza como o "culto da pobreza" e a respectiva "música miserabilista" que estarão

inculcados na mente de muitos tradutores e que serão parcialmente responsáveis pelo completo estado de anomia que, às vezes, parece caracterizar o sector.

Com efeito, nas páginas introdutórias do *Livro Branco* (op. cit. 1997) fica clara a forma como os autores pretendem lidar com aquilo que chamam “um colectivo disperso”, de carácter difuso e bastante flexível, com contornos e fronteiras ténues, uma abrangência e amplitude extremas, caracterizado por preconceitos latentes e uma abundância de tópicos e generalidades gratuitas que circulam em torno da profissão e que a minam e isolam socialmente. É igualmente destacado o relativo esquecimento a que são votados pelos agentes culturais, e que obriga a um esforço sério capaz de dissipar, perante a sociedade, as “dúvidas e as sombras” a propósito desta actividade “de tão evidente e capital transcendência”. (op. cit. 1997: 9).

Também em contexto ibérico, Arturo Rodríguez Morató analisou a problemática profissional dos tradutores, tendo detectado idêntico descontrolo sectorial e um significativo grau de insatisfação com os aspectos financeiros decorrentes da profissão e da própria dureza das condições económicas vigentes. Na verdade, como refere, o apertado economicismo das lógicas editoriais aliado à forte concorrência e ao isolamento acabam por provocar uma dinâmica de degradação da profissão (Rodríguez Morató 1997: 100), que nos parece ocorrer também em solo nacional:

Es evidente que la competencia de este sector introduce una presión bajista muy importante en la fijación de las remuneraciones *de mercado*. Por último, otro factor que empeora objetivamente la posición negociadora de los tradutores es su aislamiento. El hecho de que su contratación, y sobre todo la realización de su labor, tenga lugar en el ámbito privado, produce varios efectos negativos: dificulta la circulación de información entre los tradutores, segregando el mercado, y propiciando así el mantenimiento de condiciones de trabajo infames; obstaculiza, por otra parte, la toma de conciencia global de la situación, la conjunción de intereses y a negociación colectiva; y propicia también la sobreexplotación, típica en cualquier trabajo a domicilio (op. cit. 84)

## O MERCADO CINZENTO DA TRADUÇÃO

É, de facto, impossível, quantificar a dimensão do mercado e fixar a quantidade de textos que circulam, por exemplo, num simples universo como o da Universidade do Minho, onde a produção científica é feita maioritariamente em língua estrangeira, onde os relatórios científicos são produzidos em língua inglesa, nomeadamente a nível de concursos internacionais ou no âmbito da FCT, onde os centros de investigação comunicam os seus resultados em contextos multilíngues, onde os investigadores redigem as suas comunicações em língua portuguesa e, conseqüentemente, necessitam da sua tradução, onde as secretarias e principais Unidades Orgânicas de Ensino e Investigação (UOEI) são obrigadas a comunicar em língua inglesa (Reitoria, GRI, GAP, TecMinho), ou onde os próprios estudantes, através dos programas de mobilidade, se vêm na contingência de terem os seus diplomas traduzidos em língua estrangeira.

Por conseguinte, é incomensurável a dimensão dos produtos e textos traduzidos nos mais diferentes contextos, e difícil de mapear. Imagine-se, então, como contabilizar o valor económico dos textos produzidos em língua estrangeira.<sup>172</sup>

Apenas a título de exemplo, recentemente, entre 2006 e 2009, o programa de apoio e incentivo à tradução e revisão de artigos científicos, promovido pela Reitoria da Universidade do Minho, e disseminado por todas as Escolas e Departamentos da Universidade contou com um significativo número constante de pedidos, sensivelmente com uma média de 29 artigos científicos e especializados por ano (aproximadamente 2.400 páginas de revisão e tradução, com uma média anual de 600 páginas por ano), nas mais diferentes áreas, e essencialmente para a língua inglesa, conforme demonstra a tabela abaixo.

Ano	Número de artigos
2006	19
2007	41
2008	31
2009	26
<b>Total</b>	<b>117</b>

**Tabela 29.** Evolução do número de artigos traduzidos na UM

Retomando a designação acima de “colectivo disperso”, vejamos, por exemplo, este caso concreto que nos permite aferir quão difuso e instável é o meio em que, na

---

<sup>172</sup> Sobre esta problemática ver Bennett, Karen (2011) *Academic Writing in Portugal: Discourses in Conflict*, Univ. Coimbra.

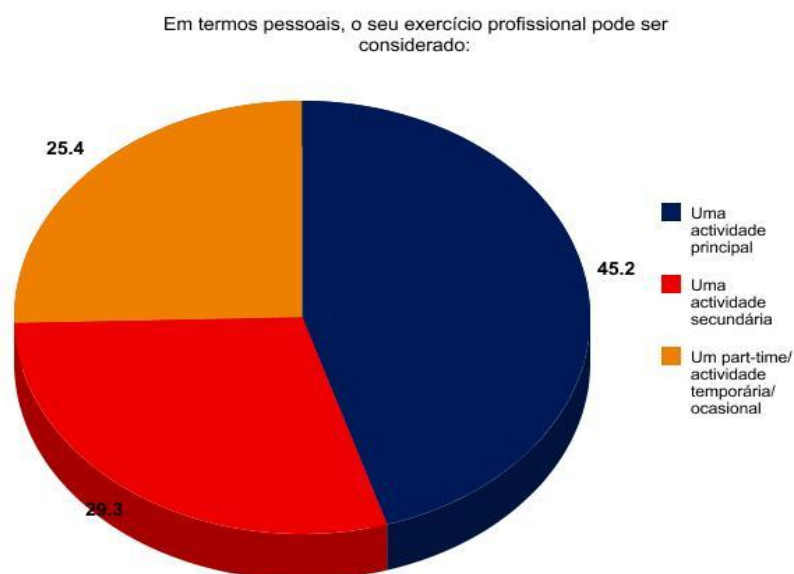
verdade, os tradutores profissionais se movem. No questionário que realizámos junto dos tradutores da região norte de Portugal, a que aludiremos com maior detalhe no capítulo seguinte, colocámos a seguinte questão concreta ao nosso público-alvo

**“46. Em termos pessoais, o seu exercício profissional da tradução pode ser considerado...”, sendo apresentadas três opções:**

- a) uma actividade principal,**
- b) uma actividade secundária,**
- c) um part-time / actividade temporária / ocasional.**

Em termos de *feedback* à pergunta, para a maioria dos tradutores inquiridos a tradução é, de facto, encarada como uma actividade principal, com 45,2% das respostas, enquanto 29,3% responderam tratar-se de uma actividade secundária. No entanto, ao nível da vocação profissional, 81,2% confirmaram a tradução como a sua principal vocação, sendo que a maior parte dos inquiridos revelou não se sentir confortável com a sua situação económico-financeira.

Note-se, no entanto, um dado curioso e importante para o nosso estudo. Para muita gente, mais de metade, na verdade, a tradução é uma actividade secundária (29,3%) e um *part-time* ou actividade ocasional (25,4%). Trata-se de algo bem revelador, porquanto o somatório destes dois ítems, ou seja, 29,3% e 25,4% perfaz, na verdade, o valor de 54,7%, o que acaba por colocar a actividade secundária em particular destaque (ver Figura 22, abaixo).



**Figura 22.** Grau de envolvimento na profissão (actividade principal, secundária, part-time/temporária/ocasional)

Assim sendo, coloca-se a seguinte questão: Será que para estes indivíduos o rendimento principal e total provém todo desta actividade? Ou de actividades paralelas?

A nossa hipótese é de que poderá haver, com efeito, um mercado cinzento associado à prática da tradução, também chamado de “grey market”, no âmbito de uma economia subterrânea, constituído por biscates e actividades paralelas, onde decorre também a prestação de serviços de tradução ou línguas, e da qual podem advir rendimentos complementares. Já para não falar, por exemplo, dos falsos recibos verdes, situações de contrato dissimulado e de trabalho não declarado ou precário, ou seja, trabalhadores que deviam ter um vínculo permanente com a entidade empregadora, mas também daquelas situações em que a prestação desse serviço é traduzida através da emissão do chamado “acto único” ou “acto isolado”.

## TRADUÇÃO E ECONOMIA NÃO REGISTRADA

Segundo Nuno Gonçalves, investigador na área da Economia, “em todos os países do mundo existe uma parte da economia, designada Economia Não Registada (ENR), cuja actividade não é reflectida na contabilidade nacional, sendo o seu tamanho, causas e consequências variáveis de país para país (Gonçalves 2010: 11), para além do facto de, segundo o relatório da OCDE, de 2002, “Measuring the Non-Observed Economy”, esta designação incluir a chamada economia ilegal, economia não declarada (oculta ou subterrânea) e economia informal, entre outras (Gonçalves 2010, 13).

Ainda de acordo com Gonçalves (op.cit. 2010) “a economia subterrânea, oculta ou subdeclarada, é caracterizada pela produção de bens ou serviços legais, deliberadamente não declarada (de forma total ou parcial) de modo a evitar o pagamento de taxas ou impostos, o cumprimento de normas legais (como, por exemplo, o pagamento de salários mínimos, ou o cumprimento de limite de horas de trabalho, regras de segurança e saúde no trabalho) e o cumprimento de procedimentos administrativos como é o caso de questionários estatísticos. (...) A economia informal ou do sector informal é caracterizada pela produção de bens e serviços legais, por unidades que operam com pouca organização e em pequena escala, sem (ou pouca) divisão entre os factores de produção capital e trabalho, cujo principal objectivo é o de gerar rendimentos e emprego para os indivíduos envolvidos. Neste caso, não há intenção deliberada de fuga a impostos ou contribuições, nem de infringir regras laborais.” (op. cit. 13-14).

Neste caso, “a definição mais abrangente de ENR (Economia Não Registada ou Paralela), no sentido em que é capaz de abarcar todas as rubricas enfatizadas pela OCDE, passa por considerar que engloba todas as transacções económicas que contribuem para o PIB, mas que, por diversas razões, não são tidas em conta” (Gonçalves 2010: 14).

Para efeitos do nosso trabalho, gostaríamos ainda de incluir nesta análise as definições de “underground production” e de “informal sector production” apresentadas no relatório da OCDE de 2002, e cuja pertinência servirá para contextualizar um pouco melhor o mercado da tradução:

Underground production (...) those activities that are productive and legal but are deliberately concealed from the public authorities to avoid payment of taxes or complying with regulations. (Relatório da OCDE 2002, 13)	Informal sector production (...) those productive activities conducted by unincorporated enterprises in the household sector that are unregistered and/or are less than a specified size in terms of employment, and that have some market production. (Relatório da OCDE 2002, 13)
--	---

Apresentamos ainda duas definições úteis e complementares, nomeadamente de “sector informal” e de “produção subterrânea”, conforme apresentadas pela OCDE:

Definição (página 217 Relatório da OCDE)  The <i>informal sector</i> is broadly characterised as consisting of units engaged in the production of goods or services with the primary objective of generating employment and incomes to the persons concerned. These units typically operate at a low level of organisation, with little or no division between labour and capital as factors of production and on a small scale. Labour relations – where they exist – are based mostly on casual employment, kinship or personal and social relations rather than contractual arrangements with formal guarantees. This broad definition is operationalised for statistical purposes and the informal sector defined as comprising those household unincorporated enterprises with market production that are: <ul style="list-style-type: none"> <li>• informal own account enterprises (optionally, all, or those that are not registered under specific forms of national legislation);</li> <li>• enterprises of informal employers (optionally all those with less than a specified level of employment and/or not registered and/or employees not registered.</li> </ul> <i>(International Labour Organisation Resolution Concerning Statistics of Employment in the Informal Sector Adopted by the 15th International Conference of Labour Statisticians, January 1993, paras. 5, 8 e 9.)</i>	Definição (página 228 Relatório da OCDE)  <i>Underground production</i> consists of activities that are productive in an economic sense and quite legal (provided certain standards or regulations are complied with), but that are deliberately concealed from public authorities for the following kinds of reasons: <i>a)</i> to avoid the payment of income, value added or other taxes; <i>b)</i> to avoid payment of social security contributions; <i>c)</i> to avoid having to meet certain legal standards such as minimum wages, maximum hours, safety or health standards, etc.; <i>d)</i> to avoid complying with certain administrative procedures, such as completing statistical questionnaires or other administrative forms (SNA 6.34)
--	---

De acordo com Schneider e Enste (2000)<sup>173</sup>, há várias razões que explicam o crescente protagonismo da chamada economia-sombra, designadamente uma reacção por parte dos indivíduos que se sentem sobrecarregados pelo estado, e que, como tal, escolhem a opção “saída”, ou ainda uma crescente atracção dos trabalhadores domésticos e estrangeiros e respectivo desvio da chamada economia oficial, com a consequente criação de mecanismos concorrenciais às empresas oficiais.

Uma das formas de definir economia-sombra poderá ser, precisamente, a seguinte:

<sup>173</sup> Schneider, Friedrich & Enste, Dominik H. (2002) “Shadow Economies: Size, Causes, and Consequences”, *Journal of Economic Literature* Vol. XXXVIII (Março de 2000) pp. 77–114.



(...) all economic activities that contribute to the officially calculated (or observed) gross national product but are currently unregistered. Philip Smith (1994, p. 18) defines it as “marketbased production of goods and services, whether legal or illegal, that escapes detection in the official estimates of GDP. (Schneider & Enste 2000: 78)

Por exemplo, ainda segundo estes autores, prevê-se que a dimensão da economia-sombra em Portugal, como percentagem do PIB, oscile entre os 24% e os 30%, o que se assume como um valor bastante significativo, e que poderá ser extrapolado para o campo da prestação de serviços no domínio das línguas, onde a economia informal parece imperar:

Turning to the OECD countries in Southern Europe, Greece and Italy have underground economies almost one-third as large as officially measured GNP. Spain, Portugal, and Belgium have shadow economies between 20–24 percent of (official) GNP. (Schneider & Enste 2000: 81)

Numa crónica recente, publicada na revista *Visão* de 10 de Março de 2011, o professor da Faculdade de Economia do Porto, Óscar Afonso, refere que “de acordo com os valores apresentados o peso da Economia Sombra no Produto Interno Bruto (PIB) oficial, em Portugal, evoluiu desde os 9.3% em 1970 até 24.2% em 2009”. Por outro lado, “embora a evolução crescente esteja certamente correcta, os valores concretos estão subavaliados, porque o fenómeno é complexo, está em constante desenvolvimento e engloba rubricas muito diversas (produção ilegal, produção não declarada / oculta / subterrânea, produção informal, produção para autoconsumo e produção subcoberta por deficiências da estatística).<sup>174</sup>

Complementarmente, o investigador identifica algumas das causas que estarão na origem do surgimento destes mercados paralelos:

Genericamente são identificadas como causas principais do seu crescimento, factores inter-relacionados como: o aumento da carga de impostos e das contribuições para a segurança social; a crescente regulamentação da economia oficial; o desemprego; as transferências sociais; os serviços do sector público; o baixo nível de capital humano da economia; a mão-de-obra composta por imigrantes ilegais e clandestinos; a falta de cultura e participação cívica; razões culturais e ambientais; a falta de credibilidade de órgãos de soberania face à conduta de alguns dos seus representantes; **a ineficiência da Administração Pública** e falta de transparência no

---

<sup>174</sup> Artigo disponível em <http://aeiou.visao.pt/a-economia-sombra-e-o-defice=f593533>. Data de acesso: 29 de Julho de 2011.  
Ver ainda [http://www.gestaodefraude.eu/images/gf\\_upload/Own041.pdf](http://www.gestaodefraude.eu/images/gf_upload/Own041.pdf)

atendimento público; **as condições de mercado induzidas pela globalização dos mercados e da produção**; o progresso tecnológico; a baixa produtividade. (op. cit. 2011)

(nossos destaques, correspondentes aos ítems que nos parecem aplicáveis à tradução)

Por seu turno, Nuno Gonçalves adianta que “tendo em conta, por um lado, a influência da carga fiscal, da carga de regulação e da evolução do mercado de trabalho, por outro lado, o seu impacto em indicadores monetários, do mercado de trabalho e da produção, estima-se que o peso da ENR no Produto Interno Bruto (PIB) oficial, em Portugal, tenha evoluído desde os 9.3%, em 1970, até 24.2%, em 2009. Por sectores de actividade, os resultados evidenciam que a ENR como percentagem do PIB oficial na agricultura e serviços aumenta no período 1998-2009, enquanto na indústria diminui (serviços 16.6%).” (Gonçalves 2010: 7). Ainda segundo este autor, uma das causas para a ENR poderá ser a evolução do mercado de trabalho, na qual se inclui a variável “Trabalho por conta própria”, sendo que, neste caso, os rendimentos profissionais e dos trabalhadores por conta própria são subdeclarados às autoridades (op. cit. 22)

Tal como também refere Dell’Anno (2007) são vários os problemas que coloca esta economia informal enquanto ciclo vicioso, e que decorrem da percepção de muitos dos tradutores que entrevistámos, por exemplo, sobre o próprio posicionamento dos profissionais no mercado:

The Shadow Economy (SE) has relevant repercussions on many aspects of the economic and social life of a country. On one hand, the SE is one of the causes of the inefficient functioning of the goods and labour markets. It introduces a distortion of competition within countries and among States. A growing SE attracts workers away from the official economy and creates competition for official firms; it harms involved workers by depriving them of their rights and guarantees; and the decision by entrepreneurs to work outside the fiscal regulatory framework produces a vicious circle, as their exit from the formal economy reduces State revenues and consequently decreases public expenditures (e.g., on infrastructure, education, research, etc.).<sup>175</sup>

Tal como vimos, face à real distorção dos dados, é impossível quantificar verdadeiramente a dimensão de um mercado onde os amadores e os profissionais não registados abundam e coexistem, onde as traduções não são declaradas em termos fiscais graças a subterfúgios diversos, onde as redes de contratação de serviços acabam por estar dispersas por vários rótulos e categorias, onde os baixos custos e os reduzidos salários são uma constante e onde, acima de tudo, parece haver uma face da economia

---

<sup>175</sup> in *Journal of Applied Economics*. Vol X, No. 2 (Nov 2007), 253-277.

visível e outra face invisível e subterrânea que introduz um vício no regime formal e que é geradora de uma falácia na aferição do real valor da profissão.

Concluída a Parte I, em que destacámos os contornos sociais, profissionais e económicos da tradução, face ao cenário mais abrangente da dimensão textual e cultural do fenómeno, no âmbito dos Estudos de Tradução, ocupar-nos-emos, na Parte II, do objecto central do nosso estudo, ou seja a análise e discussão dos questionários desenvolvidos junto de uma comunidade de tradutores da região norte de Portugal, bem como as entrevistas realizadas a um *corpus* definido de tradutores *freelancers*.

## **PARTE II**



**CAPÍTULO QUATRO:**  
**CARTOGRAFIAS SOCIOPROFISSIONAIS**

Após uma reflexão sobre as principais valências que constituem e definem a tradução do ponto de vista social, económico e profissional queremos, neste último momento deste trabalho, focar a atenção no nosso objecto de estudo principal, ou seja a análise de uma comunidade profissional específica, os tradutores oriundos da região norte de Portugal, como forma de circunscrever e definir os contornos da sua profissão.

Desta forma, descreveremos detalhadamente os passos escolhidos e os resultados obtidos nas duas instâncias de investigação primárias que desenvolvemos no terreno, no sentido de identificar as principais questões e temas recorrentes associados à profissão, bem como os vectores principais que definem e orientam a construção da sua profissionalidade. Sempre que possível estabeleceremos a correlação com o material textual em anexo, bem como com as fontes de documentação secundárias.

Num primeiro momento iremos proceder a uma breve caracterização do norte de Portugal, afinal o espaço geográfico onde decorreu o nosso estudo, como ponte para o momento seguinte, onde procuraremos decompor os dados qualitativos e quantitativos que obtivemos durante o projecto de investigação que aplicámos, a partir de uma análise que nos levará do individual para o colectivo, adoptando inicialmente uma visão micro como forma de atingir a dimensão macro onde pretendemos inscrever as coordenadas de um mapa topográfico que orienta o percurso profissional destes indivíduos.

## O NORTE

### BREVE RADIOGRAFIA

O Porto é o lugar onde para mim começam as maravilhas e todas as angústias.  
Sophia de Mello Breyner Andersen

A região norte, como *locus* de estudo, foi a nossa escolha inicial por vários motivos. Desde logo, em termos práticos, pela sua proximidade geográfica e facilidade de acesso ao universo de estudo. Em segundo lugar, porque o norte encerra idiossincrasias e valores específicos, típicos de uma determinada forma de ser e de estar no contexto do trabalho. Em terceiro lugar, porque o norte é simultaneamente uma das instâncias mais ambíguas e contraditórias do país, porquanto associada ao tecido empresarial, como roda motriz do empreendedorismo, mas também porque é uma das regiões mais afectadas pelo desemprego e precariedade. Em quarto lugar, porque é uma região historicamente desfavorecida e afectada pelo excesso de centralismo, abrindo-se como potencial estudo de caso. Na verdade, é um lugar comum dizer que o norte sofre das assimetrias sociais e profissionais que caracterizam um país fortemente bipolarizado.

Depois ainda porque nele encontramos ainda alguns dos valores associados ao vigor da iniciativa e alguma vitalidade económica. Seguidamente, porque, pela sua diversidade e heterogeneidade, mas também pela constância das características que compõem o universo de respondentes em contexto de globalização, a região pode ser encarada como um microcosmos de uma realidade susceptível de ser facilmente transposta e replicada noutros contextos geográficos. E, por último, como é óbvio, mas sem qualquer agenda bairrista da nossa parte, por uma questão essencialmente afectiva que nos liga ao norte, e ao Grande Porto em particular.

Finalmente, num mundo cada vez mais plano e nivelado, recorrendo à metáfora de Thomas Friedman (2005), onde os mercados globais redefinem diariamente as topografias transnacionais, o norte apresenta-se como realidade híbrida pela forma como favorece a criação de laços e redes interculturais, replicando na paisagem uma mesma matriz orgânica e fundadora.



## DESCRIÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO EM ESTUDO

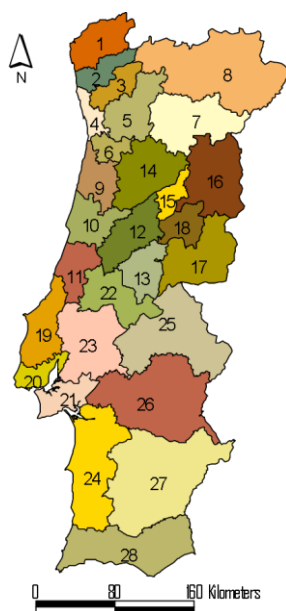
Quisemos, ao centrar a atenção no universo da região do norte de Portugal, sublinhar o modo como representa uma determinada cosmovisão e, ao mesmo tempo, metáfora da forma como a profissão se desenvolve e evolui face aos constrangimentos sociais e económicos, sendo, para nós, igualmente crucial, porque reveladora, ao mesmo tempo, de inúmeras peculiaridades organizacionais contra, por exemplo, um certo centralismo da capital.

Ora, a verdade é que esse pêndulo virou a Sul há mais de vinte anos e tarda em regressar. Mas isso, por muito que nos custe a nós portuenses, não sucedeu apenas por azar do destino, ou por encruzilhadas da sorte. Houve, é certo, muitos e variados factores de natureza estrutural, e outras tantas razões de ordem exógena, a desequilibrar a balança e a pesar a nosso desfavor, e é bem sabido como as rápidas mudanças que abalaram a estrutura da economia europeia nos anos que se seguiram à nossa integração tiveram impactos territoriais assimétricos que foram mais nefastos para a economia nortenha do que para a do resto do país. A desindustrialização europeia não se ficou seguramente a dever a culpa nossa, nem à de algum Governo, e o Norte, que tinha sido desde os anos sessenta do século passado, uma região receptora do investimento estrangeiro que, em larga medida, resultava da deslocalização industrial dos países ricos da Europa, sofreu o refluxo rápido dessa maré. Por outro lado, a abertura da União Europeia ao Leste viria a absorver no mercado único países com melhores condições de competitividade e com políticas mais liberais, contra os quais a indústria nortenha não pôde concorrer. (Rui Moreira, *Uma Questão de Carácter*. Porto: Civilização Editora, 2009, pp. 33 e 34)

O norte ou Região do Norte é uma região ou unidade territorial para fins estatísticos de nível II (NUTS II), de Portugal, que compreende os distritos de Viana do Castelo, Braga, Porto, Vila Real e Bragança, e parte dos distritos de Aveiro, Viseu e Guarda. Esta região encontra-se limitada a norte e a leste com Espanha (Galiza e Castela e Leão, respectivamente), a sul com a região centro e a oeste com o Oceano Atlântico. Compreende oito (8) subregiões ou unidades de nível III (NUTS III), a saber:

- Alto Trás-os-Montes
- Ave
- Cávado
- Douro
- Entre Douro e Vouga
- Grande Porto
- Minho-Lima

- Tâmega



**Figura 1.** Mapa de Portugal Continental – NUTS III

**Fonte:** INE

Legenda: NUTS III de Portugal Continental. Legenda: 1 - Minho-Lima; 2 - Cávado; 3 - Ave; 4 - Grande Porto; 5 - Tâmega; 6 - Entre Douro e Vouga; 7 - Douro; 8 - Alto-Trás-os-Montes; 9 - Baixo Vouga; 10 - Baixo Mondego; 11 - Pinhal Litoral; 12 - Pinhal Interior Norte; 13 - Pinhal Interior Sul; 14 - Dão-Lafões; 15 - Serra da Estrela; 16 - Beira Interior Norte; 17 - Beira Interior Sul; 18 - Cova da Beira; 19 - Oeste; 20 - Grande Lisboa; 21 - Península de Setúbal; 22 - Médio Tejo; 23 - Lezíria do Tejo; 24 - Alentejo Litoral; 25 - Alto Alentejo; 26 - Alentejo Central; 27 - Baixo Alentejo; 28 - Algarve.

Na verdade, o norte é um caso à parte dentro do panorama português. Trata-se, de facto, de uma região dividida em oito (8) subregiões (NUTS), como vimos, com cerca de 21.278 km<sup>2</sup>, correspondendo a 24% do país.<sup>176</sup> A região norte compreende 86 concelhos (27,8% do total nacional) e, actualmente, segundo dados do INE, o seu número de habitantes é de 4.062.407 (37% da população global do país).

<sup>176</sup> A divisão de Portugal em NUTS, estabelecida em 1986, aproveitou, no Nível I, as três grandes divisões geográficas do país (Portugal Continental, arquipélago dos Açores e arquipélago da Madeira) e, no Nível II, as áreas de atuação das 5 comissões de coordenação regional (CCR) e as 2 regiões autónomas. Já a divisão distrital existente foi ignorada pela divisão em NUTS que não tem em conta os distritos. Subdividindo as áreas de atuação das CCR, foram criadas as unidades de Nível III, cada uma das quais, por sua vez, abrange vários concelhos. A divisão em NUTS tem vindo a tornar-se a principal divisão territorial de Portugal, sendo as suas unidades utilizadas para definir as áreas de atuação da maioria dos serviços desconcentrados do Estado, em detrimento dos distritos. Em Portugal há 3 NUTS I, subdivididas em 7 NUTS II, as quais, por sua vez, se subdividem em 30 NUTS III.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o\\_do\\_Norte\\_\(Portugal\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_do_Norte_(Portugal))

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Subdivis%C3%B5es\\_de\\_Portugal#Nomenclatura\\_de\\_Unidades\\_Territoriais\\_para\\_Fins\\_Estat.C3.ADsticos\\_.28NUTS.29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Subdivis%C3%B5es_de_Portugal#Nomenclatura_de_Unidades_Territoriais_para_Fins_Estat.C3.ADsticos_.28NUTS.29) Data de acesso: 13 de Maio de 2011



**Figura 2.** NUTS (região norte) **Fonte:** INE

O espaçamento territorial é a região norte e as suas unidades constituintes, sem, no entanto, descurar o sistema de maior dimensão que o integra, Portugal. Como o próprio nome indica, esta região encontra-se a norte do país e é limitada em dois quadrantes por Espanha (norte e oeste), noutro pelo Oceano Atlântico (este) e a sul pela região centro de Portugal. A área territorial ascende a cerca de 21.285,8 Km<sup>2</sup>, o que corresponde, sensivelmente, a 23,1% da área total do país e a posiciona como a terceira maior região de Portugal e “no 1º quartil das maiores NUTS II da UE25” (CCDRN/MAOTDR, 2006, p. 55). Este espaçamento desagrega-se internamente de forma desigual, onde a NUT III Alto Trás-os-Montes acaba por abranger mais de 38% da área total (Fonte: CCDRN 2006).

Esta circunstância em muito se fica a dever ao dimensionamento médio das unidades concelhias que a conformam, cerca de 583,7 Km<sup>2</sup>, o qual é claramente superior à média regional (situa-se nos 247,5 Km<sup>2</sup>, menos de metade do volume referenciado) e à própria média nacional (situa-se nos 331,3 Km<sup>2</sup>).

Esta disposição encontra-se, de certo modo, associada ao número de unidades concelhias arroladas pelas diferentes NUTS III. A exceção poderá ser a subregião Tâmega, já que é uma das unidades que mais concelhos comporta (15 para sermos mais precisos), só superada pela NUTS III Douro que circunscreve 19 concelhos.<sup>177</sup>

Gostaríamos, entretanto, de introduzir um parêntesis para referir que, inicialmente, o nosso questionário procurou, de forma genérica, incluir a dimensão norte

<sup>177</sup> Gonçalves, Carlos Manuel (org.) (2008) *A Região Norte de Portugal: mudanças e continuidades na contemporaneidade*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Instituto de Sociologia. ISBN 978-972-8932-32-9. Documento em linha disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6577.pdf>

de Portugal, muito embora, na verdade, tivéssemos decidido, por questões de conveniência metodológica e geográfica, alargar o conceito operacional da região norte propriamente dito para outros domínios, no âmbito das subregiões estatísticas de Portugal, conforme definido pela NUTS II (Nomenclatura Comum das Unidades Territoriais Estatísticas), acabando por incluir também uma pequena parte da região Centro, nomeadamente a zona de Aveiro, pela sua pertinência para o nosso estudo.

Baseando-nos na NUTS III, as zonas alvo do nosso estudo foram, em concreto, as regiões do Alto Trás-os-Montes, Ave, Cávado, Douro, Entre Douro e Vouga, Grande Porto, Minho-Lima, Tâmega, relativamente ao norte e, ainda Baixo Mondego; Baixo Vouga, Beira Interior Norte, Beira Interior Sul, Cova da Beira, Dão-Lafões, Pinhal Interior Norte, Pinhal Interior Sul, Pinhal Litoral, na região centro.

Segundo o Anuário Estatístico da Região Norte - 2009 publicado pelo INE, em termos territoriais, o norte ocupa uma área de 21 284 km<sup>2</sup>, dos 92 207 km<sup>2</sup> de Portugal, correspondendo a 23,1% da área total de Portugal (INE: Dados de 2009). Em termos demográficos, o índice de população residente em 31/12/2009 era de 3 745 575 habitantes (correspondendo a cerca de 37% do continente), dos 10 6637 713 da população nacional, com a seguinte distribuição por género:

	<b>Total</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>
<b>Portugal</b>	10 637 713	5 148 203	5 489 510
<b>Norte</b>	3 745 575	1 810 879	1 934 696

**Tabela 1.** População residente em 31/12/2009, segundo o género, por NUTS II.

**Fonte:** INE - Estatísticas Demográficas, Estimativas Provisórias de População Residente (2009)

Complementarmente, conforme dados da publicação *Portugal em Números 2008* (Edição 2010), o norte regista uma densidade populacional de 176,0.<sup>178</sup>

Relativamente ao mercado do trabalho, o norte apresenta uma população activa de 1 983,4 milhares, contra os 5 624,9 nacionais. Destes, a população empregada é de 1 811,7, enquanto a população desempregada é de 171,7. A Taxa de actividade total é de 52,9%, sendo que a Taxa de actividade feminina é de 47,5%, contra os 48,0% nacionais. A Taxa de actividade dos 15 aos 24 anos é de 45,5%, enquanto a Taxa de emprego dos 15 aos 64 anos é de 66,3%. Por último, a Taxa de emprego entre os 45 e + anos é de 45,2%, enquanto a Proporção de desemprego de longa duração é de 52,8%, em comparação com os 49,8% nacionais (Fonte: INE, I.P., Inquérito ao Emprego, 2008.)

<sup>178</sup> Fonte: Instituto Geográfico Português (IGP), a partir da Série Cartográfica Nacional à escala 1: 50 000 e Carta Administrativa Oficial de Portugal – CAOP - 2009.0.

	% por conta de outrem	% por conta própria
<b>Portugal</b>	76,3	22,8
<b>Norte</b>	74,3	24,8

**Tabela 2.** Empregados por conta de outrem e por conta própria no total de empregados por NUTS II (2009)

Em matéria de contas regionais, e tendo como referencial os dados de 2007, o norte tem um PIB de 47 200 milhões de euros, face aos 168 737 milhões de euros de Portugal, o que significa uma percentagem de 28,0%. Relativamente ao VAB (Valor Acrescentado Bruto), a região norte apresenta 40 756 milhões de euros, perante os 145 698 milhões nacionais, ou seja, o equivalente a 28,0%. Quanto às remunerações, regista-se um valor de 23 678 milhões de euros, enquanto o valor nacional é de 82 876, equivalendo a 28,6%.

Outro dos valores a convocar na nossa análise é o RDB (Rendimento Disponível Bruto) das famílias, que representava 34 704 milhões em 2007, contra os 115 202 milhões de Portugal, equivalentes a 30,1%. Por último, a FBCF (Formação Bruta de Capital Fixo) aponta para os 10 448 milhões de euros, face aos 37 629 de Portugal, equivalente a um valor percentual de 27,8% (Fonte: INE, I.P., Contas regionais. 2007).

O norte é também, de longe, uma das regiões mais consistentes e dinâmicas em termos de tecido empresarial, empreendedorismo e valor económico. Segundo dados de 2008 relativamente ao número de empresas, o norte contava com um total de 355 991, das 1 096 255 empresas estabelecidas em território nacional, equivalendo a uma percentagem de 32,5%. De referir ainda que, destas, verifica-se uma maior concentração das empresas no litoral.

Relativamente ao pessoal ao serviço, o número era de 1 274 318 no norte, em relação aos 3 861 726 de Portugal, significando uma percentagem de 33,0%. No domínio do VAB (Valor Acrescentado Bruto), em milhares euros, a região norte revelava 22 994 346 contra os 85 969 967 nacionais, representando 26,7% do total nacional.

No que concerne aos valores do comércio internacional, uma dimensão útil, sobretudo para explicar, por exemplo, o posicionamento económico dos serviços de língua e tradução, diremos que, de acordo com os dados provisórios do INE para 2009, as “Saídas”, em milhares de euros, correspondem a 11 896 804 no norte (valores declarados; 31 768 156 Portugal valores estimados; 37,4%), sendo que as “Entradas” são, também em milhares de euros, 10 433 125 (norte), comparativamente aos 51 367 886 de Portugal (20,3%).

Quanto ao Comércio Intracomunitário, e relativamente às “Expedições”, registámos 9 632 454 milhares de Euros (norte) e 23 963 790, a nível nacional (40,2%), enquanto, em termos de “Chegadas”, os valores na região norte apontavam para os 8 796 354 milhares de euros, contra os 40 365 378 em território nacional (21,8%). Por último, uma referência ao Comércio Extracomunitário revelador de um nível de Exportações da ordem dos 2 264 350 no norte, em contraponto com os 7 804 366 milhares de euros de Portugal, equivalendo a 29,0%. Em termos de Importações, os dados apontam para 1 636 772 milhares de euros no norte, e 11 002 509 a nível nacional, significando um valor percentual de 14,9% (Fonte: INE, I.P., Estatísticas do Comércio Internacional de Bens, Dados de 2008).

Já em relação aos serviços prestados às empresas, e sobretudo em termos da Repartição regional do volume de negócios em algumas actividades de serviços prestados às empresas em 2008, o norte encontrava-se na segunda posição, no nível um pouco abaixo do 20%, contra os quase 80% da capital. (Fonte: INE, I.P., Inquéritos aos Serviços Prestados às Empresas e Sistema de Contas Integradas das Empresas. Dados de 2008).

Ainda neste quadrante, para o ano de 2008, verificámos que, em termos do Volume de negócios de algumas actividades de serviços prestados às empresas, os valores para as várias actividades são os seguintes que a tabela abaixo apresenta:

<b>Actividades e serviços prestados às empresas</b>	<b>%</b>
Actividades jurídicas	3%
Actividades de ensaios e análises técnicas	4%
Actividades de emprego	6%
Serviços de publicidade	8%
Actividades de arquitectura, engenharia e técnicas afins	24%
Actividades de estudos de mercado e sondagens de opinião	1%
Actividades de contabilidade, auditoria e consultoria	31%
Actividades informáticas e conexas	23%

**Tabela 3.** Volume de negócios: Actividade de serviços prestados às empresas.

**Fonte:** INE, I.P., Inquéritos aos Serviços Prestados às Empresas e Sistema de Contas Integradas das Empresas. 2008

Em termos de descrição genérica do norte, apresentamos nesta secção uma súpula dos principais vectores que caracterizam a região e que podemos encontrar na obra *A Região Norte de Portugal: mudanças e continuidades na contemporaneidade*,

onde nos são transmitidas as várias facetas deste território sob o ponto de vista económico, social e geográfico.<sup>179</sup>

Com efeito, segundo os vários autores desta obra, ao longo dos últimos vinte e cinco anos, assistiu-se na região norte, à ocorrência de importantes transformações sociais no contexto mais global das mutações da sociedade portuguesa. São transformações atravessadas por tensões, contradições e que se cruzam entre si não só de um modo complexo e plurifacetado mas, por vezes, antagonicamente. Subsistem ainda ritmos diferenciados de transformação conforme as dimensões em causa - território e desenvolvimento; demografia e famílias; economia e empresas; mercado de trabalho; condições de vida; saúde; escolaridade e educação; cultura e práticas culturais; inserção internacional da Região -, expressando maiores ou menores acelerações ou mesmo movimentos de abrandamento, por razões de ordem estrutural ou conjuntural. São sinais explícitos da complexidade que envolve os processos de transformação social. (op. cit. 2008).

Importa destacar ainda que, globalmente falando, a região norte segue o sentido das principais tendências de transformação social que caracterizaram a sociedade portuguesa nas últimas décadas, ocupando uma posição de relevo, no contexto nacional, nos planos demográfico e económico.

A região apresenta algumas especificidades nomeadamente ao nível da demografia e das estruturas familiares, das empresas, dos sectores de actividade económica, da sua inserção comercial internacional, da qualificação académica e profissional da população. A incidência das transformações sociais, no seio da região norte (NUTS III, concelhos ou distritos), nem sempre é marcada pela homogeneidade, mas pela heterogeneidade, o que igualmente se constata para outros territórios nacionais, conduzindo, em relação a determinadas dimensões sociais, ao aprofundamento ou à manutenção de clivagens e de substanciais diferenças herdadas do passado, o que necessariamente em nada contribui para se alcançar a tão almejada coesão social. Efectivamente, é patente a persistência de disparidades intraregionais em dimensões como os rendimentos, a educação e qualificação do emprego, a saúde, por exemplo (op. cit. 2008).

A evolução do emprego nos últimos vinte anos do século passado, na região norte, foi marcada por uma tendência pesada de recomposição da estrutura sectorial do

---

<sup>179</sup> Gonçalves, Carlos Manuel (org.) (2008) Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Instituto de Sociologia. ISBN 978-972-8932-32-9 Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6577.pdf>

emprego, que se materializou na forte quebra da importância relativa do emprego agrícola, a par do aumento do terciário, enquanto o emprego industrial reduzia moderadamente o seu peso percentual nos anos noventa.

Olhando para os anos mais recentes - 2002 a 2005 - e atendo-nos nos dados do Inquérito ao Emprego, as dinâmicas do mercado de trabalho caracterizam-se pelo decréscimo da taxa de emprego e pelo rápido e intenso aumento da taxa de desemprego. O desemprego afecta particularmente os jovens, as mulheres e os trabalhadores com idades superiores aos 45 anos. As mudanças ocorridas entre 1999 e 2003 na região norte, no panorama das regiões europeias de 15 países da União Europeia, permitem afirmar que estamos perante uma região com uma posição essencialmente periférica.

Embora o peso do emprego no sector secundário da economia continue a ser relevante, em 2003 foi ultrapassado pelo do terciário, invertendo-se, deste modo, a situação existente em 1999. A par da expansão da terciarização, é igualmente patente uma recomposição no seio do sector secundário, não só ao nível do emprego mas também do volume de empresas, no sentido de uma quebra da indústria transformadora em benefício do sector da construção (op. cit. 2008).<sup>180</sup>

---

<sup>180</sup> Documento em linha disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6577.pdf>  
<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6607.pdf>. Data de acesso: 12 de Setembro de 2011.



## EM RESUMO

De acordo com o Programa Regional Operacional do Norte 2007-2013, o norte apresenta a seguinte configuração em termos de caracterização social, económica e territorial:

### As pessoas

#### Principais elementos de caracterização social da região do norte

1. Trata-se da região mais populosa do país. Com cerca de três milhões e setecentos mil habitantes, representa 35,4% da população residente em Portugal;
2. Mesmo à escala europeia, a região do norte apresenta uma dimensão demográfica significativa, situando-se na 28ª posição no conjunto da UE25;
3. Estamos em presença da população mais jovem do Continente, concentrando 38% dos jovens do país;
4. Esta juventude, como traço dominante da pirâmide etária regional, não esconde, porém, uma estrutura bimodal de distribuição territorial da população, com maior concentração dos jovens no litoral, enquanto no interior se registam elevados índices de envelhecimento;
5. Este traço tende, cada vez mais, a esbater-se dado que a Região, como um todo, começa a reproduzir algumas das tendências pesadas de evolução da demografia a nível nacional (baixa natalidade, fecundidade, etc);
6. Estamos em presença de uma população com, em média, baixos rendimentos, concretamente, com os mais baixos rendimentos a nível nacional;
7. Em termos globais, estamos em presença de uma população com baixos níveis de instrução formal, mesmo no contexto nacional (situação que, ainda, mais grave se torna quando sabemos que Portugal, no seu conjunto, apresenta o pior desempenho a este nível na UE25);
8. Por último, o aumento do desemprego em Portugal tem assumido na região do norte os seus contornos mais graves. Neste momento, a região do norte apresenta a 2ª maior taxa de desemprego a nível nacional, verificando-se, ainda, um desemprego muito significativo, sobretudo na Área Metropolitana do Porto (AMP), de jovens diplomados.

### As actividades económicas

#### Principais elementos da economia da região do norte

1. Trata-se da segunda região mais importante no que respeita ao PIB nacional (28% em 2003; 27,8% em 2004);
2. Apesar disso, não só viu estagnada a evolução do seu PIB per capita em PPC em relação à média da UE, como, inclusivamente, este indicador tem regredido em relação à média nacional;
3. Pelo critério do PIB per capita, o norte é a região NUTS II mais pobre do país e da UE15 (sendo a 30ª Região mais pobre da UE25, em 2003);
4. Esta situação é tanto mais grave quando se sabe que a região dispõe de um mercado interno significativo, sendo, por isso, a 2ª região populosa de entre as 30 mais pobres da UE25;
5. Mantém, no entanto, a sua grande tradição em matéria de internacionalização e de participação no comércio mundial e, em particular, a sua vocação exportadora, sendo, de longe, a região mais exportadora do país (44,8% do valor declarado das exportações nacionais em 2005 teve origem no norte);
6. Exportações estas, sobretudo, de produtos industriais, que correspondem, por sua vez, à sua principal especialização produtiva;
7. O norte apresenta um grau de industrialização (aferido pelo peso relativo do emprego na indústria, excluindo o sector de construção) que, em 2005, lhe conferia o 14º lugar entre as regiões NUTS II mais industrializadas da UE15 e o 30º da UE25. Incluindo o sector da construção, o norte passa a ocupar o 5º lugar no ranking das regiões mais industrializadas da UE15 (ou o 14º na UE25);
8. Esta especialização assenta, muito, em sectores ditos “tradicionalistas” (têxteis, vestuário, calçado, etc), cuja competitividade tem sido assegurada por factores estáticos, com as baixas remunerações do trabalho, e não por ganhos sustentados de produtividade.

## **O território**

### **Principais elementos de caracterização do território da região do norte**

1. A região possui uma área de 21.287 km<sup>2</sup>, a 3<sup>a</sup> maior do país e que a coloca no 1<sup>o</sup> quartil das maiores NUTS II da UE25, e uma densidade populacional de 175 habitantes/km<sup>2</sup>;
2. A geografia da densidade populacional da Região demonstra uma forte concentração da população no litoral (que regista uma densidade de 365 habitantes/km<sup>2</sup>), registando-se um reforço da desertificação no interior (actualmente com 36 habitantes/ km<sup>2</sup>);
3. A estrutura urbana da região caracteriza-se por uma clara oposição litoral-interior. No litoral, como centralidades de relevo, para além da área metropolitana, salientam-se Braga e Guimarães, enquanto no interior apenas merecem destaque Chaves, Bragança e Vila Real;
4. A região norte apresenta uma rede de Itinerários Principais e Complementares equilibrada;
5. Mais de metade da população da Região encontra-se servida pela rede ferroviária, tendo-se concluído nos últimos anos importantes remodelações na infra-estrutura;
6. A região detém um dos maiores aeroportos da Península Ibérica, cujo conjunto de trabalhos de expansão já realizados e previstos permitem garantir um crescimento potencial do tráfego de passageiros;
7. Apesar da evolução favorável, a região norte ainda apresenta nove municípios em que apenas 50% ou menos da população residente é servida por sistemas de abastecimento de água. Esta situação é particularmente crítica dado que a maioria destes concelhos apresenta uma elevada densidade populacional;
8. Cerca de 40% do território está coberto por um estatuto de conservação da natureza e dos seus recursos, sendo este aspecto determinante para a definição de qualquer estratégia regional de desenvolvimento;
9. O norte rural apresenta-se como um espaço multifuncional, onde três novas tendências se destacam: a complementaridade e substituíbilidade entre agricultura, floresta e turismo rural, a regressão global dos usos agro-florestais e a expansão de incultos.

## **As instituições**

### **Principais elementos da rede institucional da região do norte**

1. O norte, a região nacional com mais habitantes, constitui a 28<sup>a</sup> NUTS II com maior dimensão populacional da UE25, registando mesmo uma população superior a 7 Países dessa UE25;
2. O norte continua a apresentar, de longe, os piores índices regionais no que respeita ao contributo relativo do sector das administrações públicas para o respectivo VAB;
3. A estagnação do processo de desconcentração e descentralização regional, a proliferação de modelos territoriais e a manutenção de graus marginais de articulação intersectorial ao nível regional, com implicações muito negativas sobre a eficácia e eficiência das políticas públicas;
4. Os municípios da região do norte apresentam uma superfície e uma dimensão populacional muito superior, em termos médios, às dos seus congéneres europeus e registam um volume de receitas mínimo de 5 milhões de euros, constituindo, assim, organizações com uma dimensão, uma diversidade e uma complexidade de solicitações, cuja gestão requer, cada vez mais, elevados níveis de exigência;
5. A economia regional com maior peso nas exportações portuguesas e com a fronteira luso-espanhola mais densamente povoada, onde os desafios da cooperação territorial e da promoção externa não podem deixar de constituir elementos chave para a competitividade desta região.

**Fonte:** Programa Operacional da Região Norte 2007-2013 (pp. 14 a 22).

## A SITUAÇÃO DOS TRADUTORES NA REGIÃO NORTE DE PORTUGAL

Depois desta importante caracterização do espaço social, geográfico e económico onde decorre o nosso estudo, iremos, agora, centrar a atenção no nosso objecto de análise *per se*, direccionando o olhar para o universo de indivíduos com quem lidámos ao longo deste últimos anos.

Afinal, quem são estes indivíduos de quem estamos a falar? O que fazem? Como decorre o seu trabalho? Quando e onde é que começaram a trabalhar? Como entraram na profissão? Como interagem com outros agentes e actores no terreno? Que sentimentos nutrem em relação ao seu trabalho e que percepções partilham? Como definem a sua profissão? Que textos traduzem? E qual o seu posicionamento social?

São muitas as interrogações que podemos colocar em torno de uma profissão que, como vimos, tem uma configuração complexa e um elevado grau de mutabilidade.

De forma a cumprir os nossos objectivos, realizámos, em 2008, um inquérito preliminar junto dos tradutores *freelancer* do norte de Portugal (Ferreira-Alves 2009)<sup>181</sup>, tendo chegado a algumas conclusões que permitem traçar, como veremos, um certo paralelismo com os dados que temos vindo a apresentar sobre o mercado e a profissão.

Efectivamente, e de forma a poder contextualizar melhor o trabalho, elaborámos e aplicámos um questionário denominado “A Profissionalização da Tradução no Norte de Portugal”, *survey* este que foi publicado *online* e lançado de 7 de Janeiro de 2008 até 30 de Março de 2008 (ver Anexo 7 para consultar o questionário aplicado aos tradutores da região norte).

O questionário destinava-se, por um lado, a analisar algumas das mais importantes variáveis associadas à noção de campo profissional, enquanto “espaço estruturado de posições onde dominantes e dominados lutam pela manutenção e pela obtenção de determinados postos” (Araújo 2009)<sup>182</sup> e de *habitus*, enquanto “conjunto de disposições adquiridas que orienta a nossa conduta e princípio gerador das nossas práticas e acções do mundo” (op. cit. 2009), conceitos que tomámos emprestados de Pierre Bourdieu. Pretendíamos, ao mesmo tempo, estabelecer o pano de fundo susceptível de enquadrar os espaços onde se desenrolam as dinâmicas profissionais de

---

<sup>181</sup> Ferreira-Alves, F. (2009) “Translation markets and the economics of language (a case study)”. Comunicação apresentada no “Workshop on Language and Multilingualism in Management: Themes, Concepts and Methodologies”, Helsinquia, Finlândia.

<sup>182</sup> Araújo, F.M. de B. et al. (2009) “Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e de habitus na obra de Pierre Bourdieu”. *Revista Perspectivas da Ciência e Tecnologia* v.1, n.1, jan-jun 2009. Artigo em linha disponível em <http://200.20.215.200/revista/index.php/revistapct/article/viewFile/14/14>

todos os principais agentes envolvidos no processo de prestação de serviços de tradução na região norte do país.

Em paralelo, tínhamos ainda em mente outros objectivos específicos, associados à detecção de variáveis concretas como, por exemplo, reconhecimento profissional, autonomia, estatuto, realização profissional, principais expectativas, relações entre pares e profissionais, reconhecimento entre pares, intermediários, auto-reflexividade, relações com os clientes, interacção profissional, mercados de tradução, problemas, tarefas e soluções, neste último caso, com especial incidência na noção de ergonomia aplicada aos serviços de tradução (Ferreira-Alves 2011).<sup>183</sup>

---

<sup>183</sup> Ferreira-Alves, Fernando (2011) "Job Perceptions, Identity-Building and Interpersonal Relations among Translators as a Professional Group in Northern Portugal". *ILCEA*, 14|2011, [En ligne], mis en ligne le 30 juin 2011. URL: <http://ilcea.revues.org/index1119.html>. (Data de acesso: 2 de Agosto de 2011).

## O INQUÉRITO QUANTITATIVO

O inquérito que aplicámos encontrava-se dividido em 20 macrotemas ou categorias, que incluíam aspectos tão abrangentes como identificação, competências, línguas de trabalho, áreas de intervenção, conhecimentos especializados, habilitações académicas, mas também condições de trabalho, estatuto, reconhecimento social e percepções profissionais, incluindo ainda preços praticados e serviços prestados, bem como dimensões éticas, percepções de gestão e relações cliente/mercado/prestador de serviços de tradução.

Antes de implementarmos o questionário, elaborámos uma base de dados dos tradutores oriundos do norte de Portugal. Tratou-se de um processo relativamente moroso e complexo, já que contou com uma campanha maciça de emails para os mais variados fóruns e redes de tradutores, resultantes de um apurado trabalho de pesquisa em directórios profissionais, listas de distribuição e outras referências de consulta gerais e especializadas.

No total, obtivemos um número abrangente de cerca de 900 potenciais respondentes, oriundos dos mais diferentes quadrantes. Este número de participantes teve como base contactos pessoais, empresariais e institucionais, listas telefónicas, Páginas Amarelas (versão em papel e electrónica), directórios comerciais, a Internet, nomeadamente o Google, diferentes fóruns como o ProZ, TranslatorsCafé, etc, contactos de agências e empresas de tradução e associações profissionais, como a APT (Associação Portuguesa de Tradutores) e a APET (Associação Portuguesa de Empresas de Tradução), mas também contactos diversos com ex-alunos, colegas, profissionais, entre outros.

Relativamente às respostas ao inquérito, refira-se que, na altura em que fechámos o *survey online* 437 respondentes tinham, de facto, começado o questionário, de entre os quais 244 lograram completar e finalizar as 88 questões que compunham o *survey* completo, o que perfaz um total de 55,8% dos tradutores envolvidos.

De salientar ainda que, apesar de termos utilizado uma ferramenta *online* de considerável fiabilidade, chamada SurveyMonkey, disponível em [www.surveymonkey.com](http://www.surveymonkey.com) (versão profissional), temos consciência de algumas limitações da mesma, não tanto ao nível da construção e desenho do questionário, mas antes em termos da análise e tratamento estatísticos dos dados. Assim sendo, recorreremos ao *software* de análise estatística SPSS, utilizado no domínio das Ciências

Sociais, de forma a proceder a uma análise mais rigorosa e apurada dos dados obtidos, algo que nos permitiu, por exemplo, concluir que, na verdade, o número total de respondentes ao nosso questionário foi de 283, e não 244 indivíduos, como assinalámos acima, conforme indica o quadro seguinte (Tabela 4).

Trata-se, sem dúvida, de um aspecto positivo e digno de destaque, porque revelador do enorme interesse demonstrado e da excelente receptividade junto de uma comunidade de tradutores tão dispersa e fragmentada.<sup>184</sup>

a) **Case processing scenario**

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Considera-se uma tradutora profissional? Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Qual é o seu grau de satisfação sobre o actual estatuto do tradutor? Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	263	92,9%	20	7,1%	283	100,0%
Qual é o seu grau de satisfação sobre o mercado da tradução em Portugal? Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Qual é o seu grau de satisfação com o nível ético e deontológico? Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
A profissão de tradutor corresponde à sua vocação? Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Está satisfeito com as condições em que exerce a sua profissão? Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Sente alguma segurança em relação à profissão de tradutor? Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	277	97,9%	6	2,1%	283	100,0%
Em geral identifica-se com a classe profissional dos tradutores? Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Encontrase_satisfeito_com_a_qualidade_da_sua_vida_pessoal * Em_termos_pessoais_o_seu_exercício_profissional_da_tradução_pod	276	97,5%	7	2,5%	283	100,0%
Considera_que_a_imagem_dos_tradutores_na_sociedade_é_regra_gera * Em_termos_pessoais_o_seu_exercício_profissional_da_tradução_pod	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Na_sua_opinião_a_qualidade_geral_da_tradução_em_Portugal_é### * Em_termos_pessoais_o_seu_exercício_profissional_da_tradução_pod	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Quando_é_que_começou_a_traduzir * Em_termos_pessoais_o_seu_exercício_profissional_da_tradução_pod	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%

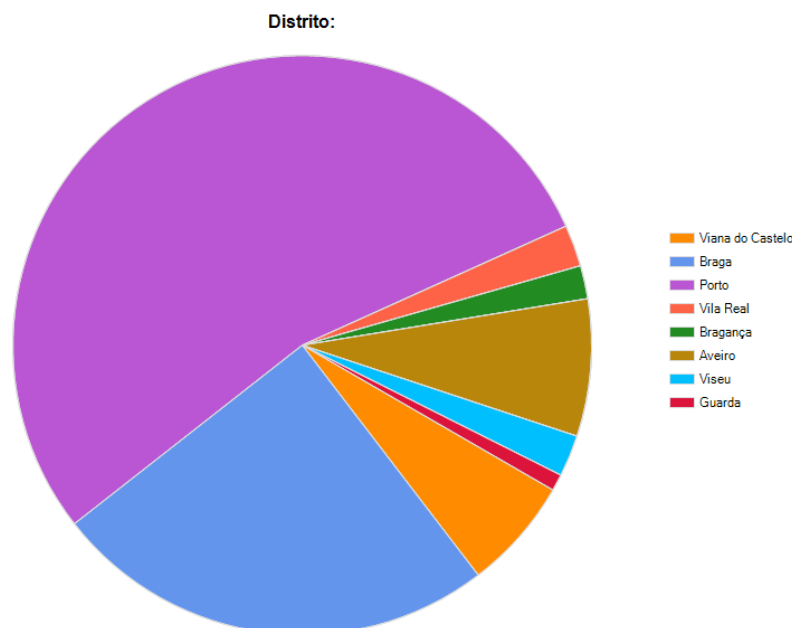
<sup>184</sup> O questionário foi respondido por 431 indivíduos, dos quais 6 saltaram a resposta inicial. Significa isto que o questionário foi iniciado por 437 respondentes, embora, de facto, tenhamos contado com 431 respondentes, no total.

	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Considera-se uma tradutora profissional? Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Qual é o seu grau de satisfação sobre o actual estatuto do tradutor? Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	263	92,9%	20	7,1%	283	100,0%
Qual é o seu grau de satisfação sobre o mercado da tradução em Portugal? Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Qual é o seu grau de satisfação com o nível ético e deontológico? Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
A profissão de tradutor corresponde à sua vocação? Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Está satisfeito com as condições em que exerce a sua profissão? Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Sente alguma segurança em relação à profissão de tradutor? Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	277	97,9%	6	2,1%	283	100,0%
Em geral identifica-se com a classe profissional dos tradutores? Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Encontrase_satisfeito_com_a_qualidade_da_sua_vida_pessoal * Em_termos_pessoais_o_seu_exercício_profissional_da_tradução_pod	276	97,5%	7	2,5%	283	100,0%
Considera_que_a_imagem_dos_tradutores_na_sociedade_é_regra_gera * Em_termos_pessoais_o_seu_exercício_profissional_da_tradução_pod	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Na_sua_opinião_a_qualidade_geral_da_tradução_em_Portugal_é### * Em_termos_pessoais_o_seu_exercício_profissional_da_tradução_pod	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Quando_é_que_começou_a_traduzir * Em_termos_pessoais_o_seu_exercício_profissional_da_tradução_pod	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%
Porcentagem_de_tempo_de_trabalho_dedicado_à_tradução_por_mês# * Em_termos_pessoais_o_seu_exercício_profissional_da_tradução_pod	283	100,0%	0	,0%	283	100,0%

**Tabela 4.** Análise detalhada dos respondentes através do SPSS

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Quanto à identificação do perfil dos respondentes, nomeadamente local de origem, local ou distrito de trabalho, 53,8% (232 indivíduos) são provenientes do distrito do Porto, que é a segunda maior cidade de Portugal. 24,8% (107 respondentes) são oriundos de Braga, enquanto 7,7% (33 respondentes) são originários do distrito de Aveiro e ainda de Viana do Castelo com 6,3% (27 elementos), sugerindo que os tradutores seguem a tendência demográfica nacional, segundo a qual há uma maior concentração de habitantes nos principais centros urbanos do país e não tanto na periferia ou fora das urbes, com uma significativa incidência no litoral. Com pouca expressão, por último, temos ainda as cidades de Vila Real 2,3% (10 respondentes), Viseu, também com 2,3% (10 respostas) e, por último, Bragança e Guarda, respectivamente com 1,9% (8 respostas) e 0,9%, 4 respostas, cada.<sup>185</sup>



**Figura 3.** Identificação do local de origem dos respondentes

Curiosamente, e apesar do advento do teletrabalho, esta tendência parece manter-se, pelo excesso de profissionais nas maiores cidades do norte, ainda que, de acordo com os últimos dados obtidos, exista já uma assinalável concentração de prestadores de serviços de tradução fora das grandes cidades.

De facto, são vários os casos que encontramos onde a actividade decorre em ambientes rurais, no interior, sobretudo quando articulada com outras actividades

<sup>185</sup> Para uma listagem completa das perguntas, ver Anexo 7.



paralelas, como a exploração agrícola, artesanato, turismo rural ou turismo de habitação, ou ainda ao sabor de alguns incentivos ou benefícios fiscais que, por vezes eram oferecidos nesses concelhos. É o caso de Viana do Castelo, Ponte de Lima, Gerês, por exemplo, mas também Fafe, Marco de Canaveses, Monção e Valença, ou ainda Baião, Vila Real, Chaves, Montalegre, Macedo de Cavaleiros, Mira ou Régua.

Um dos casos mais fascinantes que encontramos é o de um competentíssimo e bastante discreto tradutor técnico, Simon Dixon<sup>186</sup>, com uma considerável carteira de clientes internacionais, que vive quase em reclusão em Paredes de Coura, onde gere, em regime de teletrabalho, uma agência de tradução com tecnologia e equipamento sofisticados, nomeadamente o SDL Trados, e que é igualmente o gerente de uma casa de turismo rural, onde, por sinal, uma das nossas alunas de Línguas Estrangeiras Aplicadas realizou o seu estágio de conclusão do curso, vivendo durante três meses numa das casas disponíveis na Quinta da Chanca.<sup>187</sup>

Os dados demográficos recolhidos apontam para uma população tendencialmente feminina, com uma considerável amplitude e equilíbrio em termos de distribuição das faixas etárias. A maioria dos tradutores a trabalhar no norte é feminina com 77,3% (333 respostas), contra os apenas 22,7% (98 respostas) de homens. A maioria dos participantes encontra-se situada no grupo etário dos 21-30 anos, representando 44,3% (191) do *corpus* analisado. No segundo lugar, encontramos indivíduos entre os 31-40 anos (34,6%, ou seja 191 respondentes), enquanto a terceira posição é ocupada por pessoas entre os 41-50 anos, representando 13,2% da população (57 indivíduos). No cômputo geral, e em termos de experiência profissional e de trabalho, os indivíduos que responderam ao nosso *survey* começaram a traduzir aproximadamente há 3-5 anos (26,9%), bem como há 6-10 anos (22,6%, como a segunda posição mais votada), facto que, infelizmente, indica que a maioria dos tradutores inquiridos é bastante jovem, o que, à partida, não constituirá um problema em si, embora revelador de alguma eventual falta de experiência no mercado, apesar de ser um nítido indicador de uma significativa e elevada literacia tecnológica, tendência esta que não deve ser descurada.

---

<sup>186</sup> **Simon Dixon** formou-se na Universidade de Birmingham com um *bachelor of arts* em Alemão/Francês, no ano de 1989, tendo dois anos mais tarde concluído uma pós-graduação em Tradução e Interpretação em Alemão/Francês.

Desempenhou o seu primeiro emprego de tradução na empresa de engenharia automóvel *ZF Friedrichshafen AG* em Friedrichshafen, Alemanha, de 1991 a 1994. Nesse ano, integrou a equipa de tradutores da agência de tradução *emes GmbH* em Friedrichshafen, até 1997. Foi em 1998 que decidiu enveredar pela profissão de tradutor freelance, tendo-se mudado de Inglaterra para Portugal em 2003, onde reside actualmente.

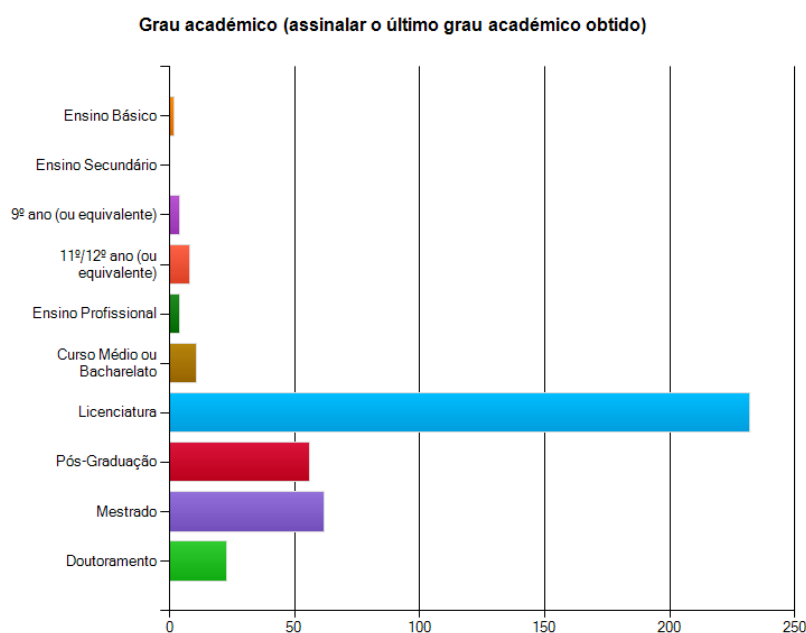
As principais áreas temáticas em que se enquadra o trabalho que realiza são: engenharia automóvel (Volkswagen, BMW, MAN), electrónica/computação (Siemens), maquinaria pesada (ThyssenKrupp), prensas eléctricas e prensas para madeira (Müller Weingarten/Schuler & Dieffenbacher), patentes e máquinas de medida (Zoller).

<sup>187</sup> Disponível em <http://www.ethicalescape.com/quintadachanca.htm>

De igual forma, para a grande maioria destes tradutores, mais precisamente 45,2%, a tradução é considerada como a actividade principal, enquanto 29,3% afirmam que se trata de uma ocupação secundária, sendo que 25,4% descrevem-na como uma actividade em *part-time*/temporária ou ocasional.

Em relação às qualificações e perfil académico ou *background*, 57,7%, i.e. 232 respondentes, possuem um qualquer grau superior, sendo que 15,4%, i.e. 62 tradutores mencionaram possuir o grau de mestrado. 56 respondentes (13,9%) afirmaram ter alguma espécie de pós-graduação. Quando inquiridos sobre se teriam alguma formação específica em tradução, a grande maioria revela ter tido algum tipo de formação em tradução, nomeadamente 69,3% (269), contra os 30,7% que confessaram não possuir essa especialização. Quanto à natureza da formação em tradução, a maioria dos tradutores mencionou um tipo de formação de carácter generalista (55,2% - 155 respondentes), enquanto 44,8%, i.e. 126 indivíduos, mencionaram possuir uma formação especializada, sobretudo tradução especializada em domínios e áreas específicos.

Mais uma vez, verificamos uma considerável diversidade de perfis no mercado, com uma especial incidência nas formações de carácter superior.



**Figura 4.** Grau académico

De igual modo, no decurso do nosso questionário, sobressairam também algumas áreas ou domínios de conhecimento mais frequentes em termos de procura. Por

consequente, tentámos analisar esta variável, seleccionando as áreas ou domínios mais importantes normalmente mais requisitados pelos clientes destes tradutores.

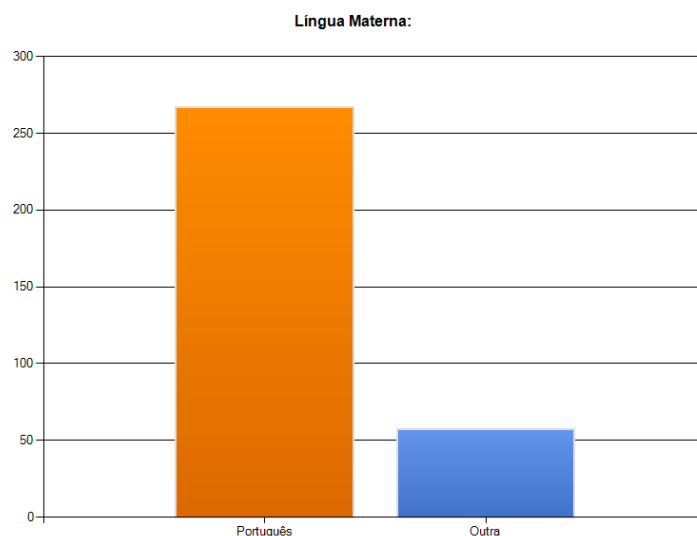
A área mais procurada escolhida pela grande maioria dos nossos respondentes é, sem dúvida, a tradução jurídica, com 66 respostas, num total de 339 respostas. Ao mencionar tradução jurídica, incluímos a tradução de documentos legais, relacionados com a área do Direito, bem como certificados, procurações, *affidavits*, tradução de documentos oficiais, certificação notarial, etc. Pensamos ainda que esta maior prevalência em termos de tradução jurídica se prende com a proximidade desta área a um campo profissional de grande reputação, prestígio e enorme visibilidade, porque associado ao universo profissional dos advogados e tribunais, conforme sugerem as palavras de um dos tradutores entrevistados quanto ao facto de a tradução ser “uma profissão muito encostada a muitas outras” (F.C., entrevista, 1 de Julho de 2009).

A segunda posição foi ocupada por uma tipologia de tradução caracterizada pelos respondentes como puramente técnica, sobretudo nos domínios na engenharia automóvel, onde os indivíduos incluíram tópicos como engenharia mecânica, indústria automóvel e mecânica com 59 respostas, no total. A tradução de informática, localização, *software* e ciências informáticas foi escolhida por 31 inquiridos como a terceira mais importante área de trabalho, sendo que a tradução literária se revelou o quarto domínio mais importante, com 26 escolhas. A quinta posição pertenceu, em simultâneo, à área da medicina e das ciências da saúde, bem como à tradução audiovisual (para uma decomposição semântica das áreas mais solicitadas, através de um mapa conceptual, consultar Anexo 6).

Há, de facto, uma ampla gama de áreas onde a oferta de serviços de tradução profissional normalmente ocorre. No entanto, em termos gerais, é possível concluir que as quatro áreas mais importantes onde os tradutores normalmente exercem a sua profissão, de acordo com as solicitações do mercado, são, indubitavelmente, a tradução jurídica e a tradução de documentos oficiais, bem como a tradução técnica, sobretudo documentação técnica e textos nos domínios da engenharia mecânica, automóvel e engenharia civil, seguindo-se a informática e a localização.

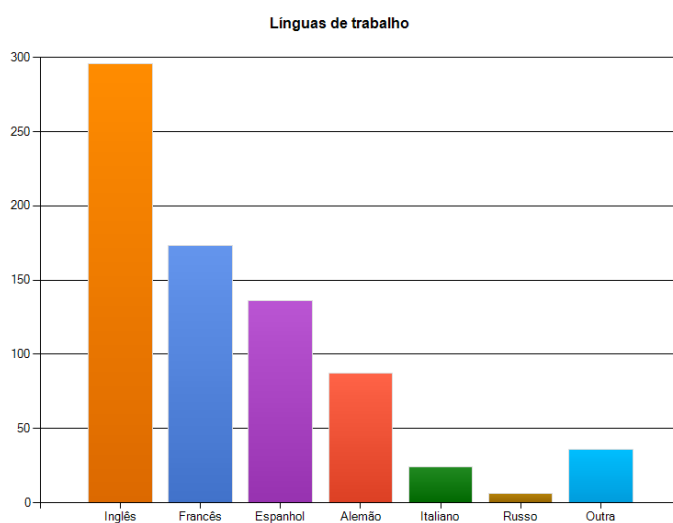
A maior parte dos inquiridos faz tradução para português, ou seja, a sua língua materna. Curiosamente, a nível de mercado, as solicitações são feitas no sentido inverso, ou seja, do português para outra língua estrangeira, o que, de facto, coloca um problema importante em termos de redefinição da formação específica face a estes novos contextos de especialidade e exigências dos clientes e consumidores de traduções,

envolvendo, primeiro, tradução para a sua língua materna e, segundo, para uma outra língua estrangeira.



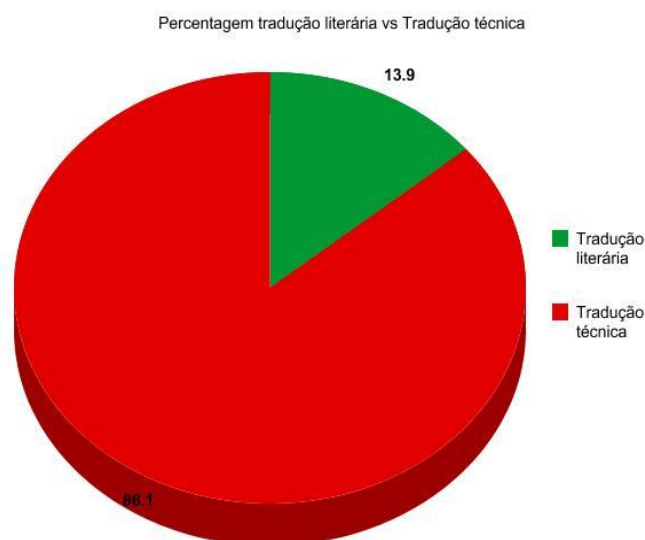
**Figura 5.** Língua materna

Ainda relativamente às línguas de trabalho, é importante destacar o predomínio do inglês, tal como constata Louhiala-Salminen (2005), Barner-Rasmussen e Piekari (2006) e Vesa (2009). No entanto, será igualmente útil analisar quais os problemas de traduzir para outra língua, quando solicitado esse serviço, sobretudo por nativos de língua portuguesa, isto porque a grande maioria dos sujeitos respondentes é de nacionalidade portuguesa. O francês e o espanhol ainda têm uma afirmação significativa no mercado, sendo que o alemão surge apenas em quarto lugar, em termos de procura. De realçar o facto de a rubrica “Outra” ter contado com a inclusão da língua portuguesa, o que acaba por demonstrar também o peso do português como língua de partida (LP).



**Figura 6.** Línguas de trabalho

A tradicional distinção entre o literário e o não-literário e/ou tradução técnica foi, como é óbvio, um dos principais pontos de destaque do estudo e uma das questões mais importantes para a nossa investigação, porquanto revelador de conclusões bastante úteis e pertinentes essencialmente associadas com a percepção que os tradutores têm acerca da sua actividade. Quando questionados sobre se definiriam ou não a sua actividade como literária ou técnica, a grande maioria das respostas revelou que 86,1%, i.e. 279 tradutores, se posicionavam como exercendo a sua actividade nos campos especializados e técnico, enquanto, pelo contrário, apenas 13,9% dos inquiridos mencionou a tradução literária como a sua principal ocupação (com 45 respostas).



**Figura 7.** Percentagem tradução literária vs Tradução técnica

Contudo, quando solicitámos que nomeassem os principais domínios onde costumavam trabalhar, muitos respondentes mencionaram a tradução literária, um dado que pode indiciar que determinados valores como o estatuto e o prestígio associados à prática da tradução literária poderão ter eventualmente “contaminado” as respostas, e afectado o seu posicionamento, significando ainda que esses valores estão profundamente enraizados no seu comportamento e na forma como a profissão é encarada socialmente.

Vale ainda a pena referir que, para a maior parte destas pessoas, a tradução literária é uma actividade essencialmente esporádica e ocasional, isto é, estamos perante indivíduos que realizaram apenas escassas traduções literárias no decurso da carreira, e que, na maior parte das vezes, não ganham a vida a partir deste tipo de actividade, sobretudo face aos baixos preços praticados pelas editoras, mas também pelas suas agressivas políticas de subcontratação, bem como pelo facto de haver uma considerável

concorrência que impede que os tradutores sejam capazes de se manterem regularmente no mercado e de prolongarem também uma relação profissional estável e duradoura com os seus clientes. Algo que, neste caso, revela bem a precariedade da profissão.

Na verdade, muitos dos indivíduos que responderam ao nosso *survey*, e que mencionaram tradução literária, são precisamente aqueles que têm outro emprego principal, e para quem a tradução é uma actividade secundária ou um *part-time*. Por outro lado, em contexto de formação superior, são igualmente frequentes os casos de tradutores profissionais que “diluem” projectos de tradução nas suas aulas, recrutando alunos para trabalhos de tradução, negociados com condições específicas a troco de um pagamento simbólico e/ou exposição do nome da equipa nos créditos do livro. Situação que pode ser explicada pelo facto de essas editoras apenas trabalharem com nomes já consagrados e com créditos firmados no mercado, e preferirem não arriscar, recusando trabalhar com jovens licenciados com pouca experiência, a menos que estes possuam uma espécie de mentor, que reveja e assuma a qualidade pelo produto final.

Há, no entanto, exemplos de casos diametralmente opostos, em que, sob o pretexto da realização de um teste de tradução para a futura selecção e recrutamento de tradutores, escondido num vulgar anúncio de “Precisa-se tradutores”, várias editoras, algumas delas conhecidas, conseguem obter a custo zero a tradução integral de uma obra, prévia e cirurgicamente dividida em excertos/retalhos, que serão posteriormente remendados e cosidos pelo revisor/editor final, a troco de uma carta de agradecimento, indicando que o tradutor entrará numa lista de eventuais colaboradores para projectos futuros. Refira-se ainda que esta prática é igualmente extensível a algumas agências e gabinetes de tradução para efeitos de selecção e recrutamento dos seus colaboradores, conforme comprova o seguinte texto:

No seguimento da recepção do seu Curriculum Vitae, e para efeitos de reforço da nossa carteira de tradutores, junto seguem alguns testes de tradução.

Informo também que temos muita urgência no teste de tradução de Espanhol, uma vez que pretendemos formar uma equipa de tradutores para uma obra s/ decoração composta por 15 títulos.

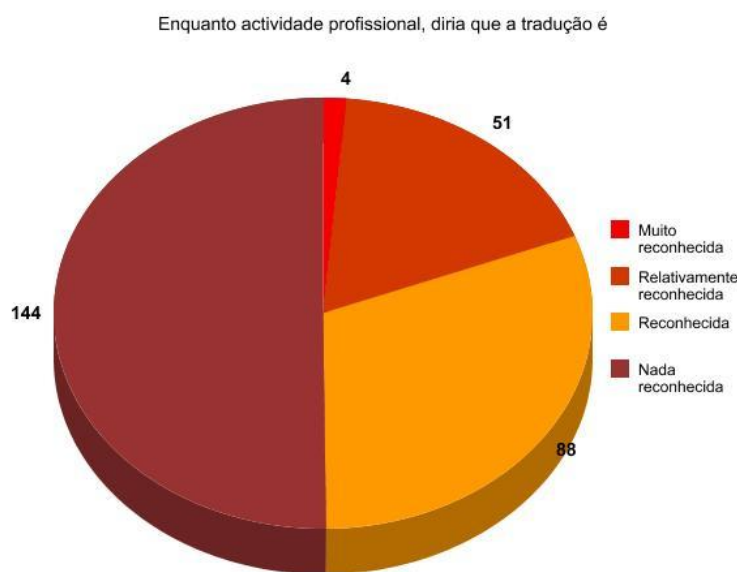
Realize-os consoante a sua disponibilidade (total ou parcialmente) e, por favor, devolva-os pelo correio ou para o meu endereço de e-mail.

Ou ainda este exemplo:

Temos na realidade um possível projecto com cerca de 4 milhões de palavras dentro de 2 a 3 semanas, pelo que decidi contactá-la, dado que o seu perfil parece adequado ao tipo de trabalho que iremos realizar. Este projecto está ligado à tradução de um manual de boas práticas de gestão de projectos. Requereria sensivelmente a tradução de 2.000 palavras novas por dia durante 7 meses. A tarifa por palavra nova é de \*\*\*\* euros.

Quisemos ainda avaliar as percepções profissionais associadas à prática translatória, com especial incidência nas atitudes referentes à profissionalização. Quando perguntámos se estes tradutores se consideravam profissionais, 75,6%, i.e. 217 respondentes responderam afirmativamente, enquanto 24,4%, i.e. 70 responderam “Não”.

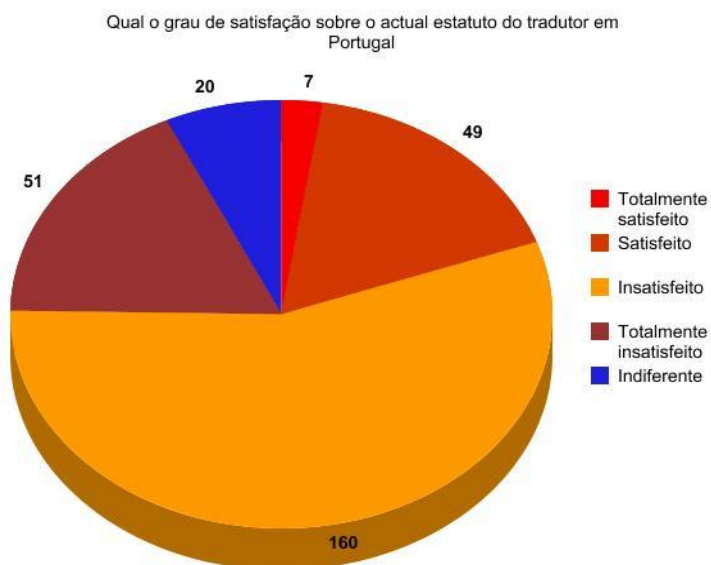
Posteriormente, pedimos a estes mesmos profissionais para avaliarem a sua performance como tradutores profissionais. 63,4%, ou seja, 182 tradutores, avaliaram a sua prática profissional como “Boa”, enquanto 21,3% (61) mencionaram “Excelente”. Porém, quando inquiridos sobre o reconhecimento profissional em Portugal, 144 (mais de 50% respostas, ou seja, 50,2%) admitiram que a profissão não era reconhecida. Apenas 30,7% dos entrevistados, a saber, 88 tradutores, admitiram haver algum tipo de reconhecimento, enquanto a mesma impressão negativa foi sublinhada por 17,8% dos respondentes, que destacaram o facto de a profissão ser relativamente reconhecida a nível nacional (51).



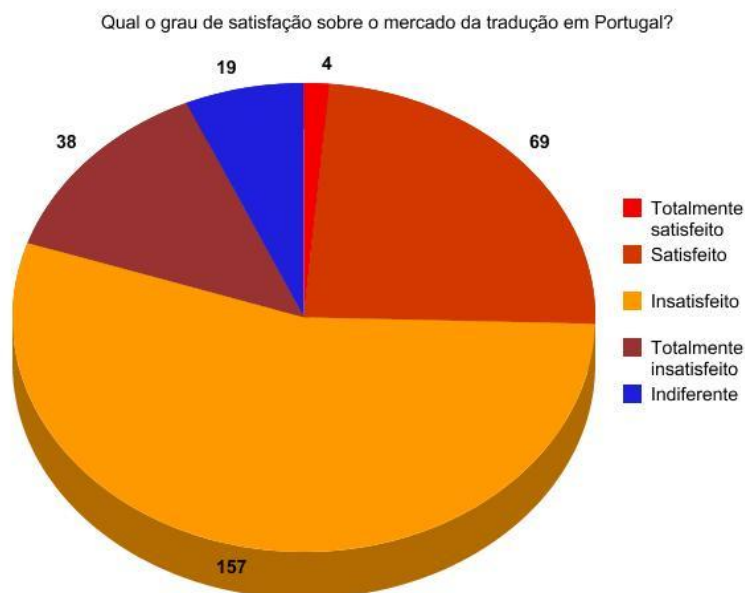
**Figura 8.** Percepções dos respondentes acerca do reconhecimento da tradução

Seguidamente deslocámos a nossa atenção para o grau de satisfação com o actual estatuto da tradução em Portugal. Recorrendo a uma escala de Likert de 5 pontos, as respostas revelaram uma idêntica tendência negativa, sobretudo porque grande parte dos inquiridos respondeu ambos “Não satisfeito” (55,7% - 160 respostas) e “Completamente Insatisfeito” (17,8% - 49 respostas). Apenas 17,1% (49 respostas) revelaram comentários positivos sobre o estatuto da tradução.

Numa fase posterior, foi colocada outra questão direccionada para aferir o grau total de satisfação com o mercado da tradução em Portugal. De novo, as respostas demonstraram percepções bastante negativas. 54,7% (157 tradutores) responderam "Insatisfeito", ao passo que 24% dos tradutores referiu sentir-se "Satisfeito" com o mercado da tradução (i.e. 69 respostas). Por fim, e corroborando esta impressão negativa, 13,2%, ou seja, 38 respondentes, confessou estar "Completamente Insatisfeito".



**Figura 9.** Grau de satisfação sobre o estatuto do tradutor em Portugal

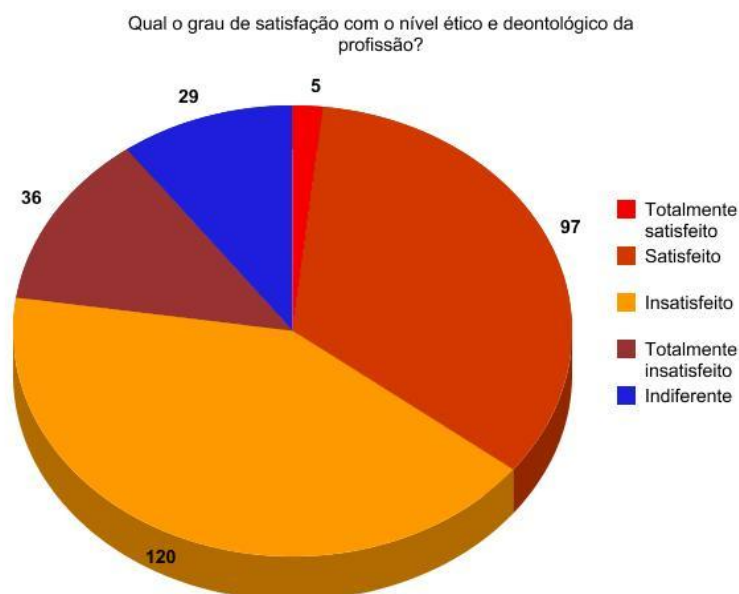


**Figura 10.** Grau de satisfação sobre o mercado da tradução em Portugal

A mesma tendência negativa foi realçada, em concreto face ao grau de satisfação com os níveis éticos da profissão. 41,8% destes profissionais não se encontram



satisfeitos (120 respostas), enquanto 33,8% (97) dizem que se sentem satisfeitos com os aspectos éticos da profissão. Tal como referido acima, também 12,5%, ou seja, 36 tradutores confessaram sentirem-se completamente insatisfeitos com o estatuto ético da profissão.



**Figura 11.** Grau de satisfação sobre o nível ético e deontológico da profissão

Globalmente falando, os comentários feitos pelos tradutores acerca da sua profissão parecem, de facto, revelar uma percepção bastante fraca, débil, incerta e negativa sobre a realidade da profissão, bem como sobre o modo como se posicionam neste campo. Trata-se, na verdade, de algo que ultrapassa o mero conceito de profissão, e que extravasa também o seu próprio campo profissional, sobretudo porque se refere a aspectos tão díspares como conhecimentos, competências e avaliação pelos seus pares, entre outros.

Por exemplo, quando questionados sobre se consideravam os tradutores como tendo a formação adequada para o exercício da sua profissão, a maior parte respondeu “Não”, i.e. 63,8% (com 183 respostas), e apenas uma pequena percentagem de 36,2% (104 respondentes) disse “Sim”.



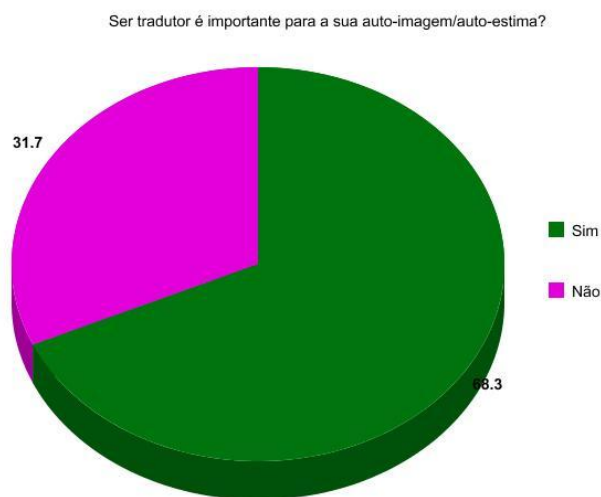
**Figura 12.** Considera que os tradutores têm uma formação adequada?

Contudo, esta tendência negativa parece inverter-se quando os tradutores são convidados a falar essencialmente acerca de aspectos vocacionais. Por conseguinte, a larga maioria, 81,2% (233), respondeu “Sim” à questão que perguntava se a profissão de tradutor correspondia ou não à sua vocação. Neste caso, apenas 18,8%, i.e. 54 tradutores responderam negativamente.



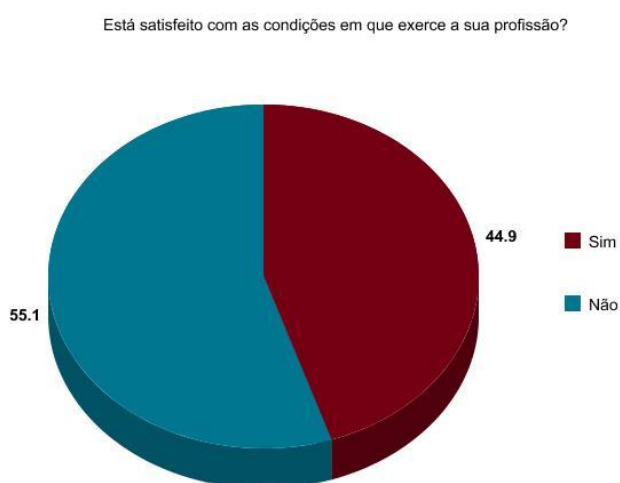
**Figura 13.** Percepções vocacionais.

Trata-se de algo que é normal e bastante frequente, sobretudo quando lidamos com percepções pessoais. Por exemplo, a pergunta “Ser tradutor é importante para a sua auto-estima/auto-imagem?” foi colocada ao total dos inquiridos, sendo que a maioria, i.e. cerca de 68,3% (196), respondeu “Sim”, enquanto as restantes 91 respostas (31,7%), assinalaram “Não”.



**Figura 14.** Percepções sobre auto-imagem/auto-estima.

Quisemos ainda avaliar as condições de trabalho neste nosso *survey*. Relativamente ao grau de satisfação com as condições gerais em que os tradutores trabalham, mais de 50% (55,1%) dos tradutores confessaram sentirem-se totalmente insatisfeitos com as suas condições de trabalho. No campo oposto, 44,9%, i.e. 129 respondentes demonstraram satisfação com as condições de trabalho.

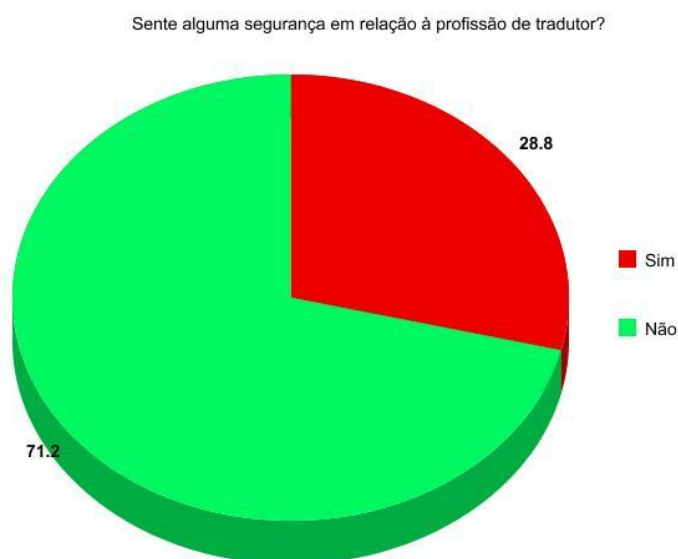


**Figura 15.** Grau de satisfação com as condições de exercício da profissão.

Porém, quando confrontados com as percepções associadas, por exemplo, à segurança económica e financeira, grande parte dos inquiridos afirmou sentir-se totalmente insegura com a profissão.

Efectivamente, 71,2% dos inquiridos (200 indivíduos) responderam negativamente e apenas 28,8% (81 indivíduos) responderam “Sim”. No entanto, e em termos gerais, os indivíduos oriundos da região norte de Portugal identificam-se com o

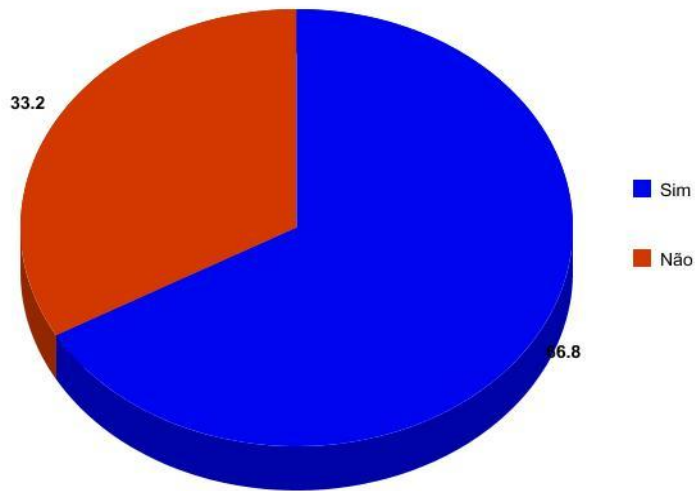
grupo profissional dos tradutores, ao qual, alegadamente dizem pertencer. 56,1%, i.e. 161 respondentes, afirmaram sentir-se identificados com o grupo profissional, como um todo, ao passo que 43,9%, equivalendo a 126 indivíduos, responderam "Não".



**Figura 16.** Percepções relativamente à segurança da profissão

Em relação ao grau de satisfação com a qualidade da sua vida, a maior parte dos tradutores sente-se satisfeita e feliz com esse aspecto, nomeadamente 66,8% (187 indivíduos), o que parece revelar algum desfasamento com as opiniões negativas atrás mencionadas, e que pode apontar precisamente para a existência desse mercado cinzento e/ou paralelo, marcado por uma economia não registada, a que já fizemos referência, onde a prática da tradução ocorre, não como actividade principal para estas pessoas, mas como uma actividade essencialmente secundária. Neste caso concreto, 33,2% (93 respondentes) confessaram não se sentir satisfeitos com a qualidade da sua vida.

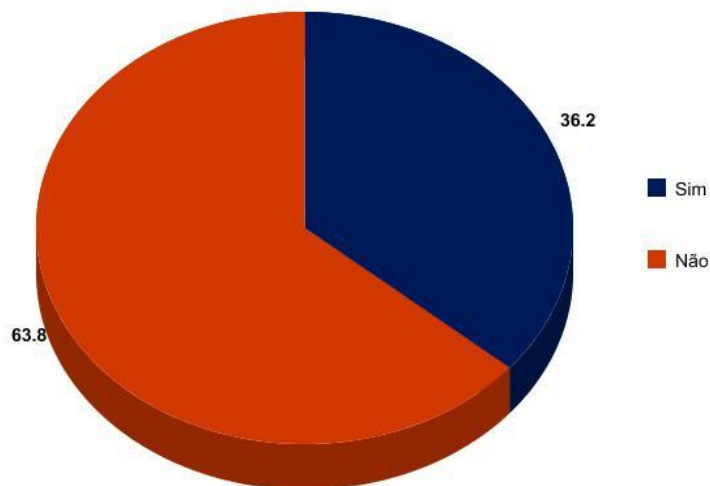
Encontra-se satisfeito com a qualidade da sua vida profissional?



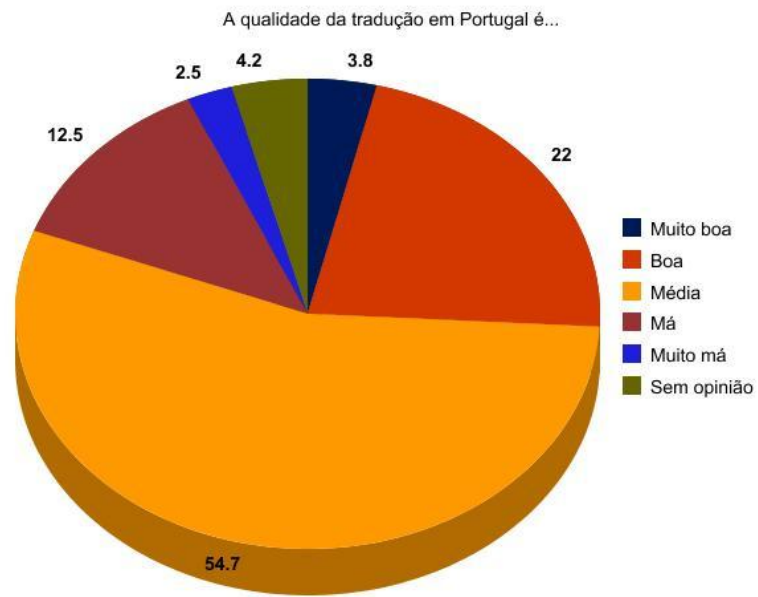
**Figura 17.** Grau de satisfação com a qualidade da vida profissional

Contudo, pelo contrário, os inquiridos sentem que a imagem dos tradutores na sociedade é, regra geral, negativa, significando com isto 63,8% do número total de respostas (183 pessoas). Na mesma óptica, e também relativamente a esta questão, globalmente, os tradutores acham que a qualidade geral da tradução em Portugal é mediana, representando um universo de 54,7% do número total de respostas (157 respondentes).

Considera que a imagem dos tradutores na sociedade é positiva?



**Figura 18.** Percepções acerca da imagem dos tradutores na sociedade



**Figura 19.** Percepções acerca da qualidade da tradução

## SER OU NÃO SER UMA ACTIVIDADE PRINCIPAL (EIS A QUESTÃO)

Gostaríamos de, nesta secção final, analisar detalhadamente uma problemática que nos é suscitada pela complexidade dos dados acima recolhidos, e que se prende essencialmente com o facto de a tradução ser encarada como uma actividade principal ou secundária.

Conforme descrevemos acima, e segundo os dados obtidos através da ferramenta Survey Monkey, para 45,2% destes indivíduos a tradução é considerada uma actividade principal, enquanto para 29,3% trata-se de uma ocupação secundária; por último, 25,4% encaram-na essencialmente como uma actividade em *part-time*/temporária ou ocasional.

Pensamos que esta é uma das principais condicionantes que encontramos no âmbito do nosso estudo, reveladora de um lado oculto da profissão que acaba por condicionar seriamente o próprio discurso e posicionamento socioprofissionais dos indivíduos que trabalham nesta área.

Pela sua pertinência, quisemos aprofundar este tema através de uma análise mais minuciosa recorrendo, portanto, ao *software* de análise estatística SPSS pela sua maior fiabilidade neste processo.

De facto, para a questão **“Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode ser considerado”**:

- a) Um “part-time” / actividade temporária / ocasional,
- b) Uma actividade principal,
- c) Uma actividade secundária,

Obtivemos, no total 287 respostas completas com o software SPSS.<sup>188</sup> Destas 287 respostas, 72 apontam para a existência de uma profissão em “part-time”, 128 como actividade principal e 83 respostas assinalando uma actividade secundária, o que demonstra claramente essa realidade “encapotada” que parece revelar uma falta de sintonia com a generalidade das respostas, já que as duas opções mais respondidas, respectivamente “actividade principal” e “secundária” provocam um importante desequilíbrio e esbatem-se, como que abafando a modalidade “part-time”, que é, na realidade, bastante significativa.

---

<sup>188</sup> No cômputo geral, e de acordo com o software Survey Monkey, registámos um total de 283 respostas completas ao nosso questionário.

Neste caso, porém, a variável “part-time” afigura-se como uma realidade oculta que importa deslindar e cujo peso é tudo menos despiciendo. Senão vejamos. Se somarmos os resultados de “part-time” e “actividade secundária”, os valores obtidos ultrapassam claramente os números registados para a “actividade principal”, revelando uma clara descompensação do mercado, e demonstrando, ao mesmo tempo, que, de facto, para a grande maioria dos respondentes, não se trata, efectivamente, de uma actividade a tempo inteiro, o que, de certa forma, poderá justificar a sua precariedade, fragilidade e inconstância.

Ou seja, esta dificuldade de fixação fica demonstrada já que, estatisticamente, todas as respostas obtidas no questionário são influenciadas transversalmente pelo tipo de actividade que, de facto, os indivíduos desempenham e que, de certa forma, acaba por desvirtuar a percepção da própria profissão.

Por conseguinte, seleccionámos uma série de questões colocadas no nosso questionário para cruzamento dos dados consoante as três variáveis em análise, ou seja actividade principal, secundária e “part-time”. É nesse sentido que apresentamos os quadros seguintes, aos quais juntamos uma breve descrição correspondente à nossa leitura e interpretação deste fenómeno.

b) **Considera-se uma tradutora profissional?**

		Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pod			
		Um part-time / actividade temporária / ocasional	Uma actividade principal	Uma actividade secundária	Total
Considera-se uma tradutora profissional	Não	58,3%	1,6%	27,7%	23,7%
	Sim	41,7%	98,4%	72,3%	76,3%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabela 5.** Considera-se um tradutor profissional?

Neste caso, os respondentes para quem a tradução é tida como uma actividade principal consideram-se, na sua grande maioria, tradutores profissionais, com 98,4% das respostas. Em sentido oposto, os indivíduos que não se consideram tradutores profissionais são os que se incluem maioritariamente na categoria “part-time/actividade temporária/ocasional”, com 58,3% das respostas. Curiosamente, de facto, 72,3 dos indivíduos que têm uma actividade secundária consideram-se tradutores profissionais.



c) **Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode**

		Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pod			
		Um part-time / actividade temporária / ocasional	Uma actividade principal	Uma actividade secundária	Total
Idade	menos de 20 anos			1,2%	,4%
	21-30 anos	52,8%	40,6%	43,4%	44,5%
	31-40 anos	29,2%	35,9%	30,1%	32,5%
	41-50 anos	12,5%	12,5%	19,3%	14,5%
	51-60 anos	2,8%	9,4%	2,4%	5,7%
	mais de 60 anos	2,8%	1,6%	3,6%	2,5%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabela 6.** Idade

Em termos de idade, os dados revelam que as faixas etárias mais consistentes para quem considera a tradução como uma actividade principal são, respectivamente, os 21-30 anos (40,6%) e 31-40 anos (35,9%), de longe a grande maioria. Esta tônica na juventude dos respondentes parece manter-se estável, quando analisamos os dados referentes a “part-time/actividade temporária/ocasional” e “actividade secundária”, com um ligeiro ascendente no primeiro caso (52,8%).

d) **Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode**

		Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pod			
		Um part-time / actividade temporária / ocasional	Uma actividade principal	Uma actividade secundária	Total
Tipo Tradução	Tradução literária	18,1%	7,8%	18,1%	13,4%
	Tradução técnica	81,9%	92,2%	81,9%	86,6%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabela 7.** Tradução técnica vs Tradução literária

Aqui, os dados revelam de forma inequívoca que os tradutores técnicos são aqueles para quem a tradução é vista, sobretudo, como uma actividade principal, com 92,2% das respostas, indicando assim que a tradução literária é puramente residual, e tida como uma actividade essencialmente secundária ou temporária, com 18,1% das respostas.

e) **Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode**

		Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode			
		Um part-time / actividade temporária / ocasional	Uma actividade principal	Uma actividade secundária	Total
Sexo	Feminino	88,9%	72,7%	77,1%	78,1%
	Masculino	11,1%	27,3%	22,9%	21,9%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabela 8.** Sexo

A tabela acima demonstra que a rubrica “part-time/actividade temporária/ocasional” é a que revela um maior número de respondentes do sexo feminino, com 88,9%, revelando a tendência para a excessiva feminização da profissão, como já tínhamos diagnosticado. Mantendo esta tendência, mas revelando um maior equilíbrio, constatamos a rubrica “actividade principal”, onde vamos encontrar 27,3%, sensivelmente um quarto da população do sexo masculino.

f) **Qual é o seu grau de satisfação sobre o actual estatuto do tradutor?**

		Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode			
		Um part-time / actividade temporária / ocasional	Uma actividade principal	Uma actividade secundária	Total
Qual é o seu grau de satisfação sobre o actual estatuto do tradutor	Totalmente insatisfeito	20,0%	21,8%	15,2%	19,4%
	Insatisfeito	56,9%	60,5%	60,8%	59,7%
	Satisfeito	23,1%	15,1%	20,3%	18,6%
	Totalmente satisfeito		2,5%	3,8%	2,3%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabela 9.** Grau de satisfação com o estatuto do tradutor

Em termos de satisfação com o exercício profissional, o grupo que se sente mais insatisfeito é aquele que se situa no domínio da “actividade secundária”, logo seguido de perto pelos indivíduos para quem a tradução é uma “actividade principal”. Neste caso, as respostas são relativamente homogéneas nas três vertentes, muito embora o nível mais elevado de satisfação com a profissão esteja do lado de quem considera a tradução como um “part-time/actividade temporária/ocasional”, com 23,1%. Os mais insatisfeitos com a profissão são aqueles para quem a tradução é uma actividade principal, 21,8%.

g) Qual é o seu grau de satisfação sobre o mercado da tradução em Portugal?

		Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode			
		Um part-time / actividade temporária / ocasional	Uma actividade principal	Uma actividade secundária	Total
Qual é o seu grau de satisfação sobre o mercado da tradução em Portugal	Indiferente	6,9%	7,8%	4,8%	6,7%
	Totalmente insatisfeito	16,7%	11,7%	13,3%	13,4%
	Insatisfeito	65,3%	55,5%	43,4%	54,4%
	Satisfeito	11,1%	23,4%	36,1%	24,0%
	Totalmente satisfeito		1,6%	2,4%	1,4%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabela 10.** Grau de satisfação com o mercado

Neste caso, os respondentes mais insatisfeitos com o mercado são, de longe, os profissionais para quem a tradução é um “part-time/actividade temporária/ocasional”, com 65,3% das respostas, revelando o descontentamento acerca da sua precariedade, enquanto os menos “insatisfeitos” são, logicamente, os que fazem da tradução uma actividade secundária, com 43,4% das respostas. Em oposição, os mais satisfeitos são os que pertencem ao item “actividade secundária” (36,1%), logo seguidos pelos respondentes dentro da “actividade principal” (23,4%).

h) Qual é o seu grau de satisfação com o nível ético e deontológico?

		Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode			
		Um part-time / actividade temporária / ocasional	Uma actividade principal	Uma actividade secundária	Total
Qual é o seu grau de satisfação com o nível ético e deontológico	Indiferente	18,1%	6,3%	8,4%	9,9%
	Totalmente insatisfeito	13,9%	10,2%	15,7%	12,7%
	Insatisfeito	34,7%	48,4%	37,3%	41,7%
	Satisfeito	31,9%	32,8%	37,3%	33,9%
	Totalmente satisfeito	1,4%	2,3%	1,2%	1,8%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabela 11.** Grau de satisfação com o nível ético e deontológico

Como seria de esperar, os mais insatisfeitos com o nível ético e deontológico da profissão são os profissionais para quem a tradução é uma “actividade principal”, com 48,4% respostas. Pelo contrário, os que sentem mais satisfeitos são aqueles que se situam na alínea “actividade secundária”. O menor grau de envolvimento e as respostas

mais baixas pertencem ao grupo dos tradutores em “part-time/actividade temporária/ocasional”.

**i) A profissão de tradutor corresponde à sua vocação?**

		Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode			
		Um part-time / actividade temporária / ocasional	Uma actividade principal	Uma actividade secundária	Total
A profissão de tradutor corresponde à sua vocação	Não	30,6%	10,9%	19,3%	18,4%
	Sim	69,4%	89,1%	80,7%	81,6%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabela 12.** Vocação

Os respondentes para quem a tradução corresponde a uma vocação situam-se claramente no domínio da “actividade principal”, com 89,1% dos votos, seguindo-se imediatamente os tradutores em regime de “actividade secundária”, com 80,7%. Neste aspecto, os tradutores que revelam menor ou total ausência de vocação são os que pertencem ao grupo dos profissionais em “part-time/actividade temporária/ocasional”, equivalendo a 30,6%, ou seja, quase um terço das respostas.

**j) Está satisfeito com as condições em que exerce a sua profissão?**

		Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode			
		Um part-time / actividade temporária / ocasional	Uma actividade principal	Uma actividade secundária	Total
Está satisfeito com as condições em que exerce a sua profissão	Não	75,0%	39,8%	59,0%	54,4%
	Sim	25,0%	60,2%	41,0%	45,6%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabela 13.** Satisfação com as condições de exercício da profissão

Os profissionais que se sentem mais satisfeitos com as condições em que exercem a profissão são os que se incluem na rubrica “actividade principal”, com 60,2%, seguindo-se, em consonância com a resposta anterior, os elementos para quem a tradução é uma “actividade secundária”. Curiosamente, os mais insatisfeitos são os profissionais para quem traduzir é um “part-time/actividade temporária/ocasional”, revelando 75% das respostas, o que não deixa de ser significativo e revelador, tal como os 59% obtidos junto da “actividade secundária”, e que distorcem os resultados, conduzindo o grau de insatisfação para um total de 54,4%, camuflando os dados dos tradutores em regime de “actividade principal”.

**k) Sente alguma segurança em relação à profissão de tradutor?**

		Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode			
		Um part-time / actividade temporária / ocasional	Uma actividade principal	Uma actividade secundária	Total
Sente alguma segurança em relação à profissão de tradutor	Não	88,7%	52,3%	84,6%	70,8%
	Sim	11,3%	47,7%	15,4%	29,2%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabela 14.** Segurança em relação à profissão

Os profissionais que demonstram uma maior insegurança relativamente à profissão situam-se no campo do “part-time/actividade temporária/ocasional”, o que revela um dado curioso, sobretudo para quem não faz da tradução uma actividade principal, já que o oposto é que seria expectável. Em qualquer dos casos, revela ainda o medo de alguma precariedade associada à profissão, pela inconstância da sua postura profissional, um dado que é igualmente corroborado pelo resultado obtido junto da componente “actividade secundária”, com os seus 84,6%. Quem se sente mais seguro são precisamente os profissionais que se incluem na rubrica “actividade principal”, para quem esta questão parece ser, de certa forma, pacífica e homogénea (52,3%, Inseguro, e 47,7, Seguro).

**l) Em geral identifica-se com a classe profissional dos tradutores**

		Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode			
		Um part-time / actividade temporária / ocasional	Uma actividade principal	Uma actividade secundária	Total
Em geral identifica-se com a classe profissional dos tradutores	Não	68,1%	29,7%	42,2%	43,1%
	Sim	31,9%	70,3%	57,8%	56,9%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabela 15.** Identificação com a classe profissional

Quem mais se identifica com a classe são os profissionais para quem a tradução é uma actividade principal, com 70,3% das respostas, um dado que parece corroborar os valores associados à profissão. No outro lado do espectro, os que menos se revêm na classe são, como seria de esperar, os tradutores em “part-time/actividade temporária/ocasional”, precisamente pelo seu menor grau de envolvimento e compromisso para com a profissão.

**m) Encontra-se satisfeito com a qualidade da sua vida pessoal?**

		Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode			
		Um part-time / actividade temporária / ocasional	Uma actividade principal	Uma actividade secundária	Total
Encontrase satisfeito com a qualidade da sua vida pessoal	Não	44,9%	24,8%	35,4%	33,0%
	Sim	55,1%	75,2%	64,6%	67,0%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabela 15.** Satisfação com a qualidade de vida

Os tradutores que revelam um maior grau de satisfação com a qualidade da sua vida pessoal encontram-se, de novo, no domínio da “actividade principal”, revelando uma assertividade e reconhecimento importantes, ocupando mais de três quartos das respostas (75,2%), o que é sintoma de aspectos positivos associados à profissão (maior assimetria nas respostas). No entanto, os que menos se encontram satisfeitos com a qualidade da sua vida são os tradutores em regime “part-time/actividade temporária ocasional”, com 44,9% (maior homogeneidade na distribuição das respostas), revelando um desfasamento considerável em relação às duas outras componentes, e sobretudo em contraste com a “actividade secundária”.

**n) Considera que a imagem dos tradutores na sociedade é regra geral**

		Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode			
		Um part-time / actividade temporária / ocasional	Uma actividade principal	Uma actividade secundária	Total
Considera que a imagem dos tradutores na sociedade é regra geral	Não	73,6%	63,3%	55,4%	63,6%
	Sim	26,4%	36,7%	44,6%	36,4%
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabela 16.** Imagem dos tradutores na sociedade

De novo, e corroborando as tendências detectadas acima, os tradutores que têm uma percepção mais negativa acerca da sua imagem na sociedade são os que pertencem ao campo do “part-time/actividade temporária/ocasional”, com 74,3%. Embora, de uma forma geral, as respostas sejam essencialmente negativas, os que melhor consideram a imagem externa dos tradutores são os profissionais em regime de “actividade secundária”, com 44,6% das respostas.

**o) Na sua opinião a qualidade geral da tradução em Portugal é**

		Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode			
		Um part-time / actividade temporária / ocasional	Uma actividade principal	Uma actividade secundária	Total
Na sua opinião a qualidade geral da tradução em Portugal é	Muito má		2,3%	6,0%	2,8%
	Má	9,7%	11,7%	13,3%	11,7%
	Média	62,5%	53,9%	51,8%	55,5%
	Boa	20,8%	22,7%	22,9%	22,3%
	Muito boa	1,4%	4,7%	3,6%	3,5%
	Sem opinião	5,6%	4,7%	2,4%	4,2%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabela 17.** Qualidade geral da tradução em Portugal

Questão complexa esta, já que os profissionais que partilham de uma opinião mais crítica em relação à qualidade geral da tradução em Portugal são os tradutores enquadrados no âmbito da “actividade secundária”, que têm um juízo negativo acerca deste vector. A maioria de respostas na rubrica “Qualidade Média” pertence aos tradutores em regime “part-time/actividade temporária/ocasional” (62,5%). Dado curioso, os juízos mais positivos, “Bom”, são partilhados pelos tradutores em “actividade principal” (22,7%) e “actividade secundária” (22,9%). Os tradutores que melhor avaliam a qualidade da tradução como “Muito Boa” situam-se no campo da “actividade principal”. (4,7%)

**p) Quando é que começou a traduzir?**

		Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode			
		Um part-time / actividade temporária / ocasional	Uma actividade principal	Uma actividade secundária	Total
Quando é que começou a traduzir	Há menos de 1 ano	2,8%	5,5%	2,4%	3,9%
	1-2 anos	19,4%	10,2%	15,7%	14,1%
	3-5 anos	29,2%	24,2%	28,9%	26,9%
	6-10 anos	22,2%	26,6%	16,9%	22,6%
	11-15 anos	11,1%	20,3%	12,0%	15,5%
	16-20 anos	12,5%	5,5%	14,5%	9,9%
	21-30 anos		2,3%	6,0%	2,8%
	Há mais de 30 anos	2,8%	5,5%	3,6%	4,2%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabela 18.** Quando começou a traduzir?

Os tradutores mais experientes estão situados, como seria de esperar, no domínio da “actividade principal”, respectivamente com 6 a 10 anos no mercado (26,6%), e 11 a 15 anos (20,3%), o que não deixam de ser valores significativos, porque demonstrativos da competência e experiência destes profissionais e da consolidação do seu posicionamento no mercado.

Os tradutores menos experientes situam-se na casa do “part-time/actividade temporária/ocasional”, com uma percentagem muito baixa de anos no mercado, respectivamente há 3-5 anos (29,2%), 1 a 2 anos (19,4) e, inclusive há menos de um ano (2,8%), o que revela a sua considerável inexperiência e falta de maturidade no mercado.

Do lado da “actividade secundária”, os valores são mais ou menos estáveis, embora haja uma tendência para encontrar profissionais há 3-5 anos no mercado (28,9%), valor que equipara estes dados aos obtidos em “part-time/actividade temporária/ocasional”, e conferem um maior protagonismo a esta faixa etária, com 26,9% do total, disfarçando o impacto da experiência, tal como obtido na “actividade principal”.

**q) Percentagem de tempo de trabalho dedicado à tradução por mês.**

		Em termos pessoais o seu exercício profissional da tradução pode			
		Um part-time / actividade temporária / ocasional	Uma actividade principal	Uma actividade secundária	Total
Percentagem de tempo de trabalho dedicado à tradução por mês	Menos de 25%	81,9%	3,1%	37,3%	33,2%
	26% a 50%	16,7%	7,0%	44,6%	20,5%
	51% a 75%	1,4%	19,5%	12,0%	12,7%
	76% a 100%		29,7%	6,0%	15,2%
	100%		40,6%		18,4%
	Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

**Tabela 19.** Percentagem de tempo de trabalho dedicado à tradução por mês.

Como esperávamos, os tradutores que mais tempo dedicam à profissão, por mês (100%), são os profissionais em regime de “actividade principal”, com 40,6%, ou seja a tempo inteiro e, em segundo lugar, 29,7% (76% a 100% de dedicação à profissão), o que significa que a actividade os absorve quase totalmente. Do lado oposto, os que menos tempo dedicam à profissão são os tradutores em regime “part-time/actividade



temporária/ocasional”, precisamente pela configuração da tarefa executada, com 81,9% das respostas associadas a um envolvimento inferior a 25% na profissão.

Neste caso, estamos perante um dado assinalável e sintomático que resulta do facto de, juntas, as variáveis “part-time/actividade temporária/ocasional” e actividade secundária” anularem por completo a importância e protagonismo dos dados da “actividade principal”, já que o seu somatório desvirtua, de certa forma, as conclusões, precisamente porque direcciona os dados para um menor envolvimento mensal na profissão, com um total de 33,2% (0 a 25%) e 20,5% (26% a 50%), desequilibrando significativamente a balança, já que nos impede de contemplar devidamente o contributo da “actividade principal”.

Os dados quantitativos analisados nesta secção servir-nos-ão de apoio para descrever detalhadamente o posicionamento identitário e socioprofissional dos tradutores através da análise das suas narrativas, tema do capítulo seguinte.

**CAPÍTULO CINCO:**

**“AS PALAVRAS NÃO SE ESCRIVEM SOZINHAS”: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE  
PROFISSIONAL DOS TRADUTORES DA REGIÃO NORTE ATRAVES DA ANÁLISE DAS SUAS  
NARRATIVAS**

Interview researchers ... imagine the social worlds depicted in the content of responses, creating images of political participation, family life, work experience and so forth. But interview materials simultaneously imagine an inter-psychic world for the interviewee, a space inhabited by opinions, memories, emotions, plans, preferences, and desires. As I argue in *Learning How to Ask*, interviews are saturated by images of the social dynamics of the interview itself, projections of the social context in which it takes place, the roles and power dynamics of interviewer and respondent, and their respective agendas. But a fourth sphere is being constructed, that of the imagined texts that will be created through the use of interview data. (Briggs 2002: 914)

Este capítulo tem como objectivo analisar as entrevistas aprofundadas realizadas a um conjunto de 31 profissionais, e que serão estudadas em confronto com os dados obtidos no questionário quantitativo referido no Capítulo 4, de forma a visualizarmos os espaços geográficos que configuram esta profissão e que correspondem às percepções e ansiedades dos tradutores.

Como mencionámos, após o inquérito quantitativo, do qual demos conta no início desta secção, elaborámos uma série de entrevistas com tradutores oriundos do território geográfico que nos propusemos analisar.

Tal como referido, a abordagem privilegiou o contacto directo com 31 indivíduos, através de entrevistas com a duração aproximada de uma hora, cada, e registadas em suporte áudio. Destas, seleccionámos 17 transcrições como alvo do nosso estudo e que serão aqui analisadas de forma anónima, preservando a identidade dos respondentes.

No entanto, a nossa metodologia passou por seleccionar, inicialmente, uma entrevista-padrão, que nos permitiu chegar a um modelo tipológico de análise, transferível para as restantes 16 entrevistas, através de variáveis e valores associados à profissão. Paralelamente, as transcrições das entrevistas foram complementadas através do acesso aos materiais textuais traduzidos por vários destes profissionais, alguns deles já disponíveis nos seus sítios na web, outros disponibilizados generosamente mediante pedido, como o caso dos exemplares de traduções que colocámos no Anexo 21

Por uma escolha marcadamente pessoal e individual, optámos por divulgar propositadamente o nome desta profissional cuja entrevista serve de linha de orientação e matriz organizadora das abordagens que aplicámos nas restantes entrevistas. As motivações subjacentes a esta opção devem-se não só ao facto de a respondente nos ter autorizado a divulgar o seu nome (Anexo 22), como também, e sobretudo, ao desígnio de reconhecimento e visibilidade que queremos, com a nossa tese, conferir aos profissionais da tradução, habituados há muito a trabalhar, incógnitos, na sombra. Achamos que este é o reconhecimento devido que eles tanto merecem e que se encontra sintetizado metaforicamente nas palavras e posicionamento desta profissional que escolhemos como porta-estandarte de uma classe que merece o destaque público, sob o ponto de vista académico e científico.

Antes de procedermos à análise e discussão das entrevistas, em confronto com o questionário quantitativo, possibilitando, assim, um diálogo profícuo entre múltiplas perspectivas, gostaríamos de nos dedicar ao estudo aprofundado dessa entrevista-

modelo realizada com Brighth Guimarães, como mote para o trabalho posterior, pela forma como a mesma encerra, simbolicamente, peculiaridades e características facilmente consideradas como padrão/esterótipos que podem ser replicados e transpostos para o restante universo dos respondentes.

A escolha desta entrevista deveu-se, como referimos, ao facto de ser sintomática, enquanto sùmula de uma certa maneira de estar e sentir a tradução, mas também pela riqueza e vitalidade das respostas/percepções nela contidas. E também porque, pelo diálogo constante entre várias vozes, e interacção com outros discursos e narrativas, nos abre pistas de leitura e interpretação, tal como demonstrado no mapa conceptual anexo (Figura 1 e Anexos 11 e 17).

De referir, por último, que optámos por realizar, em simultâneo, e como forma de *cross-check*, um questionário direccionado especificamente para os clientes de serviços de tradução, no decurso do qual quisemos aferir as percepções dos consumidores deste tipo de serviços e cujos resultados serão, sempre que possível colocados em confronto com o discurso dos entrevistados e com os dados quantitativos obtidos no nosso *survey*.

Este questionário, denominado “A Prestação dos Serviços de Tradução na Óptica do Consumidor/Cliente” foi implementado *online*, através da mesma ferramenta Survey Monkey, e decorreu entre Dezembro de 2010 e Janeiro de 2011 (Anexos 18 e 19).

Dirigido a clientes, consumidores e responsáveis pela encomenda e contratualização de serviços de tradução em Portugal continental, Açores e Madeira, o objectivo era colher informações dos respondentes nesta matéria, de forma a analisar as suas percepções sobre a prestação dos profissionais das línguas e permitir um melhor enquadramento do sector ao nível das exigências e condicionalismos do mercado. No cômputo geral foram elaboradas 34 questões, divididas em 9 alíneas principais (Anexo 7). Em termos de adesão, obtivemos uma percentagem de 40,2%. Refira-se que este questionário foi dirigido a cerca de 1000 clientes, tendo sido obtido um total de 301 respostas iniciadas, contra um total de 121 respondentes com o questionário concluído (Anexo 8).

## BRIGITH GUIMARÃES – RETRATO DE UMA PROFISSIONAL

### CARACTERIZAÇÃO

Brigith Guimarães utiliza um *nom-de-plume*, pseudónimo, desde os 6-7 anos de idade, sendo o seu nome verdadeiro Maria Guilhermina da Silva Guimarães. Tem actualmente 57 anos e viveu desde sempre no estrangeiro, no Uruguai e Inglaterra. Pela forma como, desde pequena, estava habituada a conviver diariamente com várias línguas e culturas, sempre manifestou grande à-vontade com o aspecto linguístico, como se fosse, nas suas palavras, uma espécie de “underskin language”.

Apresentação

Idade

Facilidade de contacto com línguas

Tendo começado a trabalhar cedo na empresa de família, ligada ao domínio da construção civil no Algarve, o seu contacto com as línguas ocorre precocemente, revelando como confessa “uma grande queda para as línguas”, tal como outros entrevistados<sup>189</sup>, sendo que, por exemplo, as suas melhores notas eram sempre à disciplina de Inglês.

Início: contacto com línguas

Aos 16-17 anos tem o seu “Grito do Ipiranga” [sic] e decide começar a trabalhar, motivada por um desejo de ser mulher de negócios e empreendedora. Mais tarde, casa, a vida muda, e volta a estudar.

Motivações e empreendedorismo

Um dos aspectos recorrentes no seu discurso é a paixão e o fascínio, ao ponto de revelar que se sente profissional com as línguas, à excepção do alemão, recorrendo novamente a uma imagem sugestiva, “como se fosse uma segunda pele”. Ao longo da sua vida (actualmente tem 57 anos), Brigith Guimarães esteve sempre ligada às línguas e tradução, sobretudo pela forma como desempenhou funções de secretária e revelando experiência em departamentos comerciais de várias empresas<sup>190</sup>.

Apetência por línguas

Profissões prévias

Graças à sua fluência e “desenrascanço” [sic] face às línguas, e sobretudo porque era conhecida por “falar língua de gato e de cão” [sic] era sempre solicitada pelos vários departamentos das empresas, quando precisavam de ajuda ao nível da correspondência comercial, sempre que havia necessidade de comunicar com o estrangeiro, ou vinha algum cliente do exterior.

Competências indispensáveis: línguas

<sup>189</sup> Cfr. entrevista a F.C.

<sup>190</sup> Cfr. entrevista a A.C.

No entanto, apesar do seu contacto com as línguas em contexto empresarial, Brigith Guimarães nunca tinha pensado em seguir tradução. O momento epifânico, de revelação, no qual a tradução se assume como uma opção de vida e profissional viável, ocorre quando, por altruísmo e espírito de entreatajuda, decide optar por começar a traduzir para auxiliar uma ex-colega, estagiária que trabalhava na mesma empresa, onde actualmente trabalha, a procurar emprego e novos trabalhos, como saída possível, face ao término do seu contrato precário.

Momento revelador: entrada na tradução

Foi assim que começou sozinha, “à debulha” [sic], a procurar sites na *web* e novas oportunidades para a colega, ao mesmo tempo que ia começando a tomar contacto com a nova realidade profissional do empreendedorismo que a seduzia, revelando uma enorme curiosidade, motivação, ajuda e espírito de iniciativa. Começa pelo sítio do ProZ, por considerá-lo mais idóneo e fiável e, na verdade, aquilo que começou como sendo uma brincadeira para ajudar o próximo na procura de uma solução de trabalho, acaba por ser uma alternativa séria e viável, ao ponto de se encontrar no activo desde Março de 2003, altura em que começou essa procura, significando com isso que está há 8 (oito) anos no mercado.

Início e número de anos no mercado

Ao longo destes últimos oito anos em que, no fundo, foi começando a aprender e a dar os primeiros passos na profissão, para ensinar e ajudar uma colega, Brigith Guimarães estabeleceu uma fantástica rede de contactos e conseguiu consolidar as suas relações, sentindo-se fascinada e seduzida pela actividade da tradução. Entretanto, a colega perdeu-se e desinteressou-se pelas oportunidades profissionais criadas, pelo que Brigith ficou sozinha com uma imensa rede de contactos, achando que aquela era a sua vocação e lançando-se na vida de *freelancer*, tentando “juntar o útil ao agradável”.

Redes relacionais

Freelancer

Começa por fazer uns trabalhos pequenos e, gradualmente, vai fidelizando os seus primeiros clientes, segundo a máxima de que “a melhor publicidade é o trabalho bem feito”, acabando inclusive por se associar em organizações profissionais, como a APT.

Percurso profissional

Assim sendo, a tradução surge por mero acaso e acidente na sua vida como uma actividade a considerar, sobretudo associada à noção de que, ao longo da sua vida, sempre fez tradução, só que para outrem e

Tradução como acaso  
Tradução como independência

nunca para si própria, como uma possibilidade de ganhar dinheiro sozinha, sendo este “despertar” também uma tomada de consciência da existência de um recurso que ultrapassava a mera dimensão das línguas em contexto empresarial, como se, desde sempre, fosse algo que já fizesse parte da sua vida.

Quando questionada sobre se consegue separar e distinguir as duas componentes da sua vida profissional, ou seja, o trabalho como comercial, responsável pelos contactos com o exterior, numa empresa ligada ao sector da metalomecânica e o trabalho pessoal que realiza em casa em regime *freelancer*, Brigith Guimarães responde que consegue perfeitamente “separar as águas” [sic] entre aquilo que designa como profissão, ou seja, “profissão com letra grande, é sem dúvida, tradutora e é quando saio daqui” [sic], e a outra cambiante da sua actividade, que designa, de forma aberta e honesta, como uma “função”, consciente da forma como constitui e representa apenas uma peça anónima numa imensa engrenagem, mera executante de tarefas rotineiras de forma profissional:

Profissão  
versus função

“(…) não estou a falar da minha profissão aqui, que para mim não é profissão, é uma função (...) Não é mesmo profissão. **Eu aqui não sou ninguém, eu aqui sou uma peçazinha. Não me considero, é uma função.** Eu tenho que cumprir a minha função. Das tantas às tantas. E como sou uma pessoa responsável, tenho que cumprir o melhor que sei e posso.” (nossos destaques)

Como vimos, em termos de posicionamento e percepções, Brigith Guimarães considera-se “absolutamente” profissional e apresenta-se no seu discurso como tal, identificando como seus traços distintivos o facto de ter uma natureza afável, simpática e positiva, para além de ser uma pessoa comunicadora, o que, na sua opinião, é uma mais-valia já que permite a abertura de portas e contactos.

Traços e  
marcas  
profissionais

Para além disso, refere ainda possuir alguma maturidade, consistência e grande experiência, que parecem ser componentes indispensáveis e fundamentais para singrar no mercado, a par da sua personalidade aberta e do empenho e dedicação totais que permitem reforçar uma atitude de profissionalismo traduzida em trabalhos feitos com consciência, responsabilidade e rigor, que criam um sentimento de

empatia com os clientes, aquilo que ela designa como “commitment”, e que justifica o facto de nunca ter tido uma reclamação.

Complementarmente, a nossa entrevistada revela ainda uma vantagem competitiva que reside no facto de ser capaz de oferecer, em simultâneo, e conforme refere, vários pares de línguas, bem como vários domínios de saber (resultado da sua especialização no terreno em várias áreas) e de uma capacidade constante de aprendizagem, ao qual não será alheio o seu temperamento destemido e aventureiro, palavras que talvez melhor a definam, sobretudo pela forma como, apesar de algum receio inicial, se “mete em várias enrascadelas”, fruto da sua incapacidade de dizer não. Este aspecto do gosto pela aventura e pelo desconhecido talvez explique por que é que, em termos de metodologia de trabalho, quando recebe uma encomenda de tradução, nunca se dá ao trabalho de o ler até ao fim (“de início, atiro-me”) [sic], começando a traduzir de imediato, começando “a construir o puzzle”<sup>191</sup>, como uma rotina, precisamente porque prefere partir “à descoberta”:

Línguas e áreas de especialidade

Traços e marcas profissionais

“Porque, para mim é um *challenge*, é um desafio. Eu gosto é, gosto do desafio. E como gosto do desafio, eu parto logo para a aventura.”

Sensações associadas à profissão

Este espírito é o mesmo que a levou a embarcar na “aventura” de ter aceite o seu primeiro trabalho para um cliente que classifica também como “temerário”, precisamente porque lhe confiou a tradução de um manual complicado de 300 páginas de uma máquina, mas que acabou por revelar uma característica interessante da forma como as redes relacionais de carácter informal acabam por funcionar neste domínio técnico, sobretudo pela forma como Brigith Guimarães contactou um colega de curso “muito picuinhas” [sic] para a ajudar:

Início

“E aí eu vi-me nelas. Eu vi-me atrapalhada, mas arranjei um colega, por acaso aqui dentro, um colega de curso, mas que é muito, que é muito “picuinhas” e como faz modelismos, aeromodelismo e conhece o nome das pecinhas e tal, e ele ajudou-me imenso. Mas cumpri. Cumpri, em tempo e em espécie. E ainda hoje mantenho o cliente. Mas foi, foi uma aventura. Na altura, foi uma aventura. Podia ter começado por uma coisa mais modesta.”

<sup>191</sup> Cfr. entrevistas a A.C. e J.P.



Contrariamente a outros entrevistados, podemos definir Brigith Guimarães como uma pessoa versátil e polivalente, uma espécie de “faz-tudo”, com enfoque em várias áreas disciplinares como o direito, a área financeira, engenharia mecânica e civil, turismo, *marketing*, entre outras, na sequência de uma vasta experiência e aprendizagem constante em termos de vida.

Áreas de trabalho e competências

Actualmente, na empresa onde trabalha a tempo inteiro, não faz tradução, apenas quando lhe é solicitado esse serviço. No entanto, sempre esteve envolvida em contactos com o estrangeiro, esteve ligada às compras<sup>192</sup> e foi correspondente comercial. Um aspecto curioso que permite aferir melhor o posicionamento da profissão face a outras áreas limítrofes, decorre do facto de, nas suas palavras, ter estado “um pouco encostada” [sic] na empresa, precisamente por ser de Letras, numa empresa de engenheiros.

Não podemos deixar de registar este tom irónico do seu discurso, sobretudo quando, a reboque do desígnio da internacionalização da empresa, parece ser agora “repscada”, e colocada como chefe de serviços, cargo que “dá para tudo e não dá para nada” [sic] que exerce e que, mais uma vez, implica a realização de várias tarefas, com a particularidade especial de, perante os seus pares, ser vista como uma peça estratégica e vital, a quem todos recorrem, precisamente porque fala línguas e tem grande facilidade de comunicação.

Perante esta situação profissional, a tradução em regime *freelancer* preenche-a e completa a sua vida em todos os domínios, sentindo-se realizada profissionalmente, precisamente porque é algo que gosta de fazer e uma actividade, simultaneamente direccionada para a técnica e alguma literária, da qual retira um imenso prazer e satisfação pessoais.<sup>193</sup>

Percepções em relação à profissão

Quando a interrogámos sobre os motivos pelos quais traduz, Brigith Guimarães é peremptória e refere que, se tivesse condições e se pudesse, deixava tudo, a empresa, reformava-se e só se dedicava à tradução, já que o rendimento que consegue auferir numa tarde de

<sup>192</sup> Cfr. entrevista a A.C.

<sup>193</sup> Cfr. entrevista a A.C., C.P. e P.E.C.

trabalho, apenas da tradução, é superior ao montante que ganha em termos semanais na sua empresa. Em termos económicos, constatamos que a respondente ganha bem e consegue ter bastante trabalho, depreendendo-se, dessa forma, que perderá dinheiro na empresa.

Motivações económicas

Trata-se de uma circunstância que, no caso presente, e pela forma como acumula funções e tarefas, parece ser algo dispersivo e angustiante na sua vida, precisamente porque, graças à versatilidade, rapidez, velocidade e ritmo de trabalho, consegue “despachar muito serviço” e responder a múltiplas solicitações, trabalhando depois em casa em regime de part-time, e aproveitando todo o tempo livre de que dispõe, quase de uma forma obsessiva.

Competências profissionais

Para além da qualidade e versatilidade que advoga, confessa ter bastante experiência, naquilo que designa como “muito calo” [sic], que lhe permite “despachar muito serviço” [sic] com rapidez e eficiência, fruto da sua elevada produtividade (“3 a 4 mil palavras ao serão, 6 mil palavras por dia, incluindo fins-de-semana e feriados”) [sic] e da forma quase compulsiva como se relaciona com a tradução, como se de um vício ou adição se tratasse, ao ponto de desejar dedicar-se a tempo inteiro à tradução.

Sensações associadas: obsessão e compulsão

Estamos, de facto, perante alguém cujo ritmo de trabalho é elevado e que gosta e precisa da adrenalina decorrente do carácter de imprevisibilidade que a profissão transporta consigo. A este propósito, e a título de exemplo, refere ter sempre a sua conta de email aberta porque está constantemente a receber trabalho, algo que desperta em si uma grande curiosidade pela novidade de cada projecto, pelos desafios constantes que enfrenta e pelo enorme prazer que retira da actividade, porque “adora traduzir”:

Gosto pela tradução

“Numa escala de 1 a 100, estamos a falar em percentagem, sinceramente e do coração, 70% é por prazer.”

Prazer

Contudo, e apesar da sedução que sente pelo trabalho, associada à noção do novo e do inesperado, constatamos no seu discurso uma tendência para a dualidade de percepções, decorrente da forma como

oscila, de forma quase bipolar, entre uma sensação de prazer, satisfação e realização plenas, e uma sensação de absoluto cansaço, rejeição e vazio (*breakdown*), quase de fechamento e esgotamento de um ciclo que se esvazia, confessando sentir frequentemente sentimentos contraditórios acerca de um trabalho que, por um lado a esgota, o qual jura nunca mais voltar a fazer, como se de uma queda, vertigem rumo às profundezas se tratasse e, no entanto, que permite esse resgate e essa recompensa redentora de, no final, ter gostado, manifestando o desejo de repetir o mesmo processo e passar por tudo outra vez, numa pulsão amor-ódio, repulsa/rejeição e desejo.

O acto de tradução

Uma das metáforas marcantes do seu discurso, frequentemente repetida, e que ilustra esta pulsão, é precisamente a associação do processo de tradução ao acto de nadar, pela forma como, gradualmente, a tradutora vai ganhando confiança e acabando por se sentir à-vontade, “nadando um bocadinho melhor naquelas águas” [sic], como se os seus medos fossem sendo lentamente vencidos, num processo de identidade e identificação que ocorre em paralelo à forma assertiva como a qualidade do seu trabalho é reconhecida pelos seus clientes, maioritariamente estrangeiros, reafirmando e solificando a sua identidade profissional, e que encontra tradução no efeito redentor que as palavras “(...) eles querem, mas não querem outra tradutora. Eles querem-te a ti.” [sic], produzem em termos de auto-estima, satisfação, reconhecimento e orgulho profissionais.<sup>194</sup>

Posicionamento profissional: qualidade e competência; fidelização dos clientes

Para além dos 70% de prazer que a nossa interlocutora identifica como essência da actividade de tradução, na sua opinião, os restantes 30% são explicados por motivações essencialmente económicas, sob o ponto de vista pessoal, enquanto profissional e, importante, como mulher, já que a actividade se assume como crucial, pois permite a possibilidade de conquistar a sua independência social, económica e financeira. E, muito embora, no seu discurso, assumia que não necessita do dinheiro, em termos de compensação monetária, preferindo sublinhar o prazer e o gosto que

Questão económica

<sup>194</sup> É, de facto, interessante, esta tendência para a metaforização do discurso, pela linguagem utilizada, algo que é constante e recorrente nos depoimentos que registámos. Veja-se, por exemplo, a imagem que outra profissional, C.P., tradutora literária, utiliza para descrever o acto de tradução em si, comparando-o, no início, a um deserto, sendo a função do tradutor transformar precisamente esse deserto numas oásis, numa tarefa que terá muito pouco de linear.

retira dessa actividade, a verdade é que a parte financeira representa, porém, uma variável importante da relação entre homem-mulher, precisamente porque permitiu a sua independência física como mulher, em termos de vida e em termos mentais, perante a possibilidade de emancipação e afirmação pessoais, orgulhosamente consciente de que não precisa do marido, pelo conforto e segurança que encontra na tradução:

Tradução  
como  
independência e  
emancipação

“Porque eu gosto de facturar (...)” “E eu aí dei uma lição. Dei uma lição ao meu marido, para mim, isso foi importante, para mim. E continua a ser importante.”

Tradução  
como  
emancipação

Neste caso, a tradução assume-se como a única coisa na vida que deve a si própria, “a única coisa na vida que devo a mim” [sic], responsável pela obtenção de um estatuto familiar e profissional socialmente reconhecido, e pelo qual é respeitada, contribuindo para a afirmação da sua auto-estima.

Percepções:  
auto-estima e  
estatuto  
profissional e  
social

Ao nível da rede de relações, a sua actuação é pautada pela prudência, modéstia e humildade, e também pela quase ausência de laços directos com os seus pares, preferindo manter algum secretismo e profissionalismo nesse domínio, primeiro pela manifesta falta de tempo, e segundo pelo desejo de manter segredo e uma atitude de *low profile* nesses contactos.

Redes  
relacionais

Face às inúmeras solicitações que tem, e perante o estatuto social conquistado de *freelancer* a tempo inteiro, o maior problema que encontra em termos profissionais é mesmo a sua incapacidade para dizer não e recusar trabalho, facto que constitui um motivo adicional de *stress* pelas óbvias dificuldades de gestão inerentes. A excelente relação que mantém com os seus clientes e a fidelização dos processos de prestação de serviços tem, por outro lado, o reverso da medalha, precisamente pela inegável sobrecarga de trabalho e pressão adicionais, às vezes de difícil gestão, decorrentes de uma atitude obsessiva de receio perante a perda de clientes, que a obriga a aproveitar “cada minuto, e cada segundo de trabalho” [sic] e a manter o seu “segredo”.

Problemas e  
constrangimentos:  
falta  
de tempo

Este é um discurso nitidamente marcado pela subjectividade e emoção, mas também pela assertividade, confiança e sinceridade com que

aborda o seu posicionamento como profissional, descrevendo-se como uma boa profissional, discreta, afirmativa, respeitada e irrepreensível, perfeitamente conhecedora do seu valor e das suas competências, dado o valor acrescentado que traz para os seus clientes, a maioria dos quais virtuais, mas que representam a dimensão afectiva de reconhecimento social e profissional que sempre faltou na sua vida. É, por isso, representativa a imagem que Brigith Guimarães dá quando compara o seu trabalho anterior a uma espécie de passagem da sombra para a luz, como um resgate ou uma conquista adquirida, consciente de que a precariedade e o esquecimento estão sempre latentes e presentes:

Dimensão  
afectiva da  
profissão

“E tenho a certeza que encontrei, aquilo que toda a vida fiz, e a quem nunca ninguém deu valor, **porque era a sombra**, porque era empregada de alguém, porque era para a mãe, para o pai, para o marido e para não sei quem. Porque era sempre alguém que tinha feito e nunca ninguém sabia quem era. E hoje em dia, isso para mim é muito importante, porque as pessoas apreciam-me, não é por ser a mulher do fulano tal, por ser filha de fulano tal, por ser empregada da empresa tal, é porque eu sou Brigith Guimarães, tradutora freelancer, que as pessoas respeitam, por que não querem outra e porque os próprios clientes dos meus clientes dizem: ‘Não quero mais nenhuma, é essa a tradutora que eu quero.’ (...) E, portanto, isso é muito bom para mim.”

Reconheci-  
mento e  
respeito

Apesar de um aparente desejo de exposição e visibilidade decorrentes da sua afirmação profissional, a verdade é que o seu discurso revela uma enorme vontade de ser invisível:

“Eu gosto muito de ser invisível, não o sendo”

Invisibilidade

Sintomaticamente, a frase acima citada revela claramente o modo como esta tradutora avalia o carácter atractivo da profissão, pela forma como, por um lado, lhe permite essa invisibilidade tão necessária, através de uma presença discreta, despercebida e furtiva e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, e de forma quase incongruente, sente-se confortável e assume, quase como uma obsessão, a necessidade de marcar a sua presença, de sentirem a sua presença e, sobretudo, de recompensarem,

Vaidade,  
reconheci-  
mento e  
invisibilidade

reconhecerem e avaliarem a qualidade do seu trabalho, sinal de uma vaidade profissional:

“Mas eu gosto muito de ser invisível, mesmo não sendo invisível. Eu gosto que as pessoas me apreciem, e aí entra a minha vaidade profissional. Gosto de ser, gosto que as pessoas achem que eu sou uma boa profissional e gosto que me digam. Aí, quando me dizem, ou me escrevem, eu deliro. Só não publico em *Diário da República*, porque é chato, porque não posso. Deliro.”

Satisfação profissional

Em relação à forma como decorre o seu trabalho, este é essencialmente solitário, já que prefere trabalhar sozinha, em casa, com os seus ritmos e horários, e raramente partilha trabalhos com terceiros ou outros colegas, precisamente porque esses projectos em equipa se revelam, na maior parte das vezes, mais trabalhosos e penosos, preferindo contar sobretudo consigo própria, dependendo de si e gerindo e organizando o seu próprio trabalho.

Trabalho isolado, solitário

Por outro lado, aponta ainda uma tendência bastante comum na actualidade e que decorre do desemprego, aliado ao excesso de licenciados pelas universidades que são anualmente “despejados” no mercado de trabalho, indivíduos sem vocação e preparação, a quem faltam habilitações e experiência, ou que, muito simplesmente, escolhem a tradução e as línguas como as saídas mais fáceis, como um pretexto para quem não quer seguir a via de ensino ou não encontra colocação, e que, em última análise, acabam por dar má fama e “mau nome” [sic] à profissão.

Críticas à profissão

Relativamente à alegada dicotomia entre a tradução literária e a tradução dita técnica, Brighth Guimarães responde que ambas não têm qualquer tipo de visibilidade social e que, de igual forma, não existe reconhecimento social e institucional face a essas actividades. No entanto, comparando essas vertentes, estabelece uma distinção clara entre as duas, considerando o texto literário mais difícil e classificando o texto técnico como sendo “necessariamente mais anónimo”, no pressuposto de que, na técnica, a propriedade intelectual e o trabalho pertencem ao cliente, tendo como referência o facto de que os tradutores são meros instrumentos nas mãos das agências, que, neste caso, serão o meio.

Literário versus técnico  
Ausência de reconhecimento social

Apesar do reconhecimento e da assunção de um anonimato no acto da tradução, motivados pela necessidade de “nos reduzirmos à nossa insignificância” [sic], mesmo em contexto literário, Brigith assume a importância de incluir o nome do tradutor, “traduzido por”, por uma questão de orgulho de classe e por uma questão de ego, condições obrigatórias e essenciais para a afirmação profissional do tradutor, reconhecendo essa espécie de “assinatura” que atravessa as traduções, “inclusive as técnicas”, cuja lógica é mais próxima da matemática.

Anonimato e assinatura do tradutor

No entanto, tal como noutras entrevistas há uma mesma insatisfação recorrente neste discurso, relativamente à actuação das editoras, cuja acção nem sempre é vista com simpatia por parte dos tradutores, precisamente pela forma como os pagamentos são, na maior parte das vezes, muito baixos e pouco atraentes:

Críticas à actuação das editoras

“é o mínimo que nos podem fazer [incluir o nome do tradutor] já que nos pagam mal (...)”<sup>195</sup>

Curiosa é outra imagem que esta profissional utiliza para descrever o acto de tradução em si, comparando-o, no início, a um deserto, sendo a tarefa do tradutor transformar precisamente esse deserto num oásis, numa tarefa também ela pouco linear:

Metáfora

“Porque o livro, para nós, quando começamos, é um deserto. E para chegar ao fim e fazer daquilo um oásis pode ser... não é tão linear.”

Um das características mais visíveis no seu discurso é o enorme optimismo e satisfação pessoal que a tradutora encontra no seu trabalho, como já vimos acima. Esta satisfação é directamente proporcional à forma como é estabelecida a relação com o cliente final, numa ética pessoal profundamente marcada pelo primado do cliente, respeito mútuo, boa imagem, naquilo que designa como uma espécie de lógica de “pescadinha-de-rabo-na-boca” [sic], segundo a qual uma boa relação e respeito mútuos

Valores positivos associados à profissão: satisfação e gosto

<sup>195</sup> Ver, a propósito, “Why Are Most Translators Underpaid? A descriptive explanation using asymmetric information and a suggested solution from signaling theory”, Andy Lung Jan Chan, Open University of Hong Kong and Ph.D. Program in Translation and Intercultural Studies, Universitat Rovira i Virgili. (2005)

serão o garante de mais trabalho, maior exigência e maior qualidade no serviço.

Tal como referimos, o único ponto negativo da profissão é a ausência de tempo para traduzir mais. No campo oposto, em termos positivos, encontramos a paixão que nutre pela tradução, sentimento que fica bem patente pela quantidade de adjectivos e palavras elogiosas associadas ao domínio dos afectos, como “amo a tradução”, “adoro traduzir”, ao ponto de afirmar que não é o dinheiro que a move, já que considera ganhar o suficiente, nunca tendo aumentado os preços, que já foram previamente estipulados de início. Detectamos, entretanto, uma tendência comum a outros tradutores entrevistados, e que se prende com a forma como, regra geral, os projectos são geridos individualmente, havendo, neste caso, todo um trabalho de gestão financeira, facturação, orçamentação, contabilidade, arquivo e organização do trabalho que ultrapassa largamente o mero exercício translatório, e que envolve uma grande capacidade de organização e realização de tarefas complementares e paralelas, aproximando-nos daquilo que Daniel Gouadec identificava como as tarefas que envolvem a gestão de um projecto de tradução (Gouadec 2007).

Sublinhe-se, neste caso, e de novo a considerável capacidade e rapidez de trabalho, aliada à extrema ambição com que a tradutora encara o seu trabalho, e que envolve, muitas vezes, a não recusa de trabalhos, mesmo que estes signifiquem uma perda de dinheiro, segundo a filosofia “Mais vale 200 na mão, do que 200 a voar. Manda” [sic].

A forma profissional e nitidamente orientada para o mercado como age explica a razão pela qual é referenciada pelos seus clientes para outros trabalhos e, ao mesmo tempo, gere uma espécie de lista de espera, em que os clientes chegam a fazer uma pré-reserva dos seus serviços com antecedência para a realização de certo tipo de trabalhos, o que significa que tem uma clientela fidelizada e oferece serviços de qualidade a preços competitivos.

“Marca para mim, não-sei-quantas mil palavras até sexta-feira ou segunda, marca para mim.” [sic]

Aspecto negativo: ausência de tempo

Gestão dos trabalhos de tradução: acto individual

Ambição: aspectos financeiros

Fidelização dos clientes: qualidade a preços competitivos



Reconhece, no entanto, o cansaço que esta intensa rede de relações e contactos profissionais provocam, confessando que “É um bocadinho penoso. Porque chega a um tempo em que já não aguento com nada.” [sic], muito embora seja possível conciliar e articular este trabalho com a vida de casa, precisamente porque não tem filhos, e porque a sua relação matrimonial permite gerir o seu tempo de forma eficaz, porque têm interesses comuns, envolvendo-se no trabalho sem preocupações e tensões familiares (ao contrário de outros tradutores que entrevistámos) e que, em última instância faculta a possibilidade de ficar a trabalhar “no meu lado, a trabalhar ali que nem uma moira” [sic], já que, como também refere em termos imagéticos, as solicitações e os contactos são difíceis de parar, como “uma bola de neve”, criando um ciclo vicioso que implica a disponibilidade total e a impossibilidade de se desligar a 100% do trabalho, mesmo em férias, altura em que, também, leva “sempre o computador atrás”.

Disponibilidade total; excesso; ciclo vicioso

Um dos aspectos que mais contribuiu para o aumento de produtividade e possibilidade de aceitação de mais trabalho foi, indubitavelmente, o surgimento das ferramentas de apoio à tradução, as “*CAT tools*”, precisamente pela forma como vieram facilitar “imenso o trabalho”, ao mesmo tempo que constituem “um descanso mental” e “facilitam a gestão do tempo”, permitindo-lhe aceitar mais projectos.

As ferramentas CAT

Tal como outros tradutores com quem falámos, Brigith Guimarães considera que a profissão de tradutor não existe, correspondendo a uma ignorância que a sociedade tem para com a actividade, e ao desconhecimento a que é votada, factores estes que são complementados pela absoluta falta de consciência de classe da parte dos próprios tradutores, seus pares, algo que a leva a concluir que não existe um grupo ou classe profissional, em si.

A profissão não existe e é ignorada

Falta de consciência de classe

“Eu acho que quase não existe, porque, eu, quando vou a algum lado, e perguntam a profissão, eu já há muito tempo que dou a profissão de tradutora. E as pessoas ficam a olhar para mim. Porque a maior parte das pessoas não sabe rigorosamente o que é um tradutor, o que faz... Não têm ideia. Não têm. E, há muita, há muita falta de consciência de classe. Não há uma classe.”

Como responsáveis pelo actual estado das coisas, aponta os próprios tradutores, nos quais se inclui, pela forma como a profissão é, já em si, solitária, regida por princípios de individualismo, pouca abertura e ausência de projectos em grupo, definindo o tradutor como um “navegador solitário” [sic] que nem sempre ou raramente convive com os outros, “ou por falta de tempo, ou por feitio ou por outras condicionantes, nem sempre convive com outros” [sic], graças a uma débil “consciencialização de classe que parte logo de nós”, a que se juntam as habituais críticas à actuação da Associação Portuguesa de Tradutores em termos de ausência de apoio<sup>196</sup>, sobretudo quando compara o impacto e protagonismo das suas congéneres do Canadá ou dos Estados Unidos, como refere, o que acaba por ter um lado positivo e negativo, em termos de acesso à profissão:

Metáfora

Críticas à profissão e ao posicionamento dos tradutores

(...) Aqui... claro que tudo na vida tem um sentido negativo e positivo. Nós aqui não temos uma associação que nos oriente, que nos proteja, ou que nos forme como classe. Mas também, por outro lado, podemos partir para o mercado sozinhos e sermos aceites, se tivermos mãos, mãos para trabalhar e se tivermos, se tivermos armas para lutar na profissão. (...) Não estamos obrigados a ter uma certificação, de prestar provas, como por exemplo na ATA<sup>197</sup> ou assim, que são extremamente rigorosos. E nós aqui não temos, isso pode ser uma vantagem. É uma vantagem e uma desvantagem ao mesmo tempo. Eu preferia ter a vantagem de ter que fazer as provas necessárias e, e pronto. **E ser, de facto. Assim, como não posso ser de facto, fui-me fazendo. Fui por outra via.**

Ausência de associativismo profissional

Estas últimas palavras revelam bem o sentimento de orfandade e isolamento presentes, pela forma como a ausência de regulação do mercado, já de si saturado, e o carácter discricionário do acesso à profissão contribuem para a instabilidade da mesma e a respectiva incapacidade de fixação no seu território. Tal como sugere, a ausência de certificação e a falta de rigor no controlo do acesso à profissão, significam que qualquer pessoa se pode estabelecer sem quaisquer critérios no mercado e oferecer os seus serviços ao sabor das necessidades e correntes, de forma amadora, e pouco regulamentada, o que pode ser um aspecto positivo, como no caso de Brighth Guimarães, mas também algo nefasto, já que contribui para a

Crítica à profissão e ao amadorismo: ausência de reconhecimento

<sup>196</sup> Cfr. entrevista a J.P. e A.V.F.

<sup>197</sup> American Translators Association.

não-imagem que a sociedade tem da actividade, pela falta de reconhecimento que “é aceite tacitamente”, até mesmo pelos próprios tradutores.

Ainda assim, conclui dizendo que, apesar de tudo, e mesmo sendo “uma profissão isolada e solitária”, é possível singrar e fazer disso uma carreira, sobretudo se aliado a valores como competência, perseverança e capacidade de relacionamento e resistência à adversidade<sup>198</sup>:

Competência  
a valores  
profissionais

Quem quiser, quem tiver unhas para tocar guitarra e quem lutar por isso e quem for minimamente competente e quem for perseverante e quem souber manter relações, boas relações, pode, perfeitamente, intitular-se, com toda a propriedade, como tradutor e fazer disto a sua profissão, porque é isso que eu acho e é isso que eu sou. Absolutamente.

Outras das fortes críticas é dirigida ao clima de absoluta impunidade e desregulação sectoriais que permite a ocorrência dos chamados “calotes”, denunciando os aproveitadores, nos quais inclui os maus clientes, os contratadores, as empresas e as agências de tradução, que se aproveitam dos incautos e mais ingénuos.

Crítica aos  
maus clientes

É com optimismo que esta tradutora olha para o futuro, considerando que, apesar de o mercado estar saturado pelo desemprego e pelas constantes fornadas de tradutores licenciados que saem anualmente das faculdades, o próprio tempo encarregar-se-á de fazer a selecção e a seriação dos melhores no terreno, não no sentido da “crème de la crème” [sic], mas segundo uma orientação em que a antiguidade, a competência e o respeito irão predominar, face aos efeitos positivos da globalização, numa altura em que, com a abertura dos mercados, “fecham-se umas portas, enquanto outras se vão abrindo.” [sic]

O futuro

Por último, e quando instada a comentar o eventual impacto que a localização na região norte tem sobre o seu trabalho, Brigith Guimarães refere que o mesmo é nulo, graças aos desígnios da globalização associada

O norte

<sup>198</sup> “Tirando, peço desculpa, casos excepcionais, não é? Tirando casos excepcionais. Se estivermos a falar de, por exemplo, de um Vasco Graça Moura, se estivermos a falar de outras pessoas assim, aí já poderemos, talvez, ir à procura de uma obra que sabemos que fulano traduziu. E queremos aquela tradução, porque a dele foi recomendada. Mas são casos muito raros.” (cfr. J.P.)

à tradução técnica, sobretudo ao nível do teletrabalho com o advento da internet e das novas tecnologias.

Como conclusão, sendo solicitada a fornecer uma definição individual sobre tradução, Brigith responde que esta representa um desafio e uma paixão, como demonstrámos, associando-a a valores como conhecimento, cultura geral e enciclopédica e também descoberta, essencialmente ligada à dimensão humana da aprendizagem, movida por uma sede de conhecimento e aprendizagem constantes:

Definição  
pessoal de  
tradução

“Conhecimento. Descoberta. Porque eu sou uma pessoa muito ávida de aprender. De aprender. O verbo aprender. Para mim tem um extremo significado. E depois é muito, é muito claro que nós todos gostamos de aprender aquilo que nos vai na alma, não é? E gostando eu de línguas, gostando eu, por exemplo, de história, é uma paixão, é uma paixão minha, gostando eu de tradução, porque é outra paixão, é um desafio, é “O que é que eu vou encontrar ali que eu possa não saber e amanhã já sei?” Para mim, isso é fundamental. Aprender. Conhecimento. Eu acho que até morrer, se não ficar incapaz, ou com Alzheimer, o que me move na vida é aprender. É aprender. Nunca se sabe tudo.”

Definição  
pessoal de  
tradução

## PRINCIPAIS TRAÇOS DISTINTIVOS

Como podemos constatar, a entrevista que analisámos levanta algumas questões importantes, características de uma certa forma de encarar a profissão. De facto, estamos perante uma profissional para quem a tradução surge desde muito cedo na vida, de forma mais ou menos latente, embora nem sempre visível, através do contacto com as línguas, mas que, anos depois, na meia-idade, assume um carácter essencial, representando um esforço de independência, autonomia e emancipação.

Quando analisamos o seu discurso, verificamos que as noções de empreendedorismo, iniciativa, qualidade, rigor e competência são vitais, sobretudo pela forma como nela despertam uma sensação de extrema satisfação pessoal e realização profissional. Efectivamente, estamos perante alguém com uma enorme auto-estima, para quem a tradução representa a afirmação de um espaço vital em termos profissionais.

Embora os valores que incute no seu trabalho sejam, de certa forma, representativos das idiosincrasias que acompanham a formação da profissão, a sua postura e posicionamento são, igualmente, bastante críticos acerca da afirmação e reconhecimento social da profissão, em termos de clientes, mercado, tradutores e público em geral.

Paralelamente, a entrevista permite ainda identificar um fio condutor comum a outros discursos de tradutores, sobretudo pela forma como o indivíduo se posiciona no mercado, como iniciou a sua profissão e como percebe e reflecte criticamente acerca da sua actividade.

Em síntese, é possível identificar alguns temas e traços comuns à sua narrativa pessoal, que podem ser transferidos para as restantes entrevistas que realizámos, porquanto tipificam um modelo de comportamento específico caracterizado por percepções e valores comuns:

1. Para Brigith Guimarães, a tradução surge quase que por acaso, como opção profissional legítima e viável em termos de carreira profissional;
2. Mas também como escape a uma ocupação pouco aliciante e motivadora;
3. A tradução revela-se, assim, como uma opção de carreira paralela, pelo seu carácter de independência e liberdade – “ser dona do seu tempo”;
4. A paixão pelas línguas e a activação de uma série de competências afins parecem ser fios condutores do seu percurso profissional;
5. Desde cedo, Brigith Guimarães é obrigada a activar, de forma consciente e

inconsciente, um conjunto de valências que permitam construir a sua profissionalidade no terreno;

6. O empreendedorismo e a iniciativa privada representam opções legítimas para a sua afirmação profissional;
7. O seu trajecto profissional é marcado por valores intrínsecos como qualidade, rigor, rapidez, competência e disponibilidade total, graças aos quais consegue manter e fidelizar a sua clientela e destacar-se da concorrência;
8. A sua área de intervenção preferencial é a tradução técnica e especializada;
9. Pelo facto de ter vivido no estrangeiro, a sua oferta em termos de combinatórias linguísticas é também diversificada, nos dois sentidos PT-ING e ING-PT;
10. O seu discurso revela uma quantidade considerável de sensações e valores positivos associados à profissão, significando um posicionamento profissional assertivo e empenhado;
11. O único óbice ao seu desempenho profissional é a manifesta falta de tempo e incapacidade de tratamento eficaz dos múltiplos projectos e compromissos que gere em simultâneo;
12. Devido ao profissionalismo e competência demonstrados, consegue obter um respeito e reconhecimento profissionais, bem como um estatuto social ímpar;
13. A fidelização dos clientes e a qualidade dos serviços prestados são o seu melhor cartão de visita, indicando o estabelecimento de redes relacionais sólidas;
14. Para além da questão afectiva e social, a dimensão económica desempenha um papel crucial na sua carreira, tendo em conta que, financeiramente, a profissão parece ser bastante compensadora;
15. Um dos traços essenciais do seu discurso e posicionamento é o relativo isolamento profissional, já que trabalha essencialmente sozinha, sendo que as redes relacionais interpares parecem pouco consolidadas, e mesmo débeis ou inexistentes (uma profissão essencialmente solitária);
16. As suas críticas são basicamente dirigidas à fragilidade e falta de reconhecimento da profissão, pela ausência de redes associativas e institucionais fortes, de ligação ao nível da classe dos tradutores e, sobretudo, pela concorrência desleal face à entrada dos amadores no terreno.

Como complemento das linhas gerais aqui apresentadas, aproveitamos para colocar em anexo um mapa conceptual (Figura 1/Anexo 11), onde tentámos sintetizar de uma forma visualmente atraente e eficaz os principais vectores que enformam a profissão segundo o ponto de vista de Brigith Guimarães.

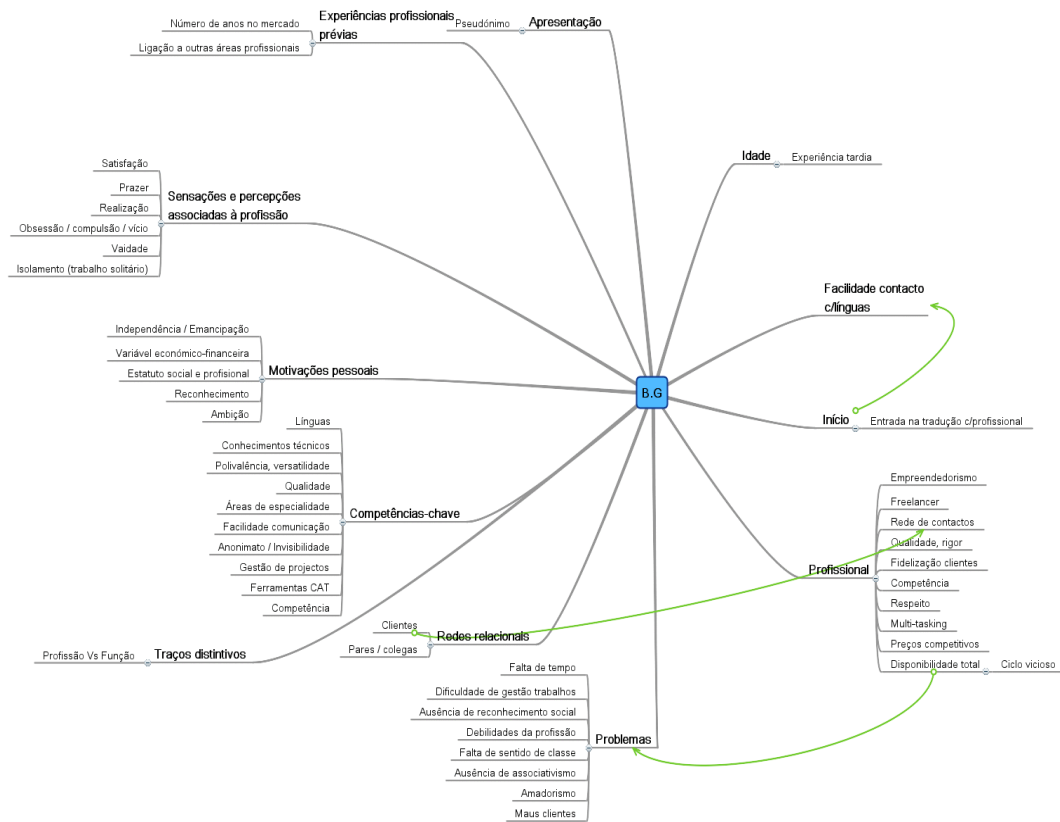


Figura 1. Brigith Guimarães – Retrato de uma profissional (Mapa conceptual)



**“MAS A MINHA PROFISSÃO, COM LETRA GRANDE É, SEM DÚVIDA, TRADUTORA”:  
PERCURSOS SOCIOPROFISSIONAIS DOS TRADUTORES DA REGIÃO NORTE DE PORTUGAL**

Partindo da nossa entrevista-padrão com Brigith Guimarães, decidimos utilizar este modelo como elemento essencial para decompor a profissionalidade do tradutor numa série de traços distintivos que serão analisados, simultaneamente, em confronto com as restantes entrevistas e com os dados obtidos no âmbito do questionário quantitativo aplicado na região norte de Portugal. Em concreto, iremos orientar a nossa análise com base nos seguintes vectores:

1. Apresentação
2. Género
3. Idade
4. Línguas e Áreas Temáticas (Domínios do Saber)
5. Formação / Background
6. Experiência Profissional
7. Início
8. Traços profissionais característicos
9. Marcas de profissionalismo
10. Sentimentos e Percepções Associados à Profissão
11. Variáveis Económico-Financeiras e Produtividade
12. Condições de Trabalho
13. Redes Relacionais
14. Consciência de Classe

## 1. APRESENTAÇÃO

Como verificámos, Brighth Guimarães utiliza um *nom-de-plume*, como ela própria refere, desde os seus 6-7 anos de idade, sendo o seu nome verdadeiro Maria Guilhermina da Silva Guimarães. Refira-se que, apesar de uma estratégia de ocultação óbvia, serve na perfeição os seus propósitos profissionais, enquanto designação comercial, uma vez que é por esse nome que é vulgarmente reconhecida no mercado e pelos seus pares, para além da utilização de um *email* sugestivo e emblemático da sua dedicação à língua: *witty4words*, para além da assinatura "Translators - When we hit no one remembers, when we fail no one forgets." nos seus emails.

Muito embora esta tradutora tenha vivido desde sempre no estrangeiro, mais concretamente no Uruguai e na Inglaterra, é interessante notar que muitos dos tradutores colocam especial interesse e cuidado na sua apresentação profissional. Na verdade, estamos perante alguém que utiliza um pseudónimo, que a aproxima de um domínio mais literário, mas podemos igualmente referir ainda o caso do ProZ, um dos mais importantes e famosos “portais” *online* que analisámos (Anexo 20), onde os serviços de tradução são publicitados mundialmente, e onde são vários os exemplos de tradutores que, ao nível da apresentação/identificação pessoal, preferem reger-se por um desígnio de ocultação, sob uma máscara, por um lado, ou por detrás de um nome comercial, por outro.<sup>199</sup> Estratégia esta que poderá estar relacionada, nalguns casos, com a forma como a profissão é vulgarmente encarada como uma actividade secundária ou paralela.

De referir, neste caso, a importância de estabelecermos a distinção clara entre trabalhadores por conta própria e trabalhadores por conta de outrem, já que são categorias que afectam consideravelmente a definição de profissionalização e envolvem percepções discrepantes:

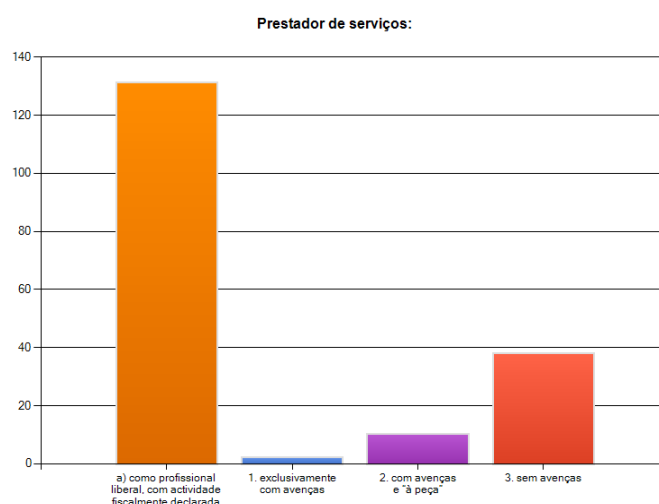
When we study the phenomena of professionalisation, an important distinction has to be made between self-employed and salaried professionals. Salaried professionals are practitioners permanently employed in large organizations, whereas “self-employed” refers to freelancers who manage their career independently. For the study of professionalization, the distinction is very important because of the inherent conflict between bureaucracy and professionalism. (Tseng 1992: 38)

---

<sup>199</sup> [http://por.proz.com/translator-directory/?sp=directory&mode=filter&from=eng&to=por&type=na&field=&search\\_form\\_action=y](http://por.proz.com/translator-directory/?sp=directory&mode=filter&from=eng&to=por&type=na&field=&search_form_action=y)  
Data de acesso: 4 de Fevereiro de 2011

Se considerarmos a quantidade de nomes comerciais que, na verdade, escondem sociedades unipessoais, conforme demonstrado nos capítulos 2 e 3, o caso em questão será mais um exemplo da forma como a multiplicação e a proliferação da oferta abundam, algo que, por seu turno, poderá estar relacionado com o modo como os profissionais encaram e se relacionam de forma mais ou menos confortável, mais ou menos assertiva, com a actividade.

Por exemplo, no questionário que aplicámos junto dos tradutores do norte, quisemos analisar a respectiva situação profissional, mais concretamente, o tipo de regime de trabalho. Na verdade, o maior número de respostas quanto ao estatuto profissional inseriu-se no domínio do “Prestador de serviços” como profissional liberal, com actividade fiscalmente constituída (85,6%), muitas vezes associada aos recibos verdes, o que parece revelar a forma como a actividade profissional é desenvolvida, em termos de indivíduos estabelecidos por conta própria ou sociedades unipessoais, uma situação que, obviamente, para muitos, terá as suas vantagens do ponto de vista fiscal.



**Figura 2.** Tipo de regime de trabalho

Por outro lado, na óptica das PME, este fenómeno poderá ser ainda explicado pela crescente tendência para a criação de micro-empresas no panorama nacional e a tão propalada “apetência dos portugueses para o trabalho por conta própria”, conforme demonstra Ana Isabel Couto no seu estudo (2009), ao sublinhar o crescimento do peso das empresas de pequena e média dimensão no universo empresarial português, ilustrando claramente a significativa expressão estatística das empresas de micro dimensão no tecido económico (Couto 2009: 4).

Estas especificidades do tecido sócio-empresarial português – em particular a forte representatividade das empresas de pequena e muito pequena dimensão – são percepcionadas como o resultado da convergência de um conjunto de efeitos. João Freire destaca “a entropia e fragmentação experimentadas pelas empresas gigantes (nomeadamente industriais), uma maior especialização empresarial, muitas vezes aliada a processos de “emagrecimento”, a apetência dos portugueses para o trabalho por conta própria, o apoio e promoção da “criação do próprio emprego”, por parte do governo enquanto “medida activa de emprego”, “falsas empresas” (apenas nominais) criadas com vista à obtenção de certas vantagens para os seus fundadores (contabilísticas, gestionárias, fiscais, etc), empresas desactivadas, porque o seu encerramento formal “é caro e difícil” (Freire 2008: 56), entre outros (Couto 2009: 5).

Seguem-se alguns exemplos de sociedades unipessoais a operar no mercado e que ilustram esta tendência:

- Gabinete de traduções Friederike Hans - Serviços de Tradutor-Intérprete, Unipessoal Lda.
- Multiperformance - Ensino Extra-curricular, Unipessoal
- Sociedade de Traduções e Textos
- Entrelinhas, Lda
- Mariana Sousa Moreira, Unip. Lda – Traduções Técnicas
- Ana Dias Traduções<sup>200</sup>

Refira-se que, neste último exemplo, o caso revela uma tendência ainda mais difícil de mapear, porque, contrariamente a outros elementos, a profissional utiliza apenas um veículo privilegiado como o Facebook para divulgação dos seus serviços, o que, por um lado, multiplica o seu raio de alcance, mas, por outro, estilhaça por completo o sector, pulverizando a prestação de serviços de tradução através das redes sociais, uma prática que começa a tornar-se cada vez mais comum nos dias que correm.

Veja-se, a propósito, os valores divulgados pelo INE quanto ao número de sociedades unipessoais ou empresas individuais, ligadas à prestação de serviços de línguas, em 2008:

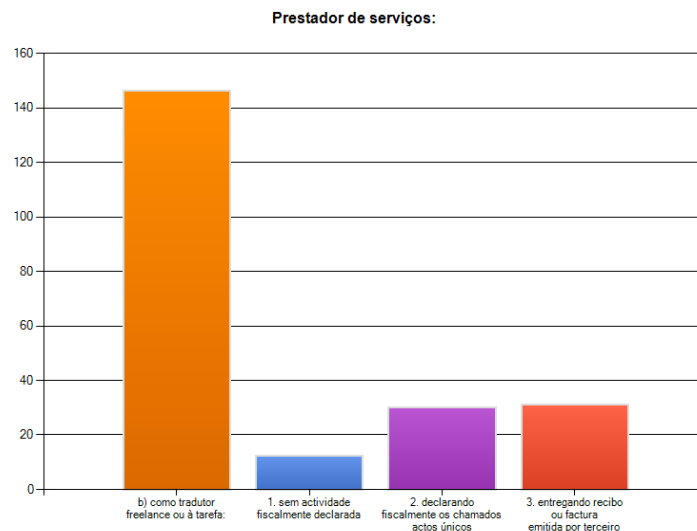
2008	
Total	1868
Empresa individual	1721
Sociedade	147

**Tabela 1.** Número de sociedades unipessoais ou empresas individuais, ligadas à prestação de serviços de línguas

**Fonte:** INE (Dados 23 de Novembro de 2010)

<sup>200</sup> Esta última disponível através das redes sociais, como o Facebook em <http://pt-pt.facebook.com/people/Ana-Dias-Tradu%C3%A7%C3%B5es/100000491981064>

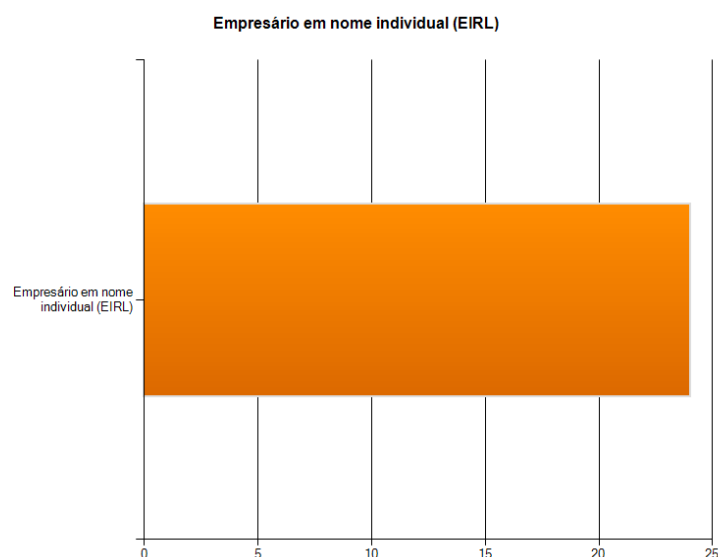
Ainda dentro da prestação de serviços, 84,9% dos nossos inquiridos referem ser considerados prestadores de serviços como tradutores *freelancer* ou à tarefa, facto indiciador de um elevado grau de disponibilidade, mas também do considerável grau de precariedade e inconstância da profissão.



**Figura 3.** Tipo de regime de trabalho (Prestador de serviços)

De salientar ainda que registámos um significativo número de respostas assinalando

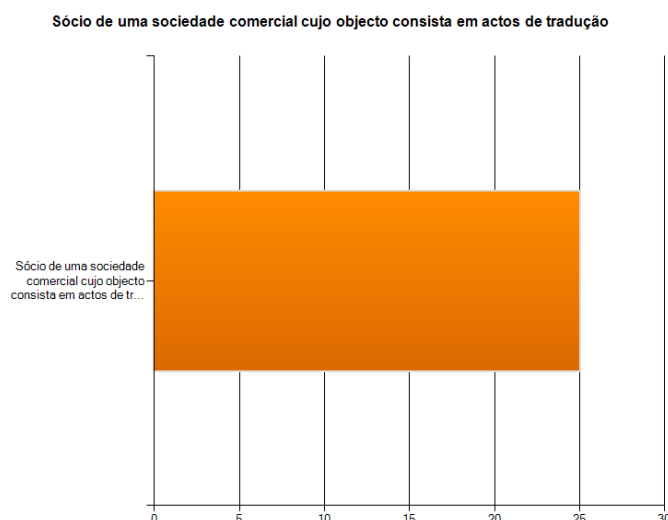
- a) Empresário em nome individual (EIRL)<sup>201</sup>, com 24 respostas e
- b) Sócio de uma sociedade comercial cujo objecto consiste em actos de tradução, com 25 respostas<sup>202</sup>



**Figura 4.** Tipo de regime de trabalho (Empresário em nome individual)

<sup>201</sup> Estabelecimento Individual de Responsabilidade Limitada (EIRL), regulado pelo Decreto-lei 248/86 de 25/08.

<sup>202</sup> Comerciante em nome individual.



**Figura 5.** Tipo de regime de trabalho (sócio de sociedade comercial/tradução)

Quando analisamos os perfis de alguns dos tradutores, é frequente verificarmos a preferência pelo recurso ao nome individual, seguido de uma denominação comercial, após o que é feita referência ao objecto social da empresa:

- Ana Ribeiro - Mil Ideias - TT Traduções e Transcrições
- Mariana Sousa Moreira, Traduções Unipessoal, Lda.

Em certos casos, muitos profissionais optam pela alternativa ao nome individual, quando, na verdade, existe um email ou outra referência que apontam para uma marca, como o caso de Rui Jorge R. Fonseca cujo email, [info@antitesetraducoes.com](mailto:info@antitesetraducoes.com), nos remete para a empresa Antitese:

Antitese-Traduções: A Antitese é uma empresa que presta serviços no âmbito das traduções.<sup>203</sup>

Ou, em alternativa, a referência explícita a um nome, marca ou designação comercial, como por exemplo, a entidade designada Medicabile, que é, na realidade, o registo comercial que a tradutora *freelancer* Isabel Reis utiliza.

A precariedade, polivalência e flexibilidade parecem ser, então, elementos congregadores do *leitmotif* de muitos dos empregadores, como comprova Ana Paula Marques (2006 e 2010), referindo-se à tendência para a globalização dos mercados de trabalho com inevitáveis transformações nos respectivos referentes identitários. De igual forma, a multiplicidade de facetas em jogo leva-nos a pensar, tal como refere a socióloga Teresa Sá, em “ ‘Precariedade’ e ‘trabalho precário’: consequências sociais da

<sup>203</sup> Fonte: <http://nserver4.nget.com/links/NEGOCIOS/SERVICOS/TRADUCOES/index.html> Data de acesso: 10 de Maio de 2011.

precarização laboral” (2011), que poderemos estar perante um outro tipo de trabalhador, que designa como “trabalhador de tipo “novo”:

É um trabalhador que se orgulha do que faz e que se adapta rapidamente às novas técnicas que estão a surgir. (...) Este “trabalhador de tipo novo” adapta-se à nova noção de empregabilidade, segundo a qual a empresa deixa de ser responsável pela aprendizagem do trabalhador, passando agora cada assalariado a responsabilizar-se pela aquisição das suas próprias competências – tornar-se empresário de si próprio: “a empregabilidade é isto: manter-se num estado de competência, de competitividade no mercado (como nos mantemos em boa forma física) para se poder, talvez, um dia, ser empregado, ter uma missão precisa e limitada, uma prestação determinada” (Dubar, 2003: 112, citado em Sá 2010: 99 e 100)

De facto, em termos de apresentação, a maioria dos tradutores que entrevistámos fala com orgulho e assertividade da sua actividade, embora referindo-se de forma algo díspar e pouco concertada acerca da natureza da profissão:

A.C.: tradutor técnico, quase por acidente, tradutor a 100%.

T.S.M.: *Expert legal translator*, é como eu me intitulo.

A.V.F.: Sou profissional liberal (...) O que me caracteriza como profissional é, em primeiro lugar a minha actividade, em que recebo uma remuneração (...) é exclusivamente tradução ou interpretação.

C.P.: Sou, sou a C., a C.M.P. [nome completo], este é o nome com que assino. Estou desde 2004 a fazer tradução literária.

F.C.: E como gestor principal da empresa, o meu papel actualmente é 90% do tempo de gestão da empresa de tradução. E... tenho muito a consciência de que o faço de uma forma um bocado especial por ser tradutor.

Nestes três exemplos seguintes, há uma clara alusão dos tradutores a outras áreas de actividade paralelas, e que concorrem para a dispersão conceptual em termos do mercado das línguas, mas também para a extrema proximidade e contacto da profissão a campos e territórios vizinhos. De referir ainda, no último caso, a satisfação e realização pessoais que transparecem das palavras deste indivíduo.

J.P.: Mas também nunca deixei de ter uma série de outras actividades paralelas, muitas vezes ligadas à própria tradução.

J.G.: Estou no mercado, como independente, desde 1993, final de 1993. Fiz parte..., antes fiz parte dos quadros de duas empresas nas quais também exercia, portanto, práticas de tradução e interpretação em dois sectores de mercado ligados mais à metalomecânica, engenharia e electrotecnia. Fiz alguns serviços, portanto, de interpretação, fiz algumas viagens de acompanhamento.

M.S.C., 33 anos, mãe, tradutora, filha, irmã, madrinha, essas coisas todas... bombeiro de serviço também, mas pronto... eu, desde muito nova, quando digo nova, já com 14, 15 anos, queria ser tradutora porque sou filha de professores e jamais seria professora porque acho que é complicado a parte da avaliação dos miúdos... Como é que se consegue colocar numa mesma categoria de números, pessoas com uma personalidade e com um comportamento tão diferente. Ironicamente também sou tradutora, formadora, mas isso dá para dar a volta de outra maneira. (...)

(...) às vezes, a vida não corre como nós queremos, todos nós queremos o Euromilhões ou o Jackpot, essas coisas todas, mas eu sou muito afortunada, eu faço tudo o que gosto. Uno, mais uma vez, dois universos completamente diferentes... mas, como tradutora, trabalhas em casa e não convives com ninguém... mas como formadora... portanto eu tenho as duas partes. Às vezes, mais formadora, outras, mais tradutora, mas tenho a sorte de conviver com pessoas muito interessantes e ter uma grande experiência, mas sim, eu faço o que gosto, o que me licenciiei, o que me especializei, estou sempre à procura de novos ensinamentos, mas acho que sim, é o meu chamamento.

Já neste caso, a tradutora enquadra-se na perfeição na tipologia que acima diagnosticámos, ou seja, alguém que trabalha num gabinete de tradução, que se estabeleceu por conta própria, embora lançando-se no mercado com um nome comercial autónomo e independente. De referir ainda que, no seu discurso algo ambivalente, esta tradutora fala maioritariamente na primeira pessoa do plural, utilizando frequentemente o pronome pessoal “nós”, como nos exemplos seguintes:

A.S.: Tenho um gabinete do qual eu sou a única sócia-gerente, mas que, no momento, tem um estagiário em colaboração mensal.

(...)

Será [o predomínio da língua inglesa] 60, 70% à vontade do trabalho que realizamos porque, sem dúvida, mesmo com entidades particulares, com empresas, organismos públicos, a maior parte é inglês. Apesar de tudo trabalhamos muito com espanhol, francês... alemão algumas coisas... e depois há sempre umas línguas mais exóticas que também depende muito da área e do que é que se vai fazendo.

(...) Algumas áreas, **nós** vamo-nos especializando mais consoante a procura e o tipo de trabalho que **vou** desenvolver. Porque se eu faço, desde há quatro anos, trabalhos de informática, eu sei que naquela área tenho algum domínio que não vou ter, por exemplo, na área, sei lá, engenharia alimentar ou uma coisa assim.

Esta é, aliás, uma tendência recorrente na estratégia de comunicação de muitos sítios da Internet que analisámos, a par de uma deliberada ocultação dos membros ou responsáveis pelas agências de tradução. De facto, tirando algumas excepções (ver, por



exemplo a Babelia Traduções<sup>204</sup>, JABA Translations<sup>205</sup> ou Tecnilíngua<sup>206</sup>), é raro o caso em que surge a menção a um nome ou foto/imagem identificativos dos elementos que constituem essas empresas, sobretudo nos campos “Quem somos”, “Perfil”, “Equipa” ou “Contactos”, como constatamos em várias empresas como a Ad-Verbum, AP-Portugal, L10N Studio, Philos, Traducta ou Traversões.

Entretanto, gostaríamos de, nesta secção final, comparar estes dados com os resultados obtidos no nosso questionário, mais concretamente em relação à pergunta número 46, “Em termos pessoais, o seu exercício profissional da tradução pode ser considerado...”, na sequência da qual chegámos à conclusão de que, para a maioria dos tradutores, a tradução é encarada como uma actividade principal, com 45,2% das respostas, sendo que 29,3% responderam tratar-se de uma actividade secundária.

Não sei se, neste momento, não haverá já outra vez muito mais pessoas a ter a profissão de tradutor combinada com outra. (F.C.)

Note-se, no entanto, um dado essencial. Para muitos respondentes, na verdade mais de metade, e tal como também tivemos oportunidade de salientar no Capítulo 4, a tradução é uma actividade secundária (29,3%) e um *part-time* ou actividade ocasional (25,4%). Com efeito, trata-se de um dado bem revelador, porque o somatório destes dois ítems, ou seja, 29,3% e 25,4% atinge o valor de 54,7%, o que acaba por colocar a actividade secundária em particular destaque, invertendo a tendência anteriormente detectada.



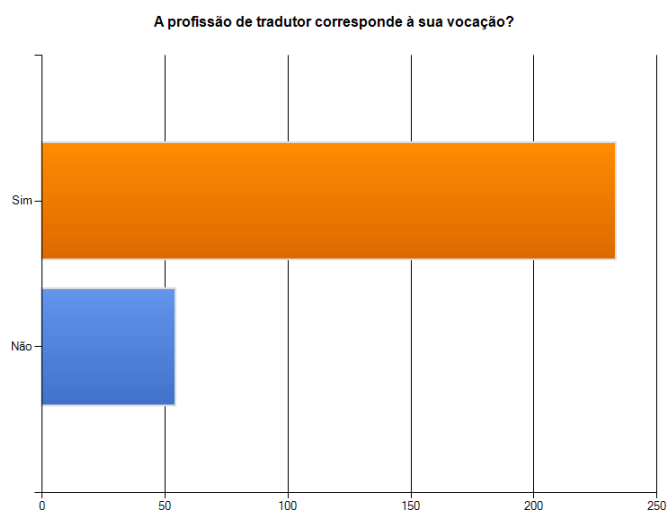
**Figura 6.** Grau de envolvimento na profissão

<sup>204</sup> <http://www.babelia.pt/default.asp?id=p1p1p11&l=1>

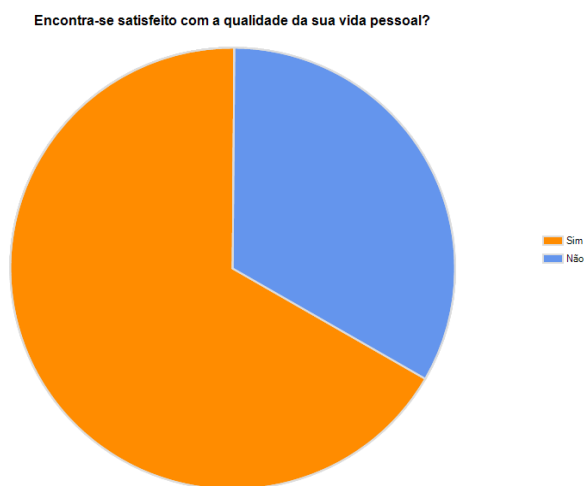
<sup>205</sup> <http://jaba-translations.com/equipa.php>

<sup>206</sup> <http://www.tecnilingua.pt/pt/go/empresa-de-traducao-que-presta-servicos-de-interpretacao-e-outros-servicos-de-apoio-linguistico>

Estes resultados devem ainda ser cruzados com outros dados referentes à vocação profissional, já que 81,2% confirmaram a tradução essencialmente como uma vocação, sendo que, paralelamente, 66,8% das respostas apontavam para percepções bastante positivas em termos de satisfação com a qualidade da vida pessoal.



**Figura 7.** Vocação



**Figura 8.** Satisfação com a qualidade de vida

## 2. GÉNERO

A sociedade em geral ainda pensa nos tradutores como senhoras, não associam muito à parte do homem. (...) Ligam à actividade de secretariado, ligam o próprio CAE da actividade de tradução, o código da actividade económica, engloba tradução e secretariado. Por isso mesmo, a nível económico já está associado. Por isso, acho que associam muito tradução a secretariado. Por aquela profissão que havia antigamente o correspondente de línguas que agora já caiu em desuso. (...) É associada a secretariado. Não sei se é negativo ou não, porque o secretariado também é associado a senhoras e não quer dizer que seja depreciativo. (S.P)

Ao analisar a entrevista-padrão, verificamos que a nossa respondente é do sexo feminino, tem actualmente 57 anos e, conforme refere, possui sensivelmente nove anos de experiência profissional no mercado.

Quanto a estes dados, gostaríamos de formular algumas constatações, sobretudo à luz dos resultados do nosso questionário quantitativo, que serviu de base à entrevista que realizámos posteriormente com Brighth Guimarães.

De uma forma geral, o universo de indivíduos analisados é predominantemente constituído por mulheres, revelando um perfil essencialmente feminino, neste caso, com uns assinaláveis 77,3%, isto é, 333 respondentes, contra apenas 22,7% homens (98 respostas).<sup>207</sup> Dados que coincidem com estudos recentes que apontam as línguas como uma profissão marcadamente feminina, por razões históricas, culturais e sociais, com uma forte ligação à economia subterrânea e ao mercado de trabalho paralelo, bem como revelando fortes assimetrias remuneratórias, conforme definido, por exemplo, por Virgínia Ferreira, socióloga e investigadora da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (Ferreira 2010: 1, 19 e 20):

Na verdade, entre nós, as políticas económicas dos anos 70 foram pautadas por preocupações essencialmente redistributivas e transformadoras da relação salarial, imprimindo-lhe uma marcada feição fordista, ou seja, seguindo um modelo entretanto já em crise na Europa. (...) A primeira observação que salta à vista neste quadro é que as desigualdades salariais num conjunto de profissões tendencialmente vistas como mobilizando atributos e qualificações tipificados como femininos não são, ao contrário do que seria expectável, menores do que na média do emprego em geral. Assim, das duas uma, ou as mulheres não são realmente possuidoras dos factores que contribuem para o aumento da produtividade ou, sendo-o, não obtêm o reconhecimento desse facto e, nesse caso, há que procurar saber as razões das

---

<sup>207</sup> Acerca desta tendência, ver, a propósito, “The Translatress”, artigo da autoria de Sherry Simon, disponível em <http://www.jrank.org/literature/pages/7168/Gender-in-Translation.html> (Data de acesso: 6 de Fevereiro de 2011)

diferenças. A segunda observação incide sobre as maiores desigualdades no Distrito de Coimbra. Este mesmo estudo mostrou ainda que, nos escritórios, no final do primeiro ano de serviço, os homens já ganham mais do que as mulheres em todas as profissões do escritório, com a excepção da de “Correspondentes de línguas estrangeiras”, o que retira fundamento à especulação de que os diferenciais ao nível dos quadros superiores possam ser uma consequência da menor antiguidade das mulheres nos postos mais qualificados (Ferreira 2004: 870).

Esta evolução é também fruto da tendência para o agravamento das desigualdades salariais apontada em algumas das análises que revisitaremos de seguida. Durante os anos noventa, testemunhámos um aumento nas desigualdades de rendimento, na sequência do agravamento das desigualdades salariais e não tanto dos efeitos redistributivos da protecção social ou das políticas estatais.<sup>208</sup>

De facto, conforme referem vários sociólogos, entre os quais João Freire, a entrada maciça da mulher no mercado-de-trabalho e praticamente em todos e cada um dos seus segmentos, constituiu provavelmente a mudança social mais profunda que atravessou a nossa sociedade, responsável ainda pelo “afrouxar dos sentimentos de solidariedade no seio das classes trabalhadoras”, e preparação do caminho para “a emergência de uma sociedade feita de uma maior soma de individualismos – e também de maiores riscos e alitoriedade” (Freire 2009).<sup>209</sup>

Para além de atacar os redutos de masculinidade associados a certas profissões, acelerou o fim da “criadagem” num país “de tradições” como é Portugal (substituindo-a pelas “empregadas domésticas”, quase sempre imigrantes) e está a forçar a uma reformulação das relações entre trabalho e família, contribuindo igualmente para as transformações que estão ocorrendo no seio desta, no total alterando profundamente as condições de socialização e educação das novas crianças (Torres 2004; e Wall 2005, citados em Freire 2009: 224)

Relativamente aos aspectos acima mencionados e à relação entre o mercado de trabalho e a feminização, será de sublinhar o facto de a própria recomposição social verificada durante as últimas décadas em Portugal se dever, em parte à “entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho e o rápido crescimento do emprego no sector dos serviços”, a partir dos anos 70 do século XX, como é o caso das profissões das línguas, facto que decorre do “esbatimento ou mesmo apagamento das diferenças de investimento em capital humano desde sempre registadas entre mão-de-obra feminina e

---

<sup>208</sup> “A Evolução das Desigualdades entre Salários Masculinos e Femininos: Um Percurso Irregular”, in Virgínia Ferreira (Ed.), *A Igualdade de Mulheres e Homens no Trabalho e no Emprego em Portugal: Políticas e Circunstâncias*, Lisboa: Cite, Cap. 4, 139-190, 2010.

<sup>209</sup> Artigo em linha disponível em <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id04id11lid2266&sum=sim>. Data de acesso: 7 de Agosto de 2011

masculina, com o reforço da presença feminina em todos os níveis do ensino e da formação profissional, em alguns casos sobrepondo-se mesmo à masculina; por outro lado, o aumento da vida activa das mulheres e a passagem para um modelo de actividade mais contínuo” (Ferreira 1998):<sup>210</sup>

Timidamente iniciada algum tempo antes, a feminização do emprego em Portugal tornou-se mais evidente durante a década de 1970. Do ponto de vista do emprego, a evolução registada ao longo deste período foi marcada por uma verdadeira explosão do sector terciário e da administração pública, em particular depois do 25 de Abril de 1974, tendo como corolário um apreciável reforço da feminização do emprego. O terciário em 1974 ocupava 36% dos activos com profissão e, em 1995, tinha alcançado os 56%. A terciarização faz-se principalmente à custa do sector primário, que em 1974 ocupava cerca de 30% da população e em 1995 passava para cerca de um terço desse valor. Chegamos assim, em 1995, a uma taxa de feminização da população activa de 45% (Quatenaire 1997, citado em Ferreira 1998)

A imagem dos escritórios e PME revela-nos uma composição complexa de categorias de emprego e de estatutos, e que nos pode indicar muito do cenário ao nível das profissões das línguas. No núcleo duro, segundo Ferreira (2004), encontramos dois tipos de mão-de-obra – os que podemos considerar que possuem uma certa polivalência (dactilógrafos/as, escriturários/as, operadores/as de computadores) e os especialistas com funções transversais (como a contabilidade, a gestão de pessoal, o *marketing*, a informática, etc.). Depois, encontramos uma miríade de empregos e estatutos vários – trabalhadores/as temporários/as ou a tempo parcial ou com contratos a prazo. É este o segmento, internamente diversificado, que é responsável pela fraca antiguidade da mão-de-obra e pela elevada rotatividade observada neste sector de emprego (Ferreira 2004).

A função da correspondência em língua estrangeira é, neste caso, um exemplo particular porque nela confluem duas tendências de sentido ambíguo. Por um lado, segundo Virgínia Ferreira, registou um aumento da sua taxa de masculinização (que passou de 12,8 para 15,7%), mas globalmente teve uma quebra de cerca de 35% dos seus postos de trabalho (veja-se tabela 2).

---

<sup>210</sup> “As Mulheres em Portugal: Situação e Paradoxos”, Virgínia Ferreira, Socióloga. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais. Presidente da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres (1997-1999); Data de acesso: 9 de Fevereiro de 2011; Disponível online [http://www.mulheres-ps20.ipp.pt/MP\\_Sit\\_Paradoxos.htm](http://www.mulheres-ps20.ipp.pt/MP_Sit_Paradoxos.htm)

**Taxas de variação do emprego nos escritórios, por sexo, segundo a profissão ((Total nacional, 1987 – 1998)**

CNP (1994)	PROFISSÕES - 1998	Tx Fem. 1987	Tx Fem. 1998	Var. Emp. Masc.	Var. Emp. Fem.	Var. Emp Total
3.4.3.1.10	Secretário/a Direcção ou Adm.	92,1	89,5	85,9	35,4	39,4
3.4.3.1.15	Corresp. Língua Estrangeira	87,2	84,3	-19,7	-36,8	-34,6
4.1.1.1.05	Dactilógrafo/a	84,5	86,9	-30,7	-15,4	-17,8
4.1.1.5.05	Secretário/a Correspondente	85,5	92,9	4990,0	11167,8	10272,5
TOTAIS		43,5	55,7	6,8	75,1	36,5

**Tabela 2.** Taxas de variação do emprego nos escritórios, por sexo, segundo a profissão.**Fonte:** Ferreira 2004: 747

Entre 1987, 1 em cada 5 homens abandonou a categoria e 2 em cada 3 mulheres também. O esvaziamento desta categoria deve-se ao facto de a sua função essencial ter migrado para quase todos os postos de trabalho do escritório, mas em especial para os do secretariado. Com a internacionalização e a integração europeia da economia portuguesa, o domínio de algumas línguas estrangeiras (particularmente do inglês) tornou-se um requisito básico destes postos de trabalho. A permanência dos homens nesta categoria estará eventualmente ligada à sua antiguidade no posto. Como as mulheres têm uma maior rotação, constituem um grupo mais sensível às mudanças em curso. De qualquer modo, é de sublinhar que nesta masculinização, encontramos a confirmação da tendência para os homens se inserirem em categorias às quais é reconhecida uma qualificação, ainda que em processo de desvalorização como é o caso do domínio da língua estrangeira, cada vez mais difundido entre o pessoal do escritório (Ferreira 2004: 757).

Por exemplo, ainda segundo dados de Ferreira (2004), as profissões com mais rotação em 1991 (em que entre 10% a 15% dos homens ou das mulheres têm menos de um ano) foram, no caso dos homens: Programador, Operador de Computadores, Secretário de direcção, Dactilógrafo/Estenógrafo e Correspondente/estenógrafo em Língua Estrangeira. Estas duas últimas, com 15% de contratados há menos de um ano, são as que apresentam menor antiguidade. No caso das mulheres, Analista de sistemas, Programadora, Contabilista, Operadora de Computadores, Secretária de direcção, Dactilógrafa/Estenógrafa e Escrivã. As dactilógrafas são aquelas em que uma maior percentagem (15%) foi contratada há menos de um ano ou entre um e quatro anos (71%), o que ilustra o elevado nível de precariedade destas profissões.

Em termos de remunerações, esta função [operadora de registo de dados] continua a ser a mais mal paga das profissões informáticas. (...) É uma diferença enorme de quase vinte pontos percentuais, só superada pela registada nas profissões de contabilista e de correspondente em língua estrangeira (Ferreira 2004: 801)

De igual forma, queremos deixar ainda bem clara a aparente ligação entre esta questão do género e o surgimento e expansão das economias subterrâneas, aliados à proliferação de um mercado de trabalho paralelo, tal como sublinhámos no terceiro capítulo deste nosso trabalho:

A capacidade de assimilação destas transformações por parte da economia portuguesa era, no entanto, bastante limitada e não se estranha assim a relação de tais transformações **com a expansão da economia subterrânea** e o empolamento do mercado de trabalho paralelo, tendencialmente ocupado por mulheres, sobretudo nas suas modalidades mais precárias. O efeito líquido destas políticas, quer pela expansão dos serviços públicos, quer pela submersão da economia, acabou por inelutavelmente se traduzir na enorme expansão do emprego feminino em Portugal. (Ferreira 1998)<sup>211</sup>

Por outro lado, em geral, existe entre o emprego feminino e o masculino uma diferenciação clara, sendo que o primeiro tende a concentrar-se nas tarefas mais desqualificadas e menos remuneradas, nos escalões inferiores das hierarquias das empresas ou das instituições e nos empregadores economicamente menos remuneradores, um fenómeno que os especialistas classificam de segregação da estrutura de emprego em função do sexo (Ferreira 2004: 735).

Conforme nos confessava esta mesma tradutora no decurso da entrevista, a tradução traz precisamente esse aporte importante de orgulho em termos de afirmação social da mulher, marcando a sua independência e reconhecimento, sobretudo pela forma como, associada a uma componente feminina, a tradução em regime *freelancer* consegue trazer-lhe, por um lado, essa emancipação como mulher, mas também uma forte independência individual e profissional, com óbvios reflexos a nível da sua auto-estima:

**O resto, o resto é francamente o dinheiro.** Também. Porque, e estou a falar em, do ponto de vista **absolutamente pessoal... como profissional e como mulher.** Eu, graças a Deus, nunca tive problemas. O meu marido, como digo, sempre me incentivou, sempre me... se não fosse ele na vida, nesse aspecto, eu não teria chegado onde cheguei, porque sou uma pessoa muito

---

<sup>211</sup> Ferreira, Virgínia. “As Mulheres em Portugal: Situação e Paradoxos”. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais. Presidente da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres (1997-1999). Disponível online [http://www.mulheres-ps20.ipp.pt/MP\\_Sit\\_Paradoxos.htm](http://www.mulheres-ps20.ipp.pt/MP_Sit_Paradoxos.htm). Data de acesso: 9 de Fevereiro de 2011

acomodada. Tinha ficado com o 5º ano e hoje era empregada de balcão, não tinha passado disso. Ele é que me despertou e depois o resto, claro que fui eu que, que gostei. Mas, mas **a independência económica que a profissão me trouxe para mim é extremamente importante.** (Brigith Guimarães, nossos destaques)

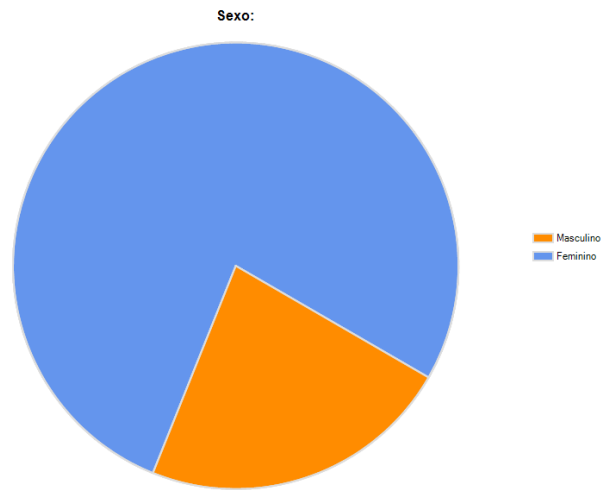
(...)

Porque hoje em dia, a profissão de tradutora, de tradutora... Porque, eu não penso, quer dizer, eu quando aceito... um trabalho, ou estou a aceitar um trabalho, eu não estou a pensar que vou ganhar 20 ou 30. Eu estou a pensar que vou gostar de fazer porque é mais um, porque não quero perder o ritmo. Porque quando eu não tenho durante 10 minutos uma coisa a cair eu fico, fico um bocado apática, “Meu Deus, que chatice”, o que é que eu vou fazer hoje? **Agora, é importante para mim e tem sido extremamente importante para mim a parte financeira. Porque me deu uma independência física, física no sentido de vida. E mental. E isso é muito, muito regozijante. E pode crer que, para uma mulher, é muito importante. Porque, não é o meu caso, que nunca dependi 100% do marido. Mas há sempre uma dependência, quer queiramos, quer não. E, por muito bem que as pessoas se dêem, há sempre uma altura em que o marido diz: “Pois, tu ganhas uma porcaria, não és ambiciosa porque não fazes, porque não sei quê.” E eu aí dei uma lição. Dei uma lição ao meu marido. Para mim, isso foi importante, para mim. E continua a ser importante.** (Brigith Guimarães, nossos destaques)

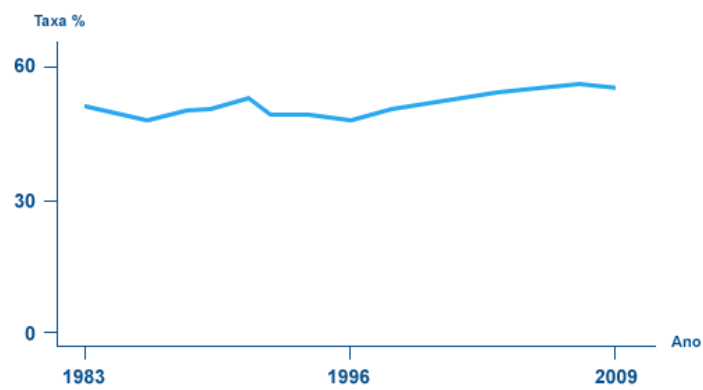
Reparemos ainda no tom irónico e corrosivo desta afirmação de M.S., acerca do carácter essencialmente feminino e jovem da profissão, visto como um aspecto negativo:

O que é que é o aspecto negativo.... Agora vou ser politicamente incorrecta, aquelas mulherzinhas, embora também haja homens. Porque eu acho que as mulheres são muito complicadas. Ai, há muita mulherzinha, há muita mulherzinha (...), com aquele ar de “triquiteira”, rancorosa, velhacazinha, se calhar mais até nos jovens, foi uma coisa que me chocou. Pensava que eram as mais velhas que estavam a reagir mal às mais novas, mas não, acho que esta geração mais nova é muito mais complicada do que nós a nível de cabeça. Mais competitiva, mas no mau sentido. (M.S.)



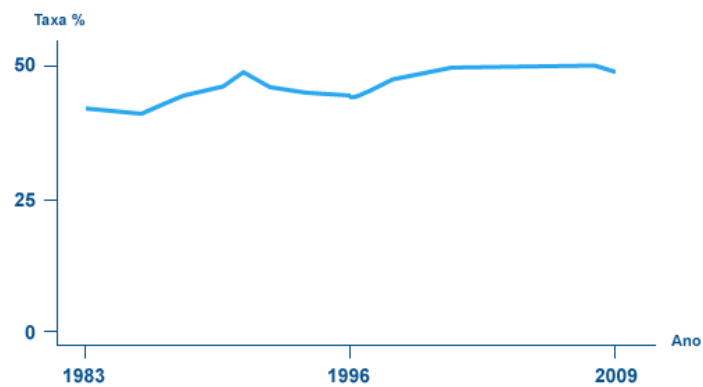


**Figura 9. Sexo**



Fontes/Entidades: INE, PORDATA - (C) FFMS

**Figura 10. Taxa de actividade (%) do sexo feminino (56,1%)**  
**Fonte: Pordata**



Fontes/Entidades: INE, PORDATA - (C) FFMS

**Figura 11. Taxa de emprego (%) do sexo feminino (50,4%)**  
**Fonte: Pordata**

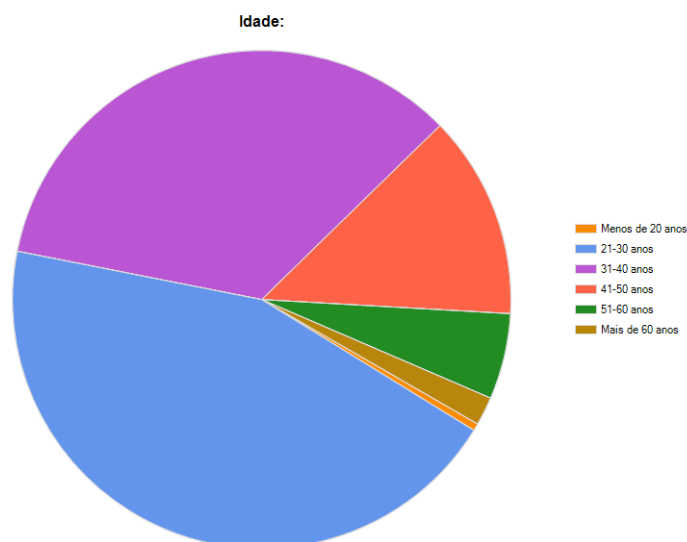
### 3. IDADE

Relativamente à idade dos respondentes, será interessante destacar a relativa juventude dos elementos que responderam ao nosso inquérito quantitativo ao nível da região norte de Portugal. Com efeito, 44,3% dos respondentes tem idades compreendidas entre os 21 e os 30 anos, isto é, 191 respostas, logo seguido pela faixa etária situada entre os 31 e os 40 anos, com 34,6% respostas (149 respondentes). Em terceiro lugar, encontramos indivíduos com idades compreendidas entre os 41 e os 50 anos, com 13,2% e 57 respostas. Em antepenúltimo lugar, é ocupada a faixa dos 51-60 anos, com 5,6% respostas (24) e ainda mais de 60 anos, com 1,9% (8) e, por último, menos de 20 anos, com apenas 2 respostas (0,5%). Esta recorrência de respondentes oriundos de uma faixa etária muito jovem, situada entre os 21 e os 30 anos, poderá ser influenciada por novas tendências como a Internet e a Web 2.0, propiciadora de uma geração mais proficiente ao nível das novas tecnologias e informaticamente mais competente, mas que também, face às novas configurações do panorama formativo nacional, revela um excesso de recém-licenciados oriundos de cursos de línguas, que encontram na tradução uma saída profissional viável.

Voltamos, neste caso, ao pensamento do sociólogo João Freire quando afirma que a “economia de consumo, a emancipação da mulher pelo trabalho externo e a cultura tecnológica de informação e conhecimento” são os três principais factores que moldam e caracterizam a modernidade tardia que vivemos actualmente:

E não se pode esquecer o papel do alargamento da escolarização e da fantástica explosão de informação e de (algum) conhecimento proporcionada pelas novas “TIC” (vide Castels) que, sem anularem a massificação e unidireccionalidade apontadas à precedente “era da rádio & televisão”, veio no entanto individualizar o uso destes poderosos instrumentos tecnológicos, sobre cujo alcance e usos perversos talvez não tenhamos ainda uma suficiente consciência social. (Freire 1998: 224)

Este facto demonstra a extraordinária amplitude e diversidade de perfis no mercado, tal como fica patente no diagrama abaixo.



**Figura 12.** Idade

Refira-se, contudo, que, no âmbito das entrevistas realizadas, escolhemos propositadamente uma população, na sua essência, experiente, numa faixa etária abrangente, situada, em média, nos 45 anos, com um intervalo de aproximadamente 40 anos, separando o respondente mais novo e o respondente mais velho.

Vejamos, a título exemplificativo, o caso desta tradutora, C.P., que, finalmente, aos 41 anos de idade, depois de resolvidas as questões familiares, descobre a verdadeira vocação e inicia uma nova fase na sua vida, como que respondendo a um chamamento:

Não era esta, de facto, a minha experiência profissional... Surgiu como um apelo de uma amiga tradutora, um desafio para: “Porque não, porque não traduzes?”, numa altura em que eu tive de optar, de fazer opções profissionais. Não me parecia viável optar ou seguir outros caminhos na altura... pareceu-me, até, por uma questão familiar... filhos a crescer, pareceu-me que optar pela tradução literária seria, seria a melhor opção. Na altura, foi uma escolha racional, ou seja, aos 41, as pessoas (...), não me perdi de amores pela tradução, logo de início, mas agora já não era capaz de viver sem isso. (C.P.)

Em contraponto, o discurso desta outra tradutora revela a grande experiência decorrente da idade, apesar da necessidade de aprendizagem e actualização constantes que destaca:

P: Quanto te apresentas como profissional, que qualidades e que valores é que sublinhas?

R: Sublinho o facto de ter uma experiência de muitos anos, em tradução. Sublinho o facto de eu ser bilingue em inglês, por ter vivido 16 anos com uma pessoa inglesa, que é uma experiência acrescida, mesmo do ponto de vista da língua inglesa. Sublinho o facto de nunca ter parado de aprender e, apesar da idade que tenho, continuar actualizada e continuar a dominar as

ferramentas mais recentes e, portanto, não ter perdido o comboio. Ou seja, porque há pessoas que, com muita experiência vão perdendo isso. Se calhar, isso um dia irá acontecer-me, quando tiver mais anos. Poderei ter muita experiência, mas depois não conseguir manter este ritmo de trabalho, poderei não conseguir manter-me tão actualizada em termos de ferramentas, mas, neste momento, se calhar, é a fase ideal. Em que eu ainda consigo manter este ritmo de trabalho, consigo manter-me actualizada e **tenho já muita experiência..., que eu acho que, em tradução, é uma vantagem acrescida.** Porque a experiência de tradução, realmente, traduzir muito leva-nos a escrever muito melhor e a traduzir muito mais rapidamente... eu acho. (M.C.B., nossos destaques)

Vejamos ainda a ligação entre a idade e a realização profissional, nas palavras desta sócia-gerente de uma agência de tradução:

P: Sente-se realizada profissionalmente?

R: Sinto. (...) Primeiro pelo facto de ter uma actividade própria o que..., e gerir uma empresa que é minha..., o que, com a minha idade, sei lá, se tivesse vinte anos tinha outras aspirações. Com quarenta, quase quarenta, acho que é bom, porque dependo de mim e gosto, sinto-me realizada com isso. (S.P.)

Uma afirmação que poderá ser confrontada com esta, de uma tradutora bem mais nova, na casa dos vinte anos, e há cerca de três no mercado, cuja implantação como empresária é feita através de uma complexa duplicação e acumulação de funções, porventura decorrente de alguma falta de maturidade ou experiência, e de uma ambição e vontade de se afirmar profissionalmente, algo que poderá provocar alguma destabilização e tensão em termos da forma como gere, solitariamente, o trabalho, com óbvias implicações a nível pessoal, familiar e logístico:

P: Em termos do seu dia-a-dia, consegue controlar o seu trabalho em termos de autonomia. Por exemplo, sai, tem um horário regular. Quando sai do escritório, fecha o escritório e fecha para a profissão, leva trabalho para casa... trabalho...?

R: É assim, no meu caso, é muito complicado fechar e deixar o trabalho no escritório, depende sempre das fases e das alturas em que há mais procura ou menos. Eu posso dizer que nestes dois meses, eu tenho trabalhado uma média de treze, catorze horas por dia, por isso, o trabalho não fica, não no escritório.

P: E fica onde? Leva para casa?

R: Levo para casa. **Não tenho outra hipótese, porque para além de desempenhar a função de tradutora, eu não deixo de ser a gerente.** (...) Não deixo de ser a pessoa que emite facturas, que tem de estar com clientes, dar orçamentos, todas as outras questões não deixam de passar por mim. Eu não deixo nunca, nunca, e desde que tenho o gabinete, já fez dois anos em Julho,

nenhum trabalho sai do gabinete sem passar por mim. Eu sei que isto me dá o dobro do trabalho, mas nenhum trabalho sai do gabinete sem passar por mim. (A.S., nossos destaques)

#### 4. LÍNGUAS E ÁREAS TEMÁTICAS (DOMÍNIOS DO SABER)

Se, por exemplo analisarmos as apresentações de Brigith Guimarães, em termos de portefólio de trabalhos realizados, na sua página pessoal no fórum ProZ, disponível em <http://por.proz.com/profile/49367> somos confrontados com uma lista extensa de traduções em vários sentidos de língua e diferentes temáticas, com um resultado bastante eficaz em termos de imagem e de profissionalismo, o que revela a polivalência e versatilidade que pretende demonstrar. Paralelamente, a tradutora apresenta ainda algumas amostras de traduções realizadas, em várias línguas, áreas temáticas e tipologias textuais, como cartão-de-visita do seu trabalho (ver Anexo 10).

Contrariamente a outros entrevistados, que apresentam domínios de especialização mais restritos, podemos definir Brigith Guimarães como uma pessoa versátil e polivalente, uma espécie de “faz-tudo”, como se define, com enfoque em várias áreas disciplinares como o Direito, a área financeira, engenharia mecânica e civil, turismo, *marketing*, entre outras, na sequência de uma vasta experiência e aprendizagem constante em termos de vida.

Há, na verdade, um certo paralelismo com outros tradutores em termos de atitude profissional. De facto, é esta mesma postura que A.V.F. preconiza quando, contrariamente a todos os cânones, afirma que “aceita tudo”, como se, perante a concorrência e a desregulação do mercado, este fosse um posicionamento viável e profissionalmente eficaz. Efectivamente, para muitos, tradutores e teóricos da tradução incluídos, esta poderá ser uma atitude de extrema inconsciência ou oportunismo, quiçá no limiar do amadorismo, mas a verdade é que, para um considerável número de profissionais, esta filosofia generalista de tudo abarcar representa a única hipótese possível de competir e sobreviver num terreno ingrato:

Eu costumo dizer aos meus clientes, que uma vez que tenho formação em terminologia e tradução, dado..., portanto, se me derem tempo suficiente, **sou capaz de fazer traduções em qualquer área**. Agora o tempo suficiente..., se for uma coisa de astrofísica, provavelmente terei de ter muito mais tempo do que o cliente tem disponível, não é? (...) **Sou especializada em tradução**. (A.V.F., nossos destaques)

Muitos tradutores destacam-se precisamente pela capacidade de adaptarem as suas competências a vários momentos e várias exigências ou solicitações, o que, por um lado é positivo, mas, por outro, parece ser uma enorme fonte de stress, pela

incapacidade de prever o que o futuro lhes reserva, sobretudo pelo elevado grau de imprevisibilidade associado à profissão, pelo imponderável e pela capacidade de adaptação constante a novos cenários e novos constrangimentos e condicionalismos.

R: (...) efectivamente, é preciso trabalhar com qualidade, investir muito na qualidade e quando digo investir muito, não é necessariamente monetariamente, é também a nível pessoal. Eu costumo dizer que isto de ser tradutor é muito bonito, isto de ser tradutor independente é muito bonito, mas uma pessoa tem de gostar e estar preparada para fazer sacrifícios. Eu trabalho fins-de-semana, às vezes sábados, domingos e feriados e depois dizem, “ai, tu tens muita sorte, tu trabalhas em casa”. Pois, vamos ver como é que eu descomprimo. Vou estender a roupa, vou ver se o bebé está bem.

(...)

P: Voltando à questão dos sacrifícios, tem controlo sobre a sua vida pessoal, familiar?

R: Consigo agora ter vida.

P: (...) consegue ter vida para além do seu trabalho. Provoca-lhe algum stress, provocou, adaptou-se? Falou-me de trabalhar aos fins-de-semana, às noites (...)

R: É assim, no início, como lhe disse, eu fiquei sem nada, eu saí do hospital sem nada. Tive de fazer, pronto arregaçar as mangas e dedicar-me ao trabalho. Como sou uma pessoa mentalmente organizada, registei todos os passos que passei e posso-lhe dizer com relativo orgulho e não com convencimento, que já tive colegas que, como lhe disse, tiraram o curso de tradução e trabalharam sempre como tradutores, e depois disseram “não vou tentar ser independente”, e o meu telefone toca e eu mostro-lhes o meu dossiê, que é o dossiê “Início”. Eu gosto de rotular as minhas pastas no meu computador está tudo organizado. Eu fiz isto, mas agora vocês podem fazer isto em mais tempo, porque eu tive um mês, vocês podem ter 2, 4, 6 meses, com calma. (M.S.).

Contudo, casos há, sobretudo quando falamos dos tradutores jurídicos, como T.S.M. e M.R.V., em que registamos uma tendência contrária, nomeadamente para a elevada especialização, algo que transparece de forma clara no seu discurso, através de uma elevada auto-estima, auto-confiança e assertividade acerca do seu posicionamento, sobretudo quando em confronto com outras áreas:

Sou tradutora especializada, o mais possível. Tenho experiência de trinta e tal anos em traduções de Direito. Estou extremamente calejada. Não é apenas a tradução do Direito, mas a tradução para o processo judicial, que tem requisitos específicos. (M.R.V.)

R: Altamente técnica. (...) Altamente especializada e, sobretudo, se traduzir mal o manual de uma máquina não vem mal ao mundo. Se traduzir mal uma cláusula de um contrato pode causar um prejuízo grave a alguém. (T.S.M.)

.....

Regressando ao questionário quantitativo que serviu de base às nossas entrevistas, colocámos uma pergunta associada precisamente às áreas ou domínios do saber (17. Áreas ou domínios do saber).

Esta questão pretendia verificar quais as áreas consideradas prioritárias, essenciais e estratégicas do ponto de vista do prestador de serviços, mas também do consumidor e cliente de traduções. A pergunta obteve 169 respostas, e consistia numa questão de resposta aberta, sendo pedido aos respondentes que indicassem as principais áreas ou domínios de saber em que se posicionavam e no âmbito das quais exerciam a sua actividade profissional.

Como resultado, sobressairam algumas áreas ou domínios de conhecimento mais frequentes em termos de procura. Por conseguinte, tentámos estudar esta variável, seleccionando as áreas ou domínios mais importantes que são normalmente mais requisitados pelos seus clientes.

A quantidade e a diversidade das respostas permite-nos aferir a abrangência e a dispersão do mercado, bem como as percepções dos profissionais acerca dos campos onde se posicionam.

A área mais procurada, escolhida pela grande maioria dos nossos respondentes é a tradução jurídica, com 66 respostas, num total de 339 respostas. Pensamos ainda que esta tendência para a tradução jurídica se prende com a proximidade desta área a um campo profissional de grande reputação e enorme visibilidade, porque associado com o território profissional dos advogados e tribunais.

Tal como nos confessava uma tradutora que trabalha há 38 anos num gabinete de advocacia:

Adoro direito e assim junto os meus dois amores. (M.R.V.)

Refira-se ainda que, apesar da proximidade com a profissão da advocacia, o papel do tradutor neste domínio não deixa de estar sujeito a tensões e conflitos com outras profissões no domínio da justiça, como revelam estas palavras da mesma tradutora, de onde sobressai a velha questão do estatuto social da profissão:

Somos muito trapalhões [os Portugueses] (...) E quando as coisas são complicadas, fazemos por escrito, com requerimentos por escrito. Evitamos fazer isso, porque depois temos retaliações sistematicamente, sistematicamente, por parte dos tribunais, dos funcionários. Que depois ficam zangados. Mas quando nós tentamos, várias vezes, obter um documento bem feito, e nos é negado, porque as pessoas têm preguiça, porque têm a mania que sabem tudo, etc e tal, e não



conseguimos, e nós sabemos que se a coisa vai mal feita lá para fora, ou não faz efeito ou é devolvida... Mas eles às vezes ficam ofendidos. Sabe, o pequeno poder português é assim, não é do juiz, é dos funcionários, porque os juizes não estão para se maçar com estas coisas e passam para os funcionários, e muitos deles têm uma formação baixíssima e não são capazes de fazer estas coisas. (...) Só que depois temos retaliações. As formalidades do processo demoram mais tempo, desaparecem documentos, há o esquecimento de notificações. Portugal no seu melhor.

(...)

Agora há uma coisa terrível que é os próprios advogados passarem a fazer traduções. Surgem traduções tendenciosas, e às vezes fraudulentas, feitas para um determinado objectivo. É muito complicado, às vezes, isso [a intervenção dos advogados na tradução], porque boicota, às vezes, totalmente um processo. Nós não temos estatuto, no entanto, às vezes, um processo pode ser totalmente boicotado por causa disso. De um erro de tradução, de uma tradução incorrecta. Da interferência de advogados, ou do juiz, porque há juizes que têm a mania que sabem imenso, também, e que não precisam de tradutores, e de repente sai uma versão, que se a pessoa não está atenta, não tem nada a ver com a realidade. (M.R.V.)

A segunda posição foi ocupada por uma modalidade de tradução caracterizado pelos respondentes como puramente técnica, sobretudo nos domínios na engenharia automóvel, onde os indivíduos incluíram tópicos como engenharia mecânica, indústria automóvel, mecânica, etc. (equivalendo a 59 respostas)<sup>212</sup>.

Apresento-me como tradutora técnica, sempre, sempre... com alguma, com algum grau de especialização em engenharia mecânica, indústria automóvel. (M.C.B.)

A tradução de informática, localização, *software* e ciências informáticas foi escolhida por 31 inquiridos como o terceiro mais importante domínio de trabalho, sendo que a tradução literária foi a quarta área mais importante, com 26 escolhas. A quinta posição pertence, em simultâneo, à área médica e das ciências da saúde, bem como à tradução audiovisual.

Como é possível depreender, as áreas diferem de forma considerável, o que multiplica de forma exponencial o âmbito dos serviços prestados, demonstrando ainda o extraordinário alcance da profissão, apesar das três grandes áreas que parecem congrega o maior número de respostas:

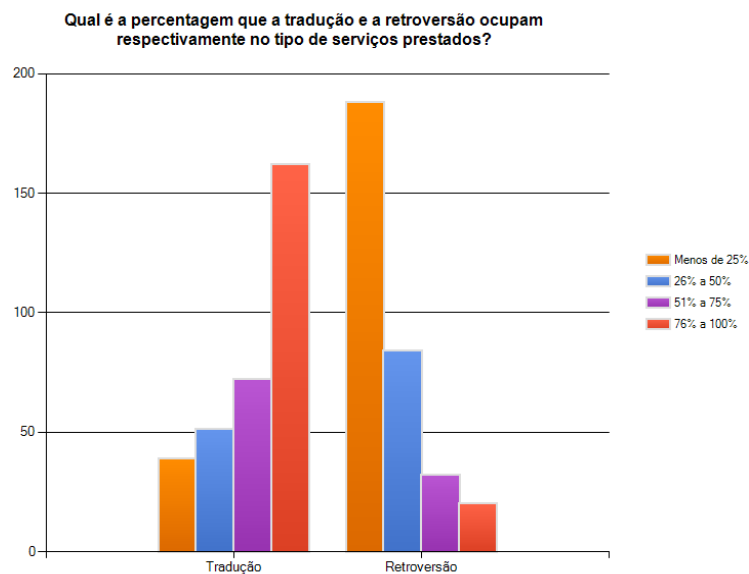
---

<sup>212</sup> Refira-se que esta era uma pergunta de resposta aberta, pelo que solicitámos aos respondentes que colocassem eles próprios a área em que se posicionavam, não tendo sido fornecida qualquer grelha ou matriz com as principais tipologias ou domínios da tradução.

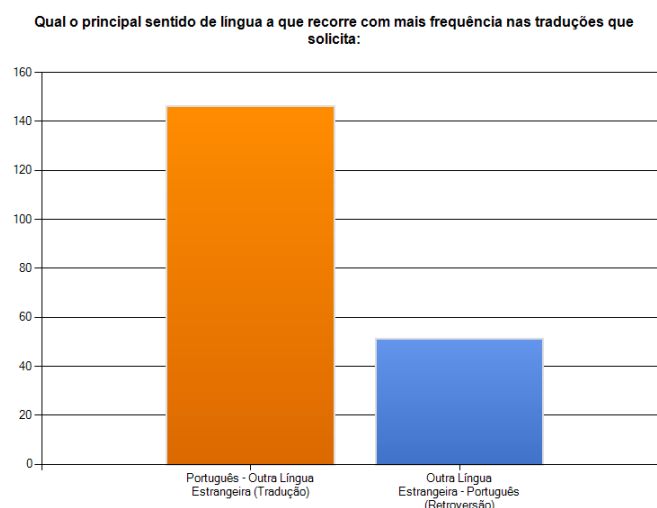
1. tradução jurídica e a tradução de documentos oficiais
2. tradução técnica, sobretudo documentação técnica e textos nos domínios da engenharia mecânica, automóvel e engenharia civil
3. informática e a localização

Por outro lado, e ainda relativamente às línguas de trabalho (pergunta 20. Línguas de trabalho), confirma-se o predomínio do inglês, sobretudo da direcção ING-PT, demonstrando que, na maioria dos casos, a língua materna coincide com a língua de chegada do tradutor.

No entanto, será útil ainda analisar os problemas inerentes à tradução para uma outra língua, sobretudo por nativos de língua portuguesa, isto porque a grande maioria dos sujeitos respondentes é precisamente de nacionalidade portuguesa. Na verdade, muito embora o primeiro gráfico abaixo demonstre que a percentagem de retroversão é reduzida, as respostas que obtivemos quando colocámos a mesma questão aos clientes e consumidores de traduções (segundo gráfico) parecem contrariar esta tendência, significando com isto que a tradução para uma língua estrangeira é, de facto, o serviço mais solicitado.

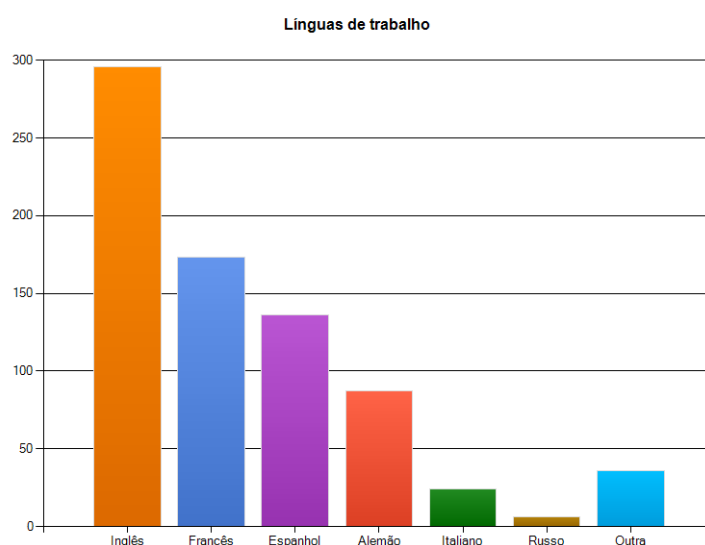


**Figura 13.** Percentagem tradução / retroversão nos serviços prestados



**Figura 14.** Principal sentido de língua

O francês e o espanhol ainda têm uma afirmação significativa no mercado, sendo que o alemão surge apenas em quarto lugar, em termos de procura. Em complemento, adicionámos ao nosso questionário uma rubrica “Outra”, que contou com a inclusão da língua portuguesa, o que representa também o peso do português como língua de partida (LP).



**Figura 15.** Línguas de trabalho

Complementarmente, procurámos ainda verificar o posicionamento dos inquiridos acerca da velha distinção entre a tradução literária e a tradução técnica, razão pela qual colocámos a seguinte questão:

*24. Em termos profissionais, diria que a sua actividade se insere maioritariamente na âmbito da...*

De facto, e apenas na região-alvo do nosso estudo, os tradutores técnicos correspondem à grande maioria do mercado. Efectivamente, a maioria identifica-se e insere-se no campo da tradução técnica, mais de 85%, na verdade (279 respostas, contra apenas 45 do literário), o que é significativo e sintomático de uma realidade em que, metaforicamente, poderemos estar perante um icebergue, cuja ponta é apenas visível à superfície, mas que, sob a água esconde uma imensa massa composta por tradutores anónimos, que escapam ao chamado “star system” a que fizemos referência no capítulo 2, por um lado, cujo trabalho é eminentemente técnico e especializado e que, por outro, tem na tradução uma actividade secundária e complementar.<sup>213</sup>

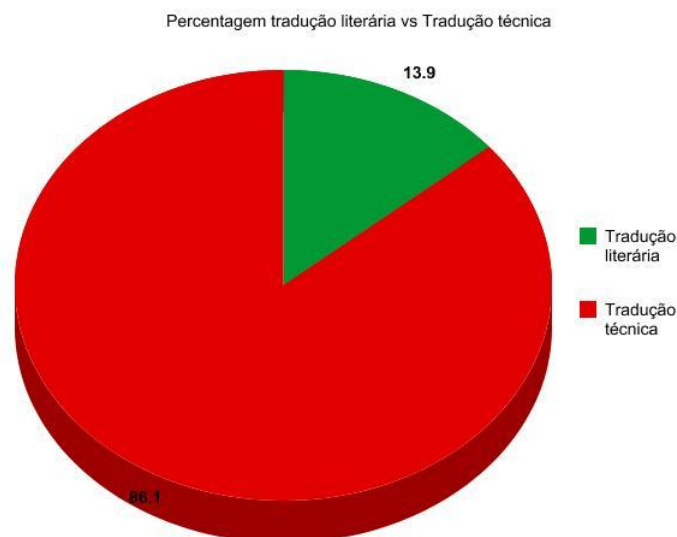
Na verdade, os sujeitos analisados consideram-se prioritariamente tradutores técnicos e anónimos. No entanto, e mais uma vez, o seu discurso encontra-se profundamente marcado por uma posição ambígua e pouco definida ao nível do seu campo profissional, já que, como vimos acima, muitos destes tradutores identificaram-se, de facto, como tradutores literários, tendo elegido a tradução literária como uma área de actividade preferencial.

Não está a ver a entregarem [a obra de] um grande autor, a uma pessoa acabada de se licenciar... certo? (...) Esses títulos estão reservados para... há editoras que... (...) Há um grupo, há editoras fechadas, que são só, **vamos chamar uma elite**. Eu não digo isto com qualquer ressentimento, que queria que isto ficasse bem, bem explícito. **Não há qualquer ressentimento, porque eu não sou uma tradutora profissional.** (C.P., nossos destaques)

Repare-se, por exemplo, na pergunta acima, e sobretudo no modo como a tradução literária foi identificada como a quarta área importante em termos de serviços prestados. Este facto poderá ser explicado pela forma como a tradução literária é uma área de actividade paralela, um complemento, algo que ocorre como um *part-time*, e que, em muitos casos, não é considerada como uma actividade principal.

---

<sup>213</sup> Estes dados deverão ainda ser confrontados com a questão 40 do nosso questionário:  
40. Sente alguma segurança em relação à profissão de tradutor?



**Figura 16.** Percentagem tradução literária vs Tradução técnica

A verdade é que muitos dos tradutores parecem encontrar precisamente no domínio literário a legitimação social e a visibilidade que procuram, e que está ausente ou alheada das outras áreas, acontecendo o mesmo que ocorre com a área jurídica, pela possibilidade de encontro de um discurso legitimador nesses campos transversais e concomitantes, próximos de outras profissões (no caso literário, próximo da componente editorial, revisão ou do *design* gráfico, por exemplo).

Tal como nos confidenciava uma tradutora entrevistada na sequência deste inquérito, a propósito de uma situação passada num contexto relacional específico, em que assistimos à verbalização de uma atitude preconceituosa face à tradução literária:

Agora, não digo, como disse uma professora minha (...), que eu achei isso terrível... Uma pessoa que diz isso, uma pessoa de fora, uma pessoa que não quero estar a mencionar, mas chocou-me... Se uma pessoa que está ali numa formação, a formar tradutores literários e diz: “**Ninguém vive da tradução literária, dá muito jeito para pagar o saldo do cartão de crédito**”, textualmente, na altura, aquilo chocou-me muito. **Não que não fosse, não que não seja uma meia verdade, porque não deixa de ser verdade.** Mas a frontalidade com que isso foi dito diante de futuros tradutores, pessoas que estavam ali para o ser, a pagarem propinas para o serem. Só, de facto, pessoas de muita coragem. Aquele grupo não se levantou e: “Então, vamos embora... **Claro que mais ninguém fez disto vida**”. **Só faço eu e outra que já era.** A pós-graduação não lhe trouxe uma mais valia, porque ela era tradutora técnica e já tinha... foi mais uma questão de gosto pessoal e outros não seguiram isto porque não têm hipóteses de..., não tiveram hipóteses. **A dureza dessas palavras, apesar de chocar, não deixa de ter verdade, que...** (C.P.)<sup>214</sup>

<sup>214</sup> Ver a opinião oposta, pela frieza e selecção de prioridades:

R: Sinto necessidade de... sinto até necessidade mesmo de abandonar um pouco, sair... e deixar tudo isso de lado.

(...)

**Que serve para pagar o saldo do cartão de crédito.** Se calhar, eu custa-me pensar nisto, que me aperta, quando digo isto, chocou-me e apeteceu-me logo protestar e dizer: “Olhe, a senhora está aqui para incentivar”, porque, de facto, estava, e não para dizer: “Não tenham esperanças”, mas de qualquer maneira, **há um fundo de verdade nisso. De três em três meses dava muito jeito se... se pudesse para pagar o cartão de crédito com isso.** E ter, por exemplo... no Brasil, os tradutores recebem ao mês, entregam “x” páginas, não entregam tudo, conseguiram fazer 6 páginas, entregam 6 páginas têm tipo uma avença, não é? Como têm, por exemplo, os contabilistas, os contabilistas têm uma avença, que por lei está estipulado quanto ganham. Há quatro anos eram 150€ mês. Têm várias avenças, tratam meia dúzia de papéis, não é? Lançam meia dúzia de papéis. Têm a avença, quer dizer, porque é que isso não pode haver com os tradutores? (C.P., nossos destaques)

De facto, esta visão acerca da tradução literária como algo pouco reconhecido, à parte, embora com um carácter distintivo e superior, encontra-se profundamente enraizada nas percepções de alguns dos tradutores que falaram connosco, nuns casos, reconhecendo o descrédito que a sociedade dedica à profissão, noutros, como no caso dos tradutores técnicos, admirando e admitindo, mesmo assim, essa impossibilidade. Mas, de uma forma, ou de outra, assinalando essa clivagem, e sublinhando a desvalorização do técnico em detrimento do literário:

Só que a entrega que se põe numa tradução literária... Eu não quero estar a desfazer... E eu acho que é diferente estar a traduzir um manual de um frigorífico ou traduzir um livro. Eu acho, eu peço desculpa por estar a ter alguma espécie de sobranzeria para com a tradução técnica, percebe? Eles ganham muito mais! Mas ganham muito mais. Tomara eu ganhar o que eles ganham na tradução técnica. (C.P.)

Não me parece que prestem muita atenção aos tradutores, com excepção, possivelmente, daqueles que traduzem e que são reconhecidos, que traduzem... fazem tradução literária. Os restantes, não me parece haver grande reconhecimento. É mais um conhecimento de que existimos, e que existe esta profissão. Eu acho que existe a percepção de que, no fundo, é uma coisa que qualquer pessoa consegue fazer. (M.C.B)

---

P: Mesmo correndo o risco de perder um cliente ou um trabalho?

R: Posso perder um trabalho, sim, de certeza que nas duas semanas em que saio perco trabalhos. Mas um tradutor não tem muita opção. As nossas férias não são pagas. Não há uma outra forma de, de sair e isso é necessário. O que eu penso sempre é que..., durante o ano tenho que reunir o dinheiro suficiente para as minhas férias, isso é o que eu tento fazer. Para depois poder ir fazer férias descansada, sem ter que estar totalmente preocupada com a questão financeira. Portanto, isso é o que eu faço sempre. Eu junto o dinheiro para as férias. Quando chegar a altura e eu puder, vou sair duas semanas e, ou pelo menos uma agora e uma mais tarde, mas, no mínimo, duas ou três semanas no ano, eu tiro. (M.C.B.)

Eu, acima de tudo, respeito muito o tradutor literário. Acho que é um exercício, é um exercício de saber, do saber. Eu, com certeza que não conseguiria fazer uma tradução literária. Não conseguia. Não tenho também esse tipo de... esse tipo de perfil para fazer tradução literária. Mas acho que é uma coisa, é uma, uma disciplina à parte na área da tradução. Na própria tradução é uma disciplina à parte.

P: Mas consideras que a tua tradução é igualmente...

R: Gratificante?

P: Sim. E socialmente reconhecida, por exemplo? Não?

R: Acho que não é muito reconhecida. A literária é. A literária... (J.G.)

---

R: [imagem dos tradutores] Talvez um bocadinho negativa ou menor, não sei, não sei bem. Será, se calhar, uma mistura dessas duas, mas acho que não é uma profissão assim com tanto... não sei muito bem... Não é que seja mal vista, mas acho que não dão assim tanta importância e acho que não dão valor. E não pagam, se calhar, o trabalho e nem lhes passa pela cabeça o trabalho que isso às vezes dá, de tradução. Mesmo de um texto literário, de um livro que seja, é algo que dá muito trabalho. Pronto, eu nunca fiz tradução de livros, mas sei de casos de tradutores que traduziram, por exemplo, um livro do português para o italiano de um autor português, e que foi muito mal pago porque, quer dizer. E um livro com 300 e tal páginas, e quer dizer. E não é, à partida, acho que, às vezes, não é bem vista, mas não é... falta-me agora o termo...

P: Reconhecida.

R: .... reconhecida, exactamente, reconhecida como devia, é isso. (M.M.C.U.)

## 5. FORMAÇÃO / BACKGROUND

Em comum com vários tradutores entrevistados, existe sempre a mesma queda para as línguas e uma inclinação comum, apetência ou jeito especial para a comunicação em língua estrangeira. Trata-se de algo que surge desde cedo, e que foi sendo descoberto ao longo das suas vidas pelos vários tradutores que entrevistámos.

Embora, na maioria dos casos, não haja uma formação em línguas de base, a verdade é que as línguas estão sempre presentes, na vida destas pessoas, algo que acaba, mais tarde, por ser concretizado numa licenciatura em Letras, por exemplo, onde esse encontro com as línguas é propiciado, muito embora não haja uma formação ou especialização também em tradução.

Por exemplo, no caso de Brigith Guimarães, desde pequena que estava habituada a conviver diariamente com várias línguas, tendo, nas suas palavras, sempre manifestado grande à-vontade com as línguas. Verificamos, portanto, que a língua surge como denominador comum, que congrega as gentes que se reúnem em torno da tradução. Tendo começado a trabalhar cedo na empresa de família, ligada ao domínio da construção civil no Algarve, o seu contacto com as línguas ocorre precocemente, revelando, como confessa, “uma grande queda para as línguas”, sendo que, por exemplo, as suas melhores notas eram sempre a Inglês.

Em termos de *background* comum com outros entrevistados, podemos destacar ainda o caso de F.C., como alguém que acaba por nos revelar uma experiência bastante pessoal sobre a forma como a tradução e a língua surgiram na sua vida, associada precisamente a uma tradição de línguas na família e à percepção do carácter útil e válido associado à tradução, sobretudo pela forma como, por circunstâncias familiares, em virtude de o pai ser analfabeto, as línguas, via tradução de legendas, entraram directamente na sua vida familiar e fizeram parte integrante do seu convívio quotidiano. Repare-se ainda como a prática translatória surge presente na vida deste profissional, pela forma como, desde cedo, e graças às suas competências linguísticas, “fazia trabalhos de tradução” para colegas e amigos, indicando, em última análise, o modo como, subliminarmente, estas práticas paralelas acabam por estar enraizadas numa mesma tradição comum. E, por último, o modo como a tradução representa um escape ou alternativa à célebre formação em línguas, tradicionalmente conducente ao ensino, por contingências do destino:



(...) **uma sensação um bocadinho pessoal. É que o meu pai é analfabeto, era analfabeto, e então quando nós éramos miúdos uma das coisas que fazíamos era ler-lhe as legendas, percebes? E íamos resumindo os filmes e assim.** Ele gostava muito de cinema, sempre viu cinema, mesmo sem perceber as legendas, gostava mesmo muito. E então, à medida que íamos crescendo, íamo-nos habituando a isso. E assim mais remoto é isso, percebes? Essa situação. Depois, eu e os meus irmãos éramos bons alunos e, principalmente, em línguas e então havia alguns colegas que, quando tinham assim alguns trabalhos, nos perguntavam se podíamos fazer e **lembro-me dessa experiência também, de fazermos alguns trabalhos de tradução em casa para colegas no liceu, sim. Com o dicionário ao lado e tal... e pronto.** E, realmente, **foi um bocadinho por aí, foi perceber que a tradução era alguma coisa de útil, válida para as outras pessoas** e assim... e depois era como te dizia, fazer... saber que se vai fazer uma licenciatura em tradução... em línguas, não é? E procurar, assim, alguma coisa de útil. Eu tinha esse padrão... esse... de profissão... para associar, em vez de estar a pensar só no ensino como a maior parte das pessoas. (...) (F.C., nossos destaques)

Tal como tivemos oportunidade de frisar anteriormente, a tradução surge, neste caso, não só como uma via alternativa, mas também como uma actividade inserida no domínio do trabalho técnico-intelectual, envolvendo a aplicação comercial de um conjunto organizado de conhecimentos de base intelectual, algo que nos aproxima da definição apresentada por Maria de Lurdes Rodrigues (1997), em termos de caracterização deste grupo profissional:

(...) grupos profissionais que, tendo uma qualificação escolar de nível superior, têm também uma potencial autonomia em contexto de trabalho que faz com que resistam, ou não estejam submetidos, à lógica dos processos de racionalização burocrática ou *taylorista* do trabalho nas organizações (Rodrigues 1997: 66/67, citado em Caria 2005: 20)<sup>215</sup>

Ao nível da formação académica, e fazendo a ponte com o inquérito quantitativo, pedimos aos indivíduos que assinalassem o último grau académico obtido. Constatámos, de facto, que a fatia predominante em termos de formação académica é, sem dúvida, a Licenciatura, isto é, 57,7% dos respondentes são licenciados, ou têm um diploma de ensino superior (232 respostas), embora nem sempre na área das línguas. Segue-se, quase ao mesmo nível, o Mestrado, com 15,4% das respostas (62) e a Pós-Graduação (13,9%) com 56 respostas. Praticamente sem expressão, obtivemos respostas que indicam o Doutoramento, com 5,7% (23), Curso Médio ou Bacharelato (2,7%, 11

---

<sup>215</sup> Segundo caracterização de Telmo Caria, o trabalho intelectual integra as vertentes de concepção, organização e planificação da produção de bens ou da prestação de serviços (Caria 2005: 21) e, ao mesmo tempo, é caracterizado pelas “noções de reflexividade e uso ou recontextualização do conhecimento abstracto num contexto marcado pelas actividades sócio-cognitivas e interacção social”. (Caria 2005: 23).

respostas), 11º/12º anos (ou equivalente), com 2,0% (8 respondentes), 9º ano (ou equivalente), com 1,0%, ou seja, 4 respostas e Ensino Básico com 0,5% e 2 respostas. A opção Ensino Secundário não obteve qualquer resposta. Refira-se que apenas responderam à questão 402 elementos, tendo 35 indivíduos não respondido à mesma.

Mais uma vez, verificamos uma considerável dispersão e diversidade de perfis no mercado, com uma especial incidência nas formações de carácter superior.

A este respeito, e como veremos mais adiante, importa saber ainda como entraram ou acederam à profissão (por necessidade, vocação, gosto, “acidente”?), bem como o respectivo posicionamento face à oferta formativa em termos de tradução.

Na verdade, tendo em conta a faixa etária em que estes respondentes se situam, e constatando a proliferação de cursos de tradução e interpretação nos anos 80, e nas últimas décadas do século XX, em Portugal, é perfeitamente natural que tenhamos, hoje, uma geração mais jovem, com habilitações específicas neste domínio até ao nível da pós-graduação, embora sem uma inegável experiência profissional.<sup>216</sup>

A inserção profissional constitui uma realidade complexa e contraditória distante da representação linear, convencional, assente na integração contínua e estabilizada no mercado de trabalho que prevaleceu até à década de setenta do século XX. Actualmente, a maioria dos percursos profissionais de jovens diplomados do ensino superior caracteriza-se pela incerteza, descontinuidade e menor correspondência do diploma ao emprego. A vivência inicial de várias experiências profissionais contribui para que se (re)configurem, em simultâneo e diferentemente, padrões de empregabilidade e trajectórias sócio-profissionais, segmentos de profissionalização e mercados profissionais dotados de regras e procedimentos específicos (Marques 2006 e 2007)

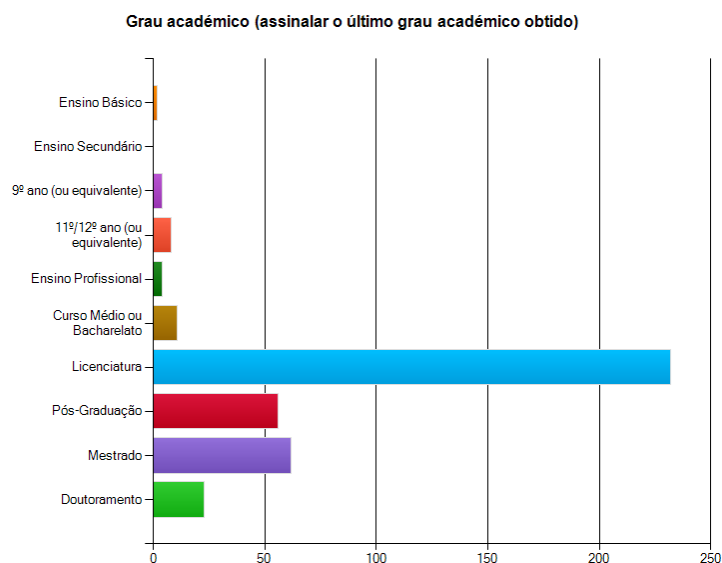
Por outro lado, durante os anos 80 e 90 do século passado, abriram várias empresas de tradução em Portugal, o que corresponderá ao *boom* na procura dos serviços de língua, tradução e interpretação, resultante do processo de adesão de Portugal à CEE, iniciado em Março de 1977, com a assinatura do acordo de pré-adesão em 1980 e, por último, com a adesão plena à União Europeia desde 1 de Janeiro de 1986. De salientar ainda que esta década corresponde ao surgimento dos primeiros cursos de Tradução e Interpretação em Portugal, como demonstram Fátima Dias e

---

<sup>216</sup> Ver, a propósito, o artigo de Fátima Dias (2001), “Translator Training In Portugal: State of the Art”.

De acordo com os dados apresentados por Fátima Dias, existiam, em 2001, ao todo, quarenta e um cursos “em que a formação de tradutores é, se não o objectivo primordial, pelo menos um dos objectivos a atingir.” Dias, Fátima (2001) “A Formação em Tradução em Portugal”, documento em linha disponível em <http://isg.urv.es/ctt/ctt/research/dias.pdf> (Data de acesso: 5 de Maio de 2011)

Rosário Durão, e a consequente necessidade de alimentação de um mercado em formação.<sup>217</sup>



**Figura 17.** Grau académico

Uma das características típicas dos tradutores que entrevistámos reside no facto de, na sua maior parte, por um lado, não terem tido formação específica em tradução, ou seja, são indivíduos que, regra geral “se fizeram” no terreno, construindo a sua profissão com base na experiência profissional prática e, por outro, a tradução, quase ter surgido nas suas vidas como que por acidente, como refere, a propósito, A.C., cuja formação de base é na área da engenharia:

Eu sou tradutor quase por acidente. (...) Mas com muito prazer. (...)  
Porque, a minha, a minha... trajetória até ao primeiro ano da faculdade, foi no sentido da engenharia mecânica. (A.C.)

Tirei a licenciatura na Faculdade de Engenharia, Ciências da Informação, (...) entretanto tirei “Information Technology” no País de Gales, em Erasmus. (...) Estagiei no CEIS20. (...) Mandei vários curriculos para ser “Information Manager” (L.G.)

Ou, neste caso, J.G., cuja formação de base é na área das línguas, mas não especificamente em tradução:

<sup>217</sup> Até então, o ISLA-Instituto Superior de Línguas e Administração era uma das poucas instituições de ensino a ter começado a ministrar cursos de Tradutores e Intérpretes, em 1962 (terá sido mesmo a primeira instituição de ensino superior a formar tradutores, embora mais voltada para o Turismo, se bem que incluindo já Tradução Literária no seu plano curricular), e mais tarde em 1989, o curso de Tradução, em Vila Nova de Gaia. Segundo dados de Dias (2001), o curso de Tradução do ISAI, no Porto, terá sido criado em 1999 (Tradução 1986; Interpretação 1992), sendo que o curso do ISLA-Lisboa data de 1993 (Bacharelato 1986).

Eu quando... eu não fiz cursos de tradução. O meu curso não é de tradução. A primeira vez que me deparei com uma tradução, ora bem, fazemos exercícios práticos de tradução no âmbito de apurar os nossos... as nossas competências linguísticas. Fazemos retroversão, na parte académica, não é? (J.G.)

Brigith Guimarães, por exemplo, não tem formação de base em tradução, “fez-se sozinha”, como refere, e não é especializada em tradução, contrariamente aos dados que recolhemos sobre a formação dos tradutores e à forma como chegaram à profissão, constantes no nosso inquérito, no qual, à pergunta “Possui formação específica em Tradução?”, a maioria dos respondentes afirmou “Sim”, com uma percentagem de 69,3%, isto é, 269 respostas. 30,7% responderam negativamente, totalizando 119 elementos. A pergunta contou com a resposta de 368 indivíduos, não tendo respondido 49.



**Figura 18.** Formação específica em tradução

Noutros casos, a paixão e o gosto são os fios condutores de uma escolha pessoal e profissional:

Desde miúda que adoro traduzir (...) (M.R.V.)

Ainda relativamente a este ponto, quisemos analisar, em concreto, o peso da formação realizada, em termos da dicotomia “generalista” vs “especialista”, tendo colocado a seguinte pergunta ao nosso universo de estudo:

### ***13. Essa formação em tradução é de carácter...***

Na verdade, trata-se de uma questão bastante sensível, porque possibilita o cruzamento com uma outra pergunta que visava aferir se os tradutores inquiridos se

consideravam generalistas ou especialistas, permitindo ainda verificar o seu posicionamento a esse nível.

A maior parte dos respondentes fez formação de carácter generalista, o que supostamente demonstra, de novo, a amplitude das ofertas e a ausência de uma especialização clara e inequívoca. Revela igualmente a forma como se colocam perante o mercado e onde se situam exactamente em termos da dicotomia especialista / generalista, já que o rótulo “generalista” é suficientemente abrangente e permite aceder a vários mercados em simultâneo.

No entanto, quando inquiridos neste sentido, a variação nas respostas não foi assim tão acentuada, já que 55,2% responderam “Generalista”, ou seja, 155 respondentes, enquanto 44,8% indicaram “Especializado” (126 respostas). Refira-se que 281 pessoas responderam à pergunta, tendo 156 indivíduos optado por não responder.



**Figura 19.** Formação de carácter generalista ou especializado

Mais uma vez, e fazendo o confronto com as entrevistas realizadas, uma das constatações principais aponta para o facto de a tradução implicar um enorme grau de especialização, algo que nos remete para as definições de “specialism” de Klein (Klein 1976) e de “trabalhador de tipo novo”, “empresário de si próprio” de Sá (Sá 2010), elementos formadores do conceito de “profissional” e que encontram reflexo nas palavras dos tradutores com quem falámos:

Este “tornar-se empresário de si próprio”, em que cada um se transforma num recurso, num capital que é preciso fazer render, está associado ao que Aubert e Gaulejac (1991) chamam o “gosto pela excelência” e corresponde a uma maneira de estar no mundo e a um modelo cultural de comportamento que parte dos valores da acção, da conquista, da *performance* e do sucesso. Uma apologia do fazer, do pragmatismo e da acção. Essa “excelência” é bem diferente da

aprendizagem de um ofício – associada à perfeição, ao saber “fazer bem uma coisa”, que corresponde a um saber que se vai acumulando com o tempo (...) (Sá 2010: 100)

Por exemplo, quando inquirida sobre o seu estatuto profissional e, sobretudo se, em termos do binómio especialista/generalista, considera que a sua área é especializada num domínio técnico ou generalista, T.S.M. responde de pronto, com enorme auto-estima, assertividade e confiança, estabelecendo claramente a diferença entre o domínio técnico e o jurídico:

R: Altamente técnica. (...)

P: Portanto, considera-se altamente profissionalizada...

R: E com uma responsabilidade muito grande

R: ...e altamente profissionalizada em termos de atitude (T.S.M.)

Já, por outro lado, A.V.F., tradutora técnica responde de forma algo contraditória à seguinte pergunta, revelando, por um lado, uma especialização, mas por outro, uma polivalência e versatilidade que lhe permitem aceitar qualquer tipo de trabalho, isto se dispuser de tempo suficiente para tal:

P: Considera-se uma tradutora técnica, especializada, ou generalista? Como é que se apresenta perante os clientes?

R: **Especializada em tradução.** (...) **Portanto, eu isso explico bem aos clientes, eu sou especializada em tradução.** (A.V.F., nossos destaques)

Ou, neste caso, a apologia da versatilidade e polivalência ao nível das competências:

Podia ter sido outra coisa. Eu sinto-me uma pessoa um bocado versátil. (J.G.).

Importante, no entanto, será destacar o enfoque que todos parecem colocar ao nível da especialização na tradução, como neste caso:

Considero-me **especialista em termos de tradução** e **considero-me generalista em termos de interesses...** de interesses. (A.C.)

Ainda no mesmo quadrante, e analisando a questão das competências e formação, retomamos a entrevista de A.C. quando, a propósito das actuais licenciaturas de tradução, refere um episódio em que constata o elevado nível linguístico dos estagiários ou recém-licenciados, em contraponto com o défice ao nível dos conhecimentos técnicos e especializados:

(...) vieram aqui conversar comigo e tal, e depois de ter havido aqui algumas finalistas que tiveram bons resultados, eu verifiquei uma coisa curiosa. Os conhecimentos de alemão dessas finalistas, por acaso eram só raparigas, era muito bom. Era muito bom, desde até ao domínio da língua, era muito bom. **Em relação às partes técnicas, depois eu aqui dava-lhes dos textos que me apareciam para traduzir, e então aí viam-se atrapalhadas. Viam-se atrapalhadas** porque não sabiam, por exemplo, o que era uma caixa de velocidades, não sabiam o que era isto ou aquilo, de maneira que muitas das nossas conversas, não é, eram em português, porque interessava-lhes não era saber o nome da caixa de velocidades em alemão ou isto ou aquilo, interessava-lhes saber o que era uma caixa de velocidades ou o que era um parafuso, ou o que era um passo do parafuso e não sei quê, ou seja, **essas coisas que nós, que eu tive no meu curso de tradutor, de documentação técnica.** (A.C., entrevista)

E mesmo quando entrevistámos tradutores literários, a mesma questão da especialização surge frequentemente no seu discurso, sugerindo que, para além da componente afectiva, há uma dimensão real e objectiva que obriga os tradutores a envolverem-se e a aceitarem, ainda que contrariados, outros trabalhos mais específicos, em domínios especializados e técnicos, descrevendo um perfil mais generalista e polivalente:

Eu acho que já consigo discernir um bocadinho, e tu também conheces o suficiente para saber que o literário não é exclusivamente literário. **O tradutor... são poucos os tradutores que eu conheço exclusivamente literários e que só fazem literatura.** Muito frequentemente estão associados a uma editora e, portanto, têm que fazer também, às vezes, outros livros, de culinária, de referência política, de referência técnica, por vezes, mas situo-me mais nessa área, **daquilo que eu chamo tradução para edição, para os editores, para os que publicam.** No entanto, também faço, também tenho feito, e com várias empresas de tradução, muita tradução técnica. Dos manuais de instruções, dos textos de marketing, para *press releases* ou outra coisa qualquer, dos textos para colocação na internet, em páginas da web... bom, igualmente, também já fiz, embora com muito pouca intensidade, também já fiz, até, interpretação, tradução consecutiva, tradução de acompanhamento, em que estava com clientes ou trabalhava para clientes directamente, e portanto não era propriamente sequer a tradução escrita, em que estava empenhado aí. Mas as áreas são muito diversas. **Generalista, sim,** sei lá, se eu disser que também já traduzi textos de jornal para clientes, ou de revistas para clientes que precisavam de saber se iam àquela feira comprar aquele produto e precisavam daquelas informações porque a tinham numa revista especializada, pois já fiz, já fiz. (...) Já fiz certificados, já fiz certidões, quer dizer esse tipo de coisas que também passam pelos gabinetes de tradução, também já me passaram pelas mãos. (J.P., entrevista)

E, curiosamente, mesmo do lado da tradução dita técnica, encontramos o caso de um tradutor essencialmente especializado nesse domínio e que, à mesma pergunta, responde da seguinte maneira, eventualmente tentando abrir, assim, o leque das ofertas em termos de abrangência e amplitude do mercado:

P: Como é que te defines como profissional? O que é que te distingue do resto, da concorrência, por um lado, e como é que tu te apresentas? Tradutor técnico? Generalista? Especializado?

R: **Nesta altura, generalista, tradutor generalista. Generalista.**

P: É assim que tu te vês?

R: Generalista, portanto, exceptuando determinadas áreas do saber. Não traduzo jurídica, nem economia.

P: Mas é assim que te consideras? Tradutor generalista?

R: Sim, sim. Generalista, exceptuando determinados tipos de..., estas duas áreas do saber, que é o jurídico e a economia. (J.G.)



## 6. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

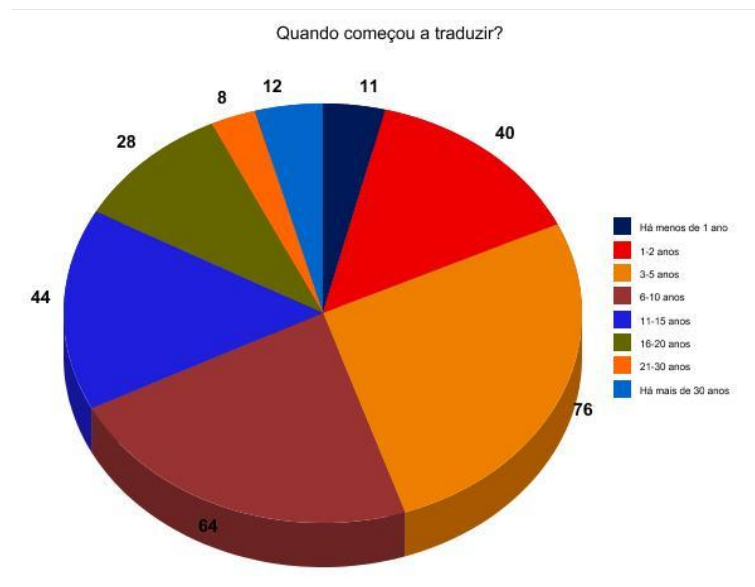
Como referimos noutro ponto, Brigith Guimarães traduz há nove anos. Este tema, interligado com a alínea anterior, remete-nos para uma outra questão também colocada ao universo de tradutores da região norte de Portugal, nomeadamente através da pergunta “47. Quando é que começou a traduzir?” do nosso questionário.

As respostas a esta questão revelaram um perfil de respondentes bastante jovem, o que coincide com as respostas acima indicadas na pergunta 4 do mesmo questionário, que apontavam para um grupo de tradutores com pouca experiência. Quanto à idade, nota-se a existência de uma maioria de respondentes oriundos de uma faixa etária muito jovem, situada entre os 21 e os 30 anos, que poderá ser designada como pertencente à geração do alfabetismo ou literacia computacional.

A maior parte dos inquiridos está no mercado há pouco tempo, ou seja, começou a trabalhar nos últimos 3 a 5 anos (26,9%, com 76 respostas). Em segundo lugar, em termos de experiência profissional, os tradutores referem estar no mercado entre 6 e 10 anos (22,6%, e 64 respondentes). É neste segmento que Brigith Guimarães se insere, tal como grande parte dos tradutores que entrevistámos, com excepção de casos, como o de A.C, que está há quarenta anos no mercado:

Na Alemanha, com visita a empresas de... Lembro-me perfeitamente que visitámos a BMW, que é em Munique, do ramo de automóveis, várias fábricas de máquinas de ferramentas e tal, com aquelas explicações todas, desde o tal parafuso ao passo e tal, até à maquina de ferramenta complicada, o que é que ela faz, como é que funciona, como é que não funciona. Essas coisas todas e tal. Estive lá até, o curso terminou em 1979 em Julho, precisamente no dia em que o americano pisou a Lua, não vi a transmissão directa, o directo, porque no dia seguinte tinha o exame final, de maneira que... e em Outubro desse ano, **olhe está precisamente nestes dias a fazer quarenta anos, nos primeiros dias de Outubro de 1969 que eu comecei a trabalhar.** (A.C., nossos destaques)

Em terceiro lugar, encontramos indivíduos que trabalham como profissionais há 11 e 15 anos, inclusive (15,5%, 44 respostas).



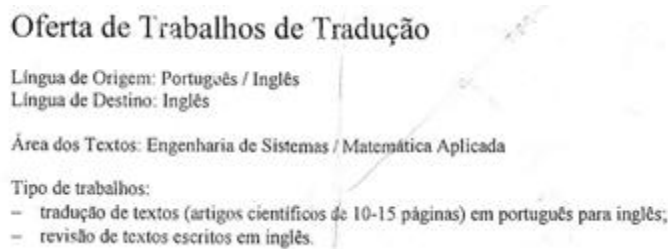
**Figura 20.** Ano em que começou a traduzir

No cômputo geral, e em termos relativos, constatamos a existência de sujeitos com pouca experiência no terreno, muitos deles recém-licenciados, já que 3 a 5 anos de actividade será escasso e até mesmo insignificante em termos de impacto profissional no mercado, bem como de desenvolvimento da maturidade e competências necessárias para poder ter sucesso num mercado tão competitivo e volátil como este. Será importante destacar a questão da relativa inexperiência desta maioria, aliada ao crescimento exponencial de oportunidades e ofertas de trabalho resultantes dos novos formatos de comunicação e publicitação de emprego, potenciados pelo *marketing* nas redes sociais e mídia sociais (*social media*), comunidades virtuais e novas plataformas de trabalho colaborativo e interactivo *online*.

Por outro lado, como já frisámos, o mercado está recheado de “biscateiros”, uma multidão em trânsito entre profissões e tarefas, que olha para as línguas e tradução como uma oportunidade de obter um rendimento fácil, através de pequenos projectos de ocasião, sem grande investimento pessoal em termos de trabalho, e também sem grande comprometimento em termos éticos e profissionais. Simultaneamente, este descrédito na profissão e facilitismo surgem igualmente associados ao lado dos clientes e consumidores de serviços de tradução, revelando uma certa forma menor de conceber a profissão.

De facto, não podemos deixar de partilhar um caso em que estivemos envolvidos de perto, e que revela bem o panorama caótico da procura de serviços de tradução, sobretudo quando associado à questão da experiência (ou manifesta falta dela). Trata-se, na verdade, de um panfleto distribuído há menos de uma década atrás, à porta das salas

de aula dos primeiros anos do, então, curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas da Universidade do Minho, onde, camuflado sob uma pretensa oferta de trabalhos de tradução, era solicitado um serviço de tradução de carácter bastante específico e altamente especializado a alunos sem qualquer grau de licenciatura ou formação especializada no domínio da tradução:



**Figura 21.** Exemplo de oferta de trabalhos de tradução

Como vemos é notória a extraordinária amplitude e abrangência das múltiplas ofertas profissionais associadas à tradução, revelando, eventualmente, uma deficiente definição do seu campo profissional e, porventura, até, o seu próprio esvaziamento e indefinição. Disso é exemplo este email, com o título “assim, Portugal não irá p/ a frente (avançar) c/ estas ofertas de emprego”, publicado por um cidadão brasileiro a residir em Portugal, membro da lista Trad-Prt, comentando, de forma irónica e corrosiva, um anúncio, no mínimo anedótico, de procura de tradutores:

PROF: assim, Portugal não irá p/ a frente (avançar) c/ estas ofertas de emprego  
To: [trad-prt@yahoogrupos.com.br](mailto:trad-prt@yahoogrupos.com.br)  
Olá, pessoALL.  
Só uma mensagem rapidinha pois estou com muitos trabalhos...  
Será que li certo? 25 euros por dia com inglês muito bom, espanhol bom e francês bom para evento técnico?  
Acho que vou escrever para esta senhora e dizer que ela está muito por fora da realidade do mercado...  
Abraços e bons trabalhos,

-----  
Tradutores para evento  
Zona mais emprego Lisboa Empresa:  
Categoria mais emprego Serviços Técnicos Tipo: Part-Time  
Referencia # 980146 Data: 21-5-2010

Anúncio:

Necessitamos de 2 tradutores evento técnico, a realizar em Setembro.

Funções:

- Apoio à sala de formação

Requisitos:

- Simpatia;
- Capacidade de comunicação;
- Inglês muito bom
- Espanhol bom
- francês bom [sic]
- Conhecimentos básicos de informática;
- Boa apresentação;

Condições de contratação:

- Os candidatos deverão estar em condições de passar recibos;
- O evento será dias 27 e 28 de Setembro, sendo que será necessária a presença dia 24 nas nossas instalações para briefing e preparação do material;
- O evento terá uma duração aproximada de 8 horas;
- A remuneração será de 25€/dia;
- A alimentação da responsabilidade da empresa;

Condições para candidatura :

Os interessados deverão enviar os C.V. para \*\*\*

Com o C.V. os candidatos deverão obrigatoriamente incluir as razões que levaram à sua candidatura.

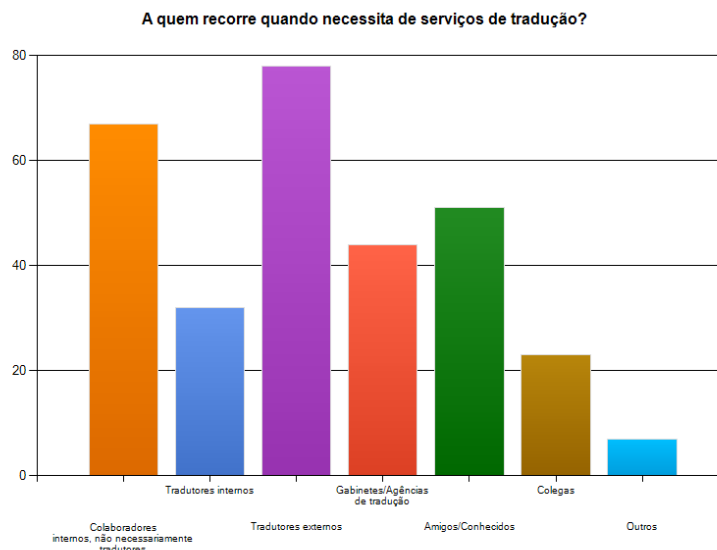
Obrigada!

A forma como a tradução é vista no exterior, pelos clientes e utilizadores deste serviço, encontra-se bem patente nos dados que, a seguir, apresentamos, resultantes de outro questionário que aplicámos junto de empresas e instituições que consomem traduções, e cuja análise aponta para uma considerável percentagem do sector amador e informal, leia-se amigos, colegas e conhecidos, associado à prestação deste serviço.

De facto, os dados comprovam que a tradução é uma actividade precária, instável, residual e menor, com inegável interesse para as empresas, é certo, muito embora, enquanto despesa, seja sempre algo colocado em segundo plano e constantemente adiado, e que, muitas vezes, funciona através de “cunhas”, conhecimentos e recurso a amigos, amadores e/ou redes relacionais de pessoas com conhecimentos de língua, ou até mesmo a Internet, que façam o trabalho, de preferência gratuitamente, ou quase simbolicamente<sup>218</sup>. Foi este o resultado obtido quando colocámos a seguinte questão aos clientes e consumidores de traduções: “A quem recorre quando necessita de serviços de tradução?”

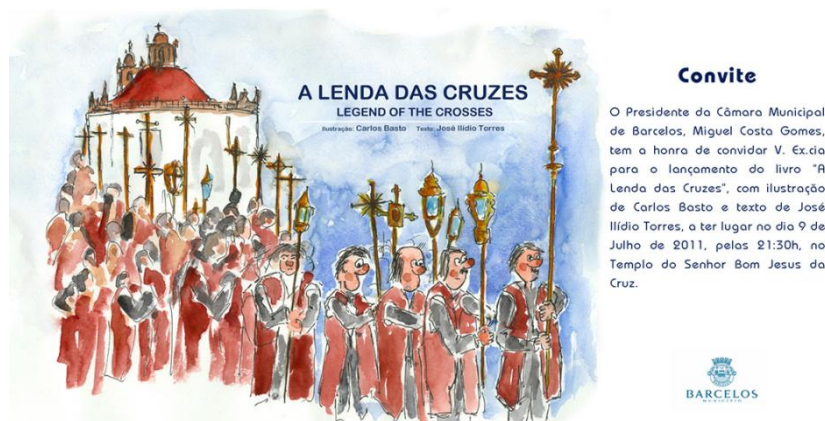
---

<sup>218</sup> A este propósito, convocamos uma divertida conversa com uma colega acerca da forma generosa como prestava serviços de revisão de artigos científicos, de forma gratuita, serviços estes que eram invariavelmente gratificados através da “enésima oferta de mais uma jarra da Vista Alegre, uma peça da Atlantis, uma carteira ou artigo de decoração para o lar”.



**Figura 22.** A quem recorre quando necessita de serviços de tradução?

Prova do amadorismo e da visão externa sobre a actividade da parte dos consumidores e agentes políticos e culturais é o caso que aqui relatamos. Recentemente, a Câmara de Barcelos publicou o livro *A Lenda das Cruzes*, com ilustração de Carlos Basto e texto de José Ilídio Torres, e que contou com uma versão bilingue, em língua inglesa, algo que é facilmente deduzível pela análise do convite anexo.



**Figura 23.** *A Lenda das Cruzes* (edição bilingue)

Tendo em conta a qualidade da obra, bem como o seu interesse e oportunidade, aproveitámos para contactar o autor sobre a tradução do mesmo, tendo recebido a seguinte resposta:

(...) o livro é uma edição da Câmara Municipal de Barcelos, que é proprietária dos direitos. O livro, destinado a um público mais juvenil, tem texto meu e aguarelas de Carlos Basto. É uma edição bilingue (Português e Inglês), com tradução na própria página.

Quando questionado sobre o tradutor, o autor remete-nos para outra instância:

(...) neste momento não tenho aqui o nome do tradutor, **mas sei que foi um rapaz que trabalha no centro de Turismo de Barcelos.** [sic]

Por fim, conseguimos contactar o Gabinete de Comunicação da referida Câmara no sentido de saber quem seria o autor da tradução, cujo nome não aparece na capa, tendo obtido a seguinte resposta:

Em referência às questões enviadas à Câmara Municipal de Barcelos, a propósito de "A Lenda das Cruzes", informamos o seguinte:

1. A edição de "A Lenda das Cruzes" é da Câmara Municipal de Barcelos. Trata-se de uma iniciativa do Pelouro da Cultura, que organizou a sua publicação no contexto de um projecto mais vasto de reabilitação das lendas do concelho;
2. José Ilídio Torres não é o autor do livro. É apenas autor do texto, uma vez que as ilustrações são do pintor Carlos Basto. A participação neste projecto foi a convite daquele Pelouro;
3. A tradução foi feita por **um jovem licenciado, a título gracioso**. Qualquer contacto por nós fornecido carece de autorização do próprio. **(nossos destaques)**

Até hoje, ainda não nos foi possível contactar pessoalmente o dito “jovem tradutor” que terá, de forma graciosa e generosa, feito a tradução para a língua inglesa, deste importante objecto de divulgação cultural e etnográfica.

Por outro lado, como revelam os seguintes exemplos, a tradução pode sempre ser vista, confortavelmente, como um útil recurso de emergência, em caso de necessidade, como revela esta declaração contundente de uma das profissionais no terreno:

Porque há muitos professores desempregados que se tornam tradutores, há muitas pessoas que vêm de fora, que retornaram, e são tradutores, portanto, o mercado da tradução está completamente estragado por pseudo-tradutores, não digo que todos trabalhem mal, mas grande parte. (T.S.M.)

Neste outro caso a que tivemos acesso, estamos perante alguém que lança um apelo para um emprego em nome de uma familiar, através das redes sociais, nomeadamente o Facebook, colocando a tónica em valores dificilmente mensuráveis como a paixão pelas línguas e pela tradução (nossos destaques):

Bom dia,  
Chamo-me I.C. e ando a ajudar a minha irmã a procurar emprego na área dela que é a tradução. A minha irmã chama-se E.G., reside em Braga e é licenciada. Ela frequentou a Universidade da Sorbonne em Paris e a UM em Braga mas para isso tem de ser ela a explicar melhor num

eventual curriculum. O que gostaria de saber é se procuram uma pessoa como ela com uma paixão pelas línguas? Eis as línguas que ela estudou e algumas delas fala e escreve: francês, inglês, alemão, russo, espanhol, italiano, árabe e chinês. **Só não as aprendeu todas na perfeição porque não teve tempo para isso.** Ela **tem uma paixão imensa pela tradução mas não consegue arranjar emprego nessa área apesar de já ter feito alguns trabalhos de inglês para francês e português para francês.** Será possível ela enviar o seu curriculum ou ir directamente falar convosco uma vez que ela mora perto da vossa sede? Por favor dêem-lhe uma chance pois ela é uma pessoa muito dedicada e como já disse com uma paixão por línguas como não conheço mais ninguém.

Obrigada pela vossa atenção.

Aguardo ansiosamente uma resposta.

Como vimos, Brighth Guimarães desempenha as tarefas de tradução em regime *freelancer*, em *part-time*, já que trabalha quase a tempo inteiro numa empresa ligada à indústria metalomecânica. Ao longo destes últimos 7 anos, foi começando a aprender e a dar os primeiros passos na profissão, inicialmente para ajudar uma colega, não tendo, por conseguinte, qualquer formação de base em tradução.

Pela forma como Brighth Guimarães gere a sua agenda, a percentagem de tempo de trabalho dedicado à tradução é variável, embora seja algo quase obsessivamente presente, sobretudo pela forma apaixonada como vive e sente e profissão.

Transpondo esta questão para o nosso inquérito *online* verificamos, por exemplo, que a pergunta 48. “Percentagem de tempo de trabalho dedicado à tradução (por mês)” se encontra relacionada com a resposta à questão 46<sup>219</sup>, acima, já que permite estabelecer a comparação com a percentagem de ocupação profissional em termos de dedicação efectiva ao trabalho.

A maioria das respostas aponta para uma percentagem inferior a 25% de tempo mensal dedicado à tradução (33,2%, ou seja, 94 respostas), o que está em consonância com as conclusões retiradas no ponto 46, já que, no seu cômputo geral, o somatório das duas variantes acaba por superar a tradução como actividade principal. Em segundo lugar, encontramos profissionais que dedicam entre 26% e 50% do seu tempo mensal à tradução, com 58 respondentes (20,5%), o que, de novo, revela o carácter inconstante da actividade.

De forma interessante e paradoxal, na terceira posição, temos, finalmente, pessoas que se dedicam a tempo inteiro, ou seja a 100% à tradução, o que não deixa de ser revelador do amplo espectro e da diversidade e heterogeneidade do universo estudado (com uma percentagem de 18,4% e 52 respostas).

Os dados são igualmente reveladores e geradores de alguma perplexidade porque, muito embora possa ser considerada como uma actividade principal para a

---

<sup>219</sup> 46. “Em termos pessoais, o seu exercício profissional da tradução pode ser considerado...”

maior parte dos tradutores inquiridos, a verdade é que, no entanto, estes parecem só dedicar 25% do seu tempo ao trabalho. Trata-se de algo que merece uma análise e reflexão cuidadosas, de forma a justificar o facto de a tradução, em muitos casos, não poder ser considerada uma actividade principal, conforme demonstrado nesta afirmação de M.M.C.U.:

P: Ou seja, como é que se define em termos de postura profissional? Tradutora profissional, em part-time?

R: Em part-time.

P: A tradução ocupa muito peso na sua vida em termos profissionais?

R: **Ocupa algum, e claro que eu gostaria que ocupasse muito mais e que fosse o meu trabalho a tempo inteiro, ou seja aquilo que eu faço a tempo inteiro, mas infelizmente é um part-time que eu tenho a par da profissão que agora tenho.**

P: Portanto, exerce profissão como professora.

R: Exactamente, sim, sim.

P: Do secundário?

Do secundário, do terceiro ciclo e secundário de espanhol, só.

(...)

P: E portanto as traduções só ocorrem aos fins-de-semana, à noite?

R: Sim, normalmente é isso que eu faço. Como durante o dia estou ocupada a dar aulas, à noite ou aos fins-de-semana é que me dedico a fazer as traduções, exactamente?

As hipóteses que se colocam, neste ponto, remetem-nos para a precariedade da profissão e para o facto de, em muitos casos, os tradutores acumularem cargos e funções, estando, muitas vezes, envolvidos em actividades paralelas, fora do domínio da tradução, como no depoimento que apresentamos abaixo, no qual verificamos que a opção “formadora” permite o contacto com o exterior, o “sair de casa” que parece faltar à vida desta profissional:

Eu pronto, às vezes também preciso de um contacto, e por isso eu não largo a formação. Porque a formação permite-me... eu posso dizer que dou formação na Escola de Hotelaria e Turismo do Porto a cursos variadíssimos, dou formação em algumas empresas que me conheceram como tradutora e viram que eu era formadora e precisam. Porque a formação é uma área que efectivamente faz falta e depois pronto, claro que não é “chapa 5”, eu tenho vários cursos programados e depois ajusto. Se vou a uma empresa de automóveis, vou ajustar o curso de inglês a automóveis, ou seja do que for a automóveis, também já dei um curso de português, mas português para..., chamamos-lhe reciclagem ou qualquer coisa. No fundo, eram pessoas que ascendem na carreira, a nível interno da empresa e que passaram, sei lá, um assistente administrativo ou de uma secção qualquer, tem que adequar o discurso. E no fundo o que é que

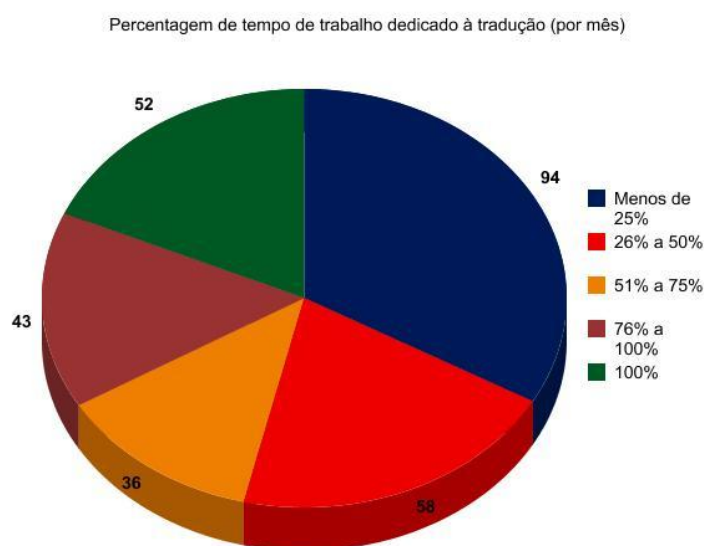


há? Há umas sessões de formação intensíssimas que vão desde os tempos verbais aos conjuntores, e tudo o que for português a situações práticas como lidar com uma reunião, como redigir um documento tão simples como um memorando de alguma coisa, uma acta de uma reunião. Parecendo que não, agora as pessoas não contratam ninguém de fora e utilizam os recursos internos, e isso também é uma área que está a ter uma grande expansão e eu lá estou a contactar com pessoas completamente diferentes e por isso saí de casa. (M.S.)

A título de curiosidade refira-se, por exemplo que, quando iniciámos o nosso estudo, contávamos com um universo de cerca de 900 tradutores, dos quais, hoje, cerca de 20 a 25% já estarão fora do mercado. Trata-se, na verdade, de um universo bastante fluído, instável e móvel, porque inconstante e, como tal, de difícil fixação.

É o caso de alguém que contactámos e cuja apresentação na internet, jornais e outros forúns era suficientemente convincente acerca da sua postura profissional e que, quando contactado para a realização de uma entrevista posterior, nos respondeu que, de facto, tinha “feito umas traduções para ganhar uns trocos” (sic), quando estudava Engenharia, mas que, entretanto, tinha desistido da profissão e que agora estava na Suíça, dedicando-se a outro ramo de actividade, porque a tradução “simplesmente não dava em Portugal” (Francisco de Sousa Caselhos, *Xico*).

Como vimos acima, muitos destes tradutores estão envolvidos noutras actividades, sobretudo associadas à área das línguas como professores, explicadores, secretárias/os, assistentes de administração, ou outros, sendo de destacar a enorme amplitude que os dados nos revelam, em termos de variabilidade entre dois pólos opostos, como é possível constatar pela análise da figura seguinte.



**Figura 24.** Percentagem de tempo de trabalho dedicado à tradução (por mês)

Recordemos, por último, que, para efeitos das nossas entrevistas, procurámos que os tradutores visados tivessem mais de cinco anos de experiência no mercado, tentando, sempre que possível, conciliar um maior e menor índice de experiência de uma forma harmoniosa e coerente.

Como podemos constatar, três dos tradutores mais experientes que entrevistámos já trabalham há cerca de quarenta anos, respectivamente nas áreas técnica e jurídica (A.C., M.R.V., G.L.), sendo que o tradutor mais jovem estará sensivelmente há cinco anos no mercado. No meio, teremos, em média, um grupo de tradutores cuja experiência se situa entre os 10-15 anos, nalguns casos eventualmente mais, em termos profissionais.

Nesta citação, por exemplo, encontramos sintetizada toda uma experiência profissional, por um lado, bem como o tipo de relação afectiva estabelecida com o trabalho, em termos de regime laboral, já que a tradutora sublinha claramente o aspecto de ter um *part-time*, a par de um considerável índice de satisfação pessoal:

Traduzo há 34 anos (...) Desde miúda que adoro traduzir (...) Gosto muito do direito e da justiça, e da parte abstrata, de maneira que tenho sido muito feliz profissionalmente nesse aspecto. É uma coisa em que ainda muitas vezes me espanto, como é que me pagam para me divertir tanto. (...)

Tenho sido muito privilegiada até agora (...) trabalhei sempre num regime de part-time, sem horário, ganhando decentemente, e fazendo aquilo que gostava muito. (M.R.V.)

## 7. INÍCIO

No entanto, apesar do seu contacto com as línguas em contexto empresarial, Brigith Guimarães nunca tinha pensado em seguir tradução, como uma opção de carreira profissional.

Já os tradutores que entrevistámos oscilam entre duas ou três grandes vertentes, a saber, uma vocação muito forte, desde cedo, que se manifesta desde criança e que motiva o facto, de mais tarde, virem a enveredar pela tradução, como é o caso de M.R.V., I.C.J. e A.V.F., e outros em que a tradução se manifesta num momento posterior da vida, por acaso, através de um momento epifânico, quase por coincidência do destino, como é o caso de P.E.C., A.C. e Brigith Guimarães, por último, aqueles que se fizeram na prática como profissionais, com realismo e objectividade, como é o caso de J.G., J.P., T.S.M. e M.S..

Na verdade, muitos destes tradutores, acabam por entrar na profissão não por vocação, mas por destino, ou seja, por circunstâncias de vida externas que acabam por influenciar o seu futuro.

Comecei a estudar alemão e entusiasmei-me, e vi que realmente o meu pai tinha razão. Quando eu, no quinto ano do liceu, antigamente, tive que estudar Ciências ou Letras, o meu pai sempre me disse “o teu futuro é Letras”, porque sempre fui um aluno que praticamente não estudava inglês, português, francês e era um excelente aluno de português, francês e inglês. Não quer dizer que nas outras fosse mau, não é, mas era nitidamente melhor a línguas. (...) Mas eu sempre tinha uma espécie de, sei lá, de mania, digamos assim, das coisas mecânicas e gostava daquelas coisas mecânicas, gostava e gosto. (A.C.)

No caso de Brigith Guimarães, por exemplo, o momento epifânico, de revelação, no qual a tradução se assume como uma opção profissional viável, ocorre quando, por altruísmo e espírito de ajuda, decide optar por começar a traduzir para auxiliar uma colega, estagiária, que trabalhava na empresa onde actualmente trabalha, a procurar emprego e novos trabalhos.

Foi assim que iniciou a sua carreira sozinha, à procura de referências, contactos e oportunidades de trabalho na *web*, ao mesmo tempo que ia começando a tomar contacto com a realidade profissional do empreendedorismo que a seduzia, revelando uma enorme curiosidade, motivação, ajuda e espírito de iniciativa.

No entanto, o ponto comum entre estes tradutores é a capacidade de resistência à adversidade e a necessidade de fazer sacrifícios na fase de lançamento inicial da sua carreira:

Portanto, sacrifícios sim, porque sabe que há uma altura, no início, que tem que se dizer sim a tudo o que era trabalho. Agora já me dou ao luxo de dizer alguns “nãos”. Passo a tradutores competentes e aí sou extremamente exigente. Tenho amigas com quem me dou muito bem, sei que são boas profissionais, mas jamais lhes passaria um trabalho. (M.S.).

No fundo, estamos perante profissionais que constroem a sua profissionalidade através do exemplo, um pouco de modo titubeante, através da forma como mimetizam outras práticas similares e como vêem os outros a praticar, seja em termos de comunidade de prática, seja nos fóruns e redes *online*, tentando reproduzir um determinado saber-fazer. A verdade é que não aprenderam a ser profissionais, nem sabem propriamente como ser profissionais, detendo algumas noções concretas do que significa ser profissional em regime *freelancer*, muito embora seja ambivalente a forma como definem diferentemente a sua profissionalidade.

A título de exemplo, podemos convocar o modelo do ProZ, nomeadamente a parte do nosso estudo em que direccionámos a atenção para a apresentação dos tradutores de língua portuguesa nesse fórum (ver Anexo 20).

O ProZ é, como vimos, um espaço onde coexistem amadores e profissionais, com uma mesma atitude de concorrência no mercado. A par dos casos de grande profissionalismo no discurso, encontramos outros momentos em que a comunicação é marcadamente caracterizada por alguma ingenuidade e excesso de sinceridade contraproducentes ou bem-intencionados, como o caso de Bruno Gaiola que se intitula “tradutor amador” *An "amateur" translator*<sup>220</sup>, de Profsp: *Trabalhos de qualidade - Novato no Ramo*, ou José Alves, que revela claramente os desígnios que o motivam *This is my survival, I have to perform!!*<sup>221</sup>, a presunção de Mabre: *I'm neither fast nor cheap, but good!*<sup>222</sup>, ou ainda o orgulho do cumprimento eficaz de um trabalho:

I'm very pleased with the result of a translation from Portuguese to English for a short film, because they used regional slang that I solved pretty well.

Casos há também em que a apresentação dos próprios indivíduos parece sofrer de uma completa desfocagem e desfasamento em relação à realidade, pela forma como

---

<sup>220</sup> Perfil disponível em <http://por.proz.com/profile/611560>

<sup>221</sup> Perfil disponível em <http://www.proz.com/profile/90433>

<sup>222</sup> Perfil disponível em <http://por.proz.com/profile/19838>

parecem ficar reféns de uma certa lógica passadista, ingénua e irreal, revelando um posicionamento pouco consentâneo com a actualidade e, sobretudo, com as lógicas de organização e publicitação dos serviços em contexto de globalização.

É o caso da diluição e dispersão identitárias do profissional, em canais e meios pouco convincentes, como no CV de uma tradutora, H.C., a que tivemos acesso, e no qual uma das componentes incluídas na rubrica “Apresentação Profissional” como mais-valia era o facto de “estar também registada como tradutora na OLX”, sendo que OLX, neste caso, é um dos mais vulgares e generalistas portais de anúncios e classificados grátis em Portugal, com um interessante grau de divulgação, embora sem a especificidade que a publicitação de serviços de tradução exige em termos concorrenciais e de mercado.

Em contraponto, e revelando esta tendência acima diagnosticada de uma tendência para a dispersão vs especialização, temos também outros casos de tradutores que apresentam um discurso mais maduro e profissional, claro e bem estruturado, como o caso de J.G. que se especializou em tradução técnica pura:

With almost fourteen years of freelance and eleven years of in-house experience as well as a strong background in high-tech (manuals, on-screen help, text strings, etc.), I feel my qualifications would be a benefit to your company.

**Ana Oliveira** - *Especialista em Técnicas de Tradução*

Sou trabalhadora honesta, dinâmica e com forte poder de iniciativa. Gosto de honrar os compromissos, desde que haja um claro acordo entre as partes. Sou clara e objectiva no "diálogo" com os meus clientes e sou cumpridora com os prazos estabelecidos!

Regressando ao caso de Brigith Guimarães, a tradução surge quase por acidente como uma actividade a considerar, sobretudo associada à percepção de que, ao longo da sua vida, sempre fez tradução, só que para outrem e nunca para si própria, como uma possibilidade legítima de ganhar dinheiro sozinha. Sendo este despertar também uma tomada de consciência da existência de algo que ultrapassa a mera dimensão das línguas em contexto empresarial.

Como se, desde sempre, fosse algo que já fizesse parte da sua vida e do seu percurso profissional, sobretudo pela forma como parece estar associado a valores como independência e emancipação, elementos que acabam por se encontrar intimamente ligados à actividade e profissão de tradutor.

No entanto, já para T.S.M., a tradução surge como que por acaso, resultante de um emprego na área da correspondência das línguas, acabando por se transformar numa vocação:

Ora bem, trabalhei... nas firmas em que trabalhei sempre fiz correspondência nas várias línguas. Quando comecei, aqui no escritório de advogados, grande parte do trabalho são documentos, pronto... foi uma coisa que surgiu por acaso, mas que, digamos, se tornou uma vocação, **encontrada por acaso.** (T.S.M.)

No caso de A.V.F., a vocação surge desde muito nova, numa altura em que a visão romântica se mistura com o futuro profissional e um misto de desejo de protagonismo e exposição:

(...) a tradução entrou na minha vida desde logo, no início. Desde pequena que tencionava fazer a minha vida profissional nesta área, mais ao nível da interpretação do que da tradução. (...) Tenho, tenho um **[momento epifânico, revelador de uma vocação pela tradução], era muito romântico, a minha heroína daqueles livrinhos muito pequenos que era a Patrícia, queria ser intérprete na ONU e, portanto, eu também queria ser intérprete na ONU e, portanto, depois comecei a desenvolver essa ideia.** E depois comecei a pôr mais os pés na terra, e o que eu queria era que o meu nome aparecesse nas legendas da televisão, no fim na última legendagem, traduzido por A.V.F. e pronto isso já consegui. (A.V.F., nossos destaques)

Também no caso de I.C.J., a tradução surge muito cedo, como uma opção de carreira, associada aos valores de curiosidade, polivalência e tolerância que a profissão contempla.

R: Eu sempre fui uma pessoa muito inquisitiva, com uma cabeça muito inquisitiva, muito ecológica..., sempre procurei saber muito das pessoas e do mundo.

E quando tinha onze anos vi um documentário sobre uma senhora que fez um levantamento dos livros que havia editados no mundo ocidental. E ela estava a concluir que, no prazo de vida, a pessoa não podia ler um décimo dos livros que estavam editados no mundo ocidental. E eu achei aquilo altamente limitativo. E pensei “então como é que vou?... Se eu não consigo ler um décimo dos livros que estão publicados no mundo ocidental, como é que eu vou poder chegar à cabeça das pessoas de uma maneira geral, sem ser lendo todos os livros?... Tenho que ser tradutora”. E pronto, e optei com onze anos, e foi um percurso sempre a direito, sempre a direito.

P: E por que é que achou que a tradução era o caminho. O que é que atraía...

R: Foi a polivalência, a polivalência da profissão. (...) E foi com onze anos que eu comecei... E, entretanto, tinha um amigo da família que era tradutor, que era uma pessoa que eu gostava. Uma pessoa culta, simpática e acessível, e achei que era o caminho, porque, de facto, podia, como vim a fazer, tanto tocar tanto num grupo de teatro, como num médico, como num polícia e aprender a

contactar com eles... **E calçar os sapatos de várias pessoas...** (...) graças à polivalência, a multiculturalidade e a tolerância. (I.C.J., nossos destaques)

Ou então, o caso de S.P. que possui uma formação noutra área completamente diferente e que entrou na tradução um pouco a reboque de uma amiga, factor condicionante que a leva a duvidar do facto de poder, efectivamente, ser chamada de tradutora.

Eu sou a S.P., não sou tradutora de formação, sou licenciada em gestão e tenho um mestrado em finanças. A tradução entrou na minha vida ainda era muito nova, há vinte e poucos anos, quando era professora universitária, tinha uma amiga tradutora que queria montar uma empresa por excesso de trabalho e precisava da parte de gestão, por isso, eu comecei por gerir uma micro empresa de tradução... Éramos só as duas, a minha sócia, responsável pela tradução, e eu pela gestão, por isso, nem sei se posso dizer que sou verdadeiramente tradutora. (S.P.)

E ainda o exemplo fortuito de M.C.B., cuja entrada na tradução ocorre também de forma espontânea, aliando “o útil ao agradável”, e trabalhando em equipa com o marido, prestando serviços no âmbito de uma tradicional escola de línguas:

Há cerca de 20 anos, sim. A tradução começou de forma muito espontânea, sem eu sequer pensar no assunto. Quanto eu terminei o meu curso, que é de Línguas e Literaturas Modernas, que nem sequer é uma especialização em tradução, comecei a dar aulas na Cambridge School e começaram a aparecer pessoas a pedir tradução. Eles começaram a pedir-me para fazer tradução. E, nessa altura, a tradução estava muito longe de ser aquilo que é hoje. Além disso, ainda se escrevia em máquinas de escrever, não havia computadores, quando eu comecei. Como casei com um Inglês, comecei também a fazer muita coisa para Inglês, porque o meu ex-marido fazia as revisões e foi por aí, um pouco, que eu comecei. Porque lhe pediam a ele determinadas traduções também, e para fazer revisões. (M.C.B.)

E, por último, a descrição da forma como M.S. estabelece um primeiro contacto, menos positivo, com o aspecto profissional das línguas em contexto de empresa e, mais tarde, acaba por aceitar uma oportunidade que lhe abre as portas para a sua actual carreira:

Acabei o curso em 1999 (...) Como eu não sou rapariga de estar quieta, concorri para tudo que era emprego. Desde secretária... tudo e mais alguma coisa. Posso-lhe contar isto, nem... já agora que é extremamente pessoal... nem toda a gente sabe. Estive a trabalhar numa empresa muito conhecida, na área das conservas, aqui na Maia, e posso-lhe dizer que senti pela primeira vez na pele o ostracismo que têm para com os licenciados. Nunca na vida pensei. Porque quis o destino, ironicamente, colocar-me no mesma... Eles precisavam de duas pessoas e meteram uma rapariga

que tinha estado comigo no secundário, mas com o 12º ano, não foi para a faculdade. E eu fui, e acabámos as duas no mesmo sítio, e eu disse-lhe: “Isso é fantástico, porque isso prova que efectivamente a quem tem qualidade”... Pronto, eu esqueci-me é que a qualidade de trabalho às vezes não reflecte a personalidade e a senhora... pronto, pensava muito no umbigo dela e não pensava em mais ninguém. Surgiu um documento em alemão, e eu, com muita calma, expliquei às pessoas que estavam a fazer uma grande confusão e eu disse: “Por acaso sei alguma coisa de alemão, é assim, isto não é assim, é assado”. E foi logo: “Ai, pensas que és quem e não sei o quê”. E eu virei-me para o dono da empresa e disse: “Olhe, o meu pai não me educou para trabalhar assim. É melhor nós ficarmos por aqui”. Ainda estava no segundo mês. E ele disse “Ai não, não posso perdê-la”. “Pode, pode, porque eu não tenho o feito e detesto que aleguem que eu estou ‘armada em carapau de corrida’, portanto esqueça. Vamos ficar por aqui”.

Felizmente, não sei porquê, tive a sorte... portanto, depois fui para casa... isso foi para aí numa terça-feira, o meu pai ficou a olhar para mim e eu disse “Oh pai, desculpa, mas educa-me para ter demasiada coluna vertebral, não dá”. Na quarta-feira fui contactada por um professor da Faculdade de Letras, que, de certeza conhece, o professor \*\*\*\*\*, que precisava desesperadamente de ajuda para legendar um filme do Fantasporto, que ia a concurso internacional, um filme extremamente interessante, com alguma cenas de sexo e alguns insultos e palavrões, que não foi exactamente um desafio fácil, mas que eu concluí, e soube que depois recebeu uma menção honrosa. Passado muitos anos, conheci o realizador do filme no baptizado de um filho de uns amigos nossos e ele disse-me “Obrigado, porque o meu filme foi gabado e não sei o quê.” Claro, pus os maus a falar americano e os bons a falar inglês britânico, aquela coisa que nós não conseguimos... (M.S.)

Já com este tradutor literário, de e para teatro, apesar de uma primeiríssima colaboração frequente ao nível da interpretação de conferência e tradução de catálogos para museus, o contacto com a tradução de um texto dramático ocorre de uma forma que o mesmo classifica de “absolutamente predestinada”, decorrente de um projecto académico em que estava envolvido:

R: Eu só definitivamente, não quer dizer que não tenha feito uma ou outra vez, mas só definitivamente abandonei a interpretação de conferências e estas traduções mais avulsas para Serralves (e depois surgiram outros sítios) sobretudo a partir de 96 quando comecei a fazer tradução para teatro; foi esta transição, não é?

P: E por que é que ocorreu esse momento de transição?

R: Porque a dada altura comecei a fazer uma coisa, a tradução de teatro, comecei a fazer de um modo... A primeira tradução de um texto dramático que eu fiz **começou de uma forma absolutamente predestinada**. Eu tinha feito, tinha andado dois anos a frequentar aulas de mestrado em Lisboa, ainda fiz daqueles mestrados jurássicos, portanto dois anos de aulas em Lisboa, dois anos completamente delirantes porque o segundo já foi a viver entre Porto, Vila Real e Lisboa. Depois tive dois anos para fazer a tese, fiz a tese, entreguei a tese, vamos



imaginar em Setembro, e depois fiquei até Abril ou Maio à espera de defender a tese. Já estava a enlouquecer de espera; além do mais porque ainda houve um atraso, chegou a estar marcada para uma data (...) tive assim sucessivos atrasos e a dada altura já não aguentava ler e reler aquilo e decidi traduzir uma das peças sobre as quais versava a minha tese. A minha tese era sobre Brian Friel e uma companhia de teatro que ele tinha fundado em Derry, a “Field Day”. E eu resolvi traduzir uma das peças que se chamava *Traduções, Translations*. Foi a primeira coisa que traduzi, para entreter. **Pacificava-me porque tinha contacto com a matéria, mas não estava propriamente outra vez a reler a tese e a estudar e a ler não sei mais o quê.** Traduzi aquilo durante esse período, depois defendi a tese e uns meses depois estava a enviar aquilo... Eu tinha tido alguns contactos com o teatro aqui no Porto, mas aqui no Porto não fiz nada. A situação dos anos 80 do teatro no Porto era lastimável e uma amiga minha, minha colega, que se tinha mudado para Lisboa tinha tido um trabalho e um contacto com o então Teatro da Malaposta que era um teatro apoiado por uma associação de municípios, Loures, Olival de Basto, etc. E eu mandei para lá o texto, a tradução, e passado um ou dois meses recebi uma resposta, que estavam interessados e pronto, nesse ano traduzi logo mais duas. **E, por isso, a dada altura, poder fazer algo na minha área de trabalho, conjugando experiência da tradução com/ou conhecimento prévio dos textos devido a trabalho de investigação, ou oportunidade de estudar para eles, isto tornou-se um prazer e por isso cada vez tive que ir, não é?** Lembro-me que, na altura,... ir abandonando a interpretação de conferências. Não foi evidente, porque me telefonavam muitas vezes, porque se ganhava bem, podia ganhar 60 contos por dia. Na altura, não era fácil. Era uma coisa que, mesmo do ponto de vista, se quisermos, curricular, para o que estava a fazer na altura, não interessava tanto. Fui progressivamente abandonando. E depois isto, desde 96, com variações, de acordo com a minha especialidade, mas foi ficando o meu domínio (...) (P.E.C., nossos destaques)

## 8. TRAÇOS PROFISSIONAIS CARACTERÍSTICOS

In the context of international business, language can no longer be called the “forgotten factor in multinational management” (Marschan-Piekkari, Welch & Welch, 1997), the “orphan of international business research” (Feely & Harzing, 2002) or “management’s lost continent”. (Holden 2008)<sup>223</sup>

Brigith Guimarães tem actualmente 57 anos e uma longa carreira profissional. Ao longo da sua vida, Brigith Guimarães sempre esteve ligada às línguas e tradução, tendo desempenhado funções de secretária e revelado experiência em departamentos comerciais de várias empresas, algo que é vivido pela mesma de forma apaixonada, tal como A.C.:

Começando pelo fim, **eu adoro o que faço**. Para mim, é um prazer, por exemplo, ao domingo a noite, “amanhã vou recomeçar a traduzir”. E, por exemplo, quando estava no banco, no domingo à noite, o domingo, a partir do meio da tarde, era o pior período da semana porque eu dizia “no dia seguinte vou para o banco”. (A.C., nossos destaques)

Graças à sua fluência e, como designa, “desenrascanço” face às línguas, Brigith Guimarães era sempre solicitada pelos vários departamentos das empresas, quando precisavam de ajuda numa correspondência, sempre que havia necessidade de comunicar com o estrangeiro ou se verificava a visita de algum cliente.

Conforme constatámos, um dos aspectos recorrentes no discurso de alguns dos entrevistados é, desde logo, a paixão e o fascínio pelas línguas, como é o caso de Brigith Guimarães, que chega ao ponto de revelar que se sente “profissional com as línguas”, à excepção do alemão, recorrendo a uma metáfora sugestiva, “como se fosse uma segunda pele”.

Sempre senti muito “à vontade”, portanto, para mim, é mesmo uma *underskin language*, **sempre foi muito natural para mim**. (Brigith Guimarães, nossos destaques)<sup>224</sup>

---

<sup>223</sup> in “Languagescapes: Theorizing and Researching Discursive Practices of Multilingualism” (citado em Steyaert et al 2009)

<sup>224</sup> É interessante e sintomática esta tendência para a metaforização do discurso, com recurso a imagens e comparações *sui generis* sobre o acto de traduzir. Por exemplo, já outra tradutora, C.P., refere-se ao reencontro ou redescoberta que teve com a tradução como uma intensa experiência sensorial:

Inscrevi-me, frequentei, fiz o 1º ano curricular, gostei imenso, foi um reencontro e **ai já começou a ser uma questão de pele**. Quer dizer, comecei a gostar imenso, não é? (C.P., nossos destaques)

A experiência das línguas e a forma como estas se manifestam em múltiplos contextos e cenários é, na verdade, algo que parece unir os vários indivíduos que partilham da tradução como uma actividade profissional comum.

Trata-se, efectivamente, de um ponto crucial, porque decorre da forma como as línguas são transversais a vários domínios, assumindo diferentes facetas e atravessando múltiplos quadrantes ao longo da história. No entanto, em comum, existe o mesmo paralelismo com o papel estratégico das línguas e da tradução no contexto da comunicação empresarial, tal como sustentam autores como Barner-Rasmussen e Björkman (2007), Henderson (2005), Hermans e Lambert (1998), Steyaert (2004), Marschan-Piekkari, Welch e Welch (1999) ou Tietze (2007):

The expansion of studies concerning themselves with language and its role in defining relationships between human beings working together in international contexts has accelerated since the beginning of the new millennium. (Tietze 2007)

Na verdade, muita da investigação realizada no domínio dos Estudos Organizacionais demonstra claramente, por um lado, que a língua é praticamente a essência das relações comerciais em contexto internacional (Welch *et al.* 2005: 11) e, por outro, que a língua se posiciona estrategicamente no centro dos próprios processos de gestão internacional (Piekkari & Zander 2005: 4). Recentemente, por exemplo, Chris Steyaert (Steyaert *et al.* 2009) cunhou o original e bem expressivo termo “languagescapes”, espécie de paisagem linguística, ou “lingua-gem”, como um conceito que pretende captar a forma como os contextos multilingues são organizados no âmbito da gestão multinacional:

This terms tries to capture how a multilingual context is mediated by a complex set of tensions among the discourses and their related beliefs on (among other things) language, language variety, and communication, that people draw upon to enact a specific linguistic situation. (Steyaert *et al.* 2009: 3)

No entanto, apesar deste ressurgimento da investigação em torno das questões linguísticas no domínio da uma área como os “international business studies”, surpreendentemente, como demonstra Piekkari, a tradução tem recebido pouca ou nenhuma atenção:

It tends to be regarded as having been covered in, or subsumed under, the broader treatment of language aspects (not unlike the way language is often treated - as simply reflective of culture in general). However, the emerging studies of language in the context of firms' international operations do reveal enough about translation aspects to point to the need for, and potential value of, a specific focus on translation as a process, and its broader impacts. (Piekkari 2010)<sup>225</sup>

Actualmente, na empresa onde trabalha a tempo inteiro, Brigith Guimarães não faz tradução, apenas quando lhe é solicitado esse serviço. No entanto, sempre esteve envolvida em contactos com o estrangeiro, como correspondente comercial e, como tal, com uma ligação “às compras”, revelando um percurso e perfil semelhantes a outros dois tradutores que entrevistámos, respectivamente, A.C. com um passado ligado a uma entidade bancária, ou J.G. trabalhando em contexto de empresa:

Não comecei a ser [tradutor] a 100%. Depois, no segundo ano, portanto em 70, de 70 a 72, fui professor de alemão e de inglês comercial, no Instituto Técnico de Formação Intensiva do Campo Alegre. Depois, em 72, estive..., a partir de 1 de Setembro de 72, estive oito meses na banca a preparar-me com relações com o exterior e, durante esses oito meses, ainda fui com o director uma vez à Alemanha, acompanhar expositores portugueses a uma feira, expositores e visitantes portugueses a uma feira na Alemanha e, passados oito meses, saí, porque realmente era uma coisa que, quer dizer, a banca, para mim, passou a ser uma coisa absolutamente, eu não quero dizer a palavra, detesto aquilo. (A.C.)

(...) antes fiz parte dos quadros de duas empresas, nas quais também exercia, portanto, práticas de tradução e interpretação em dois sectores de mercado ligados mais à metalomecânica, engenharia e electrotecnia. Fiz alguns serviços, portanto, de interpretação, fiz algumas viagens de acompanhamento. (J.G.)

Um aspecto curioso que permite aferir melhor o posicionamento da profissão face a outras áreas limítrofes, decorre do facto de, nas suas palavras, Brigith Guimarães ter estado “um pouco encostada” na empresa, precisamente por ser de Letras, numa empresa de engenheiros, muito embora o seu cargo seja considerado vital, já que implica a realização de várias tarefas que envolvem uma certa polivalência e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de funções transversais e multidisciplinares (Ferreira 2004).

Neste caso concreto, por exemplo, será pertinente associar as profissões das línguas às dinâmicas precárias da prestação de serviços, pela forma como, ambas,

---

<sup>225</sup> Piekkari, R., Welch, D. & Welch, L. (2010): “Translation and MNC Effectiveness”. 36th Annual Conference of the European International Business Academy, University of Porto, Portugal, 9-11 December.

encerram em si essa componente instável e desconfortável de indecisão e inconstância, em termos do seu estatuto ambíguo e híbrido:

People in service roles can get into an uneasy twilight position. The personnel manager in a field location, *vis-à-vis* the centre, may be associated with action, coming from out there where the action is. *Vis-à-vis* his own management colleagues in the location he may feel, and indeed be, excluded from the 'real' action. It is only when there is trouble, when there are strikes or difficult negotiations, that the centre of action itself shifts and his life becomes more purposeful. (Klein 1976: 208)

Em comum com outros tradutores entrevistados está ainda a noção de “resourcefulness”, ou seja, a capacidade de operar e investir os seus recursos, e de trabalhar em vários níveis e territórios, sobretudo tratando-se de competências que são facilmente valorizadas por terceiros.

Já A.C. nos confessava essa dimensão outra que é dada pela plasticidade da profissão, e que lhe conferia uma capacidade acrescida de operar em vários domínios, fruto da forma como, por um lado, a componente técnica lhe permitia o contacto directo com as máquinas, em contexto fabril, e uma outra familiaridade com sectores e áreas dentro da empresa que estariam, à partida, vedados a uma pessoa com formação em línguas e, por outro, a forma como a polivalência e a versatilidade resultantes do facto de falar línguas lhe conferirem uma mais-valia e um valor estratégico para a comunicação empresarial intra e extra muros:

Depois, em 75, e sempre a ser tradutor não é... Em Setembro de 75, arranjei um emprego na Trofa, numa fábrica de máquinas para trabalhar madeira, onde estive até ao fim de 79. **Estava a tratar, a organizar exposições e a realizar o contacto com os clientes, portanto, encarregado de traduções.** Da tradução da documentação das máquinas para várias línguas, para outras línguas que eu não dominava, eu organizava os processos e contactava com outros colegas meus, não é, dessas línguas. **Fazia a tradução de documentação técnica de equipamentos de que a fábrica precisava, para o sector de promoção, e foi um período de aprendizagem porque estive ali a contactar com as máquinas,** não é. (...) (A.C., nossos destaques)

Para além disso, a forma como a tradução é encarada em contexto de empresa, conduz-nos também a uma abordagem onde, inevitavelmente, vamos encontrar sentimentos de pertença e não pertença. O discurso em torno da tradução é, muitas vezes, um discurso de desenraizamento e ausência de referências, pelo carácter móvel da profissão e pela indistinção dos próprios actores no processo:

The functions which such people carry out may look on the organization chart as if they are complementary and add up to a whole, integrated contribution. But it is not so. The principle of the division of labour, which has at least logic when applied to an inanimate product or an administrative process, does not work in the same way when applied to professional roles. Professional frames of reference are not devised to complement each other.

The result is a situation which has two kinds of potential for conflict and competition.

One is between different professional people or functional specialists, all of whom want to make a good contribution. The other is between those who represent a specialist service and those who represent the main activity, the 'line'.

The traditional division into 'staff and 'line' activities, too, is more comfortable on paper than it is in reality. (Klein 1976: 207)

Como vimos noutro momento, Brigith Guimarães sente-se desenraizada e sem espaço na empresa onde trabalha, enquanto, por exemplo, A.C., já refere, curiosamente, um aspecto de identificação com os seus pares, de criação de laços e de empatia com outros actores, através do relato de um *fait-divers* bastante interessante em que, de facto, e apesar de uma aparente divisão e segmentação de tarefas, mas também de uma hierarquização do trabalho, verifica-se um sentimento de pertença a um determinado grupo, no sentido específico de comunidade de prática:

E até aconteceu uma coisa engraçada. Uma vez por semana, eu almoçava lá. Ah, eu estava lá em tempo parcial, na parte de tarde. Mas, havia um dia, em que eu estava o dia todo, o dia inteiro e, portanto, almoçava lá, e almoçava lá com um grupo de engenheiros e engenheiros técnicos dessa fábrica e **achei muita piada porque, a certa altura, conversavam comigo quase como se eu fosse um técnico porque diziam: “Ai você ‘tá lá em cima, mas é como se fosse de cá de baixo”.** (...) Havia essa noção. **Havia os de lá de cima, que eram do escritório, portanto, eram os indivíduos que não percebiam de máquinas,** digamos assim. (...) **Mas eu percebia de máquinas, apesar de ser tradutor... você é de lá de cima... (...)** quer dizer, **tinha um pé lá em cima, nas línguas e tinha outro pé lá em baixo na parte técnica,** isso é que era uma coisa (...) Era um aspecto curioso que me deu **muito prazer, saber que era reconhecido pelos técnicos, porque depois conversávamos e eu até dava ideias:** por que é que não se faz assim, porque é que não se faz assado. Eu realmente tinha assim **facilidade de penetrar em coisas técnicas.** (A.C., nossos destaques)<sup>226</sup>

De facto, no exemplo acima, assistimos a uma eventual dicotomização do trabalho “escritório vs máquinas”, sendo que, de forma preconceituosa, “ser do escritório é não perceber de máquinas”, é “não ter experiência prática no terreno”, algo

---

<sup>226</sup> “People may pretend to accept a bounded assignment as a foot in the door”. (Klein 1976: 210)

que, na empresa, é bem visível, ao ponto de A.C. ser considerado um profissional com acesso a uma espécie de círculo restrito, reconhecido pelos técnicos, ou seja, um entre pares.

Algo que Lisl Klein identifica claramente noutro ensaio intitulado “Industry and Social Science: The Dynamics”, da mesma obra já citada (op. cit. 1976), quando fala da noção de “gatekeeper”, como alguém que detém uma relação privilegiada e personalizada com a organização, alicerçada no conhecimento, aliás uma metáfora que surge bastantes vezes associada à tradução e à interpretação, enquanto sistemas sociais:

People in organizations have a need for autonomy. In relation to social science this essentially means that not only organizations but the individuals within them have resources of their own and are not merely users of resources. An important resource is an individual's accumulated experience of living and working. People may genuinely believe themselves to want additional resources, but may in fact have a greater need to preserve the integrity and standing of what they already have. (...) People in organizations need to feel worthy. Everyone needs, to some extent, to relate his own activities to the values of the society around him. (Klein 1976: 225 e 227)

Será importante, neste caso, fazer a ponte para a noção essencial, porque definidora de “profissional”, de “bounded specialism” descrita também por Lisl Klein, no seu artigo “A Social Scientist in Industry” (1976), segundo a qual esta tendência para o desenvolvimento de uma especialização ou “especialismo”, tal como refere, é algo que pode nascer dentro da própria organização, e, assim, explicar o motivo pelo qual a tradução desempenha um papel importante dentro destas empresas; ou então, é algo que é gerado como um apêndice, ao nível do desenvolvimento e do conhecimento fora da própria organização, estabelecendo com ela relações de subordinação, ao nível da prestação de serviços, já que cada organização atribui diferentes níveis críticos a diferentes tarefas e diferentes tipos de serviços prestados:

Having identified some of the factors involved, it becomes possible to say a little more about the service role itself. Any aspect of an activity may develop into a specialism, either by budding off inside an organization or by a development in research and knowledge outside it. Within organizations there are basically two kinds of specialism: those which take away a subordinate part of the primary task and deal with it, such as the maintenance of equipment, the recruiting of labour, the advertising of products. One might call these 'bounded' specialisms. They are not likely to be seen as a threat to the main roles. Secondly, there are specialisms which can be diffused over any or all parts of the primary task, eg. work study, OR, personnel management, social science. (...) Among social-science contributions some are of the bounded type, relieving an administrator of part of his task without challenging his role: selection, training, welfare-type

counselling. (...) A bounded service will tend to have work brought to it; the work will be in fairly definable entities (for instance, an attitude survey); it is easier to know clearly when a job is finished (eg. when the report is handed over); it is easier to measure the output; there will be less ambiguity. (Klein 1976: 209)



## 9. MARCAS DE PROFISSIONALISMO

Temos que ser íntegros e responsáveis. E nunca podemos estar a vender só por vender, na óptica de fazer dinheiro e depois desenrascamo-nos. (L.G.)

“Olha, contacta fulano de tal pela sua proficiência e celeridade”, e ele reproduziu os conselhos, as sugestões do colega: “Olhe estou a recorrer a si através do meu colega tal, que o recomendou pela sua qualidade.” (A.C)

Esta abordagem decorre de uma das questões mais recorrentes no nosso estudo, centrada na definição dos vectores que constituem e caracterizam a profissionalidade dos tradutores. Quisemos, no caso concreto, partir de valores específicos e pedir aos tradutores que definissem os traços distintivos que caracterizam a sua prática como profissionais.

De facto, estamos perante uma área sensível, precisamente pela forma como se nos afigura praticamente impossível definir profissão em termos absolutos e concretos quando falamos de tradução. Tal como mencionámos no início deste capítulo, é difícil situar os indivíduos no domínio da profissão, já que estamos a falar de várias manifestações de uma mesma profissão, ou de várias profissões reunidas numa só.

Efectivamente, trata-se de uma questão importante, e que está directamente ligada às perguntas já abordadas atrás, nomeadamente ao nível das marcas e traços distintivos de uma certa profissionalidade, e que se prende directamente com a definição de profissionalismo, associada a uma pergunta que colocámos igualmente no guião das nossas entrevistas:

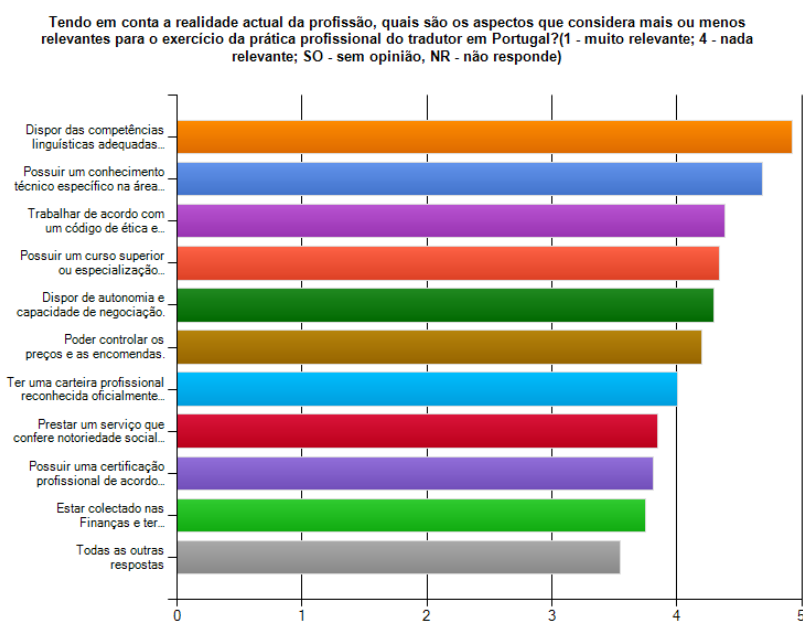
*Como se define/Como define o seu profissionalismo?*

No inquérito quantitativo realizado, introduzimos especificamente uma pergunta direccionada para aferir as variáveis que permitem detectar, em última análise, as principais marcas de profissionalidade no discurso dos tradutores, com base num leque diversificado de competências:

***29. Tendo em conta a realidade actual da profissão, quais são os aspectos que considera mais ou menos relevantes para o exercício da prática profissional do tradutor em Portugal?***

Destacamos, desde logo, cinco aspectos que os sujeitos-alvo do nosso inquérito consideram mais importantes para o exercício da prática profissional:

1. Competências linguísticas adequadas para a profissão
2. Conhecimento técnico específico na área temática especializada para a qual traduz
3. Trabalhar de acordo com um código de ética e deontologia profissional
4. Possuir um curso superior, formação ou especialização em tradução
5. Dispor de autonomia e capacidade de negociação (este último aspecto é importante porque revela a ansiedade de controlo sobre a profissão).



**Figura 25.** Aspectos mais relevantes para o exercício da tradução (1)



**Figura 26.** Aspectos mais relevantes para o exercício da profissão (2)

Para além dos pontos iniciais, que parecem ser adequados a uma perspectiva clara e informada sobre o desempenho da profissão, pela forma como língua e áreas temáticas especializadas/técnicas se conjugam, este último ponto, ou seja “5. Dispor de autonomia e capacidade de negociação”, até pelo modo como surge destacado, parece-nos importante, porque remete igualmente para a questão da autonomia *versus* dependência face à profissão.

Tal como é igualmente visível a tónica em valores tão intrínsecos à profissão, como a obediência a um código de ética e deontologia profissional, o que revela, por um lado, a ânsia de regulação do sector face ao marasmo e ao descontrolo e, ao mesmo tempo, um antigo desejo da comunidade profissional portuguesa, relativamente à criação de uma ordem profissional que possa regular o acesso à profissão e certificar o exercício dos próprios profissionais.

Neste depoimento, a tradutora, sócia-gerente de uma empresa de tradução, queixa-se da falta de relacionamento entre colegas, consequência do fechamento dos profissionais e da incapacidade de evolução da profissão:

P: OK. Qual é a sua opinião entre o relacionamento entre colegas, por exemplo, entre pares, entre tradutores. É fácil, é difícil, não se vêem?

R: Há pouco relacionamento. Não se vêem. Eu propus agora a uma equipa de tradutores fazerem formação entre eles, por exemplo, porque eles precisam de trocar conhecimento. (...) Trabalham comigo. Cada um prepara, sei lá, duas horas de formação e trocaram conhecimentos e contactarem e trocaram informações.

P: E isso não se verifica?

R: Vamos fazer. **Não, não acho que se verifica. Não evoluem por falta de contacto que têm com outras pessoas.**

P: Mas essa falta de contacto tem a ver com a profissão em si ou disposição para?

R: Tem a ver com a profissão em si, pela falta, se calhar, de associações que organizem eventos, por exemplo, a Ordem que agora é uma Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas, organiza encontros anuais, conferências, formação, é muito activa tem revistas tem... é super activa. Em Portugal, pelo menos que seja do meu conhecimento, não há encontros nacionais de tradutores. (S.P., nossos destaques)

Por último, a referência à necessidade de autonomia e negociação como um aspecto relevante para o exercício profissional encerra, em si, uma justificação clara e óbvia, quase como se de uma asfixia se tratasse, ligada à extraordinária debilidade e fragilidade dos tradutores, retidos face à incapacidade de negociação, como refere, por exemplo A.V.F., sublinhando o nítido carácter precário da profissão e o desequilíbrio de forças no terreno:

**Eu vivia confortavelmente por causa do meu marido**, mas lá está, se eu não tivesse o meu marido, se eu não tivesse os meus filhos, as minhas escolhas teriam sido outras, portanto nem sequer consigo imaginar. (A.V.F., nossos destaques)

(...), **o facto de não se poder contar com um ordenado ao fim do mês, não tem a ver com a actividade da tradução, tem a ver com a actividade por conta própria**, pronto (...) a única coisa que... realmente negativa que eu vejo é **aperceber-me que muitas agências estão a ganhar o grosso do dinheiro**, porque eu sei que ganham mais, muito mais, do que o que pagam aos clientes, porque já perguntei e já vi, por exemplo, até lhe posso dizer números, já me ofereceram 0,25 cêntimos, portanto dois cêntimos e meio por palavra porque era repetitivo e tinha não sei quê e depois ia ter muitos trabalhos. E, lá está, eu aceitei, e depois deixei de aceitar essas coisas porquê? Porque, primeiro, uma coisa que era muito repetitiva e já estava tudo feito e tinha uma memória de tradução muito óptima e muito bom, muito bom, não tinha nada disso não é... **Deu-me imenso trabalho, passei noites sem dormir por causa daquilo, sou demasiado perfeccionista para deixar passar uma coisa errada**. (A.V.F., nossos destaques)

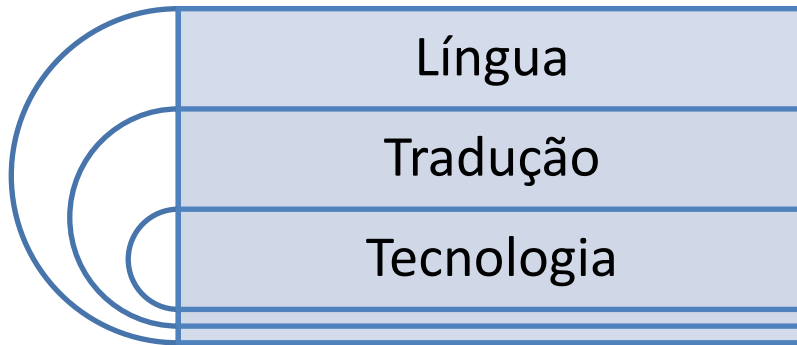
Em paralelo com a questão acima apresentada, colocámos ainda outras, que pretendiam fazer o cruzamento dos dados e informação, de forma a melhor definirmos os vectores que enformam a profissão, partindo da noção de competências. A primeira questão era, por exemplo, **“34. Na sua opinião, para ser um bom tradutor é necessário ter...”**, seguindo-se um leque alargado de opções.<sup>227</sup>

Analisando os aspectos positivos, em primeiro lugar, o mais importante para os respondentes é, sem dúvida, a experiência numa ou mais línguas estrangeiras (82,6%, com 237 respostas). Em segundo lugar, surge a experiência em tradução (70,7%, equivalendo a 203 respondentes), enquanto, em terceiro, vem a competência tecnológica e a experiência com software e memórias de tradução/TAC (52,6% e 50,2%, respectivamente com 151 e 144 cada), o que parece ser um sinal dos tempos, e uma

---

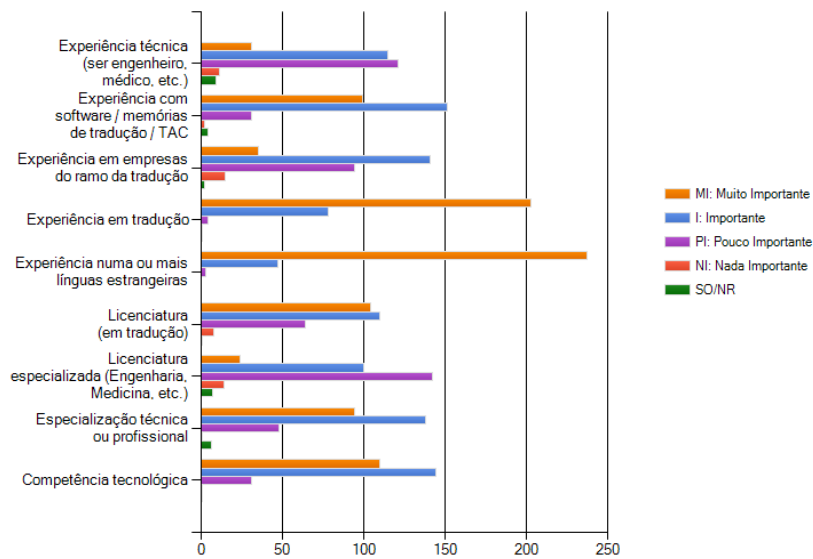
<sup>227</sup> De referir apenas que optámos por basear a nossa análise em duas fontes primárias, respectivamente a norma EN 15038 para os Serviços de Tradução que estabelece toda uma série de requisitos básicos necessários para o perfil do futuro tradutor, bem como o site do *European Master's in Translation*, disponível em [http://ec.europa.eu/dgs/translation/programmes/emt/index\\_en.htm](http://ec.europa.eu/dgs/translation/programmes/emt/index_en.htm), sobretudo “*Competences for professional translators*” e *Profile for European Commission translators*, onde encontramos uma descrição completa das competências e qualificações necessárias para o perfil de tradutor na Direcção-Geral de Tradução.

cedência a novas exigências, perfis e desígnios ao nível do enquadramento e contexto profissionais mais tecnologicamente enquadrados. Assistimos, então, ao desenho de um triângulo que contempla as vertentes línguas, tradução e tecnologia, sob as quais é construída uma certa forma de percepção profissional.

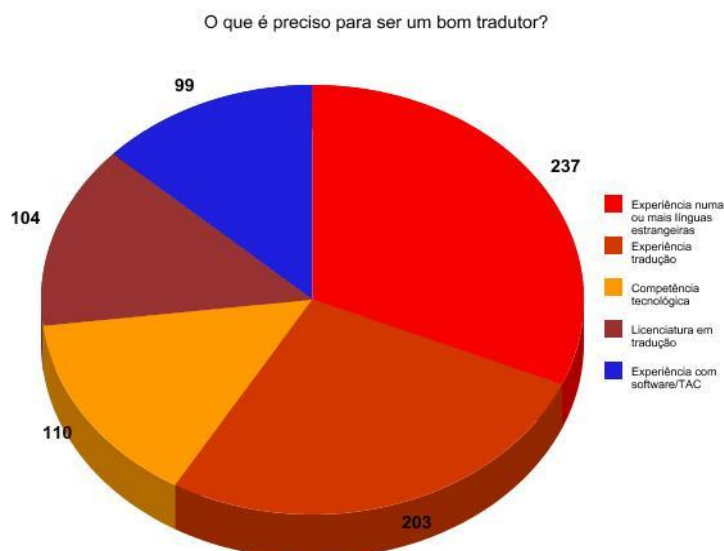


**Figura 27.** Áreas mais importantes para o exercício profissional

Na sua opinião, para ser um bom tradutor é necessário ter...(Defina o grau de importância associado às afirmações seguintes; SO - sem opinião, NR - não responde)



**Figura 28.** Aspectos mais importantes para ser um tradutor



**Figura 29.** O que é preciso para ser um tradutor?

A segunda questão pretendia que os respondentes seleccionassem, a partir de uma lista de características, as mais relevantes para a subcontratação de colaboradores/colegas, conforme indicado no enunciado:

**35. Das seguintes características, quais seriam as mais relevantes para a subcontratação de um colaborador/colega?**

Relativamente aos aspectos importantes para a subcontratação de colegas/colaboradores, a informação repete algo do padrão da pergunta anterior. Em primeiro lugar, surge, de forma inequívoca, a questão da língua. Em segundo, o aspecto da tradução. E, por último, o enfoque na redacção ou competências de escrita. Em termos de mudança, assiste-se à tónica na capacidade de redacção e na correcção gramatical, em detrimento dos aspectos mais técnicos/tecnológicos. Destaque-se ainda a importância da capacidade de crítica e auto-crítica, que se apresenta como um aspecto importante a considerar pelos respondentes, não só como uma valência funcional, mas antes relacional e interpessoal, neste caso como uma competência mais “soft”, em contraste com as quatro competências iniciais, diríamos mais “hard”, conforme elencamos abaixo<sup>228</sup>:

<sup>228</sup> Acerca desta questão das competências “hard” e “soft”, ver capítulo 2.

1. Competências linguísticas
2. Competências translatórias
3. Competências redacionais (correção gramatical)
4. Competências de pesquisa e aquisição de informação
5. Ser nativo na língua de chegada
6. Capacidade de crítica e de auto-crítica

Neste caso, as competências técnicas e os conhecimentos tecnológicos e instrumentais só surgem em segundo plano, apenas consideradas como “Importante”, embora logo no primeiro lugar, nesse domínio.



**Figura 30.** Características mais relevantes para a subcontratação de um colaborador/colega.

Aproveitamos ainda para elencar algumas das respostas obtidas em contexto de resposta aberta, e que revelam muito das percepções dos indivíduos sobre a configuração da profissão.

### **Outras respostas (obtidas em contexto de resposta aberta)**

1. Ética profissional
2. Respeito pelos prazos
3. Responsabilidade
4. Organização e metodologia de trabalho
5. Integridade de carácter
6. Vontade de estar sempre a aprender

7. Rapidez, pontualidade de entrega e muito boa qualidade na execução dos trabalhos subcontratados
8. Sobretudo, querer fazer bem.
9. Capacidade de Gestão do Tempo e de Manter a Qualidade em Trabalho sob Stress
10. Paixão pela tradução, línguas e literaturas
11. Talento e criatividade
12. Interesse pela formação contínua
13. Experiência profissional de pelo menos 5 anos

Regressando às entrevistas, em termos de posicionamento e percepções, Brighth Guimarães considera-se “absolutamente” profissional e apresenta-se, no seu discurso, como tal, identificando como seus traços distintivos o facto de ter uma natureza afável, simpática e positiva, para além de ser uma pessoa comunicadora, o que, na sua opinião, são mais-valias já que permitem a abertura de portas e contactos.

Para além disso, refere ainda possuir alguma maturidade, consistência e grande experiência, que parecem ser componentes indispensáveis e fundamentais para progredir no mercado, a par da sua personalidade aberta e do empenho e dedicação totais que permitem reforçar uma atitude de profissionalismo. Atitude esta, traduzida em trabalhos feitos com consciência, responsabilidade e rigor, que criam um sentimento de empatia com os clientes, aquilo que ela designa como “commitment” e que justifica o facto de nunca ter tido uma reclamação.

Trata-se, efectivamente, de mais um ponto em comum com outros tradutores, ou seja, a forma como se definem enquanto profissionais e, sobretudo, o modo como identificam os traços que melhor os caracterizam. Neste caso, podemos identificar sensivelmente duas tendências. Tradutores com uma postura profissional mais discreta e difusa, marcada por um evidente *low profile*, quase uma resignação ou apagamento de si, como que receando assumir a sua profissionalidade, como os casos que analisámos de M.M.C.U. e S.P.:

É assim, eu acho que sim, acho que se poderá classificar como uma profissão. Agora, se calhar tem de se prescindir de muita coisa. É um trabalho, lá está, volto a repetir, muito precário, não dá muitas seguranças. Ou então tem-se sorte e arranja-se um emprego numa empresa e aí, lá está tem-se o trabalho de tradutora, naquela área específica e aí talvez seja considerada. Agora no meu ver, não acho que seja um trabalho a 100%. (M.M.C.U.)



P: Considera-se tradutora profissional?

R: Não.

P: Como é que se definiria como profissional?

R: Eu sou gerente de uma empresa de tradução.

P: Portanto a tradução tem uma parte residual na sua prática profissional é isso?

R: Exacto.

(...)

P: Esta actividade corresponde à sua vocação ou foi uma... foi algo accidental?

R: Foi o destino que decidi, exacto.

P: Mas considera-se vocacionada para... ou não?

R: Agora gosto.

P: Ou adaptou-se?

R: Adaptei-me.

P: Porquê?

R: Porque é o meu ganha-pão. Permite-me ter alguma flexibilidade a nível familiar. Posso juntar um bocadinho a parte da economia e das finanças que é a nossa vantagem competitiva. **Mas basicamente porque me permite fazer os meus horários e não depender de outras pessoas, mas não fui eu que decidi, foi o destino que decidi por mim.** (S.P., nossos destaques)

Ou ainda o caso de C.P. que, apesar de ser tradutora profissional, assume no seu discurso esse não comprometimento e recusa de identificação com o rótulo, aparentemente desconfortável, preferindo distanciar-se dos tradutores que ela considera como “verdadeiros profissionais”:

É por isso que agora há aí uma editora no Porto, a Ahab, é uma nova editora, que agora põe o nome do tradutor na capa, sabia? (...) Lançou agora três livros, e isso até já foi aquela **tradutora profissional**, Maria do Carmo Figueira [ri-se] **uma tradutora profissional** [repete com ênfase] **Uma tradutora profissional...** Deixe-me só dizer-lhe isto, entre parêntesis. Eu consigo ver muito bem esta questão toda, porque, se calhar, como eu não fiz isso logo, logo que terminei a licenciatura... Porque eu tenho outro, um outro percurso profissional, um percurso algo duro. E eu consigo ter esta... ver isto desta forma e desta, com um certo, não lhe queria chamar cinismo, nem cepticismo, mas está a ver onde é que eu quero chegar... Eu consigo pôr-me nos dois lados. (C.P., nossos destaques)

E, em simultâneo, tradutores com um elevado nível de auto-estima, e que conseguem reflectir positivamente e de forma aberta sobre as suas qualidades, como o caso de S.D., cidadão britânico a residir em Portugal:

P: Considera-se um tradutor profissional? Porquê?

R: Yes. Because I have the academic qualifications, I have nearly 20 years of experience and I am very good at it! (S.D.)

Por exemplo, para A.C., o traço distintivo em relação à concorrência e que define a sua profissionalidade é a capacidade de redigir correctamente em português:

P: O que é que distingue o seu trabalho se o quisesse posicionar em relação à concorrência? O que é que caracteriza o seu trabalho?

R: Eu tenho... Vou-lhe pegar por outro lado, mas vou-lhe chegar aí. Como disse, tenho livros publicados, nada a ver com tradução, não é, nem sobre tradução, que têm tido muitos elogios em relação ao..., à linguagem, ao português, ao domínio do português, a correcção, a elegância. Portanto, eu procuro integrar esses aspectos nas traduções, mesmo na tradução mais técnica, mais seca que me possa surgir. Portanto, aquilo que poderá caracterizar os meus trabalhos de tradução, poderão ser os aspectos de, por um lado de correcção, portanto, da transmissão o mais correcta possível dos meus conhecimentos, da ideia, e depois a forma como essa ideia é traduzida. Portanto é a forma e o conteúdo, o continente e o conteúdo. Não estou a dizer, de maneira nenhuma, que eu sou o melhor, tenho a certeza absoluta que haverá melhores. Tenho a certeza absoluta e sei que há piores, e sei que há equivalentes, que há colegas que fazem trabalho aqui de qualidade equivalente à minha. (A.C.)

Já J.G., pelo contrário, coloca a tónica na disponibilidade para cumprir os prazos e exigências dos clientes com celeridade, isto é, a capacidade de reacção, velocidade e rapidez, aliadas a dotes de comunicação, face à ditadura dos prazos e solicitações constantes fora de horas. De destacar o aspecto sublinhado da “elasticidade” na comunicação, bem como a ética e a qualidade, que nos parecem essenciais neste domínio:

P: Como é que tu te vêes, em termos profissionais?

R: **Vejo-me como uma pessoa que... cumpridora. Profissional e... comunicativa.** Comunicativo, isto é... reajo, **reajo de uma forma profissional a qualquer tipo de abordagem.** O mais... **com a maior velocidade e rapidez possível.** Porque, no mundo actual, com o advento da Internet, com as comunicações, **têm que ser muito mais elásticas, rápidas.** Porque, antigamente, tínhamos o telefone, respondíamos à chamada. Agora temos que transmitir os nossos dotes de comunicação para a Internet, isto é, através do email. Recebemos um email e está sempre a descarregar um email de minuto a minuto, dois minutos em dois minutos. **Nós temos que fazer uma coisa, e temos que reagir e que responder.** Porque, por vezes, se não respondermos, já estamos a perder uma oportunidade. Ao fim e ao cabo, é isso. Temos que ser...

P: O que é que é ser profissional, para ti?

R: O ser profissional, é **prestar um bom serviço, ser justo... e ético,** acima de tudo. Portanto, **valorizar a ética. Cumpridor de prazos de entrega** é essencial. A par da **qualidade, o**

**cumprimento de prazos de entrega**, acho que está a par da qualidade, o cumprimento de prazos. E é aqui que, por vezes, muita gente também falha, não é? (J.G., nossos destaques)

Algo parecido com a declaração de A.S.:

É assim, eu acho que me considero profissional, porque no trabalho que desenvolvo, pelo menos no gabinete, tentamos dar sempre o nosso melhor, seja o trabalho muito complicado ou pouco complicado. Se eu achar que o trabalho não está bem, ou não é exactamente aquilo, nem que tenha que contactar mais três pessoas para pegarem no mesmo trabalho **para ter a certeza que aquilo há-de sair dali como um trabalho que é esperado pelo cliente, sem erros, sem problemas de tradução**. Tentamos dar sempre o nosso melhor no sentido de desenvolver um trabalho profissional. Em relação à minha pessoa, **acho que sou profissional, porque tento sempre cumprir tudo aquilo que se acha que uma pessoa enquanto profissional deve fazer, ter formação na área, cumprir os requisitos mínimos, nos contactos com os clientes, na forma como apresentamos os preços, a facturação, todo o serviço em si**. Acho que sou profissional, tento pelo menos seguir tudo muito à risca. (A.S., nossos destaques)

No caso de M.C.B., a definição de profissional está inequivocamente associada à noção de ferramentas informáticas de apoio à tradução:

Profissional de tradução será alguém que, nos dias de hoje, domina, também, as ferramentas informáticas ligadas à tradução e os vários programas, o *software* todo, as memórias de tradução... e as ferramentas terminológicas. E é um profissional que, no mínimo, terá dedicado nem que seja só part-time, do seu tempo a exercer a actividade e auferir um vencimento resultante dessa actividade. Seria assim que eu definia um tradutor... profissional. (M.C.B.)

Refira-se que também A.S. fala da mesma necessidade de dominar a componente tecnológica, como condição essencial para competir no mercado em termos de prazos e disponibilidade:

P: O que é que a distingue da concorrência, por exemplo? Se se quisesse distinguir do resto...

R: Em Braga, eu sei, por exemplo, que **a maior parte das empresas que trabalha, não utiliza softwares de tradução, não faz a mínima ideia do que é trabalhar com tradução assistida por computador. Logo, por aí, é diferente a nível de prazos. Sei que consigo ter prazos mais curtos do que a maior parte das empresas em Braga, pela tal questão dos softwares de tradução e todas essas “ajudas” que se podem usar, no desenvolvimento e elaboração da tradução**. Se calhar na oferta, porque não é muito grande, em Braga existem duas ou três empresas e, regra geral, só uma ou outra é que vai respondendo aos contactos que são feitos. Não estão sempre disponíveis, porque acho que, no caso de uma ou duas delas, não é só isso que

fazem, por isso, para o cliente a disponibilidade é uma coisa muito importante. (A.S., nossos destaques)

Complementarmente, na nossa entrevista-padrão, constatámos que Brighth Guimarães revelava ainda uma vantagem competitiva decorrente do facto de ser capaz de oferecer, em simultâneo, vários pares de línguas, bem como vários domínios do saber (resultado da sua especialização no terreno em várias áreas), à qual não será alheio o seu temperamento destemido e aventureiro, palavras que talvez melhor a definem, sobretudo pela forma como, apesar de algum receio inicial, se “mete em várias enrascadelas”, fruto da sua incapacidade de dizer não.

Este aspecto do gosto pela aventura e pelo desconhecido talvez explique por que é que, em termos de metodologia de trabalho, quando recebe um trabalho, Brighth Guimarães nunca se dá ao trabalho de o ler até ao fim (“de início, atiro-me”), iniciando a tradução de imediato, começando “a construir o puzzle”, como uma rotina, precisamente porque prefere partir “à descoberta:

Porque, para mim é um *challenge*, é um desafio. Eu gosto é, gosto do desafio. E como gosto do desafio, eu parto logo para a aventura. (Brighth Guimarães)

Recorrendo à mesma imagética, J.P. descreve o acto de tradução também como a resolução de um *puzzle*:

Eu vejo muito... a figura que mais vezes me surge à cabeça, quando penso no que é estar a traduzir, é decifrar um enigma, decifrar aquele *puzzle*... é encontrar as soluções para juntar aquelas peças. É isso que eu vou fazendo quando estou a traduzir, é decifrar a ligação com os elementos que vêm eventualmente a seguir, ou que estavam atrás, para que ele resulte tão bem como terá resultado no original. (J.P.)

No campo diametralmente oposto, a tradutora S.P. define profissional como alguém “diferente” que, acima de tudo, consegue atingir um determinado grau de tranquilidade para lidar de forma eficaz com uma profissão desgastante. A tónica é colocada nos valores emocionais e psicológicos de serenidade e resiliência e, sobretudo, na capacidade de gerir a pressão<sup>229</sup>:

R: Um bom profissional na área da tradução, porque senão não faz sentido [fazer a diferença]. Um bom profissional na área da tradução tem de ter excelentes conhecimentos de línguas, mas muito bons mesmo, de base, excelentes conhecimentos de línguas, **tem de ser muito minucioso**,

---

<sup>229</sup> Ver, a propósito, noção de “translation as risk management” (Pym 2010)

**atento ao pormenor, tranquilo, atento**, e tentar-se especializar numa área.

P: Por que é que acha que esta noção de tranquilidade é importante? Porque é uma actividade muito stressante? Porque é muito exigente? Porque nem sempre as pessoas resistem? O que é que é esta noção?

R: Tranquilidade, porque os clientes impõem muito stress a nível de prazos e temos de deixar o stress do lado deles e não deixar que eles nos contagiem e fazermos as coisas bem feitas e com tempo, senão vamo-nos sair mal.

P: E acha que... Como é que avalia a relação entre o cliente e o prestador de serviços? Há ali um desfasamento, uma igualdade?

R: **O cliente é pressionado, porque quem pede a tradução está a ser pressionado pelo seu superior hierárquico a nível de tempo e tentam passar essa pressão para nós.**

P: É uma tentativa de passagem de pressão?

R: É uma tentativa de passagem de pressão, de acelerar o processo, e não conseguindo fazer o trabalho com a devida qualidade, no período que é proposto ou exigido, não se deverá aceitar, ou então é preciso mais tempo e estar com a nossa tranquilidade.

P: O tradutor?

R: O tradutor tem de estar tranquilo e não sobre pressão. Não se trabalha bem sobre pressão. Vão passar erros de certeza. Tem de ter calma. (S.P., nossos destaques)

As questões relacionadas com o posicionamento face à profissão são bastante vastas e abrangentes, e oscilam entre estes dois pólos. Neste caso, por exemplo, C.P. admite ter sido alvo de uma mudança de vida radical, com a entrada no mundo da tradução, opção essa que acabou por alterar por completo a sua rotina diária, pela ausência de tempo, e em simultâneo, elevar o grau de stress, talvez fruto da inexperiência com que encara a profissão. Paralelamente, esta tradutora revela ainda uma sensação de enorme responsabilidade, difícil de lidar e de gerir, face à imperfeição do trabalho, associada a um sentimento de fragilidade e perda de referências. Para além do medo, é claro, aquilo que ela classifica como “stage-fright” [sic], de estar agora sozinha, por conta própria:

R: A noção do tempo deixou de ser e mais... deslocava-me de carro, demorava uma hora para chegar ao Porto às 8h da manhã, trânsito na Arrábida, aquelas coisas todas, eu tinha muito tempo. **Agora, começo a trabalhar às 7h da manhã, acordo às 6h30 preocupada, ou com ideias na cabeça, com aquela palavra que está mal, daquilo que ficou imperfeito e deixei de ter tempo. É uma coisa curiosa**, não sei se ainda é... eu faço isto desde 2004, 2005, **não sei se é ainda de uma certa inexperiência...** Eu acho que é muito pouco tempo em tradução. **Sinto-me sempre a começar.** É uma coisa curiosa... (C.P., nossos destaques)

---

Depois, atrás desse vieram outros projectos, que depois também foram sendo encarados com um grau elevadíssimo de responsabilidade, mas simplesmente aquele medo, aquele medo de estar no palco pela primeira vez, já era mais desvanecido, já era mais ténue. (J.G.)

A questão profissional-familiar é, por outro lado, um aspecto comum a muitas das percepções dos tradutores, sobretudo os que trabalham em casa, e que têm de conciliar as duas esferas, com inegáveis sacrifícios de uma das partes. De facto, como veremos, para muitos, tradução equivale a uma prisão, ao mesmo tempo que poderá assumir contornos de real obsessão para com a palavra, desígnio este que surge metaforizado na expressão “criar raízes” que a tradutora C.P. utiliza para descrever o seu estado:

P: Consegue separar as águas do familiar e do profissional?

R: Tenho algumas dificuldades, de vez em quando, sobretudo quando eu... ainda... às vezes, não tenho grande hipótese de recusar trabalhos, que são clientes importantes e que há emergências em que o cliente depende mesmo de um trabalho e lá tem que se simplesmente adaptar as necessidades do cliente e tentar conciliar a situação.

P: E o que é que faz nesses casos?

R: Trabalha-se como um doido, levanta-se mais cedo e deita-se mais tarde e mantêm-se o tempo definido para a família, tem que se ressalvar. (U.L.)

---

Eu acho que, ou é da fase, da meia idade, mas **já não há necessidade de passear, estou bem a traduzir**. Às vezes, lembro-me... eu tenho, eu tenho... os meus filhos têm uma amiga, a miúda, com 17 anos, disse uma coisa que achei curiosíssima: “**A tua mãe um dia destes cria raízes**”. **Não acha isto curioso?** Vindo de uma miúda de 17 anos? Eu fiquei... porque os meus filhos lembraram-me que eu **há 4 dias que não saía de casa, não saía de casa. 4 dias seguidos sem sair de casa**, sem me lembrar que tinha de sair de casa, quando começaram a faltar os cereais, essas coisas todas. E eles: “Ó mãe, há 4 dias que não saís de casa”, e diz a miúda: “**pouco a pouco cria raízes**”, e eu achei aquilo... E agora **eu esforço-me, tenho que sair de casa todos os dias um bocado**, nem que seja para tomar café. Lembro-me do que a garota disse, que eu daqui a pouco criava raízes e comecei a pensar: “**Isto daqui a pouco, se calhar, torna-se doentio, não é?**” **Sair de casa, criar raízes, não é possível, não é?**

(...)

É a visão que os outros têm do meu trabalho. Socialmente, dou por mim a dizer: “Natal, este ano, não há.” Eu tenho uma entrega no dia 31. **O Natal, este ano, não sei, não sei. Vou comprar as rabanadas, percebe? Dou por mim a pôr todas essas coisas de lado, não é? Porque, de facto, as palavras não se escrevem sozinhas, eu tenho que lá estar a trabalhá-las, não é?** (C.P., nossos destaques)

R: Consigo viver com muito trabalho. Com muito trabalho. A trabalhar 12 horas por dia, por vezes.

P: Obriga-te a isso?

R: Obriga-me a isso, por vezes. **Trabalhar 12 horas por dia para ter uma vida honesta.**

P: Isso obriga-te a muitos sacrifícios?

R: Pessoais. Familiares. E...

P: Sentes-te bem com isso?

R: Consigo, actualmente, consigo gerir isso. Com a colaboração da família, também. Com a colaboração da família. (J.G.)

### **Eremitas modernos ou Escravos de Jó?**

Por último, umas breves palavras sobre o relacionamento que estes tradutores estabelecem com a dimensão “tempo”. Como vimos detalhadamente no capítulo anterior, a percentagem de tempo dedicada à profissão varia, consoante seja considerada uma actividade principal ou secundária.

No entanto, há um ponto em comum, que parece atravessar os discursos dos tradutores, e que aponta para a aparente flexibilidade e liberdade que a tradução permite em termos de gestão do tempo. Como referem alguns dos visados, a tradução envolve a capacidade de ser dono do seu próprio tempo, de não cumprir horários e de fugir à prisão e às rotinas do quotidiano, se bem que em estado de isolamento:

A nível positivo, o que é que eu posso dizer, é algo que me fascina bastante, porque aprendo com isso, aprendo vocabulário, aumento o vocabulário, contacto com outras pessoas, sei lá, acho que é isso. E o facto de também poder trabalhar em casa, **de ser dona do meu tempo e não andar ali com as horas contadas, e de ter que cumprir aqueles horários.** (M.M.C.U., nossos destaques)

É duro primeiro, pela solidão. Acho que isso... O homem é um ser que vive, que gosta de viver em grupo e a solidão é, de facto... **Custa, custa muito.** Acho que, para mim, está no topo das dificuldades do *métier*. Agora, há outras gratificações também, que essa solidão traz. Ninguém nos aborrece, temos o tempo para nós, a disponibilidade... Não pode ser hoje de manhã. Por exemplo, estou aqui a falar consigo, podia estar a fazer outra coisa, mas, pronto, vou fazer isso à noite, ou à tarde, e depois há aquela questão que toda a gente sonha, de poder gerir o seu tempo, não é? É um bocado falacioso isso, não é? (C.P., nossos destaques)

Colocámos acima, propositadamente, o adjectivo “aparente” porque, no entanto, este relacionamento com a variável tempo encerra em si um paradoxo, já que, para muitos, a temporalidade, sobretudo decorrente da gestão dos prazos e do intenso

envolvimento em projectos de grande dimensão e exigência complexa, acaba por ser uma prisão, difícil de lidar, porquanto implica a ausência ou falta de consciência desse mesmo tempo, que se dilui numa certa forma de estar e sentir organicamente a tradução.

Vejamos, por exemplo, a ligação entre estes depoimentos ao nível da solidão e gestão do tempo:

O facto de podermos gerir o nosso tempo implica também ter tempo nosso. Ou seja, eu deixei de ter... eu que sempre trabalhei... só tinha 22 dias de férias, certo? Olhava para as amigas professoras. Todas elas enveredaram pelo ensino e com as disponibilidades de antigamente, tinha 22 dias de férias, mas como eu gostava muito do que fazia, não me importava. Quer dizer, aqueles 22 dias sabiam-me bem, mas também não chegavam. Mas eram 22 dias, trabalhava o dia inteiro, mas tinha tempo de ir ao cinema, tinha tempo de ler, de ir ao *shopping*, passear, ver montras, fazer aquelas coisas todas que as mulheres gostam de fazer, almoçar com as amigas. Eu agora não tenho o tempo todo, o tempo todo como dizem. Tens o tempo todo, o dia todo para ti. **Eu não sei o que faço do tempo, a não ser estar à frente de um computador a escrever.** (C.P.)

Eu, por exemplo, à noite, eu saio daqui às 6, às 6h05 estou em casa. A empregada abre-me a porta e eu... computador. Até às 8 mais ou menos, **como o triste jantar, arrumo a triste cozinha e ponho-me a trabalhar.** (Brigith Guimarães, nossos destaques)

---

Eu demoro muito tempo a traduzir, não sou uma tradutora rápida. (C.P.)

De facto, a consciência dessa impossibilidade transparece em muitos dos depoimentos a que tivemos acesso, seja pela incapacidade de relacionamento social:

(...) mas não mantenho muitos laços, porque também não tenho muito tempo. O tempo que eu tenho, como digo, é pouco para o trabalho que eu tenho. (Brigith Guimarães)

Ou pela pressão dos trabalhos, com prazos apertados, “para ontem” como se diz na gíria, a par das exigências in comportáveis dos clientes, ou ainda pelo medo de perder trabalhos, numa dinâmica difícil de gerir pela forma como, a partir de certa altura, os profissionais acabam por se deixar envolver num intrincado “ciclo vicioso”:

E depois o tempo que dão é muito pouco, já tive que fazer uma longa metragem de um dia para o outro. Isso não se justifica. Isto não só com a \*\*\*\*\* [nome de agência de tradução audiovisual], com várias outras, e pagam muito pouco. (A.V.F.)



(...) o receio de não ter trabalho levava-me a aceitar trabalhos mal pagos. Os trabalhos mal pagos, como eu sou muito perfeccionista, levavam-me muito tempo e não me davam tempo para trabalhos mais bem pagos (A.V.F.)

De qualquer das formas, e tal como verificámos noutras instâncias, pela sua abertura e configuração, a profissão permite, de facto, várias interpretações e posicionamentos profissionais, numa dicotomia que oscila entre o rigidismo e a ortodoxia do “ser escravo do trabalho”, ou um certo “laissez-faire” descomprometido, típico do mercado livre e de uma certa autonomia laboral:

Quando perguntaste se conseguia dividir a vida profissional e a vida pessoal, eu acho que é uma profissão que te permite isso, se tu atingires o tal grau de volume de trabalho e rendimento que justifique que tu possas ter tempo sem estares a trabalhar. Por comparação, por exemplo, sei que os professores não têm esse controlo sobre a sua profissão, mesmo que não queiram, têm de levar trabalho para casa. Portanto, **é uma profissão que te permite gerir o teu tempo, de acordo com o volume de trabalho que achas que deves ter e o rendimento que achas que deves ter**; se queres um determinado rendimento, se queres um determinado volume de trabalho, **acabas por ser escravo do teu trabalho**, mas se não quiseres, podes também ter vida própria; acho que essa é uma das coisas que me agrada nesta profissão, e lá está... Pensando como tradutor individual, penso nessa vantagem, em atingir esse ponto em que já poderia ter fins-de-semana e coisas assim. (F.C., nossos destaques)

---

Também. Eu acho que, acima de tudo, em termos de relação laboral. Porque, eu acho que, excluindo a nossa rede de contactos, quando é que eu vou contactar o meu colega em acções de formação, em acções de?... Que exista, não é? Porque existem várias, mas normalmente os tradutores, **eu acho que não têm tempo**, não sei. Eu, infelizmente, não tenho frequentado muito acções de formação, já há muitos anos. (J.G.)

---

P: Mas consegue gerir o tempo?

R: Consigo, porque agora já tenho a percepção de... Pedem-me um trabalho de 50 páginas, e eu sei a que ritmo trabalho. Eu sei que 50 páginas com revisão e muito cuidado dedicado levam-me 7 dias úteis, **e não a trabalhar como um escravo**. Pronto, eu já concebo prazos. Pronto, se me disserem para amanhã, digo: olhe, não só não consigo, como não conheço ninguém que consiga, a não ser que pegue em 6 ou 7 tradutores e divida o trabalho - que não é uma boa opção - digo logo ao cliente. “Mas porquê?”, pergunta logo. “Olhe, eu trabalho a 1500 palavras por hora, portanto faça as contas”. Ah, pois é. (M.S.)

## 10. SENTIMENTOS E PERCEPÇÕES ASSOCIADOS À PROFISSÃO

Uma das facetas mais importantes destes discursos é precisamente a forma apaixonada como muitos dos tradutores se referem à sua profissão, como uma vocação, e vivem a actividade de forma intensa e emotiva, revelando, apesar de tudo, um sentimento inquestionável de realização profissional.

Regra geral, estamos perante pessoas que gostam do que fazem, como demonstram as citações que transcrevemos:

Numa escala de 1 a 100, estamos a falar em percentagem, sinceramente e do coração, 70% é por prazer. Porque eu adoro traduzir. Porque acho um desafio. (...) Porque eu gosto mesmo, eu amo a tradução. (Brigith Guimarães)

(...) gosto, paixão (J.P.)

Vejamos, por exemplo, o caso de P.E.C., tradutor de teatro, que descreve desta forma o papel que a tradução tem na sua vida, como um espaço alternativo para a solidão do trabalho da investigação académica, e também pela questão da partilha, possibilidade de diálogo e relação com os actores no processo de construção da peça:

P: Qual é o papel que a tradução tem hoje na tua vida?

R: **Imensa.**

P: Digamos que, em termos percentuais, o que é que te preenche?

R: Em termos percentuais, enfim, não preenche assim tanto, porque só traduzir, vamos imaginar, dois textos dramáticos por ano, não me preenche imenso. Preenche muito mais as aulas e os outros compromissos todos. **Mas preenche muito, em termos de contentamento, de prazer;** era um modo de compensar alguma **solidão** que o trabalho... enfim, é obvio que dar aulas não é propriamente uma actividade solitária, mas o trabalho de investigação é um bocadinho solitário, não é? E este tipo de tradução permite... Tens um momento de trabalho solitário e, depois, como tens a reunião com os outros, com os intérpretes, os ensaios de leitura, o trabalho mais íntimo ou menos, mais cúmplice, ou menos, com o encenador, com não sei que mais, é um trabalho que, depois, **é muito compensador, é mais partilhado...** Por isso, não te sei dizer assim uma percentagem. Em termos de realização **pessoal preenche imenso, gosto muito...** (P.E.C., nossos destaques)

Um processo que terá muito de alquímico e iniciático, pela forma como o texto se metamorfoseia, ganhando vida, como que “energizado”, recorrendo à metáfora aplicada por este tradutor:

R. (...) e depois tens uma fase adiantada, quando os actores já estão com o texto incorporado, já estão a trabalhá-lo em cena, mesmo em sala de ensaio, e aí já não vais ouvir só o texto, **vais vê-lo energizado, vais vê-lo incorporado**. E aí, depende da minha confiança com os actores, com a equipa, mas eu sou, às vezes, capaz de pedir que eles alterem coisas a uma semana ou menos da estreia. Agora aí depende, se eu estiver a trabalhar com uma equipa de pessoas que eu não conheço, ou que não sinto espaço para isso, talvez não me atreva, fico muito roído, fico com muita pena porque eu não vou gostar daquilo...

P: Por não conseguir alterar?

R: Por não conseguir alterar. Mas, se a equipa me permite...

P: O que é que sentes no momento em que o texto é **energizado**, como tu disseste?

R: **Já não é só texto, é texto, é espaço, é dinâmica...**

P: Claro, o que é que tu sentes quando se metamorfoseia...?

R: Uma dupla. **Um grande prazer e uma grande aflição**. Eu acho que acontecerá com qualquer tradução... O problema da tradução de teatro é que a sua especificidade é que aquilo é ao vivo, é ao vivo... E, por isso, há coisas que podem ter sido completamente pacíficas para ti durante imenso tempo, imensas semanas, e que, há um dia qualquer em que estás a ver e a solução linguística, estou a falar de texto, não funciona para ti da mesma maneira e, claro que tu gostavas... Quer dizer, se for só no domínio da tradução que ainda não está publicada, tu vais ao computador e alteras. Quando está em cena, isto não tem o mesmo grau de evidência, não é? Até à estreia, ou até dois ou três dias antes, se forem coisas relativamente pequenas, tu ainda consegues pedir a colaboração de... não é? (P.E.C., nossos destaques)

Ou ainda a tradutora literária C.P., falando acerca da entrega colocada pelos tradutores no seu trabalho, a dedicação à obra e a consequente falta de reconhecimento, revelando essa assimetria em relação ao grau de empenho e motivação que se coloca na tradução, como se o reconhecimento ficasse muitas vezes aquém das expectativas, pela falta de proporcionalidade inerente à relação comercial estabelecida:

Mas a entrega... **O que eu acho agora é que é uma questão de reconhecimento. A entrega que é posta na tradução de um livro não é, não é compatível, não é compatível, não, não está, como é que hei-de dizer? (...) Não é proporcional, é isso mesmo,... ao feedback que se tem, ao retorno que se tem, não em termos monetários, porque, de facto, o que é pago fica muito aquém daquilo... da entrega**. Se bem que as entregas, entre aspas, não se podem quantificar, certo? Eu não posso dizer: Tenho uma paixão por isto, por isso essa paixão vale X, não é? Isso não é possível quantificar. **Mas essa entrega que é posta, acho que as pessoas não têm noção, não têm noção disso**. (C.P.)

Embora este reconhecimento não ocorra com tanta frequência em Portugal é, no entanto, uma prática corrente em alguns dos gabinetes de tradução estrangeiros, com os

quais os tradutores portugueses preferem, de facto, trabalhar, precisamente porque reconhecidos, em termos sociais, e em termos financeiros, conforme prova este excerto:

Não. Eu tenho até um exemplo de um cliente em Inglaterra que solicita sempre uma revisão das minhas traduções e das outras. Eu também faço revisões, a outros tradutores... E que nos envia um relatório, com a nossa classificação. Sou constantemente avaliada e tenho muitas vezes traduções em que não é necessária uma única alteração. E, muitas vezes, a classificação de “Excelente”. E, e isso é um *feedback* que está lá, em que posso imprimir um relatório, e recebo um relatório de tudo o que eu fiz, e qual foi a classificação atribuída a todas... Isso é uma..., é um trabalho interessante que essa agência inglesa faz, que não acontece cá em Portugal. (M.C.B.)

Quando questionada sobre se, por exemplo consegue separar e distinguir as duas componentes da sua vida profissional, ou seja, o trabalho na empresa como responsável pelos contactos com o exterior e o trabalho pessoal que realiza em casa como *freelancer*, Brighth Guimarães responde que consegue perfeitamente “separar as águas” entre aquilo que designa como “profissão” “com letra grande (...) tradutora, e é quando saio daqui”, e a outra cambiante da sua actividade, que classifica como uma “função”, consciente da forma como representa apenas uma peça anónima numa imensa engrenagem, mera executante de tarefas rotineiras de forma profissional. Neste caso, é possível detectar um discurso ambivalente, como se houvesse duas actividades distintas numa mesma vida, com uma clivagem clara ao nível da dicotomia ergonómica função vs profissão, sendo que, neste caso, a tradução se apresenta como a verdadeira actividade com maiúsculas:

**(...) não estou a falar da minha profissão aqui, que para mim não é profissão, é uma função**  
(...) Não é mesmo profissão. **Eu aqui não sou ninguém, eu aqui sou uma peçazinha.** Não me considero, é uma função. **Eu tenho que cumprir a minha função. Das tantas às tantas.** E como sou uma pessoa responsável, tenho que cumprir o melhor que sei e posso. (Brighth Guimarães)

A este propósito, no nosso inquérito quantitativo, perguntámos, por exemplo, se os tradutores se consideravam, ou não, profissionais, e, em segundo lugar, se a tradução correspondia a uma vocação. (27. *Considera-se tradutor profissional?*) Tratava-se de uma questão fundamental, porque estruturante do nosso trabalho e das entrevistas que posteriormente desenvolvemos.

Por conseguinte, a maior parte dos inquiridos considera-se profissional, ou seja 75% (217 respostas), associando uma série de valores e conceitos à profissão, tal como Brighth Guimarães que se considera “absolutamente profissional”:

Eu sou uma pessoa naturalmente afável, costumo dizer, em várias línguas. Portanto, isso também é uma coisa que eu acho, que sinceramente abre portas. Mas só o ser simpática não chega. A pessoa tem que ter alguma coisa, não é? Tem que ter alguma, alguma consistência e algum, algum saber. Por outro lado, também, a experiência não cai assim do céu. Quer dizer, eu tenho muitos anos de prática de línguas e de vários sectores profissionais por onde andei e ninguém sabe tudo. Ainda hoje, ao fim de 7 anos de tantos textos fazer, e tantos milhares de palavras ver, há sempre alguma coisa que falha e nunca há dicionários, nunca há glossários que cheguem. Agora, há uma coisa que eu, que eu, de facto, sou. Sou muito empenhada. Quando meto a cabeça em alguma coisa, eu vou até ao fim, nem que não durma, eu vou pesquisar...Portanto, um trabalho que saia da minha mão, ninguém pode dar 100% garantia, 90% eu dou, porque foi feito em consciência. Até porque, se não fosse assim, não vinham mais. (Brigith Guimarães)

Ou o caso de A.S., que sublinha o jeito e o gosto que sente pela tradução, a par da novidade, curiosidade e da fuga constante à monotonia, para além do interesse despertado por novos temas e pela capacidade de investigação, que concorrem para a sua realização pessoal e profissional:

P. Porquê? Porque gostou, porque tinha jeito, falou do jeito?

R: **Sim, acho que tenho algum, algum jeito e gosto. Acho que é uma área que desperta muito interesse. Temos sempre coisas novas.** Nunca é uma área em que se esteja sempre a fazer o mesmo. A novidade também é uma coisa que eu necessito. Depende um bocado da personalidade das pessoas.

R: E necessita como?

R: A novidade sei lá. É assim, eu nunca traduzo, muito raramente faço trabalho no mesmo tema, ou que seja exactamente a mesma coisa. Logo isso, também desperta algum interesse da nossa parte, alguma curiosidade, investigação, saber um pouco mais daquela área e acho que toda essa novidade é importante na área da tradução. É diferente do que trabalhar em outras áreas.

P: E sente-se seduzida por isso?

R: Sim.

P: Acha que a tradução corresponde à sua vocação, por exemplo, a uma vocação? Se pudesse dizer que se sente realizada?

R: **Sinto-me realizada. Plenamente realizada com o trabalho que faço.** (A.S.)

Refira-se, no entanto, que, apesar de tudo, um quarto dos inquiridos (ou seja, 70 respostas negativas) não se considera profissional, o que significa que a percentagem de amadores ou de uma certa economia paralela e informal, existe, de facto, associada à profissão. Trata-se, na verdade, de um dado absolutamente incontornável e que merece alguma reflexão e análise ponderadas.



**Figura 31.** Considera-se um tradutor profissional?

De forma a melhor aferirmos as percepções destes profissionais, optámos por apresentar uma questão orientada para a avaliação do seu trabalho. (28. *Como avalia a sua prestação como tradutor profissional?*)

Relativamente à avaliação da prestação como tradutor, a maioria considera o seu *output* como sendo positivo, ou seja, Bom (182 respondentes, 63,4%) e Excelente (o segundo ítem mais respondido, com 21,3% e 61 respostas).



**Figura 32.** Como avalia a sua prestação como tradutor profissional?

Embora esta seja uma questão importante, pode ser claramente influenciada pela disposição subjectiva dos respondentes, devendo ainda ser comparada com as mesmas percepções sentidas pelos clientes relativamente à qualidade da prestação dos tradutores.

Dá que, tal como mencionado atrás, tenhamos realizado, em simultâneo, e como forma de *cross-check*, um questionário direccionado especificamente para os clientes de serviços de tradução, no decurso do qual quisemos aferir as percepções dos consumidores deste tipo de serviços. (ver Anexos 18 e 19)

Neste caso, em relação à avaliação da prestação dos tradutores profissionais, 49,8% dos clientes inquiridos (101 respostas) classificou-a como “Boa”, sendo que 20,7% declararam “Excelente” (42 respostas). O nível “Médio” foi distribuído por 15,3% dos sujeitos (31 respostas), conforme demonstra o gráfico abaixo<sup>230</sup>.



**Figura 33.** Como avalia a prestação dos tradutores profissionais a quem recorre?

**Fonte:** Questionário “A prestação dos serviços de tradução na óptica do consumidor/cliente”

Outro dos aspectos a considerar quando falamos de percepções associadas à profissão, prende-se precisamente com a noção de vocação, como, aliás, já tivemos oportunidade de mencionar. Assim sendo, no âmbito do questionário quantitativo dirigido aos tradutores e, mais tarde, no decurso das entrevistas realizadas, colocámos a seguinte questão:

*37. A profissão de tradutor corresponde à sua vocação?*

<sup>230</sup> Questionário dirigido aos clientes de tradução: “A prestação dos serviços de tradução na óptica do consumidor/cliente”



**Figura 34.** Aspectos vocacionais

De facto, e apesar de tudo, quando questionados sobre se a profissão de tradutor corresponderia à sua vocação, a maioria, isto é, 81,2% (233 respondentes), responde afirmativamente. Confrontemos, entretanto, este posicionamento com os resultados obtidos nas questões anteriores, em que as percepções eram, essencialmente, bastante negativas, o que, de certa forma, poderá apontar para um ligeiro paradoxo.

Na verdade, à pergunta anterior “Considera que os tradutores portugueses têm uma formação adequada para a prática da sua profissão?” (Questão 36), a maioria dos respondentes, 63,3% (183 inquiridos), afirmava não considerar os tradutores portugueses preparados, nem possuindo uma formação adequada para a prática da sua profissão. Um dado que acaba por ser corroborado pelas opiniões bastante críticas dos tradutores acerca do mercado e da prestação do seus pares:

R: Eu conheço alguns tradutores, não muitos. Aqueles que conheço, somos mais ou menos solidários... E depois haverá, certamente, muitos que não são... Há, de certeza, muitos profissionais no mercado. Todos os anos saem das faculdades inúmeras pessoas... licenciadas em tradução. O que me parece é que saem, cada vez mais profissionais... que não estão prontos, que não terão as qualificações suficientes para a tradução. E talvez seja por isso, ainda, que, a mim e a outros colegas que conheço, não nos tenha faltado trabalho.

P: Achas que os profissionais estão mal preparados?

R: Acho que, de uma maneira geral, haverá, todos os anos, uns profissionais bem preparados que saem das universidades, mas também me parece, até pelo tipo de aluno que eu também vou tendo, que cada vez menos as pessoas sabem menos línguas, que cada vez menos escrevem bem Português. Essa é uma percepção que eu e os meus colegas nas faculdades temos, e até nas



outras escolas temos. As pessoas... não escrevem bem e não estão tão bem preparadas como deviam estar, em termos de conhecimentos de línguas. Isso eu noto. E isso poderá, isso é, obviamente, um factor negativo, para se exercer tradução. (M.C.B.)

P: Acha que o mercado tem bastantes maus profissionais?

R: Tem, tem. Mas isso também, distanciei-me dessa parte... no início da profissão também oferecia revisões. Deixei de o fazer porque, para mim, por razões pessoais, já não faço... (...) o esforço e o rendimento que isso dá não qualifica. E uma vez que tenho a vantagem de ter trabalho suficiente para fazer traduções que é a minha profissão, eu sou tradutor e não revisor... distanciei-me, mas já vi peças que não se entendem. Por exemplo, estou a ver televisão portuguesa de séries alemãs e vejo lá um subtítulo e, de vez em quando, pergunto... não dá... Por isso, há algumas pessoas que são bastante, que não sabem o que fazem... de vez em quando, sobretudo no jurídico, nem têm ideia no que se metem... Assumem responsabilidades para coisas que não sabem. Mas isso, se formos para uma parte de início, foi há já quatro anos, não sei mais nada disso porque deixei mesmo. Houve lá uns 2, 3 casos em que me enervei tanto com a revisão porque foi mesmo posto... As pessoas disseram assim “temos aqui um texto que foi traduzido, pode, por favor, fazer uma revisão dentro do tempo X”, e o que tinha de fazer foi simplesmente uma tradução de raiz e... nessas condições não... porque dá muita confusão para o resto. Porque eu tenho o meu tempo contado e tenho que planear... e quando o cliente diz “tenho uma revisão que pode fazer dentro de uma hora” e depois tem lá três tradutores a trabalhar nisso, de facto isso não vale. (...) Por comparação com a Alemanha, falta o estatuto legal que nós temos. (U.L.)

Neste caso, a tradutora queixa-se da concorrência desleal e da falta de qualidade, responsável por traduções más e sem sentido, apontando como maior problema os “não tradutores” que atacam no mercado:

R: Sim. E quanto a essa concorrência, no fundo, quero acreditar que... vê-se a qualidade, porque depois quero apresentar um produto que o destinatário não compreende... Depois as pessoas começam-se a perguntar que tradutor é este, como já me aconteceu ter vários documentos que o destinatário não compreende, porque foram substituídas as palavras portuguesas pelas alemãs e, portanto, aquilo não faz sentido.

P: E isso decorre de quê, da má preparação, do acesso ao mercado, da incompetência?

R: **Pessoas que traduzem que não são tradutores.**

P: É isso?

R: Porque acham que traduzir é falar a língua, e depois usam, por exemplo, nas traduções jurídicas uma linguagem coloquial, absolutamente fora do contexto. Há palavras que, portanto, não conhecem, ou não conhecem o contexto jurídico e traduzem como se estivessem a falar no café e depois, no fim, aquilo dá um resultado que, às vezes, até tem uma certa piada. (T.S.M.)

Curiosa esta definição de profissional, por comparação com outras profissões, neste caso, a medicina, em contraponto com os amadores que inundam o mercado:

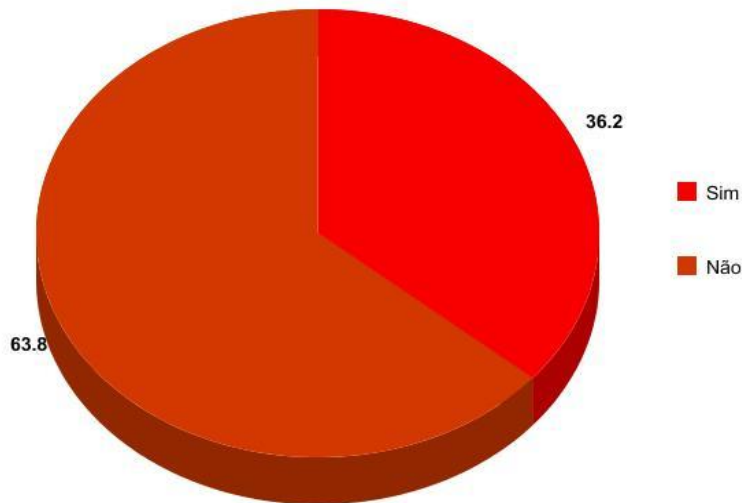
Para me chamar profissional, **é eu fazer aquilo que sei fazer e fazer só aquilo que sei**. Se eu partir uma perna (“diabo seja surdo”), não vou ao otorrino. Se o otorrino me quiser atender e me compor a perna, ou é um génio, ou também é ortopedista. Ou então está a ser aldrabão. (...) **Que é uma coisa que eles não fazem**. Isso não é da minha especialidade, mas eu consulto o meu colega otorrino ou gastroenterologista, ou qualquer coisa, e eu faço. E isso a propósito, já referi esse aspecto... Eu não sou especialista em textos de medicina, não é, e quando recebo um texto de medicina, um relatório médico, por exemplo, eu antes de dizer que sim, que faço, ou antes que não, leio do princípio ao fim: tem aqui umas dificuldades, mas eu consigo superar isto, sim senhora, faço, ou então olhe, não faço, não faço, porque isto é difícil de mais para mim. **Em relação aos textos técnicos, eu nunca os leio previamente, eu nunca faço uma leitura prévia, ponho ali no suporte manuscrito, é o olho a receber e o dedo a debitar**.

P: Mas, no entanto, essa questão do amadorismo, rejeitando então uma tradução de medicina, se calhar alguém faz?

R: Alguém faz, alguém a fará. Ou bem ou mal, alguém a fará e o amadorismo é muito perigoso para os profissionais. (A.C.)

Estamos perante uma constatação crucial, sobretudo porque reveladora de percepções intra-profissionais e inter-pares, ou seja, formuladas dentro da própria comunidade profissional, mas ultrapassando as fronteiras da mesma. Como vimos, ao contrário desde “evangelho” da especialização, há muitos tradutores que optam por assumir abertamente uma postura generalista, aceitando qualquer trabalho em qualquer tema. Trata-se de uma visão endógena, de uma percepção intrínseca, que poderá ser interpretada como uma crítica interna, velada ou não, dirigida pelos pares para o interior do grupo, reflectindo, por um lado, o preconceito que a própria sociedade tem para com os tradutores, do ponto de vista crítico, ao mesmo tempo que uma auto-crítica.

Considera que os tradutores têm formação adequada para a prática?

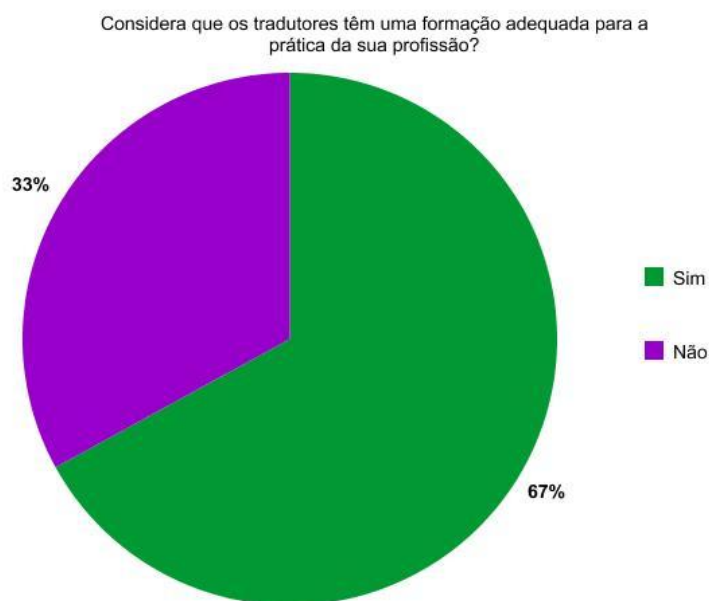


**Figura 35.** Considera que os tradutores têm formação adequada para a prática profissional?

Em termos interpretativos, paradoxalmente, verificamos a existência de indivíduos que, por um lado, se queixam da formação e criticam a preparação dos seus colegas/pares, mas que, por outro, consideram que a tradução corresponde à sua vocação, ou seja, estão na profissão por vontade e desejo próprios, embora esse exercício profissional seja, para a grande maioria, algo secundário e acessório, como constatámos.<sup>231</sup>

Complementarmente, quisemos colocar a mesma questão acerca da adequabilidade da formação dos tradutores, só que, neste caso, dirigida aos clientes e consumidores de serviços de tradução. Neste caso, o divórcio entre as percepções dos tradutores e o impacto que as mesmas encontram junto da opinião pública é notório, já que a maioria dos respondentes tem, de facto, opiniões bastante positivas acerca da formação destes profissionais, conforme demonstra a tabela abaixo, com 67% de respostas afirmativas (136 respondentes), contra 33% negativas (67 respostas), num universo de 203 inquiridos.

<sup>231</sup> Relativamente a este ponto, será igualmente importante aferir os índices de satisfação e realização pessoais e profissionais, como veremos mais adiante.



**Figura 36.** Considera que os tradutores têm uma formação adequada para a prática da sua profissão?  
**Fonte:** Questionário “A prestação dos serviços de tradução na óptica do consumidor/cliente”

Um dos vectores mais importantes para triangularmos os dados e, ao mesmo tempo, podermos aferir o grau de sensibilidade relativamente à profissão encontra-se directamente ligado às noções de imagem e auto-estima. Daí que uma das questões tenha incidido precisamente nesse ponto:

*38. Ser tradutor é importante para a sua auto-imagem/auto-estima?*

Efectivamente, 68,3% dos inquiridos (196 respostas), ou seja, a maioria, responderam que a tradução e o facto de serem tradutores são elementos importantes para a definição, caracterização e construção da sua auto-estima/auto-imagem, revelando, portanto, valores positivos associados à profissão, algo que é corroborado pela citação de Brigith Guimarães, na sua entrevista concedida no dia 30 de Novembro de 2009:

**Porque o que eu queria mesmo era dedicar-me por inteiro à profissão. E porquê? Numa escala de 1 a 100, estamos a falar em percentagem, sinceramente e do coração, 70% é por prazer. Porque eu adoro traduzir. Porque acho um desafio.**

(...)

**Porque eu gosto mesmo, eu amo a tradução.** E, portanto, o único, eu digo-lhe sinceramente, o único factor negativo, é eu não ter tempo para traduzir mais. Nem é o dinheiro, porque eu ganho o suficiente, podia levar mais, não levo, já não, nunca aumentei os preços. **Pronto, quer dizer, eu gosto de traduzir, eu adoro traduzir, e portanto, o que me move, basicamente, é isso.** (Brigith Guimarães, nossos destaques)

Ser tradutor é importante para a sua auto-imagem/auto-estima?

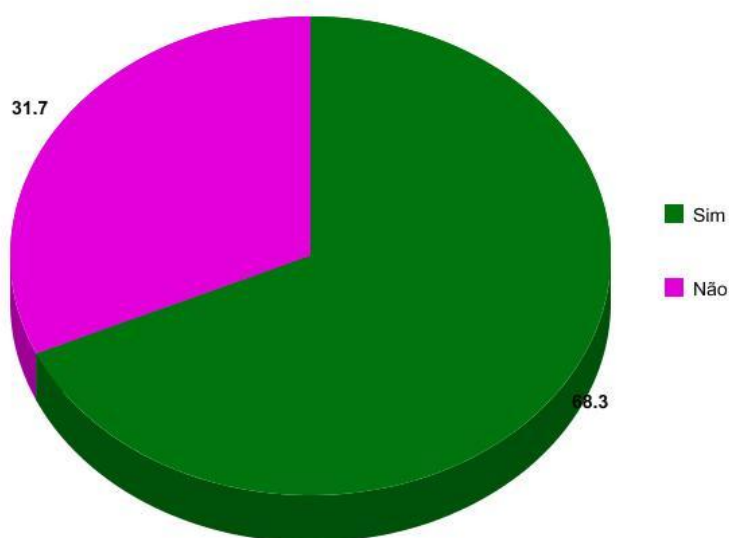


Figura 37. Auto-imagem/auto-estima

No caso de Brigith Guimarães, por exemplo, perante esta situação profissional, a tradução em regime *freelancer* preenche-a e completa a sua vida em todos os domínios, sentindo-se realizada profissionalmente, precisamente porque é algo que gosta de fazer e uma actividade, simultaneamente direccionada para a área técnica e alguma literária, da qual retira um imenso prazer e satisfação pessoais, tal como A.C. que utiliza a metáfora ligada ao meio aquático, mais concretamente à natação:

Na tradu o como actividade   assim, **uma espécie de mergulho que me d  imenso prazer, nado com imenso prazer por ali fora, às vezes aparecem uns problemas, uns termos, umas palavras, umas expressões e tal, mas isso faz parte do gozo não  , e não sei o que   que não me d  prazer na tradu o.** Na tradu o propriamente dita, no acto da tradu o, quer dizer, ontem deu-me, ontem tive um grande desprazer, mas a tradu o não tinha nada a ver com isso, eu estava a fazer um trabalho quando o computador disse que não, chamei logo, como eu costume dizer, o meu guru informático, não  , ele felizmente vive perto daqui e tal... Ai isso era o disco que estava desapertado e tal, aliás tenho aqui dois computadores, um velho e tal, e outro, e era o velho que já estava a fazer, ai e tal era aqui um parafuso desapertado, já está a funcionar. Portanto, são esses os desprazeres que eu tenho na tradu o, porque a tradu o propriamente dita só me d ... quer dizer, há uns textos que não me dão grande prazer e tal. **O acto de traduzir d -me prazer.** (A.C., nossos destaques)

Estamos, portanto, no domínio das percep es e sentimentos associados   profissão e que, regra geral, como já referimos, são, apesar de tudo, bastante positivos e de satisfa o e realiza o profissionais, como atesta, por exemplo, o seguinte comentário de outro tradutor entrevistado, P.E.C.:

P: O que é que tu sentes ao traduzir?

R: Prazer. Gosto muito. (P.E.C.)

Uma das características mais visíveis nas suas narrativas, nomeadamente de Brigith Guimarães, é o enorme optimismo e satisfação pessoal que os tradutores encontram no seu trabalho. Esta satisfação é directamente proporcional à forma como é estabelecida a relação com o cliente final, numa ética pessoal profundamente marcada pela noção de profissionalismo, pelo primado do cliente, respeito mútuo e boa imagem, naquilo que, por exemplo, Brigith Guimarães designa como uma espécie de lógica de “pescadinha-de-rabo-na-boca”, segundo a qual uma boa relação e respeito mútuos serão o garante de mais trabalho, maior exigência e maior qualidade no serviço.

Contudo, e apesar da sedução que sentem pelo trabalho, associada à noção, nem sempre bem gerida, do novo e do inesperado, constatamos em muitos discursos, como no caso de Brigith Guimarães, uma tendência para a dualidade de percepções, decorrente da forma como oscila, de forma quase bipolar, entre uma sensação de prazer e realização plenas, e uma sensação de absoluto vazio, quase de esgotamento de um ciclo que termina.

Vejamos, por exemplo, o depoimento de C.P., falando, por um lado, da solidão inerente à profissão, denominador comum a outros tradutores, como J.G., pela falta de indicadores de socialização:

R: Deixe-me dizer que não conseguiria fazer isto se não gostasse, porque **é muito duro traduzir.**

P: É duro de que forma?

R: **É duro, primeiro pela solidão.** Acho que isso, o homem é um ser que vive, que gosta de viver em grupo e **a solidão é, de facto... custa, custa muito.** (C.P.).

P: Não sentes essa solidão, por exemplo?

R: Sinto, sinto. Mas eu consigo estar mais, consigo estar mais, **consigo estar mais à vontade a trabalhar sozinho, porque me consigo concentrar mais.**

P: Preferes trabalhar sozinho?

R: Prefiro trabalhar sozinho. Mas sei que há desvantagens, não é? (J.G.)

E, por outro, pela absorção e entrega totais que a tradução, neste caso, a literária, exige, e do modo como, apesar de colmatar muitas coisas, a actividade envolve sempre um enorme investimento psicológico e emocional, no limiar do esgotamento, ao ponto de ter mudado a sua vida por completo:

Sim, influenciou muito... Repare, eu quando estava na minha escola, foi-me logo proposto este trabalho que eu fiz a meias... Eu não quero estar a mencionar... Foi-me logo proposto fazer a tradução de um livro, **logo no início, tinha os miúdos, ainda bebés, não é? Não tinha disponibilidade para aquilo.** Comecei a olhar para aquilo... a minha vida, naquele momento, não me permitia a tradução, **não havia espaço para a tradução na minha vida,** porque eu podia trabalhar e fazer tradução, como fazem muitas pessoas, não é? Em part-time, à noite, ou... mas, naquela altura, não tinha disponibilidade, **não tinha disponibilidade, nem de tempo, nem psicológica, eu acho, nem emocional para, para a tradução.** Eu acho que, numa fase, numa fase da vida, mais os miúdos com 18 anos, pronto, um casamento de 22 ou 23 anos... O marido também é académico, também tem muito que fazer... **Eu acho que a tradução, colmata muitas coisas.** Este trabalho, a tradução literária, **porque a entrega, de facto, é tanta, que deixa de haver disponibilidade para outras coisas,** não é? Lá está, também, isto também é **um ciclo vicioso. Também só podemos ter essa disponibilidade numa fase da vida, já madura, se não eu não a teria,** não é? Com filhos pequenos não é possível, não é possível, eu não acho que seja possível. **Eu agora posso dar-me ao luxo de estar um dia inteiro a pensar na tradução.** Os miúdos vão à vida deles, e antigamente eu não podia. **A tradução literária envolve uma disponibilidade muito grande. Total. E uma entrega total. É isso que eu tenho sentido.** (C.P., nossos destaques)

## Qualidade

Dada a ambivalência do tema, a questão da qualidade foi um aspecto que mereceu lugar de destaque no nosso inquérito, através da seguinte pergunta:

### ***44. Na sua opinião, a qualidade geral da tradução em Portugal é...***<sup>232</sup>

De novo, esta foi mais uma resposta significativamente desconcertante, sob o ponto de vista das percepções profissionais dos tradutores a quem dirigimos o nosso questionário. Isto porque, para grande parte dos respondentes, a qualidade das traduções em Portugal é mediana (54,7%, 157 respostas). Ou seja, há um grande espírito crítico em relação à profissão, através de um discurso negativo e preconceituoso que vem de dentro da classe, dos próprios tradutores, que têm consciência da sua falta de qualidade

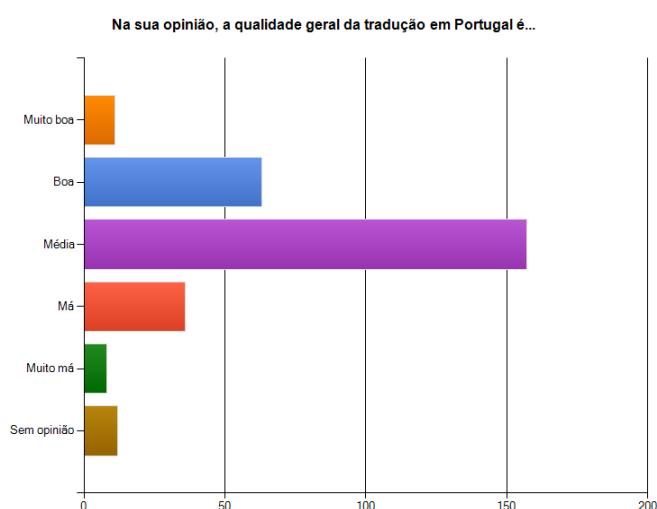
---

<sup>232</sup>

No caso concreto de Brighth Guimarães a questão da qualidade poderá ser confirmada através da análise dos textos que disponibilizámos no Anexo 21, precisamente porque nos permite a avaliação do produto traduzido. Apesar de conscientes da aparente impossibilidade de classificar com rigor textos oriundos de fontes e formatos tão diversos e com graus de especificidade e complexidade tão elevados, e sobretudo devido ao seu carácter fragmentário e transitório, cremos, no entanto, ser possível aplicar uma grelha de avaliação da qualidade no sentido de formularmos um juízo de valor acerca das traduções efectuadas, como por exemplo em Mossop (2001), Costello (2004), Baker (1991), Manning (1996), Brunette (2000) ou Hurtado-Albir (1995), bem como a norma de qualidade LISA J 2450.

geral. Não esqueçamos, por exemplo, que a terceira resposta mais votada foi “Má”, com 12,5% e 36 respostas.

Algo que parece já estar inculcado no substrato cultural e social, e que eventualmente repercutirá percepções exógenas. Importante será saber se este é o reflexo de uma visão externa que é projectada para dentro, como se os tradutores interiorizassem essa subalternização e predisposição à crítica, ou se, pelo contrário, é algo que nasce e já vem da profissão e que é projectado para o exterior. Isto é, a pergunta que se coloca é a seguinte: A percepção sobre a qualidade da tradução vem do interior, e é intrínseca à profissão, ou do exterior?



**Figura 38.** Percepções sobre a qualidade geral da tradução em Portugal

Por outro lado, importa questionar se, a bem da dimensão corporativa da profissão, essa percepção da qualidade geral do trabalho não deveria ser mais elevada. A bem também da qualidade e projecção de uma imagem de rigor e profissionalismo para o exterior, evitando o tom lamuriento, pessimista e miserabilista que atravessa muitos destes discursos e que, como já referenciado, Chris Durban classificava de “poverty cult”.<sup>233</sup>

Pergunta-se: haverá alguma credibilidade social exterior se a imagem e percepção profissionais internas são assim tão baixas e medianas? Não deveria ser

<sup>233</sup> Curiosamente, do lado dos empregadores, editores, a opinião é diametralmente oposta. Em entrevista publicada no suplemento *Leituras do Público* (1997), Carlos Veiga Ferreira, editor da Teorema, criticava o excessivo tom lamuriento, aquilo que ele designa como a “música miserabilista” que diz que os tradutores portugueses são mal pagos”, isto apesar de reconhecer, lá no fundo, que há editoras portuguesas que “pagam miseravelmente.”

Comparar com o conceito de “Poverty cult”, de Chris Durban, em “Beware the Poverty Cult!”:

“Definition: When one indulges in wailing and gnashing of teeth about poor translator visibility while throwing in the towel and doing nothing oneself.” Poverty cult members complain bitterly about media depictions of translators, while never ever making the effort to correct those erroneous perceptions—even to the extent of becoming participants in their own self-destruction.



maior? E será que o problema está simultaneamente na sociedade ou na profissão? Isto é, se a imagem é má, e a qualidade é média, o que há de errado na forma como a profissão é vista e encarada? Onde está o problema que enferma, por exemplo, o discurso deste experiente tradutor, com mais de vinte anos de carreira?

Não sei, não tenho a mesma motivação que tinha no princípio, isso é evidente. Não consigo, se calhar, cumprir algumas das metas que tinha estabelecido e, porventura, quando chegar a altura de fazer contas e de dizer, estas metas eu já as devia ter alcançado e não alcancei, vou ter que repensar aquilo que estive a fazer. E eu acho que, neste momento, após vinte anos, estou numa fase de repensar aquilo que estou a fazer, até por causa daquilo que tanto falei, das recompensas materiais. Começa a fazer alguma diferença, começa a notar-se que, não é uma questão de nível de vida, mas algumas das coisas que eu gostaria de poder fazer, não tenho feito, nem estou a fazer, por causa de não ter as recompensas adequadas. E, portanto, já ao longo deste ano e provavelmente ao longo do próximo 2010, vou ter que repensar muito bem o que é que ando para aqui a fazer. Muito bem, mesmo... Talvez isso me possa levar a sair da tradução (...) (J.P.)

Partindo do pressuposto de que este tom pessimista se encontra inculcado na mente dos profissionais, estas são questões essenciais que devem ser analisadas, de forma a conferir alguma credibilidade e legitimidade ao discurso em torno da tradução.

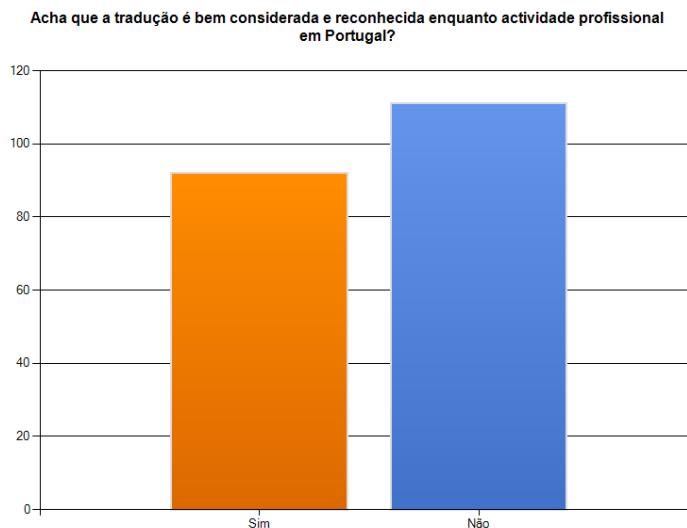
Sim, isso vê-se, por exemplo, nos fóruns das empresas tipo o *LinkedIn*, aquele fórum o *ProZ*, aí sim, vê-se que há uma noção um pouco negativa do mercado. Mas também há aquelas pessoas que dizem, não direi rosas, mas pronto, quase que vivem muito bem e que... eu acho que, apesar de tudo, é um bocado mais sorte do que capacidade. Eu sou um bocadinho..., é assim, por exemplo, eu tenho um colega que foi para Dublin e então é tradutor, em Dublin, não tem formação de tradução, mas isso não há problema nenhum, não é, desde que soubesse traduzir não havia problema. Agora, um tradutor que diz que temos que “scanear” artigos, na minha opinião, é um mau tradutor, porque se quiser dizer alguma coisa, ou diz, e deixa a palavra em inglês, “fazendo o scan”, ou diz digitalizar, não se vai scanear, porque principalmente em português há a palavrinha “sacanear” que não é muito positiva. Portanto, ele não tem essa noção, no entanto, tem muito trabalho e bem pago, muito bem pago. (A.V.F.)

Mais uma vez, esta visão desfocada é evidente quando se comparam as diferentes percepções. Por exemplo, irónica e paradoxalmente, os clientes e consumidores de traduções referem que, pelo contrário, a qualidade geral da tradução em Portugal é elevada, com 61,3% das respostas (ou seja, 106 inquiridos), contra 38,7 de opiniões negativas (isto é, 67 respostas), revelando, regra geral, opiniões bastante positivas e lisonjeiras.



**Figura 39.** Percepções sobre a qualidade geral da tradução  
**Fonte:** Questionário “A prestação dos serviços de tradução na óptica do consumidor/cliente”

No entanto, quando os clientes são inquiridos sobre se a tradução é bem considerada e reconhecida enquanto actividade profissional em Portugal, as respostas invertem-se, o que parece demonstrar, de facto, essa noção que aponta para uma certa desvalorização profissional subjacente. As respostas obtidas revelam um equilíbrio relativo entre o “sim” e o “não”, havendo uma ligeira tendência para o “não”, com 54,7% (ou seja, 111 respostas) da percentagem total dos inquiridos, em relação às respostas afirmativas situadas entre os 45,3% (92 respostas).



**Figura 40.** Acha que a tradução é bem considerada e reconhecida enquanto actividade profissional em Portugal?  
**Fonte:** Questionário “A prestação dos serviços de tradução na óptica do consumidor/cliente”

## 11. VARIÁVEIS ECONÓMICO-FINANCEIRAS E PRODUTIVIDADE

“Não precisas de ser reconhecida. Pagaram-te, não pagaram? Isso basta”. A minha amiga é muito pragmática nessas coisas. (C.P.)

---

R: Não se pode enriquecer com a tradução. Eu, pelo menos, não consigo. Não consigo enriquecer com a tradução.

P: Achas?

R: Não consigo enriquecer com a tradução. (J.G.)

Ah, eles ganham muito mais! Tenho uma amiga que faz tradução técnica e ganha rios de dinheiro. Se me estiver a contar a verdade... Eu preciso de dois ou três romances para ganhar o que ela faz por mês. É uma coisa impressionante. Tem uma capacidade de trabalho! Mas como é possível! Mas olhe, já lhe perguntei que programas é que ela tem, que fazem tudo sozinha. (C.P.)

Quando questionada sobre os motivos pelos quais traduz, Brigith Guimarães é peremptória e refere que, se tivesse condições e se pudesse, deixava tudo, a empresa onde trabalha actualmente, reformava-se e só se dedicava à tradução, já que o rendimento que consegue auferir numa tarde de trabalho, apenas da tradução, é superior ao montante que ganha em termos semanais na sua empresa. Em termos económicos, constatamos que a respondente ganha bem, se sente satisfeita com a remuneração que recebe com este “part-time” e consegue ter bastante trabalho, depreendendo-se dessa forma que perderá dinheiro na empresa.

Trata-se de uma circunstância que, no presente caso, e sobretudo pela forma como acumula funções e tarefas, parece ser algo dispersiva e angustiante na sua vida, precisamente porque, graças à polivalência, velocidade e ritmo de trabalho, consegue responder a múltiplas solicitações, trabalhando depois em casa, em regime de “part-time”, e aproveitando todo o tempo livre de que dispõe, quase de uma forma obsessiva.

Para além da qualidade e versatilidade que advoga, confessa ter bastante experiência, naquilo que classifica como “muito calo” [sic], facto que lhe permite, como refere, “despachar muito serviço” [sic] com rapidez e eficiência, fruto da vantagem competitiva decorrente da sua elevada produtividade (“3 a 4 mil palavras ao serão, 6 mil palavras por dia, incluindo fins-de-semana e feriados”[sic]), e da forma quase compulsiva como se relaciona com a tradução, como se de um vício ou adição se tratasse, ao ponto de desejar dedicar-se a tempo inteiro à actividade.

Com efeito, estamos perante alguém cujo ritmo de trabalho é elevado e que precisa da adrenalina decorrente do elevado carácter de imprevisibilidade que a

profissão transporta consigo. A este propósito, e a título de exemplo, refere ter sempre a sua conta de *email* aberta, porque está constantemente a receber trabalho, algo que desperta em si uma grande curiosidade pela novidade de cada projecto, pelos desafios constantes que enfrenta e pelo enorme prazer que retira da actividade, “porque adora traduzir”.

Para além dos 70% de prazer que a nossa interlocutora identifica como essência da actividade de tradução, os restantes 30% são, na sua opinião, explicados por motivações essencialmente económicas, sob o ponto de vista pessoal, enquanto profissional e, mais importante ainda, como mulher, já que a actividade se assume como crucial, pois permite a possibilidade de conquistar a sua independência social, económica e financeira.

E, muito embora, no seu discurso, assuma que não necessita do dinheiro, em termos de compensação monetária, preferindo sublinhar o prazer e o gosto que retira dessa actividade, a verdade é que a parte financeira representa, porém, uma variável importante da relação entre homem-mulher, precisamente porque permitiu a sua independência física e emocional como mulher:

Agora, não é o que me move em primeiro lugar, mas move-me. Tem muita, muita importância. Porque eu gosto de facturar. E gosto de chegar ao fim do mês e dizer ao meu marido: “Eh pá, sabes quanto é que eu facturei este mês?” 4 mil, 5 mil, 6 mil. É bom, gosto. É um sentimento ao qual tenho direito. E gosto. (...) E eu aí dei uma lição. Dei uma lição ao meu marido... Para mim, isso foi importante, para mim. E continua a ser importante. (Brigith Guimarães)

Neste caso, a tradução assume-se como um desígnio particular e pessoal, associado à sua independência, “a única coisa na vida que devo a mim” [sic], responsável pela obtenção de um estatuto familiar e profissional socialmente reconhecido, e pelo qual é respeitada:

Ganhei o meu estatuto. Mesmo em casa, e isso foi importante para mim. Ganhei o meu estatuto. (...) Eu não gosto de me gabar. Mas há uma coisa da qual todos temos que ter consciência. É daquilo que valemos. **E eu tenho a certeza de que sou uma boa profissional naquilo que faço.** (...) E, hoje em dia, isso para mim é muito importante, porque as pessoas apreciam-me, não é por ser a mulher do fulano tal, por ser filha de fulano tal, por ser empregada da empresa tal. É porque eu sou Brigith Guimarães, tradutora freelancer, que as pessoas respeitam porque não querem outra e porque os próprios clientes dos meus clientes dizem: “Não quero mais nenhuma, é essa a tradutora que eu quero.” (Brigith Guimarães)

Em comum com o discurso de outros tradutores, em número bastante considerável, por sinal, está o valor intrínseco da tradução, como desempenhando um papel importante em termos de afirmação da independência e auto-estima do tradutor, algo que poderá ser enquadrado em termos de valor simbólico, por oposição ao valor real.

Porém, em divergência com outros tradutores, na realidade a grande maioria, está o facto de a tradução ser uma actividade precária, associada a uma enorme instabilidade, sobretudo do ponto de vista financeiro, algo que é comprovado pelos depoimentos de C.P. e J.P.:

Bem, eu só consigo viver da tradução, porque pronto, já tenho meia vida feita, certo? Mais ou menos, vá lá, tenho, tenho uma vida familiar estável. Não sei se conseguiria se estivesse em começo de vida, não é? Eu não sei se conseguiria alugar uma casa, pagar a renda e pronto, viver, arranjar dinheiro para pagar a NetCabo, etc, se tivesse que viver... Se viesse de três em três meses não dava. Alugava um quarto, com umas colegas tradutoras, tradutoras literárias, alugava um apartamento, e pagavam todas a Internet a meias. Aí, se calhar, era capaz. Não sei se será. A não ser que o princípio é difícil, o princípio é difícil, é preciso algum, primeiro, é preciso investir, e depois recolher, certo? (C.P.)

---

P: Imaginavas-te a ter uma vida só decorrente da tradução para edição?

R: Se as recompensas materiais fossem mais adequadas, sim. Neste momento, não é possível. Há grandes diferenças também entre os editores, e aqueles que oferecem mais trabalho, normalmente, são aqueles que pagam pior. Ou seja, tentam fazer-se valer dessa oferta de um maior número de obras para traduzir, ou de textos, como sendo justificativas de menos dinheiro pago por cada uma das obras. E isso impediria certamente de exercer a actividade a tempo inteiro. (J.P.)

Mas também um sentimento ligado a alguma insegurança, sobretudo ao nível das condições do exercício da profissão e da própria regulamentação da actividade profissional. Por exemplo, neste caso, F.C. fala de uma profissão extremamente absorvente, com um elevado grau de risco, caracterizada por uma gritante falta de autonomia e nem sempre com uma remuneração compatível:

(...) acho que é uma profissão muito precária mesmo, nunca se sabe... Porque tem muito a ver com necessidades que não são constantes, não é? E, por isso, demora-se muito tempo até se conseguir ter uma oferta constante de trabalho **e quando se tem, não se pode dormir em cima dela porque qualquer um desses clientes pode desaparecer**. Nós estamos constantemente a falar de grandes empresas que são grandes clientes de tradução e que vão à falência, e que

desaparece esse negócio todo, não é? Não é uma profissão que se defina a si própria a sua autonomia (F.C.)

Enquanto C.P. e M.M.C.U. sublinham a angústia e a insegurança decorrentes da precariedade da profissão, sobretudo em termos de subsistência, pela impossibilidade de fazer planos a curto prazo e pelas agressivas políticas fiscais que penalizam seriamente o trabalhador:

A precariedade, ser *freelancer* é uma preocupação imensa. O saber que tenho um livro, que está a chegar ao fim um livro, e não tenho outro na prateleira, não tenho tido essa experiência. Tive um mês, tive. Foi, de facto, no início deste ano, houve um... eles fizeram uma paragem. Pelos livros que saiam, houve uma necessidade, eles fizeram uma paragem. Tive um mês sem livro. (...) mas isso, de facto, é angustiante. (C.P.)

---

É assim, eu acho que sim, acho que se poderá classificar como uma profissão. Agora, **se calhar, tem de se prescindir de muita coisa. É um trabalho, lá está, volto a repetir, muito precário, não dá muitas seguranças.** Ou então tem-se sorte e arranja-se um emprego numa empresa e aí, lá está tem-se o trabalho de tradutora, naquela área específica, e aí, talvez seja considerada... Agora no meu ver, não acho que seja um trabalho a 100%. (...)

É também talvez, primeiro, o facto de não ter tanto trabalho, ou seja, de ser um trabalho, neste momento, mais esporádico, que aparece de vez em quando. Também outro factor que condiciona muito a minha vida é o facto de ser trabalhadora por conta própria, ou seja, tenho que passar recibos, tenho que pagar o IVA, o IRS etc., portanto acaba por não ser muito benéfico. Como sabe, ser trabalhador a recibos verdes é muito complicado, é um desastre, e não dá para fazer planos, porque nunca se sabe se, por exemplo, vou ter trabalho, se vou ter traduções, não vou. Por isso, é que acabei também por enveredar por outra área, a área do ensino. Pelo menos, quer dizer, não me dá neste momento muita estabilidade, mas visto que o espanhol é uma língua que está a surgir bastante nas escolas, os miúdos acabam por escolher, acabam por fugir do francês, e então acabo por ter algum emprego na área do ensino. Agora a tradução, pronto, **fico um bocado triste, porque realmente é uma área em que gostava de investir e poder trabalhar mais e de me especializar, mas, quem sabe, para isso precisaria de ter um trabalho fixo nessa área e não um trabalho precário. Porque acaba por ser um trabalho precário porque não dá garantias nenhuma de sobrevivência.** (M.M.C.U.)

Como complemento às afirmações acima, destacamos estas palavras de António Pescada, tradutor, quando, numa entrevista publicada no jornal *O Primeiro de Janeiro* de 23 de Abril de 2006, abordava o aspecto preocupante da sensação de abandono e

inconstância desta classe, frisando a questão tantas vezes ouvida da “sobrevivência”.<sup>234</sup>

Na verdade, tal como referido amiúde, os tradutores têm de sobreviver:

(...) os tradutores enquanto trabalhadores independentes não têm ordenado assegurado ao fim do mês. (...) E como é que se sobrevive durante esse tempo. É necessário parar e fazer coisas mais pequenas para se poder viver. (...) Neste momento (...) por exemplo, estou a acabar de traduzir um livro que já vai com dois anos e meio. Como vê, se não tivesse outra maneira de subsistir ao fim deste tempo já tinha morrido à fome.<sup>235</sup>

E continua “A legislação existe, só que não é aplicada. Isto tem sido uma questão de relação de forças. Se os tradutores tivessem força na sociedade podiam impor as suas condições, como não têm, essas são impostas pelo editor”, o que, mais uma vez, parece sublinhar a frágil posição dos tradutores na sociedade (António Pescada, *O Primeiro de Janeiro*, 2006).

A satisfação com as condições de exercício da profissão impõe-se como uma questão absolutamente crucial, primeiro, porque associada a variáveis sócio-económicas e, segundo, porque reveladora de percepções bastante negativas, razão pela qual colocámos a seguinte questão aos tradutores:

### *39. Está satisfeito com as condições em que exerce a sua profissão?*

Como resposta, 158 indivíduos, ou seja, mais de metade dos inquiridos (55,1%) revelam uma total insatisfação relativamente às condições de exercício da profissão (contra 44,9%, 129 respostas positivas).

Neste contexto, importa ainda apontar eventuais responsáveis por esta conjuntura desfavorável, já que as responsabilidades poderão ser imputadas às instâncias governativas, organismos do Estado, associações, sociedade civil,

---

<sup>234</sup> Ver Douglas Robinson: “Where translators are professionally unorganized — as they are in most of the world — a small group of quasi-professional translators can undercut professional translators’ fees and make those fees seem exorbitant, even when by translating at those market rates 40—60 hours per week a translator can just barely stay above the poverty line.” (Robinson 1987: 19)

<sup>235</sup> Veja-se, a propósito, um dado curioso. No artigo já citado de 1997, “O País dos Tradutores”, publicado no suplemento *Leituras do Público*, Carlos Veiga Ferreira da Teorema menciona estes atrasos dos tradutores, contando que estava à espera de uma tradução que lhe deveria ter sido entregue em Dezembro do ano transacto, e conclui: “Os contratos virar-se-iam contra os tradutores, ao contrário do que pensa a APT, e não contra mim, que cumpro prazos e pagamentos.” Da mesma forma, Francisco Vale fala “em cerca de 20 traduções encalhadas, o que é muito para uma editora que publica 50 títulos por ano”, dizendo ainda que estava há três à espera de uma tradução que era suposto o tradutor fazer em seis meses.

E termina dizendo que a culpa deste atraso será imputada aos tradutores, pela forma como o não cumprimento dos prazos acaba por gerar graves prejuízos à editora:

“Por vezes passam os prazos que tínhamos para editar e temos de pagar um adicional ao editor original”.

profissionais, conjuntura económica, tradutores, órgãos de decisão, empregadores ou mesmo legisladores.

Tal como refere Francisco Magalhães, o problema é bem mais profundo, já que ‘o exemplo vem de cima’, fazendo notar que “o mesmo Estado que equiparou os tradutores aos autores no Código do Direito de Autor lhes nega essa qualidade nas repartições de finanças onde, ao contrário do que acontece com os autores, os tradutores não podiam pagar o IRS apenas sobre 50 por cento dos respectivos rendimentos. Além de mais mal pagos, os tradutores portugueses são ‘os mais contribuídos da Europa’.”

De facto, o peso fiscal, decorrente da situação de grande precariedade, associada ao regime de prestação de serviços, com os já célebres recibos verdes e actos únicos ou isolados, acaba por impedir a clara afirmação de uma profissão que se vai esbatendo face aos inúmeros constrangimentos que lhe são impostos. (Francisco Magalhães, entrevista a *O Primeiro de Janeiro*, Abril de 2006).<sup>236</sup>

Durante o nosso projecto, e a propósito deste tema, tivemos oportunidade de receber vários emails de tradutores, dando conta da sua preocupação perante os obstáculos exteriores colocados ao exercício da profissão, como este que a seguir transcrevemos:

Um dos obstáculos que enfrentamos no exercício da nossa profissão é a estrutura jurídico-tributária, totalmente desfasada do resto do mundo e particularmente da Europa, onde nenhum esforço foi feito para integração. Não sei se isto se inclui no seu estudo, penso que seria fundamental algum estudo comparativo, porque realmente somos penalizados de forma extrema desde o IVA a 10.000 Euros quando no Reino Unido é a partir de £50000, aos recibos verdes quando toda a Europa pode emitir facturas - sem custos, à obrigatoriedade de contratar contabilistas com experiência internacional de custo absurdo e a quem temos que confiar o nosso trabalho e reputação, sem podermos verificar sequer o trabalho que fizeram. Tentei chamar a atenção da DGCI<sup>237</sup> para isto, mas nem ouvem, e mesmo que ouvissem a estrutura hierárquica é de verticalidade extrema.

Talvez um estudo de uma Universidade tenha algum peso para ser lido por quem tem poder de decisão. Ninguém lucra com o desemprego de tradutores, mais uma vez, pode ser apenas falta de atenção ao assunto.

Isabel Reis

Tradutora \_ Translator \_ Traductrice  
T/A Medicabile

---

<sup>236</sup> Gostaríamos de destacar a recente edição do livro *Precários em Portugal: entre a fábrica e o “call center”* (2011), de José Nuno Matos, Nuno Domingues e Rabul Kumar (Edições Le Monde Diplomatique), precisamente direccionado para estas questões, sobretudo no capítulo “As faces precárias da flexibilidade” de Ana Maria Duarte.

<sup>237</sup> Direcção-Geral das Contribuições e Impostos



Em termos de discurso, o problema parece ser estrutural e não tanto conjuntural, simultaneamente intrínseco e extrínseco aos próprios profissionais, explicado por causas físicas, humanas, técnicas, materiais ou remuneratórias, mas também socioculturais, entre outras, como é o caso da aparente impunidade e descontrolo sectorial que afectam a profissão, aqui descrito por A.S.:

É assim, eu não acho que haja culpados ou menos culpados. No processo, toda a gente tem culpa, porque nós, enquanto tradutores, também devíamos ter preocupação em demonstrar mais o nosso trabalho lá para fora, e dizer não... nós vamos ser reconhecidos como os médicos são, os advogados, os engenheiros, os arquitectos que têm Ordens e gabinetes que os defendem como o caso dos contabilistas e os economistas e o que seja. E nós não temos nada, nós não temos nenhuma entidade que diga “estas pessoas são profissionais no trabalho que fazem”. Qualquer pessoa pode chegar a um notário e pedir para autenticar uma tradução, ninguém lhe pergunta qual é a formação que tem, e autentica a tradução e eles reconhecem a assinatura, carimbam e vamos embora. Desde que se pague. E acho que deveria existir alguma forma de reconhecimento. Se calhar pelo conhecimento que tenho do caso espanhol é, em algumas coisas demasiado extremista ou demasiado especializado, porque obriga a ser ou jurídico ou técnico ou... Acho que não era tanto por aí, mas existe uma necessidade de nós sermos reconhecidos. (A.S.)

Como se nota, o mercado encontra-se ainda bastante fragmentado e não regulado e, a partir de uma perspectiva institucional, nomeadamente ao nível do reconhecimento e certificação governamentais, é como se a profissão fosse praticamente invisível, subvalorizada e não reconhecida, relegada para uma categoria de subalternidade.

Por exemplo, o caso dos tradutores ajuramentados é disto sintomático. Na verdade, relativamente ao estatuto do tradutor ajuramentado, há, de facto, um vazio institucional que data de 1933, onde se evoca a figura do tradutor (e do intérprete) oficial, sendo que, por ano, segundo Francisco Magalhães “continuam a perder-se centenas de milhares de euros em traduções de textos jurídicos que não são feitos em Portugal, porque não podem ser reconhecidos oficialmente” (op. cit. 2006), o que aponta, por um lado, para o valor económico do mercado, e, por outro, para a ausência de sensibilidade para a questão estratégica a nível institucional e central.

No entanto, e apesar da não existência desta figura, a verdade é que a identificação do contexto de crise e ausência de sensibilidade para a profissão decorrem, por exemplo, de uma situação muito comum em tribunais e que está ligada à justiça, e às traduções executadas em contexto jurídico. Na verdade, “existem tradutores que são

obrigados por lei a colaborar com a justiça, mas que depois não são pagos”, afirma Francisco Magalhães (Francisco Magalhães, *O Primeiro de Janeiro*, 2006).

Exemplo deste *status quo* é o artigo publicado recentemente no *Jornal de Notícias*, de 7 de Fevereiro de 2011, intitulado “Tradutores e intérpretes sem receber desde Setembro”, onde a jornalista dá conta de significativos atrasos no pagamento aos tradutores e intérpretes jurídicos por parte do Instituto de Gestão Financeira do Ministério da Justiça, uma situação que é classificada por alguns intérpretes contactados para o efeito como “normal”. De forma sintomática, e em sintonia com o que temos vindo a descrever, o artigo caracteriza assim o universo dos tradutores e intérpretes:

“Ninguém sabe quantos existem. Eles são nomeados pelos tribunais e recrutados através de empresas que os indicam ou mesmo através de “candidaturas” que enviam para os tribunais. Não precisam de qualquer tipo de formação.”

Ainda segundo o artigo “este é um grupo disperso e sem estrutura associativa e reivindicativa, ao contrário dos advogados officiosos, cujos atrasos no pagamento de honorários são vastamente divulgados.” Como exemplo, a peça jornalística refere dois casos que revelam, de forma clara e inequívoca, a brutal desvalorização e desrespeito profissionais de que são alvo:

“Patrícia Roman conta que, uma vez, foi chamada ao Tribunal de Cascais para um julgamento, “com meia hora de antecedência”. Quando lá chegou ainda levou uma reprimenda pelo atraso e disseram-lhe “que estavam quase para chamar o porteiro” de um hotel da zona.

Quanto às condições de trabalho, a opinião desta luso-francesa não é melhor. “Se me chamam com meia hora de antecedência, como é que posso preparar o meu trabalho!?”, indigna-se, dizendo que, assim, não. Não volta. “Cada vez mais vão ter que recorrer aos porteiros”, augura.

“Sem desprimor para ninguém, mas, como se diz em bom português, cada macaco no seu galho. Quando vamos ao médico, também não queremos ser atendidos por um bate-chapas”, especifica.

Irina trabalha como intérprete de ucraniano e romeno no tribunal de Lagos. Confirma o atraso nos pagamentos desde Setembro, mas parece estar habituada. “Sei que me vão pagar; já fiz o mesmo trabalho em Évora demoraram muito tempo, mas pagaram”, recorda.”

Fonte: *Jornal de Notícias*, segunda-feira, 07 Fevereiro 2011

Um dos pontos em destaque e que concorre para este desequilíbrio é, sem dúvida, e em primeiro lugar, a questão da visibilidade e, em segundo lugar, a fragilidade

da profissão, que faz com que o seu espaço seja constantemente ocupado por outras profissões, como já tivemos oportunidade de apontar.

Há uma situação... há duas ou três situações profissionais em particular em que acho que nós somos penalizados pelo **facto de não termos muita visibilidade e tem a ver com o facto de o nosso papel ser preenchido ou ocupado por outras profissões, não é? A nossa profissão, o papel do tradutor é, muitas vezes, desempenhado no contexto em que trabalham engenheiros de localização, webdesigners, empresas de grafismo, etc. E, muitas vezes, o nosso trabalho é considerado, de todos esses profissionais, aquele que menos produziu, não é?** E isso, aí sim, **acho que se devia trabalhar um bocadinho mais a visibilidade da nossa profissão para que não acontecesse isso.** Um dos casos, assim, evidentes disso tem a ver, por exemplo, com as campanhas de publicidade em que há um investimento muito grande num anúncio, num grafismo, na colocação dessa campanha num suporte web, etc., e o trabalho de transformar toda aquela mensagem num formato linguístico, que sirva para vários países, **acaba por ser sempre desvalorizado e não se percebe quem é que o fez e se teve um papel muito útil ou não.** Quando aquilo que as pessoas, quando olham para o produto final, lêem, é em primeiro lugar, o trabalho linguístico, não é? **Aí sim, aí diria que é preciso algum trabalho de visibilidade.** Em termos da população em geral, acho que podemos viver com essa invisibilidade. (F.C., nossos destaques)

O tradutor em Portugal ainda não é uma profissão reconhecida. Qualquer pessoa... se perguntar a um gerente quem é que faz as traduções, ele responde, “aí é uma secretária, que percebe de inglês, e tal”, e vai fazendo. (L.G.)

Por exemplo, este panfleto demonstra, tal como apresentámos nos capítulos iniciais, a forma como a oferta de serviços de tradução surge, hoje, associada a outras actividades, revelando ao mesmo tempo quão frágil e pouco consolidada está a definição deste campo profissional.<sup>238</sup>

---

<sup>238</sup> Nestes casos, a tradução acaba por se situar a par de outras áreas e actividades paralelas, e nem sempre consonantes, revelando-nos o estado da arte em termos de oferta e procura:

Exemplo A: Empresa de grande prestígio em franca expansão [sic] procura tradutor nativo inglês

Exemplo B: Empresa de grande prestígio [sic], pretende admitir Nativos Ingleses para a sua unidade na Póvoa de Lanhoso:

Pretendemos

- Perfeito domínio (sic) da língua (sic) Inglesa;
- Boa Apresentação (sic);
- Excelente capacidade de comunicação e relacionamento (sic) interpersoal
- Disponibilidade Imediata (sic)

Oferecemos

- Integração numa empresa em franca expansão (sic)!
- Formação <<http://www.net-empregos.com/formacao/>> continua (sic);
- Remuneração compatível com a função e experiência demonstrada (sic)

**TRADUÇÕES**  
 PORTUGUÊS - INGLÊS  
 INGLÊS - PORTUGUÊS

A partir de textos manuscritos ou digitados:  
 Relatórios, páginas de internet,  
 livros não técnicos, legendas

Formatação e revisão  
 Impressão em papel ou gravação digital  
 Orçamento gratuito

Certificada pela Univ. de Cambridge com nível **Proficiency** e pelo Inst. Wall Street com nível **Mastery**.  
 Nível **Profissional** obtido no exame Toefc.

**EMÍLIA VALENTE DOS REIS**  
 R. PÁDUA CORREIA N.º 283, 3.º ANDAR  
 MAFAMUDE - VILA NOVA DE GAIA  
 TEL. 22 371 7113 TLM. 91 4604617  
 EMAIL: emilivalente@yahoo.com  
 http://homepage.oi.net/~pl120mkq

Mapa: SI Ovidio, Av. da República, El Cone Inglês, D. Pedro V, BP, Colég. Gaia, Pádua Correia, Porto.

**EXPLICAÇÕES**  
**TRADUÇÕES**  
 PROCESSAMENTO DE TEXTO  
 TRATAMENTO DIGITAL DE IMAGEM

Por  
**Emília Valente dos Reis**

Licenciada em Física/Matemática Aplicada (ramo Astronomia), formadora certificada pelo IEFP e com curso de Inglês, disponibiliza os seguintes serviços:

Nota: Não se trata de centro de estudos, gabinete ou empresa

Figura 41. Exemplo de oferta de serviços de língua e tradução (1)

**EXPLICAÇÕES**

Ensino Superior - algumas matemáticas

Ensinos básico, (a partir do 5º), secundário, técnico-profissional e recorrente de:

MATEMÁTICA até ao 12º ano  
 MÉTODOS QUANTITATIVOS  
 FÍSICO-QUÍMICA até ao 11º ano  
 INGLÊS - até ao nível 7; CONVERSACÃO  
 FRANCÊS - níveis I e II  
 2º CICLO - TODAS AS DISCIPLINAS

Apoio pontual a Ciências e a Geografia.

Apoio individual ou no máximo 2 explicandos/hora.  
 Orientação de estudo. Acompanhamento nos projectos e TPC. Preparação para testes e exames.  
 Apoio a recursos de exame.

Licenciada e formadora com 19 anos de experiência em explicações e formação

**PROCESSAMENTO E TRATAMENTO DE TEXTO**

Passam-se textos manuscritos a computador ou tratam-se textos já digitados:

§ relatórios, CV's, trabalhos diversos  
 § introdução de imagens, gráficos ou tabelas.

Formatação e revisão  
 Impressão em papel ou gravação digital  
 Orçamento gratuito

**TRATAMENTO DIGITAL DE IMAGEM**

Utilização do Photoshop para:

§ montagem  
 § retoque  
 § restauro de fotografias

Impressão em papel fotográfico ou gravação digital  
 Orçamento gratuito

Figura 42. Exemplo de oferta de serviços de língua e tradução (2)

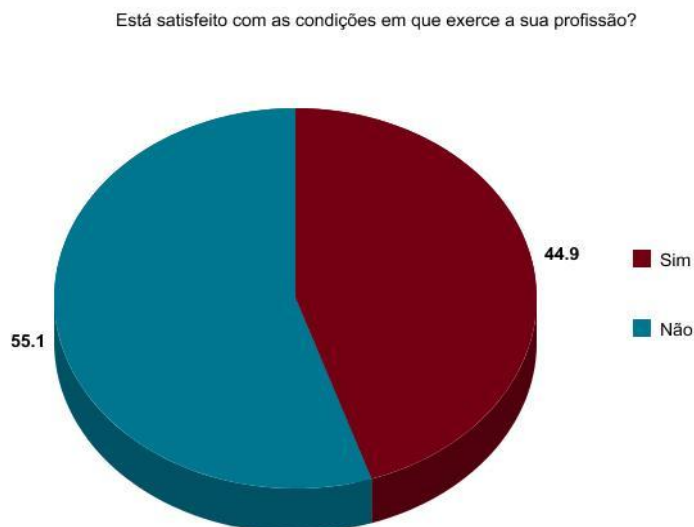
Por isso, não é por acaso que algumas das críticas dos tradutores se direccionam, por exemplo, para a ausência de certificação e acreditação profissionais, e de um reconhecimento social pelas entidades responsáveis e público, em geral.

Em termos gerais, estamos perante sentimentos com alguma ambivalência. Por um lado, há uma percepção global de positividade acerca da profissão, associada à actividade, ou seja, os sujeitos acham que a tradução corresponde a uma vocação e estão igualmente satisfeitos com a forma como esta actividade projecta uma imagem eficaz em termos de auto-estima. São pessoas que, no geral, gostam ou parecem gostar da sua profissão. Mas, por outro lado, são indivíduos que não se revêem nas condições de trabalho que lhes são oferecidas e em que exercem a sua profissão. E, para além disso,

Ver Oferta de Emprego:

<http://www.net-empregos.com/1037575/precisa-se-de-tradutor-nativo-ingles-para-povoa-de-lanhoso/#ixzz0xYABROc0>

são ainda indivíduos que não se identificam com o contexto e o enquadramento material em que decorre a sua prática profissional.



**Figura 43.** Satisfação com as condições de exercício da profissão

Adicionalmente, os indivíduos foram ainda confrontados com a seguinte pergunta:

*40. Sente alguma segurança em relação à profissão de tradutor?*

Na verdade, trata-se de mais um item com um elevado índice de respostas negativas, 71,2% (200 respostas), revelando claramente indivíduos que se sentem desconfortáveis e inseguros em relação à profissão, contra apenas 81 respostas afirmativas (28,8%).

Se houver trabalho, é [compensador]. Os preços baixaram de uma maneira geral. (...) Tem havido uma pressão para baixarmos os preços. (...) Somos todos vulneráveis a isso. **Sinto-me vulnerável.** Vou tentando gerir, e já fiz traduções a preços mais baixos para ir tentando segurar clientes. (...) Por vezes, a crise pode ser aproveitada pelas empresas para fazer mais lucro. Mas terá, sobretudo, julgo eu, na maior parte dos casos, a ver com problemas financeiros das empresas, não é? Com o facto de precisarem, de terem de gastar menos e controlar os seus orçamentos, julgo eu. (...) **Mas, se não tivesse trabalho, isso constituiria um problema. Portanto, existe sempre alguma preocupação, com este tipo de actividade, porque, obviamente, não sabemos que tipo de trabalho temos amanhã, não sabemos se há trabalho. Há uma questão de gestão financeira, que tem que ser muito cuidada.** (M.C.B.):

Veja-se, por exemplo, a resposta de M.M.C.U. dando voz à sua frustração, resultante da inconstância e insegurança associadas à profissão:

P: Portanto, associa a profissão a sentimentos de insegurança, precariedade?

R: É isso, exactamente. (...) Inconstância. (...) Sim, mas é isso, é verdade. É um bocadinho frustrante, porque quando eu fiz a licenciatura e quando andei a estudar era isso que eu tencionava fazer da minha vida e talvez depois fazer um curso de especialização. **Depois, entretanto, não fiz, porque vi que as coisas nesta área não eram tão seguras e desisti.** Se calhar, desisti depressa de mais, e cedo de mais. Se calhar, devia ter procurado, devia ter saído ao encontro de outras coisas, mas, na altura, procurei aquilo que achei que devia procurar e não consegui, **mas sinto um bocadinho de frustração.** (M.M.C.U.)

---

A falta desse reconhecimento social também significa provavelmente algum desincentivo e frustração. (...) São pessoas que já perceberam que na tradução não será muito fácil vingar, e portanto procuram outras coisas. (J.P.)

---

Neste caso, a tradutora revela a sua maior preocupação relativamente ao cumprimento das suas obrigações fiscais, como contribuinte, abordando a impossibilidade de viver exclusivamente da actividade, sobretudo em termos de início de vida e de carreira.

Agora, no geral, acho que as minhas maiores preocupações, às vezes, são pagamentos obrigatórios. Nunca, assim,... o trabalho em si, o trabalho em si é algo que me dá gozo, não é uma coisa que me preocupa geralmente. (A.S.)

---



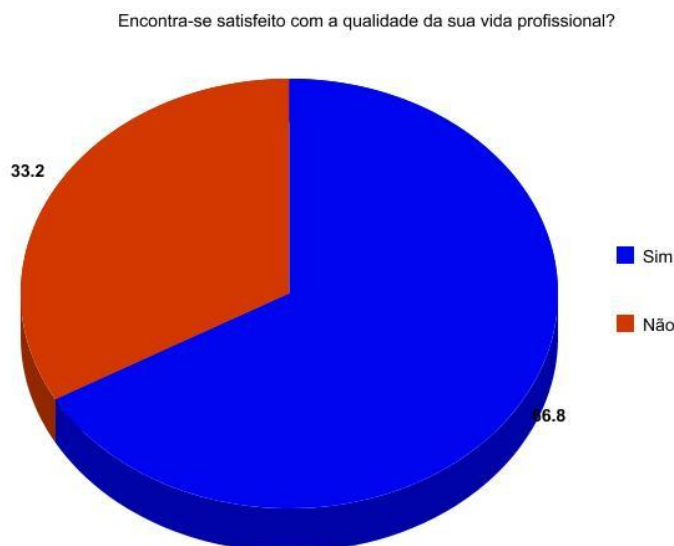
**Figura 44.** Sentimentos de segurança em relação à profissão

#### 42. *Encontra-se satisfeito com a qualidade da sua vida pessoal?*

As respostas relacionadas com a satisfação face à qualidade de vida revelam mais um aspecto de grande importância para a caracterização do campo profissional, isto porque, contrariamente ao esperado, e apesar dos constrangimentos abordados, a maior parte das respostas remete, de forma inversa, para um elevado grau de satisfação com a qualidade de vida, com 66,8% das respostas (187 respondentes).

No entanto, e muito embora os tradutores se identifiquem timidamente com a sua classe, não parece haver coesão e unidade enquanto grupo profissional. Por conseguinte, será igualmente importante saber quais as razões subjacentes a tal divergência. Ou seja, embora se sintam satisfeitos com a qualidade da sua vida pessoal, o facto é que não sentem segurança na profissão. Na realidade, há algo de significativo que parece sobressair destes dados e que, mais uma vez, está relacionado com o carácter precário e instável da profissão, significando, em certos casos, que muitos tradutores terão uma actividade principal que assegura os seus rendimentos e lhes confere alguma satisfação.

É, de facto, um aspecto que deverá ser comparado com as respostas obtidas na questão 46, em que se perguntava se a tradução é uma actividade a tempo inteiro, parcial, primeira actividade principal ou secundária, ou “part-time”.



**Figura 45.** Satisfação com a qualidade da vida profissional

À pergunta “Acha que é possível os tradutores viverem exclusivamente de uma actividade como está a descrever, com segurança, com tranquilidade?” A.V.F. respondia-nos, destacando claramente os aspectos financeiros, responsáveis por uma

profissão condigna e honesta, bem como as opções de vida necessárias para ter uma carreira estável e ambiciosa, face às dificuldades colocadas:

P: Como é que é em termos de gestão económica? Acha que é possível os tradutores viverem exclusivamente de uma actividade como está a descrever, com segurança, com tranquilidade?

R: Eu acho que sim, eu acho que deve ser possível, eu acho que sim, mas têm de ser formados. Acho, por exemplo, se fizerem um curso da faculdade, uma das coisas que têm que dizer aos alunos, quando estão a sair, é **“não se deixem arrastar, enquanto têm a hipótese de ter a ajuda dos pais, ou quando estão em início de vida, enquanto ainda não têm filhos, não têm aquelas despesas, aproveitem para se estabelecer e estabelecer parcerias com clientes que vos paguem o suficiente para ter essa vida normal”**, porque se se deixam arrastar com a ideia “aí eu preciso de experiência e preciso de ter nomes de clientes”, **depois acabam por não conseguir sair do círculo, do tal círculo vicioso a receber pouco dinheiro**. Depois aparecem os filhos e aparecem as coisas, e aí começam a ter medo de não lhes pagar a comidinha, a papinha e as fraldinhas. E, portanto, é importante meter na cabeça dos que vão começar **“aproveitem o apoio, nomeadamente dos pais”**, que, actualmente, os pais apoiam até muito tarde, mas a partir do momento em que eu começo a trabalhar e me caso, os pais acabam por não apoiar, claro, naturalmente. (A.V.F., nossos destaques)

*43. Considera que a imagem dos tradutores na sociedade é, regra geral, positiva?*

Existe uma articulação clara com as respostas anteriores, precisamente porque, quando questionados sobre a imagem que é projectada para o exterior pela classe profissional, a larga maioria considera que a mesma é fundamentalmente negativa, ou seja, 63,8% dos inquiridos (183 respostas) acham que a imagem dos tradutores na sociedade é deficitária, revelando, mais uma vez, esta dualidade e ambivalência entre uma imagem interna e outra imagem externa, algo que Anthony Pym (1993)<sup>239</sup> define claramente quando estabelece a distinção entre “conhecimento interno” e conhecimento externo”:

‘translation is a text from the perspective of “external knowledge,” but an activity (aiming at the production of a text) from the perspective of “internal knowledge”.’ (Pym 1993)<sup>240</sup>

---

<sup>239</sup> Pym, Anthony (1993) “Epistemological Problems in Translation and Its teaching: A seminar for Thinking Students”. Calaceite (Teruel), Spain: Caminade, pp 131, 149-150.

<sup>240</sup> Conceitos retomados, mais tarde, por Douglas Robinson (2003), no seu livro “Becoming a Translator” ao estabelecer a diferença entre as perspectivas interna e externa no âmbito da visão do utilizador, respectivamente; *A translator thinks and talks about translation* from inside the process, knowing how it’s done, possessing a practical real-world sense of the problems involved, some solutions to those problems, and the limitations on those solutions (the translator knows, for example, that no translation will ever be a perfectly reliable guide to the original).



Relativamente à imagem projectada para o exterior, F.C. e A.S. abordam essa questão do desconhecimento e desinformação da sociedade face à essência da profissão que, apesar do seu carácter omnipresente, parece votada ao esquecimento:

Isso, acho que foi uma das coisas que não mudou apesar dessa evolução toda, ou seja, em geral, **as pessoas continuam a perguntar se, quando nós dizemos que trabalhamos em tradução, somos tradutores, se fazemos uma de duas outras coisas, que é tradução de livros, legendagem e interpretação.** Acho que estes são, se calhar, os três grandes ramos daquilo que tem a ver com tradução e que as pessoas associam à tradução. Como nós, por exemplo, como tradutores técnicos, como empresa de tradução e assim, não fazemos tradução de livros, não fazemos legendagem e não fazemos interpretação... aquilo que nós fazemos é, de facto, ainda muito pouco conhecido **e aquilo que nos dá mais visibilidade acaba por ser, por exemplo, a internet.** Nós dizemos que fazemos tradução de páginas de Internet e aí as pessoas já começam a associar um bocadinho que, realmente, deve haver por aí um trabalho qualquer para eu conseguir ler tantas páginas em português; quando elas não são escritas originalmente em português, há o caso de jornais, etc. dos conteúdos criados em Portugal. **Mas, se dissermos às pessoas que a maior parte daquilo que elas lêem, vindo de sites de empresas internacionais é traduzido, e é traduzido por empresas como nós, as pessoas começam a perceber o que é o tipo de trabalho que nós fazemos como tradutores técnicos.** Fora isso, acaba por ser uma profissão que as pessoas não conhecem. Ainda não têm muita noção do que é que se faz. (F.C., nossos destaques)

P: Que tipo de imagem acha que a sociedade tem sobre os tradutores? A imagem de fora sobre a profissão?

R: Acho que é um bocado complicado dizer isso. É assim, do conhecimento que vou tendo, a imagem que têm é um bocadinho diferente, porque eu vou tentando mudar e demonstrar, se calhar, o que nós fazemos. Agora, no geral, há muitas pessoas que desconhecem, têm falta de conhecimento e, por vezes, criticam. Mais por falta de conhecimento. É a tal questão, não há nenhum reconhecimento. Não sei, é diferente. **Eu, se for a um advogado e pagar uma consulta e ele diz-me são 100 euros, eu não vou questionar. Se eu fizer uma tradução e disser ao cliente são 100 euros, ele pode questionar e tentar perceber por que é que é aquele preço ou por que é que não é mais barato. E ao advogado ele não diz nada.**

P: E por que é que acha isso?

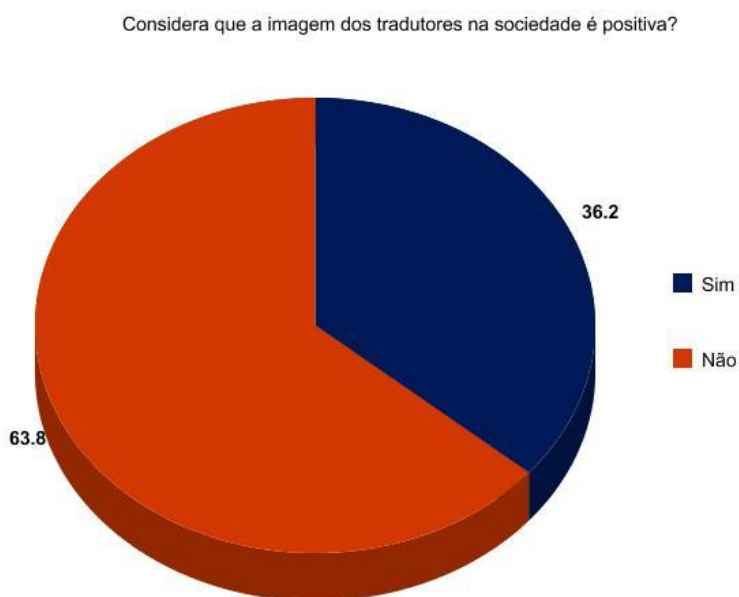
R: Porque existe o estatuto de ser advogado, o reconhecimento de... Existem algumas profissões que são mais reconhecidas, que são mais “bem vistas” do que outras. Ser médico, no nosso país, é ter uma profissão de topo. Pode-se não ganhar imenso dinheiro, até pode-se ser só médico para o estado, mas é médico. Para as pessoas é uma profissão muito importante.

P: Por exemplo, acha que a sociedade tem uma visão negativa sobre o tradutor ou desinformada?

---

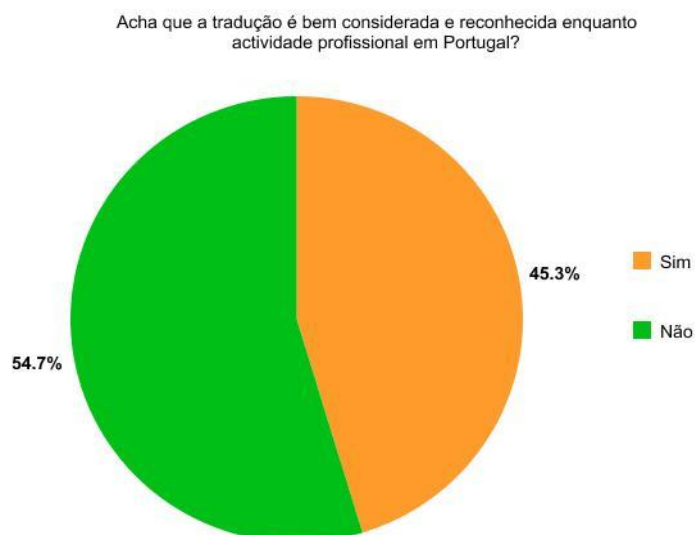
*A non-translator (especially a monolingual reader in the target language who directly or indirectly pays for the translation – a client, a book-buyer) thinks and talks about translation from outside the process, not knowing how it's done but knowing, as Samuel Johnson once said of the non-carpenter, a well-made cabinet when s/he sees one. (Robinson 1997: 6-7)*

R: Eu acho que é mais desinformada do que negativa. Há opiniões negativas, é verdade, mas eu acho que é mais desinformação ou falta de conhecimento do que outra coisa. Às vezes, nem é negativa, nem é positiva, é falta de conhecimento, não sabe e acha que é assim... Porque isto que eu oiço muitas vezes as pessoas comentarem, por exemplo, os filmes estão muito mal traduzidos, mas não fazem a mínima ideia de que existe um limite de espaço, que só se pode dizer certas coisas, que não se podem usar certas palavras, que é uma área que não é muito bem paga, todas estas coisas as pessoas desconhecem. Por isso, dizem, “ai isto não está bem feito, isto está cheio de erros, isto está uma porcaria”. E eu acho que, às vezes, é mais falta de conhecimento do que outra coisa. (A.S.)

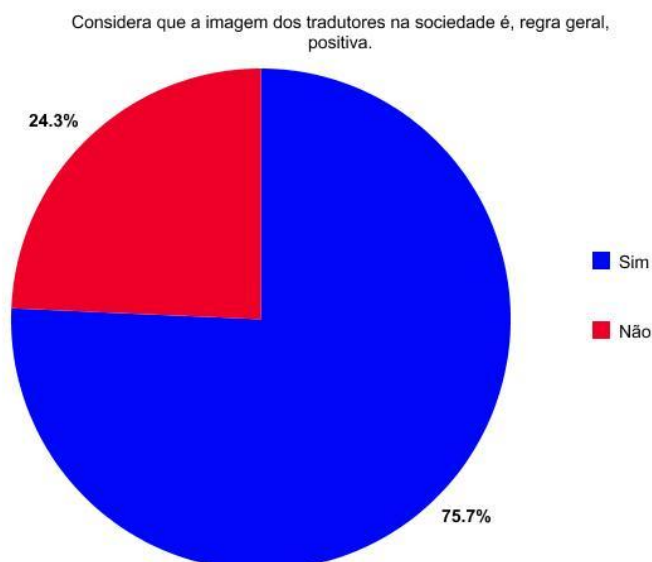


**Figura 46.** Considera que a imagem dos tradutores na sociedade é positiva?

Prova disso é o facto de, quando inquiridos sobre questões mais ou menos idênticas, os clientes e consumidores de tradução responderem igualmente de forma ambivalente. Se, por um lado, quando questionados sobre se a tradução é bem considerada e reconhecida enquanto actividade profissional em Portugal, a maioria responde negativamente, com 54,7% das respostas (111 respondentes), corroborando as conclusões que temos vindo a apontar, já quando se pergunta se a imagem dos tradutores na sociedade é, regra geral, positiva, a maioria responde afirmativamente, com uns confortáveis 75,7% (131 respostas).



**Figura 47.** Acha que a tradução é bem considerada e reconhecida em Portugal?



**Figura 48.** Considera que a imagem dos tradutores é positiva?

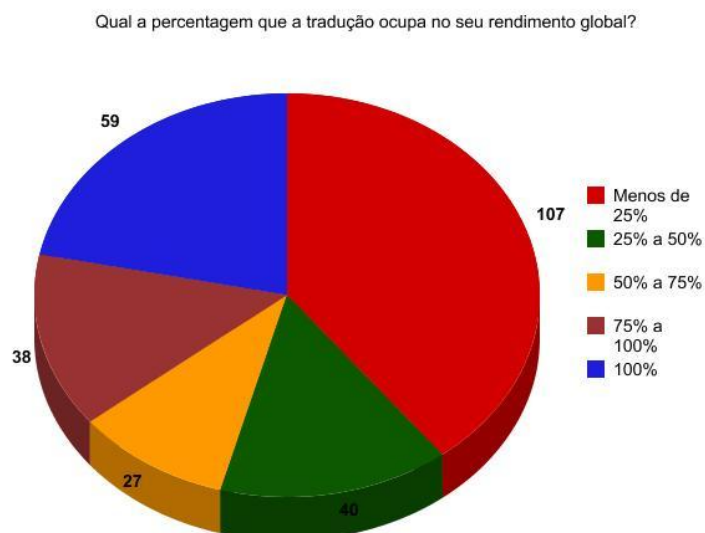
**67. Sob o ponto de vista económico, qual a percentagem que a tradução ocupa no seu rendimento global?**

No nosso entender, as variáveis económicas são fundamentais para entender o posicionamento do tradutor face à sua profissão.

Este ponto está inexoravelmente ligado aos aspectos que abordámos atrás, no início desta secção, quando analisámos a percentagem de tempo de trabalho dedicado à tradução por mês (pergunta 48), e obtivemos respostas que nos apontavam para uma percentagem inferior a 25% de tempo mensal.

Ou seja, sob o ponto de vista económico, a tradução ocupa uma percentagem reduzida na vida destes sujeitos, quando comparada com o seu rendimento global.

Assim sendo, a tradução representa menos de 25% no rendimento global da maioria dos respondentes (39,5%). E, curiosamente ou não, por coincidência, os extremos parecem tocar-se, já que a segunda resposta mais votada aponta para uma percentagem de ocupação de 100% no rendimento global dos tradutores (21,8%), o que demonstra a extraordinária abrangência da realidade que procuramos mapear.



**Figura 49.** Percentagem que a tradução ocupa no rendimento global

De salientar, novamente a discrepância visível, sobretudo tratando-se, para alguns, de uma actividade principal, o que revela problemas subjacentes, como os destacados por A.V.F., para quem a actividade como tradutora conta com o apoio do marido, como principal fonte de sustento:

Eu vivia confortavelmente por causa do meu marido, mas lá está, se eu não tivesse o meu marido, se eu não tivesse os meus filhos, as minhas escolhas teriam sido outras, portanto nem sequer consigo imaginar. (A.V.F.)

Ou F.C., sobre a (im)possibilidade de viver exclusivamente da tradução e da forma como alguns dos profissionais vão, lentamente, perdendo a sua autonomia e fazendo cedências a outros valores:

Penso que sim, penso que há pessoas que o fazem [viver exclusivamente da tradução]. **Não sei em que circunstâncias, ou seja, não sei que cedências é que têm que fazer... Viver com um determinado nível de vida enquanto poderiam viver com outro. Sei que é uma profissão em constante mudança**, ou seja, a partir de uma certa altura tu, se calhar, sentes que já não estás...

por ter que trabalhar para determinados clientes e assim, se calhar, já não estás tanto a funcionar como um tradutor e acabas por estar a funcionar, vá lá... como consultor e... Não sei... Imagino situações em que as pessoas acabam por passar tempos numa fábrica ou coisa assim a servir de auxiliar lá de comunicação entre os sócios estrangeiros e coisas assim desse género, quando inicialmente pensavam que estavam a fazer trabalho de tradução, não é? **Por isso, é uma profissão muito encostada a muitas outras e acaba por ser muito... variável, não é? Mas penso que sim, que é possível trabalhar... dizer-se que se é tradutor e viver disso.** (F.C., nossos destaques)

Ou, tal como L.G., assumem uma outra identidade, utilizando um rótulo diferente, aparentemente bem mais credível, emprestado de outras disciplinas, para descrever o seu trabalho:

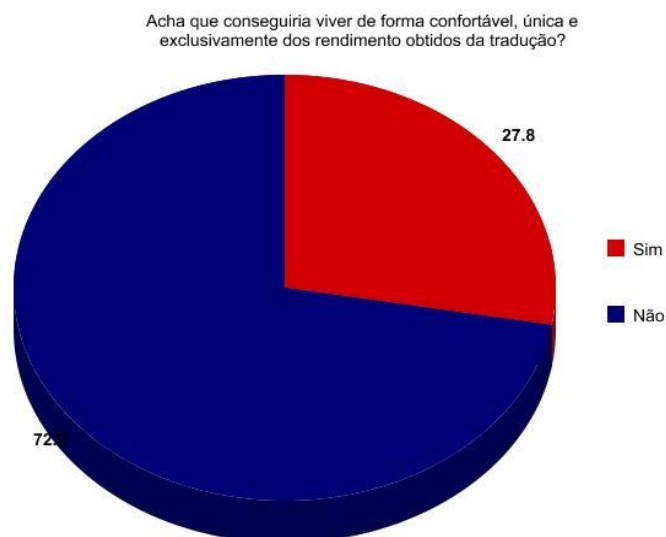
(...) Quando me perguntam a profissão, eu digo: **Engenheiro de localização.** (L.G.)

***68. Tendo em conta as circunstâncias actuais, acha que conseguiria viver de forma confortável, única e exclusivamente dos rendimentos obtidos através da tradução?***

Outra questão bastante pertinente, que consistia em saber se os indivíduos conseguiriam viver desafogadamente, e de forma confortável, única e exclusivamente dos rendimentos obtidos através da tradução.

Neste contexto, a maior parte das respostas aponta para um rotundo “Não” (72,2%, isto é, 195 respostas, contra 27,8% de respostas afirmativas), ou seja, os tradutores inquiridos respondem que não conseguiriam viver confortavelmente da tradução, e isto talvez explique o porquê de uma tamanha discrepância e das assimetrias tão significativas que detectámos anteriormente.

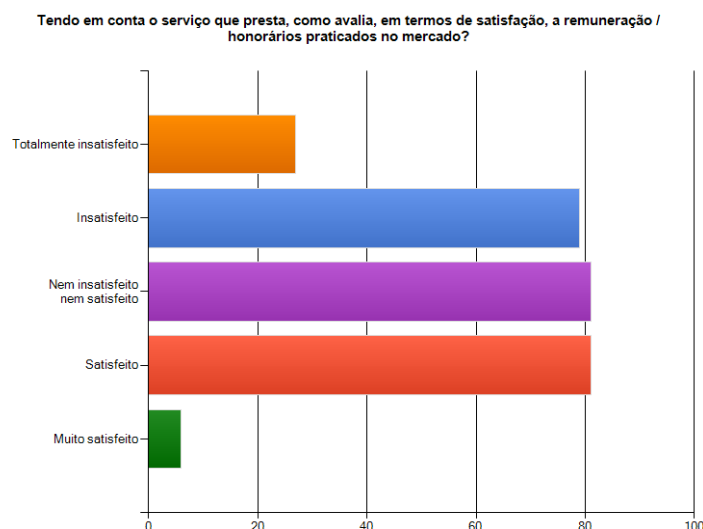
Por um lado, temos o facto de que a tradução é, para muitos, senão mesmo para a maioria, uma segunda actividade. Em segundo lugar, este “Não” vem corroborar aquilo que já se adivinhava, ou seja, que a maioria não consegue viver única e exclusivamente da tradução, já que a profissão parece ser bastante precária, pouco sólida e inconstante, com consequências sérias a nível da afirmação profissional.



**Figura 50.** Acha que conseguiria viver de forma confortável única e exclusivamente dos rendimentos obtidos da tradução?

*69. Tendo em conta o serviço que presta, como avalia, em termos de satisfação, a remuneração / honorários praticados no mercado?*

Quanto à remuneração, e como seria de esperar, a grande maioria não está nem satisfeita, nem insatisfeita (29,6%), em lugar *ex-aequo* com o mesmo número de respostas dos inquiridos que consideram sentirem-se satisfeitos com a remuneração/honorários praticados no mercado. Na segunda posição, em termos de grau de satisfação, encontramos respondentes que se sentem insatisfeitos (28,8%), um valor muito próximo do primeiro lugar, e que demonstra o elevado grau de pessimismo, negativismo e insatisfação associados à profissão. Ou seja, estamos perante indivíduos que têm consciência de que são mal remunerados, o que indica que a actividade é precária e pouco fiável, revelando, mais uma vez, alguma fragilidade e inconstância.



**Figura 51.** Avaliação da remuneração/honorários praticados no mercado

Os meus preços..., eu sou muito..., eu sou um bocado, como é que eu hei-de dizer, na minha profissão, sou um bocado, sou muito independente, um bocado “bicho de buraco”. Eu venho para aqui e isto é quase como uma **cela, como estar aqui numa cela de monge**, de maneira que, se me perguntar quais são os preços praticados pelos meus colegas, eu digo não sei. Sei que os meus preços são aceitáveis. E, aliás, há anos que não os aumento. Se os aumento é uma coisa mínima, digamos uns arredondamentos, uma coisa mínima e penso que estarão dentro da média porque, enfim, os tais colegas a quem eu solicito trabalho fazem-me um preço que me permite ter uma margenzinha pequena de lucro, porque se os preços que fossem praticados no mercado em geral, fossem muito mais elevados que os meus, eu diria assim, “olhe, eu não posso, eu não faço”. Quer dizer, “você aumente os preços para eu poder reduzir um bocadinho, para dar margem”. De maneira que, penso que, sei que o meu preço não é caro. (A.C.)

Neste caso, A.V.F. queixa-se do facto de a actividade por conta própria constituir um problema pelo facto de não poder contar com um ordenado fixo ao fim do mês, sublinhando ainda a enorme especulação existente no mercado, sobretudo pelas agências de tradução, cuja intervenção é, muitas vezes, marcada por um discurso dissimulado e oportunista, demonstrando ainda a elevada especulação que envolve o mercado:

Portanto, há um determinado número de coisas que, se calhar, exige tempo e, se calhar, outras pessoas não dão à tradução e não se podem permitir ganhar 25 cêntimos por palavra. **25 cêntimos não, dois cêntimos e meio, 0.025, é ridículo**, principalmente porque eu sei que não cobram isso aos clientes finais, cobram muito mais. Mesmo considerando que têm de pagar ao revisor e isso tudo, e que têm de fazer a edição final desse trabalho, que têm que abater aos programas todos, eu também tenho que abater a um programa que comprei, por isso, mesmo considerando isso tudo... No entanto, por exemplo, no ProZ eu já *bid*, não sei como é que se diz.

R: Orçamentos? Licitar?

P: Sim, já dei orçamentos de sete e meio, por exemplo, por palavra ou sete por palavra e o cliente, desde que seja uma agência, nem sequer pega, nem pensar, sete é muito. E eu não acho que seja muito, uma vez que eles pedem 12, 13 e 14, ou mais. (A.V.F., nossos destaques)

Ou ainda o discurso bastante crítico de F.C, atribuindo as culpas do *status quo* aos próprios tradutores, destacando o aspecto negativo da constante entrada de pessoas que não são tradutores no mercado, as frequentes e diferentes adaptações, as permanentes cedências e exigências dos tradutores e, por último, a própria desvalorização que é feita pelos pseudo-profissionais, via abaixamento dos preços e menor qualidade, e que contribui para a degradação geral da profissão:

Por um lado, há o factor que sempre existiu de pessoas que não são tradutores e que fazem tradução, não é? Por outro lado, há as diferentes adaptações que nós, enquanto tradutores, fazemos também a essa pressão e, no contexto actual, em que o mercado é mais aberto, nós sabemos que há muito mais pessoas a fazer tradução que não são tradutores, que os preços descem de uma determinada maneira... Acho que uma das coisas negativas é essa, nós próprios desvalorizarmos o que fazemos, desvalorizarmos a tradução, fazermos coisas por preços mais baratos com menos qualidade, etc. E irmos deixando-nos levar por essa degradação geral da... profissão. (F.C.)

Será interessante confrontar estes dados dos tradutores, com os obtidos noutro momento de análise, no qual direccionámos a nossa atenção para as percepções dos clientes e consumidores de serviços de tradução. Neste caso, elaborámos algumas questões em que, mais uma vez, a componente económica foi avaliada.

Assim, por exemplo, começámos por questionar os respondentes acerca da importância estratégica da tradução para a empresa ou instituição que representam. Quisemos, em concreto, saber se os clientes e consumidores de serviços de tradução têm, ou não, noção da importância estratégica das línguas e da comunicação multilingue nas suas empresas.

De facto, para a grande maioria dos inquiridos, a tradução afigura-se como algo estratégico e importante para a empresa ou instituição, com 84,8% de respostas afirmativas (89 respostas), contra 15,3% de respostas negativas (ou seja, 16 respostas), num total de 105 respostas.





**Figura 52.** Considera a tradução como algo estratégico e importante para a sua empresa?  
**Fonte:** Questionário “A prestação dos serviços de tradução na óptica do consumidor/cliente”

Esta é mais uma das centenas de propostas de emprego que circulam pela Internet, onde é possível verificar a importância das línguas e, por inerência, da tradução, a nível empresarial, muito embora, como vimos, com nítidas interferências de outras áreas profissionais:

A \*\*\*\*\* SA está a recrutar colaboradores para integrarem o seu Departamento de Apoio ao Cliente, pelo que tomei a liberdade de os contactar no sentido de divulgarem esta oportunidade de trabalho.

Os candidatos deverão obrigatoriamente ser bilingues e serem pessoas versáteis e que gostem de desafios.

As funções a desenvolver são, entre outras, as seguintes:

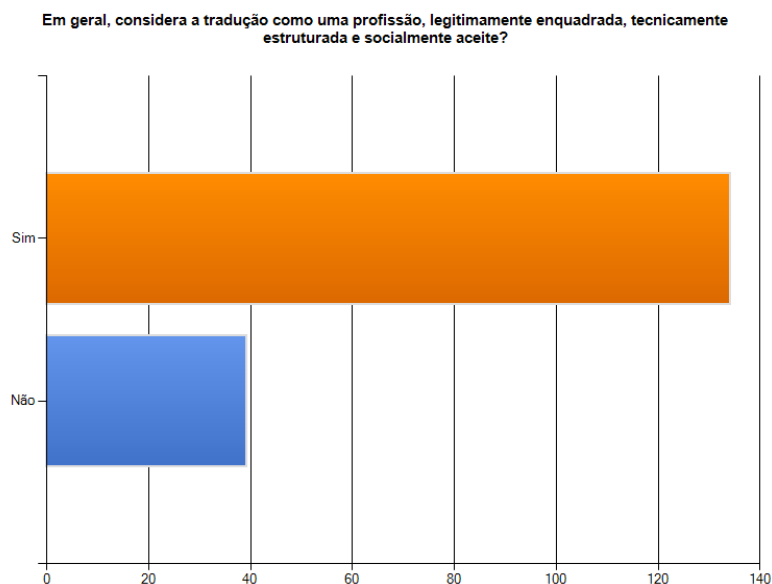
- 1) processamento de encomendas;
- 2) gestão de erros de stock nas encomendas;
- 3) contacto com os clientes via e-mail e telefone;
- 4) resposta a reclamações de clientes;
- 5) contacto constante com o Departamento de Logística;
- 6) contacto frequente com transportadoras.

Estamos a recrutar colaboradores que tenham um domínio perfeito dos seguintes idiomas: Alemão, Espanhol, Francês, Inglês e Italiano.

Em segundo lugar, quisemos também saber se os clientes destes serviços consideravam a tradução como uma profissão legitimamente enquadrada, tecnicamente estruturada e socialmente aceite, ou seja, tentando aferir as variáveis e as dinâmicas que regem a construção do seu profissionalismo, ao nível das percepções do público-alvo e dos principais agentes que encomendam e lidam diariamente com este tipo de serviço. Neste caso, e mais uma vez, as respostas foram positivas, o que demonstra, de facto, o divórcio existente entre a percepção que os tradutores têm de si próprios, ou seja a visão

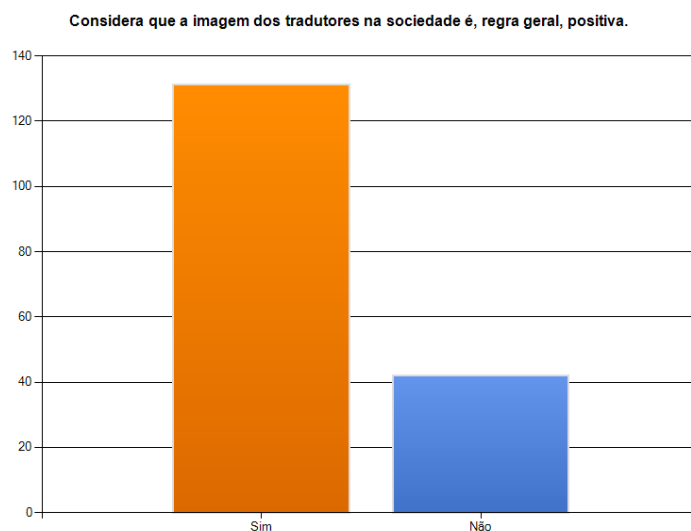
endógena da profissão, e a perspectiva que os clientes têm da profissão, neste caso a perspectiva exógena.

Este item contou com uma esmagadora maioria de respostas afirmativas, mais precisamente 77,5%, equivalendo a 134 respondentes, em comparação com apenas 22,5%, ou seja, 39 respostas negativas, como demonstra a tabela abaixo.



**Figura 53.** Considera a tradução como uma profissão legitimamente enquadrada, tecnicamente estruturada e socialmente aceita?

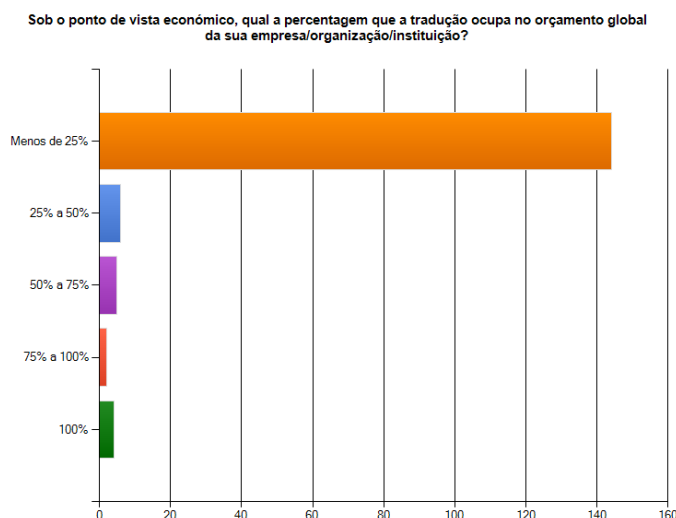
Outro dado surpreendente, que aparentemente contrasta com a imagem pessimista e a construção negativa que os tradutores fazem de si, ocorre quando questionámos os clientes acerca da imagem que têm dos próprios tradutores. Também neste caso, as percepções são substancialmente positivas, já que 131 indivíduos (75,7%) responderam afirmativamente, em oposição aos 24,3% (42 respostas) que associaram uma imagem negativa à profissão.



**Figura 54.** Considera que a imagem dos tradutores na sociedade é positiva?

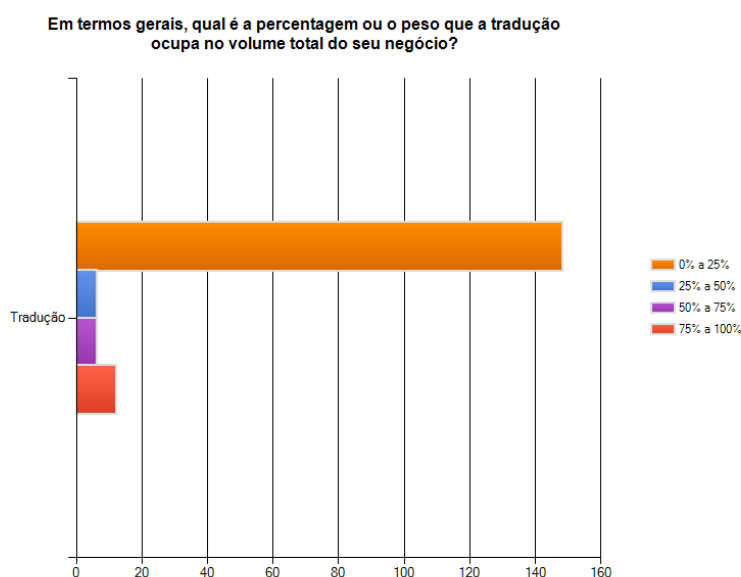
Contudo, o dado mais paradoxal que obtivemos do nosso estudo centrado nos clientes e consumidores de serviços de tradução diz respeito, sem dúvida, à percentagem que a tradução ocupa no orçamento global das empresas, organizações ou instituições inquiridas.

Na verdade, o panorama é, neste caso, desolador, já que, para a esmagadora maioria dos respondentes, a tradução ocupa, de facto, menos de 25% no orçamento global da empresa, com 89,4% das respostas (144 respostas), sendo que as outras variáveis não têm praticamente expressão, revelando assim, a forma como, apesar de, aparentemente, imprescindível, acaba por negligenciada como investimento estratégico. Refira-se, no entanto, o dado curioso de que, para 4 empresas, 2,5%, a tradução ocupa, efectivamente, 100% do orçamento global da empresa.



**Figura 55.** Percentagem que a tradução ocupa no orçamento global das empresas  
**Fonte:** Questionário “A prestação dos serviços de tradução na óptica do consumidor/cliente”

Em complemento, quisemos ainda auscultar as percepções dos clientes acerca da percentagem ou do peso que a tradução ocupa no volume total dos seus negócios. Neste caso, e corroborando a tendência anterior, também as respostas são substancialmente baixas, com uma avassaladora maioria de 86% (148 respostas), posicionando-se na fasquia entre os 0 e os 25%, o que, mais uma vez indicia o escasso peso do sector em termos económicos. Curiosamente, destaque-se ainda o facto de o segundo ítem mais votado ter sido o escalão oposto da tabela, ou seja, a parcela situada entre os 75 e os 100%, com 7% das respostas (12 respostas), o que, uma vez mais, revela o peso que, neste caso, a tradução terá nestas empresas.



**Figura 56.** Peso que a tradução ocupa no volume total de negócios  
**Fonte:** Questionário “A prestação dos serviços de tradução na óptica do consumidor/cliente”

Os dados acima demonstram inequivocamente que as línguas e a tradução desempenham um papel estratégico e crucial na vida das empresas, muito embora insignificante e pouco contabilizado em termos de custos, sem grande visibilidade nos orçamentos empresariais.

Relativamente à forma como a tradução é praticamente invisível, não só como objecto, processo e produto, mas também como custo e investimento para as empresas, aproveitamos para convocar um interessante depoimento feito por V.S., responsável por uma das mais conceituadas agências de tradução do norte de Portugal, cuja formação ultrapassa as línguas e insere-se mais na área da gestão e que, por isso mesmo, possui uma visão bastante real e objectiva, mas também crítica sobre o papel e a função do fenómeno das línguas nas empresas. De destacar, no seu discurso virado para a lógica empresarial, o modo como aborda essencialmente o problema das filosofias gestionárias, sobretudo face à falta de rigor na gestão e ao desconhecimento absoluto de alguns dos clientes e contratantes de serviços de tradução, a que se alia o facto de a actividade ser, na maior parte das vezes, encarada mais como um custo, sem qualquer influência na cadeia de valor do produto:

(...) as pessoas têm a percepção... o cliente da tradução, não o cliente regular, e isto sobretudo no mercado nacional... o cliente normal, que não tem conhecimento de um processo de tradução, **olha para a tradução simplesmente como um custo**; e, ao olhar para ela como um custo, tem sempre a percepção de que a tradução, e isto quase como na informática, embora, felizmente, na área da informática se tenha vindo a esbater, a tradução é carregar num botão e a tradução faz-se. Não tem a noção do que é que envolve, nem têm a noção da exigência que há numa tradução, portanto estes são alguns pontos em termos de mercado. O que é que o mercado, sobretudo o mercado nacional..., é a falta de consciência do que é o processo de tradução e está banalizado. E também está banalizado porque? Também na minha perspectiva está banalizado, porque... na forma como os serviços são apresentados e são realizados. (...) este perfil de cliente de que lhe falei agora, o que não tem a mínima noção do que é um processo de tradução, há muitas vezes aquela percepção que eu costumo dizer, alguém que esteve 3 semanas num país de língua inglesa, acha que sabe falar inglês ou porque viveu lá 2 anos, acha que é capaz de fazer uma tradução; e isso são factores que, na minha perspectiva, banalizam o serviço e a própria profissão, isto por culpa... Eu julgo que começa muito no ensino, até de uma forma transversal, independentemente de ser de tradução ou outra área. Mas há muito essa... essa será a percepção, mas acho que essa é a grande causa, parte do ensino, **a falta de ferramentas em termos empresariais para os próprios tradutores; um tradutor, quando sai da faculdade..., a generalidade dos estudantes têm..., a visão empresarial que as pessoas têm é zero, normalmente**. E, portanto, isso é um factor que causa muitos entraves nesta área específica.

Uma outra coisa, que parece que contribui para essa banalização da profissão, tem a ver com o facto de os próprios tradutores acharem que conseguem dominar, para além de variadíssimos temas, conseguem fazer uma tradução para uma língua que não é a deles. Um tradutor que acha que consegue fazer uma tradução de português para inglês, quando ele é português e não tem nenhuma afinidade com o país, outra afinidade que não tenha sido da escola, da universidade, causa grandes entraves; poderá haver quem o faça e muito bem, porque em todas as profissões há excepções, mas a regra diz-nos claramente que é simples ver isso, com testes e com amostras, que efectivamente é tentar dar um passo maior do que as pernas. E isso causa distorções no mercado. (V.S., nossos destaques)

Saliente-se a importância dada à activação destas competências empresariais, algo que consideramos lacunar ao nível da formação de futuros tradutores.<sup>241</sup>

Por outro lado, estamos perante um serviço dispendioso e banalizado, como refere, mas que, na maior parte das vezes, não é colocado na cadeia de valor de um produto, precisamente porque quem gere não tem essa noção, não tem sensibilidade para dar valor ao serviço, não sabe comparar preços, serviços e produtos, não tem consciência do que é um bom serviço, nem tampouco percebe a complexidade das tarefas e processos envolvidos, ignorando por completo o papel estratégico da tradução e o respectivo retorno para a sua empresa:

Agora este tipo de serviço é um serviço caro, do ponto de vista da cadeia de custos é um serviço caro, ou seja, nós posicionamo-nos sempre no mercado com um padrão de serviço bastante elevado, ou seja, o recorrer a um tradutor nativo da língua de destino com bastante experiência. (...)

Esse problema do lado do cliente pode ter várias interpretações, pode ter várias causas e eu identifico uma como o desconhecimento absoluto. Identifico uma, na área em que estou, neste momento, a desempenhar a minhas funções, mais na área da gestão. Interpreto isto como falta de rigor na gestão, **ou seja, a tradução, como pode ser qualquer outro tipo de serviço, quando são encarados apenas como um custo, não têm influência na cadeia de valor de um produto...** (...) Ele é encarado como um custo, portanto, quem gere, normalmente não coloca a tradução... quem requisita a tradução ou quem necessita de uma tradução raramente... são excepções... que colocam este serviço na cadeia de valor do produto. **Este é o problema principal que se coloca na tradução, porque quem não coloca isto na cadeia de valor do produto, este tipo de serviço, serviço de tradução, dificilmente vai ter abertura para saber o que é um processo de tradução, para interpretar a complexidade e para realmente lhe dar o valor que ele tem.** Este é um grande problema. Quando há abertura para isso, quando há uma óptica de gestão que tem abertura para dizer: “Eu vou precisar de traduzir isto para 5 línguas, porque eu tenho que ter o meu produto no mercado A, B, C, D e E. E isto vai-me acrescentar

---

<sup>241</sup> Cfr. Hermans e Lambert (1998) e ainda Steyaerts e Janssens (1997).

valor ao meu produto por força da internacionalização do meu produto que vai ter um retorno; logo, eu vou querer saber como é que isto é, e qual o impacto que isto tem, porque se isso está em português, foi assim, e eu agora tenho que garantir que, se quero vender o meu produto na China, na Austrália, nos Estados Unidos, ele tem que estar correctamente traduzido a todos os níveis para eu conseguir chegar ao meu público-alvo. Portanto, quando se passa essa fase, quando ele, efectivamente, é considerado um elo da cadeia do serviço de tradução, aí o cliente interessa-se e depois aí entramos naquilo que eu chamo a concorrência saudável; é mediante o conhecimento por parte do cliente do que será um bom serviço de tradução, depois aí entra a óptica da oferta de serviços e de preços. Mas quando o cliente tem a consciência, sabe comparar serviços e produtos, o que normalmente não acontece, porque comparam o preço e não fazem ideia do que é que estão a comprar. E este será o principal entrave. (V.S., nossos destaques)

Com efeito, tal como mencionámos no capítulo 3, quando enquadrámos o tema “Economia das Línguas”, a tradução encontra-se inexoravelmente ligada àquilo que vulgarmente se designa o paradigma da “imaterialidade da economia”, associado à circulação de produtos não visíveis, incorpóreos, no âmbito da sociedade da economia, informação e do conhecimento, fruto das globalização e da intensificação dos processos de internacionalização das empresas.

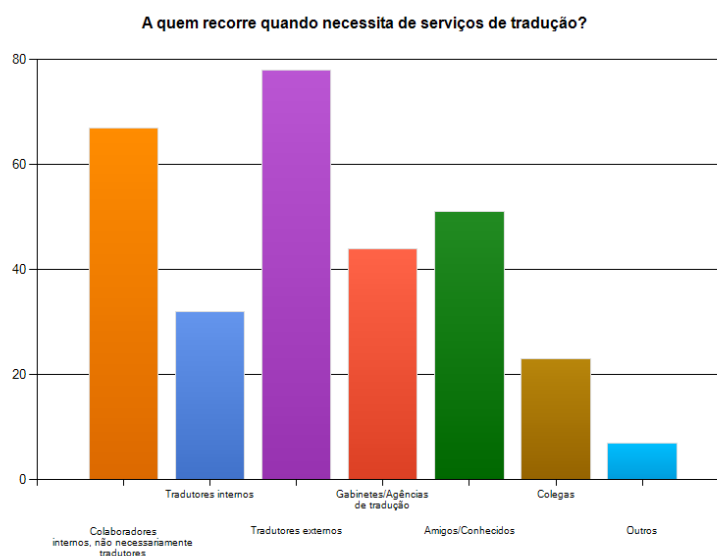
A tradução é, igualmente, considerada como um factor de produção directo, um “input”, embora um factor de produção imaterial e intangível, apesar de estratégico, que não se vê directamente no produto, mas que é, de facto, o suporte para a atractibilidade do próprio produto no mercado, bem como para a sustentabilidade da empresa.

E, no caso concreto, aliado ainda a uma certa economia informal, que concorre para a sua própria invisibilidade, conforme demonstra o texto apresentado nas páginas introdutórias do relatório realizado pela Euréval para a Comissão Europeia – Direcção-Geral de Tradução, em Novembro de 2010, intitulado *Étude portant sur la contribution de la traduction à la société multilingue dans l’Union européenne*, em que é abordada a questão do custo supérfluo associado à tradução:

Parce que la traduction se fonde dans les flux de textes, plus généralement d’informations que nous recevons, elle est aussi souvent perçue comme une activité technique (elle l’est assurément), subalterne aussi par rapport à la production d’un contenu original. Comme nous l’a indiqué un de nos interlocuteurs, « la traduction est d’habitude une activité invisible: si elle devient visible, c’est qu’elle pose problème »

Le fait que la traduction soit une activité souvent invisible n’est pas un problème en soi: cela n’empêche pas les entreprises ou les administrations qui travaillent dans un contexte international d’y faire appel quotidiennement. En revanche, pour la Direction générale de la traduction de la Commission européenne (et pour de nombreux experts et professionnels que

nous avons contactés pour cette étude), il existe un risque qu'à force de discrétion, la traduction, et notamment la traduction humaine et professionnelle, soit à terme perçue comme une activité superflue, un coût qui n'est pas forcément payé de retour. Or, la diffusion d'une telle opinion parmi les citoyens pourrait rapidement constituer une menace pour le multilinguisme européen, dont les activités de traduction au sein des institutions européennes constituent un socle. (op. cit., página 4).



**Figura 57.** A quem recorre quando precisa de serviços de tradução?

**Fonte:** Questionário “A prestação dos serviços de tradução na óptica do consumidor/cliente”

Efectivamente, ao analisarmos o gráfico acima, verificamos que a componente informal ocupa uma parte considerável do espectro. Das 197 respostas, 34% (67 respostas) indicam o recurso a colaboradores internos, não necessariamente tradutores, enquanto a maioria 39,6% (78 respostas) revela, de facto, a opção por tradutores externos. Com 16,2% (32 respondentes) temos “Tradutores internos”, o que revela que há empresas em que este cargo é valorizado, e 22,3% indicando “Gabinetes/Agências de Tradução” (44 respostas). No entanto, a componente informal é bastante significativa, ocupando o terceiro lugar, com 25,9% (51 respostas), a par de “Colegas”, com 11,7% (23 respostas). Se procedermos ao somatório das vertentes “Colaboradores internos, não necessariamente tradutores”, “Amigos/Conhecidos” e Colegas”, obtemos uma larga maioria, reveladora, efectivamente, da dimensão volátil e instável da actividade aos olhos dos empregadores. Por último, a opção “Outros” foi assinalada com 3,6% e 7 respostas, dentre as quais destacamos familiares de colaboradores e a Internet.

Na rubrica “Preços e Serviços”, colocámos aos tradutores profissionais três questões, respectivamente a) se cumpriam, normalmente, o seu orçamento; b) se se



sentiam obrigados a baixar os preços devido à concorrência; e c) se aceitavam pedidos dos clientes no sentido de reduzirem os preços. As respostas obtidas revelam, ironicamente, uma segurança e uma assertividade que estão longe da realidade, sobretudo pela forma como parecem estar divorciadas dos valores de precariedade e incapacidade de afirmação profissional que mostrámos anteriormente.

Na verdade, em termos de preços praticados, os profissionais afirmam cumprir “sempre” o seu orçamento, com o maior número de respostas (56,2%, 150 respondentes); “raramente” baixar os seus preços devido à concorrência (36%, 96 respostas), o que indicia uma extrema confiança nos valores praticados (muito embora o vector “com frequência” surja como o segundo mais votado, com 28,5% e 76 respostas; e, por último, “raramente” aceitam os pedidos dos clientes para reduzir os preços praticados (49,8%, 133 respostas), ainda que, de novo, o item “com frequência” apareça no segundo lugar com 21,3% (57 respostas).

Dados estes que parecem contrariados pelos discursos dos tradutores que entrevistámos:

(...) porque a tradução técnica tem vindo a baixar preços, até por questões de concorrência. Também há, às vezes, entre as empresas e entre os tradutores. Não porque a outra, tradução para edição, tenha ganho estatuto, ou tenha ganho, ou tenha passado a dar mais dinheiro aos tradutores. Infelizmente, não, não é por causa disso. Era preferível que fosse esse o motivo, mas não, não é. Essa distinção é menor porque os preços estão a aproximar-se uns dos outros, mas por baixo. Estão a descer na vez de se manterem a níveis adequados. (J.P.)

---

P: Consegue... quando fala com o cliente, consegue controlar preços e prazos, ou é sempre o cliente, ou há negociação?

R: **Há negociação, depende sempre do cliente.** Depende do cliente, depende da especificidade do trabalho em si, da urgência. Por exemplo, no caso dos tribunais, regra geral, é o próprio tribunal que estabelece os prazos, por exemplo, mas que são sempre alargados para o tipo de trabalho que nos é pedido.

P: Em termos de preços, há sempre uma negociação, é isso que diz?

R: Sim... (...) E acho que depende muito do cliente, porque se é um cliente com quem trabalho frequentemente, é diferente de um cliente com quem trabalhei uma primeira vez, ou uma tradução que fiz esporadicamente, depende sempre um bocado disso.

P: E dentro dessa lógica de reconhecimento, o cliente aceita os seus preços logo à partida?

R: Depende dos clientes. (...) Depende muito dos clientes, há clientes que nunca questionaram isso, há outros que sim, que questionam por que é que é este preço, por que é que não é mais barato, ou por que é que não é mais caro, ou porque é que é diferente de outro orçamento que

pedi. Mas, regra geral, a nível de preços nunca tive graves problemas, nem conflitos com nenhum cliente. Consegue-se chegar perfeitamente a um acordo ou a um entendimento, pelo menos é isso que se tenta. (A.S.)

---

P: Em termos de preços, é a Brighth Guimarães que estabelece...

R: Não, não, não.

P: Os preços, ou são as empresas?

R: Não. Às vezes, não. É assim. Para aquelas empresas para quem eu trabalho habitualmente, o preço foi estipulado de início, e como disse, não tenho aumentado e, por isso, mantêm-se. Normalmente, eu facturo ao final do mês. (...) Portanto, eu se trabalho para a agência A, B ou C tenho um preço fixo e elas mandam-me, mandam-me, vai somando... (...) Mas trabalho, por exemplo, para uma multinacional que é a \*\*\*\*\*, que tem em vários países. Normalmente, trabalham em Nova Iorque ou com Londres e... e esses trabalham em dólares. Para nós, neste momento, é mau. Mas lá está, como é um cliente tradicional, eu não quero deixar de trabalhar para eles, porque depois há uma..., temos que pesar. Ou vamos perder o cliente porque trabalha em dólares e estamos a perder... Neste momento, e bastante ou não, não queremos perder o cliente, porque o ritmo de trabalho é tanto, tanto, tanto, como está sempre a cair, o trabalho acaba por compensar em relação ao outro. Portanto, esses aí, normalmente lançam um *assignment*, por exemplo, para vários... Podem lançar para vários, no sistema. Quem chega primeiro, e eles dizem: “Olha, eu tenho um trabalho de Inglês para Português, de tantas palavras, e o meu *budget* é um bocadinho limitado, olha, para este, eu posso-te oferecer 200 dólares. Aceitas?” E eu, se vejo que posso fazer, já sei que estou a perder, mas digo assim comigo: “Mais vale 200 na mão, do que 200 a voar. Manda.” Pronto, e se for a tempo, eles mandam-me a tradução. Se, às vezes, já não vou a tempo, mandam, por exemplo, o *proofreading*. Esses, por exemplo, muitas vezes são coisas pequenas e dizem: “Olha, podes aceitar 25, podes aceitar 15, podes aceitar 30?” Eu não regateio. Eu nunca regateei. Ou aceito ou não aceito. Mas nunca regateei. E se não aceito, ou é no meu limite ou já não fui a tempo, ou porque não posso mesmo. Mas faço, mas faço tudo, faço tudo para conseguir. (Brighth Guimarães)

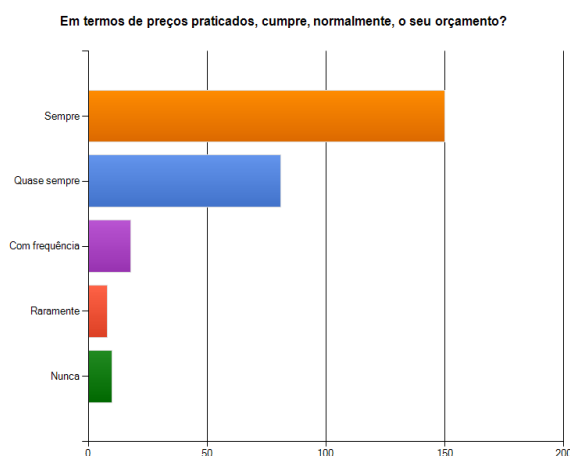
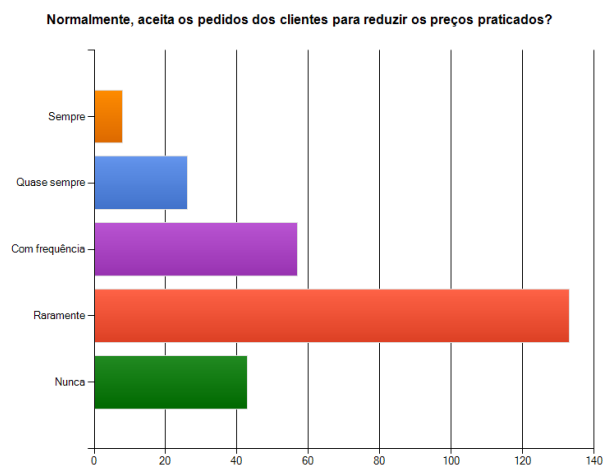


Figura 58. Cumpre normalmente o seu orçamento?

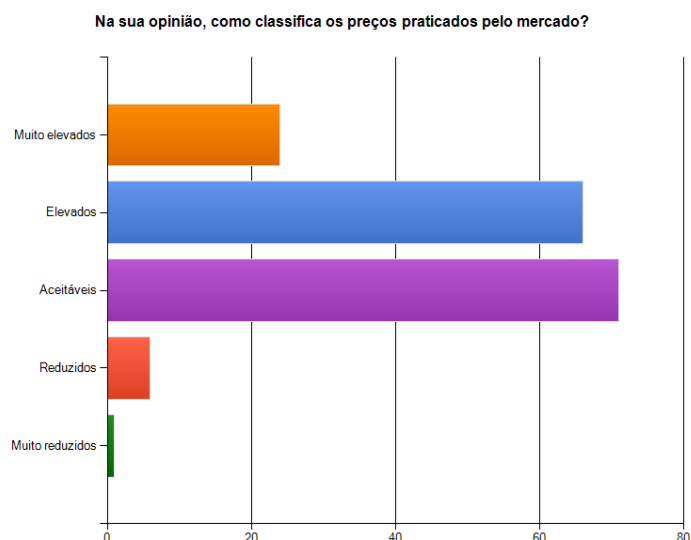


**Figura 59.** Sente-se obrigado a baixar os preços devido à concorrência?



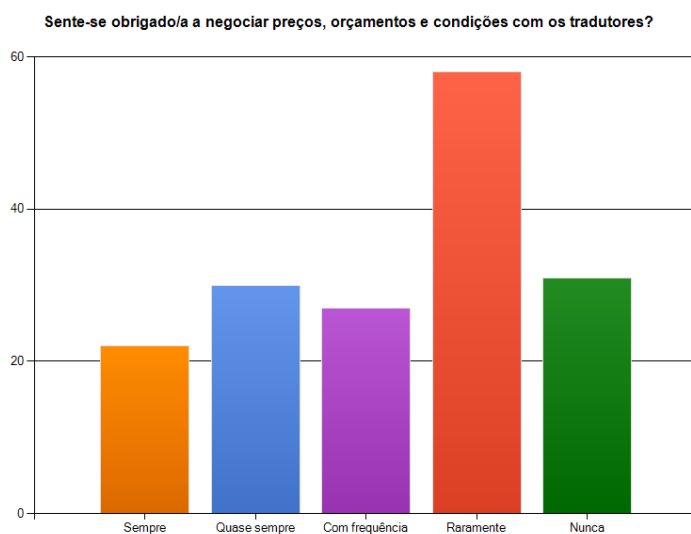
**Figura 60.** Aceita os pedidos dos clientes para baixar os preços?

De forma a podermos confrontar os dados acima obtidos, pedimos aos clientes que classificassem os preços actualmente praticados pelo mercado. Neste caso, a maioria das respostas situa-se no meio da tabela, sendo rotuladas como “Aceitáveis”, com 42,3% das respostas (71 respondentes), seguindo-se comentários que nos direccionam para um tipo de percepção bastante crítico dos elevados preços praticados pelo mercado. Neste domínio, as duas rubricas com maior número de respostas foram, precisamente, “Elevados” com 39,3% (66 respostas) e “Muito Elevados” com 14,3% e 24 respostas, o que perfaz mais de metade dos inquiridos, e coloca a pressão sobre um dos temas mais importantes quando se fala de tradução.



**Figura 61.** Como classifica os preços praticados pelo mercado?

Por último, e em sintonia com as respostas já formuladas aos tradutores, os clientes e consumidores inquiridos responderam igualmente a uma questão que pretendia aferir se se sentiam obrigados a negociar preços, orçamentos e condições com os prestadores de serviços de tradução. Tal como nas respostas com os tradutores, os dados apontam para uma quase ausência de necessidade de negociar prazos e condições, com a opção “Raramente” registando 34,5% (58 respostas). Curiosamente, no entanto, registre-se que as rubricas “Sempre” e “Quase sempre” obtiveram, juntas, um considerável número de respostas, respectivamente 13,1% (22 respostas) e 17,9% (30 respostas).



**Figura 62.** Sente-se obrigado a negociar preços, orçamentos e condições com os tradutores?

**Fonte:** Questionário “A prestação dos serviços de tradução na óptica do consumidor/cliente”)

## 12. CONDIÇÕES DE TRABALHO

Partindo da análise da nossa entrevista-padrão, constatamos que, em relação à forma como decorre o trabalho, este é essencialmente solitário, já que Brighith Guimarães prefere trabalhar sozinha, em casa, com os seus ritmos e horários, e raramente partilha trabalhos com terceiros ou outros colegas, precisamente porque esses projectos em equipa se revelam, na maior parte das vezes, mais trabalhosos e penosos, preferindo contar, sobretudo, consigo própria, dependendo de si e gerindo e organizando o seu próprio trabalho.

Ao nível das condições de trabalho, queremos, entretanto, chamar a atenção para os resultados obtidos quando questionámos os tradutores relativamente aos locais onde, normalmente, decorre a sua profissão. Esta alínea pretendia aferir as condições de trabalho dos sujeitos envolvidos na prestação de serviços de tradução, e partiu da seguinte questão de escolha múltipla, conforme gráfico abaixo:

### 63. O exercício da sua profissão decorre normalmente em...



Figura 63. Local onde decorre o exercício profissional (1)

À pergunta acima colocada, as respostas mais frequentes e que ocupam o topo da tabela indicam que a prática da tradução ocorre maioritariamente em casa (81,8%, 225 respostas), supostamente sozinhos, o que corrobora a imagem da tradução como uma actividade solitária e isolada, apesar das redes estabelecidas sob o ponto de vista

virtual, através da Internet e email, implicando que os contactos pessoais directos raramente ocorrem neste contexto.

Vejamos, nesta sequência, os comentários de P.E.C. sobre a ambivalência de sensações acerca da tradução, misto de prazer, contentamento e isolamento, e da forma como a mesma lhe confere a possibilidade de partilha com o outro:

**(...) era um modo de compensar alguma solidão que o trabalho... enfim, é óbvio que dar aulas não é propriamente uma actividade solitária, mas o trabalho de investigação é um bocadinho solitário, não é?** E este tipo de tradução permite, tens um momento de trabalho solitário e, depois como tens a reunião com os outros, com os intérpretes, os ensaios de leitura, o trabalho mais íntimo ou menos, mais cúmplice ou menos com o encenador, com não sei que mais, é um trabalho que depois **é muito compensador, é mais partilhado (...)**

(...) portanto o trabalho é sempre feito solitariamente e depois depende muito com quem estás a colaborar e das circunstâncias dessa colaboração, depende imenso, depende da natureza das pessoas com quem estás a lidar. (P.E.C.)

E J.G., falando acerca do fechamento da profissão e do sentimento de clausura e da ausência de contacto com as pessoas, referindo-se à tradução como uma “comunidade estanque” e confessando ter escassas ou nulas relações com outros tradutores, trabalhando quase em isolamento e reclusão, à excepção da rede de colaboradores com quem “priva” em contexto quase sempre virtual:

P. Como é que tu avalias as relações profissionais entre colegas, por exemplo, entre os tradutores em si? (...) Tens relações com pessoas além da tua... dos teus colaboradores?

R. Não, não, não, não. Não tenho. Não tenho.

P. **Sentes falta?**

R. **Sinto falta.**

P. De quê?

R. **Acho que é uma comunidade estanque.** Não sei se talvez terá a ver com a génese, com a própria actividade em si.

P. Porquê?

R. Que se presta muito para trabalhar isoladamente. **Presta-se muito para trabalhar isoladamente. É um trabalho que pode ser utilizado à distância e, como tal, isso promove também o isolamento, não é?** Não exige, vá lá, que haja uma integração num grupo, embora eu ache que seria vantajoso a integração, interacção... (J.G.)

Ou seja, é possível inferir, por estas palavras, que há uma consciência do isolamento da profissão, algo que decorre precisamente da forma como o trabalho é promovido e potenciado à distância. Fica a ideia de que, apesar das múltiplas

comunidades virtuais existentes, como o ProZ, o TranslatorsCafé, ou mesmo o LinkedIn e o Facebook, sob os desígnios do “crowdsourcing”, estes núcleos não passam disso mesmo, isto é, de espaços virtuais, em que não há propriamente uma noção de grupo ou de comunidade forte e coesa. As pessoas raramente se conhecem e vão coexistindo em pequenos grupos fechados, com pouco contacto e conhecimento entre si, exceptuando redes muito próximas de partilha e troca de trabalhos quase hermeticamente fechadas.

Caso disso é o exemplo de um gabinete de tradução da zona do Grande Porto que nos confessou trabalhar há mais de 15 anos com uma mesma tradutora de espanhol, com qualidade e elevado grau de fiabilidade e fidelização, sem nunca ter privado pessoalmente com essa pessoa. Ou ainda outro gabinete, também da zona do Porto, cujos tradutores são identificados por códigos, ou números, e não pelo seu nome, mas antes como entidades anónimas, como revela o texto que acompanha a divulgação do prémio da qualidade da empresa:

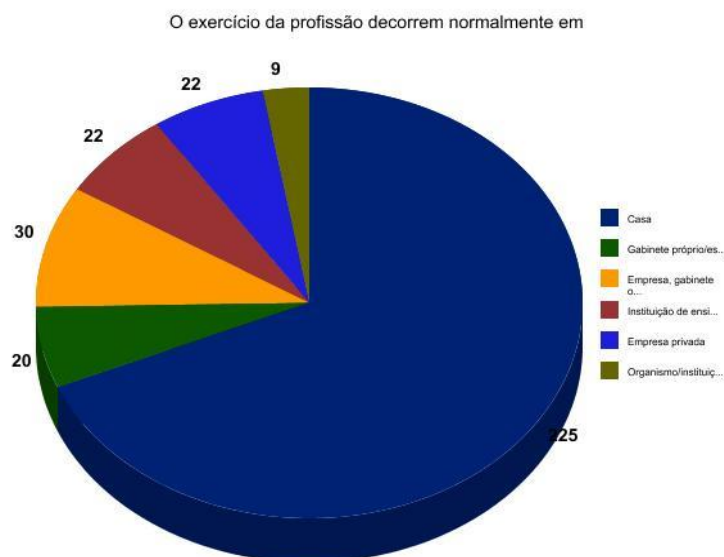
Vencedor do prémio: tradutor externo da \_\_\_ nº 133  
Volume de trabalho realizado: cerca de 130 mil palavras  
Nível de complexidade. De médio a elevado  
Percentagem de avaliações negativas. 2,7%

Na verdade, J.G. gostaria que houvesse mais integração e mais interacção, admitindo, por vezes, falta dessa discussão “cara a cara” e desse contacto, sentindo-se ainda essa carência no seu discurso, uma necessidade de uma troca de experiências, aquilo que ele designa como “jogo de olhares” [sic], muitas vezes algo que decorre precisamente das difíceis e penosas condições de trabalho, em que praticamente há uma grande dificuldade de gestão e ocupação do tempo de outra forma mais produtiva, porque totalmente absorvidos numa lógica de produção em série de serviços.

P. De que forma? De que é que sentes necessidade?

R. A discussão, portanto, *face-to-face*, portanto, frontal, por vezes de determinado tipo de, de... formas de pensar, formas de interpretar, formas de, **o jogo de olhares**, por vezes, é uma forma de comunicação básica, essencial. E, portanto, isso, por vezes, não se... por vezes, isto não se consegue, não é?

R. (...) Nós podemos chamar à atenção a um colaborador, “Olhe, isto não está bem feito.” Até em termos didácticos, em termos profissionais conseguimos, às vezes, olhar para o monitor os dois, ao mesmo tempo: “Isto quer dizer isto, quererá dizer aquilo?” À distância, repare que se torna um bocado mais difícil. Mas também há vantagens. Há vantagens também. (J.G.)



**Figura 64.** Local onde decorre o exercício profissional (2)

#### *64. Como é que se desenvolve habitualmente o seu trabalho de tradução?*

Quisemos, com esta questão, estabelecer um diálogo com a pergunta acima, número 63, na qual pretendíamos aferir os locais onde decorria normalmente a profissão e onde, como verificámos, a maior parte das respostas indicava o espaço de casa. Neste caso, o trabalho é desenvolvido, normalmente, sozinho (86,5%, 237 respostas), um indicador que nos levanta algumas questões complementares, sobretudo, como já vimos, pelo enfoque nas redes de amigos, colegas tradutores e conhecidos que existem de forma latente e paralela.

Em segundo lugar, em termos de respostas, obtivemos a indicação de que o trabalho é efectuado em rede e à distância, com outros tradutores (18,6%, 51 respondentes), e só no terceiro lugar é que surge a indicação de que as traduções decorrem em grupo/equipa, no mesmo espaço físico (11,7%, 32 respostas).

Por último, será igualmente interessante confrontar estes valores com os dados obtidos relativamente ao *outsourcing*, subcontratação e relacionamento profissional com os seus pares, já que as respostas aqui também eram bastante reduzidas, com uma percentagem de 68,6% na casa dos 0 a 25% de ocupação do volume total de trabalho. Refira-se, no entanto, que a maioria dos respondentes confirma trabalhar em contacto com especialistas de várias áreas temáticas (72,7%) e ainda trabalhar em diálogo e articulação com o cliente (81,1%, contra 18,9% de respostas negativas).



Relativamente ao problema da distância, há também vantagens, como as que aqui são enunciadas, sobretudo pela forma como a solidão se apresenta como um espaço preferencial de trabalho, porque permite uma maior concentração, nomeadamente:

R: Mas também há vantagens. Há vantagens também.

P. De quê?

R. A vantagem de estarmos isolados, porque conseguirmos...

P. Não sentes essa solidão, por exemplo?

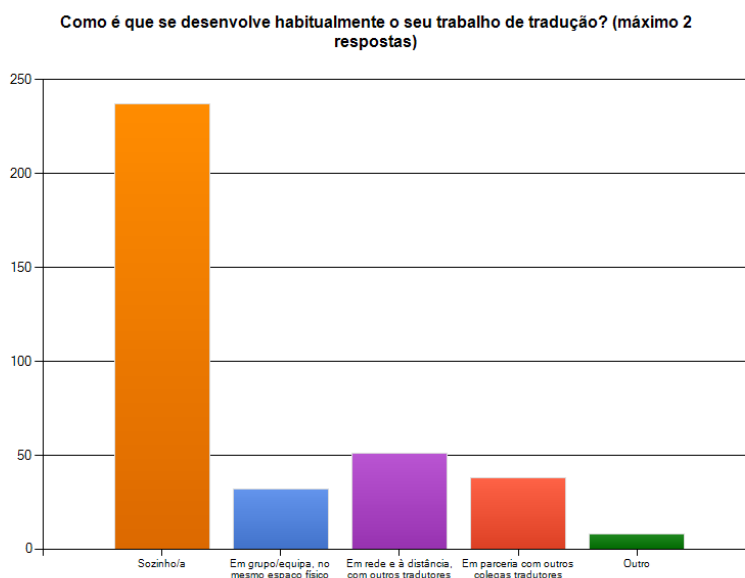
R. Sinto, sinto. Mas eu consigo estar mais, consigo estar mais, consigo estar mais à vontade a trabalhar sozinho, porque me consigo concentrar mais.

P. Preferes trabalhar sozinho?

R. Prefiro trabalhar sozinho. Mas sei que há desvantagens, não é? Dessas que eu já acabei de citar.

P. OK. Portanto, relativamente à relação entre os tradutores, achas que há uma relação difícil, inexistente?

R: Eu acho que é quase inexistente. (J.G.)



**Figura 65.** Como se desenvolve habitualmente o trabalho de tradução?

Tal como referimos acima, quando falávamos de percepções associadas à profissão, o único ponto negativo da actividade para uma tradutora como Brighth Guimarães é a ausência de tempo para traduzir mais. Detectamos, entretanto, uma tendência comum a outros tradutores entrevistados, e que se prende com a forma como, regra geral, os projectos são geridos individualmente, havendo, neste caso, todo um trabalho de gestão financeira, facturação, orçamentação, contabilidade, arquivo e organização do trabalho que ultrapassa largamente o mero exercício translatório, e que

envolve uma extraordinária capacidade de organização e realização de tarefas complementares e paralelas inerentes à gestão de um projecto de tradução.

No entanto, será de frisar novamente o fantástico peso e o considerável esforço que as actividades associadas a um projecto de tradução colocam ao tradutor individual, transformando-o numa tarefa hercúlea. De facto, quando fizemos essa pergunta aos nossos entrevistados, a maioria das respostas centrou-se no excesso de tempo que é dispendido diariamente em tarefas burocráticas, que ultrapassam a mera fase de tradução propriamente dita, acabando por colocar sérios entraves ao normal desenvolvimento da profissão. Bastará, para tal, mencionar apenas as fases de gestão do projecto, nomeadamente facturação e cobrança, que têm de ser feitas individualmente:

Normalmente facturo ao final do mês. (...) E, portanto, eu chegando ao dia 29, 30, ainda ontem estive a fazer facturas... Portanto, levei a tarde toda a fazer facturas. Portanto, facturo, vou apontando os nomes dos *assignments*, cada tem as suas referências, os seus preços, as suas PO<sup>242</sup>, etc, não é. Tenho a minha maneira de trabalhar, chego ao fim e pumba. Factura ao fulano... (Brigith Guimarães)

E também digo a todos os colegas a quem devem recorrer para as traduções que me enviariam durante esse período [férias] e a facturação é feita por mim... Portanto, o cliente, colega, tradução, colega, cliente, depois recebo do meu colega os honorários, a facturazinha, e depois eu facturo ao cliente e a coisa corre em rolamentos de esferas. (A.C.)

No que diz respeito à importância das fases da tradução para a qualidade do produto final, que definimos, de forma algo simplista, aproveitando o modelo de Daniel Gouadec (Gouadec 2002)<sup>243</sup>, todas (pré-tradução, tradução e pós-tradução<sup>244</sup>) acabam por ser citadas pelos tradutores, com maior ou menor ênfase, havendo mais ou menos uma interiorização técnica das fases constituintes de um projecto básico de tradução.

---

<sup>242</sup> PO – Purchase Order (ver ainda Work Order)

<sup>243</sup> Gouadec, Daniel (2002), « Profession: Traducteur », La Maison du Dictionnaire, Paris.

<sup>244</sup> Consideramos *Pré-tradução* como a fase de pesquisa e selecção terminológica; *tradução* como o próprio nome indica é a tradução em si; *pós-tradução* inclui a revisão e a formatação final.

### 13. REDES RELACIONAIS

Anyone joining an organization becomes, according to this formulation, not only a member of a work system but also 'a member of a group or section with sectional interests in conflict with those of other groups or sections, and he is also one individual among many to whom the position they occupy, relative to others, and their future security or betterment are matters of deep concern'. This has a special meaning for professionals, who also have allegiance to groups outside the organization. (Klein 1976: 207)

Uma das primeiras questões que surge aqui é precisamente o aspecto social associado ao acto da tradução. Na esteira de trabalhos recentes, a abordagem sistémica do acto e da prática da tradução leva-nos a encarar a tradução como uma actividade social inserida num sistema de relações em rede, onde são estabelecidos laços, nem sempre homogéneos, pela sua inconsistência e inconstância, entre os vários actores que interagem entre si e que convergem para a produção e circulação de produtos, na maior parte das vezes intangíveis (Bourdieu 1985, Heilbron & Sapiro 2007 e 2008, Wolf 2007).<sup>245</sup>

Ver, a propósito, reflexão de Michael Cronin a propósito da coexistência de micro e macro-redes em termos de coesão social:

Networks can of course be construed differently in this process and emerge as structures of closure rather than models of openness. By this is meant the construction of micro-networks of belonging, whether at the level of individuals, groups or nations, which are a reaction to the limitless and potentially threatening nomadism of macro-networks. Even those who acquire wealth and exercise power through networks of global enterprise are careful to constitute relatively closed networks of social contact. (...) Indeed, as the power of macro-networks grows, it is possible to posit the increased rather than the diminished importance of micro-networks as individuals and groups seek to maintain some level of social cohesion. (Cronin 2003: 50)

A noção de rede social é, por isso, vital para melhor compreendermos a forma como os tradutores contróem a sua profissionalidade numa relação estabelecida com vários agentes e instâncias, e com ramificações que se expandem em múltiplas direcções a partir de um centro nevrálgico que encara a tradução como principal ponto de convergência da mediação intercultural e multilingue.

De facto, tal como referido por Piekkari (2010), a noção de rede social envolve o somatório das redes pessoais, institucionais e organizacionais do indivíduo em contexto

---

<sup>245</sup> Cfr Even-Zohar, Itamar (2005) "Culture As Goods, Culture as Tools". In Even-Zohar, Itamar 2005. *Papers in Culture Research*. e Bourdieu, Pierre. (1985) "The Market of Symbolic Goods". *Poetics* 14: 13–44.

de interacção socioprofissional, isto é, o capital social que os indivíduos e as organizações desenvolvem através das suas redes sociais e que, em última análise, permitirá o acesso à informação e conhecimento que os actores sociais podem utilizar e capitalizar no âmbito do desempenho dos seus papéis:

(...) the central theme in various definitions appears to be the assets that individuals and organizations develop through their social networks. In this section, we use the term social network to refer to the set of social relationships which individuals develop and access in the course of their work and personal life. (...) For those without appropriate language skills the emergence of a translation task can be the cause of considerable discomfort, and there is typically resort to a work colleague with the relevant language facility. ‘To be able to get help from colleagues, you have to know people. You have to know their names and where they work and where they used to work since the organization is changing so quickly’. For some, it was more straightforward: ‘We’ve a lot of linguistically skilled personnel so it is easy to ask for help’ (op. cit. 2010)

Ao nível da rede de relações no terreno, a actuação de Brigith Guimarães é pautada pela prudência, modéstia e humildade, e também pela quase ausência de laços directos com os seus pares, preferindo manter algum secretismo e profissionalismo nesse domínio, primeiro pela manifesta falta de tempo, e segundo pelo desejo de manter segredo e uma atitude de *low profile* nesses contactos.

Face às inúmeras solicitações que tem, e perante um estatuto social conquistado de *freelancer* a tempo inteiro, o maior problema que encontra em termos profissionais é mesmo a sua incapacidade para dizer não e recusar trabalho, facto que constitui um motivo adicional de *stress* pelas óbvias dificuldades de gestão inerentes.

No entanto, a excelente relação que mantém com os seus clientes e a fidelização dos processos de prestação de serviços assumem-se, por outro lado, como o reverso da medalha, precisamente pela inegável sobrecarga de trabalho e pressão adicional, às vezes de difícil gestão, decorrentes de uma atitude obsessiva de receio perante a perda de clientes, que a obriga a aproveitar “cada minuto, e cada segundo de trabalho” e a manter o seu “segredo”. De facto, como vimos acima, este relacionamento com os clientes encontra-se inexoravelmente afectado pela incapacidade de recusar trabalho, e por um profundo *ethos* profissional.

Este é um discurso nitidamente marcado pela subjectividade e emotividade, mas também pela confiança e sinceridade com que aborda a sua postura pragmática, descrevendo-se como uma boa profissional, discreta, afirmativa, respeitada e irrepreensível, perfeitamente conhecedora do seu “posicionamento”, das suas

competências e valor acrescentado que traz para os seus clientes, a maioria dos quais virtuais, porque em rede, mas que representam a dimensão afectiva de reconhecimento social e profissional que sempre faltou na sua vida.

É, por isso, representativa a imagem de assertividade e respeito que Brighth Guimarães transmite quando compara o seu trabalho anterior a uma espécie de passagem da sombra para a luz, consciente de que a precariedade e o esquecimento estão sempre presentes:

E tenho a certeza que encontrei, aquilo que toda a vida fiz, e a quem nunca ninguém deu valor, **porque era a sombra, porque era empregada de alguém**, porque era para a mãe, para o pai, para o marido e para não sei quem. Porque era sempre alguém que tinha feito e nunca ninguém sabia que era. E, hoje em dia, isso para mim é muito importante, porque as pessoas apreciam-me (...) E, portanto, **isso é muito bom para mim**. (Brighth Guimarães, nossos destaques)

Apesar de um aparente desejo de exposição e visibilidade decorrentes da sua afirmação profissional, e do inegável reconhecimento pessoal e individual, ao nível da sua auto-estima, a verdade é que a sua apresentação e o seu discurso revelam uma enorme vontade de invisibilidade:

Eu gosto muito de ser invisível, não o sendo. (Brighth Guimarães)

De modo sintomático, a frase acima citada revela claramente o modo como esta tradutora avalia o carácter atractivo da profissão, pela forma como, por um lado, lhe permite essa invisibilidade tão necessária, através de uma presença discreta, despercebida e furtiva e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, e de forma quase incongruente, sente-se confortável e assume, quase como uma obsessão, a necessidade de marcar a sua presença e, sobretudo, de recompensarem, reconhecerem e avaliarem a qualidade do seu trabalho, numa relação paradoxal visível / invisível, no limiar de uma vaidade profissional:

**Mas eu gosto muito de ser invisível, mesmo não sendo invisível. Eu gosto que as pessoas me apreciem, e aí entra a minha vaidade profissional.** Gosto de ser... **gosto que as pessoas achem que eu sou uma boa profissional e gosto que mo digam.** Aí, quando mo dizem, ou mo escrevem, eu deliro. (Brighth Guimarães)

Como vemos, até no discurso dos tradutores, a questão da potencial invisibilidade da profissão está sempre presente, associada ao domínio relacional e ao

reconhecimento social. Vejamos a questão da invisibilidade “forçada” pelas editoras, na óptica de outra tradutora, no domínio literário, C. P.:

As editoras, fala-se tanto da edição, que a edição não dá..., o que é certo é que estão sempre a abrir. Claro que abrem umas, fecham outras, mas... Falta de coragem das editoras? De fazerem isso? **Quer dizer, o relegarem para segundo plano, sempre, o papel do tradutor?** Porque são freelancers? **Mas eles esquecem-se que sem os freelancers, não têm os livros, certo?** Eu acho que eles ainda não se aperceberam, as editoras não se apercebem que, **sem os tradutores, não existem**, a não ser para lançar autores nacionais. Por isso, é que eu não percebo por que é que, **por que é que há este apagamento do tradutor. Claro que isto é culpa nossa, da classe, que sempre disse que quanto melhor fosse um tradutor, menos visível era, certo? Isso é uma daquelas, a invisibilidade do tradutor, é uma daquelas máximas que quando não se der por um tradutor, é sinal que é um grande tradutor. Isso é o que nós aprendemos.** (C.P.)

Invisibilidade essa que faz parte do ADN intrínseco da profissão, conforme revela F.C.:

Decorre da função, ou seja, se o nosso papel é apenas melhorar ou tornar produtivo, eficiente, ou assim, num processo de comunicação que já está a decorrer, o nosso papel é, de facto acessório. Porque mesmo que nós consigamos e tenhamos um papel preponderante na criação dessa comunicação de uma forma eficiente, aquilo que o receptor recebe não é da nossa autoria, não é, e aquilo que ele recebe é a mensagem original, porque nós fizemos um bom trabalho, portanto é, de facto, um papel invisível não é? (F.C.)

Repare-se como nestas declarações sentimos claramente a tensão entre a invisibilidade imposta pelas convenções e normas sociais e institucionais, de fora, e a vontade de luz, resgate e visibilidade internas, afinal o desígnio de liberdade e reconhecimento a que o tradutor aspira.<sup>246</sup>

Tal como outros tradutores com quem falámos, Brighth Guimarães estabeleceu aquilo que apelida de “fantástica” rede de contactos e conseguiu consolidar as suas relações, sentindo-se fascinada pela actividade. A forma profissional e nitidamente orientada para o mercado como age explica a razão pela qual é referenciada pelos seus clientes para outros trabalhos, o que significa que tem uma clientela, sendo capaz de fornecer serviços de qualidade e estabelecer uma boa relação com os clientes, a preços

---

<sup>246</sup> Aquilo que poderemos apelidar de “interiorização tácita dessa ausência de reconhecimento”. Cfr “About our invisibility cloak”, *ITIA Bulletin* (Outubro, 2007), já mencionado no segundo capítulo. Disponível em [http://translatorsassociation.ie/component/option,com\\_docman/task,cat\\_view/gid,25/Itemid,16/](http://translatorsassociation.ie/component/option,com_docman/task,cat_view/gid,25/Itemid,16/)

competitivos, muito embora reconheça o cansaço que este intenso “ciclo vicioso” relacional provoca a nível pessoal.

P: Mas tens alguém a trabalhar contigo?

R: Exactamente. Tenho colaboradores, colegas, colegas que poderão trabalhar noutros idiomas. Sempre para o Português. (J.G.)

A pergunta acima e a resposta do tradutor J.G. são paradigmáticas da forma como um tradutor, trabalhando sozinho, em casa, em regime *freelancer*, gere a sua rede de relações e estabelece os contactos com os seus pares. Por outro lado, a situação descrita decorre de uma questão colocada no âmbito do nosso inquérito quantitativo:

***58. Costuma ser subcontratado por outros colegas tradutores/agências para a realização de trabalhos de tradução?***

De facto, quanto ao ítem “Subcontratação”, regra geral, a maioria (63,5%, 176 respondentes) refere ser frequentemente subcontratada por outros colegas tradutores/agências de tradução ou empresas para a realização de trabalhos de tradução.

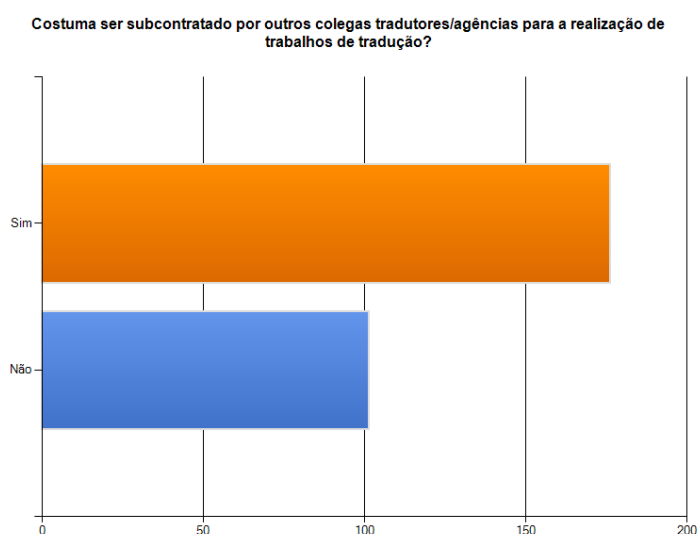
Estamos perante um facto de destaque considerável, porque ajuda a definir as dinâmicas de trabalho em jogo, bem como os relacionamentos e as redes de relações sociais e profissionais envolvidas na prestação de serviços, já que revela os processos mais comuns de relacionamento profissional no terreno, marcados por uma forte interrelação e desenvolvimento de estruturas colaborativas, que permitem, por um lado, a realização de trabalhos conjuntos e de grande abrangência (em termos de línguas de trabalho e de áreas temáticas) e, ao mesmo tempo, o fornecimento de um pacote de serviços multimodal e integrado, como é o caso da empresa de A.S, que, sozinha, controla uma rede de colaboradores que lhe permite aceitar e oferecer serviços interdisciplinares. De realçar o facto de, apesar de ser a única sócia do gabinete, todo o discurso da entrevistada ser sempre construído na primeira pessoa do plural, assumindo uma duplicidade de identidade interessante, para além de descrever uma realidade em que tradutor, colega, colaborador e cliente se diluem e metamorfoseiam numa mesma entidade:

É assim... eu faço inglês-português, português-inglês, espanhol-português, português-espanhol. Trabalho em algumas coisas de alemão. Depende sempre do tipo de domínio. Quando não é possível ser eu a desenvolver esse tipo de trabalho, regra geral, subcontratamos. Às vezes,

mesmo pela dimensão do trabalho. Não que eu não consiga fazê-lo, mas porque não é possível por ser tão grande e é necessário ter mais pessoas a trabalhar no mesmo projecto.

(...) Tenho um gabinete do qual eu sou a única sócia-gerente, mas que, no momento tem um estagiário em colaboração mensal. Tem uma média de 3, 4 tradutores por mês.

(...) Sou subcontratada, nunca tive problemas com cliente nenhum, nesses moldes. Desses clientes, porque eles não deixam de ser meus colegas e meus clientes. Porque eles trabalham na área da tradução como eu, mas subcontratam para desenvolver um trabalho que, no fundo, é da empresa deles, não é. E no caso de colegas de tradução, de pessoas que estudaram comigo, ou pessoas que fui conhecendo no meu percurso profissional, não tenho razões de queixa. Tanto é que muitas dessas pessoas colaboram comigo, como colaboram com outras empresas. E acho que há mercado para toda a gente. (A.S.)



**Figura 66.** Costuma ser subcontratado por outros colegas ou agências para a realização de trabalhos de tradução?

### *59. Em caso afirmativo, com que frequência?*

Não deixa de ser estranho o facto de, na sequência da pergunta anterior, a maioria das respostas indicar que essa colaboração em regime de subcontratação é "Nada frequente" (38,6%, 107 respostas), com "Alguma frequência" (21,3%, 59 respostas) e "Pouco frequente" (20,6%, 57 respostas), por ordem de prioridade.

Mais uma vez, é essencial detectar as dinâmicas de colaboração e os processos mais comuns, já que poderemos estar perante respostas enviesadas, sobretudo porque, actualmente, a realidade profissional demonstra que a subcontratação e as estratégias de colaboração, sobretudo em fóruns como o ProZ, em ambientes colaborativos marcados pelo teletrabalho, "social networking", "offshoring" ou "crowdsourcing" (via "Translation in the Cloud" ou "Cloud Translation") através das novas estações de



trabalho e plataformas multilingues e multiprojectos, sobretudo fornecidos pelos MLV (*Multi Language Vendors*) são cada vez mais comuns, facto que nos obriga a olhar com outro rigor para estas colaborações com terceiros, tentando perceber de que forma, quais as respectivas condições e a que preço é que a tão propalada democratização da tradução acontece.<sup>247</sup>

Neste negócio a credibilidade é muito importante. Ou seja, como funciona tudo através da Internet, nós nunca vemos os clientes. Ao saber que eu estou a mandar para uma empresa, a responsabilidade aumenta, é diferente. (L.G.)

Repare-se, por exemplo, na própria lógica de organização do trabalho e das redes de relações estabelecidas em contextos tão precisos como os da “localização” (Pym 2004), da qual a citação acima é um exemplo claro, “networking”, ou ainda a questão da ubiquidade da tradução na “nuvem”, associada aos esforços para a crescente tecnologização desta área (Melby 1995 e 1996<sup>248</sup>, Ignacio Garcia 2011, Cronin 2011):

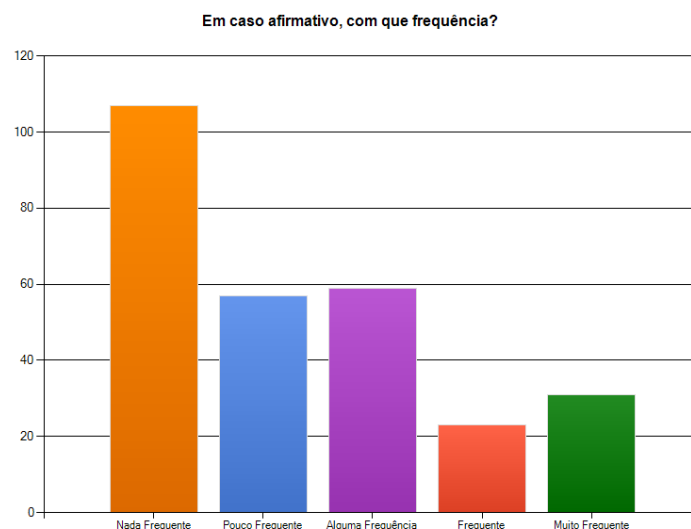
At one level, it is possible to locate these translation practices in the type of self-reflexive political agency at work in organisations like Babels (Boéri, 2008: 21-50). At another, what is implicitly contested in these practices is a conception of machine-human interaction in translation as fundamentally dehumanising. If a tendency in localisation discourse has been to accentuate the role of automation in translation activity and to minimise the intervention of the human agent, what we are witnessing in these crowdsourcing initiatives is a reinvestment of translation technology by the human, a strategic use of technical resources to further human concerns or agendas. In a sense, what is emergent in the practice is a version translation technology as a tool of conviviality and an instrument of human political intervention. Implicit in such a representation of translation is a move away from the monadic subject of traditional translation agency - Jerome alone in the desert - to a pluri-subjectivity of interaction. (Cronin 2011)<sup>249</sup>

---

<sup>247</sup> Daí que, face à forma como a profissão se vai reescrevendo na geografia do mercado, e quando instada a comentar o eventual impacto que a localização na região norte tem sobre o seu trabalho, Brighth Guimarães tenha referido que o mesmo é nulo, graças aos desígnios da globalização associada à tradução técnica, sobretudo ao nível do teletrabalho com o advento da internet e das novas tecnologias.

<sup>248</sup> Alan Melby (1996) “Machine Translation and other Translation Technologies”. *Annual Review of Applied Linguistics*, 16, pp 86-98 doi:10.1017/S0267190500001458.

<sup>249</sup> Michael Cronin (2011) “The Translation Crowd”, *Tradumàtica* N° 08 - Localització i web. Revista de Traducció i Tecnologies de la Informació i la Comunicació.



**Figura 67.** Com que frequência?

**60. Em termos gerais, qual é a percentagem que a subcontratação/outsourcing ocupam no volume total do seu trabalho?**

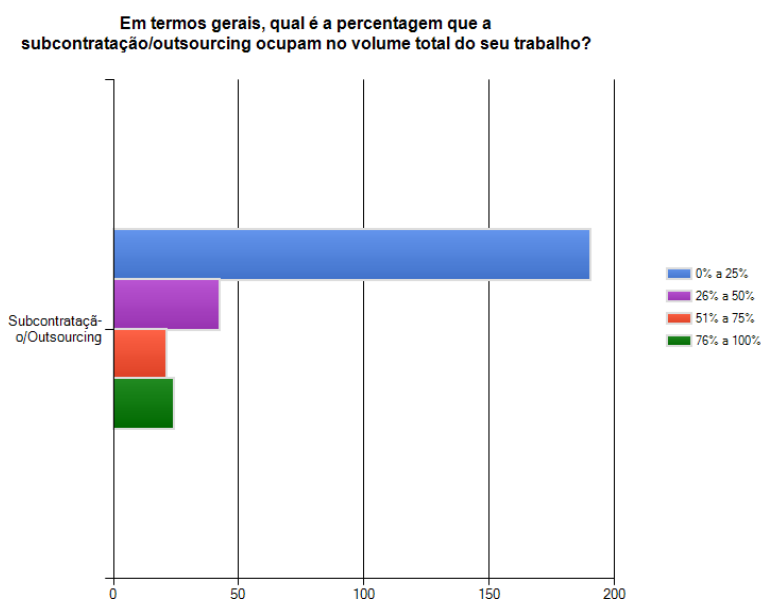
De novo, esta pergunta encontra-se ligada à anterior, isto porque a maioria das respostas (68,6%) aponta para apenas uma percentagem de 0 a 25% de colaboração em regime de subcontratação/outsourcing. Ou seja, o *outsourcing* e a subcontratação parecem ser áreas pouco solicitadas, o que pode igualmente revelar alguma consistência e coesão na gestão dos clientes, carteira profissional, trabalhos e, eventualmente, alguma fidelização do mercado. A verdade é que, segundo estes dados, e contrariamente ao esperado, o trabalho em parceria com terceiros ocupa pouco espaço na sua prática profissional, carecendo de confirmação futura, sobretudo pelas implicações inerentes à própria noção de conceito de *outsourcing*.

F.C. aponta uma explicação para esta redefinição das interações em contexto de trabalho, em que a sua ingenuidade inicial, acaba por dar lugar a uma significativa desconfiança e a um maior cuidado nas relações comerciais, decorrente do valor económico associado ao conhecimento:

P: Como é que tu avalias as relações profissionais entre pares, entre colegas...?

R: Aí vejo outra vez as coisas um bocadinho no prisma da empresa, do empresário, vá lá. Durante muito tempo, nós, quando estávamos no princípio da nossa formação, tínhamos uma ideia um bocadinho idílica da partilha de tudo e mais alguma coisa, não é? Que iríamos crescer enquanto profissionais e assim, com o apoio de uns e de outros e tudo isso. Aquilo que eu vejo, actualmente, tendo agora uma perspectiva mais de mercado, de empresa e assim, é que essa partilha também tem o seu lado negativo, não é? **Porque há coisas que são propriedade, o**

**conhecimento que cada um de nós adquire, tem a ver com o seu esforço, tem a ver com ter acedido a determinadas coisas depois de ter trabalhado, não é?** E esse conhecimento, de facto, é o que faz a nossa competência, a nossa competência profissional e, por isso, não é para ser desbaratado. E, por isso, aquilo que me parece é que a nossa profissão e o nosso contacto com os outros profissionais é um bocadinho contaminado por isto, por não se saber até que ponto é que se pode partilhar e até que ponto é que determinadas coisas são nossas. Em termos de relação, por exemplo, empresas de tradutores... isto, às vezes, traz, obscurece um bocadinho aquilo que devia ser uma relação saudável entre um contratante e um contratado, não é? Porque, por vezes, há um bocadinho a expectativa de que se devia, quando se contrata um tradutor, se devia revelar muito mais daquilo que nós temos, informação sobre o cliente, sobre a conta, a memória de tradução, tudo isso, e a outra parte acha que não; que, se calhar, não devia fornecer tanta informação, etc. **Por isso, são relações que não são muito claras, na maior parte das vezes.** Por mais abertas que sejam, por mais que todos nos consideremos parceiros de profissão, acho que também tem um bocadinho a ver com esta forma de se trabalhar num contexto profissional... e pronto. (F.C.)



**Figura 68.** Percentagem da subcontratação/outsourcing no volume de trabalho

Neste caso, F.C., sócio-gerente de uma empresa de tradução, revela a sua preocupação com os seus colaboradores, tentando evitar que as pessoas levem trabalho para casa e, ao mesmo tempo, procurando oferecer uma remuneração consentânea e compatível e propiciar um espaço para a vida privada, tentando separar as águas e definir e estabelecer prioridades, face a uma profissão tão absorvente:

É inclusivamente uma preocupação minha a falar com eles. Ou seja, aquilo que nós fomos tentando fazer foi construir uma empresa em que as pessoas, à medida que os anos fossem

passando cá dentro da empresa, cada vez menos precisam de levar trabalho para casa e que fossem tendo uma remuneração que lhes justificasse que não precisassem de levar trabalho para casa. E, por isso, cada um deles, tendo em conta o volume de trabalho que existe, decide se quer ou não levá-lo; e se não quiserem levar, não o levam e pronto... e o trabalho que fazem em casa é remunerado à parte, não tem a ver com a remuneração que têm como pessoas contratadas. Exactamente por causa disso, porque me pareceu que é uma profissão muito absorvente e que, se realmente não se definir um início e final do período de trabalho, não se consegue depois separar as coisas, não se consegue ter vida privada. E foi uma das coisas que eu decidi, a partir de uma certa altura, que queria ter isso, percebes? (F.C.)

### **Relação com os empregadores e com o mercado**

Fiquei a saber que os revisores pensam muito mal dos tradutores. (C.P.)

O tema encerra em si uma velha questão e um velho dilema. Sempre que se fala de tradução, assiste-se constantemente a uma atitude de nítida desvalorização e desprestígio da parte dos empregadores, contrabalançada por uma atitude eventualmente mais corporativa, de maior defesa da classe, protagonizada, neste caso, pelas associações ditas profissionais.

Neste sentido, Francisco Magalhães, no artigo já citado de Abril de 2006, mencionava o eterno problema da qualidade, alegando que “não se consegue qualidade pagando mal aos tradutores e desrespeitando os direitos que a lei lhes atribui”, isto apesar de admitir, no entanto, que existem editores que “pagam relativamente bem aos tradutores mais conhecidos do mercado”, algo que nos reenvia para a noção de um “estrelato” construído à volta da prática da tradução em contexto editorial. (Francisco Magalhães, *O Primeiro de Janeiro*, Abril de 2006).<sup>250</sup>

Por exemplo, quando questionada sobre a eventual existência de tradutores de primeira e de segunda, Brighth Guimarães concorda com essa designação, alegando que não basta conhecer ou saber línguas para se poder afirmar no mercado como tradutor, precisamente porque há um lastro de competências, conhecimentos e experiência que é necessário activar e potenciar, através de um conjunto de situações que se vão formando a partir do nada, algo que explica igualmente o seu percurso e enriquecimento profissionais ao longo destes últimos oito anos de presença no mercado.

---

<sup>250</sup> Por direito, leia-se, a propósito, a questão dos direitos de autor, a que se junta uma maior regulamentação legal do acesso à profissão de tradutor.

Por outro lado, destaca uma tendência actual resultante do desemprego e elevada competitividade associados à profissão, a que não será alheio o excesso de recém-licenciados que inundam o mercado, elementos sem vocação, preparação e experiência, os tais “patos bravos que podem procriar a sua incompetência anonimamente”, de que Francisco Magalhães falava na entrevista a *O Primeiro de Janeiro* em 2006, e que são aqui denunciados por este profissional na área da localização:

Ao saber que eu estou a mandar para uma empresa, a responsabilidade... é diferente. Quando tenho que entregar trabalho, se eu entrego trabalho a alguma empresa, sinto-me mais seguro e mais descansado do que ao mandar para um tradutor que encontrei no ProZ, e que se calhar chega à data de entrega e diz, “ó pá, olha, afinal não tive tempo, e desculpa lá, meu. Eu não vou levar nada. Que essa situação presenciei eu duas vezes na \*\*\*\*\*”. (L.G.)

Há, de facto, um tom excessivo e uma atmosfera de grande crispção e crítica sempre que a tradução é abordada nos diferentes fóruns associativos e profissionais. Na já referida separata d’*O Primeiro de Janeiro* de Abril de 2006, o então presidente da APT – Associação Portuguesa de Tradutores, respondia a várias questões sobre o tema, num artigo intitulado “A tradução tem muitas toupeiras”, o que, para além de sugestivo, aponta para essa problemática latente sempre que o discurso aborda a questão da profissionalização dos tradutores em Portugal, revelando uma visão endógena, um discurso nem sempre positivo, que vem de dentro da própria classe, e que nos causa algum desconforto e mal-estar.

Numa caixa, chamada a título de primeira página, em destaque, surge o seguinte comentário “Hoje a tradução “está cheia de toupeiras e, cada ano que passa, a degradação agrava-se.” (2006).

A confusão no seio do mercado é grande e complexa, a classe desunida, a concorrência feroz, o acesso à profissão inexistente e nulo, bem como o descontrolo sectorial e a atmosfera de aproveitamento descarado e impunidade de alguns agentes e intermediários, como comprova a acusação de Francisco Magalhães quanto ao facto de os editores “meterem tudo no mesmo saco para pagar menos aos tradutores”.

(...) são mal pagos, não há uma lei que proteja os seus direitos, as editoras recusam-se a assinar os contratos-tipo da Sociedade Portuguesa de Autores ou o da APT. Também existe a confusão de considerar tradução literária tudo o que é publicado.” (...) Como deve calcular, a tradução de uma obra científica que, em princípio, só deveria ser feita por um especialista, tinha de ser paga a

peso de ouro. Mas para o editor pagar menos considera-a tradução literária, embora existam exceções. (*O Primeiro de Janeiro*, Abril de 2006)

São várias as conclusões que sobressaem deste cruzamento de vozes e discursos. Uma delas prende-se, por exemplo, com o descontentamento que os tradutores profissionais sentem a propósito das circunstâncias em que exercem o seu labor profissional, com especial incidência ao nível das relações acima descritas, por um lado, entre editores e tradutores e, por outro, entre tradutores e agentes intermediários ou agências de tradução que se intrometem na cadeia de valor do produto<sup>251</sup>. Parecem-nos ser estes os dois principais óbices ao normal desenvolvimento e afirmação da profissão.

De facto, esta é uma das questões mais visíveis nos discursos dos tradutores acerca das relações estabelecidas no sector. Casos há em que se nota algum clima de desconfiança e mesmo de conflituosidade perante a actuação de alguns dos principais parceiros envolvidos na cadeia de prestação de serviços de tradução. Falamos, como é óbvio, da actuação das agências de tradução, bem como das editoras.

Ainda relativamente a esta tensão visível, verificámos, nas nossas entrevistas, que as principais críticas dos tradutores *freelancer* se dirigem precisamente à actuação das empresas de tradução e intermediários, como demonstra a seguinte citação:

Em parte, é por isso que eu estou também a tentar-me libertar das empresas e ir directamente aos estúdios, porque acho que as empresas não estão, actualmente, a cumprir o trabalho de zelar pela qualidade da tradução. (A.V.F.)

Relativamente ao primeiro aspecto, este é um ponto diagnosticado por um dos mais reconhecidos tradutores do panorama português, João Barrento, quando fala do aproveitamento dos editores face à ausência de protecção e descontrolo sectoriais. Constatação pertinente já que nos remete para um tipo de pressão e chantagem absolutamente inaceitáveis e que vigoram no mercado [sic]:

(...) a situação é bastante caótica e selvagem neste mercado e alguns editores aproveitam-se disso: eles acham que se um tradutor rejeitar um contrato aparecem logo dois ou três dispostos a fazer o trabalho. (suplemento *Leituras*, jornal *Público*, 1 de Novembro de 1997)

Noção esta que acaba por encontrar tradução prática nas palavras deste profissional que entrevistámos:

---

<sup>251</sup> Ao não trabalharmos com intermediários, também podemos fazer os nossos preços. Os preços que fazíamos para essas grandes empresas. (L.G.)

P: Imaginavas-te a ter uma vida só decorrente da tradução para edição?

R: Se as recompensas materiais fossem mais adequadas, sim. Neste momento, não é possível. Há grandes diferenças também entre os editores e aqueles que oferecem mais trabalho. Normalmente são aqueles que pagam pior. **Ou seja, tentam fazer-se valer dessa oferta de um maior número de obras para traduzir, ou de textos, como sendo justificativas de menos dinheiro pago por cada uma das obras.** E isso impediria certamente de exercer a actividade a tempo inteiro. (J.P.)

É claro que, precisamente do outro lado da barricada, no sector empresarial editorial, os problemas são bem diferentes, num contexto em que as lógicas de mercado ditam as regras de um jogo que é, quase sempre, desequilibrado:

É preciso não esquecer que a maioria dos títulos editados não vende mais de mil exemplares e o peso da tradução no custo do livro é grande. Se pagássemos mais, o preço do livro dispararia. [sic]

Quem refere isto é Carlos Veiga Ferreira, alegando que, “embora não pretenda fazer do tradutor o bode expiatório”, lembra que ‘ele normalmente ganha mais do que ganha o autor original pela cedência dos direitos’. Digna de destaque será a forma como duas editoras, respectivamente, a ASA e a Bertrand, reagiram, na época, às críticas feitas por Francisco Magalhães. Por um lado, Manuel Valente da ASA refere, a propósito que “não aceitamos que os tradutores recebam aquilo a que se chama ‘royalties’”, acrescentando que ‘royalties’ “é a percentagem que certos tradutores querem receber, além do que está estipulado, sobre as vendas dos livros como se fossem autores”. (pág. 29). Falando de contratos por encomenda e do pagamento efectuado que oscilava entre os 8 os 10 euros por página, o editor refere ainda que “alguns tradutores que se queixam de ser mal pagos ‘têm razão’. No entanto, ‘porque a maioria dos tradutores que estão no mercado **são muito maus**’, conclui que “acaba por pagar o justo pelo pecador”, adiantando uma justificação para o facto de não ser possível o pagamento nos moldes e tendo em conta um enquadramento mais consentâneo com a profissão:

(...) as editoras também não podem subir os preços para além de determinado limite, uma vez que a qualidade do trabalho prestado é fraca. (op. cit.)

Como bem se vê, o discurso é contraditório de ambas as partes, como o demonstra a afirmação do presidente da APT, quando se insurge contra a realidade dos preços baixos e da descredibilização da profissão:

Isso passa por denunciar outras ‘arbitrariedades’ e ‘contradições’: a não existência obrigatória de um contrato entre o editor e o tradutor, ‘o que serve para os editores por vezes não pagarem as traduções alegando que elas têm defeitos ou que foram entregues fora dos prazos’; ou a preferência por um modelo de contrato elaborado pelo editor, ‘que, em geral, defende exclusivamente os seus direitos’, em desfavor dos modelos propostos pela APT ou Sociedade Portuguesa de Autores (SPA); o não pagamento generalizado de direitos de autor. [sic]

De qualquer das formas, o cenário é descrito de forma catastrófica e bem negativa, como evidencia a citação abaixo, dado que implica “a cedência de todos os direitos por parte do tradutor”, sendo que “o pagamento fica abaixo do que é possível no mercado, os prazos de entrega são muitas vezes surrealistas e comportam penalizações financeiras caso estes não sejam cumpridos”:

Se, por um lado, os tradutores são mal pagos, não há lei que assegure os seus direitos e os contratos de tradução favorecem normalmente as editoras. Por outro, não são as editoras e o mercado os únicos culpados pelo emaranhado de confusões em que vive a tradução em Portugal. (Francisco Magalhães, *O Primeiro de Janeiro*, Abril de 2006)

Efectivamente, são fortes as críticas dirigidas ao clima de absoluta impunidade e desregulação sectoriais que permite a ocorrência dos chamados “calotes”, denunciando os aproveitadores, nos quais se incluem os maus clientes, os contratadores, as empresas e as agências de tradução, que se aproveitam dos incautos e mais ingénuos.

Este é, talvez, um dos problemas mais visíveis que encontramos no discursos dos tradutores, nalguns casos gerador de desistências e responsável pela opção de outros caminhos em termos de carreira. Devido à sua posição de extrema fragilidade nesta cadeia de serviços, e porque o tradutor desprotegido se encontra quase sempre no fim da cadeia de montagem, são frequentes os “calotes”, faltas de pagamentos, pagamentos atrasados, o que acaba por gerar um compreensível desconforto com a profissão, pela instabilidade que coloca.

Tirando algumas excepções, quase todos os nossos entrevistados revelaram problemas neste domínio, muitas vezes resultantes de um certo aproveitamento por parte dos contratantes, mas também de más experiências, com maus profissionais ou más agências, ou os chamados maus pagadores. Refira-se, a propósito, que não é por



acaso que existem vários fóruns para identificação e denúncia de calotes de tradução na Internet, tema que aliás serviu para a apresentação de uma comunicação por parte de outra tradutora, Ana Hermida Ruibal, no âmbito da conferência Contrapor 2006 – 1ª Conferência de Tradução Portuguesa, organizada pela Associação de Tradução em Língua Portuguesa (ATeLP).<sup>252</sup>

No entanto, tal como noutras entrevistas, há uma mesma insatisfação recorrente neste discurso por parte dos tradutores profissionais, relativamente à actuação das editoras, cuja acção nem sempre é vista com simpatia por parte dos tradutores, precisamente pela forma como os pagamentos são, na maior parte das vezes, muito baixos e pouco apelativos, e, ao mesmo tempo, pelas inegáveis críticas aos intermediários nos processos, sobretudo pela intromissão de elementos externos na cadeia de produção de valor e geração de riqueza, associados que estão à dimensão dos preços e da compensação económica e financeira:

É o mínimo que nos podem fazer [incluir o nome do tradutor] já que nos pagam mal (...) (Brigith Guimarães)

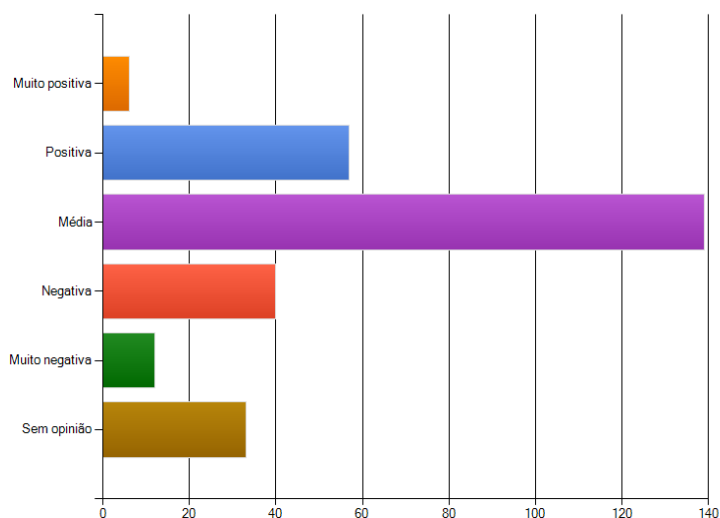
Daí que o nosso inquérito quantitativo contemplasse a seguinte pergunta 45. *“Como caracteriza a actuação das agências/empresas de tradução no panorama actual?”*, direccionada para aferir essas percepções relacionais da parte dos tradutores. Os resultados são reveladores de uma opinião negativa bastante generalizada dos profissionais em relação às agências de tradução.

Na verdade, em termos genéricos, os tradutores consideram média a actuação das empresas de tradução em Portugal (48,4%, 139 respondentes) e, em alguns casos, em terceiro lugar, inclusivamente negativa (13,9%, 40 respostas), naquilo que parece ser um apontar do dedo a um dos principais responsáveis pelo estado actual da tradução segundo os vários actores no processo. 19,9% dos inquiridos consideram, porém, que a actuação das empresas de tradução é positiva (2º lugar, em termos de tendências gerais).

---

<sup>252</sup> Ruibal, Ana Hermida (2006) «Práticas de pagamento de clientes potenciais – Como fugir de clientes que não pagam?», apresentada na Contrapor2006 – 1ª Conferência de Tradução Portuguesa, organizada pela Associação de Tradução em Língua Portuguesa (ATELP), na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Monte de Caparica: Portugal, 12 de Setembro.

Como caracteriza a actuação das agências/empresas de tradução no panorama actual?



**Figura 69.** Como caracteriza a actuação das agências de tradução?

Não podemos deixar de convocar, a propósito, este email com comentários nada abonatórios, em especial oriundos de Portugal, que circulou numa das principais listas de distribuição lusófonas, a já citada Trad-Prt, sobre a actuação de uma empresa de tradução portuguesa:

João Lucas  
Fuja das agências portuguesas! Na maioria (com honrosas excepções!) pagam pouco, e tarde.  
Abraço de Portugal, Paula

Também já trabalhei para eles e concordo plenamente com a Pricila!!  
Abraços, Patrick

Só para eu ter uma noção, mal quanto? o\_O Pensei que os lusitanos trabalhassem com Euro...

Pois é, João Lucas, aqui trabalhamos com Euros - e mal é cerca de 3 ou 4 centavos do euro - mas isso ainda não é o pior - o pior são as exigências, o tempo que levam para pagar, um inferno... só mesmo na última!  
Abraço de Portugal, Paula

É uma agência portuguesa, pagam mal e só depois de 60 dias de você entregar o serviço. Rosa

Além disso, abriram filial no Brasil, querendo pagar um terço do que pagavam do outro lado do oceano. Com NF, claro.  
Prefiro vender pastel na feira que ganho mais.  
Atenciosamente,

Estes comentários indicam também que a actuação das agências, por via da intermediação e *outsourcing*, pode ser geradora de desconforto profissional, ausência de reconhecimento e falta de autonomia e controlo sobre a profissão. Pode ainda ser sintoma de alguma perda de estatuto e de visibilidade, pela intermediação de terceiros.

Por outro lado, encontra-se ainda relacionada com os inegáveis problemas financeiros, em virtude das apertadas estratégias de subcontratação, indicando uma perda do poder sobre o capital social, económico e financeiro associado à actividade, bem como os inevitáveis atrasos nos pagamentos, que L.G. caracteriza como a mentalidade tipicamente portuguesa de “não pagar, de adiar sempre os pagamentos e de pagar sempre à última”.

Por último, a actuação destas agências pode igualmente potenciar situações de desresponsabilização e desculpabilização, que são também elas ambíguas, já que, por um lado, em caso de problemas ou erros na tradução é o tradutor que arca com as culpas, enquanto principal responsável pelo produto e, por outro lado, significa também que o tradutor acaba por perder o controlo sobre o seu trabalho, desligando-se dele a partir do momento em que o mesmo é entregue à agência.

Porque o texto, o texto técnico é necessariamente mais anónimo. É anónimo. Quer dizer, porque eu tanto traduzo uma carta, como um contrato, como, realmente, um manual como, como falou. Mas é uma coisa mais anónima. Porque o nome que vigorará irá ser o de quem encomendou. Provavelmente, o cliente final, muitas das vezes nem sequer a agência é. A agência é meio, não é? E nós somos o instrumento da agência. (Brigith Guimarães)

A ideia subjacente é de que os tradutores são meros instrumentos nas mãos das agências, que, neste caso, serão o meio através do qual o trabalho é fornecido, numa cadeia de produção de serviços cada vez mais segmentada e decomposta em ínfimas parcelas, demonstrando a importância, por exemplo dos intermediários no processo e, ao mesmo tempo, revelando a tradução como uma rede de relações complexas.

(...) Senti-me realizado, simplesmente o... vá lá, o retorno... depois tive problemas com o prestador, o prestador do serviço. Tive problemas com eles, que era uma tal de \*\*\*\*\*, aqui do Porto. Entretanto, depois também tive que actuar aqui junto da APT. (J.G.)

São variadíssimos os relatos de más práticas das agências de tradução neste sentido. Falando-nos de uma situação pessoal ocorrida com um dos gabinetes de tradução a funcionar na zona do Grande Porto, um ex-estagiário mencionava a forma como a simples detecção de inconsistências numa tradução fez com que a empresa em causa, numa atitude de enorme discricionariedade, se recusasse a pagar o valor total pelo trabalho. Segundo o seu relato, este tradutor viu-se confrontado com um projecto de tradução de um documento técnico bastante especializado (“supostamente, plataformas

petrolíferas”), de dimensão aparentemente reduzida, com cerca de dez páginas, embora de prazos extraordinariamente curtos (“um fim-de-semana, sensivelmente três dias”). Os preços e condições de remuneração do trabalho terão sido acordados previamente, e aceites pelo tradutor. Para além do facto da obrigatoriedade de trabalhar durante o fim-de-semana, não terá sido disponibilizado qualquer glossário ou terminologia especializada sobre o assunto. Mais tarde, após entrega da tradução, o cliente final não terá ficado satisfeito com a qualidade da tradução, alegando terminologia técnica errada, que não tinha sido garantida de antemão, tendo o gabinete em causa recusado pagar o valor acordado pela tradução. Aparentemente, o imbróglia terá durado cerca de dois meses, não tendo sido, entretanto, resolvido, revelando claramente uma assimetria em termos de relações de poder, vulnerabilidade na representação dos papéis e desfasamento identitário:

In industrial organizations there are several sources of status and power. One comes from being involved with wide-ranging decisions, at the top. Another comes from being associated with comprehensive information, usually somewhere at the centre. A third comes from being associated with action, which is likely to be 'out there' in the field; and a fourth comes from intellectual activity, ideas, and research.

The moment that 'action' and 'thinking' become functionally separated within an organization, the basic artificiality of such a separation creates difficulties between the so-called 'action people' and 'thinking people'.

The two groups may envy each other. They may need to simplify things for themselves and stereotype each other, failing to credit each other with any skills or concern in their own area. They may identify strongly with their own roles, so that ideologies accrue around the respective values of action and research. Where they are strong, these ideologies may spill over their boundaries. Research is sometimes pursued where it would be better to act. Conversely, in the industrial use of social science, the ideology of action, the need to simplify, the need to demonstrate finite results in action terms, and the engineering model, combine to produce situations where encapsulated solutions are sought and found. Then social science, too, may be thought of in terms of evaluating one package as against another and, as one industrialist has expressed it, 'finding the right module to plug in'.

At the same time as identifying strongly with their roles, people associated with action or with research may also wish to throw off this identification. (Klein 1976: 208)

Este facto revela a forma amadora como muitas das empresas operam e, sobretudo, o modo pouco escrupuloso como agem, aproveitando-se do vazio existente em termos de regulação profissional do sector, bem como da falta de protecção dos tradutores e da sua extrema vulnerabilidade ou dependência social e financeira. Em

última instância, há também erros estratégicos na gestão empresarial que importa destacar, sobretudo ao nível das dinâmicas da gestão de projectos e relações interpessoais, como revela o seguinte depoimento de A.V.F.:

É muito negativa [opinião relativamente à actuação das agências de tradução]. Já trabalhei por exemplo com a \*\*\*\*\*, que é a \*\*\*\*\*, portanto, foi comprada pela \*\*\*\*\*, e agora tem o grande monopólio das traduções e legendagem e posso-lhe dizer isto... não me importo, até digo directamente. Fui fazer um teste. Apesar de ter anos e anos de experiência e de ter um mestrado em legendagem, pediram-me para fazer o teste, fui fazer o teste, não tive problema nenhum, claro. Fiz o teste. Entretanto, avisaram-me que, como se fosse uma coisa muito estranha, que os meus trabalhos, os meus primeiros trabalhos iriam ser revistos e eu disse “eu espero que todos os trabalhos sejam revistos”, não é, porque é essa a função de uma agência. Fiz os trabalhos, foram para o revisor e fizeram-me várias correcções erradas, nomeadamente a nível de vírgulas, porque as regras de ortografia, não é, de ortografia, de pontuação, em legendagem, são diferentes das regras de pontuação da nossa, de uma tradução escrita, nomeadamente a nível de vírgulas. As vírgulas, só se usam as indispensáveis para a compreensão, porque senão estamos a ocupar caracteres desnecessariamente. Fizeram uma série de correcções erradas, algumas das quais eu disse, “sim senhora, tudo bem”, era uma vírgula aqui, eu até posso pôr, não faz diferença, mas, de facto, poderiam verificar melhor as correcções que estão a fazer. Isso no primeiro trabalho. No segundo trabalho, enviaram-me correcções também erradas, algumas delas, contrárias às primeiras correcções, uma coisa completamente absurda. E, no terceiro trabalho, enviaram-me uma série de correcções e deixaram passar uma gralha que eu tinha lá, porque eu tinha posto, a primeira vez que escrevi na legenda, a dizer: “ela não quer”. E depois decidi-me “ela não vai querer”, no futuro. E, portanto, ao escrever, esqueci-me de alterar “quer” para “querer” e ficou: “ela não vai quer”. E veio do revisor, “ela não vai quer”. E portanto, a partir daí, eu escrevi um email a dizer que recusava continuar a trabalhar com eles porque, realmente, **eu ainda por cima pagava as revisões**. Retiravam-me..., portanto, isto foi ao longo do tempo. E depois, no fim do mês, eu enviei a factura e eles enviaram uma factura revista, em que eu tinha que pagar 13 cêntimos por minuto, por uma revisão que me estavam a fazer, uma revisão errada, não é. E eu, no último trabalho que fiz, já sabia que estava eu a pagar a revisão, e portanto recusei-me e disse que não continuava a trabalhar com eles, **porque isso não é profissionalismo, é o oposto**. (A.V.F., nossos destaques)

Detectar as dinâmicas relacionais e, em simultâneo, aferir a percepção de vulnerabilidade dos sujeitos relativamente à actuação das agências de tradução foram vectores importantes e decisivos para o nosso estudo, sobretudo face à opinião negativa generalizada dos tradutores em relação às agências de tradução. Como o comprovam as entrevistas de M.C.B. e A.V.F., por exemplo:

Somos todos vulneráveis a isso [desfasamento na relação com outras entidades/parceiros/preços], mesmo que queiramos... fingir que não, mas somos todos vulneráveis. Estamos no mercado e não podemos afastar-nos totalmente do que se passa no mercado. É impossível dizer que nenhum tradutor foi afectado por preços. Eu não acreditaria nisso. Somos todos... sinto-me, em parte, também vulnerável. Vou tentando gerir, e já fiz traduções a alguns preços mais baixos, para ir tentando segurar clientes ou quando não, se tiver menos trabalho, aceito tudo mesmo, desde que não seja um valor... totalmente injusto ou ridículo. Mas vou fazendo... (M.C.B.)

---

Há aquelas empresas que têm **atitudes predatórias**. Eu acho o caso da \*\*\*\*\*, é uma atitude predatória. Primeiro, **pagam muito pouco**, até podem dar o tempo suficiente, até dão tempo, o que já não é mau, mas pagam pouco e **depois exigem ao tradutor que pague a revisão e uma revisão mal feita**. (A.V.F., nossos destaques)

Relativamente à actuação das agências/empresa de tradução, partilhamos, neste contexto, as conclusões de um relatório sobre o mercado da tradução coreano, sob o título “An Overview of the Korean Translation Market”, publicado na revista *Meta* em 2000, no qual os dados apontam para uma atitude de idêntico amadorismo e ausência de escrúpulos da parte de algumas agências de tradução:<sup>253</sup>

(...) the increasing size of the translation market has led to numerous untrained translators being hired to do work that requires a professional translator. The KSCI<sup>254</sup>, which maintains strict quality controls on translations, is the market leader, but there are many profit-hungry agencies that undermine the work of the KSCI by undercutting prices and demanding exorbitant commissions. A reorganization of the translation market is in order, and this would entail regrouping translation agencies by specialty. (Choi & Lim 2000: 391)

O outro ponto de discordância em termos de relacionamento profissional decorre também da própria actuação das editoras, neste caso ao nível da tradução literária, algo que encontra reflexo na quantidade de comentários negativos feitos à actuação das editoras que operam no sector. E sobretudo no relacionamento com outros profissionais, como é o caso da opinião de J.P., tradutor técnico e literário, mas que se apresenta como “tradutor para edição”, descrevendo os tradutores como os habituais “bodes expiatórios” para a maioria das editoras, porque precisamente o elo mais fraco numa cadeia de prestação de serviços também ela débil e fragilizada, e cuja alegada incompetência e excessiva exposição pública permitem, de certa forma, justificar os maus resultados:

O problema está em que, no mercado da edição, sobretudo no mercado da edição, há aqui **uns**

---

<sup>253</sup> Jungwha Choi e Hyang-Ok Lim (2000) *Meta : journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 45, n° 2, p. 383-392. Disponível em <http://id.erudit.org/iderudit/002235ar> (Data de acesso; 5 de Maio de 2011)

<sup>254</sup> Korean Society of Conference Interpretation.

**bodes expiatórios que são os próprios tradutores que servem para justificar...** os tradutores, até eventualmente os próprios autores..., **que servem para justificar sempre os maus resultados das editoras.** E então diminui-se aquilo que se paga a essas pessoas e a outros, os *designers*, os gráficos, os... só não se consegue diminuir na produção, no papel, na distribuição, na comissão que a distribuição cobra sobre a colocação no mercado. Só não se consegue diminuir aí, mas no resto diminuem sempre, e portanto acabam sempre por ir à procura do preço mais barato para ter uma obra. Até porque, e isso eu compreendo, porque, de facto, os custos associados aos direitos da obra, e aí depois ao tradutor... São grandes, são... mas talvez também porque se publique demasiado. Portugal é um país em que há demasiados títulos para o mercado de leitores que temos. E essa falta de selecção, se calhar, das obras que depois são publicadas, impede que possa haver menos obras com mais qualidade, e portanto, só serem seleccionados os melhores. Portanto, dois factores aqui. Eu acho que haverá mais alguns, às vezes, intermédios, mas dizia eu, **primeiro a grande quantidade de profissionais, segundo, provavelmente o onerar sobre o tradutor, fazer cobrar ao tradutor e a outros elementos na cadeia de produção os custos, e depois também, claro, alguma "esperteza saloia" dos editores, também, porque conjugando estas coisas com algumas outras, chamo-lhes mesmo "manigâncias" de enganar os tradutores, acabam por fazer com que, de facto, a actividade seja mal reconhecida e muito mal paga.** (J.P., nossos destaques)<sup>255</sup>

Na verdade, são vários os relatos de alguma tensão, como o demonstra este depoimento bastante crítico relativamente ao mercado da edição, mercado este que parece ser cada vez dominado pela diminuição dos custos e despesas, “à procura do preço mais baixo”, e sobretudo orientado por dois factores que, como já vimos, poderão afectar de forma considerável o mapa da profissão:

Fiquei a saber que os revisores pensam muito mal dos tradutores. (...) Sabia que há uma tecla para fazer as reticências juntas para contar como um carácter. Porque eles [revisores] acham que nós quando fazemos três pontos, um, dois, três, para as reticências, que é para ganharmos mais dois espaços. Acredita nisso? Por isso, a primeira coisa que eu fiz quando cheguei a casa, foi fazer isso ao meu texto, formatar o livro todo que estava fazer (...) e escrever à minha editora a dizer que tinha aprendido aquilo num curso e que esperava que ela soubesse que eu não batia aquilo para ganhar mais uns caracteres. Mas fiquei a saber que os revisores pensam pessimamente mal dos tradutores. (C.P.)

No entanto, como já vimos, este não é um caso tipicamente português. Em Espanha, o já citado *Libro Blanco de la Traducción en España* (op. cit. 1997: 25)

---

<sup>255</sup> De facto, de acordo com o tradutor José Lima, a maior parte dos tradutores literários “não são respeitados e não têm percentagens nas vendas”, algo que se verifica noutros países, como por exemplo a Alemanha, pelo que “teria que se responsabilizar todo o sector editorial de uma forma geral”. Por outro lado, ainda segundo a mesma fonte, em 2006, dizia-se, por exemplo, que a remuneração do tradutor português era a mais baixa da União Europeia, representando, sensivelmente, “um oitavo do que ganham, por exemplo, os tradutores nos Países Baixos.” (José Lima entrevista a *O Primeiro de Janeiro* de domingo, 23 de Abril de 2006)

apresenta várias conclusões interessantes. Uma delas, prende-se com o enorme descontentamento que os tradutores sentem a propósito das circunstâncias em que exercem o seu labor profissional, com especial incidência nas relações tensas e nem sempre pacíficas, já acima descritas, entre editores e tradutores:

(...) los propios traductores manifiestan un alto grado de descontento a propósito de las circunstancias en que ejercen su labor profesional. Un descontento que, según demuestran hechos abundantes, no se debe esencialmente a percepciones subjetivas o a un hipotético espíritu belicoso.

A propósito de los editores, los traductores evidencian que sus relaciones mutuas vienen experimentando un proceso de deterioro. La tensión y la desconfianza son dos rasgos que bien podrían definir el estado de ánimo de buena parte de los profesionales de la traducción en su vínculo con los editores. El desprecio por parte de no pocos de estos últimos de algunos de los derechos esenciales de los primeros; las tarifas – que no pueden ser calificadas sino de ridículas – que todavía se pagan en demasiadas ocasiones; el incumplimiento manifiesto y apreciablemente extendido de algunos preceptos de la Ley; (...) la sospecha, en suma, de que el proceso de concentración financiera en curso en el sector editorial no va sino a profundizar ese deterioro, justifican la existencia de la tensión y la desconfianza mencionadas (op. cit. 1997: 158)

Neste caso, o cenário de descontrolo e aproveitamento de um vazio legislativo e profissional é, por demais evidente, com inegáveis críticas feitas aos editores. A título exemplificativo, no já citado artigo d’*O Primeiro de Janeiro*, António Pescada confessava a existência de uma situação de desequilíbrio, marcada pelo modo como, muitas vezes, é o próprio editor que dita, de uma forma praticamente unívoca e arbitrária, as leis e as regras do jogo, enquanto o tradutor acaba por ficar numa posição mais frágil:

O editor oferece o trabalho, propõe um contrato cujas condições são ditadas por ele, ficando o tradutor sem quaisquer direitos. (op. cit., 2006)

Uma afirmação em que fica bem patente a questão do desequilíbrio de forças existente entre cliente e tradutor.<sup>256</sup> E continua, apresentando aquela que, para ele, será uma das razões principais pela qual os tradutores são mal pagos:

---

<sup>256</sup> As queixas são frequentes relativamente à actuação de certas editoras, no sentido de que os editores não cumprem o pagamento dos direitos de autor por traduções, identificando aquilo que parece ser uma “unidade de acção por parte dos editores que tacitamente não pagam os contratos tipo. O que apresentam são contratos em que o editor tem todos os direitos e o tradutor não tem nada”, o que revela mais uma vez o desequilíbrio de forças existente neste campo. (António Pescada, entrevista a “O Primeiro de Janeiro, 2006).



Normalmente, a razão invocada para que os tradutores sejam mal pagos é a inexistência de mercado. O mercado é pequeno, vendem-se poucos livros e se fossem pagos direitos de autor, as despesas eram incomportáveis.

Neste ponto, gostaríamos de centrar a nossa atenção em dois episódios que ocorreram com um gabinete de tradução da zona do Grande Porto, e que demonstram claramente como a relação entre os prestadores de serviços de tradução e as editoras nem sempre é pacífica, já que, muitas vezes, os profissionais sentem que o seu campo profissional é pouco defendido e parcamente consolidado, logo facilmente violado por elementos externos ao sistema.

O primeiro caso refere-se a uma encomenda de um serviço de tradução de um livro altamente especializado sobre futebol, por parte de uma editora, e que teria como finalidade a sua posterior publicação como suplemento de um jornal desportivo de grande tiragem. Segundo uma das sócias-gerentes da empresa, que nos pediu anonimato, o prazo de tradução dado para um trabalho deste nível técnico foi de 15 (quinze) dias, sendo que a publicação totalizaria cerca de 100 páginas. A agência foi obrigada “a alocar os seus recursos humanos no sentido de dar prioridade máxima ao projecto, trabalhando quase noite e dia” (sic) após, o que, findo esse prazo, o trabalho foi entregue, conforme combinado. Supostamente, o projecto teria um elevado grau de urgência em termos de estratégia editorial da empresa.

No entanto, esta tradutora ficou surpreendida quando, três semanas depois da entrega, sensivelmente na altura em que o livro deveria estar a ser lançado no mercado, a mesma editora “decide reclamar da tradução”. Tal como nos conta esta profissional, as reclamações e críticas “eram muitas e várias, revelando que só então tinham começado a revisão editorial”. Em conversa com o director editorial, a justificação foi que o livro tinha “ficado três semanas na paginação, na parte gráfica, com o *designer*”, e que alegadamente não teriam tido tempo para rever o trabalho precisamente “porque o mesmo estava a paginar”.

Quando inquirida sobre as suas percepções acerca deste episódio, a gestora desabafa que, infelizmente, a empresa concede mais tempo ao *designer* do que ao tradutor, “revelando uma total falta de respeito e consideração pelo nosso trabalho, já que se preocupa mais com a parte gráfica e o *layout*, do que propriamente com a qualidade do texto final”.

“Três semanas depois da entrega [1 de Maio] ainda está em paginação... Isso é um absurdo! Nem sequer se preocupam em rever... Pagam mal e porcamente, demoram a pagar, exigem prazos surreais, obrigam as pessoas a trabalhar noite e dia, para isto...”

Na verdade, este exemplo mostra-nos bem a forma como as relações profissionais são frequentemente marcadas por tensões e conflitos, porquanto o campo profissional do tradutor parece estar mal definido e facilmente vulnerável. E, por outro lado, um aspecto curioso prende-se com a partilha e/ou sobreposição, ao nível deste tipo de prestação de serviços em contexto editorial ou comunicacional, do mesmo território por outras profissões, como é o caso dos *designers* gráficos, que acabam por ter uma considerável responsabilidade na apresentação do produto final e dividir com o tradutor (ou eventualmente sobrepor-se a ele) os créditos da produção da obra.

O outro caso diz respeito a uma troca de emails entre um tradutor literário e o seu coordenador editorial, a propósito de um comentário que este último teria feito acerca da qualidade da tradução. Revelador é o facto de, neste caso, o tradutor demonstrar algum desconforto perante a alegada intromissão de terceiros naquilo que ela considera como “o território sagrado” do seu domínio profissional, reagindo com ferocidade às críticas sobre o seu trabalho, como que não reconhecendo legitimidade ao outro para avaliar o produto final. Subliminarmente, encontramos, no entanto, a velha questão da certificação e acreditação profissionais, bem como o próprio reconhecimento profissional, via acreditação pelas métricas impostas ao nível da avaliação da qualidade.

A questão começa com este email, em que o coordenador editorial avalia o trabalho do tradutor:

Na mensagem anterior esqueci-me de dar retorno em relação à última tradução. Podemos considerá-la um Bom + (□). Está apenas penalizada pelo uso incorrecto de alguns tempos verbais (poucos casos).

Podemos ambos ficar satisfeitos pelo bom trabalho.

Ao que o tradutor reage com a seguinte mensagem, algo intempestiva, mas irónica:

Mas que belo presente de Páscoa! Uma avaliação qualitativa, e logo no final do 2º período...

É sempre positivo e gratificante ser alvo de um criterioso escrutínio e saber que o nosso texto passou pelos mais exigentes processos de controlo e avaliação da qualidade.

Constato, entretanto, que os requisitos preconizados pelos partidários da normalização

aplicada à indústria das línguas (via localização e respectivas métricas) chegaram à \*\*\*\*\*. E folgo em saber que a lógica da avaliação também chegou às editoras. Terá sido por influência das recentes tendências que recentemente varreram o Ministério da Educação? Ainda bem que os sindicatos não sabem, caso contrário teria uma manifestação à porta :-)

Espero sinceramente que este Bom + me permita subir de escalão e progredir na carreira, rumo aos tão esperados patamares de excelência...

Fico é sem saber se o Bom + será uma boa ou má classificação, tendo em conta os escassos erros, eventualmente morfo-sintácticos, ao nível dos tempos verbais. E fico sem saber se esse "nós" se refere a nós tradutores, ou se já inclui a outra face da moeda, a vossa equipa de revisão interna, etc, \*\*\*\*\* incluído (já que, supostamente, terão também contribuído para a excelente qualidade final do produto). E, nesse caso, sendo juiz em causa própria, já agora, pela avaliação final do produto... ;-)

Fico, entretanto, ansioso, a aguardar o seu veredicto quanto ao livro recentemente entregue.

Melhores cumprimentos e Boa Páscoa.

Que, por sua vez, colhe esta resposta, já agastada e algo tensa.

Hesito em responder-lhe, mas talvez o faça amanhã. Temo que estejamos trocados na disposição com que nos correspondemos e que a minha mensagem anterior não tenha tido o devido efeito de, não avaliar, mas criar boa disposição pela irrelevância que tem o retorno e pelo ridículo da nota que não foi mais do que uma tentativa de criar piada. Assim, talvez amanhã, se me disser se chegou a pedir-me um retorno.

Obrigado pelos votos que retribuo tarde, mas com igual sinceridade.

E subsequente conclusão:

Boa tarde, \*\*\*\*\*,

Não precisa de responder, nem lhe pedi retorno.

Que diabo! Estava a brincar consigo, tal como, supostamente, o \*\*\*\*\* brincou comigo.

Receio bem que a atmosfera pascal tenha afectado a nossa comunicação e criado algum ruído no canal.

Talvez seja por termos sentidos de humor con(di)vergentes, que não nos entendemos.

Que é que quer que lhe faça. O \*\*\*\*\* tem o seu sentido de humor, eu o meu. E as piadas podem ser perigosas, quando aplicadas no momento errado, sem a devida contextualização.

Da minha parte, estava apenas a brincar com **o ridículo de uma situação que, ultimamente, parece ter contagiado todos os nossos clientes (editoras incluídas), ou seja, esta mania obsessiva da avaliação da qualidade da tradução e dos respectivos critérios e métricas.**

**E, sobretudo, pela incapacidade (?) prática de avaliar um produto tão difícil de classificar objectivamente, sob o ponto de vista qualitativo e/ou quantitativo como uma tradução, precisamente pela constante interferência de elementos subjectivos (repare que até**

**brinquei com o facto de os escassos erros ao nível dos tempos verbais terem concorrido para uma desvalorização da nota). Olhe que falo por experiência própria e sei bem do que estou a falar, pois tenho esse problema nas minhas aulas, sempre que tenho de avaliar trabalhos, projectos e testes.**

E, já agora, estava também a brincar com a actualidade do tema, via avaliação dos professores e quejandos.

Para terminar, deixa-me que lhe diga que tenho perfeita consciência da boa qualidade (e também das limitações) da nossa tradução, e sei bem que o resultado final é também fruto do profissionalismo, competência e rigor da intervenção das equipas editoriais com quem trabalhamos. Por isso, ironias à parte, sei perfeitamente o quão difícil é garantir um produto final de qualidade, fruto do trabalho entre equipas que se querem responsáveis e profissionais. E isso é algo com que poderá contar sempre da nossa parte, tal como sei que o inverso será igualmente aplicável.

E com isto espero sinceramente ter esclarecido quaisquer dúvidas sobre a bondade dos meus comentários e, ao mesmo tempo, contribuído para o aligeirar da sua disposição em torno dos mesmos.

---

Olá \*\*\*\*\*,

Sei bem que estava a brincar. Isto é, supus que sim, por isso quis confirmar e enviei-lhe uma mensagem de desagravo para saber qual seria a sua reacção.

Sei bem que tem consciência do processo de avaliação possível ao trabalho que o tradutor entrega à editora (não é a revisão literária uma avaliação?). Daí que, ironizando um pouco, o Bom + “tenha saído” como uma tirada mais jocosa, na impossibilidade de um Muito Bom.

Confesso, querendo responder bem e dentro do mesmo espírito, teria enviado uma outra mensagem, mas não tinha a certeza de ser bem compreendido o humor com que lhe poderia escrever.

Parece-me esclarecido aquilo que nunca chegou a transbordar e mantida a cordialidade de sempre.

Cumprimentos,

Efectivamente, a existência de demasiados profissionais no mercado, resultante do excesso de oferta e das próprias condições de ausência de regulamentação da, e no acesso à profissão, a excessiva pressão de métricas, o poder espartilhante dos padrões de controlo da produtividade e qualidade, a coexistência entre amadores, pseudo-profissionais, tradutores em *part-time* e profissionais a tempo inteiro, algo difícil de gerir porque representativo de uma ameaça clara à profissão e, por último, a chamada “esperteza saloia” dos editores, que tentam, através de subterfúgios e alguma desonestidade, enganar os próprios tradutores, concorrem para este desconforto

decorrente de uma actividade mal reconhecida e mal remunerada<sup>257</sup>:

Pagamos mal aos tradutores (eu podia dizer quanto ganha um tradutor por uma página de ficção ou dez minutos de filme, mas também tenho vergonha), obrigamo-los a trabalhar depressa e a desoras, perdemos os melhores profissionais para a revisão ou para a produção – estragamos tudo. (Joel Neto)

Pelo que eu sei, quem não é freelancer, quem está nas empresas, acho que é muito mal pago. (L.G.)

Entretanto, nessa mesma entrevista publicada na edição especial d'*O Primeiro de Janeiro* de domingo, 23 de Abril de 2006, dedicada exclusivamente à tradução, o tradutor José Lima falava ainda da questão do mercado, dizendo que “o mercado nacional é limitado”, reiterando as suas profundas restrições e lamentando a falta de abertura do mercado editorial português. Neste caso, o entrevistado alerta para aquilo que designa “de ‘maus pagadores’ que proliferam no mundo das traduções através da Internet e lamenta o estreitamento do mercado português”:

O mercado editorial português” é muito limitado” e “não tem grande mobilidade” (...) “são as pequenas editoras, que não são tão fortes comercialmente, que acabam por pagar melhor e ter uma melhor relação com os tradutores. (José Lima, entrevista, pág. 26)

No entanto, para J.P., tradutor com mais de vinte anos de experiência no mercado, existem laços de amizade que o ligam a determinados editores, e uma relação de confiança bem consolidada, se bem que ainda seja possível detectar alguns exemplos daquilo que chamada de “manigâncias”, como o habitual estratagema utilizado por algumas editoras de obterem uma tradução quase gratuitamente, sob o disfarce encapotado da realização de um teste de tradução (de que já aqui falámos), revelando ainda e sempre a forma como, perante a ausência de dinheiro, o tradutor é que paga, sendo o elo mais fraco e menos considerado desta cadeia de prestação de serviços:

R: Alguns dos editores passaram a ser amigos, mais do que propriamente um cliente, não é? **Mas essas manigâncias continuam a acontecer. Eu continuo a assistir a situações de entregas de provas e é frequente quando os alunos acabam o curso, virem-me mostrar uma prova que fizeram para um editor, e depois notar que, entre seis, sete, oito, dez provas do mesmo livro, que o editor passou a ter um capítulo completo, porque seis, sete, oito tradutores,**

---

<sup>257</sup> Convocamos ainda outra peça jornalística, publicada no jornal *O Primeiro de Janeiro* de 23 de Abril de 2006, onde o tradutor José Lima distingue claramente dois mundos, ‘estanques e completamente separados’: o da tradução técnica e o da tradução literária. O da técnica ‘é um mercado mais geral e com um nível de compensação muito superior’, enquanto o da tradução literária ‘não tem protecção legal e não tem reconhecimento por parte da grande maioria dos editores.’

**candidatos a tradutores, estiveram a fazer aquilo gratuitamente, só com a perspectiva de poderem ter trabalho com aquela editora.** Portanto, essas manigâncias, que se diziam do passado, e que havia alguns que faziam no passado, continuam a acontecer.

P: Isso deve-se a quê?

R: Será a tal “**esperteza saloia**”, **falta de dinheiro**, tudo junto...

P: E é o **elo mais fraco**, também, que o tradutor é?

R: Sim, sim, é. **Na cadeia de produção, está, de facto, no grau mais baixo**, não é? Até o coordenador editorial acaba por ser mais responsabilizado do que o tradutor, e mais tido em linha de conta do que o tradutor, sem dúvida. (J.P., nossos destaques)

## 14. CONSCIÊNCIA DE CLASSE

A minha principal fonte de rendimentos é a tradução literária. Mesmo assim, estou inscrita nas Finanças como tradutora. Quando tenho que assinar algum papel, na “profissão”, ponho “tradutora”. Mas, agora que me pergunta se sou tradutora profissional, eu não sei se sou. Não sei, no sentido em que, não sei se... Há aquela classe, não é? Aqueles tradutores que vemos aí, aqueles grandes, não é? Que traduzem os *Bolanos*, as *Montanhas Mágicas*, esses grandes títulos, certo? Eu penso que esses senhores são os tradutores profissionais. Não sei, estou nisto há pouco tempo. (C.P.)

Vindo de uma tradutora literária com créditos firmados e obra publicada, este comentário não deixa de ser desconcertante, já que revela uma eventual ausência de identificação com a classe. Tal como outros tradutores com quem falámos, Brigith Guimarães considera que a profissão de tradutor não existe, correspondendo a uma ignorância que a sociedade tem para com a actividade, e ao desconhecimento a que é votada, factores estes que são complementados pela absoluta falta de consciência de classe da parte dos próprios tradutores, seus pares, algo que a leva a concluir que não existe um grupo ou classe profissional homogéneos, em si, nesta dicotomia entre visão endógena e exógena.

Eu acho que quase não existe, porque, eu, quando vou a algum lado, e perguntam a profissão, eu já há muito tempo que dou a profissão de tradutora. E as pessoas ficam a olhar para mim. Porque a maior parte das pessoas não sabe rigorosamente o que é um tradutor, o que faz... Não têm ideia. Não têm. E, há muita, há muita falta de consciência de classe. Não há uma classe. (Brigith Guimarães)

O trabalho do tradutor tem que ser muito, muito bem recompensado. Por amor de Deus, 600 euros por mês... eu quando estudava, trabalhava na *Habitat*, e ganhava mais de 600 euros (L.G.)

Como responsáveis pelo actual estado das coisas, Brigith Guimarães aponta os próprios tradutores, nos quais se inclui, pela forma como a profissão é, já em si, solitária, regida por princípios de individualismo, isolamento, pouca abertura e ausência de projectos em grupo, definindo o tradutor metaforicamente como um “navegador solitário”, que nem sempre ou raramente convive com os outros, “ou por falta de tempo, ou por falta de convívio ou outras condicionantes, nem sempre convive com outros”, graças a uma bastante débil “consciencialização de classe”.

Eu acho que, se calhar, é uma mistura de tudo não é... Mas acho que os tradutores, as associações, não é, que se deviam impor mais, não sei, tentar fazer mais para que o trabalho fosse melhor reconhecido. (M.M.C.U.)

Falando acerca da ausência de reconhecimento e do descrédito a que a profissão é votada, L.G. dá-nos conta de um relato pessoal que ilustra bem o modo como a sociedade parece esquecer e negligenciar o tradutor, tal como nas palavras também de J.G.:

Eu, a minha profissão, **como digo que trabalho com software e tudo, já é mais chique**, não é. As pessoas já, “engenheiro”, já “cuidado”. Isso abre portas... Por exemplo, nos bancos acho que sim. E eu acho, porque eu moro com uma tradutora. “Ah, o que é que fazes?” “Sou tradutora”. “E tu?” “Sou engenheiro. (...) Eu acho que as pessoas nem têm a noção de que os tradutores são licenciados, primeiro. Depois não têm a noção do que implica a tradução. **E é uma “profissãozeca”, como se costuma dizer. Não é como ser professor, médico, advogado ou engenheiro.** (L.G., nossos destaques)

**A tradução é uma actividade maior, mas que é pouco reconhecida.** (...) O senso comum tem a tradução como uma actividade que está obsoleta e cuja tecnologia já suplantou. (J.G.)

A estes motivos juntam-se as habituais críticas recorrentes à actuação da Associação Portuguesa de Tradutores em termos de ausência de apoio, sobretudo quando a sua actuação é comparada com a das suas congéneres de outros países:

A APT é um elefante branco, continua a não servir para nada (...) (J.P.)

A par das críticas frequentes ao papel das associações profissionais, detectamos no discurso destes profissionais um enorme sentimento que diríamos de orfandade e de ansiedade perante a criação de um órgão institucional que regule o acesso à profissão, como por exemplo uma Ordem, como no caso destas palavras de A.V.F., afinal uma velha aspiração dos tradutores, relativamente à criação de uma ordem profissional que possa regular o acesso à profissão e certificar o exercício dos próprios profissionais:

R: Eu acho que deveria haver uma Ordem de Tradutores, uma Ordem de Tradutores porque...

P: Porque?

R: Porque é assim, na nossa associação, a APT, não é assim, só entra...

P: É sócia?

R: Sou, e da ATELP também, e do ProZ.

P: E estas associações são activas?



R: Não, nem por isso. O ProZ, eu procuro lá trabalho, **as outras é só para dizer que estou, que sou sócia, porque não vejo grande actividade da parte delas.** O que eu acho é que o que é necessário para entrar para a APT, é necessário ter traduções publicadas. Agora como é que a APT pode servir de garante de qualidade, se exige que quem entra para a APT já tenha traduções. É um círculo vicioso quer dizer, o cliente... qual é o cliente que vai contratar alguém fora da APT, não é, para lhes permitir ter traduções publicadas, ou feitas, para depois poder entrar na APT. Eu acho que a APT devia ser uma associação ou uma ordem, devíamos fazer testes de tradução. Dizem: “aí a tradução é muito global, não se pode fazer tradução generalista, porque não é isso que o mercado quer”. Se vamos a fazer traduções específicas, então aí nunca mais vamos sair dos testes, porque realmente são muitas áreas específicas. Mas eu acho que é possível fazer um teste de tradução, que um bom tradutor, um tradutor especializado em tradução com um tempo suficiente fosse capaz de fazer, para entrar para a Ordem e depois, se se quisesse especializar numa área mais específica, então aí teria várias, vários núcleos, digamos, mas aí sim, quem estivesse na Ordem seria um tradutor, e o público teria a noção de que é um tradutor com formação, e quem não estivesse na Ordem, o público teria a noção que não tinha formação suficiente. (A.V.F., nossos destaques)

---

P: As Associações que existem a APT, a APET?

R: Eu tentei pertencer... Se lhe disser que mandei um email e ninguém responde, liguei para o telemóvel ninguém atende, a dizer quero pagar, quero entrar e ninguém me responde.

P: Mas, por exemplo a APT?

R: Sim. Eu estou até hoje à espera, eu já fiz isto, eu já trabalho não sei há quantos anos. Pronto, lá está, agora sim, vou ser preconceituosa. É Lisboa. Não estou a brincar. Sabe que não é só pertencer, não é só dizer “sócia nº x”, aquilo onde nós somos sócios nº x, mandar um mail a dizer, “atenção saiu isto”, um caso giro, uma anedota sobre tradutores, uma coisa qualquer. (...) (M.S.)

Estas últimas palavras revelam bem o sentimento de desamparo e isolamento latentes, pela forma como a ausência de regulação do mercado, já de si saturado, descontrolo sectorial e o carácter discricionário do acesso à profissão contribuem para a instabilidade da profissão e a respectiva incapacidade de fixação no seu território, tal como apontámos no início deste nosso estudo.

Na verdade, como é facilmente comprovável, a ausência de certificação e a falta de rigor no controlo do acesso à profissão, significam que qualquer pessoa se pode estabelecer sem qualquer critério no mercado e oferecer os seus serviços ao sabor das necessidades e correntes, de forma amadora<sup>258</sup>, e pouco regulamentada, o que pode ser um aspecto positivo, como no caso de Brigith Guimarães, mas também algo nefasto, já

---

<sup>258</sup> Reenviamos os nossos dados para a forma como muitos dos tradutores se apresentam no ProZ, num misto de vertigem entre amadorismo e profissionalismo (Anexo 20).

que contribui para a não-imagem (Goffman 1993)<sup>259</sup> que a sociedade tem da actividade, sobretudo pela forma como a falta de reconhecimento “é aceite tacitamente”, até mesmo pelos próprios tradutores. Ainda assim, Brigith Guimarães conclui dizendo que, apesar de tudo, e mesmo sendo “uma profissão e solitária”, é possível singrar e fazer disso uma carreira, sobretudo se aliado a valores como competência, perseverança e capacidade de relacionamento e resistência à adversidade:

Tirando, peço desculpa, casos excepcionais, não é? Tirando casos excepcionais. Se estivermos a falar de, por exemplo, de um Vasco Graça Moura, se estivermos a falar de outras pessoas assim... Aí já poderemos, talvez, ir à procura de uma obra que sabemos que “fulano” traduziu. E queremos aquela tradução, porque a dele foi recomendada. Mas são casos muito raros.” (...)

Quem quiser, “quem tiver unhas para tocar guitarra” e quem lutar por isso e quem for minimamente competente e quem for perseverante e quem souber manter relações, boas relações, pode, perfeitamente, intitular-se, com toda a propriedade como tradutor e fazer disto a sua profissão, porque é isso que eu acho e é isso que eu sou. Absolutamente. (Brigith Guimarães)

No entanto, é com optimismo que alguns tradutores olham para o futuro, considerando que, apesar de o mercado estar saturado pelo desemprego e pelas constantes “fornadas” de tradutores licenciados que saem anualmente das faculdades, o próprio tempo encarregar-se-á de fazer a selecção e a seriação dos melhores no terreno, não no sentido da “crème de la crème”, mas segundo uma orientação em que a antiguidade, a competência e o respeito irão predominar, face aos efeitos positivos da globalização, numa altura em que, com a abertura dos mercados, “fecham-se umas portas, enquanto outras se vão abrindo”.

Ironicamente, porém, porque sintomático da forma como a profissão é, aparentemente, valorizada no exterior, não podemos deixar de ressaltar um aspecto importante e que resulta do considerável número de comentários positivos e elogiosos da parte dos clientes e consumidores de serviços de tradução, o que, mais uma vez, revela a atenção e o interesse que a profissão parece merecer noutras instâncias.

Por exemplo, quando colocámos essa mesma questão aos clientes e consumidores de tradução, a prestação dos tradutores profissionais foi avaliada positivamente com 49,8% (Boa) e 20,7% (Excelente). Paralelamente, o grau de satisfação com a qualidade dos serviços de tradução prestados foi igualmente classificado como “Satisfeito” (59,1%) e “Totalmente satisfeito” (27,1%), tendo ainda o papel e a função das agências/empresas de tradução ao nível da prestação de serviços de

---

<sup>259</sup> Erving, Goffman (1993) *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*. Lisboa: Relógio D Água.

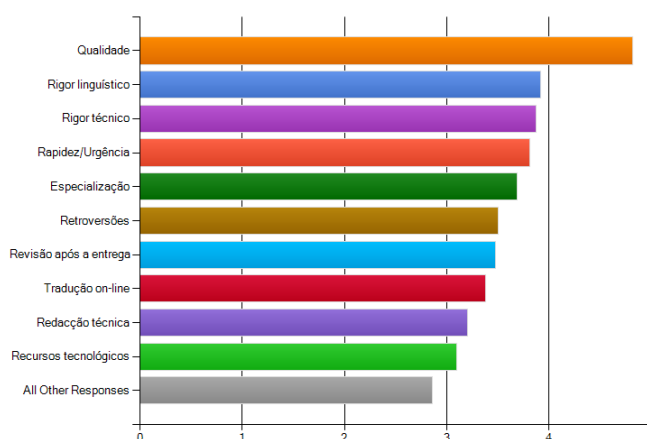
tradução (a nível nacional e internacional) sido avaliados positivamente com 61,8% das respostas.

De igual forma, regra geral, a prestação de serviços por parte de um tradutor corresponde às expectativas dos inquiridos em 89% dos casos. Complementarmente, os tradutores “Quase sempre” aceitam e cumprem os seus prazos estipulados (42,3%) e estão “Quase sempre” aptos ou habilitados para satisfazer as suas exigências (48%).

Para além disso, as cinco principais exigências mais frequentes que os clientes colocam em termos de prestação de serviços são, por ordem,

- a) qualidade,
- b) rigor linguístico,
- c) rigor técnico,
- d) urgência; e
- e) capacidade de especialização.

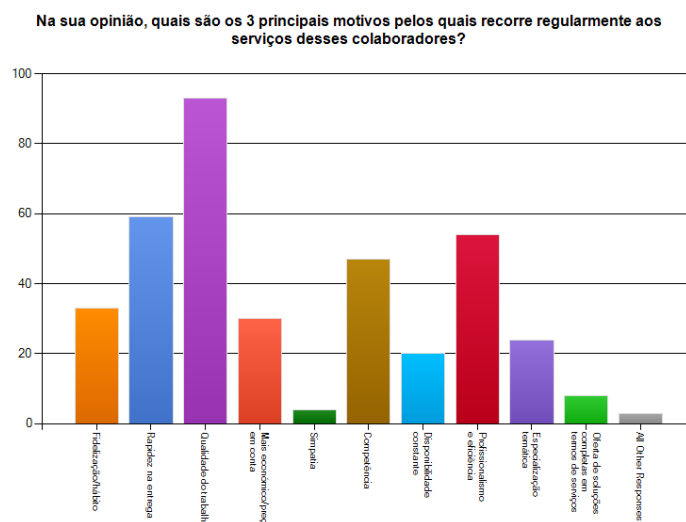
Por ordem de prioridade, quais são as 5 (cinco) exigências mais frequentes que coloca em termos de prestação de serviços linguísticos?(1-mais importante, máximo; 5-menos importante, mínimo)



**Figura 70.** Cinco exigências mais frequentes em termos de prestação de serviços linguísticos

E, de uma forma geral, os três motivos pelos quais os clientes recorrem regularmente aos serviços desses colaboradores são, respectivamente,

- a) qualidade do trabalho, com 74,4% das respostas (93 respondentes),
- b) profissionalismo e eficiência, com 43,2% (54 respostas) e
- c) competência (37,6%, 47 respostas).



**Figura 71.** Três principais motivos pelos quais recorre a serviços de tradução

**Fonte:** Questionário “A prestação dos serviços de tradução na óptica do consumidor/cliente”

Na verdade, os dados acima revelam claramente a dualidade/desfasamento que atravessa as múltiplas percepções em torno da profissão, sobretudo quando confrontamos o auto-conceito e a baixa estima dos tradutores com a visão de algum destaque e importância que o mercado e os clientes atribuem à profissão, demonstrando ainda a forma embrionária e titubeante como a actividade se desenvolve num terreno precário e agreste, sujeita a pressões e tensões nem sempre fáceis de gerir.



## CONSTATAÇÕES FINAIS: UM ESPAÇO DICOTÓMICO

Que Nume és tu porem, biforme Jano,  
para que os versos meus não te falsêem?  
deidade igual a ti não teve a Grecia!  
Por que razão também, só tu desfrutas  
esse vêr simultaneo atraz e ávante?

*Os Fastos*, Ovídio. Tradução de António Feliciano de Castilho  
MDCCCLXI



## SOB O SIGNO DE JANO

Começámos o nosso trabalho sob o signo de Jano, e é sob o signo de Jano que o terminamos.

Jano, um dos maiores deuses do Panteão romano, a quem Saturno teria dado o dom da "dupla ciência", a do passado e a do futuro, divindade guardiã das portas, deus do início de todas as coisas (*initia*), e de quem Ovídio diz possuir uma face dupla, exercendo o seu poder sobre a terra e sobre os céus (Schmidt 1985).

Segundo o historiador Georges Hacquard, o seu nome provém da mesma raiz que *dies*, evocando assim o dia luminoso. Com efeito, para os romanos, Jano é sobretudo um deus solar, que estaria na origem de toda a vida, presidindo ao acordar de cada dia e colocado à cabeça de todas as iniciativas e de todos os empreendimentos (Hacquard 1996). Hábil orador e mestre na arte de ver para a frente e para trás, é representado com dois rostos que se opõem, sendo que suas faces lhe permitiam controlar o interior e o exterior (Grimal 1992). Jano, deus plástico e bipolar, princípio e fim, intermediário e fronteira.

Não obstante um eventual posicionamento excessivamente centrado no objecto de estudo, sem dúvida que uma das principais conclusões a retirar da análise das narrativas destes profissionais reside na forma bipolar como a tradução é encarada, num curioso jogo de espelhos entre os vários olhares e percepções convocados, oscilando entre pólos antitéticos.

Olhares estes que, pela sua multiplicidade e abrangência, nos revelam uma profissão complexa e heterogénea, marcada por tensões, desde logo, resultantes, por um lado, de um conflito entre a visão interna (endógena) dos profissionais e a visão externa (exógena) da sociedade, consumidores e clientes desse serviço (a que chamaremos dialéctica extraprofissional), mas também da ambivalência de percepções associadas à profissão pelos próprios tradutores e que revelam as diferentes formas como os indivíduos sentem e vivem o seu profissionalismo (a que chamaremos dialéctica intraprofissional).

A outra conclusão a retirar do nosso estudo assenta na complexa abrangência dos mercados das línguas e excepcional amplitude dos serviços solicitados aos seus profissionais, revelando um espaço geográfico móvel e instável, cujos contornos são difíceis de fixar, sobretudo face às lógicas niveladoras da globalização. A este propósito, não deixa de ser sintomático o facto de, tirando as habituais percepções



“bairristas” próprias da rivalidade nacional norte-sul, nenhum dos nossos entrevistados ter considerado o norte como um problema a nível profissional. Pelo contrário, um dos pontos a destacar do nosso estudo decorre do carácter fluído e dinâmico das relações estabelecidas entre o centro e a periferia, entre os tradutores e os mercados a nível local, regional, nacional e internacional, via trabalho à distância, num plano geográfico onde a ausência de fronteiras se assume como instância potenciadora do negócio.

No entanto, não podemos deixar de registar com particular preocupação a absoluta desregulação do mercado e controlo do acesso à profissão, algo que é consubstanciado no incontável número de indivíduos que oferecem serviços de tradução no contexto da lusofonia, revelador de um campo profissional débil e vulnerável, marcado pela coexistência entre amadores, semiprofissionais e profissionais e facilmente exposto à intrusão de elementos estranhos ao sistema.

Como resultado, o posicionamento do tradutor enquanto profissional revela sinais evidentes de alguma fragilidade e inconsistência, resultantes da sua fraca afirmação social e ausência de reconhecimento político e institucional, a que se junta a variável económico-financeira, sem dúvida um elemento condicionador e desequilibrador das percepções em torno da prestação de serviços de tradução.

Por outro lado, assinalamos com particular interesse as várias tendências contraditórias suscitadas quando confrontámos os perfis e os testemunhos dos profissionais com os questionários aplicados, respectivamente aos tradutores e aos clientes/consumidores de serviços de tradução.

Verificamos, na verdade, uma considerável cisão entre um discurso e uma postura profissionais, orientados por valores e atitudes que obedecem a uma lógica empresarial e organizacional comprovada, marcada pela normatividade de procedimentos comerciais orientados para a prestação de um serviço/produto de qualidade e, pelo contrário, uma intoxicação via proliferação de elementos exógenos nitidamente marcados por um espírito aventureiro e amador, demonstrando um inegável desconhecimento dos princípios de organização do sector e dos respectivos modelos de produção.<sup>260</sup>

---

<sup>260</sup> “In the meantime, the professional translator community is showing some signs of unease (Kelly, 2009) about the rise of what it considers to be “the cult of the amateur” (Keen, 2007), citado em O’Hagan (ed.). *Linguistica Antverpiensia New Series - Themes in Translation Studies*, Working title of issue/volume: *Community Translation: Translation as a Social Activity and Its Possible Consequences*.

Ver ainda *The Cult of the Amateur: How Today's Internet is Killing Our Culture* (Keen: 2007)

“Because democratization, despite its lofty idealization, is undermining truth, souring civic discourse, and belittling expertise, experience, and talent. As I noted earlier, it is threatening the very future of our cultural institutions. I call it the great seduction. The Web. 2.0 revolution has peddled the promise of bringing more truth to more people – more depth of information, more global perspective, more unbiased opinion from dispassionate observers. But this is all a smokescreen (Keen 2007: 16)

Para além da ambivalência profissional *versus* amador, sublinhamos ainda a oscilação em termos de registo discursivo, apresentando cambiantes que contrastam entre o estilo modesto e reservado com um tom algo hiperbólico e emotivo, claramente marcado pelo excesso de *soundbytes* e *buzzwords* que povoa as profissões das línguas e afecta inexoravelmente a sua consolidação no terreno.

Complementarmente, constatamos também uma idêntica tensão entre um perfil discreto/*low-profile*, quase de apagamento, e uma postura mais exuberante, expansiva e assertiva, sintomática de uma inegável tendência para a dispersão do campo profissional. Verificamos também uma considerável diferença entre o carácter e a formação essencialmente especializados dos tradutores, lado a lado com uma vertente profundamente generalista, responsável pela disparidade e fragmentação ao nível da oferta e da procura destes serviços no mercado. Por seu turno, este dado encontra-se relacionado com outro aspecto que se prende com o factor experiência profissional *versus* inexperiência/ingenuidade, com inegáveis ligações à dimensão profissional / amador, igualmente indicador de alguma debilidade e vulnerabilidade do campo profissional, sobretudo quando a análise das narrativas nos revela claramente um binómio centrado num “discurso cuidado e eficaz” *versus* “discurso fraco, desleixado e funcionalmente ineficaz”.

De igual forma, gostaríamos ainda de comentar a questão da visibilidade e invisibilidade destes profissionais. A par de valores como a autonomia e a assertividade que são reiterados no discurso, a verdade é que encontramos casos exemplares de subordinação/subalternização, que nos remetem para a forma como a imagem dos tradutores é projectada para dentro e para fora do seu campo profissional, ou seja, pelo contraste nítido entre a visão endógena e a visão exógena, como se, na verdade, estivéssemos perante duas formas de estar antitéticas, uma claramente marcada pela visibilidade real, e outra caracterizada por uma visibilidade artificial, como se de uma construção encenada se tratasse.

A par da diversidade e heterogeneidade dos testemunhos apresentados, o facto é que estamos perante múltiplas facetas de uma mesma profissão, com vários recortes e cambiantes, e com discursos e posturas diametralmente opostos. Se, por um lado, há uma noção de excesso e desregramento no mercado, por outro, há uma noção de contenção e rigor, claramente traduzidos num discurso profissional, *market/customer-oriented* e com um rigoroso enfoque nas competências/aptidões, embora revelador de uma débil solidariedade orgânica de difícil preservação. Perante os casos apontados,

parece-nos existir, de facto, uma tentativa de definição de uma identidade socioprofissional comum, baseada em redes relacionais e dinâmicas de socialização entre os profissionais, no decurso das quais é ainda possível detectar uma colagem a outras linguagens e discursos oriundos essencialmente de outras áreas e campos profissionais congêneres e limítrofes, sobretudo quando o enfoque recai nos valores do empreendedorismo, gestores e empresariais.

Perante a fragmentação e a dispersão do mercado e do campo profissional a eles associados, verifica-se, com frequência, o surgimento de um discurso, por vezes, hiper-exagerado, quase delirante, emprestado do *marketing* e das correntes mais gestórias, por exemplo, e, por outro, a construção de uma identidade auto-defensiva e simbolicamente encenada que não corresponderá necessariamente à realidade, porque desfasada e descentrada, traduzida na construção daquilo que Goffman identifica como uma “não pessoa auto-centrada”, um papel que acarreta uma certa medida de subordinação e uma respeitabilidade reduzida (Goffman 1990):

Os indivíduos que desempenham esse papel [o da não-pessoa] acham-se presentes durante a interacção, mas de certo modo não assumem o papel nem de actor nem de espectador, ao mesmo tempo que não pretendem (...) ser o que não são. (...) existem outras categorias padronizadas de pessoas [stenógrafas, secretárias] que por vezes, estando presentes, são tratadas como se o não estivessem (...) que representam um papel técnico, mas não registado pela programação (Goffman 180 e 182)

Como se, afinal, estes actores estivessem apenas a representar o seu jogo social, algures entre a hiper-visibility e o mais completo auto-apagamento, correndo o risco de diluir o indivíduo nas redes orgânicas, sociais, relacionais e profissionais onde se move, e onde as agências e os tradutores normalmente operam. De facto, a ideia de estar “perdido na tradução” (“lost in translation”, recuperando a célebre máxima) pode, neste caso, fazer todo o sentido, metafórica e realmente falando, no âmbito deste campo profissional.

Com efeito, ao analisar estes perfis, estamos também a assistir à construção de uma identidade e imagem sociais de uma comunidade profissional que é vista como uma rede heterogénea e híbrida, marcada por uma ordenação social precária (Law 1992) e por um hibridismo em termos de processos e mediações (Caria 2005), fruto da distribuição heterogénea dos papéis sociais (excesso de visibilidade e exposição social *versus* défice de visibilidade intraprofissional) e do desfasamento entre a imagem

pública e a imagem profissional.

Analisando a forma como os tradutores profissionais constroem a sua imagem junto dos clientes ficamos com a sensação de que há sempre uma constante pulsão e latência marcadas pela ambivalência e oscilação frequentes entre dois pólos, oscilando entre um tom 100% profissional, e um discurso bastante pobre, inconstante, mal consolidado e frágil, quase amador, algo que parece revelar, em última instância, essa tensão ubíqua entre as várias abordagens semiprofissionais ao terreno. Sobretudo numa dicotomia entre pares antitéticos, nomeadamente especialista *versus* generalista, dispersão *versus* fixação, experiência/experiente *versus* noviço/principiante, autonomia *versus* subordinação, debilidade/vulnerabilidade *versus* auto-confiança, características internas *versus* externas e, por último, visibilidade *versus* invisibilidade, muitas vezes associada à forma como estes indivíduos elaboram, de facto, a sua identidade profissional para o mundo exterior e se apresentam a si próprios como actores sociais, desempenhando um papel que acaba por ser validado e ratificado pela sociedade e pelos clientes, de acordo com estruturas de poder, nem sempre equilibradas, bem como comportamentos prescritivos e normativos:

Social practices are socially regulated ways of doing things – but the word “regulate” may give the wrong impression here, since “regulation,” in the sense in which we normally understand it, is only one of the ways in which social coordination can be achieved. Different social practices are “regulated” to different degrees and in different ways – for instance, through strict prescription, or through traditions, or through the influence of experts and charismatic role models, or through the constraints of technological resources used, and so on (van Leeuwen 2008: 7)<sup>261</sup>

De facto, nesta tensão ambivalente entre profissionalismo e amadorismo, é igualmente visível uma desfocagem ou desequilíbrio em termos de relações de poder no decurso da construção e representação de uma identidade/imagem social pelos actores envolvidos, sobretudo pela descredibilização e banalização do discurso e, em última análise, pela discrepância existente entre o papel social do tradutor e o peso que representa socialmente.

Por outro lado, é igualmente inquestionável estarmos perante um mercado altamente fragmentado e hierarquizado, conforme demonstrámos. São evidentes as assimetrias em termos de afirmação e prestígio profissionais, e em termos de

---

<sup>261</sup> van Leeuwen, Theo (2008) *Discourse and Practice*. Oxford

reconhecimento face às entidades contratantes/clientes. É grande o desfasamento entre, por exemplo a tradução técnica e literária, ainda que a primeira seja responsável por mais de setenta por cento das solicitações do mercado. Tal como é instável o equilíbrio de forças ao nível da chamada tradução para edição, com importantes consequências a nível remuneratório. E, por último, tal como é notória também a descompensação existente no relacionamento entre os tradutores e as agências de tradução, um dos dados mais importantes que pudemos retirar do nosso estudo.

Conforme referia Anthony Pym (2002a) continua a haver uma hierarquia ao nível dos serviços de tradução, uma espécie de primeira e segunda divisões, usando uma comparação futebolística, em que a tradução para as instituições comunitárias continua a corresponder a uma das grandes aspirações de carreira dos tradutores, porque associada a alguma segurança, a par de alguns nichos de mercado, altamente especializados, associados à tradução técnica, com um elevado grau de exposição e protagonismo e intervenção ao nível do produto final. Em paralelo, vamos assistindo a uma desvalorização da tradução literária, muitas vezes associada a baixas remunerações e exploração laboral, ainda que remetendo para motivações vocacionais profundas por parte dos tradutores, já que muitos acumulam esta actividade com outra principal.

Outra das áreas em que os graus de precariedade e instabilidade estão mais presentes diz respeito aos domínios da tradução audiovisual (vulgo “legendagem”) e da localização. Estes são dois casos absolutamente *sui generis*, e que merecem alguma atenção na análise já que, muito embora associados a outras profissões limítrofes, casos do audiovisual, cinema e televisão, bem como a informática, revelam, no entanto, baixos salários, falta de condições, ausência de controlo sobre o trabalho, prazos apertados, condicionantes a nível temporal, múltiplas exigências e, nalguns casos, exploração de mão-de-obra barata e aproveitamento sem escrúpulos, sobretudo ao nível de recém-licenciados e amadores, fascinados com a possibilidade de enveredar por uma carreira com algum *glamour* e que mais não são do que atentatórios para a classe, porquanto denigrem a profissão e contribuem para perpetuar o ciclo vicioso da má qualidade (Gouadec 2002: 82).

Não obstante a importância estratégica da tradução a nível empresarial, e apesar do valor acrescentado que confere às empresas e instituições do ponto de vista económico como um produto distintivo, a verdade é que este serviço continua a ser considerado supérfluo e desnecessário, como uma actividade menor que, como vimos, pode ser desempenhada por elementos externos à profissão.

Voltando a uma questão que colocámos antes, estaremos, facto, perante uma profissão de pleno direito? Ou, pelo contrário, de uma semiprofissão? Na nossa opinião, será, para já, prematuro falar de profissão, na real acepção do termo, quando abordamos a tradução. Retomamos, neste ponto, o já citado modelo de Tseng (ver Capítulo Dois, página 171) que o mesmo aplicou para análise dos intérpretes em Taiwan. Nesse modelo, Tseng apresentava quatro fases que marcariam o processo de consolidação da profissão com vista a atingir um nível de independência e afirmação profissionais, aspirando ao controlo do mercado.

Se aplicarmos este modelo à realidade portuguesa, podemos claramente concluir que ainda estaremos no segundo nível, ou seja, na fase em que as instituições formadoras estão a alimentar um mercado pouco coeso e homogéneo. Segundo os dados obtidos, as associações profissionais nacionais ainda não conseguem estabelecer os ditames da profissão, nem tampouco criar rotinas e procedimentos normativos para a sustentabilidade da tradução como uma profissão legítima e sólida e institucionalmente enquadrada. E, de igual forma, ainda estamos muito longe da fase de real afirmação da profissão nos vários *fora*, como uma actividade autónoma e forte, dotada de mecanismos reguladores do acesso à profissão e apoiada por instâncias fiscalizadoras, capazes de influenciar os órgãos decisores e credibilizar a prática profissional.

Por outro lado, é igualmente difícil medir o grau de profissionalismo dos indivíduos que estudámos, isto porque qualquer tentativa de sistemização colide com critérios subjectivos e impressionistas de avaliação dos sujeitos. Temos conhecimento de que, em Espanha, houve uma tentativa de aferir o grau de “profissionalidade” dos tradutores, por contraste com os escritores, sobretudo através do modelo desenvolvido por Rodríguez Morató (1997), no qual são definidos vários graus de aferição do profissionalismo. No entanto, o modelo peca por escasso, porquanto contempla apenas a variável “dedicação ao trabalho” como único vector principal para avaliar o grau de empenho dos profissionais, o que nos parece de todo irreal, já que deixa de fora variáveis importantes para a caracterização da profissão em termos objectivos, muito embora contemple um elemento decisivo relacionado com a dimensão económica:

Con vistas a nuestros análisis posteriores, hemos establecido, pues, a partir de estas variables, una partición convencional del colectivo de los escritores en tres estratos de profesionalidad. En el primero – el de menor profesionalidad -, ubicamos a los escritores que realizan otras actividades profesionales distintas de la escritura, se dedican a ésta de forma esporádica e ingresan en concepto de derechos de autor menos del 10% de su renta. En el tercero – el de

mayor profesionalidad -, situamos a los que no tienen otras ocupaciones aparte de la escritura, se dedican a ésta de forma regular e intensa e ingresan en concepto de derechos de autor más de un 10% de su renta. Y por último, en el estrato intermedio ubicamos al resto, a los que no se integran en ninguno de los anteriores. (Rodríguez Morató 1998: 28 e 29)

Por último, gostaríamos ainda de fazer referência a outro estudo mais recente, de Dam e Zethsen (2008), em que as autoras desenvolveram dois questionários dirigidos a tradutores e empregadores de serviços de tradução para aferir o seu estatuto profissional, e centrados especificamente em quatro parâmetros identificados como importantes indicadores de *status* associados à profissão. As quatro variáveis em estudo dizem respeito ao (1) *salário, ou seja, as nossas variáveis económico-financeiras* (2) *formação/experiência, também contempladas no nosso questionário*, (3) *visibilidade, ou seja a posição física dos tradutores dentro da empresa e a seu contacto profissional com outros funcionários da agência* e (4) *poder/influência*, apresentando cinco opções para classificação do grau de concordância com as questões acima [(1) *to a very high degree*, (2) *to a high degree*, (3) *to a certain degree*, (4) *to a low degree*, (5) *to a very low degree or not/none at all.*] (Dam e Zethsen 2008).

Embora reconhecamos que este modelo já apresenta uma configuração mais consentânea com o objectivo último de avaliar o grau de profissionalismo associado à tradução, e apesar de as autoras frisarem a significativa percentagem de percepções débeis e negativas associadas ao baixo estatuto da profissão, estamos cientes da necessidade de desenvolver ferramentas metodológicas mais eficazes para captar o carácter intangível, e quase etéreo, da profissão.

De qualquer das formas, os dados e a análise apresentados durante o nosso estudo permitiram-nos, mesmo assim, analisar várias questões interessantes acerca do estatuto do tradutor, bem como dos níveis de profissionalidade associados à tradução, sobretudo graças a uma metodologia capaz de combinar variáveis quantitativas e qualitativas e susceptível de gerar e testar as hipóteses no terreno.

Por isso, e na sequência do nosso estudo com os tradutores da região norte, atrevemo-nos a apresentar um modelo preliminar de análise do profissionalismo dos tradutores, com base numa série de variáveis que resultaram da nossa análise e confronto entre as entrevistas e os dados quantitativos. Ainda que, de certo modo, subjectivos, consideramos, no entanto, que são estes os valores que devem estar presentes na avaliação do grau de profissionalismo dos tradutores, porque definidores da actividade e denominadores comuns de uma certa forma de conceber a profissão.

A visualização dos respectivos perfis profissionais é formatada consoante informações padronizadas que, na maior parte dos casos, permitem a construção de uma identidade profissional específica e de uma imagem social, simultaneamente endógena e exógena, revelando os vários ângulos através dos quais é possível olhar, de forma intrínseca e extrínseca, para esta profissão tão heterogénea e, sobretudo, altamente diversificada, marcada por redes relacionais frágeis e débeis, níveis diferentes de socialização entre os profissionais, especificidades dicotómicas, estatuto e discursos híbridos e nem sempre bem definidos, abordagens organizacionais divergentes e uma ausência vincada de estruturas coerentes e distintivas capazes de sustentar a profissão como um campo autónomo e coeso estabelecido em sociedade, com uma identidade socioprofissional comum.

Muito embora nos tenha merecido especial atenção o facto de os profissionais se dedicarem a tempo inteiro, tempo parcial à profissão, profissão secundária ou *part-time*, achamos que a dedicação exclusiva à actividade não pode ser encarada como sinónimo de igual profissionalismo.

Com efeito, a nossa entrevista-padrão contraria claramente estes preceitos, já que a tradutora revela um elevado grau de profissionalismo (algo que é corroborado pelos materiais disponibilizados no Anexo 21) e uma total consciência da profissão, mesmo trabalhando em regime de *part-time*, tal como grande parte dos tradutores com quem falámos. Logo, o item “dedicação ao trabalho” não é um critério objectivo, porque falível, precisamente porque estamos a falar de profissionais com motivações complexas e percepções diferentes sobre o trabalho.

O nosso modelo de análise da “profissionalidade” dos tradutores parte da consideração de outros valores que concorrem igualmente para a construção de um campo profissional associado à tradução, nomeadamente:

1. Grau de envolvimento na actividade (sendo certo que este elemento pode ser avaliado gradativamente em termos de envolvimento na profissão em regime parcial, temporário ou a tempo inteiro)
2. Experiência (em que contemplamos o número de anos ao serviço como tradutor, segundo uma gradação mínima, média e máxima)
3. Posicionamento profissional
4. Variáveis económico-financeiras (ou seja, a avaliação das percepções dos respondentes em torno dos aspectos económicos associados à profissão)



5. Autonomia/Controlo tempo (forma como a tradução implica a dedicação exclusiva à profissão, relacionamento com os prazos, etc.)
6. Autonomia/Controlo trabalho (ligado ao vector temporal, porque revelador da forma como o profissional consegue ter controlo sobre o seu trabalho, ou se, pelo contrário, o mesmo gera uma dependência absoluta em termos de disponibilidade)
7. Impacto vida familiar (variável importante, já que sinónimo da forma como a profissão produz consequências a nível de gestão da vida pessoal do indivíduo)
8. Auto-estima (sensações e percepções do profissional)
9. Satisfação profissão (grau de paixão e dedicação ao trabalho)
10. Realização profissional
11. Sentimentos profissão (negativos, positivos, neutros)

Complementarmente, elaborámos uma grelha/matriz que nos permite identificar as variáveis que representam um inventário do profissionalismo dos tradutores. A classificação das variáveis prevê uma gradação de 1, correspondente a um nível baixo ou reduzido, 2 para um nível médio e 3 para um nível alto ou elevado. Recordemos, no entanto, que esta tarefa tem como base uma avaliação subjectiva e pessoal dos valores associados às narrativas e percepções dos respondentes, com base no guião que utilizámos previamente para as nossas entrevistas e na análise das respectivas transcrições:

A. Tipo de actividade ACTIVIDADE

1. Temporária/Ocasional/Part-time
2. Secundária
3. Principal

B. Envolvimento na profissão / Disponibilidade / dedicação profissional ENVOLVIMENTO

1. Reduzido
2. Médio
3. Elevado

C. Experiência EXPERIÊNCIA

1. Reduzida
2. Média
3. Elevada

D. Postura profissional (atitude / posicionamento / envolvimento como profissional) ATITUDE

1. Passivo
2. Neutro
3. Activo

E. Assertividade no discurso sobre a profissão ASSERTIVIDADE

1. Reduzida
2. Neutra
3. Elevada

F. Vocação VOCAÇÃO

1. Reduzido
2. Neutro
3. Elevado

G. Posicionamento qualidade QUALIDADE

1. Reduzido
2. Médio
3. Elevado

H. Segurança económica na profissão FINANÇAS

1. Reduzida
2. Neutra
3. Elevada

I. Cumprimento prazos/tempo PRAZOS

1. Reduzido
2. Médio
3. Elevado

J. Autonomia/Controlo trabalho AUTONOMIA

1. Reduzida
2. Neutra
3. Elevada

K. Impacto profissão vida pessoal VIDA PESSOAL

1. Negativo
2. Neutro
3. Positivo

L. Realização profissional REALIZAÇÃO

1. Reduzida
2. Neutra
3. Elevada

M Auto-estima AUTO-ESTIMA

1. Negativa
2. Neutra
3. Elevada

N. Percepções/Valores/Sentimentos associados à profissão / Satisfação com a profissão PERCEPÇÕES E VALORES

1. Negativos
2. Neutros
3. Elevados

<b>A. ACTIVIDADE</b>	<b>1. Temporária/Ocasional/Part-time</b>	
	<b>2. Secundária</b>	
	<b>3. Principal</b>	
<b>B. ENVOLVIMENTO</b>	<b>1. Reduzido</b>	
	<b>2. Médio</b>	
	<b>3. Elevado</b>	
<b>C. EXPERIÊNCIA</b>	<b>1. Reduzida</b>	
	<b>2. Média</b>	
	<b>3. Elevada</b>	
<b>D. ATITUDE</b>	<b>1. Passivo</b>	
	<b>2. Neutro</b>	
	<b>3. Activo</b>	
<b>E. ASSERTIVIDADE</b>	<b>1. Reduzida</b>	
	<b>2. Neutra</b>	
	<b>3. Elevada</b>	
<b>F. VOCAÇÃO</b>	<b>1. Reduzido</b>	
	<b>2. Neutro</b>	
	<b>3. Elevado</b>	
<b>G. QUALIDADE</b>	<b>1. Reduzido</b>	
	<b>2. Médio</b>	
	<b>3. Elevado</b>	
<b>H. FINANÇAS</b>	<b>1. Reduzida</b>	
	<b>2. Neutra</b>	
	<b>3. Elevada</b>	
<b>I. PRAZOS</b>	<b>1. Reduzido</b>	
	<b>2. Médio</b>	
	<b>3. Elevado</b>	
<b>J. AUTONOMIA</b>	<b>1. Reduzida</b>	
	<b>2. Neutra</b>	
	<b>3. Elevada</b>	
<b>K. VIDA PESSOAL</b>	<b>1. Negativo</b>	
	<b>2. Neutro</b>	
	<b>3. Positivo</b>	
<b>L. REALIZAÇÃO</b>	<b>1. Reduzida</b>	

	<b>2. Neutra</b>	
	<b>3. Elevada</b>	
<b>M. AUTO-ESTIMA</b>	<b>1. Negativa</b>	
	<b>2. Neutra</b>	
	<b>3. Elevada</b>	
<b>N. PERCEPÇÕES E VALORES</b>	<b>1. Negativos</b>	
	<b>2. Neutros</b>	
	<b>3. Elevados</b>	

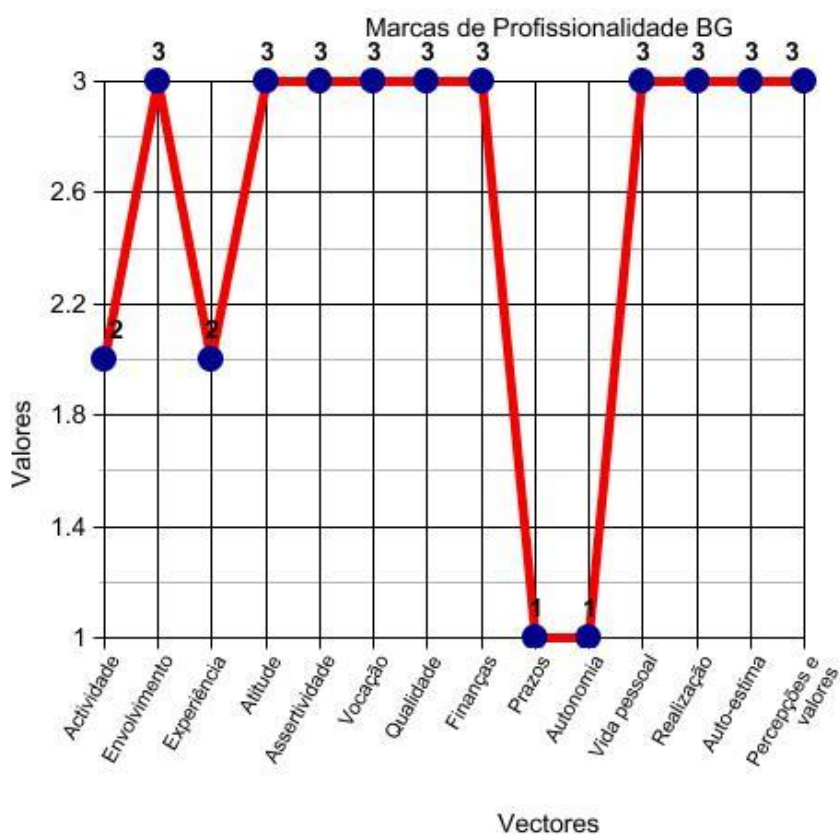
Transpondo e aplicando esta matriz ao modelo de entrevista que realizámos com Brigith Guimarães, obtemos a seguinte tabela (abaixo), que nos permite aferir os níveis de profissionalismo do indivíduo e, ao mesmo tempo, verificar os pontos mais deficitários e condicionadores em termos de afirmação profissional. De sublinhar que esta matriz deve ser lida à luz da respectiva transcrição que codificámos e apresentámos no capítulo 4, pelo que a classificação atribuída encontra-se legitimada pelas afirmações proferidas pela profissional acerca de cada ítem.

Por exemplo, a matriz abaixo apresenta a nossa classificação correspondente à tradutora Brigith Guimarães:

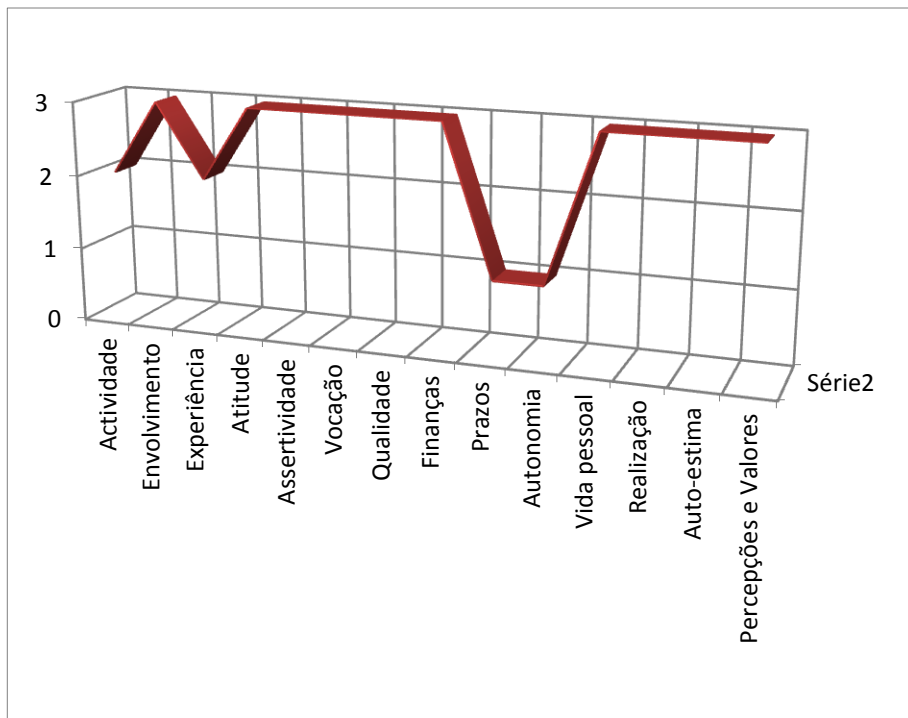
<b>A. ACTIVIDADE</b>	<b>1. Temporária/Ocasional/Part-time</b>	
	<b>2. Secundária</b>	<b>X</b>
	<b>3. Principal</b>	
<b>B. ENVOLVIMENTO</b>	<b>1. Reduzido</b>	
	<b>2. Médio</b>	
	<b>3. Elevado</b>	<b>X</b>
<b>C. EXPERIÊNCIA</b>	<b>1. Reduzida</b>	
	<b>2. Média</b>	<b>X</b>
	<b>3. Elevada</b>	
<b>D. ATITUDE</b>	<b>1. Passivo</b>	
	<b>2. Neutro</b>	
	<b>3. Activo</b>	<b>X</b>
<b>E. ASSERTIVIDADE</b>	<b>1. Reduzida</b>	
	<b>2. Neutra</b>	
	<b>3. Elevada</b>	<b>X</b>
<b>F. VOCAÇÃO</b>	<b>1. Reduzido</b>	
	<b>2. Neutro</b>	
	<b>3. Elevado</b>	<b>X</b>
<b>G. QUALIDADE</b>	<b>1. Reduzido</b>	
	<b>2. Médio</b>	
	<b>3. Elevado</b>	<b>X</b>
<b>H. FINANÇAS</b>	<b>1. Reduzida</b>	
	<b>2. Neutra</b>	
	<b>3. Elevada</b>	<b>X</b>
<b>I. PRAZOS</b>	<b>1. Reduzido</b>	<b>X</b>
	<b>2. Médio</b>	
	<b>3. Elevado</b>	

<b>J. AUTONOMIA</b>	<b>1. Reduzida</b>	<b>X</b>
	<b>2. Neutra</b>	
	<b>3. Elevada</b>	
<b>K. VIDA PESSOAL</b>	<b>1. Negativo</b>	
	<b>2. Neutro</b>	
	<b>3. Positivo</b>	<b>X</b>
<b>L. REALIZAÇÃO</b>	<b>1. Reduzida</b>	
	<b>2. Neutra</b>	
	<b>3. Elevada</b>	<b>X</b>
<b>M. AUTO-ESTIMA</b>	<b>1. Negativa</b>	
	<b>2. Neutra</b>	
	<b>3. Elevada</b>	<b>X</b>
<b>N. PERCEPÇÕES E VALORES</b>	<b>1. Negativos</b>	
	<b>2. Neutros</b>	
	<b>3. Elevados</b>	<b>X</b>

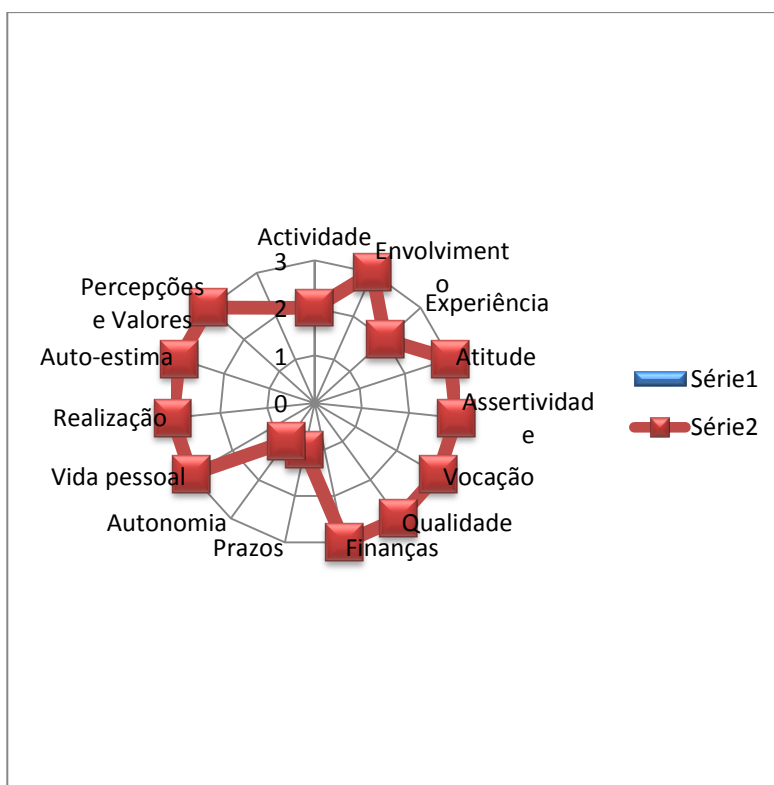
Se, finalmente, transpusermos estes valores para um gráfico, obtemos o seguinte resultado, onde é visível a forma como os vectores associados à falta de autonomia e dificuldade de cumprir prazos, associados a questões temporais, sobressaem, pela classificação negativa atribuída:



**Figura 1.** Marcas de profissionalidade Brighth Guimarães (1)

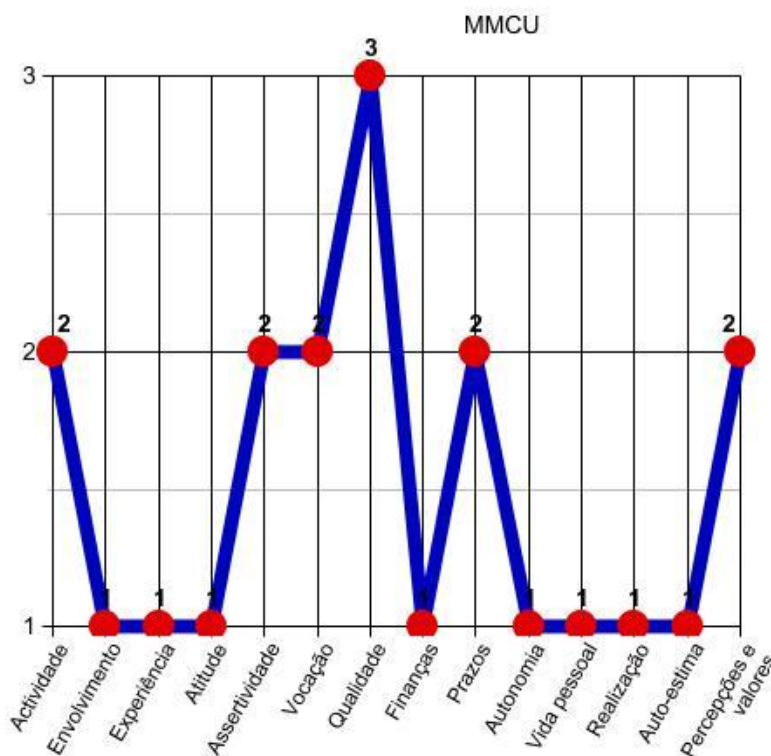


**Figura 2.** Marcas de profissionalidade Brighth Guimarães (2)

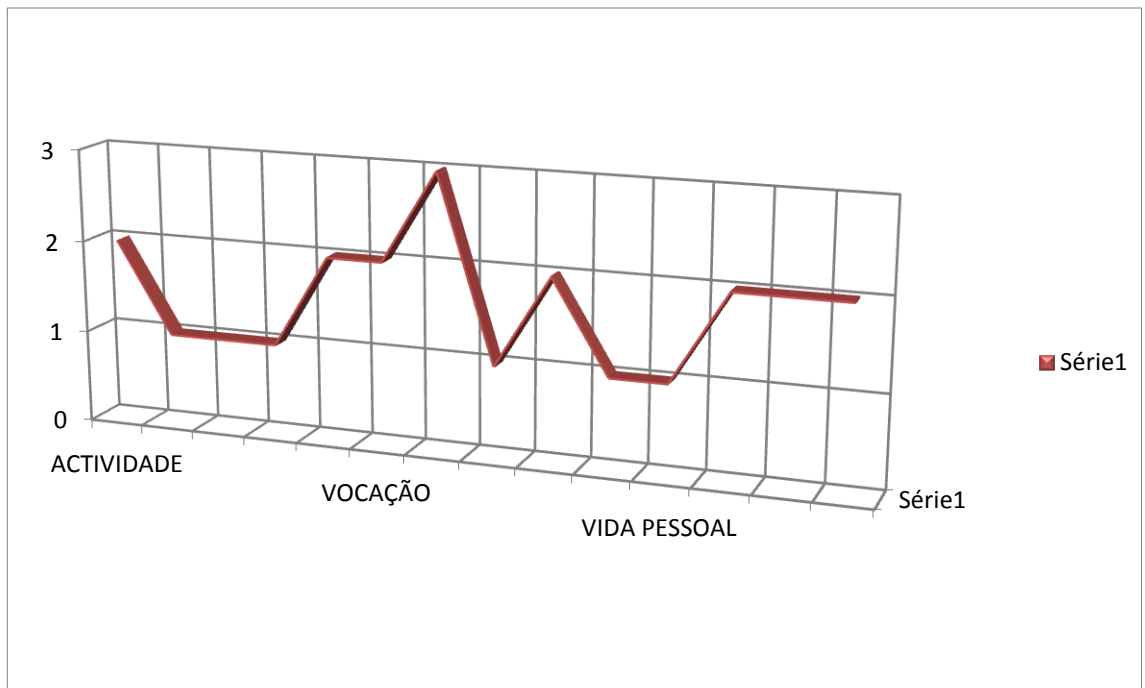


**Figura 3.** Marcas de profissionalidade Brighth Guimarães (3)

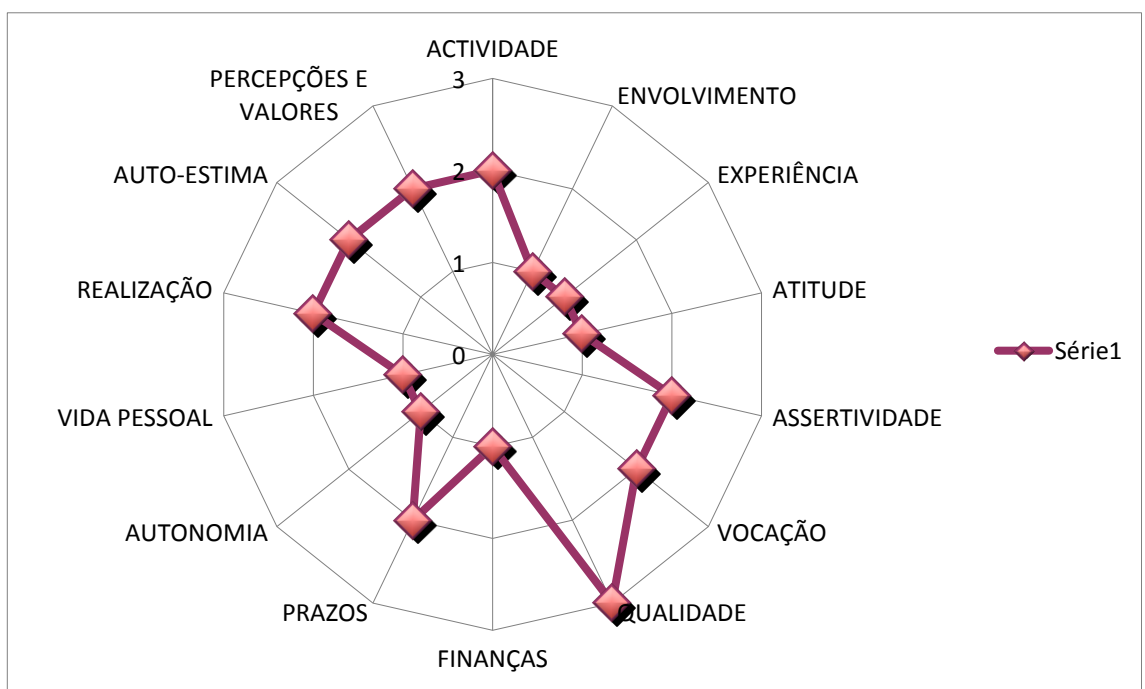
Como prova, e de forma a testarmos as nossas hipóteses acerca dos diferentes graus de profissionalismo em jogo, decidimos colocar esta matriz em confronto com as percepções demonstradas por outro dos nossos entrevistados, nomeadamente M.M.C.U., cujos dados revelam um posicionamento bem menos sólido e consolidado em termos de atitudes perante a profissão. Como resultado, obtivemos os três diagramas em anexo que comprovam a forma como determinados parâmetros são consideravelmente inferiores, sobretudo associados ao envolvimento e atitudes face à tradução, demonstrando uma clara correlação directa entre o tempo dispendido na profissão, as condições remuneratórias e os níveis de satisfação, realização profissional e auto-estima, responsáveis pela frustração com que a respondente encara o carácter precário e pouco estável da profissão. Em pano de fundo, verificamos ainda a discrepância entre os significativos aspectos vocacionais, bem como as percepções e os valores positivos associados à profissão, que são aparentemente contraditados pela incapacidade de se afirmar no terreno como uma profissional a tempo inteiro, com níveis de trabalho regulares e financeiramente confortáveis.



**Figura 4.** Marcas de profissionalidade M.M.C.U. (1)



**Figura 5.** Marcas de profissionalidade M.M.C.U. (2)



**Figura 6.** Marcas de profissionalidade M.M.C.U. (3)



## A TRADUÇÃO PROFISSIONAL: CINCO DINÂMICAS SUBJACENTES

Chegados a este momento, pensamos ser possível detectar, desde logo, cinco pontos de contacto e cinco dinâmicas subjacentes que parecem ser transversais à prática profissional.

Em primeiro lugar, a dinâmica da globalização desenvolvida segundo uma matriz reticular, caracterizada por instâncias como o teletrabalho, *networking* ou trabalho em rede, a teletradução, mas também a mobilidade e a flexibilização do trabalho, gerido à distância e a aposta em novos conceitos e formatos tecnológicos, bem como novos sistemas de gestão, lógicas de produção e formas de contratação e organização do trabalho, como a externalização ou *outsourcing*, abrindo caminho para aquilo que muitos apelidam de “portfolio workers” (Fraser & Gold: 2001).<sup>262</sup> Algo que, em última instância, implicará o surgimento de um novo perfil sociológico emergente, bem como a própria redefinição do conceito de profissionalização num mundo sem fronteiras, pela forma como coloca problemas ao nível da impessoalização e precarização do trabalho com consequências significativas no domínio da autonomia e realização ou satisfação profissionais. É, na verdade, inquestionável o modo como as rápidas e brutais alterações aos modelos de produção se encontram inequivocamente associadas às mais recentes tendências para a chamada tradução em contexto etéreo e incorpóreo, sob as etiquetas “in the cloud”, “cloud computing” ou “crowdsourcing”, com inegáveis consequências ao nível da diminuição do valor associado ao produto e da própria sustentabilidade dos mercados da tradução.

Em segundo lugar, detectamos a própria dinâmica da tradução como um acto linguístico-textual e sociocultural com um relativo grau de exposição e visibilidade públicos, e um considerável grau de fragilidade decorrente de um acentuado défice de reconhecimento institucional e do isolamento a que a “profissão” é votada. Encarada como um processo e um produto textuais socialmente enquadrados, e orientada por um conjunto de normas específicas ancoradas no social, a tradução, enquanto acto de comunicação interpessoal e intercultural por excelência revela, no entanto, o seu carácter irónico ao descurar o papel essencial do indivíduo, enquanto elemento dotado

---

<sup>262</sup> A worker who holds multiple jobs or contracts in multiple fields with multiple companies.

For *portfolio workers*, money comes in fits and starts from different sources. There may be a bit of pension, some part-time work, some fees to charge or things to sell. Portfolio people lead cash-flow lives, not salary lives. (Charles Handy, *The Age of Unreason*, McGraw-Hill, December 1990)

de agência, relegando-o para um papel de subalternidade e promovendo a sua injusta “guetização” profissional. Neste ponto teremos igualmente de mencionar as tensões e pressões a que a profissão parece ser sujeita, tanto a nível interno, pela forte concorrência entre os profissionais, como a nível externo, pela proximidade e partilha do mesmo campo por outras profissões (como, por exemplo, a política dos média, a indústria editorial ou os princípios institucionais da própria profissão de tradutor).

Em terceiro lugar, consideraremos a dinâmica do ensino e da formação, na qual incluiremos, a montante, a aprendizagem de novas competências, saberes e aptidões profissionais e profissionalizantes, bem como o desenvolvimento de questões metodológicas e conceptuais adaptadas a uma situação real de comunicação profissional susceptível de enfrentar eficazmente as exigências e desafios colocados pela multidimensionalidade das profissões das línguas. Dadas as circunstâncias actuais em que o fenómeno da tradução se insere, esta dinâmica poderá eventualmente implicar a própria redefinição do paradigma da formação e, em última instância, alterar o processo de ensino-aprendizagem, através de novas propostas e novas metodologias pedagógicas fruto de uma visão formatada e orientada para o mercado.

Em quarto lugar, apontamos a vertente económica associada à profissão. Tal como ficou demonstrado nas nossas entrevistas, bem como nas reacções dos clientes e consumidores deste serviço, a tradução esconde em si uma profunda ambiguidade (porventura, uma impossibilidade) decorrente, por um lado, do facto de ser omnipresente, enquanto verdadeiro catalisador da comunicação humana e indispensável nos mais diferentes quadrantes da sociedade e, por outro, de estar associada a uma economia subterrânea e não declarada, marcada pela exploração de mão-de-obra barata, baixos salários, níveis declarados de insatisfação e precariedade, isto apesar do carácter florescente da indústria das línguas e do seu crescimento exponencial nos últimos anos.

Por último, propomos a análise da dinâmica empresarial, absolutamente transversal e estratégica, sobretudo quando assistimos ao crescente protagonismo das instâncias de normalização sectorial, mais concretamente, com a enorme atenção dedicada, nos tempos mais recentes, ao importante papel da cultura e linguagem empresariais oriundos das teorias gestionárias, aliás um ponto frequente quando, por exemplo, somos confrontados com as normas e procedimentos aplicados, por exemplo, pelos profissionais da indústria da localização. A vertente empresarial é caracterizada pela concepção da tradução como um acto de gestão, conforme sustentado por Steyaert e Janssens (Steyaert & Janssens 1997; 143) e pela cedência aos requisitos da

normalização pela introdução e interiorização de normas, formatos, regulamentos e preceitos orientados para a rentabilização dos processos, a decomposição, classificação e catalogação das fases da tradução, a gestão de projectos, a avaliação da qualidade do produto final através de mecanismos de controlo e métricas díspares centrados na supervisão das rotinas do projecto especificamente direccionadas para agilizar a produção de textos preformatados. Ao mesmo tempo, as constantes e implacáveis solicitações do mercado, na maior parte das vezes estruturadas em torno do célebre quadrado “qualidade, rapidez, eficiência, preço”, implicam a activação de novas competências com um enfoque claro na questão ergonómica, implicando o desenvolvimento de outras valências a nível profissional, emocional, fisiológico e cognitivo, entre outros.<sup>263</sup>

Em última instância, esta mesma dinâmica empresarial esconde, tal como defendem Hermans e Lambert, a necessidade de reconstruir a ética e a dinâmica do serviço de tradução empresarial, (Hermans & Lambert 1998: 127), a importância crucial de integrar os tradutores nos objectivos e estratégias das próprias empresas numa atmosfera de diálogo e cooperação e, por outro lado, a adopção de um tipo de pensamento e filosofia empresariais estratégicos nos próprios currícula de formação de tradutores.

---

<sup>263</sup> A dinâmica empresarial contempla os vários esforços de normalização industrial já citados como, por exemplo, os modelos de qualidade adoptados pela LISA ou a SAE J2450 da *Society of Automotive Engineers*, as normas ISO, Elf, ou ainda as normas da ASTM (*American Society for Testing and Materials*), bem como a obsessão por padrões rigorosos de aferição da eficiência, eficácia, produtividade ou mesmo dos níveis de satisfação do cliente. Ver, por exemplo, os esforços de normalização e estabelecimento de um código de boas práticas desenvolvidos pela LISA, um dos principais fóruns direccionados para as empresas envolvidas no fornecimento de serviços no âmbito das indústrias da linguagem (<http://www.lisa.org/>). Ou ainda a postura politicamente correcta marcada pela omnipresença das chamadas linguagens controladas, entre as quais encontramos os esforços de consolidação do Inglês Controlado, bem como os manuais de redacção técnica disponibilizados por algumas das principais empresas no ramo da redacção, produção e documentação textuais.

## O PARADIGMA ERGONÓMICO: UMA SOLUÇÃO?

A ergonomia, enquanto ciência do trabalho, poderá constituir, em última análise, uma ferramenta útil para analisar as mudanças, alterações e efeitos produzidos no domínio dos processos produtivos em tradução, bem como dos seus principais actores (competências, capacidades cognitivas, autonomia e bem-estar, entre outros). Por conseguinte, a definição de ergonomia adoptada no IV Congresso Internacional de Ergonomia (1969) apresenta esta disciplina como “l'étude scientifique de la relation entre l'homme et ses moyens, méthodes et milieux de travail”, sendo que, no ano 2000, a última definição de ergonomia, reformulada pela IEA (*International Ergonomics Association*) é a seguinte:

L'ergonomie (ou *Human Factors*) est la discipline scientifique qui vise la compréhension fondamentale des interactions entre les humains et les autres composantes d'un système et la profession qui applique principes théoriques, données et méthodes en vue d'optimiser le bien-être des personnes et la performance globale des systèmes. (Lancry 2009: 20)

De igual forma, o posicionamento holístico ergonómico representa uma mais-valia para os Estudos de Tradução, capaz de direccionar o olhar para o mundo do trabalho e os seus futuros desenvolvimentos, pelo modo como permite entender a interacção entre os seres humanos e as restantes componentes dos sistemas tecnológicos, relacionais e sociais:

Les professionnels de la traduction ont des conditions de travail et des statuts extrêmement variés, depuis la traductrice financière qui doit refuser certains contrats faute de disponibilité jusqu'au sous-traitant exploité par une agence pour un tarif vingt fois moindre, en passant par le localiseur-valideur salarié d'une grosse entreprise de logiciels et le traducteur littéraire ou audiovisuel qui défend ses droits d'auteur. Leur point commun n'est pas seulement leur rôle évident de passeur et médiateur interlinguistique et interculturel (important y compris en traduction technique), ce sont aussi des considérations ergonomiques au sens large : le besoin de défendre le facteur humain dans un environnement fortement technologique et de plus en plus anonyme, la nécessité d'avoir des conditions de travail permettant de produire des traductions de qualité et d'éprouver une vraie satisfaction, voire un plaisir au travail, et le besoin d'une reconnaissance et d'une valorisation de leur métier, tant financière que sociale. (Lavault- Olléon 2011)

Conforme exposto no *call for papers* para a Conferência “Translation and Ergonomics”, realizada nos dias 15 e 16 de Outubro de 2010, na Université Stendhal, em Grenoble:

The translator’s profession has undergone a number of dramatic changes during the last ten years. Translators are increasingly dependent on the tools of technology and specialised networks of all kinds. Their activity now consists of a multitude of clearly-defined tasks which require new competences, whether linguistic, technical or interpersonal, in addition to a new work organisation based on more intensified procedures and stricter deadlines. CAT or MT tools also impose a segmented, decontextualised and shared approach to documents.

The new working conditions and related technological advancement and economic changes can either impinge on the translator’s autonomy or increase his/her responsibilities, create tensions between the need for quality and the demand for profitability, the desire for freedom and the need to conform to technology and professional standards. At the same time, new forms of collaborative work can emerge and tasks can be optimized through the appropriate use of tools.

Este novo olhar, alicerçado na apologia de uma “tradutologia funcional”, defendida por Elisabeth Lavault-Olléon (2011), permite encarar a multiplicidade/heterogeneidade da profissão e as diferenças ao nível dos papéis sociais, bem como a diversidade de condições de trabalho e de estatuto, que são considerações ergonómicas no sentido mais lato do termo.

Com efeito, a realidade de hoje é marcada pelo predomínio do não literário e do não sagrado, o oposto da unidade e da atemporalidade, apresentando-nos um trabalho inscrito numa engrenagem temporal tirânica e num esquema de produção de documentos que se torna obsoleto a curto prazo, que o tradutor desenvolve rodeado de ferramentas e equipamentos, ligado ao resto do mundo e religado à comunidade de tradutores em tempo real, numa lógica parcelar e fragmentária.

São estas, efectivamente, as novas relações que importa detectar numa altura em que o trabalho se torna multiforme, multilingue e multimedia, em contexto colaborativo e evolutivo com relações de dependência entre os actores, condicionado por contextos e interacções relativamente pontuais, ténues e débeis. Em complemento, a actividade manifesta-se essencialmente por esquemas organizacionais e temporais variáveis, relações hierárquicas difusas e uma tensão latente entre a tarefa prescrita e a actividade desenvolvida, com óbvias implicações ao nível da qualidade do produto.

Dans les théories de l'action et de l'activité que mettent en avant les ergonomes, on note que «l'activité se construit [...] sur la base d'interactions locales, dans un contexte et des circonstances matérielles et particulières» (Darses, Falzon & Munduteguy 2004, p. 197), elle est donc «située», conditionnée par un contexte et des interactions relativement ponctuelles. (Lavault-Olléon 2011)

A ergonomia poderá ajudar-nos, por isso, a apreender com outra acuidade a evolução do mercado e da indústria da tradução, pela forma como coloca no centro o factor humano e a necessidade de adaptar o trabalho ao homem (e não o contrário)<sup>264</sup>. Por isso, esta perspectiva implica, tal como advogamos, a recolocação do tradutor no centro da investigação, abrindo novos caminhos para que a actividade humana seja estudada, em contexto e em situação, com diferentes processos e lógicas de organização.

Por último, de reter que a própria lógica técnico-organizacional implica uma visão do trabalho como vector de desenvolvimento e criação de riqueza, envolvendo objectivos económicos, financeiros e políticos, e implicando, ao mesmo tempo, a sujeição do agente aos objectivos prescritos pela organização do trabalho:

---

<sup>264</sup> Cfr. Meylaerts 2008

## UM NOVO HOMO TRANSFERENS?

Segundo Michaela Wolf, a complexidade das “realidades” sociais e profissionais em torno da prática da tradução é tal, e são tão pertinentes as suas implicações em termos de decisões translatórias, que é necessário, inicialmente, uma abordagem macro, ao nível de uma *macro cluster*, análise esta que não pode ser dissociada dos fenómenos singulares e isolados, específicos de situações de transferência individuais:

A systematic identification of the problems that condition and influence the selection, production and reception of translation seems to be underway – involving both questions about the integration of translational action with all its agencies into the broad societal context and questions that, in a narrower sense, concern the functional mechanism of translation markets or the socially relevant character of translation strategies. (Wolf 2007: 28)

Por conseguinte, enquanto actividade que se insere no âmbito das indústrias da língua, e face às novas condicionantes e configurações do mercado, vamos gradualmente assistindo a uma completa redefinição do papel, função e conceito do tradutor, que se metamorfoseia, para dar lugar a uma nova entidade multifacetada, versátil e polivalente, espécie de *homo transferens*, auto-consciente, dialogante, funcionalmente autónoma e socialmente emancipada pela dialéctica entre *ethos*, *logos* e *praxis*, recuperando algumas das noções propostas por Andrew Chesterman (Chesterman 1995: 253), mas também, qual Hermes, invisível, plástico e transmutável, hermeneuta por excelência, conforme sugere Charles Le Blanc em *Le complexe d’Hermès: Regards philosophiques sur la traduction* (2009):

Si l’on envisage la traduction que sous les auspices d’Hermès, on se trouve face a un texte dans lequel le message et sa transmission sont tout ce qui compte. Hermès ne doit choisir que les attributs qui lui serviront à livrer le message. Ainsi, s’il met son *petassos*, ce chapeau à large bord qui avait le pouvoir de rendre invisible celui qui le portait, sa traduction exprimera *l’invisibilité du traducteur*, s’effaçant complètement devant l’auteur et la *lettre* de son message; s’il tient bien fermement son *caducée*, cette baguette qui pouvait résoudre les conflits et avait comme propriété de changer en or ce qu’elle touchait, la traduction se fait transformante, métaphore, symbole, voire allégorie de l’original: le texte qui s’efface devant le messager qui en rapporte *l’esprit*. Quand, enfin, Hermès chausse ses sandales ailées qui rappellent qu’il est le preste messager des dieux et le portent “sur l’élément liquide ou sur la terre immense, aussi vite que les souffles du vent”, la traduction devient cette activité sèchement pragmatique où tout ce qui compte est son activité de communication rapide du message. (Le Blanc 2009: 111)

## ALGUMAS PISTAS PARA A FORMAÇÃO DE TRADUTORES EM CONTEXTO DE TRABALHO

Assim sendo, e perante esta nova configuração do perfil e função do tradutor, parece-nos que a formação terá de ser o mais polivalente e versátil possível, bem como suficientemente multifacetada, integrada e multimodal, orientada para as novas profissões-satélite ou extensões do trabalho do tradutor, e convenientemente aberta e disponível de forma a resolver o problema da equação especialista/generalista e solucionar o velho dilema técnico/social/humano/textual. Se o objectivo é formar aquilo que Christiane Nord designava como "tradutor funcional" (Nord 2005: 210 e 211), ou seja, um tradutor profissional, caracterizado pela consciência de que a tradução, hoje, é utilizada nos mais variados contextos comunicacionais e situacionais, exigindo a capacidade de articular o conhecimento profissional com as adequadas valências sociais e aptidões técnico-funcionais, competências metacognitivas, competências interculturais, capacidade de resistência ao *stress*, auto-reflexividade, auto-estima, auto-confiança, autonomia e realização profissional, apenas um tipo de formação equilibradamente diversificada e compatível com as exigências pessoais e profissionais do tradutor poderá responder às solicitações do mercado, onde o indivíduo é confrontado com as práticas da gestão de projectos, a gestão de recursos humanos e materiais e, sobretudo, com dinâmicas de sociabilização e aplicação de um saber-fazer específico.

Nesse sentido, uma perspectiva multi e interdisciplinar afigura-se como uma opção sensata no sentido de dotar o tradutor de uma série de estratégias e soluções que permitam a sua integração e adaptação face aos contextos de trabalho mais diversificados, caracterizados pela heterogeneidade social, abrangência do leque de opções linguísticas, especialização temática e conceptual, e crescente diversificação e complexidade tecnológicas.

No fundo, uma formação interactiva e pró-activa mais humanizada, centrada no indivíduo enquanto pessoa e, ao mesmo tempo, profissionalizante e orientada para a qualidade, a ética e a deontologia, capaz de recuperar uma cultura técnica de ofício, enquanto saber-fazer e saber-estar inscritos em contextos de interacção social. Uma formação capaz de obedecer aos imperativos e exigências da actividade profissional e, simultaneamente, conciliar os quatro desafios subjacentes a uma ética de profissionalização, ou seja, aprender a ser (indivíduo), aprender a conhecer (conhecimento), aprender a fazer (técnica) e aprender a conviver (social).



Parece-nos ser esta a chave para a profissão que estudamos, sobretudo quando muita da literatura mais recente (Thomson-Wohlgemuth 2004, Pym 2005 e 2006, Meylaerts 2008 e Chesterman 2009, entre outros), parece redireccionar a atenção dos Estudos de Tradução para o papel do elemento humano, das pessoas e dos comportamentos no processo de tradução, sobretudo face ao carácter omnipresente e normativo dos padrões industriais, centrados exclusivamente no valor das suas qualidades funcionais e técnicas.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Abbott, Andrew (1988) *The System of Professions: An Essay on the Division of Expert Labor*, Chicago and London: The University of Chicago Press.

Abbott, Andrew (1991) “The Future of Professions: Occupation and Organization in the Age of Expertise”, *Research in the Sociology of Organizations* 8:17-42.

Abdallah, Kristiina & Koskinen, Kaisa (2007) “Managing trust: Translating and the network economy”, *Meta* 52(4): 673-687.

ACE Traductores (1997) *Libro Blanco de la traducción en Españã*, Madrid: Asociación Colegial de Escritores/CEDRO.

ACT (3005) *Estudio de situación del mercado español de servicios profesionales de traducción*. Comité de Estudios de Mercado Março de 2005. Disponível em [www.act.es](http://www.act.es)

Afonso, Óscar (2011) “Economia Não Registada: Conceitos, causas, dimensão, implicações e o caso português”. Documento em linha disponível em [http://www.gestaodefraude.eu/images/gf\\_upload/Own041.pdf](http://www.gestaodefraude.eu/images/gf_upload/Own041.pdf) [Data de acesso: 15 de Agosto de 2011]

Agar, Michael (1980) *The Professional Stranger, An Informal Introduction to Ethnography*, Academic Press.

Ahrend, Klaus (2006) “Meeting demand -competitiveness of translation service providers from a client's point of view”, EUATC International Conference, Bruxelas, 9 de Novembro de 2006.

Akrich, Madeleine, Michel Callon & Bruno Latour (2006) *Sociologie de la traduction. Textes fondateurs*, Paris: Mines Paris Les Presses.

Almeida e Pinho, Jorge (2006) *O Escritor Invisível*, Porto: Quidnovi.

Alves, Mariana Gaio (2005) “A inserção profissional de diplomados do ensino superior numa perspectiva educativa”, *Formação Profissional, Revista Europeia* N° 34: Janeiro/Abril 2005/1.

Alvesson, Mats, Cynthia Hardy & Bill Harley (2008) “Reflecting on Reflexivity: Reflexive Textual Practices in Organization and Management Theory”, *Journal of Management Studies* 45:3 Maio 2008.

Angelelli, Claudia (2004). *Revisiting the Interpreter's Role*, Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Library, 55.

Archibald, James (1997) “The Pragmatics of Professionalism: Translation and Interpretation in Puerto Rico and Quebec”, *Meta* XLII, 4.

Arevalillo Doval, Juan José (2005) “The EN-15038 European Quality Standard for Translation Services: What’s Behind It?” Documento em linha disponível em <http://www.translationdirectory.com/article472.htm> [Data de acesso: 17 de Julho de 2006]

Argyris, C. & D. Schon (1974) *Theory in practice: Increasing professional effectiveness*, San Francisco: Jossey Bass.

Argyris, C. & D. Schon (1978) *Organisational learning: A theory of action perspective*, Reading, Mass: Addison Wesley.

Assis Costa, Maria Fernanda (1990) *Portugal Económico*, Lisboa: Plátano Editora.

Austermühl, Frank (1998) “Between Babel and Bytes - The Discipline of Translation in the Information Age.” Artigo em linha disponível em <http://gandalf.aksis.uib.no/AcoHum/abs/Austermuehl.htm>. [Data de acesso: 3 de Dezembro de 2008]

Austermühl, Frank (2007) “Translators in the Language Industry – From Localization to Marginalization”, Kerstin Brenner & Anja Holderbaum (eds.) *Gebundener Sprachgebrauch in der Übersetzungswissenschaft. Festschrift für Joachim Kornelius zum 60. Geburtstag*, Trier: WVT Wissenschaftlicher Verlag Tries, 39-51.

Baker, Mona (1998) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, London: Routledge.

Barbosa, Heloísa Gonçalves (2008) “Tradução, Mercado e Profissão no Brasil”, *Confluências – Revista de Tradução Científica e Técnica* Nº 3. Artigo em linha disponível em <http://confluencias.net/n3/barbosa.pdf>

Barnard, Alan & Jonathan Spencer (1986) *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*, Routledge.

Barrento, João (1996) “O Judeu errante e a deriva moderna”. *A Palavra Transversal*. Lisboa: Edições Cotovia.

Barrento, João (2002) *O Poço de Babel: Para uma poética da tradução literária*, Lisboa: Relógio d’Água.

Barret-Ducrocq, Françoise (1992) *Traduire l’Europe*, Paris: Éditions Payot.

Barros, Manuel José Boavida de Oliveira (1994) *Tradução e Direito de Autor*, Separata da “Colectânea de Jurisprudência, Ano XIX, Tomo V.

Bassnett, Susan (2001) “Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução”, in Helena Buescu, João Ferreira Duarte & Manuel Gusmão (eds.), *Floresta Encantada: novos caminhos da literatura comparada*, Lisboa: Publicações D. Quixote, pp. 289-313..

Bassnett, Susan (2002) *Translation Studies (Third Edition)*, London, New York: Routledge.

Bastin, Georges L. & Monique C. Cormier (2007) *Profession: Traducteur*, Les Presses de l’Université de Montreal.

- Bell, Roger T. (1976) *Sociolinguistics*, London: Bastford.
- Bell, Roger T. (1991) *Translation and Translating Theory and Practice*, London, New York: Longman.
- Bell, Roger T. (2000) "Pseudo-, Para- or Proto-: what kind of a professional is the translator or interpreter?", *The Linguist* Volume 39(5), 147-150.
- Beninatto, Renato & Donald A. DePalma (2005) "Ranking of Top 20 Translation Companies", Common Sense Advisory, Junho 2005.
- Beninatto, Renato & Donald A. DePalma (2005) "L10N in 2010: A Gaze into the Crystal Ball", Common Sense Advisory.
- Beninatto, Renato S., Donald A. DePalma & Benjamin B. Sargent (2006) *International Survey of Global Buying Preferences*, Common Sense Advisory.
- Beninatto, Renato & Donald A. DePalma (2007) *Ranking of Top 20 Translation Companies*, Common Sense Advisory.
- Beninatto, R. *et al.* (2009) "Ranking of Top 30 Language Services Companies", Lowell: Common Sense Advisory.
- Beninatto, Renato & Nataly Kelly (2009a) "Freelancers Voice Their Views on the Economy", Common Sense Advisory.
- Best, Joanna & Sylvia Kalina (eds.) (2002) *Übersetzen und Dolmetschen. Eine Orientierungshilfe*, Tübingen: A. Francke Verlag.
- Bielsa, Esperança (2005) "Globalisation as Translation: An Approximation to the Key but Invisible Role of Translation in Globalisation", CSGR Working Paper No. 163/05.
- Bielsa, Esperança (2007) "Translation in global news agencies", *Target* 19 (1): 135-155(21).
- Bielsa, Esperança & Susan Bassnett (2009) *Translation in Global News*, New York: Routledge.
- Boucau, Fernand (2005) "The European Translation Industry - Facing The Future" (Belgian Quality Translation Association), EUATC EEIG European Economic Interest Grouping, Bruxelles: EUATC - European Union of Associations of Translation Companies.
- Boucau, Fernand (2006) "Competitiveness and acquisitions in the translation sector", Belgian Quality Translation Association, Guilde Française des Entreprises de Traduction, Dezembro 2006.
- Boucau, Fernand (2006a) "The European Translation Market: Updated facts and figures 2006 – 2010", Belgian Quality Translation Association. Guilde Française des Entreprises de Traduction, Dezembro 2006.

- Bourdieu, Pierre (1979) *La distinction: critique sociale du jugement*, Paris: Minuit.
- Bourdieu, Pierre (1980) “Quelques propriétés des champs”, *Questions de sociologie*, Paris: Minuit, 113–120.
- Bourdieu, Pierre (1980a) *Le sens pratique*, Paris: Minuit.
- Bourdieu, Pierre (1985) “The Market of Symbolic Goods”, *Poetics* 14: 13–44.
- Bourdieu, Pierre (1992) *Language & Symbolic Power*, Cambridge: Polity Press.
- Bourdieu, Pierre (1992) *Les Règles de l'art: Genèse et structure du champ littéraire*, Paris: Seuil.
- Bourdieu, Pierre & Loic Wacquant (1992) *An Invitation to Reflexive Sociology*, Cambridge: Polity Press.
- Bourdieu, Pierre (2002) “Les conditions sociales de la circulation internationale des idées” [1989], *Actes de la recherche en sciences sociales* 145, 3-8.
- Bowden, Geoffrey (2005) “European survey of translation purchasers”, inquérito desenvolvido pelas associações nacionais pertencentes à EUATC, Novembro 2005.
- Bowker, Lynne (2004) "What Does It Take to Work in the Translation Profession in Canada in the 21st Century?: Exploring a Database of Job Advertisements", *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, 49(4). 960-972. Documento em linha disponível em <http://id.erudit.org/iderudit/009804ar>
- Bravo, Orlando (1989) *Economia Portuguesa (de 1910 à actualidade)*, Porto: Porto Editora.
- Briggs, Charles L. (1986) *Learning How To Ask: a Sociolinguistic Appraisal of the Role of the Interview in Social Science Research*, Cambridge: Cambridge University Press.
- Briggs, Charles L. (2002) “Interviewing, Power/Knowledge, and Social Inequality”, in F. Jaber, J. Gubrium & A. Holstein (eds.) *Handbook of Interview Research Context & Method*, Thousand Oaks CA: Sage Publications.
- Brint, Steven (2001) “Professionals and the ‘Knowledge Economy’: Rethinking the Theory of Postindustrial Society”, *Current Sociology* Vol. 49(4), London, Thousand Oaks, CA and New Delhi: Sage Publications, 101–132.
- Broadbent, J., M. Dietrich & J. Roberts (1997) 'The end of the professions?' in J. Broadbent, M. Dietrich & J. Roberts (eds) *The end of the professions: the restructuring of professional work*, London: Routledge.
- Brownlie, Siobhan (1999) “Investigating Norms.” Documento em linha disponível em <http://www.kuleuven.be/cetra/papers/Papers1999/BROWNLIE%201999.pdf>

- Brum, F. (2008) *As Novas Tecnologias e o Trabalho do Tradutor – Guia Prático*, Universidade Aberta.
- Bryman, Alan (1989) *Research Methods and Organization Studies*, Unwin Hyman.
- Bryman, Alan & Robert G. Burgess (1994) *Analysing Qualitative Data*, New York: Routledge.
- Bucholtz, Mary (2000) “The politics of transcription”, *Journal of Pragmatics* 32 (1439-1465), Amsterdam: Elsevier Science.
- Burgess, Robert G. (1997) *A Pesquisa de Terreno. Uma Introdução*, Oeiras: Celta.
- Burke, Peter (2007) “Lost (and Found) in Translation: A Cultural History of Translators and Translating in Early Modern Europe”, *European Review* 15. 83-94.
- Buzelin, Hélène (2004) “La traductologie, l’ethnographie et la production des connaissances”, *Meta* XLIX, 4.
- Buzelin, Hélène & Deborah Folaron (2007) “La traduction et les études de réseaux / Translation and Network Studies”, *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, Volume 52, nº 4, Dezembro de 2007, Les Presses de l'Université de Montréal, p. 603-858.
- Buzelin, Hélène (2011) “Agents of translation”, in Yves Gambier & Luc van Doorslaer (eds.) *Handbook of Translation Studies*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 6–12.
- Callon, M. (1980) “Struggles and negotiations to define what is problematic and what is not. The socio-logic of translation”, in K.D. Knorr-Cetina, R. Krohn & R.D. Whitley (eds). *The Social Process of Scientific Investigation: Sociology of the Sciences Yearbook*, Reidel: Dordrecht.
- Callon, Michel (1986) “Some elements of a sociology of translation: domestication of the scallops and the fishermen of St Brieuc Bay”, in J. Law (ed.) *Power, action and belief: a new sociology of knowledge?*, London: Routledge, 196-223.
- Calhoun, Craig, Edward LiPuma & Moishe Postone (eds) (1993) *Bourdieu: Critical Perspectives*, Cambridge: Polity Press.
- Cameron, A. & Palan, R. (2004) *The Imagined Economies of Globalization*, London: Sage.
- Canadian Translation Industry Sectoral Committee (1999) *Survey of the Canadian Translation Industry: Human Resources and Export Development Strategy*. Documento em linha disponível em <http://www.uottawa.ca/associations/csict/strate.pdf> [Data de acesso: 2 de Março de 2010]
- Cancio, Carmelo (1995) *La traduction professionnelle en France - Approche do domaine hispanique*, Dissertação de doutoramento, Université de Toulouse 2.

Caria, Telmo (2005) *Saber Profissional*, Coimbra: Livraria Almedina.

Caria, Telmo (2007) “Análise social do saber profissional em trabalho técnico-intelectual (ASPTI) – uma linha de investigação em desenvolvimento no Norte de Portugal”, IV Congresso Artur-Galaico de Sociologia, La Coruna, 23 e 24 de Março de 2007.

Caria, Telmo & Ana Paula Marques (orgs.) (2007a) *Educação, Trabalho e Culturas Profissionais: Contributos Teórico-Metodológicos. Actas dos Encontros em Sociologia III*, Centro de Investigação em Ciências Sociais, Gualtar: Braga.

Caria, Telmo, Carlos M. Gonçalves & Ana Paula Marques (orgs.) (2007) *História, Trabalho e Conhecimento nas Profissões. Actas do I Colóquio Internacional sobre Grupos Profissionais X Seminário ASPTI*, Instituto Superior de Serviço Social do Porto, Legis Editora.

Caria, Telmo (2008) “A Mobilização de Conhecimento em Situação de Trabalho Profissional”, *Revista FACED* Revista de Educação da Universidade Federal da Bahia Documento em linha disponível em <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rfaced> .

Caria, Telmo (2008a) «Quelle méthode utiliser pour capter une culture professionnelle? Réflexions méthodologiques d’une équipe de recherche (ASPTI) du nord du Portugal», *XVIIIème Congrès International des Sociologues de Langue Française –Être en société. Le lien social à l’épreuve des cultures*, Istanbul, 7 a 11 julho 2008.

Carmo, Félix (2002) “De formando a formador, passando por ‘formado em tradução’”, *Actas do V Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa*, Lisboa: União Latina.

Carr-Saunders, A .(1928) “Professions: Their Organization and Place in Society”, in António Firmino Costa (1988) *Cultura Profissional dos Sociólogos*. Sociologia – Problemas e Práticas nº5, Mem Martins: Publicações Europa-América, 108.

Casanova, Pascale (1999) *La République mondiale des lettres*, Paris: Seuil.

Casanova, Pascale (2002) “Consécration et accumulation de capital littéraire. La traduction comme échange inégal”, *Actes de la recherche en sciences sociales* 144, 7-20.

Castells, Manuel (1996) *A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, São Paulo: Paz e Terra.

Chan, Andy Lung Jan (2005) “Why are most translators underpaid? A descriptive explanation using asymmetric information and a suggested solution from signalling theory”, *Translation Journal* 9(2). Artigo em linha disponível em <http://accurapid.com/journal/32asymmetric.htm> [Data de acesso: 18 de Abril de 2008]



Chan, Andy Lung Jan (2008) *Information Economics, The Translation Profession and Translator Certification*, Dissertação de doutoramento, Espanha: Universitat Rovira i Virgili.

Cheetham, Fiona (2001) "Totally Teapots: Collecting, Social Worlds and a Sociology of Translation", *Management of creativity and creative industries*, Critical Management Studies Conference: Manchester.

Chesterman, Andrew (1993) "From 'Is' to 'Ought': Laws, Norms and Strategies in Translation Studies", *Target* 5, 1–20.

Chesterman, Andrew (1995) "The successful translator: the evolution of *homo transferens*", *Perspectives: Studies in Translatology*, University of Copenhagen: Denmark, 1995:2, 253-270.

Chesterman, Andrew (1997) *Memes of Translation*, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

Chesterman, Andrew & Rosemary Arrojo (2000) "Forum: Shared Ground in Translation Studies", *Target* 12/1: 151-160 e 12/2: 333-362, Amsterdam: John Benjamins.

Chesterman Andrew (1998) "Description, Explanation, Prediction: A Response to Gideon Toury and Theo Hermans", in Christina Schaffner (ed.) (1999) *Translation and Norms*, Clevedon: Multilingual Matters Ltd.

Chesterman, Andrew (2001) "Proposal for a Hieronymic Oath", *The Translator* 7: 2, 139-154.

Chesterman, A. & J. Williams (2002) *The Map. A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies*, St. Jerome Publishing Company.

Chesterman, Andrew & Wagner, Emma (2002) *Can Theory Help Translators? A dialogue between the ivory tower and the wordface*, Manchester: St. Jerome.

Chesterman, Andrew (2006). "Questions in the sociology of translation". In João Ferreira Duarte, Alexandra Assis Rosa & Teresa Seruya (eds.), *Translation Studies at the Interface of Disciplines*. Amsterdam: Benjamins, 9-27.

Chesterman, Andrew (2007) "On the idea of a theory", *Across Languages and Cultures*. Volume 8, Number 1/June 2007, Akadémiai Kiadó, 1-16.

Chesterman, Andrew (2009) "The Name and Nature of Translator Studies". *Hermes – Journal of Language and Communication Studies*, 42.

Chiswick, Barry R. (1996) "The Economics of Language: The Roles of Education and Labor Market Outcomes", Working paper HCDWP 70, Human Capital Development – HCD.

Chiswick, Barry R. (2008) “The Economics of Language: An Introduction and Overview”, IZA DP No. 3568, *Discussion Paper Series*, Forschungsinstitut zur Zukunft der Arbeit, Institute for the Study of Labor.

Choi, Jungwha & Lim, Hyang-Ok (2000) “An Overview of the Korean Translation Market”, *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal* 45(2), 383-392. Artigo em linha disponível em <http://id.erudit.org/iderudit/002235ar> .

Choi, Jungwha & Hyang-Ok Lim (2002) “The Status of Translators and Interpreters in Korea”, *Meta* 47(4): 627–635.

Chouliarki, L. & N. Fairclough (1999) *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*, Edinburgh: Edinburgh University Press.

Chriss, Roger (2000) “The Translation Profession”. Artigo em linha disponível em <http://www.foreignword.com/Articles/Rogers/>. [Data de acesso: Agosto de 2007].

Chriss, Roger (2006) *Translation as a Profession*, Lulu.com.

Cicourel, Aaron (1974) “Ethnomethodology”, in Thomas A. Sebeok (ed.) *Current Trends in Linguistics* (vol. 12), The Hague, Paris: Mouton.

CILT (2006) *Relatório ELAN: Effects on the European Economy of Shortages of Foreign Language Skills in Enterprise*. Documento em linha disponível em [http://ec.europa.eu/education/languages/Focus/docs/elan\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/education/languages/Focus/docs/elan_en.pdf)

Clarke, Adele E. (1991) *Social worlds/arenas theory as organizational theory*, in D. R. Maines (Hg.) *Social organization and social process. Essays in honor of Anselm Strauss*, New York: Aldine de Gruyter, 119-158.

Clifford, James & George E. Marcus (eds.) (1986) *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*, Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press.

Clifford, J. (1999) “On ethnographic authority” (Ch. 11), in Alan Bryman & Robert Burgess (eds.) *Methods of qualitative research*, Vol. III, Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Collins, R. (1981) “Micro-translation as a theory building strategy”, in K. Knorr-Cetina & A. V. Cicourel (eds.) *Advances in social theory and methodology: Toward an integration of micro- and macro- sociologies*, Boston: Routledge & Kegan Paul, 81-108.

Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões”, COM(2008) 566 final, “Multilinguismo: uma mais-valia para a Europa e um compromisso comum” {SEC(2008) 2443} {SEC(2008) 2444} {SEC(2008) 2445}.

Commission Staff Working Document, *Accompanying document to the Communication from the Commission to the European Parliament, the Council, the European Economic*

and Social Committee and the Committee of the Regions. *Multilingualism: an asset for Europe and a shared commitment: An inventory of community actions in the field of multilingualism and results of the online public consultation*, Brussels, 18.9.2008. SEC(2008) 2443. {COM(2008) 566 final} {SEC(2008) 2444} {SEC(2008) 2445.

Cronin, Michael (2000) *Across the Lines: Travel, Language, Translation*, Cork: Cork University Press.

Cronin, Anthony (2003) *Translation and Globalisation*, New York, London: Routledge.

Cronin, Michael (2011) "The Translation Crowd", *Tradumàtica* N° 08 - Localització i web, Revista de Traducció i Tecnologies de la Informació i la Comunicació.

Couto, Ana Isabel (2009) "Elementos para a caracterização do movimento de empreendedorismo em Portugal: actores, políticas públicas e PME", XIII Encontro Nacional de Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho (ENSIOT) - Viver o Trabalho, Estratégias e Políticas de Mobilidade Positiva, Lisboa.

Curtis, Natasha (2005) "Looking for answers within: an introspective look at professionalism of translators and interpreters", *Nota Bene* (volume XXVIII), No. 1.

D'hulst, Lieven, Fernando Ferreira Alves, Peter Flynn, Yves Gambier, José Lambert e Reine Meylaerts (2010) "Strategies under the waterline: language, lingua franca and translation", Comunicação apresentada no 26º Colóquio da EGOS (European Group for Organizational Studies): Lisboa.

Dam, Helle V. & Karen Korning Zethsen (2008) "Translator Status. A Study of Danish Company Translators, *The Translator*, Volume 14: 1, pp. 71-96

Dam, Helle V. & Karen Korning Zethsen (2009) "Who said low status? A study on factors affecting the perception of translator status", *JoSTrans – The Journal of Specialised Translation* 12. Artigo em linha disponível em [http://www.jostrans.org/issue12/art\\_dam\\_zethsen.php](http://www.jostrans.org/issue12/art_dam_zethsen.php)

Darses, F. & P. Falzon, P. (1996) "La conception collective: une approche de l'ergonomie cognitive", in G. de Terssac & E. Friedberg (eds.) *Coopération et Conception*, Toulouse: Octarès.

De Geest, D. (1992) "The Notion of 'System': Its Theoretical Importance and Its Methodological Implications for a Functionalist Translation Theory". in H. Kittel (ed.) *Geschichte, System, Literarische Übersetzung/Histories, Systems Literary Translation* (32-45), Berlin: Schmidt.

DePalma, Donald A. (2002) "Bringing Home the Localization Bacon", Common Sense Advisory, Junho 2002.

DePalma, Donald A. & Renato Beninatto (2003) "The Greatest Localization Show on Earth, Delegates and Prospective Attendees Voice Opinion on Industry Conferences", Common Sense Advisory, Maio 2003.

DePalma, Donald A. (2004) "The Emergence of the Real World Enterprise", Common Sense Advisory, Fevereiro 2004.

DePalma, Donald A. & Benjamin B. Sargent (2007) *Translation Management System Scorecards: A Ranking of Feature Coverage in Commercial TMS Offerings*, Common Sense Advisory, Fevereiro 2007

DePalma, Donald A. (2007a) "Going from Simple Translation to Successful Transactions on Global Websites", Common Sense Advisory.

DePalma, D. A. & N. Kelly (2008) "Translation of, for, and by the people", Lowell, MA: Common Sense Advisory.

de Swaan, Abram (1993) "The Emergent World Language System", *International Political Science Review* (volume 14), n°3, 219-226.

de Swaan, Abram (2001) *Words of the World: The Global Language System*, Cambridge Polity Press.

Delabastita, Dirk, Lieven D'Hulst & Reine Meylaerts (2006) (eds.) *Functional Approaches to Culture and Translation: Selected papers by José Lambert*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Dell'Anno (2007) "The shadow economy in Portugal: an analysis with the Mimic approach", *Journal of Applied Economics*, Vol X, No. 2 (Nov 2007), 253-277.

Denzin, N. K. & Y. S. Lincoln (1994/2000) *Handbook of qualitative research*, Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Denzin, Norman (1997) *Interpretive Ethnography - Ethnographic Practices for the 21st Century*, Sage.

Dex, Shirley (1991) *Life and Work History Analyses: Qualitative and Quantitative Developments*, Routledge.

Dhir, K.S. & Theresa Savage (2002) "The value of a working language" *International Journal of the Sociology of Language* (volume 158), 1-35.

Dias, Fátima (2006) "«Tradutores Precisam-se»: A imagem da Tradução Transmitida pelos Anúncios de Emprego", *Confluências – Revista de Tradução Científica e Técnica*, Nº4.

Díaz Fouces, Oscar (2001) "Sociología de la traducción", *Quaderns. Revista de traducció* n° 6, 63-77.

Diriker, Ebru (2004) *De-/Re-Contextualizing Conference Interpreting. Interpreting: Interpreters in the Ivory Tower?*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins (53), 223.

Diriker, Ebru (2009) “Meta-discourse as a Source for Exploring the Professional Image(s) of Conference Interpreters”, *Hermes - Journal of Language and Communication Studies* 42.

Douglas, Mary (1986) *How institutions think*, Syracuse University Press.

Downie, R. S. (1990) “Professions and professionalism”, *Journal of the Philosophy of Education* 24(2), 147-159.

Drucker, Peter (2008) *The Age of Discontinuity. Guidelines to our changing society*, New Brunswick/London: Transaction Publishers.

Duarte, João Ferreira (2004) “A Tradução Enquanto Metáfora e Modelo”, in Carlos J. F. Jorge & Christine Zurbach (org.) *Estudos Literários/Estudos Culturais*, Actas do IV Congresso da APLC, Évora: Universidade de Évora.

Duarte, João Ferreira (2008) *A Cultura Entre Tradução e Etnografia*, Vega.

Duff, Alan (1981) *The Third Language: Recurrent Problems of Translation into English*, Pergamon Press.

Duff, Alan (1989) *Translation*, Oxford: Oxford University Press.

Duranti, A. & C. Goodwin (eds.) (1992) *Rethinking Context, Language as an interactive phenomenon*. Studies in the Social and Cultural Foundations of Language 11, Cambridge: Cambridge University Press.

Duranti, Alessandro (1997) *Linguistic Anthropology*, Cambridge, New York, Melbourne: Cambridge University Press.

Duranti, Alessandro (2001) “Linguistic Anthropology: history, ideas, and issues”, in Alessandro Duranti (ed.) *Linguistic Anthropology: A Reader*, Oxford: Blackwell.

Duranti, Allessandro (ed.) (2001) *Key Terms in Language and Culture*, Oxford: Blackwell.

Durão, Rosário (2005) “Primeiro Relatório de Um Inquérito a Fornecedores de Serviços de Tradução Científica e Técnica de Inglês para Português Europeu”, *Confluências - Revista de Tradução Científica e Técnica: A Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa no Mundo*, n.º 3, 2005, pp. 29-61.

Durban, Chris (2010) *The Prosperous Translator*, Lulu.com.

Elliott, Jane (2005) *Using narrative in social research, Qualitative and quantitative approaches*, SAGE Publications.

Enríquez Raído, Vanessa & Frank Austermühl (2007) “Translation, Localization, and Technology – Current Developments”. Braga: CEHUM (Centro de Estudos Humanísticos). Artigo em linha disponível em [http://ceh.ilch.uminho.pt/Enriquez%20Austermuehl%20Technology\\_Atelier\\_4.pdf](http://ceh.ilch.uminho.pt/Enriquez%20Austermuehl%20Technology_Atelier_4.pdf)

Eisenhardt, Kathleen (1989) “Agency Theory: An Assessment and Review”, *Academy of Management Review*, Volume 14.

Esperança, José Paulo (2009) “Uma Abordagem Eclética ao Valor da Língua: O Uso Global do Português”. Artigo em linha disponível em [http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/doc\\_details.html?aut=1228](http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/doc_details.html?aut=1228)

Espinoza, Luís Almeida (2006) “A Formação do Tradutor e as Necessidades do Mercado de Tradução em Portugal”. Artigo em linha disponível em [www.terminologias.com](http://www.terminologias.com)

Etzioni, A. (1967) *The Semi-Professions and their organizations*, New York: Free Press.

Euréal (2010) *Contribution de la traduction à la société multilingue dans l'Union européenne - Étude portant sur la contribution de la traduction à la société multilingue dans l'Union européenne*. Documento em linha disponível em [http://ec.europa.eu/education/languages/pdf/davignon\\_pt.pdf](http://ec.europa.eu/education/languages/pdf/davignon_pt.pdf) [Data de acesso: 24 de Janeiro de 2011]

Even-Zohar, Itamar (1978) “The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem: New Perspectives in Literary Studies”, in James S Holmes, José Lambert & Raymond van den Broeck (eds) *Literature and Translation*, Leuven: Acco, 117-127.

Even-Zohar, Itamar (1990) “Polysystem Studies”, *Poetics Today* 11-1.

Even-Zohar, Itamar (1997) "The Making of Culture Repertoire and the Role of Transfer", *Target*, 9(2): 355-363 e 373-381. Artigo em linha disponível em [http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/papers/rep\\_trns.htm](http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/papers/rep_trns.htm)

Even-Zohar, Itamar (2002) “Soluciones anticuadas e a industria de ideas”, *Anuario de estudios literarios galegos*, 39-53.

Even-Zohar, Itamar (2005) “Culture As Goods, Culture as Tools”, *Papers in Culture Research*. Artigo em linha disponível em <http://tau.ac.il/~itamarez/works/papers/papers/good-tools.pdf>

Even-Zohar, Itamar (2005a) “Idea-Makers, Culture Entrepreneurs, Makers of Life Images, and The Prospects of Success”, *Papers in Culture Research*. Artigo em linha disponível em <http://tau.ac.il/~itamarez/works/papers/papers/idea-makers.pdf>

Even-Zohar, Itamar (2005b) “Intellectual Labor and the Success of Societies”, *Papers in Culture Research*. Artigo em linha disponível em <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/EZ-CR-2005.pdf>

Even-Zohar, Itamar (2005c) “The Making of Repertoire, Survival and Success under Heterogeneity”, *Papers in Culture Research*. Artigo em linha disponível em <http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/books/EZ-CR-2005.pdf>

- Fairclough, N. (1992) *Discourse and Social Change*, Cambridge: Polity Press.
- Fairclough, N. (1993) “Critical discourse analysis and the commodification of public discourse”, *Discourse and Society* 4.2, 133-68.
- Fairclough, N. (1995) *Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language*, London: Longman.
- Fairclough, N. & R. Wodak (1997) *Critical discourse analysis*, T. van Dijk (ed.) *Discourse as Social Interaction*, London: Sage.
- Fairclough, N. (2003) *Analyzing Discourse and Text: Textual Analysis for Social Research*, London: Routledge.
- Fairclough, Norman (2005) “Critical discourse analysis”, *Marges Linguistiques* 9, 76-94.
- Fairclough, N. (2005a) “Critical discourse analysis in transdisciplinary research”, in Ruth Wodak & P. Chilton, *A new agenda in (Critical) Discourse Analysis: theory, methodology and interdisciplinarity*, Amsterdam: John Benjamins.
- Falzon, P. (1991) “Les activités verbales dans le travail”. In R. Amalberti, M. De Montmollin & J. Theureau (eds.) *Modèles en analyse du travail*, Bruxelles: Mardaga, 229-252.
- Falzon, P. (1996 d) “Des objectifs de l’ergonomie”, in F. Daniellou (ed.) *L’ergonomie en quête de ses principes. Débats épistémologiques*, Toulouse: Octarès, 233-242.
- Falzon P. (1998) “La construction des connaissances en ergonomie: éléments d’épistémologie”. in M.F. Dessaigne & I. Gaillard (eds.) *Des évolutions en ergonomie*, Toulouse: Octarès.
- Falzon, P. (2005) “Analyzing ergonomists’ practice using ergonomics models”, *Proceedings of the 37th Conference of the Nordic Ergonomics Society, Ergonomics NES’2005 “« as a tool in future development and value creation »*, Oslo, 1-6.
- Falzon, P. (2005b) “Ergonomie, conception et développement”, *Conférence introductive. 40ème Congrès de la SELF*, Saint-Denis: La Réunion.
- Falzon, P. & Mas, L.(2007) “Les objectifs de l’ergonomie et les objectifs des ergonomes”, in M. Zouinar, G. Valléry & M.-C. Le Port (sous la coord. de) *Ergonomie des produits et des services, XXXXII° congrès de la SELF*, Toulouse: Octarès.
- Ferreira, Virgínia (1998) “As Mulheres em Portugal: Situação e Paradoxos”. Artigo em linha disponível em [http://www.mulheres-ps20.ipp.pt/MP\\_Sit\\_Paradoxos.htm](http://www.mulheres-ps20.ipp.pt/MP_Sit_Paradoxos.htm) [Data de acesso: 9 de Fevereiro de 2011].
- Ferreira, Virgínia (ed.) (2010) “A Evolução das Desigualdades entre Salários Masculinos e Femininos: Um Percorso Irregular”, *A Igualdade de Mulheres e Homens*

no *Trabalho e no Emprego em Portugal: Políticas e Circunstâncias*, Lisboa: Cite. Cap. 4, 139-190.

Ferreira-Alves, Fernando (2005) “O reenquadramento da formação de tradutores em contexto de trabalho”, *Actas do VIII Seminário de Tradução Científica e Técnica da União Latina*, Lisboa: União Latina.

Ferreira-Alves, Fernando *et al.* (2006) *Quase tudo o que eu (sempre) quis saber sobre tradução – Kit de Sobrevivência*, Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho. Publicação em linha disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/5890>

Ferreira-Alves, Fernando (2006) “Da Profissão à Formação: O reenquadramento da formação de tradutores em contexto de trabalho”, *Actas do VIII Seminário de Tradução Científica da União Latina*.

Ferreira-Alves, Fernando (2006a) "GILTY or not GILTY: O reenquadramento da profissão de tradutor face ao evangelho da normalização”, *Actas da CONTRAPOR – 1ª Conferência de Tradução Portuguesa*, Monte da Caparica, Lisboa: ATeLP (Associação de Tradução em Língua Portuguesa). Artigo em linha disponível em <http://hdl.handle.net/1822/7168>.

Ferreira-Alves, Fernando (2006b) “GILTY or Not GILTY: Tailoring translation profession to the gospel of standardization”, *Proceedings of the Sixth Translation Conference, Translation: technologies and culture*, Portsmouth: University of Portsmouth. Artigo em linha disponível em <http://hdl.handle.net/1822/7167>.

Ferreira-Alves, Fernando (2008) “Linking Professional Practice with Translation Training in a Business-Oriented Setting: The Portuguese Association of Translation Companies Example”, in Valerie Pellatt & Elena Minelli (eds.) *Proceedings of the Bath Symposium*, Cambridge Scholars Publishing, 42-57.

Ferreira-Alves, F. (2009) “Translation markets and the economics of language (a case study)”, Comunicação apresentada no “Workshop on Language and Multilingualism in Management: Themes, Concepts and Methodologies”, Helsinquia: Finlândia.

Ferreira-Alves, Fernando (2011) “Job Perceptions, Identity-Building and Interpersonal Relations among Translators as a Professional Group in Northern Portugal”, *ILCEA* 14 | 2011. Documento em linha disponível em <http://ilcea.revues.org/index1119.html>

Fetterman, David M. (1998) *Ethnography step-by-step*, Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Fidalgo, Joaquim Manuel Martins (2006) *O Lugar da Ética e da Auto-Regulação na Identidade Profissional dos Jornalistas*. Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Braga: Universidade do Minho.

Fidalgo, Joaquim Manuel Martins (2007) “O jornalista, um ‘operário em construção’”, Artigo apresentado no I Colóquio sobre Educação Trabalho e Conhecimento em Grupos



Profissionais (GP\_etc), X Seminário ASPTI, 9 e 10 de Novembro de 2007, Porto: ISSSP.

FIT (2003) "Professionalism: A matter of attitude, *Translatio*, 2003, N° 2-3.

Flynn, Peter (2005) *Linguistic Ethnography of Literary Translation: Irish Poems and Dutch-speaking Translators*, Tese de Doutoramento, Universidade de Gent.

Flynn, Peter (2007) "Exploring Literary Translation Practice: a focus on ethos", *Target* 19:1, John Benjamins Publishing Company, 21-44.

Flynn, Peter (2009) "Fieldwork in Translation Studies -Why not ask them yourself?", CETRA 2009

Fock, Holger, Martin de Haan & Alena Lhotová (2007/2008) *Comparative income of literary translators in Europe*, CEATL (Conseil Européen des Associations de Traducteurs Littéraires. Documento em linha disponível em [www.ceatl.eu](http://www.ceatl.eu).

Fontana, Andrea (2002) "Postmodern Trends in Interviewing", in J. F. Gubrium & J.A. Holstein (eds.) *Handbook of Interview Research Context and Method*, Thousand Oaks, CA: Sage, 161-175.

Foucault, Michel (1971) *L'ordre du discours*, Gallimard.

Fraser, Janet & Michael Gold (2001) "'Portfolio Workers': Autonomy and Control amongst Freelance Translators", *Work Employment & Society*, December 2001, (volume 5) no. 4, 679-697.

Fredriksson, R., W. Barner-Rasmussen & R. Piekkari (2006) "The multinational corporation as a multilingual organization: The notion of a common corporate language", *Corporate Communications: An International Journal*. Vol. 11 No. 4.

Freidson, Eliot (1986) *Professional Powers. A Study of the Institutionalization of Formal Knowledge*, Chicago and London, The University of Chicago Press.

Freidson, Eliot (1994) *Professionalism reborn: theory, prophecy and policy*, Chicago: University of Chicago Press.

Freidson, Eliot (2001) *Professionalism, The Third Logic: on the Practice of Knowledge*, The University of Chicago Press, Chicago.

Freidson, Eliot (1994) "Why art cannot be a profession" (publicado originalmente como "Pourquoi l'art ne peut pas être une profession"), in P.-M. Menger & J.-C. Passeron (eds) *L'art de la recherche. Essais en l'honneur de Raymonde Moulin*, Paris: La Documentation Française.

Freire, João (2009) "Trabalho, emprego e cidadania", *Sociologia*, Revista do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Artigo em linha disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7209.pdf>

Fuchs, Martin (2009) “Reaching out; or, Nobody exists in one context only: Society as translation”, *Translation Studies*, Volume 2, nº 1, Routledge, 21-40.

Gonçalves, Nuno (2010) *A Economia Não Registada em Portugal*, Edições Húmus, 2010. Documento em linha disponível em [http://www.gestaodefraude.eu/images/gf\\_upload/e002.pdf](http://www.gestaodefraude.eu/images/gf_upload/e002.pdf)

Gouadec, Daniel (2002) *Profession: Traducteur*, Paris: La Maison du Dictionnaire.

Gouadec, Daniel (2002a) “Training Translators: Certainties, Uncertainties, Dilemmas”, in Belinda Maia, Johann Haller & Margherita Ulrych (eds) *Training the Language Services Provider for the New Millennium*, Porto: Universidade do Porto (2002), 31-41.

Gouanvic, Jean-Marc (2005) “A Bourdieusian Theory of Translation, or the Coincidence of Practical Instances: Field, 'Habitus', Capital and 'Illusio'”, *The Translator*, Volume 11(2), 2005: Special Issue: *Bourdieu and the Sociology of Translation and Interpreting*, 147-166.

Granja, Berta Pereira (2008) *Assistente social – Identidade e Saber*, Dissertação de Candidatura ao grau de Doutor em Ciências do Serviço Social da Universidade do Porto. Documento em linha disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/7188/2/ASSISTENTE%20SOCIAL%208211%20IDENTIDADE%20E%20SABER.pdf>

Galvão, Elena (2006) “Entre inovação e tradição: viagem ao mundo dos compradores de serviços de tradução na zona do Grande Porto”, *Actas das 5as Jornadas de Tradução*, ESTG: Leiria.

Gambier, Yves, Miriam Shlesinger & Radegundis Stolze (2004) *Doubts and Directions in Translation Studies*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Gambier, Yves & van Doorslaer, Luc (2007) “How about meta? An introduction”, *Target* 19:2, Amsterdam: John Benjamins, 189-195.

Geertz, Clifford (1973) *The Interpretation of Cultures*, New York: Basic Books.

Giddens, A. (1979) *Central problems in social theory: action, structure, and contradiction in social analysis*, Berkeley and Los Angeles: University of California Press.

Giddens, A. (1994) *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras: Celta Editora.

Godin, B. (2005) “The knowledge-based economy: conceptual framework or buzzword?”, *Journal of Technology Transfer* 31, 17-30.

Goffman, Erving (1981) *Forms of Talk*, Oxford: Basil Blackwell.

Goffman, Erving (1993) *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Lisboa: Relógio d'Água.

Gold, Michael & Fraser, Janet (2002) “Managing Self-management: Successful Transitions to Portfolio Careers”, *Work Employment Society* 2002: 16, 579.

Goodwin, Charles (1994) “Professional Vision”, *American Anthropologist* 96(3): 606-633.

Gouanvic, Jean-Marc (1995) “Pour une sociologie de la traduction: le cas de la littérature américaine traduite en France après la Seconde Guerre mondiale (1945-1960)”, in Mary Snell-Hornby, Zuzana Jettmarová & Klaus Kaindl (eds) *Translation as Intercultural Communication*, Amsterdam and Philadelphia: Benjamins, 33-44.

Gouanvic, Jean-Marc (2002) “A Model of Structuralist Constructivism in Translation Studies”, Theo Hermans (ed.) *Crosscultural Transgressions*, Manchester: St. Jerome Publishing.

Gouanvic, Jean Marc (2001) “Ethos, éthique et traduction: vers une communauté de destin dans les cultures”, *TTR: traduction, terminologie, rédaction* 14: 2, 31-47.

Graça Moura, Vasco (Relator) *Relatório sobre o multilinguismo: uma mais-valia para a Europa e um compromisso comum* (2008/2225(INI)), Comissão da Cultura e da Educação.

Grin, François (1994) “The Economics of Language: Match or Mismatch?”, *International Political Science Review* 15: 1, 25-42.

Grin, François (1999) *Compétences et récompenses: la valeur des langues en Suisse*, Fribourg: Éditions Universitaires Fribourg.

Grin, François (2001) “English as economic value: facts and fallacies”, *World Englishes*, 20(1), 65-78.

Grin, François (2002) *Using Language Economics and Education Economics in Language Education Policy. Guide for the development of Language Education Policies in Europe From Linguistic Diversity to Plurilingual Education*. Reference Study, DGIV, Council of Europe: Strasbourg.

Grin, François (2003) “Economics and language planning”, *Current Issues in Language Planning* 4(1), 1-66.

Grin, François, Claudio Sfreddo & François Vaillancourt (2009) *Langues étrangères dans l'activité professionnelle, Report to the Swiss National Science Foundation, National Research Programme 56* (“Multilinguisme et compétences linguistiques en Suisse”), Berne/Geneva. Documento em linha disponível em <http://www.unige.ch/eti/recherches/groupes/elf/recherche-activite/projets-en-cours/LEAP/LEAP-RF-7logos.pdf>.

Grin, François (2010) “The Role(s) of Translation in the Dynamics of Multilingualism”. *Translation Forum*, Bruxelas, 4 e 5 de Março 2010, Luxembourg.

Grin, François & Claudio Sfreddo (2007) “The Economic Value of Multilingualism: Private, Social, and Macroeconomic perspectives”, 27 de Novembro 2009. Documento em linha disponível em <http://www.unige.ch/eti/recherches/groupes/elf/news/fg091127bxl.html>

Grin, François (2008) “L’économie des langues et la veille multilingue”, Colloque International “Traduction et veille stratégique multilingue”, ETI, Université de Genève, 28-29 de Maio 2008.

Grin, François (2009) “The economic value of multilingualism: private, social, and macroeconomic perspectives”, Conference for the presentation of the *Study on the size of the language industry in Europe*, Directorate-General for Translation, European Commission, Brussels, 27 de Novembro de 2009.

Grin, François, Claudio Sfreddo & François Vaillancourt (2010) *The Economics of the Multilingual Workplace*, London: Routledge.

Gubrium, J. & J. Holstein (2002) *Handbook of Interview Research, Context and Method*, Thousand Oaks: Sage.

Hammersley, Martyn & Paul Atkinson (1995) *Ethnography: Principles in practice*, London: Routledge.

Hammond, Deanna L. (ed.) (1994) *Professional Issues for Translators and Interpreters*, Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.

Hanks, William (1987) “Discourse Genres in a Theory of Practice”, *American Ethnologist* 14, 668-692.

Hanks, William F. (1996) *Language and Communicative Practices*, Boulder, Colorado: Westview Press.

Hargreaves, D. (1994) "The New Professionalism: The Synthesis of Professional and Institutional Development", *Teaching and Teacher Education* 10(4), 423-438.

Harris, Marvin (1976) “History and Significance of the Emic/Etic Distinction”, *Annual review of Anthropology* 5, 329-50.

Harzing, A.W., K. Köster & U. Magner (2011) “Babel in Business: The language barrier and its solutions in the HQ-subsidiary relationship”, *Journal of World Business* 46: 3, 279-287.

Hatim, Basil & Ian Mason (1990) *Discourse and the Translator*, London: Longman.

Headland, Thomas N., Kenneth L. Pike & Marvin Harris (1990) *Emics and Etics: The Insider/Outsider Debate*, Sage Publications.

Heilbron, Johan (1999) “Towards a Sociology of Translation: Book Translations as a Cultural World-System”, *European Journal of Social Theory* 2(4), 429–445.

Heilbron, Johan & Gisèle Sapiro (eds.) (2002) *Traduction: les échanges littéraires internationaux*, Special issue of *Actes de la recherche en sciences sociales* 144 (3).

Heilbron, Johan & Gisèle Sapiro (2002a) “La traduction littéraire, un objet sociologique”, *Actes de la recherche en sciences sociales* 2002/2 – 144, Le Seuil, 3-5.

Heilbron, Johan & Gisèle Sapiro (2007) “Outline for a sociology of translation: Current issues and future prospects”, in Michaela Wolf & Alexandra Fukari (eds.) *Constructing a Sociology of Translation*, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Heilbron, Johan & Gisèle Sapiro (2007a) “Towards a sociology of translation: current issues and future prospects”, in Michaela Wolf (dir.) *Translation sociology - a new discipline under construction*, Selected papers from the International conference on Translating and Interpreting as a Social Practice, Graz, 5-7 May 2005, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

Heilbron, Johan (2010) “Structure and Dynamics of the World System of Translation, UNESCO, International Symposium ‘Translation and Cultural Mediation’, Fevereiro 22-23, 2010. Artigo em linha disponível em <http://portal.unesco.org/culture/en/files/40619/12684038723Heilbron.pdf/Heilbron.pdf>

Heinich, Nathalie (1984) “Les traducteurs littéraires: l’art et la profession”., *Revue française de sociologie*, Vol. 25, No. 2 (Abril - Junho 1984), 264-280.

Hermans, Johan & José Lambert (1998) “From translation markets to language management: the implications of translation services”, *Target* 1998 10(1), Amsterdam: John Benjamins, 113-132.

Hermans, Johan & Peter Simoens (1994) *Taal, Vertaling, Management. Verkenningen in een economisch niemandsland*, The CERA Chair for Translation, Communication and Culture, Leuven.

Hermans, Theo (1995) “Translation as Institution”, in Mary Snell-Hornby, Zuzana Jettmarová & Klaus Kaindl (eds.) *Translation as Intercultural Communication*, Amsterdam and Philadelphia: Benjamins, 3-20.

Hermans, T. (1996) “Translation's other”, An Inaugural Lecture delivered at University College London on Tuesday 19 March 1996, University College London.

Hermans, T. (1996 e 1997) “Norms and the determination of translation: a theoretical framework”. in R. Alvarez & M. Vidal (eds.) *Translation, Power, Subversion. Topics in Translation* (26), Clevedon, England: Multilingual Matters, 25-51.

Hermans, Theo (ed.) (1985): *The Manipulation of Literature. Studies in Literary Translation*. New York: St Martins Press.

Hermans, Theo (1999) “Translation and Normativity”, in Christina Schaffner (ed.) *Translation and Norms*, Clevedon: Multilingual Matters Ltd.

Hermans, Theo (1999a) *Translation in Systems. Descriptive and System-oriented Approaches Explained*, Manchester: St. Jerome Publishing.

Hermans, T (2002) “The Production and Reproduction of Translation: System Theory and Historical Context”. in S. Paker (ed.) *Translations: (Re)shaping of Literature and Culture*. Istanbul: Bogazici University Press, 175 – 194.

Hermans, Theo (2002) “Paradoxes and Aporias in Translation and Translation Studies”, in Alessandra Riccardi (ed.) *Translation Studies: Perspectives of an emerging discipline*, Cambridge: Cambridge University Press.

Holmes, James S. (1998) “The Name and Nature of Translation Studies” [1972] in R. van den Broeck (ed.), *Translated!*, Amsterdam: Rodopi, 67-80.

Holstein, J.A. & J.F. Gubrium (1995) *The Active Interview*, Thousand Oaks CA: Sage.

Hollway, W. & Tony Jefferson (2000) *Doing Qualitative Research Differently - Free Association, narrative and the Interview Method*, Sage.

Howe, J. (2008) *Crowdsourcing: Why the power of crowd is driving the future of business*, London: Randomhouse.

Inghilleri, Moira (2003) “Habitus, field and discourse: interpreting as a socially situated activity”, *Target* 15(2): 243-268, Amsterdam: John Benjamins.

Inghilleri, Moira (2005) “The Sociology of Bourdieu and the Construction of the ‘Object’ in Translation and Interpreting Studies”, *The Translator* 11/2: 125-145.

Inghilleri, Moira (2005a) “Mediating Zones of Uncertainty: Interpreter agency the Interpreting Habitus and Political Asylum Adjudication”, *The Translator* 11(1): 69-85.

Inghilleri, Moira (ed.) (2005b) *Bourdieu and the Sociology of Translation and Interpreting*, Special issue of *The Translator* 11 (2), St. Jerome.

Jänis, Marja (1996) “What Translators of Plays Think About Their Work”, *Target* 8(2): 341-364.

Janssens, Maddy, José Lambert & Chris Steyaert (2003) *Developing Language Strategies for International Companies: The Contribution of Translation Studies*, Research report 0316 D/2003/2376116. Documento disponível em linha [https://lirias.kuleuven.be/bitstream/123456789/118331/1/OR\\_0316.pdf](https://lirias.kuleuven.be/bitstream/123456789/118331/1/OR_0316.pdf)

Jenner, Judy A. & Dagmar V. Jenner (2010) *The Entrepreneurial Linguist: The Business-School Approach to Freelance Translation*, Lulu.com.

Johnson, Allan G. (2000) *The Blackwell Dictionary of Sociology*, Oxford, UK: Blackwell.

Kalinowski, Isabelle (2002) “La vocation au travail de traduction”, *Actes de la recherche en sciences sociales* 2002/2: 144, Le Seuil, 47-54.

Katan, David (1999) *Translating Cultures: An Introduction for Translators, Interpreters and Mediators*, Manchester: St. Jerome.

Katan, David (2009) "Translation Theory and Professional Practice: A Global Survey of the Great Divide", *Hermes – Journal of Language and Communication Studies* 42(2009).

Kaufmann, Jean-Claude (1996) *L'Entretien Comprehensif*, Éditions Nathan: Nathan Université.

Keating, Maria Eduarda (1992) "Alguns Problemas da Tradução de Textos sob Restrição", in *Diacrítica*, nº 7, Braga (1992), 283-294.

Keating, Maria Eduarda (1995) "Queneau: a Tradução do Jogo e o Jogo da Tradução" in *Diacrítica*, nº 10, (1995), Braga, 491-534.

Keating, Maria Eduarda (1996) "A 'Autor'idade em Tradução", in M. Losa, I. Sousa, G. Vilas-Boas (1996), *Literatura Comparada: os novos paradigmas*, Actas do II Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, Porto, 263-273.

Keating, Maria Eduarda (2000) "Provocações ao Tradutor: a Literatura como jogo e a crise dos conceitos de tradução", in John Milton (2000), *Anais do VII Encontro de Tradutores da ABRAPT* (Associação Brasileira de Profissionais de Tradução), Universidade de S.Paulo, Brasil, <http://www.fflch.usp.br/sitesint/abrapt> (em "Anais").

Keating, Maria Eduarda (2001) «Das fronteiras do «estranho». Edgar Allan Poe por Baudelaire, Mallarmé e Pessoa», in João Ferreira Duarte (org.), *A tradução na encruzilhada das culturas*, Lisboa: Colibri, 2001, pp. 119-130.

Keating, Maria Eduarda (2001a) "Escritas Nómadas e Subservão do Paradigma da Viagem", Actas do IV Congresso da APLC, Évora: Universidade de Évora.

Keating, Maria Eduarda & Ana Gabriela Macedo (org.) (2005) *Estudos de Tradução/Estudos Pós-Coloniais*, Actas do V Colóquio de Outono, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho: Braga.

Keating, Maria Eduarda (2006) Seminário «Traduzir o *Livro do Desassossego*», in *Diacrítica* 20.32006, Revista do Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga.

Keen, A. (2007) *The cult of the amateur*, New York: Doubleday.

Kelly, Nataly, Robert G. Stewart & Rocío Txabarriaga (2009) *The European Translation Market: Main Sectors and Drivers for Language Services in Europe*, Common Sense Advisory, Inc., Lowell, Massachusetts, United States of America.

Kelly, N. (2009a) *Freelance translators clash with LinkedIn over crowdsourced translations*. Documento disponível em <http://www.globalwatchtower.com/2009/06/19/linkedin-ct3/> [Data de acesso: 18 de Outubro de 2009]

Kelly, Nataly & Robert G. Stewart (2011) *The Language Services Market: 2011 – An Annual Review of the Translation, Localization, and Interpreting Services Industry*, Common Sense Advisory.

Kingscott, Geoffrey (1986) “Who are the translators? The growing professionalism of translating”, in Catriona Picken (ed.) *Translating and the Computer*, London: Aslib.

Kingsley, Leilarna Elizabeth (2010) *Language Policy in Multilingual Workplaces: Management, practices and beliefs in banks in Luxembourg*, Dissertação de doutoramento, Victoria University of Wellington.

Kiraly, Don (2000) *A Social Constructivist Approach to Translator Education. Empowerment from Theory to Practice*, Manchester: St. Jerome Publishing.

Kinnunen, Tuija & Kaisa Koskinen (eds.) (2010) *Translator’s Agency, Tampere Studies in Language Translation and Culture* (Series B 4), Tampere University Press.

Kingma, Bruce R. (2001) *The Economics of Information*, Englewood, Colorado: Libraries Unlimited, Inc.

Klein, Lisl (1976) *A Social Scientist in Industry*, Epping, Essex : Gower Press.

Kneale, Pauline & Patrick Sim (2007) *Languages and enterprise: Having an idea and making it happen* (Dezembro 2007), Routes into languages. Documento em linha disponível em [www.routesintolanguages.ac.uk/enterprise](http://www.routesintolanguages.ac.uk/enterprise)

Grähs, L., G. Korlén & B. Malmberg (eds.) (1978) *Theory and Practice of Translation*, Bern, Frankfurt, Las Vegas: Lang.

Koskinen, Kaisa (2000) *Beyond Ambivalence, Postmodernity and the Ethics of Translation*, Academic Dissertation, University of Tampere.

Koskinen, Kaisa (2008) *Translating Institutions. An Ethnographic Study of EU Translation*, Manchester: St. Jerome.

Koskinen, Kaisa (2009) “Going Localised – Getting Recognised. The Interplay of the Institutional and the Experienced Status of Translators in the European Commission”, *Hermes – Journal of Language and Communication Studies* 42-2009. Artigo em linha disponível em [http://download2.hermes.asb.dk/archive/download/Hermes-42-6-koskinen\\_net.pdf](http://download2.hermes.asb.dk/archive/download/Hermes-42-6-koskinen_net.pdf)

Krejsler, John (2005) “Professions and Their Identities: How to Explore Professional Development among (Semi-)Professions”, *Scandinavian Journal of Educational Research* v49 n4: 335-357.

Kreutzer, Martin & Wilhelm Neunzig (1994) “¿Traductores especializados o especialistas en traducción? Reflexiones en torno a la futura formación de traductores e intérpretes en el ámbito europeo”, *Actes del II Congrès Internacional sobre Traducción*, UAB.



Krishna, S. D. (2005). "The value of language: concept, perspectives, and policies", *Corporate Communications: An International Journal*. Vol. 10 No. 4.

Kvale, Steinar (1996) *Interviews: An introduction to qualitative research interviewing*, Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Kvale, Steinar & Svend Brinkmann (2009) *InterViews: Learning the Craft of Qualitative Research Interviewing*, Sage.

Lambert, José (1980) "Production, tradition et importation: une clef pour la description de la littérature et de la littérature en traduction [Production, tradition and import: a key for the description of literature and literature in translation]," in Dirk Delabastita, Dirk, Lieven D'Hulst & Reine Meylaerts (2006) (eds.) *Functional Approaches to Culture and Translation: Selected papers by José Lambert*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Lambert, José & Hendrik van Gorp (1985) "On Describing Translations". in Theo Hermans (ed.). *The Manipulations of Literature. Studies in Literary Translation*, London & Sydney: Croom Helm, 42-53.

Lambert, José (1989) "La Traduction, les langues et la communication de masse. Les Ambiguïtés du discours international", *Target*, I(2): 215-237.

Lambert, José (1991) "In quest of literary world maps", in Dirk Delabastita, Dirk, Lieven D'Hulst & Reine Meylaerts (2006) (eds.) *Functional Approaches to Culture and Translation: Selected papers by José Lambert*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Lambert, José (1991a) 'Shifts, Oppositions and Goals in Translation Studies: Towards a genealogy of Concepts', in Kitty van Leuven-Zwart & Ton Naaijken (eds) *Translation Studies: The State of the Art*, Amsterdam & Atlanta GA: Rodopi, 25-37.

Lambert, José (1983) "L'éternelle question des frontières: littératures nationales et systèmes littéraires [The eternal question of borders: national literatures and literary systems]", in Dirk Delabastita, Dirk, Lieven D'Hulst & Reine Meylaerts (2006) (eds.) *Functional Approaches to Culture and Translation: Selected papers by José Lambert*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Lambert, José (1994) "The Cultural Component Reconsidered", in Mary Snell-Hornby (ed.) *Translation Studies - An Interdiscipline*, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 17-26.

Lambert, José (1996) "Language and Translation as Management Problems: A New Task for Education". Cay Dollerup & Vibeke Appel (eds.) *Teaching Translation and Interpreting 3*, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 271-293.

Lambert, José & Lefevere, André (1977) "Traduction, traduction littéraire et littérature comparée", in Paul Horguelin (ed.) *La traduction, une profession*. Actes du XVIIe Congrès de la FIT (Montréal, Conseil des traducteurs et interprètes du Canada) .

Lambert, José (2007) “Translation and the globalization of the modern world”, in Armin Frank, Norbert Greiner, Theo Hermans, Harald Kittel, Werner Koller, José Lambert, Fritz Paul (eds). Hrsg. *Übersetzung - Translation - Traduction. Ein Internationales Handbuch zur Übersetzungsforschung. An International Encyclopedia of Translation Studies. Encyclopédie internationale de la recherche sur la traduction*, Bd. II. Berlin & New York: Walter de Gruyter (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft), 1680-1700.

Larson, Magali S. (1977) *The Rise of Professionalism. A Sociological Analysis*, Berkeley, California: University of California Press.

Lauring, Jakob & Toke Bjerregaard (2007) “Language Use and International Business: What Can We Learn from Anthropology?”, *Hermes – Journal of Language and Communication Studies* 38-2007.

Lavault-Olléon, Élisabeth & Véronique Sauron (2009) “*Journaliste et traducteur : deux métiers, deux réalités*”, *ILCEA* Número 11 (2009). Artigo em linha disponível em <http://ilcea.revues.org/index210.html>

Lavault-Olléon, Élisabeth (2011) «L’ergonomie, nouveau paradigme pour la traductologie», *ILCEA* 14/2011. Documento em linha disponível em <http://ilcea.revues.org/index1078.html>.

Lazarsfeld, P. F. (1948) *What is Sociology?*, Oslo, Universitets Studentkontor.

Lazarsfeld, R. F. & M. Rosenberg (eds.) (1955) *The Language of Social Research*. Glencoe/III: The Free Press.

Lazarsfeld, P. F. & J. G. Reitz (1975) *An Introduction to Applied Sociology*, New York, Oxford, Amsterdam: Elsevier.

Le Blanc, Charles (2009) *Le complexe d’Hermès: Regards philosophiques sur la traduction*, University of Ottawa Press

Limon, David (2005) “A Social Profile of the Translator in Slovenia”, Paper presented at the international conference, *Translating and Interpreting as a Social Practice*, University of Graz, Austria, 5-7 Maio, 2005.

Maalouf, Amin (2008) “A rewarding challenge. How the multiplicity of languages could strenghten Europe”, Proposals from the Group of Intellectuals for Intercultural Dialogue set up at the initiative of the European Commission, Bruxelas 2008.

Machado, Carlos José Saldanha & Márcia de Oliveira Teixeira (2005) “A Inovação para a Sociologia da Tradução”, *AIBR. Revista de Antropología Iberoamericana*. Artigo em linha disponível em <http://www.aibr.org/antropologia/44nov/articulos/nov0507b.pdf>

McKay, Corinne (2006) *How to Succeed as a Freelance Translator*, Lulu.com.

Magalhães, Francisco José (1996) *Da Tradução Profissional em Portugal*, Coleção Voz de Babel, Lisboa: Edições Colibri.

Maia, Belinda (2002) “The industrialisation of translation - will it work?”, *Génesis* nº 2, Revista científica do ISAI.

Maia, Belinda (2003) “Ensinar como especializar-se”, *Actas do V Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa*, Lisboa: União Latina. Artigo em linha disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/28899/2/ensinar000072689.pdf>. [Data de acesso: 12 de Maio de 2011]

Marschan-Piekkari, R., D. Welch & L. D. (1999) “Adopting a common corporate language: IHRM implications”, *International Journal of Human Resource Management*. Vol. 10 No. 3

Marques, Ana Paula (2004) “Mercados profissionais e (di)visões identitárias de jovens engenheiros”, *Sociologia*, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 165-194. Artigo em linha disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/271.pdf>

Mateus, Abel (1998) *Economia Portuguesa deste 1910* (2ª edição revista e aumentada), Lisboa: Verbo.

Mayoral Asensio, Roberto (2001) *Aspectos epistemológicos de la traducción*, Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I.

Mazur, Iwona (2009) “The metalanguage of localization: Theory and practice”, in Yves Gambier & Luc van Doorslaer (eds.) *The Metalanguage of Translation*, Amsterdam: John Benjamins.

Meylaerts, Reine (2008) “Translators and (their) norms: Towards a sociological construction of the individual”, in Anthony Pym, Miriam Shlesinger & Daniel Simeoni (eds.) *Beyond Descriptive Translation Studies*, 91–102.

Mikkelsen, Holly (1996/2004) “The Professionalization of Community Interpreting”, *Global Visions: Proceedings of the 37th Annual Conference of the American Translators Association*. Artigo em linha disponível em <http://www.acebo.com/papers/PROFSLZN.HTM>

Milton, John (2004) “The Figure of the Factory Translator: University and Professional Domains in the Translation Profession”, in Daniel Gile, Gyde Hansen & Kirsten Malmkjær (eds.) *Claims, Changes and Challenges in Translation Studies: Selected Contributions from the EST Congress*, Copenhagen 2001, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 169-179.

Milton, John (2008), “The importance of economic factors in translation publication: an example from Brazil”, in Anthony Pym, Miriam Shlesinger & Daniel Simeoni (eds.) *Beyond Descriptive Translation Studies: Investigations in Homage to Gideon Toury*. Amsterdam: John Benjamins, 163-173.

Milton, John (2009) "Translation Studies and Adaptation Studies", Tarragona: Universidade de Rovira I Virgili. Artigo em linha disponível em [http://isg.urv.es/publicity/isg/publications/trp\\_2\\_2009/chapters/milton.pdf](http://isg.urv.es/publicity/isg/publications/trp_2_2009/chapters/milton.pdf)

Moerman, Michael (1988) *Talking Culture, Ethnography and Conversation Analysis*, University of Pennsylvania Press.

Monzó i Nebot, Esther (2002) *La professió del traductor jurídic i jurat. Descripció sociològica de la professió i anàlisi discursiva del transgènere*, Barcelona, Castellón: CESCO, Universitat Jaume I.

Monzó I Nebot, Esther (2005) "Being ACTIVE in Legal Translation and Interpreting: Researching and Acting on the Spanish Field", *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal* vol. 50(4).

Monzó i Nebot, Esther (2006) "¿Somos profesionales? Bases para una sociología de las profesiones aplicada a la traducción". in Arturo Parada & Óscar Díaz Fouces (eds.) *Sociology of Translation*, Vigo: Universidade de Vigo.

Moussaian, Ara (1995) "Les apports de la traduction aux acteurs du commerce international", *Revue internationale de droit comparé* 47(2), 489–494. Artigo em linha disponível em [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ridc\\_0035-3337\\_1995\\_num\\_47\\_2\\_5079](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ridc_0035-3337_1995_num_47_2_5079)

Munday, Jeremy (2008) *Introducing Translation Studies: Theories and applications*. London & New York: Routledge.

Munday, Jeremy (ed.). 2009. *The Routledge Companion to Translation Studies*. London & New York: Routledge.

Municio, Ángel Martim (2003) *El valor económico de la lengua española*, Madrid: Fundación Santander Central Hispano.

Navas, Cristina & Rocío Palomares Perraut (2002) "Un Estudio Del Mercado Español De La Traducción En Internet [An Approach of the Spanish Translation Market on the Internet]", *Translation Journal*, Vol. 6, Nº 2, 2002. Artigo em linha disponível em <http://www.foreignword.com/Articles/Palomares/default.htm> [Data de acesso: 5 de Setembro de 2011)

Newman, Andrew Adam (2009) "Translators Wanted at LinkedIn. The Pay? \$0 an Hour". *New York Times*, 29 Junho de 2009. Artigo disponível em [http://www.nytimes.com/2009/06/29/technology/start-ups/29linkedin.html?\\_r=1](http://www.nytimes.com/2009/06/29/technology/start-ups/29linkedin.html?_r=1)

Nogueira, C. (2001) "A análise do discurso", in L. Almeida & E. Fernandes (eEds.) *Métodos e técnicas de avaliação: novos contributos para a pratica e investigação*, Braga: CEEP.

Nord, Christiane (1991) "Scopos, Loyalty, and Translational Conventions", *Target* 3:1, 91-109.

Nord, Christiane (2005) “Training functional translators”, in Martha Tennent (ed.) *Training for the New Millennium*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 209–223.

Oliveira, Maria da Luz, Maria João Pais & Belmiro Gil Cabrito, (1992) *Economia Portuguesa*, Lisboa: Texto Editora.

Ollivier, Michèle (2000) “‘Too Much Money off Other People’s Backs:’ Status in Late Modern Societies”, *The Canadian Journal of Sociology* 25(4), 441-470.

Ortiz-Sotomayor, Jesús Maroto (2005) *Cross-cultural digital marketing in the age of globalization. An analysis of the current environment, theory & practice of global advertising strategies and a proposal for a new framework for the development of international campaigns*. A dissertation submitted in partial fulfillment of the requirements for the Diploma of Advanced Studies, Universitat Rovira i Virgili, Tarragona, Espanha. Documento em linha acessível em [http://www.jesusmaroto.com/images/MAROTO\\_MinorDissertation.pdf](http://www.jesusmaroto.com/images/MAROTO_MinorDissertation.pdf)

Oustinoff, Michaël (2003) *La traduction*, Coleção *Que sais-je*, Paris: PUF.

Pálsson, Gísli (ed.) (1994) *Beyond Boundaries: Understanding, Translation and Anthropological Discourse*, Oxford/Providence: Berg.

Parada, Arturo & Óscar Díaz Fouces (2006) (eds.) *Sociology of Translation*, Vigo: Universidade de Vigo.

Parsons Talcott (1939) “The professions and social structure”, Talcott Parsons, *Essays in sociological theory*, New York: Free Press of Glencoe (revised ed. 1954), 34– 49.

Parsons Talcott (1975) “Professions”, in David L. Sills (ed.) *International encyclopedia of the social sciences*, Vol.12, New York: Macmillan, 536– 547.

Parsons, Talcott (1954) *Essays in sociological theory*, New York: Free Press of Glencoe.

Petrelli, Susan (ed.) (2003), *Translation, Translation*, Amsterdam, New York: Rodopi.

Piekkari, Rebecca (2010) “Translation and MNC effectiveness”, EIBA.

Piekkari, Rebecca & Susanne Tietze (2011) “A world of languages: Implications for international management research and practice”, *Journal of World Business* (volume 46), 267-269.

Pike, Kenneth L. (1966) “Etic and Emic Standpoints for the Description of Behavior”, in A.G. Smith (ed.) *Communication and Culture: Readings in the Codes of Human Interaction*, New York: Holt, Rinehart, & Winston, 152-163.

Pimentel, Manuel (2006) “El peso económico de la lengua española”, *Cinco Dias*, 1/11/2006.

Pöchhacker, Franz (2006) “Going social?” On the pathways and paradigms in Interpreting Studies’, in Anthony Pym, Miriam Shlesinger & Zuzana Jettmarová (eds.) *Sociocultural Aspects of Translating and Interpreting*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 215–232.

Projeto LEAP (2009) “Les langues étrangères dans l’activité professionnelle” (« Projet LEAP »), Un projet de recherche du Fonds national de la recherche scientifique (FNRS). Extraits du rapport final, Março 2009.

Projeto LEAP (2009) “Programme national de recherche 56 / Multilinguisme et competences linguistiques en Suisse. Langues etrangeres dans l’activite professionnelle” (“LEAP”), Projet n° 405640-108630. Rapport final de recherché, 17 Feveiro 2009.

Pym, Anthony, Miriam Shlesinger & Zuzana Jettmarová (eds.) (2006) *Sociocultural Aspects of Translating and Interpreting*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Pym, Anthony (1988) “Les notions de *réseau* et de *régime* en relations littéraires internationales”, *L’Internationalité littéraire*, Paris-Barcelona: Noesis, 5-21. Artigo em linha disponível em <http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/intercultures/notions.html>

Pym, Anthony (1992) *Translation and text transfer*, Frankfurt am Main: Peter Lang. Documento em linha disponível em [http://usuaris.tinet.cat/apym/publications/text\\_transfer/entry.html](http://usuaris.tinet.cat/apym/publications/text_transfer/entry.html)

Pym, Anthony (1997) *Pour une éthique du traducteur*, Presses de l’Université d’Ottawa, Arras: Artois Presses Université/Ottawa: Presses de l’Université d’Ottawa.

Pym, Anthony (1998) *Method in Translation History*, Manchester: St. Jerome.

Pym, Anthony (1998a) “Ideologies of the Expert in Discourses on Translator Training”, First On-Line Colloquium on Translation, *Quaderns. Revista de traducció 1*

Pym, Anthony & Gambier, Yves (2000) "Training Translators and European Unification: A Model of the Market". Artigo em linha disponível em [http://europa.eu.int/comm/translation/theory/lectures/2000\\_tp\\_pym.pdf](http://europa.eu.int/comm/translation/theory/lectures/2000_tp_pym.pdf) [Data de acesso: 17 de Julho de 2006]

Pym, Anthony (2000a) "Globalization and Segmented Language Services", Intercultural Studies Group, Universitat Rovira i Virgili, Tarragona, Espanha. Artigo em linha disponível em <http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/translation/segmentation.htm>

Pym, Anthony (2002) “Introduction: The Return to Ethics in Translation Studies”, *The Translator* 7(2): 129-138.

Pym, Anthony (2002a) “Training Language Service Providers: Local Knowledge in Institutional Contexts”, in Belinda Maia, Johann Haller & Margherita Ulrych (eds.) *Training the Language Services Provider for the New Millennium*, Porto: Universidade do Porto, 21-30.

Pym, Anthony (2003) "A Theory of Cross-Cultural Communication", Intercultural Studies Group, Universitat Rovira i Virgili, Tarragona, Espanha. Artigo em linha disponível em <http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/intercultures/cross-cultural.pdf>

Pym, Anthony (2004) *The Moving Text. Localization, Translation, and Distribution*, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.

Pym, Anthony (2004a) "Propositions on cross-cultural communication and translation", *Target*, Volume 16, Number 1, 1-28(28).

Pym, Anthony (2005) "Localization: On its nature, virtues and dangers", Intercultural Studies Group, Universitat Rovira i Virgili, Tarragona, Espanha. Artigo em linha disponível em [http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/translation/Localization\\_bergen.doc](http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/translation/Localization_bergen.doc)

Pym, Anthony (2006) "On the social and cultural in Translation Studies", in Anthony Pym, Miriam Shlesinger & Zuzana Jettmarová (eds). *Sociocultural Aspects of Translating and Interpreting*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Pym, Anthony (2006a) "Localization, training and the threat of fragmentation", Intercultural Studies Group, Universitat Rovira i Virgili, Tarragona, Espanha. Artigo em linha disponível em [http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/translation/Localization\\_monterey.doc](http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/translation/Localization_monterey.doc)

Pym, Anthony (2006b) "Globalization and the Politics of Translation Studies", *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 52, n° 4, pp. 744-757.

Pym, Anthony (2010) *Exploring translation theories*, Routledge.

Rampton, Ben *et al.* (2004) "UK linguistic ethnography: A discussion paper". Documento em linha disponível em <http://www.ling-ethnog.org.uk/papers.htm> [Data de acesso: 30 de Abril de 2009].

Reuss, Jacqueline, Carmelo Cancio & Edith Alexandre (2001) *Rapport sur l'Enquête "Profil des traducteurs professionnels" menée par la SFT en 2001*.

Rinsche, A. *et al.* (2009) *Study on the size of the language industry in the EU*, Bruxelas: Comissão Europeia.

Rittenhofer, Iris & Martin Nielsen (2009) "Marketscapes. Market between Culture and Globalization", *Hermes – Journal of Language and Communication Studies* 43. Artigo em linha disponível em [http://pure.au.dk/portal-asb/files/9827/Hermes-43-3-rittenhofer\\_nielsen.pdf](http://pure.au.dk/portal-asb/files/9827/Hermes-43-3-rittenhofer_nielsen.pdf)

Robinson, Douglas (1997) *Becoming a Translator: an accelerated course*, London: Routledge.

Robinson, Douglas (2003) *Becoming a Translator: An Introduction to the Theory and Practice of Translation*, London and New York: Routledge.

Rinsche, A. & N. Portera-Zanotti (2009) *The size of the language industry in the European Union*, LTC - The Language Technology Centre.

Rochard, Michel (2001) “La professionnalisation au DESS ILTS de l’Université Denis Diderot (Paris 7)”, in Daniel Gouadec (ed.). *Actes du colloque international de l’Université de Rennes*.

Rodrigues, Maria L. (1997) *Sociologia das Profissões*, ed. 1ª, Oeiras: Celta Editora.

Rodríguez Morató, Arturo (1997) *La problemática profesional de los escritores y traductores. Una visión sociológica*, Barcelona: ACEC.

Romaine, Matthew *et al.* (2009) *State of the Translation Industry 2009 – Smarter, More Casual*, MyGengo.

Roy, Cynthia B. (2002) “The problem with definitions, descriptions, and the role metaphors of interpreters”, in Franz Pöchhacker & Miriam Shlesinger (eds) *The Interpreting Studies Reader*, London: Routledge, 345-353.

Rubin, H. & I. Rubin (1995 e 2004) *Qualitative Interviewing: The Art of Hearing Data*, Thousand Oaks CA: Sage Publications.

Rubinstein, Ariel (2000) *Economics and Language: Five Essays*, The Churchill Lectures in Economic Theory, Tel Aviv University, Princeton University: Cambridge University Press.

Ruellan, Denis (1993) *Le Professionnalisme du Flou – Identité et savoir faire des journalistes français*, Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble, 1993.

Said, F. M. (2010) *Fidus Interpres – A Prática da Tradução Profissional*, 1ª edição. Edição de Autor, São Paulo.

Salmi, Leena (2010) ‘Translations around us’ – the amount of translated text in everyday life, *MikaEL 1*, Electronic proceedings of the KäTu symposium on translation and interpreting studies 4 (2010). Artigo em linha disponível em [http://www.sklt.fi/@Bin/40746/Salmi\\_MikaEL2010.pdf](http://www.sklt.fi/@Bin/40746/Salmi_MikaEL2010.pdf)

Samuelsson-Brown, Geoffrey (2006) *Managing Translation Services*, Clevedon, Buffalo, Toronto: Multilingual Matters.

Sapiro, Gisèle (2008) “Normes de traduction et contraintes sociales”, in Anthony Pym, Miriam Shlesinger & Daniel Simeoni (eds.) *Beyond descriptive translation studies. Investigations in homage to Gideon Toury*, Amsterdam: John Benjamins, 199-208.

Sapiro, Gisèle (2008) *Translatio: Le marché de la traduction en France à l’heure de la mondialisation*, Paris: CNRS Editions.

Schäler, Reinhard (2005) “GUI Localisation Workshop”, Seminário “Technology for Translation Teachers”, Braga, Portugal, 27 Junho a 1 de Julho, 2005. Consortium for



Training Translation Teachers (CTTT) em cooperação com o Intercultural Studies Group e o Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho.

Schön, D. A. (1983) *The Reflective Practitioner. How professionals think in action*, London: Temple Smith.

Sela-Sheffy, Rakefet (1997) “Models and Habitus as Hypotheses in Culture Analysis”, *Canadian Review of Comparative Literature* 24(1): 35-47.

Sela-Sheffy, Rakefet (1997a) “Models and Habitus: Problems in the Idea of Cultural Repertoires”, *Canadian Review of Comparative Literature* 24 (1): 35-47.

Sela-Sheffy, Rakefet (2000) "The Suspended Potential of Culture Research in TS", *Target* 12(2): 345-355.

Sela-Sheffy, Rakefet (2005) “How to Be a (Recognized) Translator: Rethinking Habitus, Norms, and the Field of Translation”, *Target* 17(1): 1–26.

Sela-Sheffy, Rakefet (2006), “The Pursuit of Symbolic Capital by a Semi-Professional Group: The Case of Literary Translators in Israel”, in Michaela Wolf (ed.) *Übersetzen – Translating – Traduire: Towards a “Social Turn”?*, Münster, Hamburg, Berlin, Wien, London: LIT, 243-262.

Sela-Sheffy, Rakefet (2008) “The Translators’ Personae: Marketing Translational Images as Pursuit of Capital”, *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators’ Journal* 53(3), 609-622.

Sela-Sheffy, Rakefet & Miriam Shlesinger (2008) "Strategies of Image-Making and Status Advancement of Translators and Interpreters as a Marginal Occupational Group", in Anthony Pym, Miriam Shlesinger & Daniel Simeoni (eds.) *Beyond Descriptive Translation Studies: Investigations in homage to Gideon Toury*, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 79–90.

Schäffner, Christina (1998) “The Concept of Norms in Translation Studies”, *Current Issues in Language & Society* 5(1-2): 2-9.

Schaffner, Christina (1999) *Translation and Norms*, Clevedon: Multilingual Matters Ltd.

Schäffner, Christina (ed.) (2002) *The role of discourse analysis for translation and in translator training*, Clevedon: Multilingual Matters.

Schäffner, Christina (2010) “Norms of translation”, in Yves Gambier & Luc van Doorslaer (eds.) *Handbook of Translation Studies*, 235–244.

Shlesinger, Miriam (1999) “Norms, Strategies and Constraints: How Do We Tell Them Apart?”, in Alberto Álvarez Luján & Anxo Fernández Ocampo (eds.) *Anovar / Anosar: Estudios de traducción e interpretación*, Vigo: Universidade de Vigo, 65-77.

Shlesinger, Miriam (2009) "Crossing the divide: What researchers and practitioners can learn from one another", *The International Journal for Translation & Interpreting Research* trans-int.org (1:1) Artigo em linha disponível em <http://www.trans-int.org/index.php/transint/article/viewFile/46/33>

Schneider, Friedrich & Dominik H. Enste (2002) "Shadow Economies: Size, Causes, and Consequences", *Journal of Economic Literature*, Vol. XXXVIII (Março de 2000), 77–114.

SFT (2008) *Résultats Préliminaires. SFT Enquête Tarifs*. Commission de statistiques et d'étude du marché. Setembro 2008/2009 .

Shreve, Gregory (2000) "Translation at the millennium: Prospects for the evolution of a profession, in Peter A. Schmitt (ed.) *Paradigmenwechsel in der Translation. Festschrift für Albrecht Neubert zum 70 Geburtstag*, Tübingen: Stauffenburg, 217-234.

Silverman, David (1993) *Interpreting Qualitative Data. Methods for Analysing Talk, Text and Interaction*. London: Sage.

Silverman , David (1997) *Qualitative Research. Theory Method and Practice*, London: Sage.

Silverman, David (2000) *Doing Qualitative Research. A Practical Handbook*, London: Sage

Simeoni, Daniel (1998) "The Pivotal Status of the Translator's Habitus", *Target* 10(1): 1-39, Amsterdam: John Benjamins.

Simeoni, Daniel (2000) "Studying Translation: Studying Rationalities in Contact/Conflict", *MLA 2000*, Washington, Dec. 28, Panel on Translation and the Conditions of knowledge.

Simeoni, Daniel (2007) "Translation and Society: The Emergence of a Conceptual Relationship", in Paul St-Pierre & Prafulla C. Kar (eds.) *In Translation – Reflections, Refractions, Transformations*, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Snell-Hornby, Mary (1991) 'Translation Studies - Art, Science or Utopia?', in Kitty M. van Leuven-Zwart & Ton Naaijken (eds) *Translation Studies: The State of the Art*, Amsterdam & Atlanta GA: Rodopi, 13-23.

Snell-Hornby, Mary (1995) *Translation Studies: An Integrated Approach*, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Sousa Santos, Boaventura (2001) *Globalização: Fatalidade ou Utopia*, Porto: Edições Afrontamento.

Spagna, Alfredo (2006) "The European Translation Industry: Ways to increase the Competitiveness in the Translation Market", EUATC International Conference 2006, Bruxelas 2006.

Sperber, Dan (1989). *On Anthropological Knowledge*, Cambridge.

Sprung, Robert (2000) *Translating into Success. Cutting-edge strategies for going multilingual in a global age*, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Stejskal, Jiri (2005) *Survey of the FIT Committee for Information on the Status of the Translation & Interpretation Profession*, Julho 2005, Publicado pela *Fédération internationale des traducteurs (International Federation of Translators)*. Documento em linha disponível em [http://www.cetra.com/uploads/Files/FIT\\_Report.pdf](http://www.cetra.com/uploads/Files/FIT_Report.pdf)

Steyaert, Chris & Maddy Janssens (1997) “Language and Translation in an International Business Context: Beyond an Instrumental Approach”, *Target* 1997 9 (1), 131-154.

Steyaert, Chris, Anja Ostendorp & Claudine Gaibrois (2011) “Multilingual organizations as 'linguascapes: Negotiating the position of English through discursive practices”, *Journal of World Business* 46 (3), Julho, 270-278.

Strauss, Anselm L. (1978) “A social world perspective”, *Studies in Symbolic Interaction* 1, Jg.. 119-128.

Strauss, Anselm L. (1982) “Social worlds and legitimation processes”, *Studies in Symbolic Interaction* 4, Jg.. 171-190.

Strauss, Anselm L. (1984) “Social worlds and their segmentation process”, *Studies in Symbolic Interaction* 5, Jg.. 123-139.

Strauss, Anselm L. (1985) “Work and the division of labor”, *Sociological Quarterly* 26, Jg., Heft 1. 1-19.

Strauss, Anselm L. (1988) “The articulation of project work: An organizational process”, *Sociological Quarterly* 29, Jg.. Heft 2. 163-178.

Strauss, Anselm & Juliet Corbin (1991) *Basics of Qualitative Research. Grounded Theory Procedures and Techniques*, Sage.

Strauss, Anselm L. (1993) *Continual permutations of action*, New York: W. de Gruyter

Strübing, Jörg (2007) “Research as Pragmatic Problem-solving: The Pragmatist Roots of Empirically-grounded Theorizing”, in Antony Bryant & Kathy Charmaz (eds.) *The SAGE Handbook of Grounded Theory*, Sage.

*Study on the size of the language industry in the EU*, Study report to the Directorate General for Translation of the European Commission, Final version DGT-ML-STUDIES 08, 17 de Agosto de 2009.

*Survey of the Canadian Translation Industry* (1999) Summary of Sectoral Reports (Translation Suppliers, Clients, Training Institutions, Designers of Computer Aids for

Translation and Machine-Translation Technology, Report on Sectoral Competition). Human Resources and Export Development Strategy, 28 de Maio de 1999.

Szekeres Judy (2004) "The invisible workers". *Journal of Higher Education Policy and Management*. Volume 26, Número 1. Routledge. 7-22.

Tamura, Robert (2001) "Translators: Market makers in merging markets", *Journal of Economic Dynamics and Control*, 25(11), 1775-1800.

Tietze, Susanne (2007) "Language and International Management: Emergent Themes and New Perspectives", *Working Paper No 07/35*, November 2007. Documento disponível em [http://www.brad.ac.uk/acad/management/external/pdf/workingpapers/2007/Booklet\\_07-35.pdf](http://www.brad.ac.uk/acad/management/external/pdf/workingpapers/2007/Booklet_07-35.pdf)

Torstendahl, Rolf & Michael Burrage (1990) *The Formation of Professions*, Thousand Oaks, California: Sage Publications.

Toury, Gideon (1978) "The Nature and Role of Norms in Literary Translation", in James S Holmes, José Lambert & Raymond van den Broeck (eds.) *Literature and Translation: New Perspectives in Literary Studies*, Leuven: Acco, 83-100.

Toury, Gideon (1991) "What are Descriptive Studies into Translation Likely to Yield apart from Isolated Descriptions?", in Kitty M. van Leuven-Zwart and Ton Naaijken eds *Translation Studies: The State of the Art*, Amsterdam & Atlanta GA: Rodopi, 179-192.

Toury, Gideon (1995) *Descriptive Translation Studies and beyond*, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.

Toury, Gideon (1998/1999) "A Handful of Paragraphs on 'Translation' and 'Norms'", in Christina Schäffner (ed.) *Translation and Norms*. Clevedon: Multilingual Matters, 10-32. Artigo em linha disponível em [http://www.tau.ac.il/~toury/works/GT-Handful\\_Norms.htm](http://www.tau.ac.il/~toury/works/GT-Handful_Norms.htm)

Toury, Gideon (2002) "Translation as a Means of Planning and the Planning of Translation: A Theoretical Framework and an Exemplary Case", in Saliha Paker (ed.) *Translations: (Re)shaping of Literature and Culture*, Istanbul: Bogaziçi University Press.

Thomson-Wohlgemuth, Gaby & Ian Thomson (2004) "Acquiring capabilities in translation: towards a model of translation businesses", *Target* 2004, 16(2), 253-288.

Tietze, Susanne, Laurie Cohen & Gill Musson (2003) *Understanding Organizations through Language*, London, UK: Sage.

Torikai, Kumiko (2009) *Voices of the Invisible Presence - Diplomatic Interpreters in post-World War II Japan*, Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.

Tseng, Joseph (1992) *Interpreting as an Emerging Profession in Taiwan -- A Sociological Model*, Unpublished Master's Thesis, Fu Jen Catholic University: Taiwan.

Truffaut, Louis (1997) *Traducteur tu seras: dix commandements librement arguments*, Bruxelles: Éditions du Hazard.

Tyulenev, Sergey (2009) “Why (not) Luhmann? On the applicability of social systems theory to translation studies”, *Translation Studies*, Volume 2, Número 2, 147-162.

Valdez, Susana (2009) *O Autor Anónimo. A Invisibilidade do Tradutor no Contexto Português*, Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.

van Dijk, T. (ed.) (1997) *Discourse as Social Interaction*, London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications.

van Leeuwen, Theo (1997) “A Representação dos Actores Sociais”, in Emília Ribeiro Pedro (ed.) *Análise Crítica do Discurso*, Lisboa: Caminho.

van Leeuwen, Theo (2008) *Discourse and Practice. New Tools for Critical Analysis*, New York: Oxford University Press.

van Slype, G., J. F. Guinet, F. Seitz & E. Benejam [Bureau Marcel van Dijk & PA Conseiller de Direction] (1983), *Relatório van Dijk: Better translation for better communication*, Pergamon Press for the Commission of the European Communities.

Veira, José Luís Veira & Célia Muñoz Goy (2010) “La difusión de los valores expresivos en el trabajo”, *Trabalho e não trabalho: valor e (in)visibilidade*, in *Configurações Revista de Sociologia* nº 7 Junho de 2010, Famalicão: Húmus.

Venuti, Lawrence (1995) *The Translator's Invisibility: A History of Translation*, London & New York: Routledge.

Venuti, Lawrence (1998) *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference*, London & New York: Routledge.

Venuti, Lawrence (2000) (ed.) *The Translation Studies Reader*, London and New York: Routledge.

Vermeer, H. (1998) “Starting to Unask What Translatology Is About”, *Target International Journal of Translation Studies* 10/1, Amsterdam: John Benjamins, 65-72.

Vesa, Tiina (2009) *Translation activities in MNEs – Case Nordea: International Business*, Master's thesis: Helsinki School Of Economics.

Vitrac, Julie (1999) *Profession: traducteur*. Documento em linha disponível em <http://www.atlf.org/IMG/pdf/enquetejulievitrac.pdf>

Wakabayashi, Judy (2002) “Induction into the translation profession: Through Internet mailing lists for translators”, in Eva Hung (ed.) *Teaching Translation and Interpreting 4, Building bridges*, Benjamins Translation Library.

Warren, Carol A.B. (2002) “Qualitative Interviewing”. in J. F. Gubrium & J. A. Holstein. (eds.) *Handbook of Interview Research Context and Method*, Thousand Oaks CA: Sage Publications, 145-146.

Wenger, Etienne (1999) *Communities of Practice: Learning, Meaning, and Identity* (Learning in Doing: Social, Cognitive and Computational Perspectives), Cambridge: Cambridge University Press.

Wenger, Etienne (1998) “Communities of Practice. Learning as a social system”, *Systems Thinker*. Artigo em linha disponível em <http://www.co-il.com/coil/knowledge-garden/cop/lss.shtml>. [Data de acesso 3 de Setembro de 2011].

Wengraf, Tom (2004) *Qualitative Research Interviewing*, Sage.

Wilss, Wolfram (2004) “Translation Studies – The State of the Art”, *Meta*, XLIX, 4.

Wodak, R. & Meyer, M. (2001) *Methods of Critical Discourse Analysis*, London: Sage.

Wolf, Michaela (2002) “Translation Activity Between Culture, Society and the Individual: Towards a Sociology of Translation”, *CTIS* 2: 33-44.

Wolf, Michaela & Fukari, Alexandra (eds.) (2007) *Constructing a Sociology of Translation*, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Wolf, Michaela (2008) “Interference from the Third Space? The Construction of Cultural Identity Through Translation”, in Michaela Muñoz-Calvo, Carmen Buesa-Gómez & M. Ángeles Ruiz-Moneva (eds.) *New Trends in Translation and Cultural Identity*, Cambridge Scholars Publishing.

Wood, Paul (2001) “The translation business – future tense”, *The Linguist* Vol. 40, Nº 3.

Wright, Sue Ellen (2004) “Standards for the Language Industry Terminology, Computing and Translation”, Swansea, 26-27 Março 2004.

Wright, Sue Ellen (2005) “Organization of Standards, Standards Organizations”. Mitre, Berlin, 2005.



**ANEXOS**  
**(DISPONÍVEIS EM CD)**



